UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE

Ana Resende Quadros

Pintando o Brasil: análise do enquadramento do Brasil sob o governo Jair Bolsonaro pelo jornal *The New York Times*

Juiz de Fora

2025

Ana Resende Quadros

Pintando o Brasil: análise do enquadramento do Brasil sob o governo Jair Bolsonaro pelo jornal *The New York Times*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial ao título de Doutora em Comunicação Social. Área de concentração: Processos Comunicacionais e Interfaces Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Ademir de Oliveira.

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Quadros, Ana Resende.
Pintando o Brasil : análise do enquadramento do Brasil sob o governo Jair Bolsonaro pelo jornal The New York Times / Ana Resende Quadros. -- 2025.
592 p. : il.

Orientador: Luiz Ademir de Oliveira
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2025.

1. Enquadramento noticioso. 2. Valor-notícia. 3. Identidade brasileira. 4. Jornalismo internacional. I. Oliveira, Luiz Ademir de, orient. II. Título.

Ana Resende Quadros

Pintando o Brasil: análise do enquadramento do Brasil sob o governo Jair Bolsonaro pelo jornal The New York Times

Tese apresentada ao Programa de Pós - Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Aprovada em 13 de maio de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Ademir de Oliveira- Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. DR. Paulo Roberto Figueira Leal
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.ª Dr.ª Iluska Maria da Silva Coutinho
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.ª Dr.ª Carla Montuori Fernandes
Universidade Paulista

Prof.ª Dr.ª Sônia Virgínia Moreira
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Juiz de Fora, 07/05/2025.

Documento assinado eletronicamente por **Paulo Roberto Figueira Leal**, **Professor(a)**, em 13/05/2025, às 11:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Iluska Maria da Silva Coutinho**, **Professor(a)**, em 13/05/2025, às 11:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Luiz Ademir de Oliveira**, **Usuário Externo**, em 13/05/2025, às 11:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Carla Montuori Fernandes**, **Usuário Externo**, em 13/05/2025, às 11:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Sonia Virginia Moreira**, **Usuário Externo**, em 13/05/2025, às 11:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2383054** e o código CRC **6C3F1EFF**.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Por isso, expresso minha gratidão a esta instituição, bem como à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM). Em especial, agradeço ao meu orientador, professor Luiz Ademir de Oliveira, que acompanha minha trajetória acadêmica desde a graduação e foi fundamental na minha formação como pesquisadora e profissional ao longo dos anos, abrindo portas e compartilhando ensinamentos valiosos.

Sou também profundamente grata aos professores Paulo Roberto Figueira Leal, Iluska Coutinho e Carla Montuori, que foram tão solícitos e acolhedores durante toda a minha formação como pesquisadora. Meus agradecimentos também se estendem aos integrantes do grupo de pesquisa Comunicação, Identidade e Cidadania, por suas valiosas sugestões sobre os rumos deste trabalho, e aos colegas de turma pelo apoio constante nesses anos de convivência. Sou igualmente grata aos amigos que se mantiveram comigo ao longo desta jornada, me apoiando a cada passo, e à minha família por todo o suporte.

Acima de tudo, agradeço à minha mãe, Edna, que acredita sempre no meu potencial e me proporciona tudo o que está ao seu alcance para que eu possa voar cada vez mais alto. Obrigada por abrir esse caminho e me incentivar, todos os dias, a seguir superando desafios. Sem seu exemplo, sem dúvida, eu não chegaria até aqui.

RESUMO

A proposta da pesquisa é identificar a imagem construída pela mídia internacional, representada pelo jornal *The New York Times*, do Brasil e dos brasileiros entre 2019 e 2022, período do governo de Jair Bolsonaro. Além disso, objetivou-se investigar se existem correlações entre essa imagem e a imagem do então presidente da República e averiguar se são traçados paralelos entre o Brasil e seu presidente e os Estados Unidos e Donald Trump. Para isso, foi feita uma análise de conteúdo aos moldes de Bardin (2011), com aspectos quantitativos e qualitativos, dos textos não opinativos publicados pelo jornal *The New York Times* que utilizassem os termos "Brazil/Brazilian" e "Bolsonaro" entre janeiro de 2019 e dezembro de 2022. Ao todo, 808 artigos passaram pela análise quantitativa, com seis categorias de análise, sendo elas: 1) temáticas abordadas; 2) valor-notícia utilizado; 3) protagonismo do Brasil; 4) protagonismo de Bolsonaro; 5) utilização de agência de notícias; 6) publicação na versão impressa do jornal. Devido ao volume de textos publicados no período que abordem esses termos, foi necessário estabelecer um critério para a análise qualitativa, analisando-se apenas os textos considerados mais relevantes a cada mês pelo buscador do *The New York Times* bem como o texto "Brazil Ejects Bolsonaro and Brings Back Leftist Former Leader Lula", que apresenta o resultado das eleições de 2022. Esses 49 textos passaram pela análise das categorias: 1) valência em relação à imagem do Brasil; 2) valência em relação a Bolsonaro; 3) paralelo ou associação com os Estados Unidos ou com Trump, 4) enquadramento noticioso, 5) estereótipos de Brasil e 6) fontes acionadas. Por fim, concluiu-se que um presidente, devido à cobertura de suas ações e posicionamentos, é capaz de influenciar a imagem do país que governa. Bolsonaro, ao longo do período analisado, contribuiu para a construção de uma imagem negativa do Brasil, frequentemente associada à inferioridade em relação aos Estados Unidos e ao reforço de estereótipos como a fragilidade institucional.

Palavras-chave: enquadramento noticioso; valor-notícia; identidade brasileira; jornalismo internacional.

ABSTRACT

The research aims to identify the image constructed by the international media, represented by The New York Times, of Brazil and Brazilians between 2019 and 2022, during Jair Bolsonaro's presidency. Additionally, it seeks to investigate whether correlations exist between this image and the image of the then President of the Republic, as well as to examine whether parallels are drawn between Brazil and its president and the United States and Donald Trump. To achieve this, a content analysis will be conducted based on Bardin's methodology (2011), incorporating both quantitative and qualitative aspects, of factual texts published by The New York Times that include the terms “Brazil/Brazilian” and “Bolsonaro” between January 2019 and December 2022. A total of 808 articles underwent quantitative analysis, categorized into six areas: 1) addressed themes; 2) news value applied; 3) Brazil's prominence; 4) Bolsonaro's prominence; 5) use of news agencies; 6) publication in the newspaper's print version. Due to the volume of texts published during the period addressing these terms, a criterion for qualitative analysis was established, focusing only on the most relevant texts each month as identified by The New York Times search engine, as well as the article “Brazil Ejects Bolsonaro and Brings Back Leftist Former Leader Lula,” which presents the results of the 2022 elections. These 49 texts were analyzed based on the following categories: 1) sentiment regarding Brazil's image; 2) sentiment regarding Bolsonaro; 3) parallels or associations with the United States or Trump; 4) news framing; 5) stereotypes of Brazil; and 6) sources cited. Finally, it was concluded that a president, through the coverage of their actions and positions, can influence the image of the country they govern. Throughout the analyzed period, Bolsonaro contributed to the construction of a negative image of Brazil, often associated with inferiority to the United States, with Bolsonaro being portrayed as the “Trump of the Tropics,” and reinforcing stereotypes such as institutional fragility.

Key-words: news framing; news value; Brazilian identity; international journalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição dos textos filtrados em 2019 ..... **134**
Figura 2 - Distribuição dos textos filtrados em 2020 ..... **140**
Figura 3 - Distribuição dos textos filtrados em 2021 ..... **147**
Figura 4 - Distribuição dos textos filtrados em 2022 ..... **153**
Figura 5 - Frequência do tema "Bolsonaro" entre 2019 e 2022 ..... **160**
Figura 6 - Centralidade de Bolsonaro nos textos do NYT entre 2019 e 2022 ..... **161**
Figura 7 - Centralidade do Brasil nos textos do NYT entre 2019 e 2022 ..... **163**
Figura 8 - Percentual de textos no estilo briefing ou newsletter entre 2019 e 2022 ..... **164**
Figura 9 - Notícias com centralidade do Brasil publicadas na versão impressa do NTY entre 2019 e 2022 ..... **165**

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Temáticas Abordadas em 2019 ..... **135**
Quadro 2 – Editorias mais frequentes em 2019 ..... **137**
Quadro 3 – Valores-notícia acionados em 2019 ..... **138**
Quadro 4 – Temáticas Abordadas em 2020 ..... **140**
Quadro 5 – Valores-notícia acionados em 2020 ..... **142**
Quadro 6 – Editorias mais frequentes em 2020 ..... **145**
Quadro 7 – Temáticas Abordadas em 2021 ..... **148**
Quadro 8 – Valores-notícia acionados em 2021 ..... **150**
Quadro 9 – Editorias mais frequentes em 2021 ..... **151**
Quadro 10 – Temáticas Abordadas em 2022 ..... **154**
Quadro 11 – Valores-notícia acionados em 2022 ..... **155**
Quadro 12 – Editorias mais frequentes em 2022 ..... **156**
Quadro 13 – Temáticas mais frequentes entre 2019 e 2022 ..... **158**
Quadro 14 – Valores-notícia mais frequentes entre 2019 e 2022 ..... **162**
Quadro 15 – Estereótipos mais abordados entre 2019 e 2022 ..... **279**
Quadro 16 – Fontes prioritariamente acionadas entre 2019 e 2022 - **281**

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC – American Broadcasting Company.

AFP – Agence France-Presse.

AP – Associated Press.

APTN – Associated Press Television News.

BBC – British Broadcasting Corporation.

CBS – Columbia Broadcasting System.

CNN – Cable News Network.

CNJ – Conselho Nacional de Justiça.

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito.

EUA – Estados Unidos da América.

FAB – Força Aérea Brasileira.

FHC – Fernando Henrique Cardoso.

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.

IPCA – Índice de Preços ao Consumidor Amplo.

MEC – Ministério da Educação.

NYT – The New York Times.

ONG – Organização Não Governamental.

ONU – Organização das Nações Unidas.

Opas – Organização Pan-Americana da Saúde.

PEC – Proposta de Emenda à Constituição.

PIB – Produto Interno Bruto.

PL – Partido Liberal.

PSL – Partido Social Liberal.

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade.

PT – Partido dos Trabalhadores.

SBT – Sistema Brasileiro de Televisão.

STF – Supremo Tribunal Federal.

TSE – Tribunal Superior Eleitoral.

TV – Televisão.

UOL – Universo Online.

VPN – Virtual Private Network (Rede Privada Virtual).

WTN – World Television News.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 13
2. DA CENTRALIDADE DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO A UMA SOCIEDADE MIDIATIZADA 23
2.1 COMO A MÍDIA MUDOU A COMUNICAÇÃO 24
2.2 JORNALISMO: CONSTRUTOR DE REALIDADES 34
2.3 UMA REVOLUÇÃO CHAMADA INTERNET 45
2.4 A INTRÍNSECA RELAÇÃO ENTRE MÍDIA E POLÍTICA 58
3. A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E A IMAGEM DO BRASIL 68
3.1 COMO AS IDENTIDADES SÃO CONSTRUÍDAS 71
3.2 A FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES NACIONAIS 78
3.3 ESSE É O BRASIL 85
3.3.1 A construção da imagem nacional 87
3.3.2 That is Brazil 94
3.3.3 O Brasil hoje 104
3.3.4 O Brasil na mídia 113
4. COMPREENDENDO A PESQUISA 122
4.1 POR QUE O *THE NEW YORK TIMES*? 127
4.2 DESTRINCHANDO AS CATEGORIAS QUANTITATIVAS 130
4.3 DESTRINCHANDO AS CATEGORIAS QUALITATIVAS 131
5. PINTANDO O BRASIL 133
5.1 UM QUADRO EM NÚMEROS 133
5.1.1 O Brasil em 2019 133
5.1.2 O Brasil em 2020 139
5.1.3 O Brasil em 2021 146
5.1.4 O Brasil em 2022 152
5.1.5 O Brasil na gestão Bolsonaro 158
5.2 UM QUADRO EM TEXTOS 165
5.2.1 Janeiro de 2019: Brasil, um lugar de corrupção 166
5.2.2 Fevereiro de 2019: Bolsonaro hospitalizado 168
5.2.3 Março de 2019: celebração do golpe 169
5.2.4 Abril de 2019: fragilidade do Judiciário? 171
5.2.5 Maio de 2019: confusão no presídio 174
5.2.6 Junho de 2019: drogas a bordo 175
5.2.7 Julho de 2019: presidente hackeado 177

5.2.8 Agosto de 2019: Bolsonaro e o meio ambiente 181
5.2.9 Setembro de 2019: um presidente “bombástico” na ONU 184
5.2.10 Outubro de 2019: gestos abstratos 187
5.2.11 Novembro de 2019: a culpa é do Leonardo DiCaprio 189
5.2.12 Dezembro de 2019: religião e cultura em choque 191
5.2.13 Janeiro de 2020: fúria primordial 194
5.2.14 Fevereiro de 2020: um grito de resistência 196
5.2.15 Março de 2020: era das armas 198
5.2.16 Abril de 2020: Moro sai de cena 201
5.2.17 Maio de 2020: presidente sob ataque 203
5.2.18 Junho de 2020: jogando com a pandemia 206
5.2.19 Julho de 2020: líder entre os céticos 209
5.2.20 Agosto de 2020: negócio de família 211
5.2.21 Setembro de 2020: um Brasil sem Carnaval 213
5.2.22 Outubro de 2020: uma dupla destrutiva 215
5.2.23 Novembro de 2020: derrubando a floresta 219
5.2.24 Dezembro de 2020: brincando com vidas 221
5.2.25 Janeiro de 2021: Biden e a Amazônia 223
5.2.26 Fevereiro de 2021: nada de máscaras 224
5.2.27 Março de 2021: improviso e confusão 226
5.2.28 Abril de 2021: uma batalha pelo Brasil 229
5.2.29 Maio de 2021: protestos se espalham 231
5.2.30 Junho de 2021: as 500 mil mortes 233
5.2.31 Julho de 2021: de volta ao hospital 237
5.2.32 Agosto de 2021: voto sob ataque 239
5.2.33 Setembro de 2021: vacinada em Nova Iorque 241
5.2.34 Outubro de 2021: presidente indiciado? 242
5.2.35 Novembro de 2021: o retorno de Lula 244
5.2.36 Dezembro de 2021: debaixo d’água 248
5.2.37 Janeiro de 2022: a morte do guru 249
5.2.38 Fevereiro de 2022: uma linha tênue 252
5.2.39 Março de 2022: dançando a noite inteira 254
5.2.40 Abril de 2022: somos porque plantamos 255
5.2.41 Maio de 2022: uma boa notícia? 256
5.2.42 Junho de 2022: falando do Brasil? 259

5.2.43 Julho de 2022: o caso dos diplomatas 262
5.2.44 Agosto de 2022: trégua das urnas 265
5.2.45 Setembro de 2022: o ataque do partido 266
5.2.46 Outubro de 2022: confiança destruída 268
5.2.47 Segundo texto de outubro de 2022: um presidente ejetado 271
5.2.48 Novembro de 2022: os brasileiros agradecem 275
5.2.49 Dezembro de 2022: uma nação fraturada 277
5.2.50 A era Bolsonaro no *The New York Times* 279
6. O QUADRO PINTADO DO BRASIL 283
REFERÊNCIAS 289
APÊNDICE 304

1. INTRODUÇÃO

De que maneira um presidente é capaz de mudar a forma como um país é visto no exterior? Com a chegada de Jair Bolsonaro ao poder em 2019 essa foi uma preocupação frequente. Desde o início do governo Bolsonaro, Arias (2019) já via no presidente um potencial de deteriorar a imagem do Brasil no mundo, uma vez que, para o autor, a guerra que Bolsonaro travava com a imprensa bem como sua fama de "ultradireitista autoritário com saudade da ditadura" não facilitavam relações políticas e comerciais com outros países, especialmente tendo em conta que os meios tradicionais de informação "são os que criam a imagem de um país fora de suas fronteiras" (*Ibid.*).

Assim como Arias, outros também se demonstraram preocupados sobre o que Bolsonaro poderia significar para as relações internacionais. Foi o caso de Marcello Brito que, em 2021, como presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag) deu uma entrevista ao UOL[1] afirmando que "a imagem do Brasil no exterior é a pior da história" em decorrência da maneira como o então presidente lidava com a preservação da Amazônia. A consequência disso, na visão de Brito, era um prejuízo para os produtos brasileiros. E, como destaca Passarinho (2019), houve, de fato, diminuição de repasses estrangeiros para o Brasil e mudanças nas importações.

A autora descreve que esses são frutos do posicionamento do Brasil sob a gestão Bolsonaro quanto ao meio ambiente. Se desde 1992 o Brasil teve um papel de destaque como uma das lideranças da preservação ambiental, em 2018 Bolsonaro fez um dos primeiros movimentos para remover o país desse lugar de destaque, pedindo ao então presidente Michel Temer para não permitir que o Brasil sediasse a COP 25 marcada para acontecer em 2019 no país. O evento acabou sendo transferido para a Espanha e a participação brasileira foi muito menor do que a habitual (*Ibid.*).

Tal mudança de posicionamento do Brasil não passou em branco no noticiário internacional. "Foram muitas as manchetes associando o Brasil a queimadas e desmatamento" (Passarinho, 2019, s/n) e a resposta do Itamaraty à época foi que esses veículos de imprensa desinformavam o público. Nos bastidores, no entanto, alguns diplomatas brasileiros tentavam, como escreve Chade (2022), desarmar essa "bomba" que era a política externa de Bolsonaro. Essa rede clandestina atuava para preservar a credibilidade de nosso país e também permitir que as outras nações tivessem tempo para reagir às nossas mudanças de política externa (Chade,

[1]COLABORAÇÃO para UOL. "Imagem do Brasil no exterior é a pior da história", diz presidente da Abag. **UOL**, 1º set. 2021. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/09/01/presidente-abag-imagem-brasil-exterior.htm. Acesso em 11 de junho de 2024.

2022). Os assuntos eram os mais diversos como o meio ambiente, os direitos humanos, a Palestina e o conflito entre Rússia e Ucrânia. Para preservar a imagem do Brasil foram usadas táticas como o contato direto com governos internacionais até a divulgação de informações para a sociedade civil. Porém, o medo de represálias era recorrente e, segundo alguns diplomatas ouvidos pela matéria, até a atividade em redes sociais era monitorada pelo governo, que também usava promoções e transferências como moedas de troca (*Ibid.*).

Apesar desses esforços da diplomacia brasileira, segundo reportado pela imprensa à época, havia quem temesse que os danos causados por Bolsonaro à imagem do Brasil fossem, ao menos em parte, irreversíveis. Essa é a opinião do ex-diplomata e ex-ministro da Fazenda e do Meio Ambiente Rubens Ricupero[2]. Para eles, todos os presidentes desde a redemocratização compartilhavam valores tais como a valorização do meio ambiente, dos povos indígenas, dos direitos humanos e da Constituição. Contudo, segundo descrito por Ricupero, Bolsonaro se opôs a esses princípios e, com isso, colocou em xeque a confiabilidade de futuros presidentes brasileiros nestes campos.

"Já não temos mais nem os resquícios da boa imagem que tínhamos no passado. A humilhação internacional do Brasil é tão grande que é considerado no exterior como um país governado por malucos", disse Ricupero em entrevista à *Veja*[3]. A opinião dele é compartilhada por outros grandes nomes da diplomacia brasileira. Nesta mesma reportagem da *Veja*, Celso Amorim, ex-chanceler e ex-ministro da Defesa, chama a imagem do Brasil naquele momento de "um lixo" e afirma que a situação está pior do que durante a ditadura militar. Já Marcos Azambuja, ex-secretário-geral das Relações Exteriores, acredita que "o Brasil se afastou de si mesmo". Tudo isso, segundo os três especialistas, devido às atitudes de Bolsonaro. Atitudes essas que, segundo um estudo da consultoria Curado & Associados, publicado em 2021[4], resultaram em uma cobertura 92% negativa sobre a administração Bolsonaro em 2020 por parte de jornais estrangeiros.

Seria esse resultado o reflexo de um governo marcado por polêmicas? Logo de início, como explica Couto (2021), Bolsonaro quebrou compromissos feitos com os eleitores. Apesar

---

[2] CARANÇA, Thais. Prejuízo de Bolsonaro à imagem do Brasil no mundo é em parte irreversível, diz Ricupero. **BBC News Brasil**, São Paulo, 4 de maio de 2021. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56977603. Acesso em 11 de junho de 2024.

[3] MARIM, Denise Chrispim. Imagem do Brasil ruiu no exterior com Bolsonaro, dizem especialistas. Veja, 24 de abril de 2020. Disponível em: https://veja.abril.com.br/mundo/imagem-do-brasil-ruiu-governo-acabou-e-bolsonaro-deve-sair. Acesso em 11 de junho de 2024.

[4] ESTADÃO CONTEÚDO. Com Bolsonaro, 92% das notícias sobre o Brasil no exterior são negativas. **Carta Capital**, 11 de fevereiro de 2021. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/politica/com-bolsonaro-92-das-noticias-sobre-o-brasil-no-exterior-sao-negativas/. Acesso em 11 de junho de 2024.

de ter sido eleito com a promessa de que não adotaria a política do "toma lá, dá cá", típica dos políticos do chamado Centrão, Bolsonaro foi um dos principais articuladores da candidatura de Arthur Lira (PP) à presidência Câmara dos Deputados em 2021. Desde então, o governo negociou com os parlamentares do Centrão, oferecendo cargos, emendas e favores em troca de apoio no Congresso (*Ibid.*).

Além das mudanças na orientação política, percebidas por Couto (2021), a instabilidade do governo Bolsonaro também foi demonstrada pela constante troca de ministros. O Ministério da Saúde, em meio à pandemia da Covid-19, teve sua chefia alterada três vezes em menos de um ano. Luiz Henrique Mandetta assumiu o cargo desde a posse de Jair Bolsonaro, mas foi trocado por não compartilhar a postura negacionista em relação às recomendações da comunidade científica na prevenção da doença. Mandetta foi substituído por Nelson Teich, mas ele ficou apenas um mês no cargo, tendo saído pelas mesmas razões que levaram à demissão de seu antecessor. Ele foi seguido por Eduardo Pazuello. Apesar de ser um general sem formação na área da saúde, Pazuello ficou no cargo entre maio de 2020 e março de 2021, antes de pedir demissão e ser substituído pelo médico Marcelo Queiroga, que permaneceu até o final do mandato de Bolsonaro.

Além da troca constante de ministros, a gestão da pandemia feita pelo governo Bolsonaro envolveu ainda a defesa de remédios comprovadamente ineficazes contra o SarsCov-2, o atraso na compra de vacinas e suspeitas de esquemas de corrupção envolvendo os imunizantes. O resultado foi a transformação do país no epicentro mundial da pandemia em maio de 2021.[5] As críticas foram feitas tanto dentro quanto fora do Brasil. A *BBC News* chegou a divulgar um texto com o título: "Covid-19 pandemic: 'Everything you should not do, Brazil has done'", em julho de 2021[6].

Mas a pandemia de Covid-19 não foi a única a causar polêmicas de nível internacional. Ainda em 2019, o *The New York Times* denunciava o aumento do desmatamento durante a gestão Bolsonaro.[7] Em 2021, o jornal comentou que a ausência do presidente na Conferência do Clima, bem como o seu histórico, faz com que a capacidade do Brasil em ter um bom

---

[5] ANDREONI, Manuela. **Coronavirus in Brazil**: What You Need to Know. 19 de outubro de 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/article/brazil-coronavirus-cases.html Acesso em 1 de fevereiro de 2022.

[6] GUERIN, Orla. **Covid-19 pandemic**: 'Everything you should not do, Brazil has done'. 9 de julho de 2021. Disponível em: https://www.bbc.com/news/world-latin-america-57733540 Acesso em 1 de fevereiro de 2022.

[7] LONDOÑO, Ernesto & CASADO, Letícia. **Amazon Deforestation in Brazil Rose Sharply on Bolsonaro's Watch**. 19 de novembro de 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/11/18/world/americas/brazil-amazon-deforestation.html?searchResultPosition=6 Acesso em 1 de fevereiro de 2022.

desempenho no campo ambiental seja duvidável[8]. Essas críticas, que ocorriam nacional e internacionalmente, foram um dos motivos que levou ao pedido de demissão do então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, que estava, à época, sendo acusado de ter envolvimento em exportação ilegal de madeira[9].

Ernesto Araújo foi outro ministro que teve que deixar o cargo devido a críticas nacionais e estrangeiras. O ex-ministro das Relações Exteriores causou polêmicas com a China desde a campanha de Jair Bolsonaro. Durante sua gestão, Araújo chegou a chamar o SarsCov-2 de "comunavírus" e defendeu o filho do presidente, Eduardo Bolsonaro, quando o deputado acusou a China de espionagem com a tecnologia 5G[10].

O Ministério da Educação também passou por várias substituições de ministros. O primeiro deles foi Ricardo Vélez Rodrigues, substituído após quatro meses de uma gestão que, segundo o G1, foi "marcada por controvérsias e recuos".[11] Abraham Weintraub, o substituto de Vélez, permaneceu no governo por 14 meses. Ao longo desse período, o então ministro atacou as universidades federais, os ministros do STF e até a China[12]. O substituto de Weitraub, Milton Ribeiro, ficou por mais de um ano no cargo, mas nem por isso deixou de ser polêmico. Entre as frases criticadas do ministro estão afirmações preconceituosas contra pessoas com deficiência e da comunidade LGBTQIA+[13]. Milton Ribeiro assumiu o cargo em julho de 2021, mas acabou exonerado em 28 março de 2022 por ser alvo de investigações da Polícia Federal. No dia 22 de junho de 2022 ele foi preso, em Santos, na Operação chamada de "Acesso Pago", mas liberado dois dias depois. O objetivo da operação foi investigar possíveis práticas de tráfico

---

[8] ANDREONI, Manuela. **Once a Climate Leader, Brazil Falls Short in Glasgow**. 2 de novembro de 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/11/02/world/americas/brazil-climate.html?searchResultPosition=1 Acesso em 1 de fevereiro de 2022.

[9] VILELA, Pedro Rafael. **Ricardo Salles pede demissão do Ministério do Meio Ambiente**. 23 de junho de 2021. Disponível em https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-06/ricardo-salles-pede-demissao-do-ministerio-do-meio-ambiente Acesso em 1 de fevereiro de 2022.

[10] PUTTI, Alexandre. **Relembre momentos em que Araújo provocou crises diplomáticas com a China**. 18 de maio de 2021. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/politica/relembre-momentos-em-que-araujo-provocou-crises-diplomaticas-com-a-china/ Acesso em 1 de fevereiro de 2022.

[11] G1. Ministro da Educação é demitido após gestão marcada por controvérsias e recuos. **GI**, 8 de abril de 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/08/ministro-da-educacao-e-demitido-apos-gestao-marcada-por-controversias-e-recuos.ghtml Acesso em 1 de fevereiro de 2022.

[12]ABRAHAM Weintraub: Ministro da Educação acumulou polêmicas em 14 meses no cargo. **CNN,** 18 de junho de 2020. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/politica/abraham-weintraub-ministro-da-educacao-acumulou-polemicas-em-14-meses-no-cargo/ Acesso em 1 de fevereiro de 2022.

[13]TENENTE, Luiza. **Milton Ribeiro**: veja 6 frases do ministro da Educação e entenda por que elas foram questionadas. 23 de agosto de 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/08/23/milton-ribeiro-veja-frases-do-ministro-da-educacao-e-entenda-por-que-elas-foram-questionadas.ghtml Acesso em 1 de fevereiro de 2022.

de influência e corrupção na liberação de verbas de um órgão ligado ao Ministério da Educação (MEC).[14]

Além do caso envolvendo Milton Ribeiro, o governo de Bolsonaro também foi associado à corrupção em várias outras ocasiões. O ministro do Turismo, Marcelo Álvaro Antônio, que saiu do cargo em dezembro de 2020, foi associado ao escândalo de laranjas do PSL[15]. As acusações de corrupção também atingiram o âmbito familiar do presidente. Em 2020, um dos filhos de Bolsonaro, Flávio, foi denunciado por, supostamente, ser o líder de uma organização criminosa que recolhia parte dos salários de funcionários do gabinete do parlamentar na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) entre os anos de 2003 e 2018. Porém, posteriormente, o processo foi anulado[16].

Além de ter um governo recheado de polêmicas nos campos da política, dos costumes, da saúde e do meio ambiente, Bolsonaro também não teve êxito nos campos econômico e social. Se entre 2002 e 2022 o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cresceu, em média, 2,2% ao ano, durante o governo de Jair Bolsonaro, a média de crescimento do PIB foi de apenas 1,5% ao ano, um percentual menor do que fizeram os ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff em seus primeiros mandatos[17].

No caso da inflação, os preços ultrapassaram o teto da meta em todos os quatro anos do governo Bolsonaro. Segundo o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), a inflação foi de 26,93% entre 2019 e 2022. Porém, considerados os dados do Índice Geral de Preços - Mercado (IGP-M), o percentual é de 64,11%, ficando atrás apenas do segundo governo de FHC, entre 1999 e 2002.[18]

---

[14] G1. Entenda por que Milton Ribeiro, ex-ministro da Educação, foi preso. **G1**, 22 de junho de 2022. Disponível em https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/06/22/entenda-por-que-milton-ribeiro-foi-preso.ghtml. Acesso em 04 de julho de 2022.

[15] DA PAZ, Mayara; FLORES, Lourenço. Bolsonaro demite ministro do Turismo, Marcelo Álvaro Antônio. **Metrópoles**, 9 de dezembro de 2020. Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/bolsonaro-demite-ministro-do-turismo-marcelo-alvaro-antonio Acesso em 11 de junho de 2024.

[16] 'RACHADINHA': o que aconteceu com caso que envolve filho de Bolsonaro. **BBC News Brasil**, 13 de outubro de 2022. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63232593 Acesso em 11 de junho de 2024.

[17] AGÊNCIA O GLOBO. Bolsonaro, Lula, Temer ou Dilma: qual presidente conseguiu maior crescimento do PIB? **Exame**, 2 de março de 2023**.** Disponível em: https://exame.com/economia/bolsonaro-lula-temer-ou-dilma-qual-presidente-conseguiu-maior-crescimento-do-pib/ Acesso em 06 de abril de 2023;

[18] BOLSANI, Isabela. Inflação no governo Bolsonaro atinge o maior patamar para um mandato desde a primeira gestão de Dilma. Portal G1, 10 de março de 2023. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/01/10/inflacao-no-governo-bolsonaro-atinge-o-maior-patamar-para-um-mandato-desde-a-primeira-gestao-de-dilma.ghtml. Acesso em 06 de abril de 2022.

Quando percebeu que poderia perder as eleições de 2022 para Luiz Inácio Lula da Silva, Bolsonaro propôs e conseguiu a aprovação da chamada PEC Kamikaze ou PEC dos Auxílios. Essa Proposta de Emenda à Constituição determinou a criação e o aumento de benefícios sociais faltando somente três meses para a realização das eleições. A PEC chegou a ser classificada como "flagrantemente inconstitucional" pelo Ministério Público, mas acabou entrando em vigor[19]. Apesar disso, foi Lula quem saiu vitorioso em 2022, com 60.345.999 votos. A votação foi histórica – a maior desde a redemocratização –, mas a vitória foi acirrada, já que Lula teve apenas 50,9% dos votos válidos, seguido de perto por Bolsonaro[20].

Ademais, mesmo após Lula assumir o cargo de Presidente da República, as polêmicas envolvendo Jair Bolsonaro continuam. Desde o resultado das eleições, seus apoiadores provocaram tumulto no País, impedindo o trânsito em estradas, acampando em frente a quartéis das Forças Armadas e, no ápice dos atos golpistas, invadindo as sedes dos Três Poderes em Brasília e destruindo o patrimônio público em 8 de janeiro de 2023[21]. Cerca de duas mil pessoas foram presas em decorrência dos atos, mas estima-se que cerca de 20 mil pessoas estiveram presentes nas ações de 8 de janeiro, que gerou um prejuízo estimado de R$ 20 milhões[22].

Em 2023 foi reconhecido que Bolsonaro praticou abuso de poder político durante as eleições e o Tribunal Superior Eleitoral tornou o ex-presidente inelegível por oito anos[23]. Em 2024, a Polícia Federal revelou que os golpistas planejavam assassinar o presidente e o vice-presidente eleitos (Lula e Geraldo Alckmin, respectivamente), o ministro do STF e então presidente do TSE, Alexandre de Moraes[24]. Até o final de março de 2025, mais de mil pessoas

---

[19] BORGES, André. PEC: MP junto ao TCU fala em 'abuso de poder econômico' e impugnação de Bolsonaro. **Portal UOL**, 13 de julho de 2022. Disponível em https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2022/07/13/mp-junto-ao-tcu-fala-em-abuso-de-poder-economico-e-em-impugnacao-de-bolsonaro.htm. Acesso em 7 de abril de 2023

[20] CATUCCI, Anaísa e VELASCO, Clara. Lula é eleito com a maior quantidade de votos desde a redemocratização. **G1**, 30 de outubro de 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/30/lula-e-eleito-com-a-maior-quantidade-de-votos-desde-a-redemocratizacao.ghtml Acesso em 07 de abril de 2023.

[21] AGÊNCIA O GLOBO. Atos terroristas: os 11 pontos para entender tudo desde o 8 de janeiro. **Exame**, 11 de janeiro de 2023. Disponível em https://exame.com/brasil/atos-terroristas-os-11-pontos-para-entender-tudo-desde-o-8-de-janeiro/ Acesso em 7 de abril de 2023.

[22] LACERDA, Nara. Atentado de 8 de janeiro já é fato histórico, mas ainda precisa ser enfrentado pelo país, **Brasil de Fato**, São Paulo, 7 de janeiro de 2024. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2024/01/07/atentado-de-8-de-janeiro-ja-e-fato-historico-mas-ainda-precisa-ser-enfrentado-pelo-pais/. Acesso em 02 de abril de 2025.

[23] POR MAIORIA de votos, TSE declara Bolsonaro inelegível por 8 anos. **TSE**, 30 de junho de 2023. Disponível em: https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos. Acesso em 12 de junho de 2024.

[24] BBC. Como era plano de militares para dar golpe e matar Lula, Alckmin e Moraes, segundo a PF. **BBC**, 19 nov. 2024. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/c3e82950lleo Acesso em 02 de abril de 2025.

haviam sido condenadas por participação nos atos[25]. Além disso, Jair Bolsonaro e outros sete denunciados se tornaram réus por suspeita de terem planejado golpe de estado[26].

Todos esses são relatos que ocuparam o noticiário brasileiro desde 2019. Contudo, a conclusão expressa por figuras da diplomacia de que Bolsonaro afetou a imagem nacional não pode ser assumida como verdade sem análise. Isso porque, como explica Buarque (2022), situações transitórias costumam não ser suficientes para alterar a imagem que se tem de um país. Percebe-se, então, que é necessário avaliar o impacto potencial de Bolsonaro na imagem internacional do Brasil.

A hipótese deste trabalho é de que há uma forte associação, na construção midiática da imprensa estrangeira, representada, neste trabalho, pelo *The New York Times*, entre as características vistas como sendo as de Jair Bolsonaro e aquelas apresentadas como sendo do Brasil e dos brasileiros, com ênfase em temáticas que são de interesse global, como questões ambientais, riscos à democracia e, no período de pandemia, no discurso negacionista do presidente e de seus aliados. Isso aponta também para uma confluência estreita entre a cobertura sobre o Brasil e temas relevantes aos Estados Unidos, país de origem do *The New York Times*, com uma possível mudança na cobertura com a troca de poder nos EUA, ocorrida em 2021. Tal visão tende a ser reforçada pela forma como encaram o Brasil como um país com uma fragilidade institucional, que, para a mídia estrangeira, está relacionada à própria identidade brasileira.

Porém, para que Bolsonaro tenha impactado a imagem brasileira, é preciso que tenha existido uma correlação entre sua imagem e a imagem do país e de seu povo. É isso que buscamos saber neste trabalho. Sendo assim, esta pesquisa se propôs a analisar a imagem construída do Brasil sob o governo de Jair Bolsonaro no site do jornal *The New York Times* e entender como o Brasil e os brasileiros são retratados pelo jornal, bem como compreender se há uma correlação entre as características atribuídas a Bolsonaro e ao Brasil e seu povo.

Também são objetivos deste trabalho: verificar quais são os enquadramentos noticiosos do *New York Times* sobre o Brasil, os brasileiros e Jair Bolsonaro; averiguar as principais temáticas abordadas no *The New York Times* nos textos que utilizem as palavras-chave "Brazil",

---

[25] VIVAS, Fernanda. Oito de janeiro: 542 acusados tiveram penas substituídas por medidas alternativas, diz STF. **G1**, Brasília, 30 de março de 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/03/30/oito-de-janeiro-542-acusados-tiveram-penas-substituidas-por-medidas-alternativas-diz-stf.ghtml Acesso em 2 de abril de 2025.

[26] VIVAS, Fernanda e FALCÃO, Márcio. Bolsonaro vira réu por tentativa de golpe de Estado com unanimidade dos votos na 1ª Turma do STF. **G1**, Brasília, 26 de março de 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/03/26/turma-do-stf-forma-maioria-para-tornar-reus-bolsonaro-e-mais-7-por-tentativa-de-golpe-de-estado.ghtml Acesso em 02 de abril de 2025

"Brazilian" e "Bolsonaro"; identificar os critérios de noticiabilidade mais frequentes nos textos; levantar as fontes (diretas e indiretas) que aparecem nas notícias; entender quais são os estereótipos do Brasil e dos brasileiros que estão presentes na cobertura do *The New York Times* sobre o Brasil no governo Bolsonaro; compreender se há uma associação entre a agenda política estadunidense e a abordagem dos textos que fazem referência ao Brasil; identificar como se constitui a rede noticiosa em relação à cobertura sobre o governo Bolsonaro neste jornal, identificando se os textos são produzidos pelo próprio *The New York Times* ou por agências e estabelecer qual é o nível de protagonismo do Brasil nos textos que usam os termos "Brazil", "Brazilian" e "Bolsonaro".

A escolha desse veículo de comunicação se deu pela grande relevância global do *The New York Times*, que pode ser descrito como um *quality paper*, ou seja, uma publicação respeitada como um veículo de comunicação sério. Isso se comprova por sua importância histórica, uma vez que o jornal foi criado em 1851[27], por sua credibilidade comprovada pelas várias premiações recebidas, incluindo mais de uma centena de prêmios Pulitzer, e seu grande público, uma vez que tem mais de 10 milhões de assinantes e mais de 100 milhões de leitores[28]. Além disso, como descrito por Usher (2017) e Talese (2000), o que se faz no *The New York Times* costuma servir de modelo para os demais veículos jornalísticos.

Dada à relevância deste objeto, acredita-se ser possível ter uma boa compreensão de qual foi a imagem internacional do Brasil durante o governo de Jair Bolsonaro. Além disso, acredita-se que a melhor metodologia para fazer essa pesquisa é a análise de conteúdo que, como explicam Bardin (2011) e Sampaio e Lycarião (2021), é um método quantitativo e qualitativo que permite a busca por padrões e a produção de inferências.

Nesta pesquisa, foram analisados de forma quantitativa 808 textos filtrados por meio do buscador do *The New York Times*. Foram incluídos artigos não opinativos publicados pelo *The New York Times* que utilizassem os termos "Brazil", "Brazilian" e "Bolsonaro" entre janeiro de 2019 e dezembro de 2022. Esse montante passou pela análise nas categorias 1) temáticas abordadas; 2) valor-notícia utilizado; 3) protagonismo do Brasil; 4) protagonismo de Bolsonaro; 5) utilização de agência de notícias; 6) publicação na versão impressa do jornal. Ademais, o texto mais relevante de cada um dos meses do período de análise bem como o texto "Brazil Ejects Bolsonaro and Brings Back Leftist Former Leader Lula", que trata do resultado das

---

[27] HISTORY. ***The New York Times***. Disponível em: https://www.nytco.com/company/history/. Acesso em 25 de agosto de 2021.

[28] *The New York Times* Advertising. ***The New York Times***. Disponível em: https://advertising.nytimes.com/audience-and-insights/. Acesso em 21 de maio de 2024.

eleições de 2022, passaram por uma análise qualitativa conforme as categorias: 1) valência em relação à imagem do Brasil; 2) valência em relação a Bolsonaro; 3) paralelo ou associação com os Estados Unidos ou com Trump, 4) enquadramento noticioso, 5) estereótipos de Brasil e 6) fontes acionadas.

Porém, antes da análise, foi preciso também realizar uma pesquisa bibliográfica aos moldes de Stumpf (2010), com o objetivo de construir um levantamento de temas pertinentes à pesquisa, tais como os conceitos de identidade, o papel da comunicação na sociedade e a identidade brasileira, vista por nossos próprios pensadores e por estrangeiros. A isso se dedicam os dois primeiros capítulos desta tese.

No capítulo intitulado "Da centralidade do campo da comunicação a uma sociedade midiatizada", busca-se entender o papel desempenhado pela comunicação para a humanidade, desde seus primórdios até os tempos atuais. São revisados os mais relevantes estudos da comunicação no século XX, bem como do papel do jornalismo na construção de realidades. Também é contemplada a internet e as alterações trazidas por ela para o jornalismo e para a comunicação de maneira mais ampla. Os principais autores abordados são: Thompson (1998), Martino (2001), França (2001), Wolf (2008), Williams (2011), Fausto Neto (2013) e Braga (2011), Traquina (1993, 2001, 2005a e 2005b), Melo (1985), Marcondes Filho (1989), Habermas (1984), (Sousa, 2008), Barbosa (2007), Goffman (2012) e D'Angelo e Shaw (2018), Ferrari (2006), Ferreira Júnior e Abreu (2018), Usher (2017), Castells (2017), Han (2018) e Colombo *et al.* (2023).

Já no capítulo "A construção de identidades e a imagem do Brasil" apresenta o que é identidade e como as identidades nacionais são construídas, além de trazer um panorama desde as visões clássicas sobre o país de autores nacionais e estrangeiros como também visões atuais, tanto no mundo acadêmico quanto aquela retratada pela imprensa internacional. Para isso, foram abordados autores como: Giddens (2002), Taylor (1997), Hall (2006), Castells (2018), Freyre (1995 e 2004), Holanda (1987), Souza (2009), Schwarcz e Starling (2018), Lisboa (1997 e 2000), Diehl (1998), Skidmore (1994), Barbato (2014), Schwartz (2000), Dota (2010), Almeida (2018), Brasil (2013). Sales (2016), Dias (2015), Paganotti (2007) e Buarque (2022).

Ademais, foi necessário também a realização de uma pesquisa documental, como explicada por Moreira (2009), com o intuito de construir o *corpus* do trabalho, ou seja, o material submetido à análise de conteúdo. A explicação desta parte da pesquisa, bem como o detalhamento da análise de conteúdo ao qual o *corpus* foi submetido, é desenvolvida no último capítulo desta tese, intitulado: "Pintando o Brasil", sendo que a primeira parte do capítulo ("Um quadro em números") é dedicada à análise quantitativa dos 808 textos do *corpus*, enquanto a

segunda parte (“Um quadro em textos”) se volta para a análise quantitativa e qualitativa dos textos mais relevantes de cada um dos meses do governo do Jair Bolsonaro conforme o buscador do *The New York Times* e também do texto que aborda o resultado das eleições presidenciais de 2022.

2. DA CENTRALIDADE DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO A UMA SOCIEDADE MIDIATIZADA

A comunicação está presente em todos os espaços. Tanto humanos quanto outros animais e até mesmo máquinas, se comunicam (Martino, 2001). E a definição de comunicação nada mais é do que transmitir mensagens, ou, o "processo de compartilhar um mesmo objeto de consciência" (Martino, 2001, p.14-15). Na humanidade, esse processo estaria presente desde que os seres humanos se reconheceram como seres sensíveis e pensantes (Rousseau, 1998).

Como explica Rousseau (1998), a comunicação humana pode se dar de duas formas igualmente naturais: pela voz ou pelos gestos. Porém, existem distinções entre o emprego de cada uma dessas linguagens. Os gestos são de mais fácil compreensão, já que são menos dependentes de convenções, por isso, seriam mais efetivos para expressar necessidades físicas. Segundo Rousseau, talvez a fala nem existisse se esse tipo de necessidade fosse a único presente na sociedade humana. Mas as emoções e as paixões também são naturais aos seres humanos e, para expressar sentimentos, inventou-se a palavra. Para Rousseau (1998), ela é a primeira instituição social, capaz de distinguir os seres humanos dos outros animais. É por meio delas que comunicamos o que sentimos e pensamos.

A importância e o poder da comunicação já eram percebidos na Antiguidade. Platão relata que os sofistas, na Grécia Antiga, usam a palavra como forma de persuasão. Ele chega a definir o sofista como "uma espécie da atleta nos certames da palavra por demais habilidoso na arte das disputas" (Platão, 2012, s/p). Os sofistas são descritos como caçadores de pessoas, em particular dos cidadãos, uma vez que os convencem de suas ideias utilizando apenas a palavra, em especial com a técnica da refutação, convencendo a todos de que eram sábios que tudo sabiam. Mais que convencer a todos de sua sabedoria, os sofistas, como explica Platão, prometiam transmitir esse conhecimento por meio da conversação e eram pagos para isso. Ou seja, "a sofística se nos revelou como a parte da aquisição, da troca, do comércio, do tráfico, do negócio de mercadorias da alma relativo aos discursos, ao conhecimento e à virtude política" (Platão, 2012, s/p).

Por essa afirmação, percebe-se que a comunicação sempre esteve na base das relações humanas e, consequentemente, da sociedade. Essa importância, se tornou ainda mais central ao longo dos anos. É por essa razão que, neste capítulo, nos dedicaremos a relatar essas alterações a partir da chegada da mídia. No primeiro tópico, "Como a mídia mudou a comunicação", usamos autores como Thompson (1998), Martino (2001), França (2001), Wolf (2008), Williams

(2011), Fausto Neto (2013) e Braga (2011) para mostrar um panorama dos estudos da comunicação desde o século XX até o estabelecimento da sociedade midiática.

No segundo tópico, "Jornalismo: construtor de realidades", o objetivo é abordar o papel do jornalismo na sociedade, tratando de suas características e limitações. Para tanto, foram usados autores como Tuchman (1996), Traquina (1993, 2001, 2005a e 2005b), Melo (1985), Marcondes Filho (1989), Habermas (1984), Sousa (2008), Barbosa (2007), Goffman (2012) e D'Angelo e Shaw (2018).

Porém, os desafios, hoje, são outros, tanto para a comunicação quanto para o jornalismo. Por isso, no tópico "Uma revolução chamada Internet" foram tratadas as mudanças trazidas pelo online desde o início até o cenário mais recente, com autores como Ferrari (2006), Ferreira Júnior e Abreu (2018), Usher (2017), Castells (2017), Han (2018) e Colombo *et al.* (2023).

Já outros aspectos da mídia, ainda que com alterações, mantêm sua essência. É o caso da relação entre a mídia e a política, abordada no último tópico deste capítulo, "A intrínseca relação entre mídia e política". Para falar da comunhão entre essas duas áreas, foram utilizados autores como Meyrowitz (1985), Thompson (1998), Gomes (2004), Miguel *et al.*, (2015). Fausto Neto (2012) e Ferrara (2020).

2.1 COMO A MÍDIA MUDOU A COMUNICAÇÃO

Como vimos até aqui, não há como negar que a comunicação, especialmente a comunicação por palavras, sempre teve papel central para as sociedades humanas. Contudo, a partir do século XV, os processos comunicacionais passaram por uma grande alteração, tornando-os ainda mais poderosos. Afinal, até então era possível apenas se comunicar com um número restrito de pessoas que se encontrassem no mesmo lugar e no mesmo momento. Porém, com a invenção da imprensa, a comunicação passou a ser produzida em larga escala, podendo ser distribuída para pessoas distantes no tempo e no espaço e até mesmo ser comprada e vendida. "De uma forma profunda e irreversível o desenvolvimento da mídia transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólicos do mundo moderno" (Thompson, 1998, p.19).

Com o passar dos séculos, a escala dessa transformação aumentou. No século XX, o rádio e a televisão passaram a ser utilizados em larga escala, ampliando ainda mais o número de pessoas que podiam ser impactadas pela comunicação. Criou-se, então, o termo comunicação de massa para refletir meios com um grande potencial de audiência (Thompson, 1998).

Thompson (1998) alerta que esse termo pode ser enganoso. Isso porque a palavra comunicação sempre esteve muito ligada à ideia de diálogo. Martino (2001) explica que a ela vem de outro termo latino: *communicatio*. Ele teria surgido em monastérios medievais da Europa, onde se vivia em isolamento. Nesses locais, as refeições da noite feitas em comum ganharam a denominação de *communicatio*, momento em que o isolamento se rompia. Ou seja, como explica Martino, a comunicação é uma ação intencional exercida em comum. Por outro lado, como descreve Thompson (1998), no caso da comunicação de massa, há pouca possibilidade de interação entre emissor e receptor. Além disso, o termo massas também é problemático, uma vez que leva a entender que os receptores dos meios de comunicação são totalmente pacíficos e acreditam em tudo que lhes é apresentado.

Essa foi exatamente a percepção que tiveram os primeiros estudiosos da comunicação, que tinham como objetivo analisar os efeitos das mensagens midiáticas sobre o público. No início do século XX, quando o termo comunicação passou a designar também uma disciplina, existiam duas visões principais sobre a mídia: a da Escola Americana – mais pragmática, conhecida como "pesquisa administrativa" – e a da Escola de Frankfurt, responsável pela Teoria Crítica, com a proposta de se contrapor aos americanos (França, 2001).

Apesar dessa oposição, em suas primeiras correntes, ambas as escolas partem da mesma perspectiva: os meios de comunicação de massa fizeram com que as sociedades perdessem suas referências tradicionais. Essa visão se explica porque as duas perspectivas foram muito influenciadas pelas experiências totalitárias de época em que se desenvolveram (Wolf, 2008). Além disso, no caso da *Mass Communication Research* estadunidense, o início dos estudos sobre comunicação coincidiu com a crise econômica de 1929, como afirmam Maldonado et al. (2014). Para os autores, a própria formação social dos Estados Unidos tinha por característica processos de midiatização dinâmicos, influenciando como os pensadores compreendiam a mídia e seus públicos.

Na compreensão da Teoria Hipodérmica ou Bullet Theory, primeira a ser desenvolvida pela Escola Americana, a mídia tinha um poder quase onipotente. Esses teóricos entendiam a massa como sendo composta por indivíduos homogêneos, isolados física e normativamente, que estariam suscetíveis à manipulação da mídia. É a perspectiva do Estímulo-Resposta, influenciada pela psicologia comportamental, que entende que os efeitos já estão previstos (Wolf, 2008).

> Estreitamente ligada aos temores suscitados pela "arte de influenciar as massas" (Schönemann, 1924), a teoria hipodérmica - *bullet theory* - sustentava, portanto, uma conexão direta entre a exposição às mensagens e o

> comportamento: se uma pessoa é atingida pela propaganda, pode ser controlada, manipulada, induzida a agir (Wolf, 2008, p.11).

Era nisso que acreditava Harold Lasswell, autor tido como fundador da *Mass Communication Research* (Maldonado et al., 2014). Sua teoria da agulha hipodérmica (*bullet theory*) influenciou políticos, trabalhadores da área da comunicação e pesquisadores entre a década de 1940 e 1960. Como explica Wolf (2008), Lasswell propunha a análise de cinco aspectos: (1) quem dizia a mensagem, (2) que mensagem era essa, (3) qual o canal utilizado para disseminá-la, (4) para quem essa mensagem era dita, e (5) que efeitos essa mensagem provocava. Para Wolf (2008), essa fórmula tanto confirmava quanto deixava implícita a tese hipodérmica de que a iniciativa é unicamente do comunicador e que os efeitos são provocados apenas no público.

Percebe-se aí certa semelhança com a primeira geração da Escola de Frankfurt e sua Teoria Crítica. Para essa perspectiva teórica, o público seria apenas um fantoche manipulado pela chamada indústria cultural (Wolf, 2008). Porém, como apontam Maia et al. (2014), a Escola de Frankfurt desafiou o modelo pragmático americano, chamando a atenção para os problemas da cultura massificada.

Relacionada ao contexto da Alemanha na Segunda Guerra, uma de suas maiores preocupações era o uso do rádio na divulgação de campanhas de informações massivas feitas na Alemanha nazista (Wolf, 2008). Sendo assim, seu olhar não poderia ser outro que não pessimista com relação à mídia.

Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Walter Benjamin, principais teóricos desta vertente, buscavam compreender os processos interativos em profunda mutação. Para eles, os meios de comunicação de massa exercem grande poder de manipulação sobre as pessoas. Ainda que não fizesse, necessariamente, parte do poder totalitário, a mídia seria uma vitrine de exibição dos produtos por meio da indústria cultural.

Este conceito surgiu das análises feitas por Horkheimer e Adorno (2000) de fenômenos sociais característicos da sociedade americana entre os anos 1930 e 1940. Os autores acreditavam que: “A civilização atual a tudo confere um ar de semelhança. Filmes, rádio e semanários constituem um sistema. Cada sistema se harmoniza em si e todos entre si” (Horkheimer; Adorno, 2002, p.169).

Para eles, a cultura não nascia espontaneamente das próprias massas, uma vez que elas seriam passivas e teriam perdido seus laços tradicionais. A migração para os grandes centros teria gerado conflitos de identidade entre o particular e o universal, criando uma poderosa indústria na qual os bens simbólicos já não se apresentam como arte, e sim como negócio. Nessa

perspectiva, a sociedade se auto alienaria ao procurar pela média, pelo padrão, cabendo à indústria cultural construir clichês para atender às necessidades dos consumidores (Horkheimer; Adorno, 2002).

Porém, a passividade do público frente aos meios de comunicação de massa e a onipotência da mídia passam a ser questionadas a partir da Abordagem Empírico-Experimental da Escola Americana (Wolf, 2008). Essa perspectiva teórica acredita que os veículos de informação não conseguem manipular o público, mas, sim, persuadi-lo. Essa conclusão veio a partir de estudos práticos que demonstraram que nem sempre era possível atingir os resultados pretendidos com as mensagens.

Como explica Wolf (2008), essa vertente chega à conclusão de que não basta divulgar uma mensagem para que o público a compreenda da maneira pretendida. Na verdade, seria preciso compreender as características dos destinatários para que se obtenha os efeitos desejados com as mensagens. Para isso, são feitas pesquisas que não apenas investigam essas características como também a melhor forma de transmitir as mensagens. Isso porque, segundo Wolf (2008), para esses teóricos, o convencimento do público estaria ligado a diversos fatores, como seu interesse por aquele tema, as opiniões que o público já tem sobre o tópico da mensagem, a interpretação dada e o que a audiência vai lembrar do que foi dito. Características do emissor da mensagem também influenciam no grau de persuasão. Pessoas com pouca credibilidade têm uma possibilidade menor de convencimento. Além disso, a ordem como a argumentação é feita, quanto do tema é exposto e até se as conclusões são explicitadas ou não mudam a possibilidade de persuasão das mensagens.

Em conjunto com a Abordagem Empírico-Experimental, a Abordagem Empírica de Campo ajudou a superar o modelo hipodérmico. Para Wolf (2008), é difícil distingui-las, mas, ainda que continua falando dos efeitos da comunicação de massa, nesta vertente, a diversidade dos receptores ganha importância. Wolf (2008) aponta que, para esta teoria, os efeitos são limitados e, por esta razão, a mídia, no máximo, influencia as pessoas que estão vinculadas a grupos sociais. Isso significava uma redução da percepção do poder da mídia em comparação com a teoria hipodérmica, que via a manipulação da mídia sobre a massa, e a persuasão vista pela Abordagem Empírico-Experimental.

Desenvolvida a partir de uma pesquisa sobre como os eleitores dos Estados Unidos definiam seus votos em campanhas presidenciais, a teoria de Lazarsfeld, Berelson e Gaudet tinha o objetivo de individualizar as motivações políticas. Investigando problemas da ordem socioeconômica, religiosa e outras características individuais. Sua conclusão foi que:

> Os efeitos provocados pelos meios de comunicação de massa "dependem das forças sociais que prevalecem num determinado período" (Lazarsfeld, 1940, 330): a teoria dos efeitos limitados desloca, portanto, o acento de um *nexo causal direto* entre propaganda de massa e manipulação da audiência para um *processo mediato de influência* em que as dinâmicas sociais se cruzam com os processos de comunicação. Na verdade, as pesquisas mais famosas e reconhecidas que expõem essa teoria nem sequer se dedicaram a estudar especificamente os meios de comunicação de massa, mas fenômenos mais amplos, ou seja, os processos de formação de opinião dentro de determinadas comunidades sociais (Wolf, 2008, p.37).

Também chamada de abordagem sociológica, a Abordagem Empírica de Campo introduz a ideia de comunicação em dois níveis ou duplo fluxo de comunicação. Nesse esquema comunicacional, o grupo social em que a pessoa se insere, como sua família, vizinhança ou igreja, tem grande influência no processo comunicacional (Maldonado et al., 2014). Além disso, como explicam os autores, em populações com menor exposição à mídia, líderes de opinião teriam um papel condicionador. Wolf (2008) esclarece que os líderes de opinião (pessoas com maior interesse e envolvimento em um tema) seriam como um filtro entre os meios de comunicação de massa e as pessoas de seu círculo, atuando na forma como os receptores vão compreender as mensagens e influenciando a opinião pública.

Apesar de todas essas teorias serem centrais para a *communication research*, França (2001), explica que o termo "Escola Americana" está mais ligado à vertente da Teoria Funcionalista. Diferente de suas antecessoras, ela não se preocupa com os efeitos, mas com as funções dos meios de comunicação de massa, como a manutenção da ordem e do *status quo*, além do estímulo à integração e ao progresso (Wolf, 2008).

Wolf (2008) explica que, nessa abordagem, as situações comunicativas que preocupavam as teorias empíricas ficam de lado para dar espaço ao estudo do contexto em que os meios de comunicação de massa estão presentes, ou seja, como as mensagens desses meios se difundem no cotidiano. Mais do que entender o funcionamento da mídia, os teóricos funcionalistas buscam compreender o papel dos meios de comunicação de massa na sociedade. Nessa perspectiva funcionalista, como explica Silveira (2014), era mais importante compreender o que as pessoas faziam com a mídia do que o contrário.

Esses teóricos acreditam que a sociedade é similar a um organismo onde todos exercem funções para que o equilíbrio seja mantido. Assim, os indivíduos teriam se tornado meios para que a sociedade atinja seus objetivos. Na visão de Talcott Parsons, isso fez com que houvesse uma transformação dos humanos em "drogados culturais" (Wolf, 2008). Para que esse sistema prevaleça, é preciso que quatro fatores coexistam: "1. a conservação do modelo e o controle das

tensões; [...] 2. a adaptação ao ambiente; 3. a tentativa de atingir o objetivo; [...] (d) a integração" (Wolf, 2008, p.52-53).

Todos esses fatores são mantidos por subsistemas tão complexos quanto a própria estrutura social (Wolf, 2008). Um desses subsistemas é a mídia, que se dividiria, na visão de Wright em um ensaio de 1959, em quatro fenômenos:

> a. a existência do sistema global dos meios de comunicação de massa numa sociedade; b. os tipos de modelos específicos de comunicação, ligados a cada meio particular (imprensa, rádio etc.); c a ordem institucional e organizacional com que os diversos meios de comunicação operam: d. as consequências do fato de as principais atividades de comunicação se desenvolverem por intermédio dos meios de comunicação de massa (Wolf, 2008, p.55).

Como explica Wolf (2008), para Wright, esses fenômenos exercem atividades de transmissão de cultura, de entretenimento, de observação do ambiente e até de interpretação dos acontecimentos. Com isso, os meios de comunicação exerceriam funções de reforço das regras da sociedade e também valorizar aqueles que acreditam que é necessário se manter bem informado e ainda dar prestígio a indivíduos e grupos que são focos da mídia (Wolf, 2008).

Ou seja, observa-se que, ao cumprir essas funções, os meios de comunicação também dão algo aos indivíduos. Nessa mesma linha funcionalista, como explica Silveira (2014), a expressão "usos e gratificações" passou a ser utilizada em 1974, em uma obra organizada por Blumler e Katz. Entre as bases dessa perspectiva está o reconhecimento do receptor como alguém ativo e seletivo, que escolhe o que assiste baseado nas gratificações que almeja. Essas satisfações podem estar ligadas à diversão, interesse, identificação e até vigilância (Silveira, 2014).

> O efeito da comunicação de massa é compreendido como consequência das gratificações às necessidades experimentadas pelo receptor: os meios de comunicação de massa são eficazes se o receptor lhes atribui essa eficácia e em que medida, com base justamente na gratificação das necessidades (Wolf, 2008, p. 60).

Apesar da evolução da *Mass Communication Research*, as teorias com bases estruturalistas ou funcionalistas continuavam a ter dificuldade de lidar com lógicas não-positivistas e de ver a comunicação como complexa e multidimensional (Maldonado *et al*., 2014). Foi só por volta dos anos 1970, que surgem novas perspectivas sobre o estudo da comunicação (França, 2001).

Nessa época, as teorias comunicativas passam por uma reconfiguração, ganhando uma abordagem que França (2001) chama de "propriamente comunicativa". É o que acontece com Habermas, por exemplo. Apesar de, como lembram Maia *et al*. (2014), o autor ter permanecido

fiel ao que diziam os primeiros teóricos da Escola de Frankfurt, em um segundo momento, Habermas passa a interpretar a comunicação de uma nova forma. Sua Teoria da Ação Comunicativa analisou a sociedade pós-Segunda Guerra Mundial, observando-a com mais otimismo que os autores anteriores da Teoria Crítica. Ele passou a compreender que o discurso (ação comunicativa) é uma maneira de "expressar-se mediante a linguagem e, simultaneamente, assumir um papel de coordenação de ações conforme regras realizadas efetivamente de modo linguístico" (Maar, 2014, p.16).

Ainda que tenha uma abordagem diferente sobre a comunicação, em nada essa teoria diminui a percepção de seu poder. Na verdade, à medida de que Habermas entende que ela pode ser um recurso de transformação da realidade (Maia *et al*., 2014), ela pode ser compreendida como ainda mais poderosa.

> Habermas apostou no potencial de comprometimento racional entre os partícipes de esferas públicas democráticas. A ação comunicativa atuante nessa esfera pública não devia consistir apenas na concordância em relação à compreensão do discurso, pois assim seria somente uma ação comunicativa fraca. Para alcançar uma ação comunicativa forte, seria preciso atingir um nível de consenso em relação às intenções de ação no nexo entre linguagem e mundo. O convencimento reciproco nessa direção não poderia resultar de imposições coercitivas, nem se basear em manipulações, ilusões ou falsos conhecimentos (Maar, 2014, p.20).

É claro que não podemos esquecer que, no geral, a mídia é utilizada pelos que detêm o poder na sociedade para reforçar sua legitimidade, naturalizando o discurso opressor. Isso porque a mídia contribui "para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar – ou não" (Kellner, 2001, p.10). Contudo, se ela for encarada de forma crítica, os grupos dominados poderão resistir à imposição da cultura dos dominantes.

Para Kellner (2001), as imagens midiáticas ressoam em nossa mente nos levando a agir e a pensar de uma certa maneira. Se uma pessoa se identifica com Madonna, a tendência é que ela passe a se vestir e agir como ela. É precisamente a identificação que torna a mídia tão poderosa como influenciadora de comportamentos e construtora de personalidades.

Desta forma, a análise da mídia é também uma análise da sociedade em um dado momento histórico. Como os produtos culturais são, na verdade, campo de luta, mesmo produtos conservadores trazem momentos de contestação aos grupos dominantes, deixando transparecer que a realidade apresentada pelos opressores é construída historicamente, e não natural, como eles desejam fazer crer. Sem perceber que a realidade é construída, o público também se torna incapaz de ver que ela pode ser também alterada (Kellner, 2001).

Prova do potencial de transformação da comunicação é a revista *Realidade*. Fundada em meio à Ditadura Militar, em 1966, a revista conseguiu desafiar tabus mesmo em um período de forte censura do regime. Como explica Marão (2010), a revista abordou essas temáticas de forma inovadora em suas reportagens e foi capaz de influenciar o comportamento da sociedade com relação ao divórcio e à liberdade sexual.

E é sobre a "cultura dos dominados" que se debruçam os Estudos Culturais. Eles deixam em segundo plano os efeitos da mídia sobre o público, dando espaço para as pesquisas que buscam compreender como os meios de comunicação estão inseridos no contexto sociocultural e de que forma os receptores também estão imbuídos de percepções subjetivas e atreladas ao seu universo cotidiano (Escosteguy, 2014). Sua principal característica é identificar os aspectos antropológicos mais importantes da cultura de massas e apontar qual é a relação entre consumidor e objeto de consumo nessa cultura (Wolf, 2008).

Isso significa, como indica Wolf (2008), que, para esses teóricos, os meios de comunicação em si não são tão relevantes quanto a nova forma de cultura que se apresenta em nossa sociedade (Wolf, 2008). Por isso, esses estudos podem operar de forma similar em diversos contextos temporais, espaciais e culturais (Escosteguy, 2014). Os teóricos dessa vertente acreditam que as estruturas constroem os sujeitos da mesma forma que os atores sociais constroem as estruturas.

Entre os diferenciais dessa escola está sua percepção da cultura comum que, para estudiosos como Raymond Williams, tem a mesma importância que as artes tradicionais, como a literatura e música (Escosteguy, 2014). Williams (2011) critica que toda análise cultural seja feita pela lógica do consumo, tratando a arte como objeto e ignorando que a arte pode ser prática.

> Mas estou dizendo que não devemos olhar para os componentes de um produto, mas sim para as condições de uma prática. Quando nos vemos analisando uma obra particular, ou um grupo de obras, com frequência percebendo a da comunidade essencial de que faz parte e sua individualidade irredutível, devemos primeiro nos voltar para a realidade da sua prática e para as condições da prática tal como foi realizada. A partir daí, creio que faremos perguntas essencialmente diferentes (Williamns, 2011, p.66-67).

Por exemplo, ao se fazer estudos sobre as audiências, é preciso não se perder de vista que a recepção tem um caráter mundano, uma vez que a mídia faz parte da rotina das pessoas (Thompson, 1998). O que se compreende hoje é que a recepção não é passiva, e sim uma ação, já que "o sentido que os indivíduos dão aos produtos de mídia varia de acordo com a formação

e as condições sociais de cada um, de tal maneira que a mesma mensagem pode ser entendida de várias maneiras em diferentes contextos" (Thompson, 1998, p.42).

É justamente essa compreensão sobre os diferentes contextos que faz com que os teóricos dos estudos culturais percebam que as relações de poder estão essencialmente ligadas à cultura (Escosteguy, 2014). Para eles, o campo cultural serviria como local de embate para enfrentamentos provenientes das desigualdades sociais e também, como entendemos hoje, desigualdades de gênero e raça, por exemplo.

> Assim, temos de reconhecer os significados e valores alternativos, as opiniões e atitudes alternativas, até mesmo alguns sentidos alternativos do mundo, que podem ser acomodados e tolerados dentro de uma determinada cultura efetiva e dominante. Isso tem sido muito subestimado em nossas noções de uma superestrutura, e mesmo em algumas noções de hegemonia, E a falta de ênfase abre o caminho para o recuo a uma complexidade indiferente. [...] As formas alternativas de oposição à vida social e à cultura devem então ser reconhecidas como sujeitas a variações históricas, cujas fontes são muito significativas como um dado sobre a cultura dominante (Williams, 2011, p. 55 e 56).

Além disso, como explica Williams (2011), é preciso compreender os meios de comunicação como sendo meios de produção. Para o autor, a comunicação é indispensável tanto para as forças produtivas como para as relações sociais, uma vez que, como a sociedade, estão em constante transformação. Para entender a mídia dessa forma é preciso compreender, entre outras coisas, que ela é muito mais do que um dispositivo para troca de informação e de mensagens.

Observa-se, por exemplo, como, nos últimos anos, políticos estão utilizando suas redes sociais para influenciar pautas. Foi o que aconteceu com os deputados federais Nikolas Ferreira (PL) e Erika Hilton (PSOL) na questão da fiscalização do Pix. A deputada psolista publicou um vídeo sobre as novas medidas da Receita Federal e o parlamentar do PL usou a Inteligência Artificial para criar uma paródia do vídeo da colega. O caso gerou repercussão entre os cidadãos nas redes sociais[29].

Ou seja, a comunicação não pode ser percebida apenas como uma ferramenta. Isso porque é impossível que se controle a interação antes que ela aconteça (Fausto Neto, 2013). Para o autor, os dois lados produzem sentidos para uma mensagem que não são necessariamente iguais. O locutor, portanto, não teria controle do efeito de sua mensagem no receptor.

---

[29] BARBOSO, Guilherme. Nikolas Ferreira é detonado por ridicularizar Erika Hilton em debate: 'Falta argumento'. **Terra**, 19 de janeiro de 2025. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/nikolas-ferreira-e-detonado-por-ridicularizar-erika-hilton-em-debate-falta-argumento,999f3b90a08f621819eb71ed2a80378d7xdtm2fa.html Acesso em 02 de abril de 2025.

Braga (2013) aponta que somente a existência de um código compartilhado não garante a comunicação, tendo em vista sua necessidade de adaptação à situação e ao contexto em que é utilizado. Isso é mais um indício de que os códigos não funcionam como a criptografia, em que é possível codificar e decodificar uma mensagem sem alterações. Ainda assim, eles têm um sistema de regras e padrões compartilhados que permite um maior potencial de entendimento entre os falantes. E, mais que isso, possibilitam a produção de ações plurais.

O que se entenda da comunicação hoje, portanto, é que, em regra, para que ocorra uma interação, é necessário apenas que os interlocutores tenham alguma referência em comum. Entretanto, essa comunhão não garante que a compreensão e a reação à mensagem serão as mesmas. Afinal, "estamos em um espaço no qual a 'ação em comum' não é necessariamente harmônica" (Braga, 2013, p.161).

Também é preciso levar em conta outro fator que era desconsiderado pelos funcionalistas: a circulação. Antes entendida apenas como uma zona inerte de passagem, hoje, ela é percebida como um ambiente de potencialidades, podendo, por exemplo, causar instabilidades (chamadas de ruídos pelos funcionalistas) na comunicação (Fausto Neto, 2013). Para Fausto Neto, os momentos de desequilíbrio na comunicação ocorrem quando a circulação se torna mais perceptível. É nesses momentos que surgem os meios de comunicação, que tem o objetivo de diminuir a distância nas condições de contato entre emissor e receptor.

Cumprindo um de sus principais papéis, o de mediadores, os meios de comunicação, inseridos no "campo dos media", atuam como tradutores de discursos que são próprios de um grupo (esotérios) para discursos que todos podem compreender (exotéricos). Sendo assim, a instância comunicativa midiática passa a ser mediadora da vida social (Rodrigues, 1990). Para o autor, é exatamente pelo fato de que os meios de comunicação exercem grande influência na transmissão de discursos entre os campos sociais que a instância midiática se torna tão poderosa.

> Ao contrário da natureza própria da legitimidade dos campos sociais pré-modernos, a legitimidade do campo dos media é de natureza predominantemente vicária ou delegada. A fonte de sua legitimidade resulta de um processo de autonomização de uma parte das funções de mediação dos outros campos sociais, autonomização exigida pelo processo generalizado de disseminação das esferas de experiência no mundo moderno (Rodrigues, 1990, p.155).

Percebe-se, então, que, mesmo com uma mudança na compreensão na forma como a comunicação acontece e do papel que os *mass media* têm neste campo, o poder da comunicação segue sendo relevante e até mesmo foi ampliado na sociedade contemporânea. Afinal, como

explica Braga (2011), os meios de comunicação, em especial os audiovisuais, foram os responsáveis para a percepção social de que a sociedade conversa consigo mesma, ou seja, para a objetivação do objeto comunicação.

Além disso, assim como Rodrigues (1990), Braga percebe que os processos comunicacionais provocados pelos meios de comunicação social (MCS) são capazes de produções de sentidos compartilhadas por toda a sociedade. Grande parte do que se comunica na contemporaneidade, seja sob o aspecto quantitativo ou de relevância, é feito por meio dos MCS.

> Pela primeira vez na história, uma sociedade se dotou de um vasto aparato tecnológico-empresarial-cultural-profissional-mítico voltado especificamente para (ou proposto expressamente como sendo para) veiculação de mensagens e para a produção de efeitos de fruição estética ou de entretenimento. Ao mesmo tempo, por sua dimensão, complexidade e diversidade de ações e poder intrínseco, este aparato não pode ser visto como inteiramente a serviço de uma outra determinada ordem de objetivos e processos sociais (Braga, 2011, p.68).

Essa produção de mensagens e efeitos faz com que a mídia se aproprie de funções antes pertencentes a outros campos sociais. Esse é mais um dos fatores que comprovam a centralidade de mídia na sociedade moderna (Braga, 2011). Ao fazer essa apropriação, os MCS incluem tudo que conseguem representar em sua narrativa. Assim, os meios penetram nos processos sociais, alterando-os conforme sua própria lógica. Esse conjunto de fatores permite afirmar que vivemos em uma "sociedade de comunicação" ou "sociedade mediática".

2.2 JORNALISMO: CONSTRUTOR DE REALIDADES

Nessa sociedade da mídia, um dos campos centrais é o jornalismo. Essa área, que atua, usualmente, em conjunto com poderes econômicos e sociais, afirma se tratar da "verdade" e é utilizada para dar voz a opiniões, sejam elas pessoais, referentes a um grupo e até a uma nação (Marcondes Filho, 1989).

Muitas vezes, o jornalismo é visto, até pelos próprios jornalistas, como sendo "a realidade" e essa afirmação tem aspectos verdadeiros, afinal, notícias não são ficcionais e tratam de pessoas e acontecimentos reais (Traquina, 2005a). Porém, a realidade de que trata o jornalismo são apenas "pedaços" de tudo o que acontece. E são com esses pedaços que o jornalismo ajuda a compreender o que aconteceu ou está acontecendo ao redor.

> Poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de 'estórias', 'estórias' da vida, 'estórias' das estrelas, 'estórias' de triunfo e tragédia. Será apenas coincidência que os membros da comunidade jornalística se refiram às notícias, a sua principal preocupação, como 'estórias'? Os jornalistas vêem os acontecimentos como 'estórias' e as notícias são construídas como 'estórias' como narrativas, que não estão isoladas de 'estórias' e narrativas passadas (Traquina, 2005a, p. 21).

Mas não são todos os acontecimentos que são materiais para as histórias do jornalismo. Na verdade, o jornalismo se baseia em quatro pilares: a atualidade, a difusão (ou os meios em que o jornalismo está presente), a periodicidade e a universalidade, ou seja, de que forma o que é produzido se relaciona com o que a coletividade quer e com a forma como ela reage (Melo, 1985). Nenhum desses pilares, isoladamente, pode ser considerado jornalismo.

> Desta maneira, o jornalismo é concebido como um processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras/emissoras) e coletividades (públicos receptores), através de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão/cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos) (Melo, 1985, p.10).

Para Traquina (2005a), o jornalismo é uma atividade intelectual e criativa que constrói o mundo no formato de notícias, não podendo ser reduzido a apenas técnicas utilizadas por trabalhadores em uma “fábrica de notícias”. Esse modelo jornalístico, muito ligado ao mercado, é um fenômeno relativamente recente, datado do século XX. Porém, essa é apenas uma das muitas facetas do jornalismo.

Já existiam maneiras de trocar informações atualizadas regularmente e de forma organizada desde a Antiguidade (Sousa, 2008). Por isso, podemos falar de fenômenos pré-jornalísticos, pelo menos, desde a invenção da escrita. Para Sousa (2008), algumas características que observamos hoje no texto jornalístico surgiram nesse período e foram adaptadas para serem usadas no jornalismo moderno. No texto homérico, por exemplo, “a primeira frase de cada secção do relato, normalmente, é construída de maneira a ter impacto e importância, prefigurando aquilo que, três milénios mais tarde, os americanos e britânicos designaram por lead” (Sousa, 2008, p.8).

Ainda que fenômenos que lembrem o jornalismo já existissem, há um consenso que o jornalismo moderno só foi possível a partir do momento em surgiu a imprensa de Gutenberg no século XV. A relação entre a imprensa e o jornalismo é tão grande que, algumas vezes, o termo imprensa é utilizado para designar o próprio campo jornalístico. Também é possível situar o jornalismo como um produto da sociedade moderna e seu ponto de partida é a ascensão da burguesia.

Para Habermas (1984), a esfera pública, ou o espaço que possibilita a formação de opiniões públicas, é profundamente alterada com a chegada da burguesia no cenário social. Foi nessa época, em especial no século XVII, que surgiram os primeiros jornais modernos. Na época, como lembra Sousa (2008), a Europa passava por mudanças sociais e econômicas, além de intensas disputas ideológicas, como o questionamento do modelo da monarquia absolutista.

> As lutas de libertação e independência faziam-se sentir em países como Portugal e Holanda, que reagiam contra a soberania espanhola. O Velho Continente estava, por outro lado, religiosamente dividido entre Católicos e Protestantes e mesmo entre estes últimos a divisão também reinava (calvinistas, luteranos, anglicanos, puritanos...). O processo colonial avançava. O comércio intensificava-se, agregando-se à volta das Bolsas de Valores. A alfabetização aumentava, até porque era obrigatória para o ingresso em determinadas corporações de ofícios. A sociedade, sujeita a transformações, instabilidade e mudanças, necessitava de informação. Por isso, havia não só receptividade para as notícias, mas também matéria-prima informativa suficiente para sustentar o aparecimento dos primeiros jornais "eminentemente jornalísticos", correntemente denominados gazetas (Sousa, 2008, p.75).

Foi nessa época que surgiram panfletos impressos para propagar ideias políticas (Habermas, 1984). Em sua interpretação do texto de Habermas, Marcondes Filho (1989) denomina essa primeira fase do jornalismo como imprensa artesanal ou informativa. O nome foi escolhido porque, naquele momento, os jornais eram produzidos com técnicas ainda elementares e funcionavam de forma similar ao que hoje chamamos de classificados, publicando notas com temas como casamentos, nascimentos e mortes.

Ainda que o formato das notícias da primeira fase do jornalismo não se pareça com o que hoje entendemos como notícia, pode-se dizer que a fase artesanal do jornalismo simbolizou uma mudança no polo da informação (Marcondes Filho, 1989). Até aquele momento, as informações circulavam de forma manuscrita ou oral, transmitidas por mensageiros. A partir de então, como explica Marcondes Filho (1989), elas passam a ser tipografadas e comercializadas, dando início a visão da informação como produto de um negócio. Os "panfletos", eles se tornam o intermediário entre quem ficou sabendo de algo e quem deseja saber o que aconteceu.

Isso mudou a lógica de como as informações eram armazenadas e transmitidas. Sacerdotes e catedráticos informavam em doses lentas, porém, o jornalista entrega tudo que tem, uma vez que informação, para ele, pode ser usada como troca por dinheiro. "Para ele a informação não é capital que poderá ainda render dividendos futuros, mas um bem que – como os alimentos –perece facilmente e que deve ser consumido integral e rapidamente" (Marcondes Filho, 1989, p.60).

Percebe-se, então, que já haviam sido dados os primeiros passos para a mercantilização do jornalismo e da informação, mas o formato dos textos, as técnicas e os conteúdos utilizados eram bastante diversos do que temos hoje (Marcondes Filho, 1989). É apenas no século XVIII, quando a burguesia vence a disputa contra a monarquia e ascende ao poder, que surge o "autêntico jornalismo", ou seja, "processos regulares, contínuos e livres de informação sobre a atualidade e de opinião sobre a conjuntura" (Melo, 1985, p.13).

Como explica Sousa (2008), no século XVII, havia uma censura sobre o que as "gazetas" podiam publicar, especialmente na França. Foi nesse período que o Estado financiou o jornalismo pela primeira vez na História, para determinar o que e como publicar. Na Inglaterra, ainda que tenham havido momentos de controle sobre a imprensa, desde a Revolução Gloriosa de 1688, que instituiu o Parlamentarismo, "rapidamente surgiram, de forma imparável, jornais noticiosos, jornais especializados em informação comercial e econômica, jornais culturais e científicos, jornais para cavalheiros, publicações humorísticas e, obviamente, jornais políticos (ou politizados)" (Sousa, 2008, p.86).

Com o fim da censura prévia na França, já no século XVIII, algo parecido com o que havia na Inglaterra começou a acontecer por lá, com um incentivo ao debate político nas páginas dos jornais. Na Inglaterra, por outro lado, a burguesia, já estabelecida, adotou medidas como o imposto por cada exemplar vendido para que houvesse uma espécie de controle sobre o debate político. Com isso, incentivava-se o jornalismo de informação. Havia, portanto, duas perspectivas em embate. Em um primeiro momento, predominou o estilo francês de fazer jornalismo, opinativo e incentivador do debate, em detrimento do estilo inglês, com tendências informativas para evitar a censura (Melo, 1985).

Foi nesse período marcado por jornais como um espaço de debates e de embates entre a burguesia e a aristocracia que esse tipo de publicação começou a ser produzido em massa. Habermas (1984) enfatiza que centenas de jornais pertencentes a outras centenas de grupos políticos se estabeleciam com rapidez. O motivo era a ambição dos burgueses de tomar o poder dos aristocratas. Para tanto, eles passaram a usar os jornais para difundir suas ideologias.

Também nesse período há uma intensificação da conexão entre jornalismo e literatura. Isso acontece, especialmente, ao longo do século XIX, quando os folhetins estavam no auge de sua popularidade. Para Bulhões (2007), os folhetins representaram um fenômeno das massas. Eram perfeitos para os donos dos jornais, que desejavam vender mais para aumentar as vendas, reduzir os custos de produção e cobrar mais pela publicidade. E eram também um ótimo negócio para os autores, que tinham seus nomes divulgados e seus pagamentos garantidos.

Ainda assim, nessa época, os lucros ficavam em segundo plano, já que a prioridade era a disseminação de ideais políticos (Marcondes Filho, 1989). Novamente ancorado em Habermas, Marcondes Filho (1989) denomina esse período entre o século XVIII e XIX de "imprensa político-literária".

É a partir do século XIX que o jornalismo começa a se aproximar do que conhecemos hoje. Assim como ocorre com outros setores, os jornais passam por uma grande concentração e se tornam grandes empresas. Com isso, eles deixam de lado o debate político, que tinha como uma das características a finalidade pedagógica, e passam a dar prioridade ao lucro (Habermas, 1984). É também no século XIX que a imprensa norte-americana intensifica seu ritmo de produção para níveis quase industriais, transformando a informação em mercadoria (Melo, 1985). Assim, surge o que Marcondes Filho (1989) chama de "imprensa de negócios", a terceira fase do jornalismo.

Essa fase é muito inspirada pela lógica positivista. Criado na segunda metade do século XIX por Auguste Comte, o Positivismo pregava que as relações e os comportamentos das pessoas poderiam ser estudados da mesma maneira que eram abordadas as ciências naturais, gerando, ao fim da pesquisa, leis imutáveis que regem os fenômenos humanos. Para seguir esses preceitos, o jornalista se aproxima das práticas do meio científico. "Um jornalismo sob o influxo das ideias Positivistas de Comte só pode ser o que nutre uma paixão pela materialidade e a concretude da vida" (Bulhões, 2007, p.70).

Essa maneira de se fazer jornalismo, pautada pela objetividade, desconectado de entidades políticas e mais ligado à lógica de mercado, é geralmente associado ao padrão de jornalismo dos Estados Unidos (Bulhões, 2007). Foi lá que se propagou a ideia de que o discurso do jornalismo poderia ser assumido como o retrato da realidade tal qual ela é. Para tanto, era preciso seguir padrões como ouvir e citar fontes e dispor informações por ordem de importância.

O uso da técnica e da linguística jornalística são alguns dos fatores que, segundo Marcondes Filho (1989), tornam possível o que ele chama de "manipulação jornalística". São as normas técnicas que reduzem o potencial crítico das notícias. Além da ordem das informações e da utilização de fontes tidas como "bem-informadas", Marcondes Filho (1989) lembra também a presença do lead como forma de padronização. Nele, prevê-se que, em textos jornalísticos, o primeiro parágrafo responda seis perguntas sobre o fato: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?

> Com tais credenciais, ele participa ativamente da crença de ser um reformador social, adquirindo, na vigência democrática, o estatuto de vigilante do poder

> político e de porta-voz da sociedade. Assim, o jornalismo passa a formular a respeito de si próprio um discurso que o associa ao compromisso de "dizer sempre a verdade e nada mais que a verdade" (Bulhões, 2007, p. 23).

A percepção de que o jornalismo seria um reflexo da realidade chegou a ser retratada em teorias científicas como a Teoria do Espelho. Desenvolvida em meados do século XIX, no auge do Positivismo, essa teoria consiste na ideia de que o jornalismo seria o reflexo da realidade e que o jornalista seria um observador imparcial dos acontecimentos, desde que se apoiasse na objetividade (Traquina, 1993).

Porém, é preciso compreender que é impossível que haja uma transmissão do real. O que de fato acontece é uma via de mão dupla: notícia e acontecimento se criam em igual proporção (Traquina, 1993). Assim, os jornalistas ajudam a construir a realidade à medida que escolhem narrativas para seus textos, elencando o que é mais importante na ordem da pirâmide invertida (o que é mais importante aparece primeiro no texto) e seguindo as perguntas do lead. Essas escolhas são feitas a partir das percepções do próprio jornalista, além de outros fatores.

Entre esses aspectos está a relação entre os jornalistas e as organizações para as quais eles trabalham. Soloski (1993) afirma que o jornalismo é uma das profissões que os profissionais não foram capazes de exercer tanto controle sobre sua situação de trabalho. Uma das razões para isso é a concentração de empresas jornalísticas, que deixa pouco espaço para que haja uma concorrência. Com isso, é estabelecido uma espécie de sistema de recompensas profissional, que presenteia quem segue as regras e padrões de comportamento. Porém, como apenas esse sistema não é suficiente para controlar o jornalista, criam-se as políticas editoriais para diminuir a liberdade profissional (Soloski, 1993).

Essas políticas editoriais se tornam perceptíveis, por exemplo, em casos como a cobertura do Jornal Nacional da Rede Globo sobre a Reforma da Previdência. Segundo Oliveira *et al*. (2018), o jornal se posicionou favoravelmente à proposta do governo e utilizou estratégias para tentar influenciar a opinião pública, como o aumento do número de conteúdo jornalístico sobre o tema e a tentativa de fazer parecer que o tema deveria ser tratado com urgência.

Para Oliveira *et al*. (2018), isso demonstra que, mesmo aparentando seguir o modelo da objetividade, o jornalismo é um ator político que pode influir nos debates. Porém, o apoio da imprensa não significa que a opinião pública independe de outros fatores. Na verdade, como lembram os autores,

> [...] apesar de tentar interferir na formação da opinião pública, observa-se que há uma complexidade na compreensão da esfera pública. Se autores como Lippmann (2010), Bourdieu (1983) e Habermas (1984) apontavam para uma audiência que poderia ser facilmente manipulada pela mídia, constata-se, a

> partir da própria revisão que Habermas faz de suas obras, que há múltiplas esferas públicas que se intercruzam. Num ambiente midiatizado, os indivíduos têm acesso a fontes diversas de informações (Oliveira *et al*., 2018, n.p).

Apresentada essa realidade, é possível inquerir: como é possível manter, então, a ilusão de que o jornalismo é o retrato da realidade? Para Tuchman (1996), isso pode ser feito seguindo alguns rituais estratégicos. A partir da concepção da Teoria do Espelho, a autora identifica táticas utilizadas pelos jornalistas para passar ao espectador ou leitor uma aparente objetividade e assim legitimar o discurso jornalístico. Dessa forma, o público deixaria de lado suas barreiras e incorporaria o discurso midiático sem questionamento.

Tuchman (1996) aponta que, quando um jornalista entrevista várias pessoas sobre um mesmo tema, ele apresenta a possibilidade de conflito, contudo, quando os entrevistados têm visões coincidentes sobre o tema, é gerada uma ideia de verdade sobre o que foi dito. Outra estratégia é o uso de documentos e dados que possam ratificar o que foi dito pelos entrevistados. Para esse artifício, a autora dá o nome de provas auxiliares.

Muitas vezes, como explica Tuchman (1996), o jornalista usa a fala de outra pessoa em seu texto para não fazer ele mesmo uma afirmação, usando as citações de forma judiciosa. Além disso, como já apontaram Bulhões (2007), Marcondes Filho (1989) e Tranquina (1993), Tuchman (1996) lembra que o formato da pirâmide invertida faz com que as informações consideradas mais relevantes sejam dadas antes daquelas que são consideradas menos importantes, que ficam no final do texto. Isso pode ser utilizado para que o leitor tenha a impressão de que uma opinião é mais relevante que outra.

É a partir dessas estratégias que o campo jornalístico ganha um grande poder, assumindo um tom de verdade, de objetividade e de imparcialidade e, ao mesmo tempo, selecionando o que é ou não importante para que a sociedade saiba. Observando essa dinâmica surgiu a teoria da Ação Pessoal ou Gatekeeper. Ela entende que essas escolhas de inclusão ou exclusão de temas são tanto fruto de um julgamento pessoal, quanto de uma cultura organizacional, conectada ao veículo para o qual o jornalista trabalha. Esses veículos, por sua vez, podem ter vínculos políticos, como sugere a teoria da Ação Política, e, assim, trabalhar para a sustentação das estruturas dominantes (Wolf, 2008).

Ao escolher que temas serão veiculados e quais serão deixados de lado, a mídia exerce uma grande influência na sociedade. McCombs e Shaw *apud* Barros Filho & Praça (2014) entendem esse movimento como um agendamento dos temas que serão discutidos na sociedade. Ou seja, quando a mídia descarta determinadas temáticas, ela as torna invisíveis para sociedade e acabam sendo esquecidas.

Esse ciclo em que temas não abordados pela mídia são também descartados pela sociedade foi denominado “espiral do silêncio” por Noelle-Neumann *apud* Barros Filho & Praça (2014). Para a autora, as pessoas se esforçam para não serem isoladas da sociedade, por isso, elas evitam agir e se expressar de forma contrária ao padrão. Como a mídia é uma forma de legitimação de ideias, quando algo não está na mídia, ele pode ser entendido como fora do padrão. Assim, quanto mais uma opinião é considerada ilegítima, menos ela será pronunciada. Isso se agrava tendo em vista a consonância entre os meios de comunicação.

É preciso, portanto, pensar sobre o que faz com que essa consonância exista. Não se pode ignorar que o jornalismo faz parte da sociedade e que, como explicam os teóricos construcionistas, as notícias são construídas pelos processos entre agentes sociais. Sendo assim, não é possível, como fazem outras teorias, descartar a influência do mundo externo sobre os jornalistas (Traquina, 2001).

Para Stuart Hall *apud* Traquina (1993), por exemplo, apesar de oferecer maneiras de interpretar os fatos que relata, a mídia apenas reproduz posições daqueles que estão no comando da sociedade. Esses, sim, seriam os verdadeiros definidores primários da notícia. Mas o determinismo que implica essa afirmação pode ser criticado, uma vez que existem outros fatores que operam como critérios para que algo seja noticiado, dando ao acontecimento um “valor notícia”.

Existem critérios substantivos, como o grau de importância social dos indivíduos envolvidos na notícia, o impacto que um acontecimento teria sobre a nação e seus interesses, o número de pessoas envolvidas no acontecimento e o potencial que um fato tem de impactar futuramente uma situação. Traquina (2005b) elenca como valores-notícia dos critérios substantivos: a morte, a notoriedade do ator principal envolvido no fato, a proximidade geográfica do acontecimento, a relevância que o acontecimento tem (sua capacidade de influenciar a vida das pessoas), a novidade (a primeira vez que algo ocorre, por exemplo), o tempo (ser atual ou ter uma conexão com o momento, como o aniversário de um acontecimento), a notabilidade (que envolve fatores como quantas pessoas estão envolvidas), o inesperado, o conflito ou a controvérsia, a infração de regras e o escândalo. Porém, também existem critérios mais práticos, como a disponibilidade que o jornalista tem que acessar aquele fato, a adequação ao meio no qual a notícia será veiculada, expectativas que os jornalistas têm sobre a opinião do público e também o que está sendo feito pelos veículos concorrentes (Wolf, 2008).

Dentre as questões práticas, como lembram os teóricos etnoconstrucionistas, está o desafio das empresas jornalísticas de pôr ordem no espaço e no tempo, considerando que as

notícias podem acontecer a qualquer momento em qualquer lugar. Dada esta dificuldade, algumas regiões recebem muito mais cobertura jornalística do que outras e as notícias ocorridas fora do expediente precisam ser muito impactantes para que seja deslocada uma equipe para cobri-las. Soma-se a isso a grande preocupação com o imediato, que faz com que seja dado mais valor aos acontecimentos do que às problematizações (Traquina, 2001).

Isso não significa que é possível ignorar o fato de que o jornalismo é capaz de construir ou ressignificar a percepção que temos tanto do presente quanto do passado (Barbosa. 2007). Como escreve Barbosa (2007), o jornalismo é "produtor do tempo presente" (Ibid. p. 104) e consegue construir a história do hoje e mesmo reconstruir a história do ontem, desempenhando uma função relevante na construção de imaginários.

Entre os fatores que podem influenciar a interpretação está no enquadramento adotado. O termo enquadramento está, a princípio, associado à instância visual. Como lembra Cañizal (2012), ele se refere aos quadros colocados em molduras. Entre seus principais propósitos está tanto a integração quanto a separação entre a tela e o ambiente. A moldura serviria como um intermediário, adaptando a luz ao mesmo tempo em que delimita a tela e o lugar em que ela está (Aumont *apud* Cañizal, 2012). "Acercar-se, por conseguinte, das conotações decorrentes dessas funções da moldura equivale, em tese, à consecução de um ato de convivência com estruturas expressivo-semânticas em que emoções e feitiços poéticos se articulam para criar um complexo domínio onírico" (Cañizal, 2012, p.21).

Porém, o uso desse termo na comunicação começou com Batson (2002) e sua associação entre a brincadeira e a comunicação humana. Para ele, a comunicação se divide em um nível de abstração metalinguístico (em que o assunto da conversa é a própria linguagem) e em um nível metacomunicativo (em que o assunto é a relação entre os falantes). É neste segundo que se encaixa a brincadeira, uma vez que ela depende que os participantes entendam sinais compartilhados para a compreensão da mensagem (Bateson, 2002).

A brincadeira dá novos significados a gestos antes apenas instintivos, como mordidas. Para Bateson (2002), isso aponta que as brincadeiras podem ter desempenhado um papel importante no desenvolvimento da comunicação. Da mesma forma, a ameaça pode ter o mesmo efeito. Um punho cerrado não é o mesmo que um soco, mas indica que o soco pode acontecer. O mesmo pode ser dito do comportamento histriônico (dramático). A autopiedade e os rituais também podem ser incluídos na lista.

> Devemos encarar, então, duas peculiaridades próprias da brincadeira: (a) as mensagens ou sinais trocados durante a brincadeira são de algum modo não-verdadeiros, ou não-intencionados; e (b) aquilo que é denotado por esses sinais

> é não-existente. Essas duas peculiaridades às vezes se combinam de forma estranha para reverter uma conclusão a que chegamos acima. Foi dito em (4) que uma dentada "de brincadeira" denota uma mordida, mas não vai denotar aquilo que seria denotado pela mordida (Bateson, 2002, p.93).

As características presentes na brincadeira fazem com que Bateson (2002) identifique uma característica da comunicação: o enquadre. Para ele esse conceito é similar à teoria dos conjuntos matemáticos. Os enquadres fazem parte de um sistema de premissas. Características presentes na mensagem vão determinar a forma como ela será compreendida, a que conjunto aquela mensagem pertence.

Goffman (2012) não nega a importância de se considerar que a realidade é interpretada de maneiras diferentes por pessoas diferentes, mas, para ele, também é possível estabelecer bases comuns da realidade. Para isso, ele propõe que a organização das experiências passe por um exame, chamado por ele de análise de quadros.

Nesta análise, todo acontecimento passa por um esquema de interpretação chamado por Goffman (2012) de primário, uma vez que dá sentido a algo. Existem dois tipos de esquemas primários, os naturais e os sociais. Os naturais são puramente físicos, enquanto os sociais são guiados, ou seja, submetidos a avaliações e padrões sociais. Ainda assim, Goffman chama a atenção para o fato de que mesmo ações guiadas sofrem influência das ações naturais, podendo, portanto, ser analisadas sob duas perspectivas.

> Resumindo: tendemos, portanto, a perceber os acontecimentos em termos de esquemas primários e o tipo de esquema que utilizamos proporciona uma maneira de descrever o acontecimento ao qual ele é aplicado. Quando o sol se levanta, temos um acontecimento natural; quando se desce a persiana para impedir a entrada da luz, temos uma ação guiada. Quando um médico legista pergunta sobre a causa mortis, ele quer uma resposta formulada no esquema natural da fisiologia; quando pergunta sobre a maneira como ocorreu a morte, ele quer uma resposta dramaticamente social, uma resposta que descreva o que muito possivelmente faz parte de uma intenção (Goffman, 2012, p.49)

Os elementos primários são as bases da cultura de uma sociedade ou grupo, são eles que tornam a vida cotidiana compreensível, criando modelos interpretativos. Para Goffman (2012), as pessoas costumam interpretar a realidade conforme os modelos pré-definidos socialmente. Ao mesmo tempo, ao interpretarmos o que acontece dessa forma, esses acontecimentos confirmam as nossas interpretações de mundo, criando uma via de mão dupla. Esse cenário é

ainda mais relevante quando, como aponta a Reuters Institute Digital News Report 2022, 64% dos brasileiros têm as redes sociais como fonte de informação[30].

Isso pode ser feito por meio dos enquadramentos noticiosos. Porto explica que a definição mais utilizada de enquadramento é a de Gitlin, na qual "enquadramentos são entendidos como recursos que organizam o discurso através de práticas específicas (seleção, ênfase, exclusão etc.) e que acabam por construir uma determinada interpretação dos fatos" (Porto, 2002, p.6). Pode-se dizer que os enquadramentos noticiosos são a forma como os fatos são apresentados, organizados e destacados, tanto pelos jornalistas quanto por pessoas comuns.

Motta (2007) acredita que o tipo de enquadramento predominante na mídia é o "dramático (narrativo)", pois ele permite que, "sendo objetivo, revelar, amplificar ou instituir conflitos, tensões, clímax; heróis e vilões; bons e maus homens, como na literatura (MOTTA, 2007, p.9). Para D'Angelo e Shaw (2018), o enquadramento noticioso está muito relacionado às ênfases adotadas nos textos.

Para os autores, é possível dividir os enquadramentos noticiosos em dois grandes grupos: os "genéricos" e os "relativos a tópicos específicos". No caso do enquadramento genérico existem outras quatro divisões: o enquadramento episódico (focado nos acontecimentos), o temático (focado nos contextos), o de valor noticioso (baseado no local e momento dos acontecimentos) e o estratégico (que focam em contextualizar eventos de campanha e motivações políticas).

Similarmente, Porto (2002) explica existirem quatro tipos de enquadramentos na cobertura política feita pelos jornais. Sendo assim, tentaremos identificar se é utilizada alguma das seguintes abordagens: (a) "corrida de cavalos" (com ênfase em pesquisas eleitorais/de opinião), (b) "episódica" (apenas descreve acontecimento), (c) "temática" (que dá ênfase aos pensamentos dos políticos) e (d) "centrada na personalidade" (que reforça qualidades pessoais).

Para D'Angelo e Shaw (2018), ao contrário do enquadramento genérico, o enquadramento por tópicos é menos suscetível a enquadramentos apresentados pelas fontes jornalísticas. Isso porque eles são, geralmente, baseados na contraposição de vários pontos de vista. Por isso eles costumam estar presentem em textos relativos à ciência e acontecimentos marcantes.

Porém, independentemente de serem genéricos ou de tópicos específicos, para os autores, enquadramentos são formas de construção de sentido. Assim, textos e imagens

[30] NEWMAN, Nic; FLETCHER, Richard; ROBERTSON, Craig T.; EDDY, Kirsten; e NIELSEN, Rasmus Kleis. **Digital News Report 2022**. Reuters Institute e Universidade de Oxford, 2023. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022> Aceso em 10 de maio de 2023.

enquadradas em jornais servem para criar narrativas, caracterizar ideias e ideologias e até como princípio organizador. Isso indica que, como explica Williams (2011), os meios de comunicação são meios de produção e não apenas um dispositivo para troca da informação e mensagens.

Dessa forma, os enquadramentos noticiosos não apenas organizam a interpretação dos fatos, mas também se adaptam às transformações dos meios de comunicação. À medida que novas tecnologias emergem, a maneira como as informações são enquadradas e distribuídas também se transforma.

2.3 UMA REVOLUÇÃO CHAMADA INTERNET

O surgimento de novas tecnologias sempre influenciou a maneira como a comunicação funciona. Foi isso que aconteceu no século XV, com o surgimento da imprensa e novamente no século XX com a chegada dos meios de comunicação eletrônicos. Agora, no século XXI, é a vez da internet influenciar a maneira como nos comunicamos. Essas mudanças, como lembra Pernisa Júnior (2016), são naturais da comunicação, uma vez que ela, assim como a circulação, se dá em um espaço de troca e de transformação potencial.

Ferrari (2006) lembra que a internet surgiu em 1969 como um instrumento militar nos Estados Unidos. Em meados dos anos 1970, a internet passou a integrar meios acadêmicos. Até o final da década de 1980, dezenas de países estavam interligados pela rede, mas apenas no círculo de pesquisas. Foi só em 1989 que surgiu a World Wide Web (WWW). Com isso, a partir dos anos 1990, houve a consolidação das mídias digitais e, consequentemente, uma maior circularidade da comunicação e emergência de novos circuitos informacionais. Porém, sem dúvidas, esse processo se intensificou no século XXI com a web 2.0 (Castells, 2017).

Isso representou uma grande mudança na forma de circulação dos discursos, tendo em vista que, nesse cenário, fica mais difícil determinar um polo de emissão e outro de recepção (Pernisa Júnior, 2013). Tudo fica mais fluido, inclusive as barreiras entre os campos sociais. Mesmo que um assunto seja trazido inicialmente pela imprensa, considerado um polo tradicionalmente emissor, os portais de notícia não têm controle completo da discussão que é feita nos comentários.

Tendo em vista essa alteração, Castells (2017) acredita que a internet fez surgir um novo modelo de comunicação. Antes de sua chegada, a comunicação, ou "o compartilhamento de significado por meio da troca de informação" (Castells, 2017, p. 101), podia ser feita de forma interpessoal – necessariamente interativa – ou social, a chamada comunicação de massa, que

tem por característica a unidirecionalidade. Já o novo modelo, surgido com a Web 2.0, seria, nas palavras de Castells (2017), a autocomunicação de massa. Nesse formato, o emissor pode enviar uma mensagem em tempo real para um grande número de pessoas, sendo tanto mídia quanto público para mensagens.

Diferente do que acontecia com os meios de comunicação massivos, há a possibilidade de um emissor receber uma resposta de alguém que foi receptor de sua mensagem. Além disso, como lembra Castells (2017), na web, a comunicação é multimodal (faz uso de várias tecnologias) e multicanal, fazendo com que os emissores/receptores negociem o significado das mensagens. É nessa negociação que há possibilidade de transformação, uma vez que os significados são poderes sociais que moldam a forma como pensamos (Castells, 2017).

Porém, da mesma forma que aconteceu com a chegada e a popularização do rádio e da TV, no século XX, a chegada da internet divide opiniões. Há teóricos, como Byung-Chul Han, que têm uma visão bastante negativa da internet. Segundo Han (2018), a falta de hierarquia e a possibilidade de que todos sejam tanto receptores quanto produtores de mensagens é prejudicial para o poder. Isso porque essas características permitem a criação de *shitstorms*, que seriam como tempestades de indignação. Essas ondas de indignação, para Han (2018), são típicas do meio digital e atualmente, tem poder aquele que "*dispõe do* Shitstorm *da rede*" (HAN, 2018, p.20). Segundo o autor, embora elas sejam eficientes em chamar a atenção e mobilizar as pessoas, essas ondas são voláteis demais para conseguirem organizar um discurso político na esfera pública.

Na perspectiva de Han (2018), além de incentivar uma sociedade de indignação sem poder de ação, ou seja, que não traz resultados práticos, a internet, em especial após a chegada dos smartphones, nos afastou uns dos outros e fez com que a sociedade perdesse sua "tatilidade" e corporeidade. Se, como lembra Rousseau (1998), a fala é apenas uma das formas de comunicação que coexiste com os gestos e as expressões, para Han (2018), as novas formas de mídia estão diminuindo a importância dessas outras maneiras de se comunicar.

É essa característica que faz com que Han (2018) acredite no surgimento de um novo tipo de massa: o enxame digital. Em comum com a massa entendida por Horkheimer e Adorno (2000), essa nova massa também seria alienada, uma vez que sua capacidade de pensar foi atrofiada. Ao mesmo tempo em que houve uma ampliação da circulação da informação, o saber se tornou mais raro. Porém, há uma diferença entre a massa do século XX e o enxame do século XXI.

> A massa é estruturada de um modo inteiramente diferente. Ela revela propriedades que não podem ser referidas aos indivíduos. Os indivíduos se

> fundem em uma nova unidade, na qual eles não têm mais nenhum *perfil próprio*. Um aglomerado contingente de pessoas ainda não forma uma massa. E primeiramente uma alma ou um espírito que os funde em uma massa fechada e homogênea. Uma alma de massa ou um espírito de massa falta inteiramente ao enxame digital. Os indivíduos que se juntam em um enxame não desenvolvem nenhum *Nós.* Não lhes caracteriza nenhuma consonância que leve a massa a se unir em uma massa de ação. O enxame digital, diferentemente da massa, não é em si mesmo coerente. Ele não se externa como uma *voz.* Também falta ao *Shitstorm* a uma voz. Por isso ele é percebido como *barulho* (Han, 2018, p.27).

Contudo, essa passividade relatada por Han (2018) é contraposta por outras perspectivas. Para Umberto Eco *apud* Castells (2017), o público nunca é passivo. Isso porque as mensagens são recebidas e reinterpretadas conforme as vivências de cada um. Por mais que isso não queira dizer que o sujeito não seja influenciado em nenhuma instância pela mensagem.

Porém, o que ninguém nega é que a internet mudou a sociedade humana. As características desse novo modelo de sociedade possibilitado pela internet fazem Lévy (1999) afirmar que surgiu uma nova cultura, a cibercultura. Nesse novo modelo, diferente do que acontecia com a ciência e com a religião, é possível existir um universal não totalizante, pois a cultura que surge com ciberespaço "inventa uma outra forma de fazer advir a presença virtual do humano frente a si mesmo que não pela imposição da unidade de sentido" (Lévy, 1999, p. 255).

A cibercultura seria a terceira etapa da sociedade humana. Na primeira etapa, as pequenas sociedades, marcadas pela cultura oral, viviam no que Lévy (1999) chama de totalizante não universal, uma vez que as pessoas estavam fechadas dentro de seus próprios grupos. Não havia lei ou religião comum a todos os humanos e a memória só podia ser preservada pela lembrança dos mais velhos. A chegada da escrita marca a segunda fase, chamada pelo autor de momento "civilizado". Estendendo indefinidamente a memória social, foi a escrita que possibilitou uma cultura imperialista que é tanto universal quanto totalizante, suprimindo a diversidade cultural.

A terceira etapa, da cibercultura, possibilita, na visão de Lévy (1999), uma única sociedade humana, marcada por heterogeneidades e desigualdades. A cultura foi alterada pela simultaneidade e pela horizontalidade da transmissão.

> Ora, a cibercultura, terceira etapa da evolução, mantém a universalidade ao mesmo tempo em que dissolve a totalidade. Corresponde ao momento em que nossa espécie, pela globalização econômica, pelo adensamento das redes de comunicação e de transporte, tende a formar uma única comunidade mundial, ainda que essa comunidade seja — e quanto! — desigual e conflitante. Única em seu gênero no reino animal, a humanidade reúne toda sua espécie em uma única sociedade (Lévy, 1999, p.256).

Uma das características que permite que a internet tenha esse potencial é a sua capacidade de apagar fronteiras entre as formas de comunicação (Castells, 2017). A web permite o compartilhamento de qualquer tipo de arquivo digitalizado. Essa qualidade faz com que a internet se integre a vários segmentos de nossas vidas, permitindo a realização de tarefas do âmbito do profissional, familiar, de entretenimento etc. Castells afirma até mesmo que os usuários "vivem com ela" (2017, p.111).

Santaella (2003) acrescenta que essa cultura altera não só nossas relações sociais, mas também nossa identidade. Isso porque a internet possibilita que as pessoas interajam com pessoas e culturas de todas as partes do mundo, formando, assim, uma cultura "descentralizada, reticulada, baseadas em módulos autônomos" (Santaella, 2003, p.104). Ao mediar as nossas relações sociais por meio de signos feitos de bytes, a web ajuda a construir a forma como entendemos a nossa vida social e também nossa autoidentidade.

Na verdade, na internet, os usuários constroem suas identidades continuamente e o que pensam de si próprios pode ser alterado conforme a percepção do outro sobre eles (Recuero, 2014). Sendo assim, a impressão dos outros sobre os indivíduos se torna cada vez mais importante nas redes sociais na internet. Apesar de a opinião de terceiros ter ganhado mais destaque, como lembra Recuero (2014), na internet, existe uma dificuldade maior em identificar as pessoas envolvidas na rede.

Uma rede social, dentro ou fora da internet, é formada pelas pessoas envolvidas nela, chamadas de autores, assim como pelos laços sociais formados pela interação entre autores, que são suas conexões. O que muda com a Comunicação Mediada pelo Computador (CMC), como explica Recuero (2014), além da dificuldade de discernir facilmente os autores, é a distância que existe entre os comunicadores. Nas redes socias digitais, as interações podem acontecer de forma síncrona (instantânea) ou assíncrona (em momentos distintos). Além disso, as interações podem ser mútuas, nas quais todos os interlocutores participam da construção narrativa, ou reativas, nas quais se interage unilateralmente (Recuero, 2014).

O tipo de interação desenvolvida determina quais laços se formarão entre os interlocutores. Recuero (2014) explica que interações mútuas tendem a construir laços dialógicos – como os que acontecem em rede de troca de mensagens – já as interações reativas geram laços associativos – como aceitar ou não alguém nas redes sociais. Existem ainda laços fortes e fracos que se medem pela "quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (confiança mútua) e serviços recíprocos" (Granovetter *apud* Recuero, 2014, p.41). Quanto mais estão presentes esses elementos, mais forte é o laço que se mantém com alguém que se conhece na via *offline* ou que se adquire *online*.

E a tendência é que as relações via internet atinjam a quase todas as pessoas. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios divulgada em setembro de 2022, 90% da população brasileira tem acesso à rede, o que significa um total de 65,6 milhões de domicílios conectados[31]. Segundo uma pesquisa realizada pela Comscore, o Brasil é o terceiro país que mais consome redes sociais no planeta, com 131,5 milhões de usuários. Aqui, as principais redes utilizadas são YouTube (com alcance de 96,4%), Facebook (85,1%) e Instagram (81,4%)[32].

A forma como as conexões funcionam na rede também chama a atenção para a proximidade dessa nova forma de comunicação com o "autismo eletrônico", uma vez que muito desse conteúdo é produzido para os próprios autores (Castells, 2017). Além disso, como afirma Recuero (2014), nem todas as pessoas ou grupos têm a mesma influência na internet e a qualidade das conexões varia conforme o capital social dos autores, ou seja, conforme o conjunto de recursos definidos pelo conteúdo da comunicação que estão presentes nas relações sociais que podem ser usados individualmente ou em grupo. Pode-se dizer, portanto, que aqueles que se comunicam por interações reativas têm mais capital social e são mais ouvidos, uma vez que sua comunicação é centralizada e suas conexões não perdem força com o tempo.

Um exemplo dos grupos com maior capital social na internet são as grandes empresas de comunicação tradicionais, que estão migrando para o meio online. Castells (2017) explica que os usuários vêm usando a internet para acessar meios de comunicação em massa como a televisão, o rádio e os jornais. Essa mudança afeta a forma como esses produtos são produzidos.

> Portanto, embora o jornal continue a ser um meio de comunicação de massa, sua plataforma muda. Ainda não existe nenhum modelo comercial para o jornalismo on-line (Beckett e Mansell, 2008). No entanto, a internet e as tecnologias digitais transformaram o processo de trabalho dos jornais e da mídia de massa como um todo. Os jornais se tornaram internamente organizados em rede, globalmente conectados às redes de informação na internet. Além disso, os componentes online dos jornais estimularam a formação de redes e a sinergia com outras organizações de notícias e da mídia (Weber, 2007). As redações na indústria jornalística, televisiva e radiofônica foram transformadas pela digitalização das notícias e por seu processamento permanente global/local (Boczkowski, 2005). Dessa forma, a comunicação de

[31] CASA CIVIL. 90% dos lares brasileiros já tem acesso à internet no Brasil, aponta pesquisa. **Portal Gov.br**, 19 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/90-dos-lares-brasileiros-ja-tem-acesso-a-internet-no-brasil-aponta-pesquisa> Acesso em 10 de maio de 2023

[32] PACETE, Luiz Gustavo. Brasil é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo. **Forbes**, 8 de março de 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/> Acesso em 10 de maio de 2023.

> massa no sentido tradicional hoje é uma comunicação baseada na internet tanto em sua produção quanto em sua transmissão (Castells, 2017, p.112).

Ainda que, como lembra Ferrari (2006), incialmente, a maioria dos sites jornalísticos surgiram como reprodutores de veículos impressos – no Brasil, por exemplo, foram grandes empresas como o grupo Folha e as Organizações Globo que deram o pontapé inicial na Internet brasileira nos anos 1990 – logo surgiram veículos que nasceram com a web. Alguns deles, os chamados portais verticais, buscavam um público interessado em conteúdo personalizado.

> Focados em um assunto específico – ou em um conjunto de assuntos para uma comunidade de interesses comuns –, os portais verticais representam o perfeito casamento entre comunidade e conteúdo, uma vez que permitem personalização e interatividade com o usuário (Ferrari, 2006, p. 36).

Na rede, o jornalismo ganhou outra dimensão. Segundo Ferrari (2006), ao contrário da mídia tradicional impressa, que tem como objetivo atingir e agradar um grande número de pessoas, no meio digital, é possível atingir o indivíduo. Por essa razão, a web consegue reunir assuntos diversos. Uma das ferramentas para isso são os hiperlinks, ou seja, links que direcionam o leitor para outra matéria do portal noticioso ou mesmo para fora do site (Ferrari, 2006). Esse recurso ajuda a construir um hipertexto, possibilitando, como explica Ferrari (2006), a construção de uma pirâmide deitada, na qual o primeiro texto é o mais importante e os demais textos, abertos por meio dos hiperlinks, ajudam a construir uma narrativa, podendo acrescentar profundidade ao texto principal ou fazer com que os internautas abandonem o texto que estavam originalmente lendo.

Além disso, notícias não estão restritas aos textos. Elas podem ser acompanhadas de vídeos, áudios, infográficos interativos e muitos outros complementos. São mensagens multimídia que, para que fação sentido, precisam ter compatibilidade, complementaridade, ausência de redundância, hierarquização, ponderação e adaptação (Salaverria, 2014).

Por outro lado, mesmo com a grande quantidade de informações a que todos são expostos diariamente, isso não significa que a sociedade está mais bem informada. Isso porque os navegantes se comportam como consumidores em um shopping, correndo os olhos pelas manchetes e logo perdendo o interesse (Ferrari, 2006). Com isso, segundo Ferrari (2006), o leitor de portais digitais acaba por adquirir um pseudoconhecimento, já que a informação não é absorvida com comprometimento com a realidade.

Somado a isso, de acordo com Bradshaw (2014), a internet cortou etapas na produção do conteúdo jornalístico. As notícias precisam ir para a web imediatamente após terem acontecido, dificultando a possibilidade de detalhar os fatos e contextualizá-los. Segundo o

autor, cabe ao jornalismo impresso aprofundar os temas que foram dados de forma imediata na web. Ao mesmo tempo, a internet tornou mais fácil a verificação de informações e o acesso a dados e pessoas, propiciando uma melhor apuração.

Assim, matérias veiculadas em meios impressos acabam tendo maior repercussão do que se tivessem sido publicadas na web (Ferrari, 2006). Uma comprovação dessa realidade aconteceu com a revelação do caso das joias que um membro do governo Jair Bolsonaro teria recebido do príncipe da Arábia Saudita em 2021. O primeiro veículo a divulgar o caso foi o jornal Estado de São Paulo, em 3 de março de 2023, mas, em seguida, o caso repercutiu e se desdobrou em diversos outros jornais e portais tanto nacionais quanto internacionais[33].

Isso, contudo, não quer dizer que, na internet, não sejam produzidos conteúdos jornalísticos mais complexos e contextualizados (Breadshaw, 2014). Pelo contrário, ainda que possam ter menores números em audiência, segundo Breadshaw (2014) as grandes reportagens e os conteúdos jornalísticos que demandam mais profundidade são aqueles capazes de atrair a interação do público, que, além de compartilhar o link em suas redes sociais, comenta seu conteúdo. Ademais, o jornalismo feito com maior profundidade consegue fazer com que o público pague pelo conteúdo jornalístico.

Para Ferrari (2006), os jornalistas devem buscar histórias que sejam contadas de melhor forma na web do que na mídia tradicional. Ao contrário do que se pensa, é preferível demorar mais para postar uma notícia na web do que publicá-la de forma superficial. Além disso, o lead ganha ainda mais força no meio digital. Os navegantes desejam saber de forma rápida qual é a notícia e se vale a pena continuar a lê-la. Diante disso, um bom texto para o ambiente eletrônico deve ter frases concisas e simples, evitando a voz passiva. Ferrari aconselha aos "repórteres da Internet que qualquer história pode ser contada em novecentos caracteres" (Ferrari, 2006, p. 50).

Além dessas estratégias, o interesse do público pode aumentar ou diminuir conforme o tópico abordado. Como explica Bradshaw (2014), o jornalismo feito para a internet tem muito mais acessos quando trata de temas considerados menos relevantes, como esportes, arte e entretenimento, que somam 40% da audiência. Por outrolado, temas tidos como mais relevantes atingem um público menor. Notícias sobre política, por exemplo, atingem apenas 9% da audiência total.

---

[33] MATIAS, Juliana. **Escândalo das joias do governo Bolsonaro tem repercussão internacional.** JOTA, 10 de março de 2023. Disponível em: https://www.jota.info/jotinhas/escandalo-das-joias-teve-repercussao-internacional-10032023. Acesso em 26 de março de 2023.

Esses dados são ainda mais preocupantes no Brasil atual. Segundo um levantamento feito pelo Reuters Institute em seu Digital News Report 2022, o interesse por notícias online no Brasil caiu drasticamente entre 2015 e 2022. O número de pessoas que se consideraram muito ou extremamente interessadas no consumo de notícias saiu de 87% para 57% nesse período no País. Além disso, 54% dos brasileiros disseram evitar propositalmente a mídia às vezes ou sempre. O motivo principal motivo para se evitar notícias em todo o mundo, segundo o relatório, é a frequente abordagem de temas como política e COVID-19[34].

O motivo por trás da queda de confiança nas notícias como um todo se explica pelo fato de que nem tudo o que se produz na internet é correto ou útil (Serrano, 2013). A possibilidade de que todos publiquem conteúdos ditos informativos muitas vezes, segundo Serrano (2013), pode acarretar propagação de inverdades. Esse conteúdo mentiroso pode se sobressaltar em relação à verdade graças à sobrecarga de informação. Esse é um fato perigoso, uma vez que, de acordo com Serrano (2013), a internet se tornou a principal fonte de informações das pessoas.

> Toda informação que recebemos deve ser tratada com prudência e desconfiança. Assim como os grandes meios de comunicação têm interesses perversos em suas linhas editoriais, na rede também há tentativas constantes de intoxicação com informações, denúncias e reivindicações falsas. As fantasias e conspirações paranoicas estão na ordem do dia entre a cidadania mais crítica, o que acaba provocando uma grande falta de credibilidade das denúncias verdadeiras. É importante selecionar nossas fontes de confiança, os autores que merecem credibilidade, os meios alternativos que trabalham com seriedade etc. (Serrano, 2013, s/n).

A importância dada aos autores evidenciou-se com os blogs de opinião mantidos por jornalistas reconhecidos a partir de 2005, quando estourou o chamado escândalo do mensalão. De acordo com Aldé *et al.* (2007), os jornalistas-blogueiros ganharam um papel de autoridade, sendo vistos como aptos para pautar o debate público e para desvendar os bastidores do mundo da política, assim como ocorria com os colunistas dos jornais impressos. Para os autores, a possibilidade de atualização imediata proporcionada pela internet torna os blogs ainda mais atrativos. Ademais, a participação dos blogs na construção das narrativas dos escândalos políticos os caracteriza como um "híbrido entre a atualidade jornalística e a crônica pessoal" (Aldé *et al.,* 2007, p.31).

Outro ponto que aproxima os blogs das colunas é a relação mantida com os políticos, que servem como fonte de informação. Por outro lado, diferente do que ocorre com as colunas

[34] NEWMAN, Nic. **Overview and key findings of the 2022 Digital News Report**. Reuters Institute, 15 de junho de 2022. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022/dnr-executive-summary. Acesso em 26 de março de 2023.

políticas, os blogs têm destaque nos portais jornalísticos, que, como apontam Aldé *et al.* (2007), remetem a eles em suas primeiras páginas. Os autores avaliam que os blogs não estão presos ao objetivismo do jornalismo, servindo quase como uma mesa de bar, onde os blogueiros fazem suas análises e os leitores podem comentar o que pensam a respeito do que foi escrito. Essa interação é incentivada pelo próprio portal onde o blog se hospeda, ainda que os comentários possam passar por algum tipo de moderação.

Aldé *et al.* (2007) destacam que os jornalistas-blogueiros apenas iniciam a discussão, não participando dos debates estabelecidos pelos leitores nos comentários. Essa postura permite que eles sigam se dizendo imparciais e apartidários. Ainda assim, existem jornalistas que respondem alguns de seus leitores. Os autores explicam que por vezes essa relação entre blogueiro e leitor é complicada pelo anonimato do segundo. Sem poder ser responsabilizado, o anônimo se sente livre para dizer qualquer coisa. Por outro lado, muitos leitores cobram que os jornalistas-blogueiros se posicionem politicamente de forma mais clara.

Porém, não existem apenas jornalistas blogueiros. Ramonet (2013) aponta que a internet permitiu que o cidadão faça jornalismo através dos blogs e redes sociais. Essa possibilidade, contudo, amplia a crise de credibilidade vivida pelo jornalismo desde meados da década de 1980, quando a TV impôs um ritmo acelerado de produção de notícias, levando a uma queda de qualidade de apuração. Nos anos 1990, com o surgimento da internet, os próprios jornalistas começam a usar "testemunhas observadoras do acontecimento" como fontes de informação.

Com o tempo, essas fontes passam a se tornar "amadores-profissionais" do jornalismo, como descreve o autor, o que gera a possibilidade de consumir conteúdos que ficariam de fora da mídia tradicional, engolidas pela espiral do silêncio, como disse Noelle-Neumann (*apud* (Barros Filho; Praça, 2014). Porém, Serrano (2013) chama a atenção para o fato de que, mesmo que hoje todos se tornem jornalistas em potencial, bastando ter um smartphone, tablet ou notebook com acesso à internet, nem por isso a informação produzida por eles é menos parcial. "Muitas vezes, os meios alternativos se transformam em tribuna para o desabafo de militantes e não é isso que eles deveriam ser" (*Ibid*, s/n).

Para Serrano (2013), ter uma linha editorial não significa que o veículo deva se limitar a publicar apenas o que está de acordo com a sua visão de mundo. Para o autor, é preciso publicar textos relevantes também de pontos de vista contrários para que não se caia no risco de se encerrar politicamente em uma bolha ocasionando uma distorção da realidade.

Ainda conforme a pesquisa do Reuters Institute[35], as marcas mais confiáveis para obter informação seguem sendo dos grupos tradicionais de mídia no Brasil, como SBT, Record, Bandeirantes, Grupo Globo e Grupo Folha. Contudo, o índice de confiança nos veículos noticiosos é de apenas 48% e apenas 27% acredita que a mídia é independente de poderes políticos ou governamentais. Além disso, mesmo na produção independente dos grupos de comunicação tradicionais, como explica Castells (2017), é impossível ignorar que a infraestrutura da rede pertence a corporações. Os sites mais acessados como o Google, o YouTube e o Facebook pertencem a empresas privadas.

> A difusão da internet e da comunicação sem fio decentralizou a rede de comunicação, dando oportunidade para pontos de entrada múltiplos na rede de redes. Embora o surgimento dessa forma de autocomunicação de massa amplie a autonomia e a liberdade dos atores comunicantes, essa autonomia cultural e tecnológica não leva necessariamente à autonomia comercial da mídia. Na verdade, ela cria novos mercados e novas oportunidades de negócios. Os grupos de mídia se integraram em redes globais multimídia, e um dos objetivos dessas redes é a privatização e a comercialização da internet para expandir e explorar esses novos mercados (Castells, 2017, p.121).

Para o autor, a autocomunicação em massa surge dessas mudanças dos meios tradicionais de comunicação em massa somada às novas possibilidades da comunicação interpessoal trazidas pela Web 2.0 e 3.0. Por outro lado, Castells (2017) lembra que autocomunicação em massa não elimina as demais formas de comunicação. Pelo contrário, os três tipos de processos comunicacionais interagem a todo momento, produzindo novas maneiras de se lidar com a comunicação. Também é incorreto afirmar que os meios de comunicação de massa tiveram sua importância reduzida em grande escala com a internet.

Jenkins (2015) argumenta que, na verdade, as mídias atuam de forma complementar. Isso ocorre, principalmente, no mundo do entretenimento, no qual são criados universos ficcionais presentes em diversas mídias de forma tal que cada um dos meios utilizados construa a história. Para se encaixar nesse modelo, denominado pelo autor de narrativa transmídia, não basta que uma mesma história se repita em diversos meios, como é o caso de tantos filmes que se baseiam em livros. Nesses casos, seria apenas a adaptação de uma história. Para que uma narrativa seja de fato transmidiática, uma pessoa precisa ser capaz de adentrar a história por qualquer um dos meios, ainda que exista uma história principal contada em algum deles (Jenkins, 2009).

---

[35] CARRO, Rodrigo. **Brazil**. Reuters Institute, 15 de junho de 2022. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022/brazil Acesso em 26 de março de 2023.

Inicialmente, esse modelo de narrativa era criado durante a produção da história, não sendo pensada com antecedência. A trilogia de filmes Matrix[36], exemplo citado por Jenkins (2015), gerou revistas em quadrinhos, jogos e outros produtos que agregavam à história, ainda que seguissem personagens secundários. Hoje, inúmeros exemplos podem ser apontados, como Star Wars[37] e muitas outras grandes sagas da cultura pop. O que todos esses universos transmidiáticos têm em comum é a necessidade de participação dos fãs. Aqueles que acompanham a história em múltiplas mídias começam, com a internet, a criar dentro do universo ficcional, gerando especulação de teorias, criação de fanfics (histórias desenvolvidas sobre personagens de universos ficcionais já existentes) e fóruns de discussão na internet.

Muitos dos produtos transmidiáticos tem como uma de suas principais vertentes a televisão, iniciada nos cinemas, a saga Star Wars tem diversas séries televisivas com lançamento concorrente. Podem ser citados como exemplo da saga na TV as séries The Mandalorian, Andor, Obi-Wan Kenobi, O Livro do Boba Fett, entre outros. Esse fato reforça a percepção de Castells (2017) de que a televisão segue sendo um dos grandes expoentes da comunicação de massa, sendo ainda um meio popular. Segundo o autor, o que mudou, mesmo antes da internet, foi a maneira como se consome televisão. Castells cita como exemplo a TV por assinatura, mas, hoje, podemos nos referir também ao streaming. Todas as séries de Star Wars citadas, assim como os files da saga, estão disponíveis no Disney Plus, um dos serviços de streaming da Walt Disney Company.

Moraes (2013) aponta que, no novo mundo criado pela internet, o grau de recursos tecnológicos que uma empresa ou grupo possui está diretamente ligado a influência que ele exercerá no mercado, assim como sua capacidade de adaptação aos diferentes públicos e regiões.

> Para compreender a complexidade do sistema midiático, devemos considerar que a digitalização favoreceu a multiplicação de bens e serviços de "infoentretenimento"; atraiu players internacionais para operações em todos os continentes; intensificou transmissões e fluxos em tempo real; instituiu outras formas de expressão, conexão, intercâmbio e sociabilidade, sobretudo por meio da internet (comunidades virtuais, redes sociais); e agravou a concentração e a oligopolização de setores complementares (imprensa, rádio,

[36] Matrix é, originalmente, uma trilogia de filmes criada pelas irmãs Lana Wachowski e Lilly Wachowski. No enredo, o jovem programador Thomas Anderson descobre que vive em uma realidade simulada, um sistema inteligente e artificial criado por máquinas para manipular a mente das pessoas chamado Matrix. O primeiro filme da saga foi lançado em 1999. Em 2021 foi lançado um novo filme do universo Matrix, o Matrix Resurrections.

[37] Star Wars é uma série de filmes de ficção científica criados por George Lucas. O primeiro deles foi lançado em 1977. O universo criado para os filmes gerou histórias em quadrinhos, videogames, séries televisivas e outros produtos.

> televisão, internet, audiovisual, editorial, fonográfico, telecomunicações, informática, publicidade, marketing, cinema, jogos eletrônicos, celulares, redes sociais etc.). Hoje, executivos de corporações midiáticas aludem a "multiplataformas integradas" para definir a junção de interesses estratégicos em distintos suportes: papel, digital, áudio, vídeo e móvel. Tudo isso sob a égide de três vetores: a tecnologia que possibilita as sinergias; o compartilhamento e a distribuição de conteúdos gerados nas mesmas matrizes produtivas; e a racionalidade de gastos, custos e investimentos (Moraes, 2013, n.p.).

O autor explica que essa convergência permite que um mesmo produto seja reaproveitado em diversas mídias, aumentando a mais-valia e, com isso, a capitalização robusta. A expectativa de lucro com o mercado digital é tamanha que atraiu a atenção de bancos e fundos de investimento, que passaram a se associar com empresas do ramo da comunicação, convertendo-as em importantes atores econômicos. Foi essa mudança de cenário que, segundo Moraes (2013), incentivou o surgimento de conglomerados. Ao se juntarem, as empresas diminuem os riscos de investimento, permitindo tanto um maior potencial de liberdade quanta uma obsessão pela maximização do lucro.

A concentração das propriedades de meios de comunicação tem lados positivos e negativos, para Castells (2017). Dentre as vantagens estão a possibilidade de oferta de vários produtos em uma única plataforma e a maximização das redes de publicidade por meio da customização. Por outro lado, ela também está ligada à concentração de poder, uma vez que os conglomerados midiáticos agem de acordo com suas necessidades comerciais.

Hoje, essas necessidades comerciais requerem que os conglomerados levem em conta o mercado global. Isso porque no caso de produtos cinematográficos, por exemplo, 60% da receita vem de fora dos Estados Unidos (Moraes, 2013). Com isso, há um aumento da demanda para que os conteúdos unam o estilo estadunidense a características culturais regionais. Sendo assim, apesar da intensificação dos conglomerados, não se pode falar em uma dominação unilateral, uma vez que a mídia global influencia e é influenciada pelas mídias locais (Castells, 2017).

Não podemos esquecer também os desafios enfrentados pelos grupos midiáticos tradicionais na era digital, em especial os veículos jornalísticos. Usher (2017) observa que existem três pilares para o webjornalismo a partir da década de 2010: o imediatismo, a interatividade e a participação. Esses valores, segundo o autor, são o resultado da nova realidade online, que demanda notícias de forma ininterrupta e permite, como já havia observado Castells (2017), que uma pessoa se comunique com muitas.

As redes, sem dúvida, mudaram como as notícias circulam (Colombo *et al*. 2023). Os autores observam que hoje há uma mídia híbrida, presente tanto nos meios tradicionais quanto

no ambiente digital, mas as notícias online estão sendo cada vez mais consumidas, ultrapassando a televisão e com um número de assinantes crescente. Colombo *et al.* (2023) lembram ainda que essa mudança na forma de consumo também traz mudanças na produção, uma vez que além de os conteúdos noticiosos serem distribuídos mais rápido, as empresas jornalísticas não controlam mais a maneira como eles circulam.

> No momento em que o usuário entra em uma rede social como o Facebook, é exposto a uma "linha do tempo", que ao acessá-la está sujeito a curtir, comentar ou compartilhar algo de seu interesse. A postagem com interação ganha mais visibilidade e alcança um número maior de pessoas. Esse processo faz com que algumas publicações tenham maior visibilidade e outras nem tanto. Sendo assim, o que é visto por cada usuário é determinado pelas ações de milhares de nós que a rede apresenta (Colombo *et al*. 2023, p. 114).

Os algoritmos, que podem ser descritos como "a series of steps undertaken in order to solve a particular problem or accomplish a defined outcome"[38] (Diakopoulos, 2014, p.3), são determinantes na seleção do conteúdo jornalístico que vemos em nossos *feeds* (Colombo *et al.* 2023). Mas eles não se restringem às notícias ou às redes sociais. Hoje, como explica (Diakopoulos, 2014), os algoritmos controlam uma série de áreas de nossas vidas, tendo poder na operação de mercados, em campanhas políticas e até no desenho dos espaços urbanos. Contudo, eles não são isentos nem de erros e nem de preconceitos, além de serem difíceis de examinar, deixando o público sem clareza do poder e da influência que eles exercem (Diakopoulos, 2014).

No caso do conteúdo jornalístico, o público passa a ter dificuldade de identificar o que merece ou não sua atenção (Ferreira Júnior e Abreu, 2018). Ao mesmo tempo, como explicam Usher (2017) e Colombo *et al*. (2023), o público também faz parte da mecânica de circulação das notícias, já que o ambiente das redes é muito participativo. Sendo assim, jornalistas e veículos noticiosos precisam não só estar presentes nas redes como também buscar estratégias para se destacar nelas. Necessidade que, como aponta Usher (2017) a partir da observação da rotina do *The New York Times*, não é fácil de ser atendida.

Nesse cenário, as *newsletters* e outros tipos de boletins eletrônicos, atuam como guias para os leitores, orientando-os em meio ao conteúdo disperso na internet (Ferreira Júnior e Abreu, 2018). O recuso, como explicam os autores, é usado por grandes veículos, como o *The New York Times*, e atua como uma curadoria jornalística do que importa ou não, sendo também uma forma de atrair a atenção do público.

---

[38] [...] uma série de passos dados para resolver um problema ou atingir um determinado objetivo (Diakopoulos, 2014, p.3, tradução nossa).

Outra estratégia utilizada para se destacar perante os leitores é investir na interatividade. Usher (2017) relata que o *The New York Times*, por exemplo, tem profissionais que se dedicam exclusivamente à produção de reportagens com esses recursos. Porém, a verdade, é que ainda não se sabe ao certo como e se o jornalismo vai recuperar o papel de prestígio e de guia do que é ou não relevante na sociedade. Essas incertezas são um reflexo da volatilidade da própria internet, que já não é a mesma daquela do final de século XX e ainda não parou de se transformar. Resta ao jornalismo acompanhar essa mudança e se adaptar aos novos tempos.

2.4 A INTRÍNSECA RELAÇÃO ENTRE MÍDIA E POLÍTICA

Ao longo deste capítulo pudemos observar que a comunicação sempre esteve presente na vida humana, desempenhando papéis centrais, em especial com o surgimento da comunicação mediada. Porém, ainda que ela esteja presente em todos os campos sociais, não há como negar que a relação entre a comunicação e a política é mais intensa. Foi essa relação que motivou os estudos sobre a comunicação em seu desenvolvimento e, até hoje, é o objeto de muitas pesquisas sobre a comunicação. Uma das razões para isso é que o Estado usa a linguagem para impor uma visão de mundo (Bourdieu, 2001), por isso, não é de se estranhar que a política seja um dos campos que mais dependem da mídia (Thompson, 1998).

Essa interdependência e o impacto que ela pode ter na sociedade já haviam sido percebidos no século XVII, quando os governantes absolutistas impuseram a censura prévia às gazetas e até mesmo criaram seus próprios jornais (Sousa, 2008). Mas, mesmo antes disso, na época dos sofistas (Platão, 2012), a comunicação já era compreendida como relevante para a formação de opiniões e para a tomada de decisões políticas da sociedade.

O que mudou, ao longo dos anos, foi a forma como a comunicação era feita e o controle que os políticos tinham sobre ela. Se na Grécia Clássica as decisões eram tomadas em âmbito público, na Idade Média os reis e príncipes tomavam suas decisões de forma privada, só aparecendo em público para reafirmar seu poder publicamente e não para dar razões para suas decisões (Thompson, 1998). Na Idade Média, como exemplifica o autor, os governantes tinham pouca interação com o povo e, mesmo em momentos em que isso era inevitável, a exposição de sua imagem estava totalmente sob o seu controle.

Geralmente, essas ocasiões eram grandes eventos como coroações, marchas de vitórias e funerais. Nesses eventos, os políticos interagiam somente com os membros da corte. Para o povo, os governantes conseguiam se colocar metafórica e literalmente acima e distante de todos, mantendo o caráter sagrado do poder (Thompson, 1998). Mesmo assim, como, na época, os

fatos só poderiam ser comunicados na interação face a face (a chamada publicidade da co-presença), o público poderia, mesmo que não o fizesse, interagir com os emissores, já que precisariam estar todos no mesmo espaço e, ao mesmo tempo, para que ocorresse a comunicação.

Isso deixou de ser possível com a chegada dos jornais. Como explica Thompson (1998), a mídia deu origem a uma publicidade mediada, na qual não é preciso que todos estejam presentes no mesmo tempo e espaço.

> Com o advento da imprensa o ato de tornar algo público se liberava em princípio de um intercâmbio dialógico dos atos da fala e se tornava cada vez mais dependente do acesso aos meios de produção e transmissão da palavra impressa. Do mesmo modo o ato de testemunhar ou conhecer ações e eventos públicos foi separado, a princípio, do papel de participante potencial de uma interação face a face (Thompson, 1998, p.115).

Desde o início do desenvolvimento do jornalismo fica claro que sua natureza é "eminentemente política". Isso pode ser percebido tanto nas publicações controladas pelo governo quanto naquelas clandestinas, destinadas a criticá-los (Melo, 1985). Com isso, o domínio que os políticos tinham sobre sua imagem se perdeu. Isso porque, se por um lado a imprensa permitia que a imagem dos governantes chegasse a pessoas que antes não teriam acesso a elas, por outro, também permitia que os opositores políticos divulgassem imagens sobre os governantes que estavam em desacordo com o que eles diziam de si mesmos (Thompson, 1998).

A possibilidade de exposição de imagens se intensificou com a chegada da mídia eletrônica. Com isso, tanto líderes políticos quanto celebridades passaram a ter uma exposição de suas imagens maior do que a que tinham antes (Thompson, 1998). Esse crescimento de exposição também fez aumentar a preocupação que essas figuras, especialmente as políticas, tinham com suas imagens, uma vez que a nova realidade afetou a forma como percebemos as nossas lideranças (Meyrowitz, 1985).

Essa mudança se tornou ainda mais perceptível com a chegada e popularização da televisão. Por suas características tecnológicas, a TV é um meio que cria um envolvimento mais profundo com a audiência. "A TV não funciona como pano de fundo. Ela envolve. É preciso estar *com* ela" (McLuhan. 2007). Por isso, segundo McLuhan (2007), ela foi capaz de mudar uma série de características da sociedade americana, desde sua preferência esportiva, quanto no carro que dirigiam até influenciar na forma como a política era feita, valorizando aqueles que tinham maior domínio da linguagem midiática.

Essa percepção de que a chegada da televisão, assim como outras evoluções tecnológicas, mudou inteiramente o cenário político é compartilhada por Thompson (1998) e Meyrowitz (1985). Um dos pontos centrais para isso é o fato que a imagem dos governantes, seja ela positiva ou negativa, ganhou um público muito maior. Por isso, o modo de se portar, a apresentação, a vestimenta e a aparência, de uma maneira geral, se tornaram muito mais relevantes. Além disso, os políticos não tinham escolha "senão a de se submeterem à lei da visibilidade compulsória" (Thompson, 1998, p.124).

E não bastava ser visível, era necessário também se adequar à linguagem do meio. As estratégias de comunicação para a TV variavam conforme o tipo de programa do qual se participava. Na visão de Eco (1984), quem fala olhando para câmera está representando a si mesmo, enquanto quem fala sem olhar para a câmera representa um outro. Segundo o autor, por isso, é mais comum que apresentadores olhem para câmera e atores não, uma vez que ignorar a presença da câmera passa a impressão de que aquela ação aconteceria com ou sem a presença da TV. Ao mesmo tempo, um ator pode olhar para a câmera quando quer dar uma impressão de estar falando com o telespectador, tornando um enredo fictício em algo mais próximo do real (Eco, 1984).

De forma geral, o público entende que os programas de informação têm importância política, enquanto os ficcionais têm relevância apenas cultural (Eco, 1984). Porém, as estratégias utilizadas tanto pelos programas de ficção quanto os de informação entrelaçam os dois gêneros, de forma que não é mais relevante para o público em qual deles se encaixa um programa. Uma consequência que Eco (1984) enxerga para comunhão dessas estratégias é que o público entende que a TV sempre diz a verdade. Além disso, a televisão fez com que a barreira entre o que é público e o que é privado se tornasse tênue, beirando a inexistência. Tudo estava sujeito a ser exposto pela mídia (Meyrowitz, 1985).

É claro que, como lembra Thompson (1998), a televisão lembra, em certo grau, a publicidade de co-presença que existia antes da invenção da imprensa, uma vez que incorpora sons e imagens à publicidade mediada, permitindo aos receptores a visão do que estava acontecendo, a audição do que foi dito e de outros sons. Porém, ela também apresenta diferenças relevantes. Uma delas é que o campo de visão televisivo é muito mais abrangente do que o da iteração face a face e o indivíduo não é livre para escolher a angulação. Além disso, apesar de o público ser maior, apenas o receptor pode ver quem fala e o inverso não é possível (Thompson, 1998).

Na política, o público julgava a capacidade dos políticos de acordo com o seu desempenho em programas televisivos. Com isso, quem não era capaz de se adequar à nova

forma de exposição midiática era considerado um mau político (Meyrowitz, 1985). Entre os anos 1960 e 1980, nos Estados Unidos, a população passou a caracterizar todas as lideranças como maus políticos. Para Meyrowitz (1985), isso significa que, na época, não havia lideranças capacitadas. Na verdade, a percepção do público era um sintoma que os políticos daquele período tinham uma incapacidade de se adaptar à ausência de bastidores trazida pela televisão. Essa ausência impedia que os políticos mantivessem a aura que antes os cercava e os aproximava de pessoas comuns.

> Regardless of competence, regardless of desire, there is a limit to how long any person can play out an idealized conception of a social role. All people must eat, sleep, and go to the bathroom. All people need time to think about their social behavior, prepare for social encounters, and rest from them. Further, we all play different roles in different situations. One man, for example, may be a father, a son, a husband, an old college roommate, and a boss. He may also be President of the United Sates. He needs to emphasize different aspects of his personality in order to function in each of these roles. The performance of social roles, therefore, is un many ways like a multistage drama. The strength and clarity of a particular onstage, or "front region," performance depend on isolating the audience from the backstage, or "back region." […] Yet electronic media of communication have been eroding barriers between the politician's traditional back and front regions (Meyrowitz, 1985. p. 270).[39]

A exposição constante, trazida pela televisão, trouxe consigo novos riscos para a imagem dos políticos. Como não é capaz de ver o público, o político não tem uma resposta imediata das reações do espectador às suas falas. Além disso, o político pode julgar de forma incorreta como algo será percebido pelo público (Thompson, 1998). Para Meyrowitz (1985), isso se agrava uma vez que o político não pode testar seus discursos antecipadamente e, como fala com diversos públicos ao mesmo tempo, é difícil abordar temas que abordem grupos específicos.

Demonstra-se então que dominar a linguagem midiática é vital para o sucesso político. É por isso que se vê com frequência a inserção de pessoas vindas do campo midiático na

---

[39] Independentemente da competência, independentemente do desejo, há um limite de tempo que qualquer pessoa pode desempenhar um papel social concebido idealizadamente. Todas as pessoas precisam comer, dormir, e ir ao banheiro. Todas as pessoas precisam de tempo para pensar sobre seu comportamento social, se preparar para encontros sociais, e descansar deles. Além disso, todos nós desempenhamos diferentes papéis em diferentes situações. Um homem, por exemplo, pode ser um pai, um filho, um marido, um antigo colega de quarto, e um chefe. Ele também pode ser Presidente dos Estados Unidos. Ele precisa enfatizar diferentes aspectos de sua personalidade para atuar em cada um desses papéis. A performance em papéis sociais, por isso mesmo, é de muitas maneiras um teatro com diversos palcos. A força e a clareza de uma performance em um palco, ou região frontal, depende de isolar o público dos bastidores, ou região de fundo. Contudo, a mídia de comunicação eletrônica está corroendo as barreiras entre o palco e os bastidores para os políticos (Meyrowitz, 1985. p. 270, tradução nossa).

política. Nesse sentido, a habilidade midiática se tornaria um capital político, ou seja, um dos recursos e materiais simbólicos necessários para ingressar no meio político, influenciando na popularidade usada para conquistar votos (Miguel *et al.*, 2015). Assim como acontece no meio midiático, a popularidade pode ser adquirida em outro campo social e transposta para a política. É também comum que a capacidade de angariar votos venha de relações familiares, status econômico, trajetória acadêmica e associação com movimentos sindicais. No caso da mídia, atores, esportistas, celebridades e esportistas costumam ter facilidade de transpor sua popularidade para o meio político (Miguel *et al.*, 2015).

Esse grupo pode ter uma vantagem frente ao demais, já que, todos os políticos, independentemente de seu grupo social de origem, precisam se submeter à regra de exposição midiática (Meyrowitz, 1984). Com isso, como explica Miguel (2003), políticos que já dominam as regras do jogo da mídia, tentem a se desempenhar melhor.

> A visibilidade alcançada graças aos meios de comunicação de massa é importante tanto por angariar credibilidade diante dos chefes partidários, financiadores de campanha e outros operadores políticos quanto por facilitar a identificação dos eleitores. Assim, muito mais do que simplesmente permitir o ingresso de amadores no campo político, os meios de comunicação de massa facilitam "pulos" na carreira, conforme observado acima, e são um recurso crucial nas disputas pelos cargos do topo da carreira (Miguel, 2003, p.132).

A habilidade midiática, porém, não impede que todos caiam em certos riscos presentes na mídia, como as gafes e os escândalos. Para Thompson (1998), os governantes devem contar sempre com a possibilidade de visibilidade indesejada e isso, de certo modo, dificulta que os políticos hajam de forma secreta, "por baixo dos panos". Por outro lado, esses problemas da comunicação mediada tornam os governos mais frágeis, provocando desilusões com os políticos e com a política e podendo facilitar o surgimento de figuras supostamente intocadas.

Dada essa realidade, é inegável que as mídias eletrônicas, em especial a TV, desempenharam um papel relevante de influência na sociedade do século XX. Percebia-se, naquele momento, que a mídia assumia papéis antes restritos ao campo político, como a construção da agenda política, que antes era feita pelos partidos (Lima, 2004). Assim, como afirma o autor, a política não poderia se manter de forma independente da mídia e, por isso, buscavam-se maneiras de inserção no discurso midiático.

Para algumas perspectivas, como a etnoconstrucionaista, o campo jornalístico é um alvo prioritário para os políticos, que tentam fazer coincidir seus interesses com o dos profissionais da mídia (Traquina, 2001). Esse fato traz consequência. Ao mesmo tempo que os jornalistas se beneficiam dessa aliança, já que conseguem fontes com autoridade e credibilidade que

possibilitam com que sua produtividade de notícias seja maior, as chances de movimentos sociais conseguirem ter voz na mídia diminui. Com isso, “as fontes oficiais dominam o processo de produção das notícias e que os mídia noticiosos reforçam o poder instituído” (Traquina, 2001, p. 123).

Mas, para se inserir na mídia, é preciso seguir as regras do jogo midiático. Uma das maneiras mais eficientes de se inserir na imprensa é utilizar os critérios de noticiabilidade (Gomes, 2004). A imprensa se interessa pelo que é extraordinário e belo. Se é assim, os políticos passam a produzir fatos que sejam tanto atrativos quanto impactantes, criando um verdadeiro espetáculo. Esse é um dos motivos pelos quais é comum ver comícios que contam com apresentações de artistas.

Não que os espetáculos sejam novidade no meio político. Como relatou Thompson (1993), a espetacularização já fazia parte da política antes da chegada da mídia. Rubin (2002) afirma que o espetáculo já estava presente no mundo da política desde a Grécia Antiga, sendo uma das formas de construção de legitimidade deste meio.

> A política não se realiza sem o recurso às encenações, aos papéis sociais especializados, aos ritos e rituais determinados. [...] toda e qualquer manifestação da política, anterior ou posterior a nova circunstância societária, supõe sempre encenação, ritos etc. A mudança acontecida, portanto, não diz respeito à dimensão estética ou espetacular da política, mas a potência e a modalidade de seu acionamento em uma nova formação social (Rubim, 2002, p. 7).

Já não é mais possível viver em uma sociedade sem mediação (Rubim, 2002). Essa dependência, em especial da imprensa, é, para Gomes, (2004), o motivo pelo qual as notícias espontâneas no mundo político têm se tornado cada vez mais raras. Elas estão dando espaço a fatos pré-fabricados com o intuito de chamar a atenção dos noticiários (Gomes, 2004). Soma-se a isso a criação de narrativas dramáticas feitas pelos próprios jornalistas. Nelas, o mundo da política é repleto de vilões e mocinhos, onde os jornalistas interpretam os arautos da verdade e os políticos estão quase sempre mal-intencionados (Gomes, 2004).

Nesse contexto, figuras de líderes políticos têm mais relevância do que os próprios partidos. Para Manin (1995), as pessoas votam mais conforme a personalidade dos candidatos do que por identificação com um partido. Além disso, como explica Brioli (2017), uma das principais características da política noticiada é que ela se concentra em torno de poucos atores políticos que também fazem parte do processo de algumas fases do processo de produção da notícia.

> Isso não significa que o *jornalismo* e a *política* estejam em harmonia, mas que um modo de realização do jornalismo e um modo de realização da política nas democracias são complementares. Não significa, também, ausência de disputas. As disputas entre os atores políticos pela definição da agenda - e me refiro aos atores políticos em sentido abrangente, considerando movimentos sociais, por exemplo, e não apenas os atores do campo político em sentido mais restrito - permitiriam observar como os filtros que os meios de comunicação colocam em ação, ao definir os temas e atores que têm acesso ao noticiário, situam-nos, sobretudo, em relação às fronteiras da política, mais do que em relação a partidos políticos específicos. Desse ponto de vista, as disputas entre jornalistas e políticos (que se expressam hoje, sobretudo, no que diz respeito ao controle sobre informações relacionadas a escândalos e ao controle sobre a imagem pública dos políticos e partidos) são menos expressivas do que os acordos fundamentais sobre o que é, o que abrange, onde se faz e quem faz política (Brioli, 2017, p.99).

Isso significa que, ainda que haja dúvidas do relevante papel que a mídia exerce sobre a política e sobre a sociedade, seu poder é limitado. Aliás, a força do poder da mídia tem se alterado à medida que os processos de mediação se modificam (Braga, 2006 e 2011). Essa mudança se acentuou com a chegada da internet nos anos 1990 e a possibilidade trazida por ela de trocar mensagens, em tempo real, com um grande número de pessoas em um processo de autocomunicação de massa (Castells, 2017).

A principal mudança, para Braga (2012), é a transformação do receptor em um sujeito ativo no processo comunicacional, que não depende das mídias de massa para as práticas interacionais. Para as mídias de massa isso significa uma redução de sua autonomia comparado ao período em que as mídias eletrônicas eram predominantes. Isso porque deixou de haver uma divisão clara entre a sociedade e a mídia (Braga, 2012). O que há agora é um processo de midiatização constante, em que há

> [...] uma criação e recriação contínua de circuitos, nos quais, articulados com processos de oralidade e processos do mundo da escrita, os processos que exigem ou exercem intermediação tecnológica se tornam particularmente caracterizadores da interação (Braga, 2012, p.50).

Para Gomes (2016), uma vez que a mídia enuncia a informação e cria significados, ela se relaciona aos processos de significação e aos processos sociais. Assim, forma-se um ciclo em que a qualidade do processo midiático influencia na rapidez e na eficácia da comunicação. Esses dois fatores em conjunto impactam o nível de comunicação da sociedade que, por sua vez, faz com que nossas próprias identidades sejam formadas a partir da nossa interação com os meios. Com a chegada da internet e a sua difusão, os seres humanos entram em contato com a tecnologia desde cedo e isso molda as nossas identidades e personalidades, dando origem a uma sociedade em midiatização.

Esse processo, que ganhou novas facetas com a chegada da internet, existe desde quando os meios de comunicação passaram a interferir nos processos sociais, integrando-se e interpondo-se às demais instituições (Hjavard, 2012). A midiatização, como explica o autor, é o processo a partir do qual esses processos passam por uma reformulação para se adaptarem à lógica da mídia. Ao contrário do que alguns possam pensar, isso significa que a mídia depende de outras instâncias sociais, como a religião, a família e a cultura, portanto, não pode ser tratada como desvinculada desses campos.

> A midiatização diz respeito às transformações estruturais de longa duração na relação entre a mídia e outras esferas sociais. Em contraste à mediação, que lida com o uso da mídia para práticas comunicativas específicas em interação situada, a midiatização preocupa-se com os padrões em transformação de interações sociais e relações entre os vários atores sociais, incluindo os indivíduos e as organizações. Desta perspectiva, a midiatização envolve a institucionalização de novos padrões de interações e relações sociais entre os atores, incluindo a institucionalização de novos padrões de comunicação mediada (Hjarvard, 2012. p.24).

Esse fenômeno pôde ser percebido primeiro na comunicação política e na opinião pública. Um exemplo disso são os momentos em que políticos personalizam ou polarizam questões, aproximando suas mensagens da lógica midiática e aumentando a chance que elas sejam veiculadas (Hjavard, 2012). Como vimos, isso já acontecia antes da internet, em especial na televisão (Meyrowitz, 1985 e Thompson, 1998). Mas é preciso reforçar que, hoje, a adaptação à lógica da mídia engloba todos os campos sociais, uma vez que "a midiatização é impulsionada tanto pelo desenvolvimento da mídia como pelas dinâmicas de uma variedade de outras instituições nas quais os agentes sociais tentam fazer uso dos recursos da mídia para seus próprios propósitos" (Hjarvard, 2012. p.41).

Apesar de estar inserida em todos os campos sociais e provocar alterações neles, a midiatização não deve ser confundida como uma espécie de colonização da mídia sobre a sociedade. Não se trata de um processo linear e unidirecional, mas, sim, de um processo recíproco no qual mídia, cultura e sociedade se tornam interdependentes (Hjavard, 2012).

Mesmo a midiatização tendo estado presente na sociedade há um longo tempo, a chegada da internet trouxe novos recursos e, certamente, acelerou esse processo (Ferrara, 2020). As mídias digitais e suas novas ferramentas possibilitaram que a política possa se comunicar de maneira mais independente dos meios tradicionais de comunicação, ameaçando, em certo grau, o lugar de fala do campo jornalístico (Fausto Neto, 2012).

Um exemplo bem-sucedido de estratégia de midiatização foi a aplicada pelo Instituto Lula quando o então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva entra em tratamento contra um

câncer na laringe. Fausto Neto (2012) avalia que, ao antecipar por meio das plataformas digitais a existência da doença e os efeitos da quimioterapia sobre o corpo de Lula, o Instituto se tornou o principal mediador sobre a transmissão da informação sobre a doença. Isso impediu que o campo jornalístico fosse o primeiro a tratar sobre o tema e, ao mesmo tempo, exerceu influência sobre o enquadramento noticioso que seria empregado pelos veículos.

A estratégia não impediu que a mídia tradicional se apropriasse do fato e o transformasse. Ao publicar reportagens dando detalhes sobre esse tipo de câncer, o campo jornalístico demonstrou que estava presente como intermediador de acontecimentos (Fausto Neto, 2012). O que o Instituto Lula fez ao apresentar os fatos utilizando enquadramentos que considerava mais importantes para Lula foi iniciar a circulação daquela informação. E o fez, como lembra Fausto Neto, segundo a lógica do campo comunicacional, ainda que iniciada fora da instância midiática tradicional. Fausto Neto (2012) observa que o informe segue a lógica do campo comunicacional. Além disso, a circulação do fato passa a uniformizar os discursos sobre o tema. Fundem-se, assim, tanto lógicas do campo político quanto do campo da comunicação.

Nesta análise, Fausto Neto (2012) endossa a afirmação de Braga (2012) de que o processo de midiatização quebra a hierarquia e deixa de lado as mecânicas de funcionamento dos campos simbólicos instituídos, desafiando o seu poder. Passa a vigorar a compreensão de que "na sociedade em midiatização, não são 'os meios', ou 'as tecnologias', ou 'as indústrias culturais' que produzem os processos – mas sim todos os participantes sociais, grupos *ad-hoc*, sujeitos e instituições que acionam tais processos e conforme os acionam" (Braga, 2012, p.50)

Porém, isso não quer dizer que o poder de tais campos está em risco. Na verdade, como afirma Braga (2012), o que vivemos é um período de transição. Esse pensamento é compartilhado por Ferrara (2020) que ressalta que não vivemos ainda em uma sociedade midiatizada e, sim, em uma sociedade em midiatização.

Há que se destacar, contudo, que a midiatização não traz apenas aspectos positivos. Em verdade, conforme o estudo realizado pelo Instituto Reuters em 2019, fatores como a polarização política e a disseminação de notícias falsas contribuem para a queda de confiança em veículos jornalísticos[40]. Uma versão mais atual desse estudo, feita em 2024, aponta que a difusão de notícias falsas em redes sociais, como o TikTok e o X (antigo Twitter) tem sido uma preocupação no país e 47% dos brasileiros evitam de vez em quando ou com frequência terem acesso a notícias. Além disso, enquanto personalidades como Whindersson Nunes acumula

[40] VALENTE, Jonas. Polarização política e fake news impactam confiança no jornalismo. **Agência Brasil**, Brasília, 13 jun. 2019. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-06/polarizacao-politica-e-fake-news-impactam-confianca-no-jornalismo. Acesso em: 03 abr. 2025.

dezenas de milhões de seguidores no TikTok, a TV Globo tinha apenas cerca de 6 milhões na data de realização da pesquisa[41].

[41] CARRO, Rodrigo. Relatório de Notícias Digitais 2024: Brasil. **Reuters Institute for the Study of Journalism**, 17 jun. 2024. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2024/brazil. Acesso em: 03 abr. 2025.

3. A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E A IMAGEM DO BRASIL

Quem somos? Essa é uma questão que vem motivando os pensadores da Era Moderna. O questionamento se explica dado o contexto do início dessa fase histórica, marcada por intensas transformações sociais. Conforme explica Giddens (2002), a modernidade surgiu na Europa após o fim do feudalismo, porém, ganhou proporções globais a partir do século XX.

Na primeira fase da modernidade, do século XVI ao século XVIII, as pessoas que presenciaram seu surgimento não tinham clareza do que estava acontecendo (Berman, 1986). Porém, a partir de 1790, quando a segunda fase da modernidade se inicia, as pessoas passam a ter ciência de que vivem um período revolucionário. Ainda assim, como explica Berman, o mundo não é ainda inteiramente moderno até o fim do século XIX.

Para Giddens (2002), a modernidade é muito marcada pela inclusão da lógica da industrialização e do capitalismo na sociedade. Uma das características centrais da modernidade é seu dinamismo. O autor argumenta que, ao contrário do que acontecia em tempos pré-modernos, a Era Moderna é marcada por transformações sociais rápidas e profundas. Uma das razões para isso é a separação das ideias de tempo e espaço, indivisíveis em eras pré-modernas.

Essa ruptura foi ocasionada, em grande medida, pela criação do relógio mecânico. Se antes cada sociedade tinha suas próprias formas de marcar o tempo, muito ligadas ao território, com a chegada desse instrumento houve uma universalização da maneira como o tempo era medido e, consequentemente, uma mudança na percepção de tempo e espaço (Giddens, 2002). Por sua vez, o esvaziamento dessas duas instâncias é crucial para a compreensão do "desencaixe das instituições sociais" ocorrido no período moderno.

Esse desencaixe tem dois mecanismos. O primeiro deles são as "fichas simbólicas", que estabelecem um valor padrão para meios de trocas, como o dinheiro. Giddens (2002) explica que o dinheiro é um exemplo claro da separação do espaço-tempo, uma vez que permite trocas entre pessoas que nunca se viram pessoalmente. Já o segundo são os "sistemas especializados", que são conhecimentos técnicos que também contribuem para a ruptura do espaço-tempo, como é o caso dos meios de transporte (Giddens, 2002).

Outra característica típica da Era Moderna é a reflexividade. Ela é um ponto central na ruptura da modernidade em relação às eras pré-modernas. Isso porque a modernidade é pós-tradicional, não seguindo práticas pré-estabelecidas (Giddens,2002). Fundadores do pensamento moderno, os Iluministas tinham a intenção que a lógica científica substituísse a

religiosa e a razão superasse a tradição. Porém, para Giddens (2002), a reflexividade vinda do pensamento científico não permite que sejam criadas certezas, já que tudo está aberto a revisões.

Todas essas alterações fizeram, na visão de Arendt (2007), com que as pessoas perdessem suas referências de mundo comum. A autora explica que é no espaço público que se constitui a construção da vida política e da cidadania. Porém, para Arendt (2007), a Modernidade trouxe consigo um individualismo exacerbado.

Essa característica típica da Modernidade se explicaria pelo fato de que, na Era Moderna, os seres humanos perderam a base que utilizavam para julgar o bem e o mal. Arendt *apud* Telles (1990) explica que as concepções ditadas pela religião ou pela tradição orientaram a ação humana dentro da sociedade em tempos pré-modernos. Mas, desde o fim da Grande Guerra, a autora aponta que os humanos perderam este apoio e passam a ter que se basear no senso comum para compreender e julgar o mundo.

O senso comum, por sua vez, é baseado nas experiências e, para Arendt, transforma-se quase em um sexto sentido. Segundo Gumbrecht (2010), nossa relação com o que está à nossa volta depende dos sentidos que controlamos. Para ele, na Modernidade, os seres humanos estão sempre em busca de dar sentido àquilo que vivem, em especial àquilo que não podem controlar. "A interpretação do mundo começa a ser entendida como uma produção ativa de conhecimento acerca do mundo: é vista, acima de tudo, como algo que 'extrai sentidos inerentes' dos objetos do mundo – nesse aspecto está o passo decisivo em direção à Modernidade" (Gumbrecht, 2010, p.48). O autor aponta ainda que a cultura ocidental é uma cultura do presente e que isso se dá pela materialidade possibilitada pela linguagem.

> Qualquer forma de comunicação implica tal produção de presença. Qualquer forma de comunicação, com seus elementos materiais, "tocará" os corpos das pessoas que estão em comunicação de modos específicos e variados – mas não deixa de ser verdade que isso havia sido obliterado (ou progressivamente esquecido) pelo edifício teórico do Ocidente desde que o *cogito* cartesiano fez a ontologia da existência humana depender exclusivamente dos movimentos do pensamento humano (Gumbrecht, 2010, p.39).

A comunicação também é responsável pela criação de um mundo comum ou pelo espaço público, conforme aponta Hannah Arendt (2007). A pensadora entende que o espaço público deve ser compreendido como a instância que está aberta a todos os indivíduos em igualdade moral e política, com potencial de participação política.

Para Arendt (2007), das três atividades inerentes à vida humana – labor, trabalho e ação política, é justamente a terceira que se exerce fundamentalmente no espaço público sem

distinções e permite compartilhar um mundo comum. Quando se tenta excluir cidadãos do debate e se perde o senso de diversidade, abre-se mão justamente da condição humana.

Nessa perspectiva, Telles (1990, p.29) argumenta que "a dissolução desse espaço público significa a perda de um 'mundo comum' que articula os homens numa trama visível feita por fatos e eventos tangíveis no seu acontecimento e que se materializa na comunicação intersubjetiva, através da qual as opiniões se formam e os julgamentos se constituem". Tanto Telles (1990) quanto Arendt (2007) apontam para o risco do declínio do espaço público, culminando em Estados autoritários ou totalitários.

Realmente, o século XX foi marcado pela ascensão desse tipo de regime em todo o planeta. Para Berman (1986), esse também é o século que marca a terceira fase da modernidade, em que sua lógica se espalha por todo o mundo. Por outro lado, à medida que se espalha, a modernidade também se fragmenta e perde sua capacidade de dar lógica ao mundo (Berman, 1986).

Esse movimento de expansão da modernidade sempre existiu, porém, no final do século, em especial a partir dos anos 1970, ele ganhou ainda mais força (Giddens, 2002). Esse momento, marcado pela globalização (também chamada de modernidade tardia ou alta modernidade) é marcado por acontecimentos distantes com capacidade de influenciar acontecimentos próximos e até a própria intimidade. Giddens (2002) ressalta o papel da mídia impressa e eletrônica nessa realidade e, para Castells (2018), a chegada da Internet e da Sociedade em Rede intensificou esse processo. Para o autor, vivemos um tempo de crise, onde as instituições não têm mais o poder que tinham na construção das identidades. Mas, afinal, o que é a identidade?

É isso que será discutido no primeiro tópico deste capítulo, "Como as identidades são construídas". Autores como Berger e Luckman (1998), Castells (2018), Hall (2006), Taylor (1997), Honneth (2003) e Bourdieu (2001) tratam de como a identidade, seja individual ou coletiva, é moldada por fatores sociais, culturais e históricos. Já no segundo tópico do capítulo, "Como as identidades são construídas", trata do processo de formação das identidades nacionais, levando em conta fatores históricos e de relações de poder. Alguns dos principais autores que embasam esse tópico são Hall (2006), Castells (2018), Benjamin (1987), Pollak (1992) e Anderson (2008).

O último tópico do capítulo, "Esse é o Brasil", é dividido em quatro partes, visando apresentar as perspectivas clássicas da identidade nacional, especialmente de Freyre (1995 e 2004) e Holanda (1987) – no subtópico "A construção da identidade nacional" –; as ideias internacionais sobre o Brasil desde o início da colonização, como trazem autores como Lisboa

(1997 e 2000), Diehl (1998), Skidmore (1994) e Schwartz (2000); as visões atuais sobre o país, principalmente baseado nas ideias de Souza (2009) e Schwarcz e Starling (2018); e os estudos sobre o retrato do Brasil na mídia internacional, utilizando, principalmente, autores como Dota (2010), Almeida (2018), Brasil (2013), Sales (2016), Dias (2015), Paganotti (2007) e Buarque (2022).

3.1 COMO AS IDENTIDADES SÃO CONSTRUÍDAS

Em seu sentido mais utilizado na vida cotidiana, o termo "identidade" pode ser compreendido como as características que possuímos capazes de nos distinguir dos demais[42]. Contudo, este conceito, como explicam Berger e Luckmann (1998) não pode ser compreendido como uma interpretação unicamente subjetiva, uma vez que a nossa identidade é formada a partir do contexto cultural e social em que estamos inseridos.

Para Castells (2018), as identidades dão significado às vivências de um povo. Essas significações, por sua vez, são construídas a partir de elementos culturais. Já Berger e Luckman (1998) acreditam que a nossa identidade está ancorada na nossa compreensão da realidade cotidiana. Ao mesmo tempo, para eles, a própria realidade é uma construção social que se divide entre três esferas: a individual, a de grupo e a social.

No primeiro nível, o indivíduo adquire conhecimento à medida que aplica seus valores aos fatos, formando uma ideologia própria. Essas ideias individuais ajudam a construir os grupos ou classes. Por sua vez, a interação dos valores e entendimentos de mundo das várias classes é que vão construir o pensamento e as ideologias da sociedade (Berger e Luckmann, 1998).

Taylor (1997) também dialoga com estes conceitos. O autor acredita que o *self* hoje é complexo, dividindo-se em três facetas, cada uma delas derivadas de linhas de pensamento que surgiram ao longo da História humana, mas que hoje coexistem. A primeira delas é a nossa profundidade, que nos caracteriza como indivíduos. A segunda é moldada pela nossa realidade cotidiana; já a terceira seria a natureza como fonte de moralidade.

Para Berger e Luckmann (1998) uma vez que o "eu" só pode ser compreendido levando-se em conta o contexto e as relações sociais em que foi formado, não existe uma essência humana boa ou má. Segundo os autores, a realidade objetiva tem por base ações que se repetem

[42] DICIONÁRIO MICHAELIS. **Identidade**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/identidade/> Acesso em: 30 de abril de 2022.

até se tornarem hábitos. Quando isso acontece as ações são tipificadas, ou seja, ganham nomes. A partir daí ocorre a institucionalização, que, por sua vez, poupa os indivíduos de tomarem decisões, pois as tomam baseados na tradição.

A institucionalização acontece de duas maneiras. Ela pode ser completa, quando todos os problemas e realidades dos indivíduos são compartilhados. Já quando a institucionalização é parcial, os indivíduos têm apenas um conjunto de problemas em comum. Nesse caso, apenas esse conjunto é institucionalizado.

Berger e Luckmann (1998) explicam que a transmissão desses conhecimentos implica no uso de ferramentas de controle e legitimação. Uma delas são os papéis sociais, relacionados à divisão do trabalho e à ordem social. Castells (2018) alerta para que os papéis sociais não sejam confundidos com a identidade de um indivíduo. Afinal, as bases culturais nas quais um indivíduo constrói sua identidade podem ser multifacetadas e inter-relacionadas. Por essa razão, um indivíduo e até atores sociais coletivos podem ter identidades variadas.

Mesmo assim, Castells (2018) não nega que os papéis sociais podem participar da construção identitária. Porém, uma vez que eles são definidos pelas regras e estruturas das instituições e organizações sociais, sua influência no comportamento individual dependerá da relação que essas organizações têm com aquela pessoa.

As identidades, por outro lado, dependem de um processo de internalização e individualização. As instituições dominantes só podem influenciar na identidade a partir do momento que os indivíduos internalizam as normas dessas instituições. Ainda assim, como explica Castells (2018, p.55), as “identidades são fontes mais importantes de significado do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individuação que envolvem. Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções”.

Berger e Luckmann (1998) reconhecem que as ideias individuais e dos grupos não são transmitidas em sua totalidade para a sociedade. A partir do nível de adaptação dos indivíduos, eles recebem classificações como mais ou menos alienados, loucos, revolucionários etc. Aqueles que não conseguem se adaptar à sociedade são excluídos por ela. As sanções que punem aqueles que não seguem as normas, que podem incluir até a morte, também são consideradas ferramenta das regras de conduta e controle.

Para Berger e Luckmann (1998), essas ferramentas trabalham para que as objetivações sociais sejam interiorizadas pelas pessoas, ou seja, para que sejam assimiladas, transformadas em algo subjetivo. Essa assimilação é que constrói a identidade do indivíduo. Isso quer dizer

que a identidade é construída a partir do mundo objetivado e depende da posição do indivíduo dentro do grupo.

Da mesma forma, um dos pontos centrais, na visão de Taylor (1997), é de que identidade e moralidade são conceitos interconectados. Para o autor, toda moralidade está ligada a um lugar, a um contexto e a um período histórico, uma vez que é ela a responsável por ditar o que é certo e o que é errado na rede de relações em que vivemos. Sendo assim, toda e qualquer identidade também possui entendimentos de bem e de mal que nos permitem tomar decisões de como agir. Ou seja, quem somos depende da nossa capacidade de tomar posições. Em outras palavras:

> Minha identidade é definida pelos compromissos e identificações que proporcionam a estrutura ou o horizonte em cujo âmbito posso tentar determinar caso a caso o que é bom, ou valioso, ou o que se deveria fazer ou aquilo que endosso ou a que me oponho. Em outros termos, trata-se do horizonte dentro do qual sou capaz de tomar uma posição (Taylor, 1997, p.44).

Ao mesmo tempo, o que compreendemos como bom e valoroso está intrinsecamente ligado ao ambiente e a cultura em que estamos inseridos. Como explica Taylor (1997), o que é considerado moral para um cristão não necessariamente corresponde às ideias do que é certo e do que é errado de um anarquista. Taylor argumenta que o *self* se constitui a partir de conexões – na rede familiar, no tecido social e na comunidade.

Para que isso aconteça, segundo Berger e Luckmann (1998), é preciso haver uma socialização primária, a feita na infância. Neste período o indivíduo constrói sua identidade a partir do que ele não é. Ele é apresentado ao mundo por sua família, chamada pelos autores de "outros significativos".

Como a criança não escolhe seus outros significativos, também não escolhe a visão de mundo que passa ser compartilhada por ela e pela família (Berger e Luckman, 1998). Nesse momento, a criança se identifica com seus "outros significativos" e se sente pertencente a um grupo. Esse sentimento é essencial para que ocorra a interiorização do mundo compartilhado e a formação da identidade. Afinal, na visão dos autores, a personalidade é uma fusão da identidade atribuída pelos outros (objetiva) e a autoidentificação (subjetiva).

Porém, segundo Berger e Luckmann (1998), apenas socialização primária não basta, é preciso haver uma socialização secundária. Esta segunda fase acontece durante toda a vida do indivíduo nas instituições das quais fizer parte. Porém, esses conhecimentos não estão associados a questões emocionais, por esta razão, eles têm maior chance de não serem conservados.

Percebe-se, então, que, para os autores, a socialização nunca está completa. Sendo assim, é preciso pensar em maneiras de conservação da realidade. Isso pode ocorrer de duas maneiras: a conservação rotineira, ligada à vida cotidiana; e pela conservação crítica, usada nos momentos de crise. As técnicas usadas para manter a realidade nesses momentos críticos podem envolver rituais e até o uso de força.

Porém, idealmente, como explica Bourdieu (2001), a realidade como uma construção social não deve ser percebida pela sociedade. Segundo o autor, é necessário haver uma naturalização desse processo de construção de tal forma que o poder da classe dominante não seja percebido pelas classes dominadas. Esse poder foi classificado por Bourdieu como simbólico.

O poder simbólico é uma forma de expressão de outros tipos de poder. Ele está presente em todos os campos sociais e universos simbólicos que, ao mesmo tempo, são construídos por ele e ajudam a estruturá-lo. Isso acontece porque a comunicação e o conhecimento fazem uso dos símbolos para a construção de consensos quanto a ordem social. É desta maneira que as ideologias, que são representações de interesses particulares, são apresentadas como sendo de interesse coletivo.

> É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os "sistemas simbólicos" cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação de dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço de sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a "domesticação dos dominados" (Bourdieu, 2001, p.11).

Enquanto Bourdieu fala da importância da comunicação e do conhecimento na construção ideológica, Manheim *apud* Legros et al. *(*2007) ressalta a relevância da comunicação na instituição de crenças. Segundo o autor, é necessário lembrar que existem dois tipos de crenças: a ideologia e a utopia. A primeira acontece quando os indivíduos alinham um tipo de pensamento com seus próprios interesses, preservando o *status quo*. Já a segunda se dá quando há uma pressão por mudança do que está estabelecido. Os indivíduos baseiam suas ações nas representações imaginativas do mundo, que mudam conforme o tempo. Também não é possível pensar que por estarem inseridos em uma mesma cultura, todos pensarão da mesma maneira. Passado e futuro existem virtualmente no presente.

Concordando com essa lógica, Castells (2018) afirma que as identidades estão sempre vinculadas a relações de poder. Para o autor, a construção da identidade está associada a diversos fatores como a religião, memória coletiva, história, geografia e até fantasias pessoais.

Porém, todos esses fatores podem ser compreendidos de maneira diversa pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, dependendo de como as tendências sociais e projetos culturais se inserem no tempo e no espaço, bem como na estrutura social dominante.

Levando essa lógica em conta, Castells (2018) estabelece três tipos de identidades que podem ser formadas. A primeira delas é a "identidade legitimadora". Este modelo é instituído pelas instituições dominantes de maneira a legitimar e expandir o seu poder. Porém, os atores sociais estigmatizados criam uma "identidade de resistência" que servem como uma trincheira contra os princípios dominantes da sociedade. Algumas identidades de resistência podem evoluir e se tornar uma "identidade de projeto", redefinindo os papéis sociais e buscando a transformação da sociedade, é o que aconteceu com o feminismo.

Honneth (2003) acredita que esses conflitos sociais são baseados em uma luta por reconhecimento. No âmbito jurídico, por exemplo, o autor defende a necessidade de haver a possibilidade de se diferenciar individualmente dentro das liberdades sociais e que exista uma pressão para que mais grupos sejam abarcados pelo direito. Quando há situações de desrespeito e de falta de reconhecimento, essas situações se transformam em reivindicação de direitos.

Essas lutas que fazem parte da construção da identidade e participam da evolução social, gerando uma progressão da moral nas questões de reconhecimento, fazem parte tanto das esferas públicas quanto privadas. Mas Honneth (2003) aponta que é preciso saber diferenciar os motivos das lutas históricas, identificando o que é progressivo e o que é regressivo.

Para tanto, o autor desenvolve seu próprio conceito de eticidade, que, para ele, pode ser definida como um conjunto normas definidas entre sujeitos que são compreendidas como pressupostos da autorrealização. Com isso, segundo Honneth (2003), a tendência é de que os membros da sociedade se sintam mais livres e seguros, uma vez que são reconhecidos. A eticidade seria capaz de colocar o amor como elemento básico para uma vida ética.

Contudo, como explica Castells (2018), é importante destacar que as identidades não se encerram em si mesmas, não são estáticas. Da mesma forma que a identidade de resistência pode se transformar em uma identidade de projeto, estas identidades podem evoluir para uma identidade legitimadora.

Castells explica que as identidades legitimadoras são aquelas responsáveis pela sociedade civil. Nesse modelo, os atores sociais racionalizam e expandem as fontes de dominação social por meio de um conjunto instituições e organizações sociais. Por outro lado, as identidades de resistência formam as comunas ou comunidades. Para Castells (2018, p.57): "É provável que seja esse o tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade. Ele dá origem a formas de resistência coletiva diante de uma opressão".

Se os dois modelos iniciais de identidade formam organizações coletivas, o terceiro modelo, o da identidade de projeto, é o único capaz de formar sujeitos. Mais do que um indivíduo, um sujeito, para Castells (2018) deve ser entendido como um ator social que atua para a transformação da sociedade.

As ideias de Castells (2018) que pregam a multiplicidade e as transformações identitárias estão muito próximas do que Hall (2006) chama de concepção pós-moderna de identidade. O autor explica que a identidade foi entendida de maneiras diversas ao longo dos séculos.

Uma das primeiras concepções de identidade é a Iluminista. Segundo o autor, na época, havia uma concepção muito "individualista" da identidade, uma vez que se acreditava que o indivíduo tinha como centro um núcleo interior contínuo e idêntico a ele. Esse sujeito, sempre descrito como masculino, era unificado, tinha capacidades de ação, consciência e razão.

No século XX, conforme explica Hall (2006), predominou-se a noção do sujeito sociológico. Esse sujeito seria um reflexo do mundo moderno e suas complexidades. Diferente do sujeito Iluminista, o núcleo interior do indivíduo não era visto como autônomo e autossuficiente, mas formado por suas relações com as pessoas importantes para ele. Essa é a vertente de autores como Berger e Luckmann (1998) e Taylor (1997).

Na visão sociológica, a identidade serviria como uma união entre o interior e o exterior de um indivíduo. O seu papel seria estabilizar os sujeitos e também os mundos culturais em que eles vivem. Dessa maneira, como explica Hall (2006), sujeito e sociedade estariam "suturados" e, por estarem unidos, ambos se tornariam mais previsíveis.

Contudo, Hall (2006) acredita que essa visão perde a força a partir da segunda metade do século XX, quando a "modernidade tardia", ou globalização, ganha mais força. Nesse período, o sujeito passa a ser visto como fragmentado, composto por múltiplas identidades nem sempre coerentes. Hall acredita que o sujeito da sociedade pós-moderna não tem uma identidade permanente.

> O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (Hall, 2006, p. 13).

Assim como Hall, Castells (2018) percebe a influência da "modernidade tardia" na construção da identidade. Para ele, a globalização alterou a forma como as identidades são

compreendidas. Além disso, a sociedade em rede também trouxe novas formas de organização social e de construção de sujeitos. Agora,

> sujeitos, se e quando construídos, não são mais formados com base em sociedades civis que estão em processo de desintegração, mas, sim, como um prolongamento da resistência comunal. Enquanto na modernidade a identidade de projeto fora constituída a partir da sociedade civil (como, por exemplo, no socialismo, com base no movimento trabalhista), na sociedade em rede, a identidade de projeto, se é que se pode desenvolver, origina-se a partir da resistência comunal (Castells, 2018, p.59).

A exemplo disso, Hall (2006) cita o caso da indicação do juiz Clarence Thomas pelo então presidente dos Estados Unidos George H. W. Bush em 1991. O juiz Thomas é um homem negro de pensamentos conservadores. No ano de sua indicação, ele foi acusado de ter assediado sexualmente uma mulher negra chamada Anita Hill. Com a exposição do escândalo houve uma divisão entre as opiniões do público que mostram, na visão de Hall (2006), como as identidades coexistem.

À época, havia quem apoiasse o juiz por questões raciais, mas também os que se opunham devido às questões sexuais. Mulheres negras se dividiam a depender de qual de suas identidades prevalecia. As que tinham maior identificação com a causa racial o apoiavam, enquanto as que se opunham mais fortemente ao sexismo o rejeitavam. Porém, como explica Hall (2006), a mesma ambivalência se aplicava a outros grupos. Mulheres brancas conservadoras apoiavam o juiz, enquanto mulheres brancas feministas o rejeitavam. Também havia quem visse no caso uma questão de classe social, uma vez que o juiz Thomas pertencia à elite jurídica, enquanto Anita Hill era uma "funcionária subalterna".

O juiz foi considerado inocente e se tornou membro da Suprema Corte dos Estados Unidos. Porém, para Hall (2006), o que importa neste caso é a evidência de que não existe necessariamente uma "identidade mestra", que se sobreponha a todas as outras. As identidades não são automáticas, mas contraditórias e podem se alterar conforme a maneira como as situações se apresentam para os indivíduos.

Essa fluidez da identidade pode ser observada em fenômenos políticos contemporâneos, como a ascensão da extrema direita pelo mundo. Como explanado no texto de Yasmin Teixeira para o Jornal da USP[43], cidadãos de diferentes países, como o Brasil, os Estados Unidos e a Alemanha estão se aliando a esse viés de pensamento que exclui pessoas baseando-se em

[43] TEIXEIRA, Yasmin. A ascensão da extrema direita no mundo reflete crise da democracia. **Jornal da USP**, São Paulo, 13 mar. 2025. Disponível em: https://jornal.usp.br/radio-usp/ascensao-da-extrema-direita-no-mundo-reflete-crise-da-democracia/. Acesso em: 03 abr. 2025.

características como etnia, gênero e orientação sexual. As redes sociais desempenham um papel importante nesse processo, potencializando a construção e difusão de identidades políticas baseadas em discursos excludentes. Isso se demonstra em situações como a pesquisa feita pelo Twitter em 2021 que revelou que conteúdos de direita são mais impulsionados pelo algoritmo do site[44] ou quando um estudo de pesquisadores brasileiros revelou que sites frequentemente compartilhados em grupos de extrema direita têm a maior parte de seu financiamento ligado ao Google AdSense[45]. O papel das redes sociais na ascensão de movimentos políticos ilustra a tese de Castells (2018) sobre a intensificação da globalização e o surgimento da Sociedade em Rede, que, por sua vez, introduz novas maneiras de transformações sociais. Tendo em vista que as identidades estão conectadas ao contexto social, a desassociação do espaço e tempo causados pela Sociedade em Rede ajuda na criação dessa identidade múltipla e fragmentada (Castells, 2018 e Hall, 2006). Assim, na visão de Castells, as identidades não podem mais ser totalmente associadas às instituições dominantes.

3.2 A FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES NACIONAIS

Como lembra Souza (2012), a identidade não é construída apenas de maneira individual, mas também coletiva. Para o autor, um povo atribui a si mesmo e aos outros uma posição, um valor. Essas valorizações são feitas por meio de representações que têm, em grande medida, uma base linguística. Ou seja, a comunicação representa parte vital da construção das identidades, sejam elas individuais ou coletivas.

Se a identidade se constrói na instância pessoal e social, o mesmo acontece com a História. Para Benjamin (1987), a História é tanto herança particular (o que recebemos da nossa família), quanto coletiva (o que sabemos pela sociedade). Independentemente de sua origem (privada ou social), usamos o passado como forma de embasar nossas ações. Assim, ele tem relação direta com nosso presente e com o nosso futuro.

Hall (2006) acredita que uma das vertentes que constitui o indivíduo é a identidade cultural. Por sua vez, as principais fontes dessa identidade são as culturas nacionais. Segundo

---

[44] NEXO JORNAL. Twitter admite que seus algoritmos favorecem a direita. **Nexo Jornal**, 22 out. 2021. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/extra/2021/10/22/twitter-admite-que-seus-algoritmos-favorecem-a-direita. Acesso em: 03 abr. 2025.

[45] MARTINS, Laís. Google sustenta sites de extrema direita que promovem desinformação, revela estudo. **Intercept Brasil**, 18 jun. 2024. Disponível em: https://www.intercept.com.br/2024/06/18/google-banca-sites-de-extrema-direita-revela-estudo/. Acesso em: 3 abr. 2025.

explica Hall (2006), no mundo moderno, as pessoas costumam pensar nas culturas nacionais como parte essencial de suas naturezas. Mais do que uma entidade política, as nações são sistemas de representação cultural capazes de gerar sentimentos de lealdade e identidade.

> A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de "teto político" do estado-nação, que se tornou, assim, urna fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas (Hall, 2006, p. 49).

Hall acredita que as culturas nacionais são compostas de símbolos, representações e instituições culturais. Elas são discursos usados para construir sentidos e influenciar nossas ações, afetando até mesmo o conceito que temos de nós mesmos. Ou seja, à medida que nos identificamos com a ideia de nação, produzida pelas culturas nacionais, ela passa a fazer parte da construção das nossas identidades.

Na concepção de Anderson (2008), as nacionalidades e nacionalismos são, elas próprias, produções culturais. Essas ideias surgiram no século XVIII como produtos de uma série de forças históricas. O autor explica que é impossível não ter uma nacionalidade no mundo moderno, mas que as nações não passam de comunidades políticas imaginadas, uma vez que os membros dessa entidade jamais conhecerão a maioria das pessoas com as quais compartilham essa nação.

Para Anderson (2008), o que muda entre as nações é a maneira como elas são imaginadas. Porém, todas elas são limitadas – uma vez que possuem fronteiras territoriais com outras nações –, soberanas – já que o conceito surgiu no Iluminismo, quando se questionava o direito divino – e imaginadas como comunidades, em que existe uma profunda camaradagem horizontal – ainda que existam desigualdades dentro das nações. Segundo o autor, as ideias de nação seriam fruto de relações de poder ligadas a um período histórico.

Relembrando conceito de outros autores, Hall (2006) destaca a importância do passado para a construção da unidade nacional. Ressoando Ernest Renan, Hall (2006, p.58) afirma que "as *memórias* do passado; o *desejo* por viver em conjunto; a perpetuação da *herança*" são o que fazem uma cultura nacional ser uma "comunidade imaginada".

Além disso, Hall relembra Brennan e sua explicação de que o termo nação se refere tanto ao Estado-Nação moderno quanto ao conceito de comunidade local definido por "natio". Para Hall (2006), uma nação é constituída dessas duas instâncias e seu povo deve se ver tanto como membro do estado-nação quanto como parte da cultura nacional.

Contudo, na visão de Hall (2006), a cultura nacional não pode ser vista apenas como uma forma de lealdade, identificação e união, já que ela também é uma estrutura de poder cultural. Basta observar que a maioria das nações são formadas por diferentes povos e culturas e foram unificadas a partir de um violento processo de dominação. Ainda assim, mesmo hoje, elas não são homogêneas, mas formadas por diferentes etnias, gêneros e classes sociais.

Apesar disso, as culturas nacionais tendem a criar a imagem de um “povo único”. Esse conceito é especialmente usado para retratar as etnias. Esse termo é empregado para caracterizar marcas culturais de um povo, como tradições e línguas. Porém, ainda que não seja uma categoria biológica e sim discursiva, a ideia de raça, marcada por diferenças de características físicas, é usada como um marco simbólico para distinguir grupos e também é utilizada nos discursos de identidade nacional (Hall, 2006).

Hall (2006) explica que a ideia de raça, mesmo sem nenhum embasamento biológico, tem servido como justificativa para a exclusão e, por vezes, até extermínio de grupos sociais. Na Europa, onde os povos são marcados pela miscigenação (celtas, germânicos e eslavos na Alemanha; celtas, ibéricos e germânicos na França), a ideia do “povo único” ganha força em ideologias como a fascista e do eugenismo vitoriano.

> Este breve exame solapa a ideia da nação como uma identidade cultural unificada. As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas. Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para "costurar" as diferenças numa única identidade (Hall, 2006, p. 65).

Com isso, podemos apreender que movimentos racistas tentam excluir partes da História. Pollak (1989) explica que a visão que nós temos do que aconteceu depende do que nos foi dito sobre o passado, ou seja, da história oficial. E esta, por sua vez, é baseada no presente, no que vivemos no agora. As nossas interpretações do que passou são baseadas nas nossas experiências e vivências não só como indivíduos, mas como sociedade.

Segundo o autor, o que vivemos hoje interfere no que e como lembramos do ontem. Ao mesmo tempo, a memória, para Pollak (1992), é um elemento central da construção da identidade. Sendo assim, o autor explica que, a depender das versões da história que passam por silenciamentos ou esquecimentos e das que são lembradas, teremos visões diferentes de nós enquanto indivíduos ou enquanto sociedade.

A nação moderna, na visão de Hall (2006), é construída a partir de cinco pilares. O primeiro deles é a “narrativa da nação”, construída a partir de histórias, rituais, símbolos e

imagens que representam as vivências compartilhadas por um povo. Elas são reproduzidas na literatura, na cultura popular e mídia.

O segundo pilar da construção de uma nação está na ideia de que a identidade nacional representa a verdadeira essência e natureza das coisas. Cria-se, então, uma ênfase na origem, nas tradições, na intemporalidade e na continuidade. O terceiro pilar indicado por Hall (2006) está muito ligado ao segundo e é baseado no conceito de Hobsbawm e Ranger de "invenção de tradição". Esse conceito é usado para definir práticas, sejam elas rituais ou simbólicas, que são repetidas com o objetivo de propagar valores e normas de comportamento.

O quarto pilar da construção das nações, para Hall (2006), é a criação de um "mito fundacional". Esse mito funciona como uma história de origem da nação em um passado imemorial, um "tempo mítico". Por fim, as nações também podem ser baseadas na ideia de um "povo puro" ou "original", ainda que esse povo raramente seja o que fica no poder.

Ao observar esses cinco pontos, Hall (2006) conclui que, apesar de ter aparência moderna, a discussão de cultura nacional é mais antiga do que isso, uma vez que a identidade nacional se baseia tanto nas glórias do passado, para as quais há uma tentação em retornar, quanto no impulso de caminhar para o futuro, rumo à modernidade.

Contudo, nas últimas décadas, a sociedade passou por uma intensa transformação. A chamada modernidade tardia, ou globalização, alterou a forma como as identidades são compreendidas (Castells, 2018). Além disso, a sociedade em rede também trouxe novas formas de organização social e de construção de sujeitos. Agora,

> sujeitos, se e quando construídos, não são mais formados com base em sociedades civis que estão em processo de desintegração, mas, sim, como um prolongamento da resistência comunal. Enquanto na modernidade a identidade de projeto fora constituída a partir da sociedade civil (como, por exemplo, no socialismo, com base no movimento trabalhista), na sociedade em rede, a identidade de projeto, se é que se pode desenvolver, origina-se a partir da resistência comunal (Castells, 2018, p.59).

Durante a modernidade, as identidades e culturas nacionais se sobrepuseram a outras fontes de identificação cultural. Porém, essa realidade tem se alterado com a chegada da globalização (Hall, 2006). Não que este movimento seja recente. Na verdade, como explica o autor, a modernidade tem um forte teor globalizante, ainda que também tenha uma forte tendência a autonomia nacional.

Para Castells (2018), a globalização marca o ressurgimento do nacionalismo, mas de uma maneira distinta daquela típica da modernidade. Ele se manifesta tanto na reconstrução da nacionalidade frente ao estrangeiro quanto nos desafios impostos aos Estados-Nações. Isso

porque, segundo o autor, o nacionalismo não está, necessariamente, ligado à ideia de Estado. Esse fato se comprova pela efervescência dos movimentos nacionalistas a partir das décadas finais do século XX.

> Em minha opinião, a incongruência entre algumas teorias sociais e a experiência prática contemporânea resulta do fato de que o nacionalismo, bem como as nações, têm vida própria, independentemente da condição de Estado, embora estejam inseridos em ideários culturais e projetos políticos. Por mais atraente que a noção de "comunidades imaginadas" possa parecer, ela é óbvia ou empiricamente inadequada. [...] Sem dúvida, etnia, *per se*, religião, idioma, território, não são suficientes para erigir nações e induzir o nacionalismo. A experiência compartilhada sim (Castells, 2018, p.78).

Um exemplo do que descreve o autor pôde ser observado durante a pandemia de covid-19, quando o nacionalismo se exacerbou em diversas partes do planeta. Em entrevista[46], o professor Rodrigo Patto, do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais, observou que a pandemia fez com que diversas nações priorizassem preservar seus recursos em detrimento do apoio a redes transnacionais. Uma dessas nações foram os EUA que, sob o governo Trump, foram acusados de desviar máscaras destinadas a outros países e de proibir que uma empresa estadunidense que produz os equipamentos os exportasse[47].

Esse cenário ilustra dois pontos que, segundo Castells (2018), são fundamentais para se discutir o nacionalismo na contemporaneidade. O primeiro deles é que as nações não precisam de um Estado para existir e, sendo assim, o nacionalismo contemporâneo não tem, necessariamente, o objetivo de construir Estados-Nação. Em segundo lugar, é preciso desvincular as ideias de nação e Estado-Nação modernas daquelas construídas durante a Revolução Francesa. Também é preciso entender que o nacionalismo não se restringe apenas às elites e pode até refletir uma reação contra elas. Na verdade, para Castells, o nacionalismo da atualidade é mais reativo que ativo, agindo em defesa de uma cultura já estabelecida do que na construção de Estados, ou seja, atua em um âmbito mais cultural do que político.

Castells (2018) acredita que os nacionalismos são frutos de reações sociais que vem de todas as camadas da sociedade, seja das massas ou das elites. Para ele, o nacionalismo se constrói cultural e politicamente, a partir tanto de elementos como idiomas, etnias, territórios e

---

[46] UFMG. Pandemia pode resultar no fortalecimento do nacionalismo e populismo de direita. **UFMG**, 20 de abril de 2020. Disponível em: https://ufmg.br/comunicacao/noticias/nacionalismo-em-tempos-de-pandemia Acesso em 03 abr. 2025.

[47] BBC News Brasil. Coronavírus: EUA são acusados de 'pirataria' e 'desvio' de equipamentos que iriam para Alemanha, França e Brasil. **BBC News Brasil**, 4 de abril de 2020. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52166245. Acesso em: 3 abr. 2025.

religiões quanto pelo surgimento de meios de comunicação, cidades, exércitos, defesa de identidades oprimidas e burocratização de sistemas.

> Para fins de maior clareza, definirei nações, em consonância com as análises e argumentos apresentados anteriormente, como *comunidades culturais construídas nas mentes e na memória coletiva das pessoas por meio de uma história e de projetos políticos compartilhados.*[...] Portanto, partindo da perspectiva privilegiada do final do último milênio, temos conhecimento da existência de nações sem Estados (por exemplo, Catalunha, País Basco, Escócia, Quebec), Estados sem nações (Cingapura, Taiwan, África do Sul), Estados plurinacionais (antiga União Soviética, Bélgica; Espanha, Reino Unido); Estados uninacionais (Japão), Estados que compartilham uma nação (Coreia do Norte e Coreia do Sul), e nações que compartilham um Estado (suecos na Suécia e na Finlândia, irlandeses na Irlanda e no Reino Unido, talvez sérvios, croatas e muçulmanos bósnios na Bósnia-Herzegovina) (Castells, 2018, p. 100-101).

Essa realidade tem consequências em um mundo de integração global. Para Castells, os atores sociais que se sentem excluídos por esse sistema tendem a resistir a três grandes ameaças: a globalização — responsável por dissolver a autonomia de instituições e organizações locais —, a flexibilização das fronteiras e a alteração das relações de tempo e espaço bem como a crise da família patriarcal.

Isso não quer dizer, porém, que a resistência seja a única reação possível. Na verdade, para Hall (2006), ainda existem dúvidas sobre as consequências da globalização no âmbito das identidades nacionais. Hall (2006) explica que existem três possibilidades principais: a de que as identidades nacionais estão se desintegrando, a de que elas estão sendo reforçadas e de que elas estão dando origem a uma identidade híbrida.

Como todas as identidades se ancoram no espaço e no tempo simbólicos, ao desassociar essas duas instâncias, a globalização coloca em risco as identidades nacionais como compreendidas durante a modernidade. Dada essa realidade, Hall (2006) explica que alguns teóricos acreditam que as identidades nacionais estão sendo apagadas, enquanto as identidades locais e comunitárias ganham força.

Por outro lado, existe a crença de que a interdependência e a conexão global fazem com que todas as identidades entrem em colapso, gerando um pluralismo cultural e uma multiplicidade de estilos nos quais o efêmero é o mais valorizado. Uma vez que as culturas estão em contato e diferentes públicos em diversos lugares consomem os mesmos produtos culturais, as identidades também são partilhadas, ou seja, são inevitavelmente alteradas.

> Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades

> se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem "flutuar livremente" (Hall, 2006, p.75).

Para Hall, é simplista dizer que as identidades nacionais estão se homogeneizando. Não existe uma substituição do local pelo global e sim uma articulação entre essas duas instâncias. Afinal, a globalização não se distribui de forma homogênea e nem é possível saber como ela afeta cada cultura. Sendo assim, o mais provável é que a consequência da globalização seja tanto alterações das identidades locais quanto criações de identificações globais.

Ainda que seja necessário admitir que o Ocidente tenha um poder maior de influência cultural na globalização, não é possível ignorar que mesmo as identidades de países influentes do Ocidente também são impactadas não só pelas culturas ocidentais como também sofre influência dos países considerados "periféricos". É o caso do Reino Unido, na visão de Hall:

> Num país que é agora um repositório de culturas africanas e asiáticas, o sentimento do que significa ser britânico nunca mais pode ter a mesma velha confiança e certeza. O que significa ser europeu, num continente colorido não apenas pelas culturas de suas antigas colônias, mas também pelas culturas americanas e agora pelas japonesas? [...] É possível, de algum modo, em tempos globais, ter-se um sentimento de identidade coerente e integral? (Hall, 2006, p.84)

Essa realidade, criada pela globalização, fez com que membros de grupos étnicos dominantes reagissem de maneira "defensiva", na visão de Hall (2006). Esses grupos se fecham às diferenças e faz surgir o que Hall chama de "racismo cultural". Porém, é possível identificar que a globalização é capaz de contestar essas identidades centradas e "fechadas", uma vez que:

> Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em *transição,* entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado (Hall, 2006, p 88).

Nesse contexto, é improvável que as identidades desapareçam ou retornem às suas origens. O mais provável é que ocorra uma tradução em que há equilíbrio entre as identidades tradicionais e as novas culturas. Como explica Hall (2006), é isso que acontece com aquelas pessoas que são obrigadas a saírem de suas terras natais e se cercam por outras culturas. Surgem, então, pessoas de "culturas híbridas" sem pretensões de uma cultura "pura" ou um "absolutismo étnico".

3.3 ESSE É O BRASIL

A forma como se compreende a identidade também afetou a construção identitária do Brasil. A visão que temos do nosso país foi produzida, inicialmente, a partir da proclamação da nossa República e da fundação do nosso Estado-Nação (Barbato, 2014). Foi nesse momento que o Brasil passou a ter que se legitimar de maneira autônoma de Portugal sob o risco de ver seu território fragmentado, a exemplo do que aconteceu com a América colonizada pelos espanhóis.

Porém, como explica Barbato (2014), o próprio processo de independência teve grande participação de estrangeiros. Em primeiro lugar havia a figura de Dom Pedro I, príncipe português que assume a frente do Império do Brasil. Foi Dom Pedro que conquistou o apoio da Inglaterra para que o Brasil fosse visto internacionalmente como uma nação independente.

A figura do imperador foi essencial para a política externa do país e também para que o processo de abolição da escravatura fosse retardado. Contudo, o primeiro governo imperial era centralizador e não dava poder às oligarquias regionais que, por sua vez, ameaçavam a integridade imperial (Barbato, 2014).

Como explica o autor, foi só com a abdicação de Dom Pedro I e a instauração do período regencial que os brasileiros de fato tomam as rédeas da nação, construindo assim uma identidade nacional que se opunha e se polarizava à identidade portuguesa. Por outro lado, esse foi o momento de maior risco para a unidade territorial brasileira. Para frear movimentos de fragmentação, segundo Barbato (2014), iniciou-se o processo de construção da identidade nacional brasileira, afinal, o Brasil era "um Estado formado, mas sem uma nação própria" (Barbato, 2014, p.4).

Essa construção se deu aos moldes dos cinco pilares descritos por Hall (2006). O primeiro passo foi, portanto, a criação de uma "narrativa da nação". Segundo Barbato (2014) isso foi feito por meio do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB). O IHGB, criado em 1838, era constituído por pessoas ligadas ao governo e foi o primeiro a concentrar histórias do Brasil segundo brasileiros. Essas histórias deveriam enfatizar as virtudes nacionais e trazer orgulho aos brasileiros, gerando esperança para o futuro.

A inspiração para a identidade brasileira era a Europa, como explica Barbato (2014). Porém, tal como descrito no segundo pilar de Hall (2006), as identidades nacionais precisam representar a essência de um povo, portanto, segundo Barbato (2014), o que se buscava no Brasil daquela época era a demarcação de aspectos originais, que nos distinguissem da Europa.

Se os europeus baseavam suas identidades no período medieval, os brasileiros, em especial os autores do Romantismo, criaram uma "Idade Média imaginária", que seria o início da colonização. É nesse momento que se passam obras como Iracema e O Guarani, ambas de José de Alencar. Nessas e em outras obras do período é possível observar o quarto e o quinto pilares descritos por Hall (2006) em que há a criação de um tempo mítico e idealizado e também um "povo puro", que seriam os indígenas.

É interessante notar que Hall (2006) destaca que esses "povos originais", vistos como bases de muitas nações, costumam não estar no poder do Estado. No Brasil a situação se repete, uma vez que os povos indígenas brasileiros ainda têm muitos de seus direitos desrespeitados. Em 2020, por exemplo, houve um aumento no número de invasões de terras indígenas e também de assassinatos de pessoas indígenas[48].

Já o terceiro pilar descrito por Hall (2006), ligado à construção e propagação de valores, foi ligado pelos autores do romantismo – como Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu – às características naturais brasileiras e seus "costumes peculiares", em que um dos pilares seria a mestiçagem (Barbato, 2014).

Barbato (2014) explica que a mestiçagem entre as três "raças" (brancos, negros e indígenas) foi uma das características notadas pelo viajante Karl Friedrich von Martius, um alemão que venceu o concurso realizado pelo IHGB que premiou o melhor trabalho sobre a história do Brasil em 1840. Assim, o Brasil se tornou singular por sua gente e por sua natureza, sendo que essa última foi vital na construção do sentimento de unidade nacional.

> [...] podemos afirmar que a natureza – portadora da indelével marca dos trópicos – veio a se tornar um importante ponto de comunhão nacional, já que todos os brasileiros, independentes da região do país em que se encontravam, podiam partilhar do mesmo sentimento de orgulho em relação ao meio em que viviam, pois ele era descrito como exuberante em toda sua extensão, não havendo discriminação de acordo com a localidade (Barbato, 2014, p.9).

Porém, ao longo do século XX, em especial a partir das obras de Gilberto Freyre, foi a mestiçagem que ganhou maior destaque nas discussões sociológicas. Neste capítulo trataremos de como foi a construção na nossa identidade nacional, partindo dos conceitos de Gilberto Freyre até concepções mais contemporâneas como as de Schwarcz e Starling em sua biografia sobre o Brasil.

---

[48] BORGES, André. **Invasões a terras indígenas aumentam em 2020; mortes têm alta de 63%**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/invasoes-a-terras-indigenas-aumentam-em-2020-e-mortes-tem-alta-de-63/> Acesso em 2 de julho de 2022.

3.3.1 A construção da imagem nacional

Dentre todos os autores que estudaram o Brasil, talvez as duas figuras mais clássicas sejam Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Como explica Souza (2009), o primeiro foi o responsável pela visão que os brasileiros têm de si mesmos no senso comum, enquanto o segundo definiu a perspectiva acadêmica sobre o Brasil. Por isso, é impossível falar das concepções clássicas de nosso país sem abordar esses dois autores.

Gilberto Freyre escreveu suas obras centrais, *Casa Grande e Senzala* (1995) e *Sobrados e Mucambos* (2004) nos anos 1930, época em que a sociedade brasileira passou por muitas transformações, saindo da República do Café com Leite e entrando na Era Vargas. Freyre foi o primeiro a estudar a construção do Brasil sob o aspecto sociológico. Seus pensamentos, mesmo que essa não fosse sua intenção, foram utilizados por Getúlio Vargas para a criação da identidade nacional do país.

Freyre (1995) inverte os padrões de pensamento de sua época, atribuindo um sentido positivo à miscigenação. Esta, para ele, não é a causa de nossas mazelas, pelo contrário, é nossa força. Essa perspectiva é muito diferente das abordagens clássicas nas formações de identidades nacionais e do pensamento do período. Lembrando o que disse Hall (2006), a maioria das nações são formadas por uma multiplicidade étnica, porém, a tendência das construções nacionais é ignorar esse fato e propagar a ideia de "povo puro". Isso pode ser observado claramente no nazifascismo que estava emergindo na época em que Freyre escreveu suas obras.

Uma das principais teorias de Freyre (1995) é a de que, no Brasil, haveria uma "democracia racial". A justificativa do autor para sustentar essa teoria é uma comparação com a realidade dos EUA. Segundo Freyre (1995), os Estados Unidos devem nos servir de exemplo em alguns aspectos, uma vez que eles também são uma ex-colônia europeia. Ao contrário dos estadunidenses, nós não temos uma democracia institucional forte. Por outro lado, o autor defende que nós teríamos uma "democracia racial", enquanto os Estados Unidos têm uma sociedade bastante racista.

Freyre (1995) observa que nos Estados Unidos existia uma segregação racial institucionalizada, ou seja, leis que proibiam que negros ocupassem os mesmos espaços que os brancos, enquanto isso não ocorria no Brasil. Ele reforça também que, nos EUA, não aconteceu uma miscigenação entre povos brancos e negros. Já, no Brasil, Freyre (1995) indica que teria acontecido uma "escravidão muçulmana" em que a poligamia ela valorizada. Isso seria

comprovado, na visão de Freyre (1995), pelo fato de os senhores de engenho manterem relações sexuais com as escravas e os filhos bastardos terem "privilégios" quando comparados a outros escravos.

Por outro lado, Freyre não comenta como essas relações não eram consensuais, e sim abusivas. Ainda que reconheça que os senhores tinham domínio sobre os corpos dos escravos e relate as violências sofridas infringidas às mulheres negras pelas esposas dos senhores, ele chega a afirmar que haveria um "fetiche sadomasoquista" nessas relações.

> Nas condições econômicas e sociais favoráveis ao masoquismo e ao sadismo criadas pela colonização portuguesa – colonização, a princípio, de homens quase sem mulher – e no sistema escravocrata de organização agrária do Brasil; na divisão da sociedade em senhores todo-poderosos e em escravos passivos é que se devem procurar as causas principais do abuso de negros por brancos, através de formas sadistas de amor que tanto se acentuam entre nós; e em geral atribuídas à luxúria africana (Freyre, 1995, p.321).

Ou seja, há uma tendência de Freyre (1995) a relativizar as violências praticadas durante o período colonial. Mesmo argumentando que existe uma "democracia racial" no Brasil, ele próprio utiliza de conceitos racistas como a suposta "luxúria africana" para justificar violências e o sadismo. Mas Freyre não nega que o sadismo estava muito presente na sociedade brasileira e era aplicado também às mulheres brancas. Durante o período das casas grandes, com explica Freyre (1995), as esposas dos senhores eram tratadas como objeto reprodutor. Elas não tinham voz ou liberdade de escolha e eram impedidas de se mostrar em público, saindo de casa somente para ir à Igreja. O mesmo domínio varia para os filhos, já que eram os senhores que decidiam desde com quem casariam até seu futuro profissional.

Todas essas características descritas por Freyre (1995) fazem com que o autor denomine o Brasil colonial como uma sociedade patriarcal, na qual o patriarca (senhor de engenho) tinha domínio total sobre seus escravos, esposas e filhos. O poder da casa-grande, comandada pelo senhor, se aproxima do "poderio feudal" (Freyre, 1995).

Nesse sistema, o senhor de engenho agrega em suas mãos todos os poderes, mas também o sistema da casa-grande se assemelha ao dos castelos. Mais do que somente uma fortaleza, Freyre (1995) descreve a casa-grande como sendo: "capela, escola, oficina, santa casa, harém, convento de moças, hospedaria [...] banco" (Freyre, 1995, p.LIX).

Esse sistema se desenvolveu no Brasil graças ao estilo de colonização portuguesa, povo marcado pela adaptabilidade e plasticidade. Freyre (1995) lembra que Portugal era um país de população pequena e que, ao longo de sua história, tinha sido marcado pela miscigenação com povos árabes. Essas características influenciaram a forma como o Brasil foi

colonizado. O autor observa que havia escassez de mão de obra e também de mulheres brancas para reprodução, o que levou a adoção do sistema escravocrata e também à miscigenação.

Foi também devido a essas características portuguesas e à vastidão territorial do Brasil que foi adotado um modelo de colonização baseado na agricultura, próximo àquele adotado no sul dos Estados Unidos e diferente do praticado no América Espanhola. Porém, como a Coroa portuguesa não queria arcar com os ônus da colonização, todas as despesas, tanto de instalação quanto de segurança da colônia foram individualizados.

> Diante do sucesso alcançado pelo esforço dos primeiros senhores de engenho, é que a Coroa compreendeu as possibilidades de riqueza colonial pela produção do açúcar. [...] E as concessões todas e, mais tarde, o *Regimento* de Tomé de Sousa, afirmam a mesma política de prestigiar-se a cultura do açúcar na pessoa quase feudal do senhor de engenho. Claro que daí só poderia resultar o que resultou: de vantajoso, o desenvolvimento da iniciativa particular estimulada em seus instintos de posse e de mando; de maléfico, a monocultura desbragada. O mandonismo dos proprietários de terras e escravos. Os abusos e violências dos autocratas das casas-grandes. O exagerado privatismo ou individualismo dos sesmeiros (Freyre, 1995, p. 244-245).

Esse quadro só se altera, segundo Freyre (2004), com a vinda da família real para o Brasil, em 1808. Esse processo de modernização do país é trado por Freyre como a chegada do Estado e, assim, como a abertura dos portos (ou chegada do capitalismo) deu início à Revolução Burguesa no Brasil. Ou seja, como argumenta Freyre (2004), aqui primeiro mudaram-se as instituições e depois os valores, diferente do que ocorreu nos países europeus.

O autor aponta que, neste momento, os brasileiros passaram a seguir modelos franceses e ingleses ao invés dos portugueses. Essa alteração influenciou a lógica do funcionamento de toda sociedade brasileira, impactando tanto as instâncias públicas quanto privadas. Uma das mudanças destacadas por Freyre (2004) é na arquitetura. Se antes o Brasil se dividia entre casas grandes e senzalas, com a chegada da modernização, a casa grande, representante de poder dos senhores no espaço rural, deu lugar aos sobrados, nas áreas urbanas.

Foi no século XIX que, segundo explica Freyre (2004) a urbanização se intensificou no Brasil. O autor ressalta que esse movimento chegou em períodos diferentes em algumas regiões, como em Pernambuco e em Minas Gerais, porém, foi apenas a partir de 1860 que houve um incentivo para que a urbanização acontecesse.

O desenvolvimento das cidades, para Freyre (2004), também foi marcado pela "reeuropeização". Esse movimento ficava bastante claro na arquitetura. O autor explica que, com a chegada de Dom João VI e sua corte, as construções passaram a ser feitas no padrão europeu, pouco adaptadas ao clima brasileiro. Os costumes também se alteraram. Os jardins,

por exemplo, deixaram de ter fins práticos para serem somente decorativos. As mulheres passaram a vestir roupas inadequadas para o calor, que a deixavam mais suscetíveis a doenças.

Neste momento, para Freyre (2004), as mulheres tiveram seu lado romântico despertado e os jovens garotos ganharam mais valor. Nessa época, era comum que os rapazes, muitos vindos das universidades europeias, vivessem vidas boêmias. Por essa razão, a sífilis e a tuberculose passaram a causar a morte de jovens da época.

Observando essas alterações sociais, Freyre (2004) explica que o patriarca, acostumado ao domínio completo sobre os filhos, a esposa e os escravos, perdeu seus poderes paulatinamente ao longo do século XIX. Porém, isso não quer dizer que não houve resistência. O autor relata que uma das estratégias usadas na tentativa de preservar o patriarcalismo brasileiro por mais tempo foi o impedimento que as mulheres saíssem à rua. Foi assim que surgiram os mascates que, como explica Freyre (2004), eram comerciantes que iam de casa em casa levando as "novidades da praça" para as senhoras.

> Mas não resta dúvida de que, durante toda a época de patriarcalismo, e mesmo durante a primeira fase de declínio, a lei favoreceu por todos os modos a subordinação da mulher ao homem, no Brasil. [...] A mulher semipatriarcal de sobrado continuou abusada pelo pai e pelo marido. Menos, porém, que dentro das casas-grandes de fazendas e de engenhos (Freyre, 2004, p. 243).

O autor relata que as mulheres "solteironas" eram mais abusadas nos sobrados que nas casas-grandes, sendo, segundo Freyre (2004), "pouco mais que escravas" dentro deste modelo econômico. Isso porque este também foi um momento de empobrecimento dos senhores de engenho. A razão para isso foi o declínio do açúcar, influenciado primeiro pela descoberta das minas e depois pelo predomínio da produção de café. Com isso, "os fidalgos do açúcar começaram a ser eclipsados pelos do café. As casas-grandes do interior a ser eclipsadas pelos sobrados das capitais" (Freyre, 2004, p.156).

Da mesma forma como os novos modos de vida afetaram a estrutura das casas-grandes, também alteraram o funcionamento das senzalas. Neste período, segundo Freyre (2004), o preço dos escravos se tornou muito elevado e passou a ser comum a existência de quadrilhas que roubavam pessoas negras que viviam nas cidades para levá-las para as fazendas do nordeste.

Por outro lado, Freyre (2004) indica que os centros urbanos eram um dos destinos favoritos dos escravos que fugiam, já que nas cidades era possível fazer dinheiro. Além disso, para o autor, os quilombos foram uma das primeiras formas de urbanização do Brasil. Também

foi nesses espaços que se construiu, na visão de Freyre, um sentimento de cooperativismo entre os negros, como foi o caso de Palmares.

> Foi a primeira cidade a levantar-se contra o engenho – essa cidade parassocialista de negros; do mesmo modo que foi sua técnica de exploração da terra um esboço de policultura em contraste com a monocultura predominante nos latifúndios dos senhores brancos. Por conseguinte, a primeira reação à pluralidade ou diversidade de produção contra o regime mórbido de sacrificar-se à cultura de víveres à produção de um só produto, e este de exportação; de sacrificar-se a concentração das populações à sua disseminação por latifúndios improdutivos de outro artigo se não o destinado a mercados estrangeiros ou remotos (Freyre, 2004, p. 149).

Esse cooperativismo entre os negros, marcado pelo sentimento de "raça", promoveu não apenas o parassocialismo nos quilombos e a policultura. Ele também foi responsável, como explica Freyre (2004), pela organização em defesa da alforria. Para Holanda (1987), foi justamente o início do processo de abolição de escravatura e não a chegada da Corte Portuguesa, que deu início à modernização no Brasil.

Conforme explica o autor, esse processo se inicia em 1850 e é concluído em 1888, quando é assinada a Lei Áurea e tem início o trabalho livre no Brasil. Segundo Holanda, esse é o ponto que põe fim a sociedade que, também para ele, segue os moldes feudais para ter início o capitalismo no Brasil. Porém, em sua visão, algumas marcas do período colonial permaneceram na sociedade brasileira.

Holanda (1987) vê nossa origem portuguesa como a grande mazela brasileira. Os portugueses instauraram entre nós uma civilização de raízes rurais, na qual as cidades são dependentes do campo. É na zona rural que se concentra o poder no Brasil, já que, segundo Holanda (1987) não existe uma burguesia urbana independente no nosso país. Essa realidade, para ele, é diferente do que acontece em todos os outros lugares do mundo.

Na colonização espanhola, por exemplo, a estratégia de dominação adotada foi a criação de grandes núcleos de povoação. Esses núcleos, como explica Holanda, eram estáveis e bem ordenados. Segundo ele, os centros urbanos planejados e bem definidos asseguraram o domínio espanhol. Por outro lado, no Brasil, os portugueses viam a colônia apenas como um lugar de passagem. Por isso, a ocupação foi predominantemente nas áreas litorâneas e havia dificuldades criadas pelo governo para ocupar o interior. Essa situação só se alterou com a descoberta do ouro. Ainda assim, na visão de Holanda (1987), no Brasil houve ou domínio do desleixo.

> Essa exploração dos trópicos não se processou, em verdade, por um empreendimento metódico e racional, não emanou de uma vontade

> construtora e enérgica: fez-se antes com desleixo e certo abandono. Dir-se-ia mesmo que se fez apesar de seus autores. E o reconhecimento desse fato não constitui menoscabo à grandeza do esforço português (Holanda, 1987, p.12).

Segundo Holanda (1987), algumas características dos portugueses foram centrais na construção do Brasil. Um exemplo disso é a visão que esse povo tinha do trabalho. Conforme explica o autor, o trabalho físico não era valorizado pelos portugueses que, para Holanda, viam a moral do trabalho com "repulsa". Segundo o autor, o que regia os portugueses era o espírito aventureiro. Isso fazia com que os portugueses, na visão de Holanda, tivessem uma grande capacidade de adaptação, sabendo "transformar obstáculo em trampolim", porém, não pensavam a longo prazo.

> Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. Assim, o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro — audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem — tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção espaçosa do mundo, característica desse tipo.
> Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros; as energias que visam à estabilidade, à paz, à segurança pessoal e os esforços sem perspectiva de rápido proveito material passam, ao contrário, por viciosos e desprezíveis para eles. Nada lhes parece mais estúpido e mesquinho do que o ideal do trabalhador (Holanda, 1987, p.13).

Esse espírito de aventura foi importante para o sucesso da colonização portuguesa no Brasil. Os aventureiros são mais adaptáveis e essa maleabilidade permitiu que os portugueses ultrapassassem as barreiras da colonização, como a natureza e o contato com povos diferentes. Porém, ao mesmo tempo que Holanda (1987) reconhece as qualidades deste modelo, o autor explica que muitos dos problemas enfrentados pelo Brasil surgiram do desejo dos colonizadores por uma "prosperidade sem custo".

A visão de mundo dos colonizadores portugueses trouxe consequências. Alguns exemplos apresentados por Holanda (1987) foi a instauração da monocultura e dos latifúndios, sustentados pela mão de obra de pessoas negras escravizadas. A escravidão e a lavoura latifundiária, na perspectiva de Holanda, foram responsáveis pela falta de esforço de cooperação em outras atividades de produção.

Foi essa modalidade de colonização que permitiu que, aqui, os senhores de engenho se tornassem a mola da riqueza e do poder na colônia. Nossa sociedade de raízes rurais, com engenhos autossuficientes sob o comando de um único homem, fez, na visão de Holanda (1987), com que aqui o privado tivesse prevalência sobre o público.

> O quadro familiar torna-se, assim, tão poderoso e exigente, que sua sombra persegue os indivíduos mesmo fora do recinto doméstico. A entidade privada precede sempre, neles, a entidade pública. A nostalgia dessa organização compacta, única e intransferível, onde prevalecem necessariamente as preferências fundadas em laços afetivos, não podia deixar de marcar nossa sociedade, nossa vida pública, todas as nossas atividades. Representando, como já se notou acima, o único setor onde o princípio de autoridade é indisputado, a família colonial fornecia a ideia mais normal do poder, da respeitabilidade, da obediência e da coesão entre os homens. O resultado era predominarem, em toda a vida social, sentimentos próprios à comunidade doméstica, naturalmente particularista e antipolítica, uma invasão do público pelo privado, do Estado pela família (Holanda, 1987, p.50).

Essa é uma das principais características apontadas por Holanda (1987) que geraram nosso fracasso. Esses aspectos, na visão do autor, demonstram-se muito difíceis de superar, mesmo após a modernização do Brasil. Como explica Holanda, as mudanças na sociedade brasileira se iniciaram na década de 1850, ano em que foi promulgada a Lei Eusébio de Queirós, proibindo a importação de escravos.

Na época, a fortuna de muitas famílias se devia ao tráfico de escravos e a lei sofreu grande resistência. Porém, com a proibição da importação de mão de obra escrava, os capitais que antes se dedicavam a isso passaram a ter que investir em outros negócios (Holanda, 1987). Também nesse período, como explica o autor, houve uma expansão do crédito bancário, bem como a organização desse sistema.

Foi assim que as cidades começaram a ganhar espaço, em um processo que teve seu ápice com a abolição da escravidão em 1888 (Holanda, 1987). Porém, a mentalidade da casa grande permaneceu nas cidades. “Toda a ordem administrativa do país, durante o Império e mesmo depois, já no regime republicano, há de comportar, por isso, elementos estreitamente vinculados ao velho sistema senhorial” (Holanda, 1987, p.57).

Em todos os lugares do mundo, segundo Holanda (1987), Estado e família são esferas totalmente separadas. Na verdade, na visão do autor, relações familiares muito próximas podem até mesmo limitar as vidas dos indivíduos. Porém, no Brasil, existe uma grande dificuldade em se delimitar a esfera pública e a privada. Aqui, como explica Holanda (1987), muitas vezes cargos públicos são preenchidos por razões de confiança pessoal e não devido à competência da pessoa escolhida.

Esse seria um exemplo de como nossa sociedade é patrimonialista. No Brasil descrito por Holanda (1987), a política é gerida com base nos interesses particulares, um resquício do domínio patriarcal dos senhores de engenho. Assim, para o autor, os modelos das nossas relações familiares são transpostos para todas as nossas outras relações e comportamentos sociais.

Com isso, o nosso convívio social seria o oposto à polidez, uma vez que, para Holanda (1987), nossas ações são embasadas nas emoções. Isso faria dos brasileiros um povo de "homens cordiais", ou seja, pessoas regidas por sentimentos e emoções no lugar da razão. Essa predisposição para o lado sentimental gera diversas consequências para a sociedade brasileira, como a supervalorização da personalidade, que gera o personalismo, e a desvalorização de todo trabalho que não seja intelectual.

Ou seja, para Holanda (1987), mesmo que a "revolução brasileira" que nos guiaria para a modernidade tenha se iniciado em 1888, ela ainda não foi concluída. Isso porque nossos valores ainda não são modernos e em muito se assemelham àqueles trazidos pelos nossos colonizadores. Para ele, nossa democracia é um "lamentável mal-entendido", em que a nossa aristocracia semifeudal acomodou seus privilégios.

> O trágico da situação está justamente em que o quadro formado pela monarquia ainda guarda seu prestígio, tendo perdido sua razão de ser, e trata de manter-se como pode, não sem grande artifício. [...] O Estado, entre nós, não precisa e não deve ser despótico — o despotismo condiz mal com a doçura de nosso gênio —, mas necessita de pujança e compostura, de grandeza e solicitude, ao mesmo tempo, se quiser adquirir alguma força e também essa respeitabilidade que os nossos pais ibéricos nos ensinaram a considerar a virtude suprema entre todas. Ele ainda pode conquistar por esse meio uma força verdadeiramente assombrosa em todos os departamentos da vida nacional. Mas é indispensável que as peças de seu mecanismo funcionem com certa harmonia e garbo (Holanda, 1987, p. 131).

Porém, como explica Holanda (1987), para que isso aconteça é necessário que o Brasil abandone os valores personalistas e aristocráticos. É preciso que a política deixe de ser uma classe artificial no nosso país e que a democracia aconteça de baixo para cima. Apenas com a impessoalidade da política e o abandono da cordialidade será possível uma verdadeira "revolução brasileira".

3.3.2 That is Brazil

Apesar de Freyre e Holanda estarem entre os primeiros e mais influentes pensadores do Brasil, as primeiras imagens construídas do nosso país vieram de estrangeiros. Lisboa (1997) ressalta a importância dos relatos de viagem para a construção de nossa identidade. Crônicas como a de Pero Vaz de Caminha ajudaram a construir a ideia que se tinha da América e de seus habitantes. Em geral, predominava-se a ideia de um lugar de natureza exuberante e de habitantes bondosos. Além disso, mais tarde, com a chegada da família real no Brasil, houve um incentivo para que estrangeiros viessem para cá.

> A colônia vive então o fim do exclusivismo português. Comerciantes, especialmente ingleses, artistas franceses e imigrantes, além de viajantes naturalistas de várias regiões do Velho Mundo, têm a permissão de estudar o que o país desconhecido parecia prometer em novidades. Esses visitantes serão autores do "novo descobrimento do Brasil", o que de certa maneira contribuiu para acelerar "o processo de emancipação" dos laços portugueses, como também se responsabilizaram pela divulgação de informações sobre o país na Europa. Muitos deles não hesitavam em transformar as anotações de viagem, cujo objeto principal era descrever a longínqua terra, em amplos relatos e apresentá-los ao mercado editorial europeu (Lisboa, 1997, p.29).

Esses viajantes de diversas nacionalidades tinham motivos diferentes para vir ao Brasil. Lisboa (1997) aponta três razões centrais: diplomáticas, científicas ou busca por possíveis recursos (materiais ou humanos). Essas diferenças, claro, influenciavam no estilo de viagem e na produção que dela decorria. Porém, apesar disso, Lisboa (1997) acredita que alguns temas se repetiam em quase todos os relatos, "estudaram, com maior ou menor afinco, a fauna e a flora, observaram a vida social, tanto rural como urbana, avaliaram as relações de trabalho, de produção, a economia e se interessaram pelas questões escravocratas e indígenas" (Lisboa, 1997, p. 33).

Segundo a autora, esses relatos, mais do que apenas material científico, podiam ser considerados como parte de um gênero literário que era de fácil leitura para a parcela da população alfabetizada. Sendo assim, podemos inferir que as visões ali contidas tiveram influência no que se pensava do Brasil no exterior. Ao mesmo tempo, essa visão externa também contribuiu para o que pensávamos de nós mesmo. Na primeira metade do século XIX, quando o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) premiou o trabalho que melhor propusesse um plano para registrar a história do Brasil, o vencedor foi o cientista alemão Karl Friedrich Philip von Martius e foi ele o responsável por estabelecer que o objetivo do Brasil enquanto nação era mesclar as três raças: brancos, negros e indígenas (Diehl, 1998).

Outro homem central na construção da identidade brasileira foi Francisco Adolfo de Varnhagen. Apesar de ter nascido no Brasil em 1916, Varnhagen passou apenas seis anos no país e teve sua nacionalidade brasileira reconhecida somente em 1941 por D. Pedro II. Considerado o Heródoto brasileiro, Varnhagen foi muito influenciado pelos pensamentos de seu pai alemão, bem como por sua classe social (Diehl, 1998). Para ele, era essencial que o Estado fosse forte e que criasse uma nova ordem social na qual questões étnicas seriam deixadas de lado para a prevalência de grupos sociais. Na sua visão, a miscigenação era necessária para a criação de um "branco brasileiro" e o consequente apagamento das demais raças que constituíam o Brasil (*Ibid*.). Segundo (Diehl, 1998), na concepção de Varnhagen,

> Não existem espaços para que se manifestem livremente os elementos heterogêneos, raciais ou políticos, sociais ou econômicos originários do período colonial. A nação é entendida como um bloco monolítico, onde qualquer voz discordante é um perigo e uma ameaça, a qual, portanto, deve ser extirpada (Diehl, 1998, p.51-52).

As perspectivas de Varnhagen e von Martius foram endossadas e patrocinadas pelo governo imperial. Na verdade, esse foi um dos motivos pelos quais, diferente do que aconteceu em outros países latino-americanos, no Brasil, houve uma romantização da colonização. Aqui, a identidade nacional visava uma continuidade da colonização portuguesa (Diehl, 1998). Ao mesmo tempo, entendia-se a história como uma maneira de "aprender a fórmula para não comprometer a marcha do progresso social" (Diehl, 1998, p.29).

E o que representava esse progresso também foi alvo de muito debate entre os viajantes. O primeiro ponto a ser compreendido é que eles presenciaram um momento de muitas mudanças econômicas e políticas no Brasil. Para muitos deles, a chegada da corte ou a elevação do Brasil a reino unido representaram o início dos sentimentos patrióticos e nacionalistas entre os brasileiros (Lisboa, 2000).

> Apesar de atribuírem aos eventos históricos importância e significado nem sempre similares, esses estrangeiros introduzem conceitos àquele tempo inéditos para a criação de imagens sobre o Brasil: formação de um sentimento de patriotismo, de nacionalismo, de um espírito brasileiro, de um caráter nacional, de unanimidade de sentimentos, de unidade territorial, de um sentimento de independência, de opinião pública, de uma sociedade coesa. O processo de formação do Estado-nação era, pois, interpretado como um indicador do estágio de escalada dos seres humanos na evolução e no progresso social e na possibilidade de um "povo" e sua nação poderem ingressar na história da humanidade, na história da civilização, apoiados também em datas e marcos fundadores. Evidencia também que a monarquia constitucional – em oposição ao sistema republicano – era vista, para a grande maioria, como uma força motriz para o processo civilizador (Lisboa, 2000, p. 277-278).

Segundo a autora, ao mesmo tempo que observavam as mudanças, esses "forasteiros" acreditavam que o modelo de colonização português havia sido nocivo, sendo a razão do atraso do Brasil, ideia que, posteriormente, foi adotada por Sérgio Buarque de Holanda. Contudo, ao longo do século XIX, o apoio à monarquia é quase unânime, com exceção de alguns pensadores que acreditavam que a fundação de uma república no Brasil faria do país "os Estados Unidos da América do Sul" (Lisboa, 2000).

A comparação entre Brasil e Estados Unidos tem sido uma constante na construção da identidade nacional brasileira, na percepção de Skidmore (1994). Além de serem aliados antigos do Brasil, os Estados Unidos, de fato, têm várias semelhanças conosco, tais como a dimensão

territorial, a riqueza de recursos naturais e a forte presença de imigrantes. Contudo, são as diferenças entre essas duas nações que chamaram a atenção dos estudiosos. Dentre elas, duas se destacam: a primeira é o modelo de Estado e desenvolvimento dos norte-americanos, enquanto a segunda é a relação entre as raças.

No aspecto político, a comparação com os Estados Unidos existia desde o final do século XIX. Schwartz (2000) relata que integrantes da "Conjuração Fluminense", ocorrida em 1794 já sonhavam com uma utopia na qual existiriam "duas grandes repúblicas americanas, uma no Norte e outra no Sul, nas quais os direitos dos homens seriam respeitados" (Schwartz, 2000, p.123). Skidmore (1994) relata também que, durante a monarquia, políticos vistos como radicais acreditavam que os Estados Unidos eram um exemplo que o Brasil era impedido de seguir devido à sua forma de governo. Não é de se espantar, portanto, que, após a proclamação da República, a Constituição brasileira tenha seguido os moldes da dos Estados Unidos (Skidmore, 1994). E, a partir daí, a monarquia, e não somente a colonização, passou a ser vista como a representação do atraso e características da sociedade passaram a ser associadas a D. Pedro II (Lisboa, 2000).

> Para Leclerc a brasilidade do monarca é o aspecto decisivo em sua conduta. [...] O que significa que o meio *brasileiro* teria definido mais o seu caráter do que o sangue dos Braganças, Bourbons e Habsburgo: "afabilidade", "simplicidade nos trajes e maneiras, sua lentidão em tomar partido, sua instintiva desconfiança para com a novidade", a "intermitente apatia e mania de deixar tudo para o dia seguinte", a "indecisão de seu caráter, à qual se juntava a falta de precisão nas ideias", seriam traços "tipicamente brasileiros" e que influenciaram seu governo, sugere o autor, [...] Este breve panorama permite notar que a imagem de Pedro II, que goza de um lugar privilegiado no contexto social e político do país, é substituída por uma outra em que o monarca representa traços do "caráter nacional", tornando-se uma personalidade cujas características não se diferenciam dos demais brasileiros (Lisboa, 2000, p.281).

Entretanto, é curioso notar que o próprio imperador, considerado um dos homens mais ilustrados do Brasil, era admirador dos Estados Unidos e, segundo afirma Skidmore (1994), acreditava que as ideias e culturas estadunidenses deveriam ser olhadas com seriedade pelos brasileiros. O autor explica que, ainda que desejasse manter a aparência de neutralidade, Pedro II viajou aos Estados Unidos e chegou a ser descrito pelos jornais locais como "o Imperador Ianque". Mas a influência estadunidense no futuro do Brasil não era consenso entre os pensadores brasileiros. Skidmore (1994) relata existirem duas correntes. Alguns, como Adolfo Caminha, acreditavam que o Brasil devia seguir os passos dos Estados Unidos se quisesse se tornar uma nação livre e moderna, enquanto outros, como Eduardo Prado, temiam que a

influência norte-americana pudesse enfraquecer o país, especialmente quando o que se via em 1890 era uma expansão política e militar dos EUA na América Latina.

Visto de forma positiva ou negativa, para Skidmore (1994), a comparação entre o Brasil e os Estados Unidos era "onipresente nas mentes das elites brasileiras" (*Ibid*, p.44). Seja Monteiro Lobato, que acreditava que o Brasil deveria seguir os moldes americanos de desenvolvimento econômico, seja Vianna Moog, que acreditava que o Brasil podia ter menos disciplina que os EUA, mas tinha mais humanidade, ou Moniz Bandeira, que via os Estados Unidos como a nova "metrópole" do Brasil, um país que nunca tinha de fato conquistado sua independência, os Estados Unidos eram centrais para os estudos da identidade brasileira.

> A questão é clara: as sucessivas gerações dos principais intelectuais brasileiros viam os Estados Unidos como uma força crucial no futuro do seu país. Qualquer que fosse a sua tendência ideológica, restava a esses brasileiros uma pergunta vital: quanta margem havia para o Brasil criar a sua própria sociedade e qual o papel que desempenhariam os Estados Unidos nessa criação? (Skidmore, 1994. p. 49).

Não que os Estados Unidos fossem o único molde do Brasil. Barman (2003) explica que, durante o Império, uma corrente do partido Liberal desejava que o país se transformasse em uma versão sul-americana da França ou do Reino Unido. Para isso, eles acreditavam haver necessidade de mudanças estruturais, tais como a reforma agrária, a abolição da escravidão e o fim dos privilégios. Contudo, essa não foi a visão de prevaleceu.

Na verdade, há um consenso de que o Brasil é um país com grande potencial. Para Schwartz (2000), isso está claro desde o início da ocupação dessas terras pelos portugueses. Segundo o autor, por muito tempo, o Brasil foi o principal pilar da economia portuguesa e era visto como uma colônia estratégica. Tanto que o príncipe herdeiro ao trono de Portugal recebia o título de Príncipe do Brasil e, além de ser considerado um lugar de "riqueza real e potencial", a então colônia já era vista como uma possível rota de fuga muito antes de D. João VI ter de fato fugido para cá e outros países, como França e Espanha, queriam ter uma base no Brasil desde o século XVII.

Schwartz (2000) esclarece que também foi construída, desde então, a ideia de que o problema do Brasil não era os recursos naturais, mas as pessoas que aqui habitavam. Os moradores desta terra nem mesmo eram considerados um povo, sendo referidos, muitas vezes, como "plebe", termo de caráter pejorativo. Na visão dos colonizadores, os que aqui viviam tinham uma "liberdade descontrolada", eram insubordinados e com características que demonstravam um potencial para causar problemas.

> Aqui estava um país de terras extensas, rios grandiosos, "imensas matas" e riquezas minerais, o potencial para estabelecer um "poderoso e rico império" e, segundo Santos Vilhena, "uma colônia que possa competir com as melhores que se conheçam em qualquer parte do mundo". Como era, então, se perguntava Santos Vilhena, que "um país extensíssimo, fecundo por natureza, e riquíssimo, é habitado por colonos, poucos em número, a maior parte pobres, e muitos deles famintos?". Faltava ao Brasil um "povo" (Schwartz, 2000, p.121).

Na visão dos administradores do Brasil daquele período, essa falta de um povo se dava devido à escravidão, que seria responsável por minar a estabilidade da colônia, e pelas "pessoas de origem mista" (Schwartz, 2000). E era exatamente o entendimento de que essas pessoas representariam o "atraso" do Brasil que fez com que pessoas como José Bonifácio de Andrada e Silva, patriarca da independência, defendesse a abolição da escravidão e o incentivo à imigração europeia para o "branqueamento" da população (Maxwell, 2000). Apesar de à época da independência, essa ideia ter sido rechaçada, mais tarde, como explica Lisboa (2000), ela voltou a ser defendida pelos viajantes.

> A vinda de colonos europeus não somente deveria solucionar o caso da mão-de-obra, educando e disciplinando o trabalhador, mas, em última instância, também seriam eles úteis para acelerar o branqueamento da sociedade. Pois, abolir a escravidão não resolvia o problema do grande contingente de mão-de-obra de origem escrava e tampouco a questão racial. A população continuaria negra e mestiça. E um caminho certo para branqueá-la seria por meio da introdução de famílias europeias. Finalmente, as preocupações reveladas por esses forasteiros também tiveram os seus interlocutores brasileiros, quer no parlamento, quer nos movimentos e sociedades abolicionistas e imigrantistas, desvelando a angústia de nossas elites quanto à cor que a sociedade brasileira ia tomando (Lisboa, 2000, p.294).

Sendo assim, não é de se estranhar que o debate racial pareça ser o que mais chama atenção dos pensadores do Brasil. Skidmore (1994) retoma autores desde Sílvio Romero, que ainda no século XIX, definia o brasileiro como um povo misto, seja no sangue ou nas ideias. Como explica o autor, até a primeira metade do século XX predominavam no mundo teorias que acreditavam que a mistura entre povos era prejudicial.

Por isso, teorias assim foram replicadas por pessoas como Euclides da Cunha em seu Os Sertões e pensadores como Oliveira Vianna, que acreditava que haveria mestiços "inferiores" e "superiores" a depender do tom da pele e, ao mesmo tempo, dizia que no Brasil não havia "aristocracia de raça" (Skidmore, 1994). Já nessa época se atribuía características aos povos fundadores do Brasil com o português, nesse período, sendo entendido fortes, corajosos e imaginativos, os africanos como pacíficos e as mulheres não-brancas como sedutoras (*Ibid*).

Lisboa (2000) explica que as mais diversas características negativas eram atribuídas aos negros e aos mestiços, como se fossem pessoas sem moral e que, por isso, não poderiam ser absorvidos em um mercado de trabalho livre. A sociedade heterogênea era vista pelos estrangeiros como bizarra, relata a autora. Conforme Schwartz (2000), desde o tempo do Brasil Colônia, o Brasil era entendido como um lugar onde prevalecia a presença de "pessoas de origem mista" e, portanto, não confiáveis e indignas de assumir postos sociais.

> Em Minas Gerais, Pernambuco e outras partes do Brasil, as pessoas de origem mista e até pessoas brancas casadas com elas, eram excluídas do governo municipal, das irmandades leigas, do clero, de certos comércios e profissões. A leve suspeita de antecedentes dessa natureza era suficiente para garantir a desclassificação [...] ao entrar no século XVIII, todas as pessoas de cor eram cada vez mais identificadas como iguais, em termos de características negativas (Schwartz, 2000, p.115).

Dentro desse contexto, surge Freyre, que interpreta e miscigenação brasileira de forma diversa (Skidmore, 1994). Enquanto a mistura racial era vista anteriormente como uma prova da inferioridade do Brasil, Freyre acredita que essa é, na verdade, nossa vantagem. Ele também compara o Brasil e os Estados Unidos, enfatizando que, aqui, as relações entre as raças eram muito mais pacíficas.

> O efeito prático de sua análise, contudo, não era o de promover o igualitarismo racial. Ao contrário, serviu para reforçar o objetivo já estabelecido da elite do "branqueamento", mostrando graficamente que a elite (principalmente branca) havia ganhado valiosos traços culturais a partir de seu contato íntimo com o africano e o índio (Skidmore, 1994, p.85).

Essa visão, conforme explica Skidmore (1994), foi predominante por muitos anos e fez com que estudiosos como Sílvio Romero e Vianna Moog argumentassem que o colonizador português era, na verdade, melhor que o espanhol ou inglês, sendo o responsável por uma escravidão mais "suave", que, por sua vez, havia tornado o Brasil mais humano. Foi só após o fim da Segunda Guerra Mundial e a queda dessa visão racista da ciência que outros pensamentos começaram a vingar. A partir dos anos 1970, evidências empíricas demostravam que pessoas não-brancas estavam em condições sociais piores e pensadores como Roberto Da Matta e Dary Ribeiro passaram a defender a ideia de um Brasil violento e injusto, com um sistema hierárquico que assegurava os brancos como o grupo dominante mesmo sem a segregação que se via nos EUA (Skidmore, 1994).

Ao mesmo tempo, nos Estados Unidos, houve profundas mudanças sociais e, hoje, já não é mais possível dizer que o país é birracial enquanto o Brasil é multirracial. Skidmore (1994) lembra que, mesmo antes do fim da segregação legal nos Estados Unidos, já havia

mistura racial por lá, sendo que a diferença é o papel que as pessoas mestiças tinham na sociedade. No Brasil, criou-se a figura do pardo, que, como definia o primeiro censo realizado no país, era qualquer mestiço, enquanto nos EUA há uma divisão entre brancos e não-brancos, grupo que também inclui os latinos, por exemplo. Mas Skidmore (1994) questiona até que ponto a divisão do Brasil nesses três grupos ainda é válida. O que ele observa é que existe uma aproximação da maneira como a questão racial é tratada no Brasil e nos Estados Unidos, ainda que continuem existindo diferenças importantes.

Apesar de a questão racial ser de grande relevância para a visão externa do Brasil, isso não significa que questões políticas tenham passado desapercebidas. Maxwell (2000) vê tanto nas questões raciais quanto nas questões políticas e econômicas os pilares para a construção nacional. Para ele, um dos pontos importantes na construção do Brasil foi a nossa independência que, ao contrário do que é esperado, pode ser interpretada como um regresso, uma vez que houve uma predominância da oligarquia sobre a democracia.

Parte do motivo pelo qual o Brasil não progrediu com a independência foram os interesses de outros países. Maxwell (2000) explica que o Brasil era independente, na prática, desde a chegada da corte em 1808 e, em 1815, ao ser alçado a reino unido, foi colocado em nível de igualdade com Portugal. “O que estava em jogo no início de 1820 era mais uma questão de monarquia, estabilidade, continuidade e integridade territorial do que revolução colonial” (Maxwell, 2000, p. 186) e era de interesse das grandes monarquias europeias que faziam parte da Santa Aliança, entre elas a Grã-Bretanha, que o Brasil permanecesse uma monarquia.

Nesse cenário, não era no Brasil que predominava o desejo de mudanças radicais e, sim, em Portugal, onde a população entendia ter caído de status. Maxwell (2000) defende que foram os portugueses que declararam sua independência do Brasil ao exigir o retorno de D. João VI. Foi assim que, seguindo os interesses externos da manutenção da unidade do território e do sistema monárquico, o Brasil se tornou independente de maneira diversa do que ocorreu nos países americanos.

E também foram circunstâncias externas que contribuíram para a manutenção do sistema escravista no país. Ao mesmo tempo que havia uma pressão britânica pelo fim do tráfico e a concepção, entre estadistas brasileiros, de que a escravidão prejudicava a construção de um “Brasil branco”, foi a revolução industrial na Inglaterra e nos Estados Unidos que reavivaram o escravismo, com a alta no consumo de produtos como café, açúcar e algodão. Maxwell (2000) lembra que não apenas os brasileiros financiavam o sistema escravocrata, mas também os comerciantes de Nova Iorque, Londres e Liverpool. Somado aos motivos econômicos, havia

uma preocupação de manter a centralidade e a unidade do estado, além do regime monárquico, que poderiam ser ameaçados pela libertação dos escravos, segundo os analistas da época (*Ibid*).

De fato, nas décadas que se seguiram à independência, houve uma série de revoltas que ameaçaram a integridade nacional. Foi só a partir da década de 1840, com a maioridade de Dom Pedro II que se avançou na construção na Estado-nação brasileiro. Barman (2003) atribui esse avanço a alterações no cenário político nacional.

Segundo Barman (2003), foi só a partir dessa época que passou a haver uma consolidação de partidos políticos organizados: os Liberais e os Conservadores. Ainda assim, essa organização era limitada, uma vez que, apesar de defenderam um estado monárquico, centralizado e hierárquico, os Conservadores não tinham nenhum programa formal para atingirem seus objetivos. Já os Liberais se dividiam em vários subgrupos e tinham como principal ponto em comum sua oposição aos Conservadores, tendo, como descreve Barman (2003), uma “esquizofrenia ideológica”.

Nas províncias a situação era ainda pior, com os políticos se aliando aos Conservadores ou aos Liberais de acordo com seus interesses pessoais em permanecerem no poder. Isso porque, como explica Barman (2003), as eleições nesse período eram totalmente manipuladas e sempre venciam os políticos que estavam no governo, cabendo ao imperador escolher que grupo seria esse.

O Brasil retratado por Barman (2003) é o da total desorganização institucional. Nele, os juízes muitas vezes nem mesmo residiam em suas comarcas e a justiça cabia a oficiais indicados por motivos pessoais ou familiares. Não havia registro civil e nunca havia sido feito um censo, mas, quando essas medidas tentaram ser implementadas, na década de 1850, precisaram ser suspensas, já que a população acreditava que serviriam para algum tipo de exploração futura. A educação era precária e pouquíssimos conseguiam acesso ao ensino primário, enquanto a educação secundária tinha menos de quatro mil alunos no início da década de 1850.

As faculdades, proibidas no período colonial, foram liberadas no império e se formar bacharel em Direito poderia significar ascensão social para aqueles que, ainda que vindos de famílias menos abastadas, fossem suficientemente habilidosos. Naquele período, era comum que pessoas bem-sucedidas no poder judiciário também tivessem papel relevante na política, o que pode ser interpretado como mais um fator de fragilidade institucional, com uma divisão precária entre os poderes (Barman, 2003).

Para Barman (2003), essa precariedade das instituições só começou a ser solucionada ao final de década de 1840 e início da década de 1850, período marcado por alguns acontecimentos importantes. O primeiro foi a criação do cargo de Presidente do Conselho de

Ministros, em 1847, o que, segundo o autor, resultou em uma forma de governo efetiva, com uma série de reformas nos anos seguintes, como a reorganização do poder judiciário. Além disso, em 1851, o governo fez com que comerciantes e fazendeiros aceitassem o fim do tráfico de escravos vindos da África, solucionando um impasse que existia há décadas com a Grã-Bretanha. Pouco depois, o Brasil se consolidou como um importante jogador no cenário diplomático, ajudando na derrubada do ditador argentino Juan Manuel Rosas, em 1852.

Contudo, mesmo com essas alterações, o Brasil seguiu dividido em dois mundos: o oficial, dominado pelos "homens de casaca", e o real, que abrigava a maior parte dos brasileiros, mas que não era amparado pelas instituições (Barman, 2003). Vale destacar que essa não era uma realidade apenas no Império, mas também na primeira República, que, na visão de Sikdmore (1994), também foi marcada pela desorganização institucional.

> Frequentemente os líderes republicanos não conseguiam chegar a um acordo sobre a sucessão presidencial. As votações eram rotineiramente fraudulentas, especialmente no interior, onde as máquinas partidárias locais comumente davam aos seus candidatos maiorias suspeitosamente grandes. Tais fraudes desiludiam muitos da elite política mais jovem, que ansiavam pela respeitabilidade dos sistemas políticos da Europa Ocidental. [...] A realidade brasileira, alegavam políticos dissidentes e professores de direito, era uma paródia do governo democrático e representativo (Skidmore, 1994, p. 77).

Skidmore (1994) explica que muitos, como Oliveira Vianna, viam que o problema brasileiro era a ausência de um estado forte, e outros, como Paulo Prado e Sérgio Buarque de Holanda, viam, nos povos que formaram o Brasil, a origem de nosso fracasso. Para Prado, "a combinação do português amoral, o clima sedutor e o caráter maleável do índio e do africano pareciam desqualificar o Brasil para o moderno mundo industrial" (Skidmore, 1994, p.81), ainda que ele reconhecesse o caráter essencialmente político do problema brasileiro de não conseguir explorar os grandes recursos naturais do país. Já Holanda não levou em conta a influência africana ou indígena, atribuindo à colonização portuguesa os problemas do Brasil, um país com um povo cordial em que o público era invadido pelo privado (*Ibid.*).

Fato é que, para Skidmore (1994), é impossível falar do Brasil sem falar de raça. Afinal, essa foi a explicação dada por nossos próprios pensadores de por que um país com uma rica natureza não seguiu o mesmo caminho de desenvolvimento observados em seu grande modelo: os Estados Unidos. A raça é a base de nossa autoimagem e identidade nacional, independente dos fatos e teorias que possam vir a contrapor o que acreditamos. Por isso, para Skidmore (1994), estudos de raça e gênero no Brasil são a chave para entender que país é o Brasil.

3.3.3 O Brasil hoje

Percebemos que as ideia defendidas por Freyre (1995 e 2004) e Holanda (1987) foram muito inspiradas por visões externas do país. Ao mesmo tempo, as visões desses autores influenciam até hoje a ideia que se tem do Brasil. Souza (2009) argumenta que as ideias de Freyre serviram como base para moldar o senso comum, fazendo crer que os brasileiros são capazes de unir os contrários, sendo o povo do encontro cultural, da unidade e da diversidade. Por outro lado, Holanda teria influenciado o que pensam os acadêmicos sobre o Brasil: um povo regido pela emoção em detrimento da racionalidade.

Ainda que os autores sejam, de fato, centrais na construção da identidade nacional, outras visões de país foram desenvolvidas desde então. Um dos pensadores mais proeminentes foi Darcy Ribeiro. Em sua tentativa de explicar o povo brasileiro, o autor enfatiza a importância da mestiçagem, porém, dá a ela uma nova perspectiva. Ribeiro (1995) defende que, privados de suas identidades originais, os povos indígenas e negros que aqui viviam precisaram "inventar uma nova etnicidade englobadora de todos eles" (Ribeiro, 1995, p.448). Foi assim, com uma etnia brasileira já bastante desenvolvida e integrada ao Estado-Nação, que os imigrantes europeus, árabes e japoneses foram assimilados como "brasileiros genéricos". Contudo, para o autor,

> A atitude desses imigrantes é frequentemente de desprezo e incompreensão. Sua tendência é considerar que os brasileiros pobres são responsáveis por sua pobreza e de que o fator racial é que afunda a miséria dos descendentes dos índios e dos negros. Afirmam até que a religião católica e a língua portuguesa contribuíram para o subdesenvolvimento brasileiro. Ignoram que aqui chegaram a partir de crises que os tornaram excedentes, descartáveis, da mão-de-obra de suas pátrias, e que aqui encontraram um imenso país já aberto, de fronteiras fixadas, regendo autonomamente seu destino (Ribeiro, 1995, p.449).

O autor também critica a perspectiva de Holanda sobre as características brasileiras, que seriam predominantemente negativas. Na visão de Ribeiro (1995), teria sido muito pior para o Brasil caso seu povo não tivesse "a criatividade do aventureiro, a adaptabilidade de quem não é rígido, mas flexível, a vitalidade de quem enfrenta, ousado, azares e fortunas, a originalidade dos indisciplinados" (Ribeiro, 1995, p.451). Para ele, não há que se falar de "preguiça brasileira", ao contrário, há que se reconhecer que aqui se fez muito, construindo uma sociedade "incomparavelmente mais pujante e mais brilhante do que aquilo que se verificou na América do Norte" (Ribeiro, 1995, p.151).

O que Ribeiro (1995) defende é que, ao contrário de nações como a Argentina, o Canadá, os Estados Unidos ou o Uruguai, nós não estamos tentando transplantar a Europa para cá. Também não somos como os mexicanos, que têm que lidar com a dualidade cultural. O desafio do Brasil é "reinventar o humano, criando um novo gênero de gentes, diferentes de quantas haja" (Ribeiro, 1995, p.453). Ele defende que a nossa mistura criou um povo homogêneo em língua e cultura e que o nosso destino seria criar um novo tipo de povo.

> Na verdade, das coisas, o que somos é a nova Roma. Uma Roma tardia e tropical. O Brasil já é a maior das nações neolatinas, pela magnitude populacional, e começa a sê-lo também por sua criatividade artística e cultural. Precisa agora sê-lo no domínio da tecnologia da futura civilização, para se fazer uma potência econômica, de progresso autossustentado. Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra (Ribeiro, 1995, p.454-455).

O que Ribeiro (1995) se esquece é que, no Brasil, muitas vezes as pessoas não se reconhecem como miscigenadas e nem veem na mistura um valor. Aqui, as raças convivem, mas nem por isso somos mais generosos. Isso se demonstra pela imensa desigualdade entre pessoas de cor e pessoas brancas no Brasil. Hasenbalg (1982) aponta como a desigualdade racial ainda é um problema sério no país, uma vez que pessoas não brancas não só têm menos oportunidade de ascensão social, como também apresentam maiores chances de "mobilidade social descendente", perdendo as posições sociais alcançadas por gerações anteriores.

O que temos no Brasil é uma sociedade na qual "o negro enfrenta uma estrutura de oportunidades sociais diferente e mais desfavorável que a do branco" (Hasenbalg, 1982, p.97). A explicação para essa realidade deve levar em conta o tempo presente e não se escorar somente no passado escravocrata do Brasil. Isso porque,

> O poder explicativo da escravidão com relação à posição social do negro diminui com o passar do tempo, ou seja, quanto mais afastados estamos no tempo do final do sistema escravista, menos se pode invocar a escravidão como uma causa da atual subordinação social do negro. Inversamente, a ênfase deve ser colocada nas relações estruturais e no intercâmbio desigual entre brancos e negros no presente (Hasenbalg, 1982, p.90).

Entre os fatores apontados pelo autor para a desigualdade racial hoje estão o racismo e a distribuição geográfica de brancos e negros. A razão disso é a desproporcionalidade do número de pessoas não brancas vivendo em locais menos desenvolvidos e com economia predominantemente agrária. Esse fator influencia em uma série de possibilidades de ascensão social, como, por exemplo, as oportunidades educacionais e econômicas. Além disso, o racismo

influencia negativamente a autoimagem das pessoas não brancas, prejudicando suas chances de ocuparem lugares nos quais a sociedade ensina que essas pessoas não pertencem (Hasenbalg, 1982).

Esses problemas que fazem parte do Brasil contemporâneo são, na visão de Souza (2009), ignorados. Para ele, a identidade nacional brasileira, moldada pelos pensamentos de Freyre e Holanda, fez com que nós, brasileiros, nos imaginemos com autocomplacência Ainda que Holanda, por exemplo, tenha criticado atributos brasileiros, na visão de Souza (2009), o autor naturaliza essas características como parte da nossa identidade nacional, portanto, imutáveis.

Por isso, para Souza (2009), criou-se uma fantasia compensatória que nos faz ignorar os problemas atuais do País. Essa realidade gera duas consequências. Em primeiro lugar, como explica Souza (2009), ao fechar os olhos para as questões sociais, apagamos a divisão de classes e seus conflitos. Isso, por sua vez, nos torna incapazes de crescer e nos condena a seguir convenções ideológicas sem questionamento. No caso do Brasil, Souza (2012) argumenta, a partir da concepção de Bourdieu de violência simbólica, em que há uma naturalização das dominações, como se naturalizou as desigualdades ou a subcidadania, perpetuando ou excluindo do espaço público diversos segmentos sociais.

Souza (2009) também faz críticas a três concepções muito presentes na sociedade brasileira: o economicismo, o patrimonialismo e o politicamente correto. Isso porque, segundo o autor, o economicismo baseia-se na crença de que todos os agentes são racionais e usam disso para calcular suas chances na luta social pelos recursos escassos. Nesse cenário, – no qual o autor não acredita – todos teriam as mesmas capacidades de disciplina, autocontrole e também autorresponsabilidade. Para Souza (2009), essa é uma visão distorcida, pois leva a crer que as pessoas marginalizadas teriam as mesmas oportunidades de indivíduos da classe média, por exemplo.

> A crença fundamental do economicismo é a percepção da sociedade como sendo composta por um conjunto de *homo economicus*, ou seja, agentes racionais que calculam suas chances relativas na luta social por recursos escassos, com as mesmas disposições de comportamento e as mesmas capacidades de disciplina, autocontrole e autorresponsabilidade. Nessa visão distorcida do mundo, o marginalizado social é percebido como se fosse alguém com as mesmas capacidades e disposições de comportamento do indivíduo da classe média. Por conta disso, o miserável e sua miséria são sempre percebidos como contingentes e fortuitos, um mero acaso do destino, sendo a sua situação de absoluta privação facilmente reversível, bastando para isso uma ajuda passageira e tópica do Estado para que ele possa "andar com as próprias pernas". Essa é a lógica, por exemplo, de todas as políticas assistenciais entre nós (Souza, 2009, p.17).

Parte dessa crença se baseia na ideia – também problemática na visão de Souza (2009) – de que o processo de competição social começaria na escola. Essa crença ignora, como explica o autor, que, na verdade, esse processo já está, em grande parte, decidido na socialização familiar. Como explicam Berger e Luckmann (1998), são os nossos familiares ("outros significativos") que ajudam a formar nossas identidades e nos apresentam suas visões de mundo durante a socialização primária, feita na infância. Como explica Souza (2009), essa socialização é feita de maneiras distintas conforme a classe social em que estamos inseridos.

O autor afirma que a visão do economicismo, que uniformiza a todos, é superficial e encobre os problemas sociais mais profundos no Brasil. Essa lógica, para Souza (2009), domina os pensamentos dos brasileiros. Assim, apenas o desenvolvimento econômico é valorizado em detrimento do desenvolvimento social.

É essa lógica economicista que, para Souza (2009), nos faz acreditar que o mercado é capaz de resolver todos as mazelas sociais. Além disso, muitas vezes, desconsideramos que bens imateriais tais como capitais culturais e sociais são transferidos como herança às novas gerações. Por isso, atribuímos o fracasso das classes não privilegiadas a culpa individual, deixando de lado o real motivo desse insucesso: a ausência de condições prévias nos âmbitos sociais, econômicos, emocionais e morais, que são necessárias para que o indivíduo se torne produtivo e competitivo.

Ao economicismo e suas consequências se associa a descrença dos brasileiros em relação ao Estado. Souza (2009) explica que, para nós, o Estado brasileiro é patrimonialista, sendo, portanto, incapaz de estabelecer limites entre o público e o privado, uma vez que é dominado por homens movidos pelas emoções, que agem de acordo com seus afetos. Contudo, segundo essa tese, o patrimonialismo seria um mal do Estado, que não atinge o mercado.

> No caso da tese do patrimonialismo, seus pressupostos implícitos mais importantes são a "idealização do mercado" e a "demonização do Estado". Meu interesse não é o de simplesmente inverter essa relação. Afinal, isso seria permanecer no mesmo nível superficial do livro de Almeida e da tese patrimonialista. Importante é perceber que "ambas" as instituições são intrinsecamente ambíguas. Elas não são "boas" ou "más" em si mesmas. Tanto mercado quanto Estado também não são "coisas", no sentido de um conjunto de "máquinas" e "prédios". Mercado e Estado são, ambos, processos de aprendizado social que foram materializados, institucionalizados e tornados relativamente autônomos no seu funcionamento (Souza, 2009, p. 84).

Para Souza (2009), é a tese do patrimonialismo que permite a manutenção dos privilégios, pois, apesar de parecer ser crítica da realidade, não critica os pressupostos fundamentais de nossas desigualdades. Na verdade, para o autor, ela supervaloriza o capital

social, ignorando que este está intrinsecamente ligado ao capital cultural e econômico. Segundo essa teoria, não haveria diferenças na largada para a competição social, sendo responsabilidade dos indivíduos obter sucesso através de seu mérito.

No meio acadêmico, Souza (2009) explica que a tese que vem ganhando força é a do "politicamente correto", que se diferencia por não culpar a vítima, atribuindo valores contrários ao que o liberalismo conservador via como "positivo" e "negativo". Contudo, o autor vê uma forte influência religiosa na atitude do politicamente correto, que, para ele, se transveste de crítica sem o ser, mantendo apenas uma aparência. Entre os principais problemas dessa vertente, para Souza (2009), é que ela incentiva a caridade, apagando a luta de classes. Os oprimidos, à luz do "politicamente correto", são vistos como virtuosos e os conflitos são percebidos como luta entre indivíduos, desta forma, como explica Souza, o estigma e o preconceito social são vistos como uma experiência pessoal e não compartilhada socialmente.

> Como se dá a inversão especular do liberalismo conservador pela leitura "politicamente correta" da realidade? Se, como vimos, o "liberal-conservador" culpa a vítima pelo próprio fracasso para usufruir de seus privilégios sem má consciência, o "politicamente correto" trata de "idealizar" e de "romantizar" o oprimido, como se fossem as representações conscientes a causa da dominação social e apenas bastasse a "boa vontade cristã" para reverter o quadro de dominação injusta. Assim, mantém-se a leitura superficial da realidade do nosso liberalismo conservador, que não percebe a "estrutura profunda" que faz a dominação social se reproduzir de modo aparentemente "legítimo", e "idealiza-se" a vítima, apenas por ser vítima (Souza, 2009, p.90).

Para Souza (2009), o liberalismo conservador naturaliza as desigualdades e abandona os desclassificados sociais. Por outro lado, o politicamente correto fica preso ao assistencialismo "míope e de curto prazo". Além disso, os teóricos do politicamente correto recorrem ao personalismo e ao patrimonialismo para explicar as motivações dos preconceitos, ou seja, os pressupostos teóricos não são reconstruídos e mantém-se a leitura superficial da realidade que existe no liberalismo conservador e a impotência crítica (Souza, 2009).

Não é possível esquecer também que membros do liberalismo conservador ou da extrema direita têm se orgulhado de se classificarem como "politicamente incorretos". O discurso contrário ao "politicamente correto" feito pelo ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, já foi mencionado internacionalmente. Ainda em outubro de 2018, antes de Bolsonaro ser eleito, uma reportagem do *The New York Times* aponta Bolsonaro como um líder de "extrema direita" que é visto por seus apoiadores como não sendo "politicamente correto", mas que defende valores como a família a e a tradicional educação cristã. À época, Bolsonaro já era comparado a Donald Trump e havia recebido apoio de um ex-líder do Ku Klux Klan. Porém, Bolsonaro

declarou que não aceitaria apoio de grupos extremistas, afirmando que o Brasil era um país multirracial (Darlington, 2018).

Segundo Souza (2009), todos os estudos feitos até hoje focaram na análise de uma singularidade brasileira que, para o autor, não passa de um conto de fadas. Para o autor, esse método é inadequado por duas razões principais. A primeira delas é de que essa concepção tem cunho ideológico, com o objetivo de criar uma "unidade nacional". Portanto, elas não são objetivas e, sendo assim, são inadequadas para a produção de conhecimento científico. Como consequência, tem-se a segunda razão da inadequação desse método, que é a aceitação do "brasileiro do jeitinho", como se essa não fosse a "construção de uma fantasia" com fins de legitimação política.

Schwarcz e Starling (2018) procuram ter uma visão mais realista sobre o Brasil. Para as autoras, o país é marcado por contrastes. Ao mesmo tempo que é, sim, um lugar onde se predominou a mistura de etnias e culturas, também é uma nação fundada na violência. Como apontava Freyre (1995), existem diferenças entre o racismo no exterior e o nacional. Aqui, segundo Schwarcz e Starling (2018), há uma porosidade na fronteira das cores. É por essa razão que ocorre um embranquecimento daqueles que estão em classes sociais superiores e vice-versa, mesmo que a realidade biológica não seja correspondente. Essa porosidade é acentuada pela intensa mestiçagem que caracteriza o Brasil. "Construída na fronteira, a alma mestiça do Brasil – resultado de uma mistura original entre ameríndios, africanos e europeus -, é efeito de práticas discriminatórias já centenárias, mas que, ao mesmo tempo, levaram à criação de novas saídas" (Schwarcz e Starling, 2018, p.15).

Entretanto, em vez de reconhecermos quem somos e buscarmos essas saídas, as autoras explicam, assim como já haviam dito Lima Barreto e Sérgio Buarque de Holanda, que os brasileiros querem negar quem são e esperar por soluções milagrosas. Uma das formas de fazê-lo seria colocar nossa identidade sempre em xeque.

Esse confronto sobre o que se entende como identidade brasileira se mostrou presente durante as últimas disputas eleitorais. Desde 2014, quando Dilma Rousseff venceu as eleições com uma votação expressiva no Nordeste, eleitores de outras regiões do país hostilizaram os nordestinos pelo resultado das eleições e os responsabilizaram pelas "mazelas da nação"[49]. O ódio se espalhou pelas redes sociais, onde os nordestinos foram xingados com palavrões e até

[49] TERRA. Nordestinos são hostilizados após vitória de Dilma Rousseff. **Terra**, 27 de outubro de 2014. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/nordestinos-sao-hostilizados-apos-vitoria-de-dilma-rousseff,aa13fc86bd059410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html Acesso em 09 de maio de 2023.

ameaçados de morte. Prontamente os nordestinos e brasileiros de outras regiões do Brasil reagiram para combater o discurso de ódio, fazendo com que a tag "#SouDoNordesteMesmoEComOrgulho" se tornasse o assunto mais comentado do Twitter naquele dia.

Em 2018, quando quem venceu foi Jair Bolsonaro, os eleitores do Nordeste foram vítimas de xenofobia por se alinharem a um espectro político de esquerda. Novamente, em 2022, o número de denúncias contra nordestinos por razões políticas apresentou pico durante as eleições[50]. Segundo dados levantados pela ONG Safernet e reproduzidos pelo G1, o número de denúncias de xenofobia na internet foi ainda maior em 2022 do que em 2018. Além dos nordestinos, outros grupos, como a população LGBT e pessoas não brancas, também foram vítimas de discursos de ódio em uma incidência maior em 2022.

Souza (2009) faz muitas críticas às visões clássicas e contemporâneas sobre o Brasil. Porém, o autor também apresenta uma proposta para que se compreenda de maneira mais adequada os problemas da sociedade brasileira. Para ele, deveríamos começar a análise "pelas estruturas gerais do racionalismo moderno, do qual o Brasil vai se constituir como 'variação específica'" (Souza, 2009, p.104).

O primeiro passo seria se desvincular do senso comum e de leituras superficiais. Para Souza (2009), essas concepções estão ancoradas em uma percepção enganosa de que as ideias e valores europeus foram transpostos para o Brasil e permanecem como eram até hoje. Para o autor, são as instituições que constroem o indivíduo como ele é e, para corrigir o erro da percepção que temos do Brasil, é necessário estudá-las.

Em especial, Souza (2009) destaca a necessidade de estudar as instituições que marcam o início da Modernidade: o mercado competitivo capitalista e o Estado moderno e centralizado. Apesar de existirem questionamentos sobre como foi construída a Modernidade no nosso país, o autor concorda com Freyre (2004) na afirmação de que o Brasil moderno começou com a chegada da Corte de Portugal e a abertura dos portos aos ingleses, em 1808. Ou seja, as sementes da modernização vieram de fora do Brasil.

Porém, como ressalta Souza (2009), as instituições não podem ser vistas como neutras nem externas às pessoas, uma vez que exercem grande influência no nosso comportamento. Exemplo disso seria que nas sociedades pré-modernas a religião tinha influência explícita sobre

---

[50] G1. Xenofobia contra nordestinos na época da eleição fez número de denúncias disparar na internet, mostra pesquisa. **Portal G1**, 8 de fevereiro de 2023. Disponível em: https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/02/08/xenofobia-contra-nordestinos-na-epoca-da-eleicao-fez-numero-de-denuncias-disparar-na-internet-mostra-pesquisa.ghtml Acesso em 09 de maio de 2023.

os indivíduos. Hoje, como explica o autor, organizações como o mercado e o Estado, entre outras instituições impessoais, são as que "comandam nosso comportamento", mesmo que não tenhamos consciência disso. Sendo assim, não basta saber de onde vieram as "sementes" da modernidade. É preciso, para Souza (2009), questionar quais foram as articulações entre valores e ideais que moldam as instituições modernas no Brasil.

Aqui, por exemplo, temos líderes religiosos que são também magnatas do mundo da comunicação. É o caso de Edir Macedo, que além de proprietário do Grupo Record, é o fundador da Igreja Universal. Em 2018, ele foi listado pelo *The New York Times* como um importante *player* político, assim como o conglomerado do agronegócio no Congresso e elites do mercado. Todos esses grupos declararam apoio a Bolsonaro nas eleições de 2018, mesmo com o então candidato tendo dito coisas que, nas palavras de Lilia Schwarcz em entrevista ao NYT, caso fossem levadas a sério, colocavam a democracia do Brasil em grave perigo[51]. Na mesma reportagem em que a pesquisadora é entrevistada, o jornal estadunidense associa Bolsonaro à extrema direita e informa que o político já tinha aparecido nos jornais por defender a ditadura e atacar grupos como mulheres, pessoas não brancas e a população LGBT.

Segundo Taylor (1997), no Ocidente pré-moderno, predominou-se a ideia de que é bom tudo aquilo que se relaciona à mente e à alma, enquanto o que se liga ao corpo, como a sexualidade, era visto de maneira depreciativa. Esse ideal, como explica o autor, se origina nos pensamentos de Platão, mas só se institucionalizou por influência da Igreja Católica.

Porém, Souza (2009) lembra que, com a reforma protestante, houve uma inversão dos valores católicos. Se antes o ócio e a consequente exploração do trabalho de outrem era valorizada, o protestantismo passa a ver o trabalho como fonte de prestígio. São esses valores, predominantes nas classes burguesas, que, como explica Souza (2009) se disseminam pelo mundo moderno.

Entretanto, segundo Taylor (1997), o trabalho não é a única fonte de moralidade nas sociedades modernas. Para o autor, existem ainda os valores expressivistas que colocam a moral como sendo fruto da natureza dos indivíduos e, sendo assim, servindo como fonte de admiração. Para Souza (2009), no Brasil, algumas pessoas têm o direito de viver "expressivamente" negando, uma vez que o expressivismo parte da ideia de que cada pessoa possui uma voz própria e, no nosso país, alguns grupos não são reconhecidos socialmente.

---

[51] LONDOÑO, Ernesto e DARLINGTON, Shasta. Far-Right Candidate Jair Bolsonaro Widens Lead in Brazil's Presidential Race. ***The New York Times***, Rio de Janeiro, 5 de outubro de 2018. Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/10/05/world/americas/brazil-presidential-race-bolsonaro.html?searchResultPosition=1 Acesso em 10 de maio de 2023.

Souza (2009) vê na análise dessas fontes morais a possibilidade de explicar que características típicas do mundo moderno são percebidas, no Brasil, como uma comprovação ilusória da nossa "pré-modernidade". Segundo o autor, o mesmo mecanismo é usado na argumentação de que existiria uma singularidade brasileira, como se fossemos diferentes de todas as outras sociedades modernas. Para o autor, o que existe no Brasil é uma "modernidade excludente" em que nem todas as pessoas foram incluídas na universalização dos valores modernos.

Uma prova de que o argumento de Souza (2009) tem fundamentos na realidade brasileira é que Jair Bolsonaro foi eleito presidente da república mesmo tendo se tornado conhecido por apoiar a ditadura militar e fazer comentários ofensivos contra grupos minoritários. Darlington (2018) destaca uma fala comummente citada em que Bolsonaro diz que moradores de comunidades quilombolas "não fazem nada" e que não serviriam "nem para procriador", demonstrando o preconceito do ex-presidente com grupos marginalizados.

Para Souza (2009), a visão dominante, por ser superficial e enganosa, reprime e tenta apagar o que, para o autor, é o aspecto mais relevante nos estudos sobre o Brasil: a invisibilidade social, analítica e política de grupos chamados por ele de "ralé brasileira". Esse grupo inclui aqueles que são explorados e, além de não receberem nenhum reconhecimento por seu trabalho, são desprezados pelo restante da sociedade brasileira. Segundo Souza (2009), essa falta de reconhecimento é umas das razões para que a "ralé brasileira" não tenha condições de se estabelecer politicamente de maneira independente.

> É apenas porque nós brasileiros permitimos a reprodução continuada de uma classe condenada a ser "corpo" sem alma ou mente (ou seja, uma forma de "indivíduo racional" aproveitável econômica e politicamente) que podemos também temê-la e persegui-la cotidianamente como delinquentes ou delinquentes potenciais. É apenas por serem percebidos como meros "corpos", numa sociedade que valoriza a disciplina e o autocontrole acima de tudo, é que essa classe desprezada é vista como tendencialmente perigosa e como assunto da "polícia", e não da "política" (Souza, 2009, p.122).

Assim como Souza, Schwarcz e Starling (2018) acreditam que algumas percepções do senso comum do que é ser brasileiro devem mudar. Elas criticam a abordagem que nos coloca como um povo pacífico e avesso à violência. Para as autoras, isso é ignorar o fato de que o Brasil, ainda que tenha uma forte presença da desigualdade social, também "luta com tenacidade para construir valores republicanos e cidadãos" (Schwarcz e Starling, 2018, p. 18).

Na visão de Brasil das autoras, somos um país onde reina a dualidade. Nossa construção se baseou no sistema escravocrata, no qual a violência era predominante, assim como a luta por liberdade. Na ditadura de Vargas não havia liberdades individuais, mas houve um avanço nos

direitos sociais. Uma das provas de que aqui se valoriza os direitos sociais em detrimento dos direitos políticos. Essas experiências fizeram do Brasil um lugar ambíguo, onde violência e democracia convivem lado a lado.

O que podemos perceber ao revisar a visão de todos esses autores é que o entendimento do que é o Brasil e do que são os brasileiros não está totalmente sedimentado. Ortiz (1986) observa que, ainda que a maioria dos autores acredite haver uma relação entre o popular e a identidade nacional – como na associação entre o carnaval e a índole do brasileiro –, existe uma mudança de perspectiva que se associa às mudanças no Estado Nacional. Isso acontece porque

> É através de uma relação política que se constitui assim a identidade; como construção de segunda ordem ela se estrutura no jogo da interação entre o nacional e o popular, tendo como suporte real a sociedade global como um todo. Na verdade, a invariância da identidade coincide com a univocidade do discurso nacional. Isto equivale a dizer que a procura de uma "identidade brasileira" ou de uma "memória brasileira" que seja em sua essência verdadeira é na realidade um falso problema. A questão que se coloca não é de se saber se a identidade ou a memória nacional apreendem ou não os "verdadeiros" valores brasileiros. A pergunta fundamental seria: quem é o artífice desta identidade e desta memória que se querem nacionais? A que grupos sociais elas se vinculam e a que interesses elas servem? (Ortiz, 1986, p.139).

Para Ortiz (1986), são os intelectuais aqueles responsáveis por fazer a mediação entre o popular e o nacional, interpretando e construindo nossa identidade. Ao mesmo tempo que esta funciona como um elemento de união e fundamenta ações políticas, ela é dependente das relações que são apreendidas pelos autores (Ortiz, 1986). Ou seja, as construções identitárias também dizem muito sobre as relações de poder.

3.3.4 O Brasil na mídia

Sabendo que o retrato da realidade feito pela mídia depende de diversos fatores, incluindo a visão dos grupos dominantes (Traquina, 2001 e Bourdieu, 2001), não é surpresa que a visão do Brasil pela mídia externa em muito reflita o que pensadores brasileiros e estrangeiros disseram sobre o Brasil. Dota (2010) observa que a cobertura do *The New York Times* no primeiro semestre de 2004 é predominantemente negativa. Pelo volume de textos publicados na ocasião – apenas 22 em seis meses – percebe-se que o que acontece no país não é frequentemente entendido como noticiável. Já o que vira notícia é comumente relacionado à "violência, miséria e desorganização do poder público" (Dota, 2010, p.402). Há um consenso entre os autores de que

> os jornalistas internacionais preferem divulgar as notícias ruins, os desastres naturais ou desastres produzidos pelos homens. Ou seja, as pautas consideradas negativas. Assim, são responsáveis pela construção da imagem dos países. Seguindo essa linha de pensamento, as reportagens produzidas pelos correspondentes e pelas agências internacionais provavelmente serão as únicas informações que o grande público receberá sobre este grande e importante país da América Latina chamado Brasil (Brasil, 2013, p.784).

Dota (2010) observa ainda a forte presença de temas sociais quando o assunto é o Brasil. Naquele momento, o que interessava ao *New York Times* eram questões como o conflito de terras, o favelamento, a pobreza e as dificuldades econômicas do Brasil. Porém, segundo Dota (2010), o jornal deixa de trazer aspectos sobre essas questões que favoreceriam a imagem do Brasil, como ações governamentais que visavam solucionar ou diminuir esses problemas. Isso não significa que houvesse uma ausência total de pautas positivas sobre o país, mas a proporção dessa incidência era muito pequena.

Essa percepção é endossada por Almeida (2018) em sua análise das notícias publicadas por relevantes jornais internacionais que utilizaram como fonte agências de notícias. Ele explica que 69% das vezes, os fatos apresentados tinham uma conotação negativa sobre o Brasil. Além disso, os enquadramentos noticiosos utilizados eram predominantemente episódicos (52,4%) e temáticos (47,6%), o que condiz com os principais valores-notícia identificado por ele: atualidade, dramaticidade e notoriedade, que, juntos, tem uma frequência de 51,2%.

Contudo, talvez os próprios brasileiros possam ser responsabilizados por essa abordagem internacional. Isso porque, conforme Almeida (2018), os correspondentes internacionais se baseiam nos principais veículos nacionais para a definição de suas pautas, apesar de também buscarem outras informações e ouvirem especialistas. Essa é a mesma realidade observada por Brasil (2013). Segundo o autor, "a imagem do Brasil no exterior é um processo de autorreferencialidade que se confunde com a nossa própria identidade nacional" (Brasil, 2013, p.777).

Ele lembra, porém, que é importante não acreditar que as imagens são construídas sem intencionalidade, uma vez que é impossível que haja uma total objetividade no relato de um fato (Brasil, 2013). Esse fator é ainda mais importante se considerarmos que grande parte da cobertura internacional é feita pelas agências de notícias. Essas agências funcionam como as "atacadistas" do mercado de notícias, vendendo seus conteúdos para as "varejistas" da mídia e, consequentemente, pautando veículos midiáticos em todo o mundo (Esperidião, 2011).

E existem "atacadistas" de notícias mais importantes que outros. Esperidião (2011) destaca que a Associated Press (AP), a Thomson Reuters, a France-Presse (AFP) e a EFE controlam ao menos 70% de todo o fluxo de notícias global, ainda que redes periféricas, ou

seja, que estão fora do circuito Europa-EUA, tenham ganhado espaço. Exemplo desse poder é que a Associated Press Television News, (APTN) o segmento de televisão da Associated Press, alegou que, em 2011, era vista por metade da população do mundo em um único dia.

Segundo Esperidião (2011), no segmento televisivo a APTN e a Reuters TV estão no topo de uma central de distribuição de notícias, enviando e recebendo conteúdo de seus escritórios locais, de parceiros relevantes – tais como a ABC, a CBS e a CNN – e de outras empresas, indivíduos, ONGs e emissoras (sejam locais ou estatais). No Brasil, por exemplo, a autora relata que grandes emissoras comerciais – como a Globo, o SBT, a Record e a Band – vendem (ou trocam) seus conteúdos para as agências de notícias. Esse material passa por edições e revisões pelo escritório responsável pela América Latina e enviado para a sede das agências, onde o material é redistribuído. Ou seja, ainda que esses veículos de comunicação estejam presentes em vários lugares do mundo, o conteúdo produzido por eles está subordinado aos escritórios de seus países de origem (Brasil, 2013). E existem outas consequências "controversas" dessa parceria.

> Primeiro, são esses clientes de primeiro escalão que determinam as prioridades na cobertura, eliminando temas e regiões que não sejam de seus interesses e presumindo, portanto, uma uniformidade de conteúdos nas agências. Segundo, os entrelaces sugerem também distorções monopólicas: na primeira Guerra do Golfo, em 1991, foi o acordo com a extinta Word Television News, a WTN, que possibilitou que a CNN dominasse as transmissões ao vivo por três semanas seguidas (Esperidião, 2011, p.109).

Não se pode esquecer ainda que existem limitações editoriais e orçamentárias que as sedes das agências impõem aos seus escritórios regionais, o que contribui para a dependência dos meios de notícia locais para a apuração das informações (Esperidião, 2011). Além disso, Fenby (1986 *apud* Brasil, 2013) destaca que, quando optam por reproduzir notícias das mídias locais, as agências de notícias também reproduzem a visão da elite dominante e, assim, contribuem para que os países sejam simplificados, estereotipados e caricaturizados.

E não se pode esquecer a visão de mundo do próprio veículo de imprensa que produz a notícia. Sales (2016), em sua análise da visão da revista *The Economist* sobre o Brasil entre 1964 e 2010, observou que a identificação do periódico com a ideologia liberal teve impacto significativo em sua cobertura sobre nosso país no período analisado. No período da ditadura militar, por exemplo, denúncias sobre as violações de direitos humanos que ocorriam foram, muitas vezes, ignoradas, enquanto se reforçava a imagem do Brasil como potência. Não que a cobertura do Brasil feita pela revista fosse isenta de críticas, mas elas também se concentravam no viés econômico.

> A forma como o Brasil foi noticiado e interpretado durante a ditadura militar refletiu o viés da revista e isso pode ser visto em diversos momentos: como na defesa da necessidade de intervenção militar, no uso do Brasil como um exemplo de adesão dos países em desenvolvimento ao livre mercado e na quase ausência de críticas sobre o desrespeito aos direitos humanos e à prática da tortura. Por outro lado, o endividamento e a inflação em função de uma política econômica considerada equivocada pareceram ser os elementos que capitanearam as críticas, inclusive em outros setores (Sales, 2016, p.240).

Essa ênfase não foi dada apenas no período da ditadura, mas também prevaleceu após a retomada da democracia. Ainda que questões como a desigualdade social e os direitos humanos ganhem mais destaque a partir dos anos 1980, o sucesso na economia é visto como uma condição para o bem-estar social. Sendo assim, é de se esperar que, como observou Sales (2016), a aproximação do governo com o neoliberalismo no período entre 1995 e 2002 tenham resultado em uma cobertura mais favorável ao Brasil nesse período, bem como à figura de Fernando Henrique Cardoso.

Nessa época, relata Sales (2016), não houve críticas personalistas que existiram em diversos momentos. As críticas presentes eram ao sistema gratuito de educação superior no Brasil, com a *The Economist* defendendo uma política meritocrática de ações afirmativas, como acontecia nos Estados Unidos. Por outro lado, o papel do Brasil como liderança regional ganha destaque. “De 1995 a 2002, a estabilização da economia e a abertura ao mercado internacional parecem ser os temas mais importantes mesmo em política internacional” (Sales, 2016, p.242).

Ainda que o liberalismo do governante seja um dos fatores centrais na cobertura da *The Economist*, durante os dois primeiros mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva, Sales (2016) observa uma cobertura positiva e até “entusiasmada”, com elogios a Lula e ao então ministro da Fazenda, Antonio Palocci. Para a autora, entre 2003 e 2010, os temas mais abordados pela revista quanto o assunto era o Brasil eram: “o crescimento e a estabilidade econômica, o regime democrático, a redução da desigualdade social e a autossuficiência energética” (Sales, 2016, p. 241).

Dias (2015) também observa uma cobertura positiva com relação à política externa brasileira durante o período dos dois mandatos do presidente Lula. Segundo a autora, entre 2003 e 2010, dos 68 artigos do *The New York Times* analisados por ela, 41 foram positivos, 16 foram neutros e apenas 11 puderam ser considerados negativos. Outra observação importante sobre o tratamento do jornal aos governos de Lula são os temas mais frequentes. Segundo Dias (2015), os textos analisados se encaixam, em sua maioria, nas categorias “Poder Global/Poder Regional” (16) e Perfil Presidencial (14), sendo que apenas dois textos entre esses foram considerados negativos pela autora, ambos da categoria Perfil Presidencial.

Cabe ressaltar também que, em situações em que o Brasil se aliou aos interesses dos Estados Unidos, como no caso da Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti (Minustah), em 2004, a cobertura do *The New York Times* foi positiva. Por outro lado, em momentos em que o posicionamento do Brasil foi diferente daquele adotado pelos Estados Unidos, como a relação com o Irã e seu desenvolvimento nuclear, houve uma cobertura predominantemente negativa (Dias, 2015).

Ou seja, mesmo que Lula e seu governo tenham tido uma imagem predominantemente positiva, como observaram Sales (2016) e Dias (2015), isso não significa que ele fosse isento de críticas, especialmente quando comparado a outras possibilidades vistas para o Brasil. Isso se demonstra na análise das eleições realizadas em 2007 feita por Dota (2009). À época, a autora percebeu que, ao retratar Lula e seu adversário Geraldo Alckmin, o jornal *The New York Times* teve um enquadramento mais favorável ao antigo governador de São Paulo do que ao então presidente, dando mais espaço para acusações de corrupção no governo do petista e para argumentos que culpavam Lula e não Alckmin pela atuação do crime organizado em São Paulo. "Na maioria das vezes em que a temática da corrupção é trazida à tona, o direcionamento das matérias confronta os candidatos com prejuízo para Lula, [...] Alckmin se coloca como partidário da ética em oposição à corrupção que estaria do lado de Lula" (Dota, 2009, p.11).

Ao mesmo tempo que Dota (2009) observa um favoritismo dado ao jornal para Alckmin, cujos escândalos de corrupção são abordados de forma mais branda e os bons desempenhos em pesquisas eleitorais são enfatizados, a autora acredita que o *The New York Times* não deixa de reconhecer a força de Lula. Contudo, em algumas ocasiões, ela observa descrições pejorativas de Lula e até um tratamento irônico dos eleitores brasileiros, que não se importariam com os escândalos de corrupção do governo petista. Ao mesmo tempo, o jornal não esconde que Lula realizou programas sociais que tiraram milhões de brasileiros da pobreza e que essa atuação, bem como o estilo pessoal de Lula, foram fatores centrais para a sua reeleição.

Essa dualidade volta a aparecer nas eleições de 2010, quando, mesmo descrevendo Dilma Rousseff como sendo a responsável por carregar o legado de Lula, o *The New York Times* volta a ressaltar a corrupção, a violência e a agitação do Brasil (Dias, 2015). Ainda conforme a autora, Lula ganhou o apelido de "teflon president", o mesmo usado para caracterizar Ronald Reagan para definir a capacidade de se desviar de acusações de corrupção e outros escândalos. Apesar disso, ao fim de seu mandato o "Presidente Lula da Silva goza de uma imagem majoritariamente positiva, fruto tanto de seu carisma e características de líder natural" (Dias, 2015, p.61).

Já quando Dilma Rousseff assume a presidência, a cobertura é predominantemente neutra (22 dos 56 artigos analisados), mas com uma tendência para o retrato negativo, já que 20 textos se encaixam nessa categoria e apenas 14 podem ser descritos como positivos (Dias, 2015). A análise levou em conta apenas o primeiro mandato da presidente Dilma e, nesse período, a autora observa que o Perfil Presidencial, além de ter ganhado menos destaque do que durante o governo Lula, também foi tratado de maneira predominantemente negativa. A presidente era descrita como dura e impessoal, sendo, muitas vezes, comparada a Lula e seu carisma (Dias, 2015).

A atuação diplomática de Dilma chegou a ser classificada como "inexpressiva" pelo *The New York Times* e, segundo Dias (2015), o episódio da espionagem dos Estados Unidos ao Brasil resultou em críticas às atitudes do governo brasileiro. Esse, entre outros fatores, leva a autora a reforçar sua análise de que as ações do governo brasileiro são tratadas de forma positiva quando são consonantes aos interesses estadunidenses e de forma negativa quando os contradizem.

É curioso notar que, no episódio de espionagem dos Estados Unidos, a cobertura dos jornais brasileiros foi distinta daquela feita pelo *The New York Times*, com a cobertura interna, apoiando a decisão de Dilma Rousseff de adiar sua visita aos EUA tendo sido bem recebida pela imprensa nacional e criticada pelo periódico norte-americano (Dias, 2015). Isso nos indica que, apesar da influência dos noticiários locais na cobertura internacional, como apontado por Brasil (2013), os interesses dos países sedes dos veículos de imprensa podem se sobrepor.

Outro fator que deve ser considerado na cobertura internacional do Brasil durante os governos Lula e Dilma é a importância dada pelos gestores a essa área. Segundo Cirino *et al.* (2019), Dilma não tinha a mesma disposição que Lula para ser "a protagonista e porta-voz na imprensa dos assuntos de interesse do país" (Cirino *et al.*, 2019, p.64). Os autores relembram que foi Lula quem criou uma estrutura de diplomacia midiática para o Brasil, que permitia contato direto e especializado entre os jornalistas estrangeiros e os órgãos oficiais, sendo criada, inclusive, um departamento dentro da Secretaria de Comunicação dedicado a esses profissionais. A estrutura se manteve no governo de Dilma Rousseff, porém, foi subutilizada. "Os dados oficiais apontam ainda que a ex-presidente realizou viagens nacionais e internacionais nas quais sequer promoveu encontros com a imprensa" (Cirino *et al.*, 2019, p.65).

Segundo os autores, a estratégia foi repensada a partir de 2015, contudo, àquela altura, a imagem internacional do Brasil já havia sido comprometida. Segundo um estudo realizado

pela agência de comunicação Imagem Corporativa[52], entre 2009 e 2013, a cobertura da imprensa internacional sobre o Brasil havia sido predominantemente positiva (com índices entre 73% e 82%). Contudo, a partir de 2014, esse quadro se inverteu, com uma cobertura predominantemente negativa sobre o país, com 64% e 81% de matérias negativas em 2014 e 2015, respectivamente. Para Cirino *et al.* (2019), no momento do *impeachment*, em 2016, "a pouca habilidade de Dilma para lidar com a imprensa resultou em dificuldades para legitimar seu discurso diante da opinião pública, apesar de ter conquistado certa simpatia da mídia estrangeira" (Cirino *et al.*, 2019, p.68).

Para Buarque (2022), os protestos de junho de 2013 marcaram a virada na cobertura da imprensa internacional sobre o Brasil. Se durante os governos de Lula o país era visto como "a bola da vez", a partir dos protestos, os problemas nacionais começaram a ganhar mais destaque no noticiário. Além disso, uma série de acontecimentos posteriores levaram ao enfraquecimento da imagem no Brasil como um país sério.

> A abordagem crítica se destacou na Copa do Mundo, se manteve com a reeleição de Dilma e a percepção de perda de rumo e de descontrole da economia. E então veio a Operação Lava Jato, investigação criminal que mostrou um Brasil dominado pela corrupção, mas que pelo menos tentava algo contra ela. E vieram tragédias nacionais como o rompimento de uma barragem em Mariana (MG) e o vírus Zika. [...] Com Temer, o mundo ensaiou ver uma correção de rumo ao menos da economia, mas a percepção de disfuncionalidade e corrupção permaneceu (Buarque, 2022, p. 139).

O autor conta que o que predominou a partir de 2013 foi a percepção do Brasil como uma decepção. Ainda que a Copa do Mundo e as Olimpíadas tenham sido, no final, um sucesso, os eventos serviram mais para consolidar o estereótipo de Brasil como um ótimo local para festas, com um povo divertido e simpático e não como um país que pode ser levado a sério (Buarque, 2022). Isso porque, como explica o autor, a maior parte das notícias produzidas antes e depois dos eventos foi negativa, com ênfase para a corrupção, a má gestão econômica e a violência. O que foi pensado como uma oportunidade para consolidar a imagem do Brasil como um lugar de seriedade, acabou tendo o efeito contrário, dando visibilidade para os problemas pelos quais o país passava, como a crise política que culminou no *impeachment* de Dilma Rouseff. Ou seja, "o Brasil falhou na sua tentativa de usar grandes eventos internacionais para transformar sua "marca" global. Em vez de melhorar sua reputação, os jogos serviram para

[52] IMAGEM CORPORATIVA. **I see Brazil.** Imagem Corporativa, n. 9, 2016. Disponível em https://conteudo.imguol.com.br/blogs/52/files/2016/05/i-see-brazil-2016.pdf. Acesso em 1º de agosto de 2024.

reforçar estereótipos e consolidar a imagem do Brasil como um país decorativo, pouco sério" (Buarque, 2022, p.154).

Tendo isso em vista, é preciso considerarmos como os estereótipos fazem parte da cobertura dos jornais internacionais sobre o Brasil. Como indica Paganotti (2007), mesmo durante o governo Lula – quando, segundo a maioria dos pesquisadores, a cobertura foi mais positiva – alguns estereótipos negativos do país estavam presentes. Esses estereótipos podem ser compreendidos como a ideia preconcebida que temos de algo ou, como definiu Lipmann (*apud* Buarque, 2022) "a imagem em nossas cabeças". Essas imagens têm seus aspectos negativos como "o preconceito, a fixação, a superficialidade, o reducionismo, a caricatura, o exagero e a repetição" (Paganotti, 2007, p.5).

Muitas vezes, os correspondentes internacionais recorrem aos estereótipos e clichês pela impossibilidade de se aprofundarem no tempo, seja por falta de tempo ou de espaço. No caso do Brasil, Paganotti (2007) observa que eles se dividem em quatro tipos: o Brasil "verde" (com ênfase nas características naturais do país), o Brasil "de lama" (cujo enfoque é a corrupção, a política e o subdesenvolvimento), o Brasil "de sangue" (que aborda temas como o tráfico, a violência e a pobreza generalizada) e o Brasil "de plástico" (que inclui temáticas ligada a visão publicitária do Brasil, como as festas de carnaval e a sexualidade).

Entre 2002 e 2005, em uma análise que considerou 1.244 textos de sete jornais, sendo um dos EUA, dois da Inglaterra, dois da Argentina, um de Portugal e um da Espanha, Paganotti (2007) averiguou que o Brasil "de sangue" foi a representação mais frequente, com ênfase para o tráfico e para a insegurança. O Brasil "de lama" aparece logo atrás, com os temas mais comuns sendo a corrupção generalizada, a discriminação, a pobreza, a impunidade e o coronelismo. Já o Brasil "verde", terceiro mais frequente, tem como destaques a depredação ambiental e o país exótico. Por fim, no Brasil "de plástico", temas como sensualidade, samba e carnaval e "nação do futebol" são os mais abordados.

Ainda que Paganotti (2007) estime que foram analisados apenas 1,7% do total de textos produzidos por correspondentes sobre o Brasil no período, os dados demonstram a importância dos estereótipos na cobertura sobre o país. Eles revelam também uma alta frequência de estereótipos negativos sobre o Brasil. Além disso, esses estereótipos são abordados de forma a mais os reforçar do que os transformar. Contudo, o autor acredita que houve, sim, uma transformação na imagem do país, que não era mais somente visto como o país do carnaval e da chanchada.

Já Buarque (2022) indica que não é fácil mudar a imagem de um país e, mesmo que estereótipos como os do que Paganotti (2007) chamou de Brasil "de plástico" estejam presentes,

isso não é totalmente negativo. Afinal, essas características fizeram do Brasil um dos países mais “legais” do mundo em pesquisas especializadas. Além disso, outros países, como a Itália e a Espanha, são mais associados ao carisma do que à seriedade. Porém, essa aproximação torna o Brasil mais “decorativo” e o afasta do status de potência global que almeja (Buarque, 2022).

Essas características ligadas ao estereótipo da nação não costumam ser alteradas com facilidade. Ainda assim, Buarque (2022) acredita que, ao longo dos governos de Fernando Henrique Cardoso e de Luiz Inácio Lula da Silva, houve um avanço no estabelecimento do Brasil como um país sério. Contudo, a partir de 2017, o autor percebe um rebaixamento da marca “Brasil” e da reputação do país, especialmente porque o futuro da democracia brasileira estava em risco.

Buarque (2022) aponta diversos fatores que contribuíram para essa queda de reputação. Entre eles estão o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, os rumos tomados pela Operação Lava Jato, a greve dos caminhoneiros e os pedidos por uma intervenção militar. Porém, para Buarque (2022), foi a eleição de Bolsonaro e seu comportamento como presidente da República que mais colocaram o Brasil em risco aos olhos estrangeiros.

Ainda que, tradicionalmente, situações passageiras não costumem impactar na maneira como uma nação é vista pelas demais, Buarque (2022) vê nos resultados de pesquisas de opiniões globais que os líderes de um país podem funcionar como “garotos propaganda”, auxiliando ou dificultando nas negociações com outras nações. No caso brasileiro, um líder que facilite essas negociações é ainda mais importante, já que, “O país não é uma potência militar e econômica, e muito do que o país alcança internacionalmente depende do prestígio do país, da imagem que o resto do mundo tem dele” (Buarque, 2022, p.171).

Essa imagem, por sua vez, pode variar conforme o que é noticiado internacionalmente (Buarque, 2022). Para o autor, se Lula projetou o Brasil como uma nação conciliadora, defensora do meio ambiente e da democracia, Bolsonaro colocou tudo isso a perder, com uma gestão ruim da pandemia de covid-19, resultados negativos na área ambiental e até um desgaste do Itamaraty. No governo Bolsonaro, o Brasil teria atingido uma de suas piores imagens na história (Buarque, 2022).

4. COMPREENDENDO A PESQUISA

Até aqui, apresentamos o resultado de uma pesquisa bibliográfica acerca do conceito de identidade (tanto nacionais quanto individuais), da comunicação, do jornalismo e de seus papéis na sociedade, bem como da identidade nacional do Brasil, vista por pesquisadores clássicos, atuais, estrangeiros e também por veículos de comunicação. Essa etapa da pesquisa pode ser compreendida como

> [...] um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (Stumpf, 2010, p. 51).

Os conhecimentos explanados até aqui serão chave para as conclusões que serão apresentadas neste trabalho. Contudo, antes de chegarmos a qualquer conclusão, é preciso adentrarmos na etapa de pesquisa documental desta tese. Essa fase se trata tanto de uma técnica quanto de um método e consiste em um "mergulho" em nossa fonte de pesquisa (Moreira, 2009). Para esta tese, a pesquisa documental se concentrou na coleta das notícias publicadas no site do *The New York Times* (nytimes.com) no período entre 1º de janeiro de 2019 e 31 de dezembro de 2022. Para serem selecionadas para análise, os textos não poderiam ser opinativos (uma vez que esse tipo de texto diz mais sobre o que pensa o autor do que da visão propagada pelo jornal como um todo) e deveriam, necessariamente, utilizar os termos "Brazil/Brazilian" e "Bolsonaro", escolhidos por sintetizarem o objetivo desta pesquisa: identificar a visão do Brasil divulgada pelo NYT durante o governo Bolsonaro. Foram incluídos nesta pesquisa apenas os textos no formato "article", ou seja, materiais que eram compostos somente por vídeos, podcasts, galerias de imagens, entre outros, foram excluídos. Essa exclusão se deu para que fosse possível comparar de forma mais precisa os textos analisados, sem que características intrínsecas ao formato impedissem a observação de padrões.

Para fazer esse filtro, foi utilizado o buscador do site do *The New York Times* com os termos de busca sendo "Brazil + Bolsonaro". Observa-se que não foi feita uma busca específica pelo termo "Brazilian", isso porque, nesta ferramenta, ao pesquisar o termo "Brazil" já são encontradas as menções ao termo "Brazilian". A pesquisa foi feita mês a mês em todos os 48 meses que compõem o período analisado. O resultado apresentado pela ferramenta é organizado pela ordem de importância dada pelo próprio algoritmo do *The New York Times*, que não tem seus critérios revelados. Porém, como o objetivo é compreender a imagem do Brasil no exterior,

foi utilizada a ferramenta Kaspersky VPN, que permite simular que a busca foi feita por um usuário na cidade de Washington, capital dos Estados Unidos. Assim, tivemos o resultado que um estadunidense teria caso tivesse feito essa busca.

Ao longo do período analisado, foram publicados 5.882 conteúdos que utilizassem o termo "Brazil/Brazilian" e 1.001 que usassem os termos "Brazil/Brazilian" e Bolsonaro. Ao todo, foram filtrados 808 textos, sendo 187 em 2019, 250 em 2020, 164 em 2021 e 207 em 2022. Todos esses textos filtrados foram submetidos às seguintes categorias de análise: 1) temáticas abordadas; 2) valor-notícia utilizado; 3) protagonismo do Brasil; 4) protagonismo de Bolsonaro; 5) utilização de agência de notícias; 6) publicação na versão impressa do jornal.

Nessa etapa também foi selecionado o texto tido como mais relevante pelo buscador do site do *The New York Times* em cada um dos 48 meses analisados. Por esse critério, foram selecionados os seguintes textos:

1. "Investors in Former Trump-Branded Hotel in Brazil Charged With Corruption", publicado em 31 de Janeiro de 2019;
2. "Jair Bolsonaro, Brazil's President, Remains in Hospital With Signs of Pneumonia", publicado em 7 de fevereiro de 2019;
3. "Brazil's President Tells Armed Forces to Commemorate Military Coup", publicado em 29 de março de 2019;
4. "Brazil's Judiciary, Once Symbol of Anti-Corruption Drive, Now Faces Scrutiny", publicado em 27 de abril de 2019;
5. "Prison Fighting Leaves at Least 55 Dead in Northern Brazil", publicado em 27 de maio de 2019;
6. "White Powder, Red Faces: Cocaine Cargo Aboard Brazil Presidential Plane", publicado em 26 de junho de 2019;
7. "Jair Bolsonaro, Brazil President, Says His Phones Were Hacked", publicado em 25 de julho de 2019;
8. "Brazil's Bolsonaro on the Environment, in His Own Words", publicado em 27 de agosto de 2019;
9. "What Happened at the U.N. General Assembly", publicado em 24 de setembro de 2019;
10. "Brazil Is Burning, and We're Just Performing a Lot of Abstract Gestures'", publicado em 29 de outubro de 2019;
11. "Brazil's Leader Falsely Blames Leonardo DiCaprio for Amazon Fires", publicado em 30 de novembro de 2019;

12. “In Brazil, Firebombs Seek to Terrorize Makers of Film Portraying Jesus as Gay”, publicado em 26 de dezembro de 2019;
13. “Glenn Greenwald in Bolsonaro’s Brazil: ‘I Trigger a Lot of Their Primal Rage’”, publicado em 25 de janeiro de 2020;
14. “‘Like a Scream of Resistance’: Rio’s Carnival in Bolsonaro’s Brazil”, publicado em 26 de fevereiro de 2020;
15. “Gun Ownership Soars in Brazil Under Bolsonaro”, publicado em 31 de março de 2020;
16. “Turmoil in Brazil: Bolsonaro Fires Police Chief and Justice Minister Quits”, publicado em 24 de abril de 2020;
17. “In Brazil, a President Under Fire Lashes Out at Investigators”, publicado em 29 de maio de 2020;
18. “Athletes Speak Out Against Returning: ‘People Are Still Dying’”, publicado em 29 de junho de 2020;
19. “Brazil’s Bolsonaro, Leading Virus Skeptic, Says He’s No Longer Infected”, publicado em 25 de julho de 2020;
20. “A Family Business:’ Graft Investigation Threatens Brazil’s Bolsonaro”, publicado em 28 de Agosto;
21. “The Carnival Parade Is Canceled, and Rio Is Reeling”, publicado em 30 de setembro de 2020;
22. “How Trump and Bolsonaro Broke Latin America’s Covid-19 Defenses”, publicado em 27 de outubro de 2020;
23. “Brazil Amazon Deforestation Hits 12-Year High Under Bolsonaro”, publicado em 30 de novembro de 2020;
24. “‘Playing With Lives’: Brazil’s Covid Vaccine Plan Is Mired in Chaos”, publicado em 14 de dezembro de 2020;
25. “Former U.S. Climate Leaders Press Biden on Amazon Deforestation”, publicado em 29 de janeiro de 2021;
26. “As Brazil faces record Covid-19 deaths, a variant-fueled surge and lagging vaccinations, Bolsonaro disparages masks.”, publicado em 26 de fevereiro de 2021;
27. “As Virus and Economic Woes Ravage Brazil, Bolsonaro Improvises and Confounds”, publicado em 31 de março de 2021;
28. “Marighella’ Review: Battle for Brazil”, publicado em 29 de abril de 2021;

29. “As Virus Toll Grows, Brazil’s Political Divisions Spill Onto the Streets”, publicado em 31 de maio de 2021;
30. “Brazil Passes 500,000 Covid Deaths, a Tragedy With No Sign of Letup”, publicado em 24 de junho de 2021;
31. “Brazil President Bolsonaro Is Hospitalized and Faces Possible Surgery”, publicado em 14 de julho de 2021;
32. “Bolsonaro Prompts Fears of a Power Grab With Attacks on Brazil’s Voting System”, publicado em 10 de agosto de 2021;
33. “Bolsonaro’s wife was vaccinated during their visit to New York for the U.N.G.A.”, publicado em 27 de setembro de 2021;
34. “Brazilian lawmakers are seeking Bolsonaro’s indictment over the Covid pandemic response.”, publicado em 26 de outubro de 2021;
35. “Brazil’s President Lula Is Staging a Comeback. Can He Bring the Country Along?”, publicado em 27 de novembro de 2021;
36. “Record Floods Stun Brazil’s Northeast, Killing at Least 20”, publicado em 28 de dezembro de 2021;
37. “Olavo de Carvalho, Bolsonaro’s Far-Right Guru, Dies at 74”, publicado em 26 de janeiro de 2022;
38. “Brazil walks a fine line in its response to Russia’s attacks.”, publicado em 24 de fevereiro de 2022;
39. “Review: Dancing the Night Away With Brazil’s Cia Suave”, publicado em 31 de março de 2022;
40. “Governments Tighten Grip on Global Food Stocks, Sending Prices Higher”, publicado em 30 de abril de 2022;
41. “Good News for Food, Bad News for War: Brazil Buys Russian Fertilizer”, publicado em 8 de maio de 2022;
42. “When Brazil Banned Abortion Pills, Women Turned to Drug Traffickers”, publicado em 28 de junho de 2022;
43. “Bolsonaro Gathers Foreign Diplomats to Cast Doubt on Brazil’s Elections”, publicado em 19 de julho de 2022;
44. “Brazilian Officials Reach Truce on Voting Machines Targeted by Bolsonaro”, publicado em 31 de agosto de 2022;
45. “On Eve of Election, Bolsonaro’s Party Attacks Brazil’s Voting Systems”, publicado em 29 de setembro de 2022;

46. “Win or Lose, Bolsonaro Has Destroyed Trust in Brazil’s Elections”, publicado em 28 de outubro de 2022;
47. “Brazilians give thanks today — for their team’s World Cup opener.”, publicado em 24 de novembro de 2022;
48. “Can Brazil’s Divisive Team Unite a Fractured Nation?”, publicado em 1º de dezembro de 2022.

Além dos textos supracitados, também se considerou relevante para a realização desta pesquisa a análise do texto “Brazil Ejects Bolsonaro and Brings Back Leftist Former Leader Lula”, publicado pelo *The New York Times* no dia 30 de outubro de 2022. Esse foi o quinto texto mais relevante daquele mês, conforme o buscador do site do jornal, contudo, acreditamos que esse texto contribui com o objetivo da pesquisa, uma vez que retrata o resultado das eleições de 2022, fato que teve uma intensa cobertura feita pelo *The New York Times*.

Sendo assim, esse total de 49 textos passou por uma análise quantitativa e qualitativa levando em conta as seguintes categorias: 1) valência em relação à imagem do Brasil; 2) valência em relação a Bolsonaro; 3) paralelo ou associação com os Estados Unidos ou com Trump, 4) enquadramento noticioso, 5) estereótipos de Brasil e 6) fontes acionadas.

O material coletado na pesquisa documental foi analisado com base na técnica de Análise de Conteúdo (AC), que é amplamente utilizada nas Ciências Humanas para investigar fenômenos simbólicos por propor uma exploração interpretativa de documentos por meio de um conjunto de técnicas de análise de comunicação (Bardin, 2011). A análise de conteúdo busca verificar os elementos constitutivos de um documento com o objetivo de encontrar padrões e produção de inferências. Segundo Bardin (2011), é possível fazer análise de conteúdo de qualquer mensagem codificada nos mais diversos códigos, como imagens, sons e textos.

Na definição mais corrente hoje, a análise de conteúdo envolve tanto uma análise quantitativa quanto qualitativa. Essa é a principal diferença entre a análise de conteúdo e outros métodos de interpretação. A quantidade pode revelar conteúdos que serão interpretados posteriormente. A primeira medida é selecionar categorias de análise (rubricas significativas). Analisam-se temáticas, formas e estruturas, tendo como principal foco a análise de mensagens.

> [...] uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos (Sampaio e Lycarião, 2021, p.6).

Segundo os autores, a AC é um método tradicionalmente usado nas pesquisas em Comunicação e seus primeiros usos como método científico foi na análise de jornais. Porém, para que este método seja válido, confiável e replicável é preciso seguir algumas regras e etapas básicas da Análise de Conteúdo.

O primeiro passo para tanto é identificar o problema e as hipóteses da pesquisa, além de fazer um levantamento do estado da arte sobre o tema, como foi feito até este ponto. Num segundo momento, conforme iniciamos neste tópico, Sampaio & Lycarião (2021) apontam para a necessidade de fazer o desenho da pesquisa. Isso significa, para os autores, (1) selecionar as unidades de análise; (2) delimitar as categorias; (3) definir a amostragem; (4) fazer testes; (5) desenvolver a codificação. Nós próximos tópicos, desenvolvemos mais sobre as escolhas feitas para a amostragem e categorias desta pesquisa e destrinchamos nosso livro de códigos para a realização da análise.

4.1 POR QUE O *THE NEW YORK TIMES*?

Não existe jornal como o *The New York Times*. Essa afirmação não é feita devido aos números do jornal, apesar de eles serem significativos. Afinal, em sua página para possíveis anunciantes, o NYT afirma ter mais de 100 milhões de leitores registrados e mais de 10 milhões de assinantes, sendo que, em 2022, ano que encerra o período de análise desta pesquisa, o *The New York Times* afirma ter tido 2 bilhões de leitores, sendo que 61% deles fazem parte da geração Z ou Millenial[53].

Esses números fazem do NYT um dos principais veículos noticiosos do mundo, mas não o maior. Dados do site *Press Gazette* indicam que, entre os sites de notícias em língua inglesa, veículos como a BBC e a CNN ainda têm mais acessos que o *The New York Times*[54]. Contudo, se há algo em que o *The New York Times* é incomparável é em seu prestígio. Até hoje,

> *The Times* is a pivotal institution in American democracy. Since 1851, it has shaped the contours of elite political discussion and provided substantive reporting from across the world and the nation. Though it is not a perfect paper and can be judged for many failures throughout its history, the Gray Lady continues to retain its gravitas […]. Fundamentally, *The New York Times* is a special place; its stature, its size, its place in the public imagination, and maybe

[53] AUDIENCE and Insight. ***The New York Times*** **Advertising**, 2024. Disponível em: https://advertising.nytimes.com/audience-and-insights/ Acesso em 12 de novembro de 2024.

[54] PRESS Gazette. Top 50 news websites in the world: Half grow traffic year on year. **Press Gazette**, 20 de outubro de 2024. https://pressgazette.co.uk/media-audience-and-business-data/media_metrics/most-popular-websites-news-world-monthly-2/ Acesso em 12 de novembro de 2024.

> even its sense of its own importance make its transition to the digital age notable (Usher, 2017, p. 6-7)[55].

Apesar de ter sido fundado em 1851, o *The New York Times* só começou a se transformar no que é hoje a partir de 1896, quando o jornal foi comprado por Adolph Ochs. Talese (2000) conta que o novo proprietário foi o responsável por dar uma nova roupagem ao periódico, tornando-o de fato um jornal de notícias e não mais uma "gazeta de opiniões", mais do que isso, Ochs trouxe o que hoje conhecemos como valores jornalísticos para o veículo.

> Ochs transformou-o imediatamente: eliminou os folhetins de ficção romântica que a direção anterior achava que atrairiam leitores e, evitando as histórias escandalosas baseadas em fofocas, expandiu a cobertura das notícias financeiras, das tendências dos negócios, das transações imobiliárias e das atividades oficiais, embora enfadonhas, do governo, que os outros jornais da época, em larga medida, ignoravam. Ochs queria um jornal que fosse um testemunho, que publicasse diariamente o registro de todos os incêndios da cidade, a hora da chegada de cada navio, o nome de cada visitante oficial da Casa Branca e a hora exata do pôr-do-sol e do nascimento da lua. Para ele, o jornal tinha de ser imparcial e completo que "não macule a toalha do café da manhã" (Talese, 2000, p.6).

Observa-se que, desde então, o *The New York Times* desempenha um papel de pioneirismo no campo jornalístico. Lá, relata Talese (2000), coloca-se sempre à frente as notícias e a sobrevivência da empresa que, hoje, se tornou uma dinastia, passada de pai para filho de geração em geração.

Mas se engana quem pensa que, por ser uma empresa familiar e, em muitos aspectos, tradicional, o *The New York Times* é incapaz de se adaptar aos novos tempos. Pelo contrário, o que Usher (2017) revela é que se trata de uma empresa que, como em seus primórdios, estabelece padrões para a indústria. Na era digital, o NYT implementou os valores que o autor considera as bases do webjornalismo (imediatismo, interatividade e participação), mas à sua maneira.

O imediatismo, no *The New York Times*, intensificou-se com a chegada da internet, tornando-se central. Ao mesmo tempo, a atualização da homepage do site do jornal não é tão frenética quanto a de seus concorrentes. No início da década de 2010, Usher (2017) relata que esse ritmo era visto como um erro de estratégia pela concorrência e até por jornalistas do *The*

---

[55] O *Times* é uma instituição fundamental na democracia americana. Desde 1851, ele moldou os contornos da discussão política da elite e forneceu reportagens substanciais de todo o mundo e da nação. Embora não seja um jornal perfeito e possa ser julgado por muitas falhas ao longo de sua história, a "Gray Lady" continua a manter sua seriedade […]. Fundamentalmente, o *The New York Times* é um lugar especial; sua estatura, seu tamanho, seu lugar na imaginação pública e talvez até mesmo seu senso de sua própria importância tornam sua transição para a era digital notável (Usher, 2017, p. 6-7, tradução nossa).

New York Times. Se outros jornais atualizavam suas páginas principais a cada uma hora e meia, o NYT levava o dobro desse tempo. O receio dos críticos dessa estratégia era que o jornal fosse perder audiência se não atualizasse sempre sua *homepage*, mas não foi isso que aconteceu. Na verdade, ainda segundo dados da *Press Gazette*, o *The New York Times* foi o jornal que mais cresceu em audiência entre setembro de 2023 e setembro de 2024.

Além de inovar na *homepage*, o *The New York Times* também avançou na participação, sendo, segundo alegou seu então presidente, Arthur Ochs Sulzberger, Jr, a empresa com maior presença em redes sociais, superando até mesmo o Google e a Apple (Usher, 2017). Ao mesmo tempo, Usher (2017) observou que os jornalistas do NYT nem sempre compreendiam o impacto desse novo valor jornalístico.

> Inside the newsroom, participation was contested in a variety of ways. Many journalists acknowledged this supposedly new relationship with the audience but did not deem it worth their time. I want to stress that inside *The Times*, participation was almost entirely understood as engagement on social media platforms, not as commenting, not as blogging, not as live-chats, not as emails, and not as user-generated content. But perhaps more significantly, the actual implementation of participation as a value at work in the newsroom suggested that journalists did have far more power than the ordinary person to contribute to creating and shaping the conversation. Journalists at *The Times*, at least, weren't too sold on this two-way conversation. The conversation was for *them*, not for us (Usher, 2017, p.20)[56].

Como explica o autor, esse momento segue sendo de transição para o jornalismo. Ao mesmo tempo que a web permitiu a chegada da interatividade e suas múltiplas maneiras de escrever notícias – maneiras essas aplicadas pelo *The New York Times* com profissionais especializados – não se sabe ao certo como tornar o jornalismo sustentável economicamente. No NYT foi implementado o *paywall* (recurso que bloqueia alguns conteúdos apenas para assinantes), mas o jornal não divulga com clareza esse tipo de informação.

Na verdade, nem os jornalistas sabem ao certo sobre os números de audiência, relata Usher (2017). Para o autor, a explicação para isso é que, no *The New York Times*, algoritmos e métricas não são essenciais para as tomadas de decisão no dia a dia. Na visão do jornal, o

[56] Dentro da redação, a participação era contestada de várias maneiras. Muitos jornalistas reconheciam esse suposto novo relacionamento com o público, mas não achavam que valia a pena. Quero enfatizar que dentro do *The Times*, a participação era quase inteiramente entendida como engajamento em plataformas de mídia social, não como comentários, não como blogs, não como chats ao vivo, não como e-mails e não como conteúdo gerado pelo usuário. Mas talvez mais significativamente, a implementação real da participação como um valor no trabalho na redação sugeria que os jornalistas tinham muito mais poder do que a pessoa comum para contribuir para criar e moldar a conversa. Os jornalistas do *The Times*, pelo menos, não estavam muito convencidos dessa conversa bidirecional. A conversa era para eles, não para nós (Usher, 2017, p.20, tradução nossa).

número de visualizações de uma matéria não pode dizer sozinho o impacto que ela teve. Como já observava Talese (2000), Usher (2017) observa que, até hoje, as notícias são o que mais importam para o *The New York Times* e é isso que faz desse um veículo tão único.

4.2 DESTRINCHANDO AS CATEGORIAS QUANTITATIVAS

Todos os 808 textos filtrados para esta pesquisa foram submetidos à análise nas categorias 1) temáticas abordadas; 2) valor-notícia utilizado; 3) protagonismo do Brasil; 4) protagonismo de Bolsonaro; 5) utilização de agência de notícias; 6) publicação na versão impressa do jornal. Neste tópico, nos dedicaremos a entender como foi feita esta análise.

Na categoria "temáticas abordadas" foi determinado que cada texto poderia se enquadrar em até quatro temas. Esses temas foram identificados por meio da leitura do título, da linha fina (subtítulo), do lead (primeiro parágrafo de um texto jornalístico) e dos parágrafos que utilizavam os termos "Brazil/Brazilian" e "Bolsonaro". Quando não foi possível identificar temáticas que fossem abordadas no texto como um todo, optou-se por avaliar as temáticas nas quais o Brasil se relacionava ao texto. Isso foi necessário porque o *The New York Times* utiliza, com frequência, o formato *briefing*, que apresenta uma síntese dos assuntos considerados mais relevantes naquele dia ou naquela semana.

Da mesma forma, na categoria "valor-notícia", foi avaliado o motivo pelo qual o Brasil foi incluído no texto jornalístico e não necessariamente o motivo pelo qual o texto como um todo foi publicado. Isso porque nem sempre as notícias filtradas são sobre o Brasil, que aparece em diversas ocasiões como "coadjuvante" nos textos jornalísticos. Ao analisar o critério de noticiabilidade que o levou a fazer parte do texto, podemos melhor compreender a imagem que o país tem para o *The New York Times*. Aqui, adotamos as categorias de valor-notícia estabelecidas por Traquina (2005b), que são: 1 - morte, 2 - notoriedade do ator principal envolvido no fato, 3 - proximidade geográfica do acontecimento, 4 - relevância, 5 - novidade, 6 - tempo, 7 - notabilidade, 8 - inesperado, 9 - conflito ou a controvérsia, 10 - infração de regras e 11 - escândalo.

Para avaliar as categorias "protagonismo do Brasil" e "protagonismo de Bolsonaro", foi avaliado o destaque que Brasil e/ou brasileiros, bem como a figura de Bolsonaro tiveram em um texto. Um dos critérios foi a incidência desses termos nos textos filtrados, porém, também foram avaliados a presença desses termos no título e lead das matérias. Além disso, no caso da centralidade brasileira, foram levados em conta termos que remetiam ao Brasil, tal como personalidades e locais brasileiros.

Para a análise da categoria "utilização de agência de notícias", foram listados todos os autores responsáveis pelos textos filtrados. Depois, esses autores foram divididos entre agências de notícias (separadas por nomes), autores não especificados, autor "*The New York Times*", quando o próprio jornal aparecia como responsável pela matéria e "jornalista do *The New York Times*" quando o autor tinha o nome especificado e não era vinculado a uma agência de notícias.

Por fim, na categoria "publicação na versão impressa do jornal" foi categorizado, além da publicação ou não do texto na versão impressa, também a data em que foi feita essa publicação. Essa categoria serve como um termômetro do que os profissionais que trabalham no jornal consideraram relevante o suficiente para ser impresso, o que não necessariamente corresponde à seleção feita pelo algoritmo.

4.3 DESTRINCHANDO AS CATEGORIAS QUALITATIVAS

Os 48 textos elencados como os mais relevantes de cada um dos 48 meses recortados, bem como o texto "Brazil Ejects Bolsonaro and Brings Back Leftist Former Leader Lula", vão ser analisados conforme as categorias 1) valência em relação à imagem do Brasil; 2) valência em relação a Bolsonaro; 3) paralelo ou associação com os Estados Unidos ou com Trump, 4) enquadramento noticioso, 5) estereótipos de Brasil e 6) fontes acionadas.

Sendo assim, as duas primeiras categorias abordadas nestes 49 textos selecionados, tratam da "valência em relação à imagem do Brasil" e da "valência em relação a Bolsonaro". Para determinar a valência serão identificados adjetivos presentes no texto que possam expressar características positivas ou negativas. A ausência desses adjetivos faz com que o texto seja caracterizado como de valência neutra.

A terceira categoria qualitativa usará também um aspecto quantitativo. Para determinar "comparação com os Estados Unidos ou com Trump" serão observados elementos textuais que possam trazer essa associação e também a presença desses temos em cada uma das matérias que serão analisadas no contexto em que o Brasil está inserido. Ou seja, em um texto de estilo *briefing* em que tanto os Estados Unidos quanto o Brasil estejam presentes, essa categoria só será acionada caso, os dois países sejam mencionados para tratar de uma mesma notícia ou tema.

Na categoria "enquadramento noticioso", utilizaremos as categorias descritas por D'Angelo e Shaw (2018) e Porto (2002). Sendo assim, podemos observar enquadramentos por tópicos específicos ou genéricos – que, por sua vez, estão subdivididos em: 1 - episódico, 2 -

temático, 3 - de valor noticioso, 4 – estratégico, 5 - “corrida de cavalos” e 6 - centrada na personalidade.

Temos também a categoria “estereótipos do Brasil”. Com base nas leituras que fizemos, é possível identificar algumas características típicas de nosso país, tais como 1 – violência/criminalidade; 2 – desigualdade social; 3 – fragilidade/precariedade institucional; 4 – prevalência de interesses privados sobre o público, 5 – país do atraso, 6 – país da natureza, 7 – país da festa, do futebol e da cultura, 8 – local de resistência. Ao longo dos textos, buscaremos indícios de que há uma associação com essas imagens do Brasil.

A última categoria aborda as fontes da matéria jornalística. Nesta pesquisa, adotou-se a definição de Lage (2009), que aponta que as fontes podem ser oficiais (aquelas autorizadas a falar em nome de governos e outras organizações a que concerne o tema), oficiosas (que são ligadas essas organizações, mas não falam em nome delas), independentes (quando não têm vínculos com relações de poder ou interesse específico na situação em questão), primárias (que oferecem dados centrais da matéria), secundárias (quando servem para fornecer dados contextuais), testemunhas (quando falam sobre algo que vivenciaram ou presenciaram) e experts (que são especialistas capazes de trazerem versões e interpretações dos temas da matéria). Vale destacar que, ainda que Lage (2009) classifique as fontes não ligadas diretamente aos órgãos e organizações interessados na notícia (as fontes oficiais, na visão do autor) como fontes independentes, não podemos desconsiderar o fato de que a isenção completa é impossível e todas as fontes têm seus interesses, sejam eles implícitos ou explícitos. Ainda assim, manteve-se a classificação de fontes feita por Lage (2009) por acreditarmos que é a classificação com grande abrangência de categorias.

5. PINTANDO O BRASIL

Este capítulo é dedicado à análise de conteúdo do *corpus* desta pesquisa. Na primeira parte, denominada "Um quadro em números", será feita a análise quantitativa conforme os critérios estabelecidos dos 808 textos filtrados, sendo que, inicialmente, será apresentado um panorama dos dados a cada ano do período analisado e, ao final, serão apresentadas as análises referentes ao período de todo o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022).

Já na segunda metade do capítulo será desenvolvida a análise que tem mais foco em aspectos qualitativos. Da mesma forma como no primeiro tópico, serão apresentadas análises individuais de cada um dos 49 textos sob análise nesta pesquisa para, então, ser feita uma análise geral que leva em conta todos os artigos analisados.

5.1 UM QUADRO EM NÚMEROS

Neste tópico, nos dedicaremos à análise quantitativa dos quatro anos do governo de Jair Bolsonaro. Primeiramente, serão apresentados os dados individuais de cada ano e, em sequência, faremos uma comparação entre os dados de todos os quatro anos, sintetizando o que se pode apreender da análise das categorias abordadas.

5.1.1 O Brasil em 2019

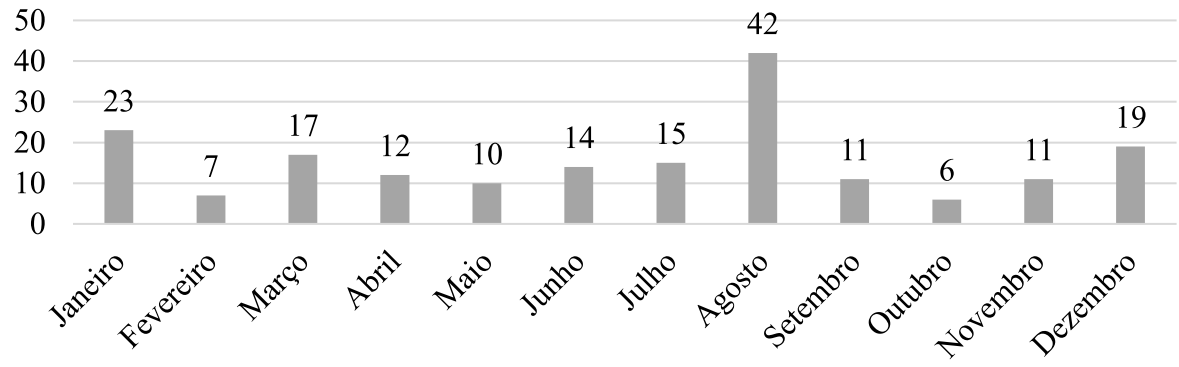
O ano de 2019 foi o primeiro do governo de Jair Bolsonaro. Naquele momento, não se sabia ao certo o que esse governo representaria para o Brasil e para o mundo, por isso, não é de se estranhar que esse não tenha sido o ano que mais ensejou a produção de matérias que abordassem o Brasil, os brasileiros e Bolsonaro. Ainda assim, dos quatro anos que Bolsonaro permaneceu no poder, esse foi o terceiro com o maior número de matérias que utilizassem os termos "Brazil/Brazilian" e "Bolsonaro".

Observa-se que os meses de agosto e janeiro foram os que tiveram mais publicações usando esses termos, com 56 e 29, respectivamente. Em agosto, foram 42 textos selecionados, enquanto de janeiro foram 23. Esses também foram meses de acontecimentos marcantes envolvendo o país. Em janeiro, além da posse de Bolsonaro e suas primeiras ações como presidente, também houve a tragédia de Brumadinho e um escândalo envolvendo brasileiros que já haviam sido ligados à Trump Organization (matéria vista como a mais relevante do mês pelo jornal). Já em agosto, os incêndios na Floresta Amazônica e as polêmicas decorrentes desse

evento – tais como os embates entre Bolsonaro e Emmanuel Macron (presidente da França) – foram o que dominaram o noticiário.

Por outro lado, os meses que tiveram menos publicações usando os temos chave desta pesquisa foram outubro e fevereiro, com 6 dos 11 textos de outubro selecionados e 7 dos 9 textos de fevereiro. Em outubro, os incêndios na Amazônia e um derramamento de óleo chamaram a atenção, mas o texto que o buscador do *The New York Times* considerou mais relevante foi "'Brazil Is Burning, and We're Just Performing a Lot of Abstract Gestures'", uma entrevista com o coreógrafo de uma companhia de dança brasileira que se apresentaria em Nova Iorque. Já em fevereiro, a matéria de maior destaque para o buscador do jornal foi a internação de Bolsonaro para tratar uma pneumonia.

Figura 1 - Distribuição dos textos filtrados em 2019



Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

Por esses destaques já é possível perceber que a cobertura do Brasil não se restringe apenas à política. Na verdade, ao longo dos 12 meses analisados, foram registradas 28 temáticas abordadas nos textos do jornal, sendo que um único texto podia ser enquadrado em até quatro temáticas variadas. Conforme a tabela a seguir, podemos observar que a política e o meio ambiente estão entre os temas que mais se destacam na cobertura sobre o Brasil, sendo temas presentes em 92 e 73 textos, respectivamente. Outros temas também são importantes, como a inserção do Brasil em textos que também envolvem outros países – como se observa na categoria "internacional", com 28 ocorrências –, a associação do Brasil a um espaço de violência e criminalidade – categoria com ocorrência em 19 textos –, a economia – que aparece em 18 matérias – e a presença do Brasil em textos em que um dos temas centrais é os Estados Unidos – como ocorre em 16 textos.

Ainda que, neste momento, nosso objetivo não seja averiguar os estereótipos de Brasil apresentados pelo *The New York Times*, já percebemos indícios de que a cobertura do periódico

possa estar influenciada por eles. Isso porque o “meio ambiente” é um tema associado ao Brasil desde a chegada dos portugueses nessas terras. Além disso, a frequência de temas ligados à política, à economia e à relação com outros países indicam que, como apontou Buarque (2022), o Brasil se estabeleceu como um país importante aos olhos do mundo.

Quadro 1 – Temáticas Abordadas em 2019

Temas abordados em 2019	Frequência dos temas em 2019
Acidente ou Tragédia	5
Arte	2
Bolsonaro	13
Carnaval	1
Corrupção	10
Costumes	2
Cultura	4
Desinformação	6
Direitos Humanos	3
Economia	18
Entretenimento	5
Esporte (Futebol)	1
Estados Unidos	16
Extremismo	1
Família do presidente	2
Internacional	28
Lula	3
Meio Ambiente	73
Música	2
Personalidade	4
Política	92
Povos Indígenas	2
Redes Sociais	4
Religião	1
Saúde	2
Tecnologia	1
Trump	1
Turismo	4
Violência ou crime	19

Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

Outra temática que merece atenção é a “corrupção”. Isso porque, ainda que ela apareça em apenas 10 textos, remete a um dos estereótipos do Brasil, ao qual Paganotti (2007) chamou

de Brasil “de lama”. Ao comparar a incidência deste com os demais temas, percebemos que a corrupção ainda ocupa um papel importante na cobertura internacional sobre o nosso país, mas tem menos destaque do que outras ações de políticos e do que o meio ambiente, outro tema que sempre foi ligado ao Brasil, mas que agora ganha mais importância.

Além disso, a presença de Bolsonaro como um dos temas centrais de 13 das 187 matérias filtradas mostra que a figura do presidente teve relativa importância na cobertura feita pelo *The New York Times* em matérias que envolvessem o Brasil em 2019. Em nossa análise, foi possível observar que o então presidente teve papel central em 67 dos textos pesquisados, enquanto o Brasil foi central em 114 matérias. Esses dados demonstram que nem sempre a figura de Bolsonaro estava associada ao país como personagem de destaque, mas seu protagonismo também não pode ser desprezado, já que, das matérias em que teve papel de relevância, em 13 ele foi um dos principais temas do texto, ou seja, a notícia era, em certa medida, sobre ele.

Outro ponto que chama a atenção é que, dos 187 textos filtrados, 162 foram publicados na edição impressa do *The New York Times*, sendo que quase todos os textos vistos pelo buscador do jornal como os mais importantes que utilizavam os termos-chave da pesquisa foram publicados na versão impressa. A única exceção é o texto mais relevante de setembro de 2019, intitulado “What Happened at the U.N. General Assembly”, que também é o único entre esses no qual o Brasil não é central, apenas Bolsonaro. Em contrapartida, nos meses de janeiro, maio e outubro, os textos destacados pelo buscador têm apenas o Brasil como central e não Bolsonaro.

Ainda que o Brasil apareça somente com um papel secundário nos textos analisados, principalmente quando se trata de textos no formato *briefing*, a presença de fatos relacionados ao Brasil nesses textos já demonstra a importância do país no cenário internacional, porém, nem sempre, esses fatos serão os considerados mais importantes no cenário geral. Ao todo, foram 28 textos incluídos na editoria “*Briefing*” (cerca de 15% do total), mas outros oito textos com esse mesmo estilo foram publicados em outras editorias, o que indica que aproximadamente 19% dos textos que incluíam os termos-chave desta pesquisa estavam neste formato em 2019. Além disso, observamos que na maioria dos casos (aproximadamente 47,6% dos textos) a editoria em que os textos do Brasil são publicados é a “*Americas*”. Outra observação importante é que o país apareceu em notícias de 29 editorias, reforçando a conclusão de que diversos temas sobre o Brasil são considerados importantes para o *New York Times*.

Quadro 2 – Editorias mais frequentes em 2019

Editorias	Frequência da editoria
Africa	3
Americas	89
Arts	2
Art & Design	3
Asia Pacific	2
Briefing	28
Book Review	1
Business	4
Climate	5
Dance	1
Dealbook	4
Economy	1
Europe	11
Health	1
Magazine	1
Middle East	1
Movies	2
Music	1
Politics	10
Reader Center	1
Sports	1
Style	2
Sunday Review	2
Technology	1
Television	3
The Weekly	1
T. Magazine	1
Travel	4
World	1

Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

Mas o que leva o Brasil a integrar uma notícia no *The News York Times*? Ao destrinchar os critérios de noticiabilidade utilizados pelo jornal nos 187 textos filtrados, foi possível observar que “conflito ou controvérsia” foi o valor que mais levou o Brasil a virar pauta para o *The New York Times*, aparecendo em 46 textos. Não houve nenhum mês ao longo de todo o ano de 2019 que não tivesse ao menos uma notícia filtrada que fosse baseada nesse critério, sendo que o mês que ele mais aparece é agosto, com 13 incidências.

Quadro 3 – Valores-notícia acionados em 2019

Valores-notícia acionados em 2019	Incidência do valor-notícia em 2019
Morte	8
Notoriedade	19
Proximidade geográfica	8
Relevância	25
Novidade	27
Tempo	26
Notabilidade	4
Inesperado	7
Conflito ou a controvérsia	46
Infração de regras	7
Escândalo	10

Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

Tais "conflitos ou controvérsias" estão, majoritariamente, ligados à Jair Bolsonaro. Em janeiro, por exemplo, foram classificadas nesta categoria notícias que davam conta da mudança nas regras para compra de armas no Brasil e a decisão de Jean Wyllys de deixar o país, ambas que se relacionam a Bolsonaro. Já em março, a postagem de Bolsonaro sobre a prática de "golden shower" também foi incluída nesta categoria, bem como sua decisão de incentivar que as forças armadas comemorassem o golpe de 1964. Em abril, o então presidente brasileiro ganhou destaque por dizer que o holocausto poderia ser perdoado e o Museu de História Natural de Nova Iorque se recusou a receber Bolsonaro como convidado de gala (fato que continuou a repercutir em maio). O conflito de Bolsonaro com políticos e chefes de órgãos locais também foi destaque ao longo do ano, sendo que, em agosto, o conflito com Macron rendeu diversas notícias.

Com isso, podemos perceber que, mesmo quando aparece de forma secundária em uma notícia, Bolsonaro foi capaz de influenciar o que se noticiava sobre o Brasil, associando o país a um lugar de conflitos e controvérsias. Pode-se dizer então que a percepção de Holanda (1987) de que, no Brasil, a política não é levada a sério e está mais associada ao personalismo do que à institucionalidade é reforçada pela frequência com que notícias que usam esse critério aparecem.

Outro valor-notícia muito associado a Bolsonaro está a "notoriedade". Muitas vezes o Brasil aparece no noticiário por causa da figura do presidente. Contudo, ele não é a única pessoa que, por ser quem é, enseja a produção de notícias. O mesmo acontece, por exemplo, com Luiz

Inácio Lula da Silva. Além disso, esse critério também foi usado para produzir matérias sobre turismo no Brasil, uma vez que um dos estereótipos do Brasil é de ser um bom lugar para viajar.

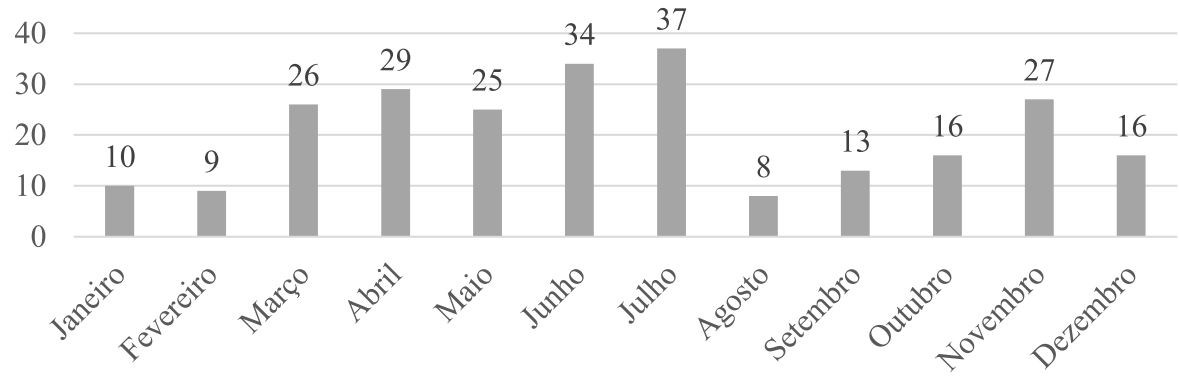
O "tempo" também foi um critério frequentemente utilizado, principalmente para coberturas como a posse do presidente e outros eventos relevantes, bem como suas repercussões. O critério "novidade" – segundo mais frequente – foi acionado em estilos de matérias diversos, desde a realização de shows e lançamentos de livros até matérias de cunho político e criminal. Ademais, o critério "relevância" está, muitas vezes, ligado a questões ambientais, que têm impacto em todo o mundo.

Por fim, mais um elemento que comprova a relevância dada ao Brasil pelo *The New York Times* é a baixa utilização de agências de notícias para a produção dos textos. De todas as matérias filtradas, 169 (o que corresponde a aproximadamente 90,4%) foram produzidas por jornalistas do *The New York Times*, enquanto uma foi assinada pelo próprio jornal e nove não tiveram autores especificados. Sendo assim, apenas cerca de 4,3% das matérias foram reproduzidas de agências de notícias, sendo que a *Reuters* assinou cinco matérias e a *Associated Press* assinou três. Além disso, apenas em fevereiro e em novembro as agências assinaram o texto considerado o mais importante do mês pelo buscador do jornal, sendo que ambos foram também publicados na versão impressa do *The New York Times*.

5.1.2 O Brasil em 2020

Em 2020, o mundo parou. Apesar de ter surgido em 2019, o vírus SARS-CoV-2 se espalhou pelo planeta a partir de 2020, causando uma pandemia de Covid-19. O Brasil foi um dos países mais atingidos pela doença e esse fato não passou despercebido pelo *The New York Times*. Ao longo daquele ano, foram publicados 1.536 textos que utilizaram o termo Brazil ou Brazilian, sendo que 313 também utilizavam o termo Bolsonaro e 250 atendiam aos critérios de seleção desta pesquisa, o ano com o maior número de matérias selecionadas, distribuídos da seguinte maneira ao longo do ano.

Figura 2 - Distribuição dos textos filtrados em 2020



Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

Observa-se que, com a chegada do coronavírus ao Brasil, o número de textos que utilizavam as palavras-chave aumentou. Além disso, nos meses com menor número de matérias filtradas também há menos incidência do tema coronavírus. Esse já é um indício da influência do tema na produção de artigos envolvendo o Brasil. Dentre os textos filtrados, 155 tiveram o coronavírus como um dos temas centrais, fazendo deste o tema mais frequente daquele ano dentre as matérias filtradas.

Quadro 4 – Temáticas Abordadas em 2020

Temas abordados em 2020	Frequência dos temas abordados em 2020
Alimentação	1
Ameaça à democracia	7
América Latina	2
Armas	1
Arte	1
Bolsonaro	27
Carnaval	5
China	1
Coronavírus	155
Corrupção	4
Costumes	1
Cultura	5
Desigualdade	1
Desinformação	20
Direitos Humanos	2
Economia	6
Eleições dos EUA	15
Entretenimento	3
Esporte (Futebol)	1

Estados Unidos	29
Família do presidente	7
Ideologia	1
Indústria midiática	1
Internacional	5
Justiça	2
Liberdade de expressão	1
Liberdade de Imprensa	3
Meio Ambiente	22
Negacionismo	7
Política	76
Povos indígenas	9
Protesto	1
Recomendações	1
Redes Sociais	9
Religião	1
Saúde	1
Trump	17
Turismo	1
Violência ou crime	7

Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

Entre os cinco temas mais frequentes estão: política (76 aparições), Estados Unidos (29 aparições), Bolsonaro (27 aparições) e meio ambiente (22 aparições). Contudo, também merece destaque a incidência dos temas desinformação (20), Donald Trump (17) e as Eleições nos Estados Unidos (15). Observa-se ainda que, apesar de o tema coronavírus ser frequente e ser, em algum grau, necessariamente relacionado à saúde, o tema saúde, especificamente, foi tratado em apenas um texto.

Isso ocorre porque, frequentemente, o coronavírus é mais associado a temas políticos durante o ano analisado. Em março de 2020, por exemplo, um encontro entre representantes políticos brasileiros (incluindo Jair Bolsonaro) e nomes importantes do governo dos Estados Unidos (entre eles Donald Trump) gerou grande repercussão, especialmente porque um dos oficiais brasileiros testou positivo para o coronavírus e, posteriormente, políticos americanos que se encontraram com ele também foram contaminados pela doença, como o prefeito de Miami. O encontro com o brasileiro contaminado acabou gerando várias matérias que envolviam o Brasil, mas que estavam mais atreladas aos Estados Unidos, como a inicial recusa do presidente e do vice-presidente estadunidenses em fazerem o teste para a doença.

Ao longo do ano, outras matérias que envolviam a Covid-19, mas que tinham mais relação com política do que com saúde foram frequentes, como as diversas vezes em que Bolsonaro negou a seriedade da pandemia ou propagou maneiras ineficazes de combater a doença, situações que contribuíram para a presença de temas como desinformação e negacionismo. Além disso, em julho de 2020, Bolsonaro testou positivo para Covid-19, o que também gerou uma ampla cobertura do *The New York Times*. O fato também repercutiu nos meses subsequentes, uma vez que a cada vez que um líder global era contaminado pelo vírus, o jornal lembrava que Bolsonaro estava na lista dos que também haviam sido afetados pela doença.

Essa forte presença de Bolsonaro associado ao tema da pandemia de Covid-19 impactou amplamente os critérios de noticiabilidades utilizados pelo *The New York Times* para falar sobre o Brasil em 2020. Naquele ano, 71 matérias utilizaram "notoriedade" como valor-notícia e 40 foram noticiadas graças ao valor "conflito ou controvérsia", como pode ser observado no Quadro 5.

Quadro 5 – Valores-notícia acionados em 2020

Valores-notícia acionados em 2020	Incidência do valor-notícia em 2020
Morte	3
Notoriedade	71
Proximidade geográfica	7
Relevância	28
Novidade	17
Tempo	17
Notabilidade	18
Inesperado	20
Conflito ou a controvérsia	40
Infração de regras	4
Escândalo	26
Não foi possível verificar	3

Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

Vale destacar que indicar critérios de noticiabilidade é uma atividade subjetiva, principalmente porque um fato pode ter vários motivos para ser noticiado. Porém, para determinar o principal, podemos nos ancorar na construção da manchete, do lead ou do parágrafo em que a principal informação está inserida. Em 2020, muitas vezes, o Brasil foi inserido na notícia devido às declarações de Bolsonaro sobre a pandemia. À primeira vista, poderíamos deduzir que todas essas falas foram noticiadas usando o critério "conflito ou

controvérsia", contudo, em algumas ocasiões, a inclusão do Brasil na notícia não se deu por uma fala específica de Bolsonaro, mas pelo fato de ele se incluir entre os líderes "relevantes" que as diziam. Sendo assim, a notícia não foi a fala, mas Bolsonaro, alterando o valor-notícia para "notoriedade".

Em "Touting Virus Cure, 'Simple Country Doctor' Becomes a Right-Wing Star" (de 2 de abril de 2020), o Brasil está presente somente na seguinte frase "Some world leaders, including Brazil's president, Jair Bolsonaro, are also talking up some of the same drugs as a cure" (Roose e Rosenberg, 2020, n.p.). Observa-se que o jornal está falando de uma situação de controvérsia, porém, o Brasil só é citado (diferente dos demais países) porque Bolsonaro se destaca entre os líderes que defendem o uso de hidroxicloroquina no tratamento de Covid-19.

Situações similares a essa aconteceram também nos seguintes textos: "Why Coronavirus Conspiracy Theories Flourish. And Why It Matters" (de 8 de abril de 2020), "Coronavirus, Recession, 'Tiger King': Your Wednesday Evening Briefing" (de 1º de abril de 2020), "Coronavirus Briefing: What Happened Today" (de 1º de abril de 2020), "Coronavirus, Global Recession, Wimbledon: Your Thursday Briefing" (de 2 de abril de 2020), "Global Recession, Coronavirus, Face Masks: Your Thursday Briefing" (de 1º de abril de 2020) e "Virus Exposes Weak Links in Peru's Success Story" (de 12 de junho de 2020). Já em outras ocasiões, como em "Brazil President Embraces Unproven 'Cure' as Pandemic Surges" (13 de junho de 2020), o foco da notícia é o que disse Bolsonaro e não o fato de ele ser quem é. Por isso, essa e notícias similares se enquadram no valor-notícia de conflito ou controvérsia.

Vale destacar que nem sempre notícias que se baseiam em conflitos e controvérsias estão associadas ao coronavírus. Desde janeiro, antes de o primeiro caso da doença chegar ao Brasil, esse valor-notícia foi usado como base para matérias, muitas vezes associado ao tema política, ainda que também apareça relacionado à economia e aos costumes, por exemplo. Em janeiro e março, esse é o valor-notícia das matérias consideradas as mais importantes de cada um desses meses, de acordo com o buscador do *The New York Times*, sendo, respectivamente, "Glenn Greenwald in Bolsonaro's Brazil: 'I Trigger a Lot of Their Primal Rage'" (publicada em 25 de janeiro de 2020) e "Gun Ownership Soars in Brazil Under Bolsonaro" (publicada em 31 de março de 2020).

Ademais, critérios como "Relevância" e "Escândalo" também estiveram bastante presentes na cobertura do *The New York Times* sobre o Brasil em 2020. O valor escândalo é acionado 26 vezes, sendo que em abril, maio, agosto, outubro e novembro ele é o critério de noticiabilidade das notícias mais relevantes dos meses citados que são, respectivamente: "Turmoil in Brazil: Bolsonaro Fires Police Chief and Justice Minister Quits" (publicada em 24

de abril de 2020); “In Brazil, a President Under Fire Lashes Out at Investigators” (publicada em 29 de maio de 2020); “‘A Family Business:’ Graft Investigation Threatens Brazil’s Bolsonaro” (publicada em 28 de agosto de 2020); “HOW TRUMP AND BOLSONARO BROKE LATIN AMERICA’S COVID-19 DEFENSES” (publicada em 27 de outubro de 2020) e “Brazil Amazon Deforestation Hits 12-Year High Under Bolsonaro” (publicada em 30 de novembro de 2020).

Apesar de não aparecer como critério de nenhuma das matérias mais relevantes do ano, o valor “relevância” esteve presente na seleção de notícias que abordavam temas como coronavírus, meio ambiente, economia, negacionismo, desinformação, América Latina, ameaça à democracia e o próprio Bolsonaro. Dado esse cenário, podemos perceber que a figura do então presidente da República foi importante da cobertura do jornal sobre o país ao longo do ano de 2020.

Isso não significa, porém, que sempre que apareceu nas matérias do *The New York Times* Bolsonaro teve papel central. Na verdade, dos 250 textos filtrados, 114 tinham centralidade do Brasil e 75 tinham Jair Bolsonaro como figura central, o que corresponde a 30% do total de textos selecionados. Contudo, mesmo que não tivesse papel central no texto, muitas vezes foi Bolsonaro que fez com que o Brasil fosse incluído (ainda que de maneira secundária) nas notícias, como foi o caso das ocasiões em que os termos Brazil/Brazilian e Bolsonaro foram incluídos em matérias que falassem dos líderes globais que contraíram Covid-19, por exemplo.

A maioria das vezes em que o Brasil e seu então presidente aparecem de maneira secundária em textos do *The New York Times* é em matérias que se enquadram na categoria *briefing*, estando ou não na editoria que leva este nome. Essa distinção entre editoria e estilo de texto se dá porque observamos que os termos-chave desta pesquisa aparecem 35 vezes na editoria Briefing, porém, em outras 66 ocasiões textos no mesmo estilo são enquadrados em outras editorias do jornal. Além disso, em 2020, também houve textos de outras editorias que estavam no formato de *newsletters* (uma ocorrência) e *live coverages*, que também apresentam diversas notícias em um único link. Contudo, no caso das *live coverages* (duas ocorrências), o que temos é um conjunto de matérias reunidas, diferente do que ocorre nos *briefings* e *newsletters*, que constroem um único texto para abrigar diversos temas. Além disso, *newsletters* e *live coverages* não possuem editorias próprias, sendo apenas formatos de outras editorias.

Outra peculiaridade do ano de 2020 foi que dois textos foram incluídos pelo próprio jornal em duas editorias: “For Trump, Coronavirus Proves to Be an Enemy He Can’t Tweet Away” (publicado em 08 de março de 2020), que se enquadra nas editorias “Politics” e “News Analysis” e o texto “China’s Aggressive Diplomacy Weakens Xi Jinping’s Global Standing”

(publicado em 17 de abril de 2020), que foi enquadrado nas editorias “Asia Pacific” e “News Analysis”. Em ambos os casos, podemos considerar “News Analysis” como uma subeditoria. Temos então o seguinte cenário:

Quadro 6 – Editorias mais frequentes em 2020

Editorias	Frequência da editoria
Americas	53
Art & Design	2
Arts	2
Asia Pacific	6
Australia	1
Book Review	2
Briefing	35
Business	4
Canada	1
Climate	5
Dealbook	1
Economy	2
Elections	2
Europe	12
Health	2
Magazine	1
Media	1
Middle East	1
Movies	1
Music	1
Obituaries	2
Politics	15
Reader Center	1
Sports	1
Style	1
Technology	7
Television	1
Travel	1
U.S.	16
World	65

Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

Observamos que, mesmo em um contexto de pandemia, o Brasil esteve presente na cobertura de 30 editorias, o que, somado à presença de 39 temas diversos, indica que vários aspectos do país estão presentes na cobertura do *The New York Times*. Isso também é indicado

ao analisarmos a presença constante do país ao longo do ano, uma vez que o mês com menor número de matérias com os termos-chave é agosto (com oito matérias publicadas), enquanto o que tem maior frequência de textos publicados é julho (com 37 matérias).

Vale destacar ainda que o mês de novembro teve uma matéria duplicada. Essa matéria, intitulada "Biden speaks with more world leaders and agrees to meet South Korea's president" (publicada no site do jornal em 12 de novembro de 2020) não foi veiculada na edição impressa, mas contou duplamente nos números da editoria U.S., dos temas "Eleições dos Estados Unidos" e "Política", nos textos sem centralidade do Brasil ou de Bolsonaro e na categoria de textos escritos por jornalistas do *The New York Times*.

Sobre essa última categoria, destaca-se que, em 2020, os jornalistas do *The New York Times* foram os responsáveis pela maioria dos textos que continham os termos-chave (80,8%), enquanto 18,8% das matérias não tinham autoria especificada e apenas uma matéria (0,4%) foi assinada por uma agência de notícias, a Reuters, que foi responsável pelo texto "Brazil Amazon Deforestation Hits 12-Year High Under Bolsonaro", publicado no dia 30 de novembro de 2020 considerado pelo buscador do *The New York Times* como o mais relevantes do mês, apesar de ter fico de fora da edição impressa do jornal.

Esse não foi o único texto a ser considerado o mais importante do mês que não foi publicado na versão impressa do periódico. O mesmo aconteceu em fevereiro, com o texto "'Like a Scream of Resistance': Rio's Carnival in Bolsonaro's Brazil" (publicado em 26 de fevereiro de 2020). Contudo, levando em conta todos os textos filtrados, 139 foram publicados na versão impressa do *The New York Times*, o que equivale a 55,6% do total.

Dentre os textos mais relevantes do ano apenas os textos "The Carnival Parade Is Canceled, and Rio Is Reeling" (publicado em 30 de setembro de 2020) e "Athletes Speak Out Against Returning: 'People Are Still Dying'" (publicado em 29 de junho de 2020) não têm Bolsonaro como figura central, representando cerca de 16,7% dos 12 mais relevantes. Porém, cada um dos textos mais relevantes de 2020 apresenta o Brasil em posição de centralidade.

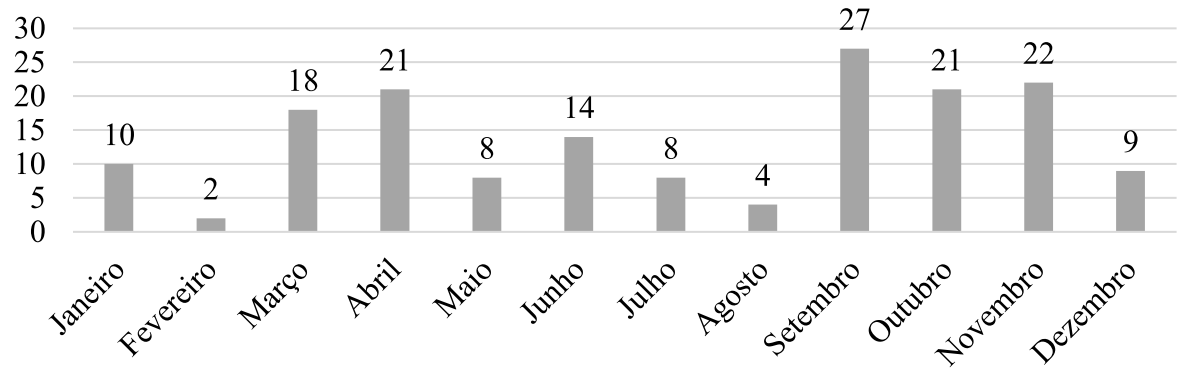
5.1.3 O Brasil em 2021

À primeira vista, 2021 não parece ter sido um ano memorável para o Brasil, especialmente se comparado aos demais anos da gestão de Jair Bolsonaro. Afinal, em 2019, houve a ascensão de um novo presidente ao poder, em 2020, a pandemia parou o mundo e em 2022, houve a disputa eleitoral mais acirrada desde a redemocratização. Contudo, 2021 teve, sim, acontecimentos marcantes. O principal deles foi a chegada das vacinas contra a Covid-19

e os escândalos que cercaram esse fato. Também foi em 2021 que o Brasil atingiu as 500 mil mortes pela doença e que Joe Biden assumiu o lugar de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos, alterando a dinâmica da relação entre o país e o Brasil.

Todos esses fatos fizeram parte da cobertura do *The New York Times*, que produziu, ao longo de 2021, 1.708 textos utilizando os termos Brazil ou Brazilian, sendo que 187 deles também utilizaram o termo Bolsonaro. No total, 164 textos atendiam aos critérios estabelecidos por esta pesquisa, o menor número dentre os quatro anos analisados. A distribuição de matérias não foi uniforme ao longo dos meses, como se pode observar abaixo.

Figura 3 - Distribuição dos textos filtrados em 2021



Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

Dentre as matérias filtradas, 75 tinham centralidade do Brasil (cerca de 45,7%) e 49 colocaram Bolsonaro em foco (aproximadamente 29,9%). Além disso, apenas 67 artigos filtrados foram parar na versão impressa do jornal, o que corresponde a menos de metade do total (cerca de 40,9%). Ficaram de fora da edição impressa do *The New York Times* os textos que o buscador do site do jornal considerou os mais importantes dos meses de fevereiro e setembro, intitulados, respectivamente, “As Brazil faces record Covid-19 deaths, a variant-fueled surge and lagging vaccinations, Bolsonaro disparages masks” (publicado em 26 de fevereiro de 2021) e “Bolsonaro’s wife was vaccinated during their visit to New York for the U.N.G.A.” (publicado em 27 de setembro de 2021). Contudo, em 2021, todos os textos considerados os mais relevantes de cada mês tinham centralidade do Brasil e apenas o mais relevante de dezembro, intitulado “Record Floods Stun Brazil’s Northeast, Killing at Least 20” (publicado em 28 de dezembro de 2021), não tinha Bolsonaro como figura central.

Bolsonaro, aliás, foi tema frequente das matérias do jornal ao longo de 2021. O então presidente apareceu como sendo um dos temas principais de 27 artigos publicados pelo site do

The New York Times em julho, agosto, setembro e novembro de 2021, sendo a quinta temática mais abordada. Na frente dele aparecem Coronavírus e Política (ambos presentes em 78 artigos), Vacinas (presente em 30 artigos) e Meio Ambiente (que aparece em 29 das matérias filtradas). Vale destacar que, além de serem abordadas em muitas matérias, essas temáticas também estavam presentes ao longo de todo o ano. Ainda que nenhuma delas apareça em todos os meses, o tema "coronavírus", por exemplo, só não apareceu em agosto, enquanto o tema "política" ficou de fora em fevereiro e agosto e o tema "meio ambiente" não foi pautado em fevereiro, agosto e setembro. Enquanto o tema vacinas não apareceu em agosto e dezembro.

Quadro 7 – Temáticas Abordadas em 2021

Temas abordados em 2021	Frequência dos temas abordados em 2021
Acidente ou tragédia	2
Ameaça à democracia	10
Bolsonaro	27
China	1
Ciência	4
Coronavírus	78
Corrupção	2
Desinformação	19
Direitos Humanos	1
Discriminação	1
Economia	5
Eleições	3
Entretenimento	1
Esporte (Futebol)	4
Estados Unidos	3
Família do presidente	2
Fazer notícia	1
Indústria midiática	1
Internacional	4
Liberdade de imprensa	1
Lula	3
Meio Ambiente	29
Mudança Climática	1
Negacionismo	3
Personalidade	2
Pobreza	3
Política	78
Redes Sociais	16
Saúde	1

Trump	3
Vacinas	30
Violência	17

Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

Se levássemos em conta a teoria de Brasil (2013), a alta incidência de temas como política e coronavírus estaria associada a acontecimentos que foram marcantes para o Brasil em 2021, especialmente os fatos envolvendo as vacinas contra a Covid-19. Mas não podemos dizer que a cobertura do *The New York Times* sobre esse tema, especialmente em relação à CPI da Pandemia, foi tão intensa como a que ocorreu no noticiário nacional.

Como vimos pela incidência do tema vacinas, isso não significa, claro, que essas temáticas ficaram de fora da cobertura do periódico. Apenas em janeiro, foram seis artigos que tiveram as vacinas como um dos temas centrais, focando não na chegada do medicamento ao Brasil – que teve sua primeira aplicação em 17 de janeiro de 2021 –, mas na eficácia ou não das vacinas chinesas, a lentidão da vacinação e os ataques do governo brasileiro às vacinas. Além dos 30 textos que têm vacinas como um dos temas centrais, há outros textos que mencionaram as vacinas e a ineficiência de sua aplicação no Brasil de maneira secundária.

Já a chamada CPI da Pandemia também foi noticiada, mas não teve destaque tão forte. Em abril de 2021, mês de sua criação, o tema apareceu somente em dois textos em formato briefing, sendo um mais completo e outro mais resumido. Em julho, os protestos que a CPI ensejou também viraram pauta e, em outubro, foi noticiado o pedido de indiciamento de Bolsonaro feito no relatório final da comissão. Esse foi o mês com maior número de notícias sobre o tema, com 14 artigos no total, sendo que 12 foram no formato briefing.

Na verdade, a maior preocupação da cobertura do *The New York Times* estava no número de mortes e nas ações do então presidente Bolsonaro, com seu comportamento negacionista frente à pandemia, espalhando desinformação, suas possíveis ameaças à democracia e suas ações com relação ao meio ambiente, muitas vezes em textos nos quais o então presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, figurava como protagonista. Sendo assim, não é de se estranhar que outros temas que apareceram com frequência na cobertura do *The New York Times* foram: desinformação (19 ocorrências), violência ou crime (17 ocorrências), redes sociais (16 ocorrências) e ameaça à democracia (10 ocorrências). Muitas vezes, essas temáticas se associam a Bolsonaro, mesmo quando o então presidente está inserido no artigo do jornal apenas como personagem secundário.

É isso que acontece no primeiro texto do ano que trata de ameaça à democracia. Em "Trump Bequeaths Biden an Upended World" (publicado em 19 de janeiro de 2021), Bolsonaro é descrito como um "nacionalista", "booster" (apoiador) de Trump que questiona a eleição dos Estados Unidos e a integridade do sistema eleitoral do Brasil, o que, para o jornal, demostraria como o estadunidense seria um "enabler of autocrats" (possibilitador de autocratas). Percebe-se que, apesar de não ser tema da matéria e aparecer somente de forma secundária no artigo, Bolsonaro é a razão de o Brasil figurar no texto do *The New York Times*.

Essa associação se repete ao longo de todo o ano, sendo que o valor-notícia "notoriedade" foi o mais acionado pelo *The New York Times* para incluir o Brasil e seu então presidente em seus textos. Ao todo, esse critério de noticiabilidade foi o escolhido em 31 ocasiões, o que representa cerca de 16,8% do total de artigos filtrados. Há que se lembrar que outras pessoas são capazes de ensejar notícias cujo critério de noticiabilidade seja notoriedade, como é o caso do então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que é tema de três matérias em 2021 e foi a razão do uso do critério notoriedade em quatro ocasiões. Além disso, Marília Mendonça também foi a razão da escolha desse critério para a notícia sobre sua morte, em novembro. Porém, das 31 ocasiões em que esse critério é acionado, 23 se relacionam a Jair Bolsonaro, enquanto outras três se relacionam a pessoas ligadas a ele, como sua esposa Michele Bolsonaro, em duas ocasiões, e Marcelo Queiroga, então ministro da saúde, em uma ocasião.

Quadro 8 – Valores-notícia acionados em 2021

Valores-notícia acionados em 2021	Incidência do valor-notícia em 2021
Morte	2
Notoriedade	31
Proximidade geográfica	8
Relevância	31
Novidade	11
Tempo	11
Notabilidade	14
Inesperado	12
Conflito ou a controvérsia	19
Infração de regras	0
Escândalo	25

Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

Neste momento, não se propõe uma análise da valência dos textos filtrados, contudo, não podemos deixar de observar a incidência de temas e valores-notícias negativos. Afinal, o

terceiro valor-notícia mais acionado é “escândalo”, que, por natureza, tem caráter negativo. Além disso, o critério “conflito ou controvérsia” aparece em 19 artigos, o que também corrobora a imagem de um país com certa instabilidade, como aquele retratado por Holanda (1987). Mesmo quando o critério de noticiabilidade pode ser, por si, neutro, como é o caso de “notoriedade” e “relevância”, observamos que, muitas vezes, eles aparecem associados a temas negativos, tais como ameaça à democracia, negacionismo e desinformação. Já temas como o “meio ambiente” também são frequentemente associados a fatos negativos, como desmatamento, incêndios, destruição de florestas e falta de compromisso das lideranças com a preservação da natureza.

Ainda que alguns temas sejam mais frequentes que outros, há que se notar que existe uma variedade de assuntos abordados. Isso se reflete também no número de editorias que publicaram as matérias filtradas. Foram 22 editorias ao todo, sendo a editoria Americas a mais frequente entre elas. Vale notar também que, além dos 29 textos da editoria Briefing, outros 40 artigos utilizaram esse estilo de texto, mesmo sendo de outras editorias. Além disso, um dos textos publicados contou com o estilo live coverage, que apresenta vários artigos abrigados em uma única página.

Quadro 9 – Editorias mais frequentes em 2021

Editoria	Frequência da editoria
Americas	48
Asia Pacific	1
Briefing	29
Business	5
Climate	13
Europe	5
Health	1
Middle East	2
Movies	1
Mutual Funds	1
Music	2
New York	1
Obituaries	1
Politics	5
Soccer	2
Special Series	1
Sports	1
Technology	3
Television	1

Times Insider	1
U.S.	13
World	27

Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2024).

Além da amplitude de temas e editorias que tratam do Brasil em alguma instância, outro ponto que revela a relevância que o país tem para o *The New York Times* é a utilização de seus próprios jornalistas nos textos que trazem Brazil/Brazilian e Bolsonaro como palavras-chave. Ao longo de 2021, 160 dos 164 textos filtrados foram produzidos por jornalistas do periódico, enquanto um não teve autoria definida e um foi assinado pelo próprio *The New York Times*. Com isso, apenas dois artigos foram assinados por agências de notícias (sendo um da Reuters e outro da Associated Press), porém, nenhum desses textos foi elencado pelo buscador do jornal como o mais relevante do mês.

5.1.4 O Brasil em 2022

Em 2022, as eleições brasileiras estivera

m no centro das atenções da imprensa, tanto dentro quanto fora do país. Diante de um governo que, durante anos, questionou a legitimidade do sistema eleitoral brasileiro e se tornou famoso por difundir desinformação, temia-se que a democracia estivesse em risco. Não se pode dizer que tenha sido um temor injustificado. Afinal, entre outras pautas de destaque daquele ano estiveram a reunião entre Bolsonaro e embaixadores estrangeiros para questionar a confiabilidade do sistema eleitoral do Brasil, questionamentos sobre as eleições vindos das forças armadas brasileiras e do partido do presidente, a recusa em se reconhecer de imediato o resultado das eleições e os protestos de apoiadores do então presidente sobre os resultados das urnas.

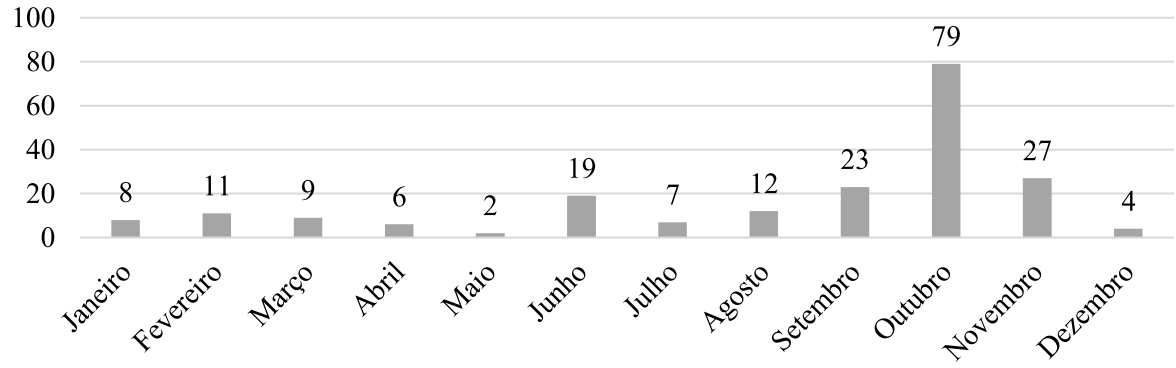
Com tantos acontecimentos relevantes, não é surpresa que o *The New York Times* tenha produzido muitas matérias que relacionassem o Brasil a Bolsonaro. Ao todo, foram 1.333 textos que utilizaram o termo “Brazil/Brazilian” ao longo do ano, sendo que 253 também utilizavam o termo “Bolsonaro” e 207 atendiam aos critérios estabelecidos por esta pesquisa, o segundo ano com a maior quantidade de textos analisados. Do total de artigos filtrados, 84 também foram publicados na versão impressa do NYT, o equivalente a cerca de 40,6%.

Destaca-se ainda o número de textos com centralidade brasileira, que somaram 130, o que corresponde a cerca de 62,8%. Além disso, 99 textos apresentaram Bolsonaro como figura

central, o que equivale a aproximadamente 47,83%. Esses dados indicam a relevância do Brasil para os textos nos quais aparece, o que é reforçado pela escolha dos responsáveis por esses artigos. Das 207 matérias filtradas, nenhuma é de autoria de uma agência de notícias e 205 foram assinadas por jornalistas do *The New York Times*, com um artigo tendo sido assinado pelo próprio jornal e apenas um não tendo a autoria definida.

Apesar do volume expressivo de textos filtrados, há que se notar que esses artigos foram distribuídos de maneira desigual ao longo do ano. Em maio, por exemplo. Apenas dois textos publicados atendiam aos critérios da pesquisa, enquanto em outubro – mês da disputa eleitoral – foram publicados 79 dos textos filtrados. A distribuição dos textos ao longo do ano pode ser percebida no Gráfico 4.

Figura 4 - Distribuição dos textos filtrados em 2022



Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

Observa-se que a maior incidência de textos filtrados esteve entre setembro e novembro, meses mais próximos da disputa eleitoral. Nos três casos, o tema eleições esteve entre os mais abordados do mês. No ano como um todo, essa temática foi a segunda que teve a maior incidência, com presença em 97 dos textos filtrados, ou seja, aproximadamente 44,9% do total. Ainda assim, o tópico só entrou para a pauta como um dos focos centrais dos artigos em julho, voltando a deixar os holofotes em dezembro.

Já o tema que mais se destacou ao longo do ano foi política. Sem dúvida, a disputa eleitoral foi um fator importante para aumentar o número de matérias desta temática, contudo, houve também um número expressivo de artigos que tratavam tanto de política quanto de temas como meio ambiente, a guerra na Ucrânia, personalidades, entre outros. Além disso, essa temática esteve presente em todos os meses do ano, demonstrando sua centralidade para cobertura feita sobre o Brasil no período.

Em terceiro lugar na lista dos principais assuntos de 2022 esteve a ameaça à democracia, que foi abordado centralmente em 75 textos. Apesar de ser mais frequente entre setembro e novembro – assim como o tema eleições –, essa temática só não foi destaque nos textos publicados em fevereiro, março, abril, maio e dezembro. Isso nos indica que, mesmo que também tenha sido um tema bastante atrelado às eleições, ele também apareceu em outros momentos na cobertura do periódico.

Quadro 10 – Temáticas Abordadas em 2022

Temas abordados em 2022	Frequência dos temas abordados em 2022
Aborto	2
Agro	1
Ameaça à Democracia	75
América Latina	5
Arte	3
Bolsonaro	22
Brasil	3
Ciência	1
Copa do Mundo	1
Corrupção	1
Costumes	1
Desigualdade Social	1
Desinformação	6
Discriminação	2
Economia	5
Eleições	97
Entretenimento	4
Estados Unidos	11
Fazer notícia	1
Futebol	4
Guerra na Ucrânia	12
Inclusão	1
Internacional	9
Liberdade de expressão	1
Liberdade de imprensa	1
Literatura	2
Lula	7
Meio Ambiente	30
Música	1
Personalidade	4
Política	158
Povos Indígenas	9

Racismo	3
Redes Sociais	3
Religião	2
Saúde	3
Trump	2
Vacinas	1
Violência	10

Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

Uma observação importante é que os temas "Eleições" e "Ameaça à democracia" estão intrinsecamente ligados ao tema política, portanto, toda vez que eles apareciam também foi colocado o tema política como tema central. Vale destacar que, no texto "What does Brazil's election mean for the United States?" (publicado em 30 de outubro de 2022) foram elencados seis temas centrais, sendo eles: "Estados Unidos", "Economia", "Meio Ambiente", "Ameaça à democracia", "Eleições" e "Política". Já o texto "Judge Slaps Down Bolsonaro's Late Bid to Overturn Brazil's Election" (publicado em 23 de novembro de 2022) também extrapolou o limite de temas proposto, ao incluir como temas "Eleições", "Ameaça à democracia", "Desinformação", "Bolsonaro" e "Política".

Ainda que não necessariamente atrelados à pauta política e que tenham sido menos acionadas ao longo do ano, outras duas temáticas importantes para 2022 foram "meio ambiente" e "Bolsonaro". O então presidente foi tema de 22 matérias, ainda que tenha sido figura de destaque em 98 textos. Já o tema "meio ambiente" aparece em 30 ocasiões e, assim como o tema "ameaça à democracia", foi um dos assuntos que fez com que o valor-notícia "relevância" se destacasse como o que mais fez o *The New York Times* falar sobre o Brasil em 2022. Com isso, percebemos que o estereótipo de um Brasil que se destaca por suas características naturais, que existe desde os temos de Pero Vaz de Caminha (Lisboa, 1997), permanece nos retratos que são feitos atualmente sobre o país.

Quadro 11 – Valores-notícia acionados em 2022

Valores-notícia acionados em 2022	Incidência do valor-notícia em 2022
Morte	1
Notoriedade	29
Proximidade geográfica	8
Relevância	63
Novidade	21
Tempo	42
Notabilidade	1

Inesperado	27
Conflito ou a controvérsia	14
Infração de regras	0
Escândalo	1

Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

Em segundo lugar entre os valores-notícias mais acionados aparece o "Tempo" o que se explica pelo grande número de matérias que estavam relacionados a um fato atual ou em conexão com o momento: as eleições. Já Bolsonaro, além de tema de matérias e personagem central em um número considerável de textos em 2022, também serviu como a razão pela qual diversos artigos foram noticiados pelos critérios "notoriedade" e "inesperado". No primeiro caso, muitas vezes, isso se dá por seu papel como presidente da República, participando de eventos, por exemplo, ou por sua presença em locais importantes, como sua visita à Rússia próximo ao estopim da guerra na Ucrânia. Já nos casos do critério "inesperado", quando associados a Bolsonaro, se dão por suas atitudes, como foi o caso da convocação de representantes de países estrangeiros para colocar sob suspeita as eleições no Brasil, em julho, ou quando ele agarrou um homem pela camisa e tentou pegar seu telefone, em agosto.

Ainda que tenha havido uma concentração temática e de critérios de noticiabilidade, o Brasil esteve presente nos noticiários devido a outros assuntos. Em março, por exemplo, o texto que mais se destacou foi "Review: Dancing the Night Away With Brazil's Cia Suave", sobre a estreia do espetáculo de uma companhia de dança brasileira nos Estados Unidos. Com isso, mesmo que com poucos textos, 24 editorias publicaram textos em que o Brasil e Bolsonaro são mencionados. A distribuição desses textos se deu da maneira que se observa na tabela.

Quadro 12 – Editorias mais frequentes em 2022

Editoria	Frequência da editoria
Americas	94
Art & Design	1
Book Review	1
Briefing	52
Climate	14
Dance	1
Dealbook	3
Economy	1
Europe	13
Health	3
Magazine	1

Middle East	1
Movies	3
Music	1
News Analyses	1
Politics	5
Soccer	2
Style	1
Technology	1
Television	1
The Insider	1
T Magazine	1
U.S.	2
World	3

Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

De todas, a editoria Americas foi a mais frequente, mas também houve um número notável de textos que se enquadraram na editoria Briefing. Além dos 52 artigos desta editoria, ainda houve outros 25 que se encaixam nesse estilo de texto. Também é importante observar que, em 2022, o Brasil integrou 12 textos em estilo "live coverage" e sete newsletters, consolidando sua presença em artigos nos quais o próprio jornal define os fatos que sua audiência não pode deixar de saber.

Há que se notar, no entanto que, em setembro de 2022, houve um texto da editoria Briefing listado duas vezes, o que significa que há um texto contado duplamente nos temas "Eleições", "Ameaça à democracia" e "Política", assim como no valor-notícia "conflito ou controvérsia", na editoria Briefing e nos textos escritos por jornalistas do *The New York Times*. Nesse caso, não houve centralidade do Brasil nem de Bolsonaro e o texto não foi incluído na versão impressa do jornal.

De todo modo, o que podemos observar é que 2022 foi um ano imensamente marcado pela situação política do Brasil, especialmente devido à possibilidade de a democracia brasileira não sobreviver às eleições daquele ano. Esse cenário indica que o Brasil ainda tem sua imagem ligada ao que Freyre (1995 e 2004) e Holanda (1987) diziam sobre o país: nossas instituições não são totalmente consolidadas, colocando-as em risco frente a uma ameaça. Também indica que estereótipos observados por Paganotti (2007), como do Brasil "de lama" e o Brasil "verde".

Além disso, o papel de Bolsonaro é relevante para a construção da imagem nacional, uma vez que, além de ser foco de quase metade dos textos do ano, também é um dos principais protagonistas, por essência, dos principais temas do ano. Afinal, ele e seu grupo político foram os responsáveis por ameaçar a democracia brasileira e Bolsonaro foi o segundo colocado na

disputa eleitoral. Sendo assim, ações do então presidente influenciaram nas pautas sobre o país ao longo de 2022, endossando a tese de Buarque (2022) de que os líderes têm mais influência do que se pensava sobre a imagem de um país.

5.1.5 O Brasil na gestão Bolsonaro

Ao analisar os quatro anos da cobertura do *The New York Times* sobre o governo de Jair Bolsonaro, observamos tanto aspectos que se perpetuaram nos artigos produzidos pelo jornal quanto mudanças de direção. Entre as permanências, uma das mais evidentes é a preferência temática do jornal. Ao longo dos quatro anos analisados, os temas "Política" e "Meio Ambiente" estiveram entre os cinco mais acionados pelo NYT ao falar sobre o Brasil, podendo ser classificadas como pautas perenes sobre o país.

Quadro 13 – Temáticas mais frequentes entre 2019 e 2022

Ano de referência	Total de artigos filtrados	Temáticas mais frequentes	Incidência da temática	Incidência relativa aproximada do tema
2019	187	Política	92	49,2%
		Meio Ambiente	73	39,04%
		Internacional	28	14,97%
		Violência ou crime	19	10,16%
		Economia	18	9,62%
2020	250	Coronavírus	154	61,6%
		Política	76	30,4%
		Estados Unidos	29	11,6%
		Bolsonaro	27	10,8%
		Meio Ambiente	22	8,8%
2021	164	Coronavírus	78	47,56%
		Política	78	47,56%
		Vacinas	30	18,29%
		Meio Ambiente	29	17,68%
		Bolsonaro	27	16,46%

2022	207	Política	158	76,32%
		Eleições	97	46,86%
		Ameaça à democracia	75	36,23%
		Meio Ambiente	30	14,49%
		Bolsonaro	22	10,63%

Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

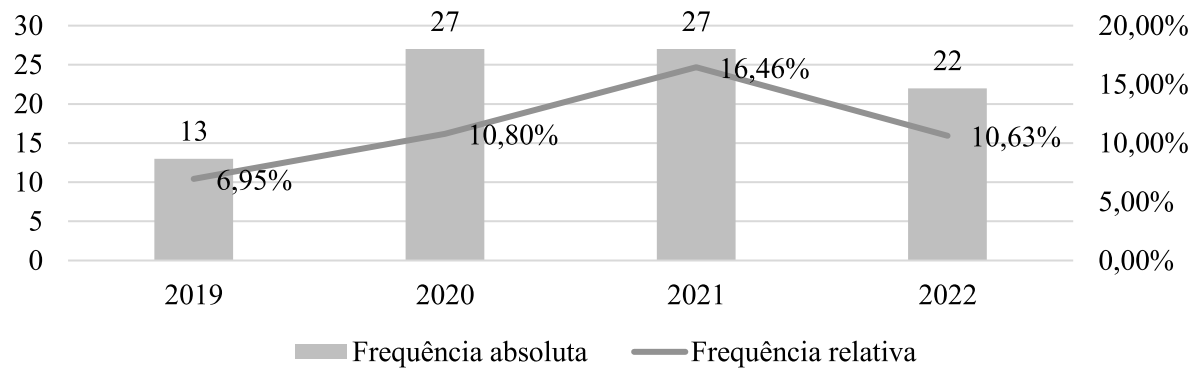
Não é possível desconsiderar, no caso do tema "política", que um dos critérios de seleção dos artigos a serem analisados era a menção do termo "Bolsonaro", então presidente do país. Uma vez envolvendo um personagem político, é natural que a presença do tema fosse ocorrer com frequência. Ainda assim, observou-se que nos anos da pandemia, o tema "Coronavírus" ganhou tanto ou mais destaque do que a política, um indício de que temáticas do momento podem disputar protagonismo com temáticas perenes do jornal. Ao mesmo tempo que, quando esses temas perenes ganham interesse no momento, eles ganham mais destaque do que a média, como aconteceu em 2022, ano das eleições presidenciais do Brasil.

Essa conclusão sobre a frequência das temáticas tratadas se torna mais clara ao analisarmos a incidência do tema "Meio Ambiente". É evidente que ele é visto como relevante para o *The New York Times* em sua cobertura sobre o Brasil, porém, ao longo do governo Bolsonaro diminuiu drasticamente, passando de cerca de 39% da cobertura total para variar entre cerca de 10% e 15% nos anos seguintes.

Outro tópico que foi abordado ao longo dos quatro anos do governo de Bolsonaro foi a violência. Contudo, sua importância varia no período analisado. Em 2019, textos ligados a violência ou crime representam 10,16% do total. Em 2021, ainda que não tenha aparecido entre os cinco temas mais frequentes do ano, esse tema tem uma proporção ainda maior dentre os artigos filtrados, aparecendo em 10,36% dos textos. Já em 2020 e 2022 a pauta "violência" teve menos força, aparecendo em 2,8% e 4,83% dos textos respectivamente.

Se, por um lado, violência e meio ambiente – temas geralmente associados aos estereótipos do Brasil na imprensa internacional, como observa Paganotti (2007) – perderam espaço ao longo do governo de Bolsonaro, outros temas como a pessoa do então presidente e a ameaça à democracia tiveram sua presença ampliada na cobertura do *The New York Times* entre 2019 e 2022. Contudo, como é possível observar no gráfico abaixo, mesmo em 2019, a figura de Jair Bolsonaro já era tema frequente de notícias, representando quase 7% do total de textos publicados naquele ano.

Figura 5 - Frequência do tema "Bolsonaro" entre 2019 e 2022

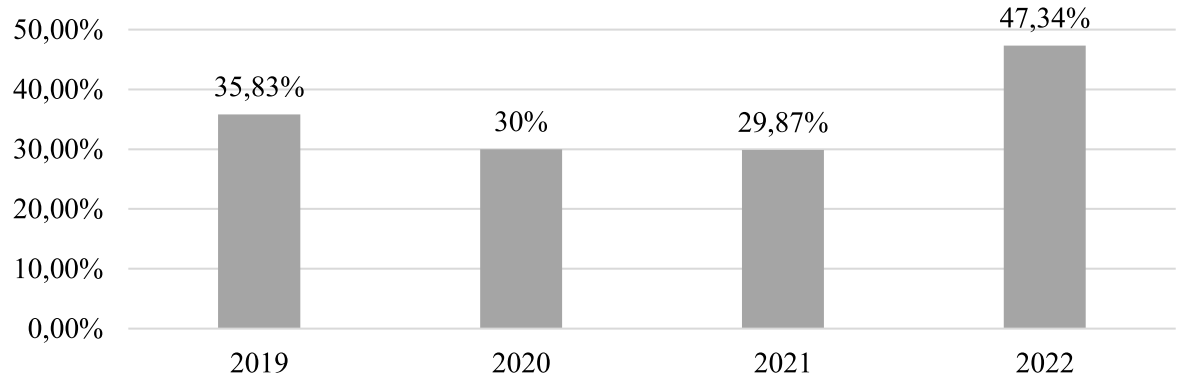


Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

Vale destacar que, apesar de ter uma frequência absoluta igual em 2020 e em 2021, observando a frequência relativa, percebemos que, em 2021, foram produzidos mais textos em que um dos temas centrais era Jair Bolsonaro. Essa discrepância, de 5,66 pontos percentuais, representa um aumento de 52,4% na frequência dessa temática na comparação com o ano anterior. Como em 2022 a incidência do tema “Bolsonaro” voltou a se aproximar da casa dos 10% do total de textos, podemos considerar que o ano de 2021 foi atípico nesse quesito.

Como o jornalismo se baseia no que acontece naquele momento, a explicação mais plausível para o aumento de artigos que têm Bolsonaro como tema é apenas o maior número de acontecimentos ligados a esse tema que foram entendidos como relevantes pelo jornal. Isso vale tanto para o aumento observado entre 2019 e 2020 quanto para aquele que existe entre 2020 e 2021. Uma outra explicação possível para essa elevação seria um aumento de relevância da figura de Bolsonaro que, em 2019, ainda era menos conhecido no mundo. Contudo, acreditamos que essa hipótese não é válida, uma vez que, mesmo quando não esteve entre os temas principais dos textos, Bolsonaro pode ter aparecido como figura central nesses artigos. Se levamos esses dados em consideração temos o seguinte cenário.

Figura 6 - Centralidade de Bolsonaro nos textos do NYT entre 2019 e 2022



Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

Se levamos em conta esses dados, temos que Bolsonaro figurou como personagem central em uma porcentagem próxima de textos entre 2019 e 2021, sendo que, proporcionalmente, foi importante na construção das notícias mais vezes do que foi tema delas em todos os anos analisados. Já em 2022, Bolsonaro apareceu como figura central em uma proporção mais significativa do que nos anos anteriores, ocupando local de destaque em quase metade das notícias filtradas.

Também devemos observar a ascensão do tema "ameaça à democracia", que surge em 2020, em sete textos, o que corresponde a 3,74% do total. No ano seguinte, esse número sobe para 10, mas o aumento na frequência relativa não foi relevante, uma vez que representa 4% dos artigos publicados naquele ano. Já em 2022, a frequência do tema atinge seu ápice, com 74 aparições como um dos temas centrais de artigos publicados no site do *The New York Times*, o que significa 36,23% do total.

Olhando pela perspectiva jornalística, é plausível dizer que o aumento na frequência desse tema se deu pelo maior número de fatos ocorridos no Brasil que representavam uma possível ameaça à democracia, especialmente no ano de 2022. Isso se reforça ao analisarmos os valores-notícia acionados no período de análise. Em 2022, quando o número de textos sobre "ameaça à democracia" é maior (tanto absoluta quanto relativamente), o valor-notícia mais acionado pelo jornal é relevância, valor esse associado ao tema "ameaça à democracia" em 37 ocasiões naquele ano.

Quadro 14 – Valores-notícia mais frequentes entre 2019 e 2022

Ano de referência	Total de artigos filtrados	Valores-notícia mais frequentes	Incidência do valor-notícia	Incidência relativa aproximada do valor-notícia
2019	187	Conflito ou controvérsia	46	24,6%
		Novidade	27	14,4%
		Tempo	26	13,9%
		Relevância	25	13,37%
		Notoriedade	19	10,16%
2020	250	Notoriedade	71	28,4%
		Conflito ou controvérsia	40	16%
		Relevância	28	11,2%
		Escândalo	26	10,4%
		Inesperado	20	8%
2021	164	Notoriedade	31	18,9%
		Relevância	31	18,9%
		Escândalo	25	15,24%
		Conflito ou controvérsia	19	11,58%
		Notabilidade	14	8,54%
2022	207	Relevância	63	30,43%
		Tempo	42	20,29%
		Notoriedade	29	14%
		Inesperado	27	13,04%
		Novidade	21	10,14%

Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

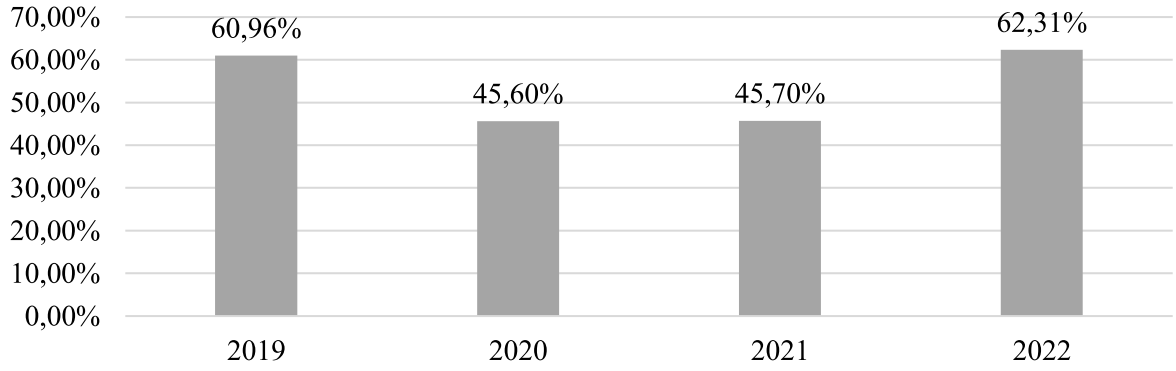
Ademais, como observado nos tópicos anteriores deste capítulo, Bolsonaro está, com frequência, associado aos valores-notícia acionados pelo jornal, mesmo quando aparece de forma secundária nos textos. É o que ocorre em textos em que Bolsonaro é mencionado como

um dos líderes globais que foi contaminado pelo coronavírus, ou entre aqueles que diminuem a importância da doença. Nesses e em casos similares, Bolsonaro foi a razão de o jornal utilizar o valor "Notoriedade" para pautar uma notícia, valor esse que foi um dos cinco mais acionados em todos os anos analisados.

O então presidente da República também tem papel importante em textos cujos critérios de noticiabilidade são "conflito ou controvérsia" e "escândalo", devido, em grande medida, a seu comportamento polêmico. Sendo assim, o que observamos ao longo dos quatro anos de cobertura do *The New York Times* é que Bolsonaro teve um impacto relevante no que era noticiado sobre o Brasil, endossando a tese de Buarque (2022) de que a imagem do presidente poderia impactar a percepção dos veículos noticiosos sobre o nosso país.

Foi possível perceber também que, em comparação com 2019, o número de textos que tinham o Brasil como figura central caiu consideravelmente em 2020 e em 2021, ainda que tenha retomado ao mesmo patamar em 2022. À primeira vista, esses dados indicariam uma possível queda de relevância do Brasil na cobertura do *The New York Times* ao longo do governo de Jair Bolsonaro, contudo, outros dados também precisam ser considerados.

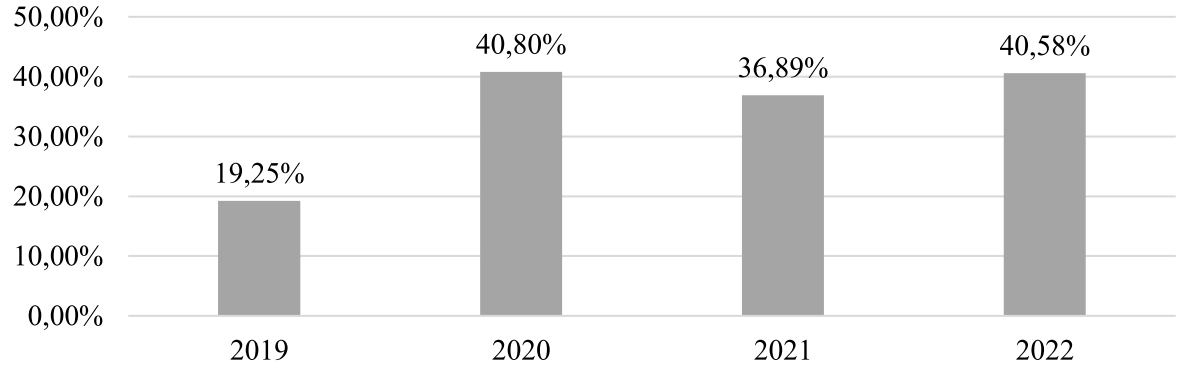
Figura 7 - Centralidade do Brasil nos textos do NYT entre 2019 e 2022



Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025)

É possível que uma explicação para essa alteração da centralidade brasileira em 2020 e 2021 seja a cobertura sobre a pandemia de covid-19, que fez com que o Brasil fosse incluído em um grande número de *briefings* que tratavam sobre o tema, colocando o país apenas como coadjuvante. De fato, o número de *briefings* no período foi crescente, como é possível observar no gráfico abaixo.

Figura 8 - Percentual de textos no estilo briefing ou newsletter entre 2019 e 2022



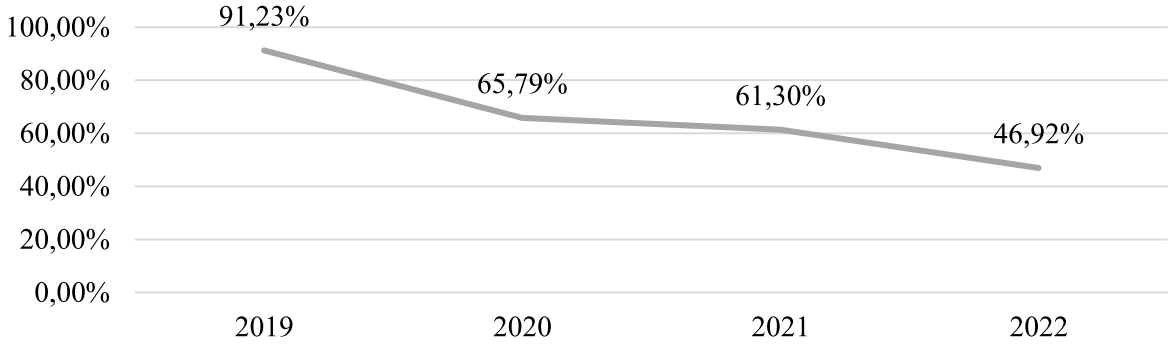
Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

Em certa medida, ao ser incluído em *briefings* e *newsletters*, o Brasil mostrou ser palco de acontecimentos dos quais os leitores do NYT precisavam estar cientes. Esse dado, sem dúvida, indica a relevância do país. Bem como a constante diminuição do número de matérias produzidas por agências de notícias que já era baixo (4,28%) em 2019, mas chegou a zero em 2022, o que indicaria uma valorização dos fatos acontecidos no Brasil.

É preciso considerar ainda que em regra, *briefings* e *newsletters*, textos que costumam não trazer o Brasil como figura central, não são publicados na versão impressa do *The New York Times*. Ademais, um mesmo tópico pode aparecer (e muitas vezes aparece) diversas vezes em *briefings* e *newsletters*, enquanto em edições impressas, um fato costuma aparecer apenas uma vez. Da mesma forma, coberturas do tipo *live coverage* não aparecem tão detalhadas na versão impressa, pois são reflexo do imediatismo do webjornalismo (Usher, 2017).

Esses fatores ajudam a explicar a queda expressiva que percebemos ao analisarmos o número de matérias que foram publicadas na edição impressa. Se, em 2019, 86,63% dos artigos produzidos foram publicados também na edição impressa, esse número caiu para 55,6% em 2020, 40,85% em 2021 e 40,58% em 2022. Seria, portanto, a conclusão de que o Brasil perdeu a importância nesse período? Acreditamos que existe mais um dado a ser considerado antes de chegarmos a uma conclusão: o número de artigos com centralidade brasileira que chegaram à edição impressa, mas também aí observamos um cenário de queda, como demonstrado a seguir.

Figura 9 - Notícias com centralidade do Brasil publicadas na versão impressa do NTY entre 2019 e 2022



Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

Ao analisar esse decréscimo proporcional dos textos com centralidade brasileira que apareceram na edição impressa do *The New York Times*, podemos dizer que, ao longo do governo de Jair Bolsonaro, o Brasil perdeu protagonismo. Isso porque, o país aparece muitas vezes de forma secundária, especialmente na versão impressa do jornal. Contudo, o fato de ainda ser citado em matérias que não é o foco, indica que o Brasil ainda tem grande importância no cenário global.

5.2 UM QUADRO EM TEXTOS

Neste tópico, nos dedicaremos à análise dos 48 textos filtrados pelo buscador do *The New York Times* como o mais relevante de cada mês do período analisado utilizando os termos-chave desta pesquisa, bem como do texto “Brazil Ejects Bolsonaro and Brings Back Leftist Former Leader Lula”, publicado pelo *The New York Times* no dia 30 de outubro de 2022, uma vez que acreditamos que esse artigo é de suma importância para entender a construção da imagem do *The New York Times* sobre as eleições de 2022, tema que esteve entre os mais frequentes daquele ano. Ao final da análise individual dos textos conforme os critérios estabelecidos por essa pesquisa, será realizada uma análise geral, observados os pontos que se repetem ao longo da cobertura do jornal no período do governo de Jair Bolsonaro.

5.2.1 Janeiro de 2019: Brasil, um lugar de corrupção

Em janeiro de 2019, Jair Bolsonaro tomou posse como presidente do Brasil[57]. No mesmo mês, a barragem de Brumadinho (MG) se rompeu, matando mais de 200 pessoas[58]. Esses assuntos não ficaram de fora da cobertura do *The New York Times*, recebendo bastante destaque ao longo do mês, mas o tema que o buscador do site do jornal considerou o mais relevante foi outro: investidores de um Hotel no Rio de Janeiro que costumava levar a marca de Donald Trump foram acusados de corrupção.

É sobre isso que trata o artigo "Investors in Former Trump-Branded Hotel in Brazil Charged With Corruption", publicado na versão online do NYT em 31 de janeiro de 2019 e na versão impressa no dia seguinte. O texto, de autoria de Shasta Darlington, reforça o que o Paganotti (2007) denominou como estereótipo Brasil "de lama", uma vez que relata a participação de brasileiros em um escândalo de corrupção que dava propina a diretores de um banco público – o Banco de Brasília – em troca de investimentos. O fato tem um peso ainda maior quando se leva em conta que um dos acusados, Paulo Figueiredo Filho, não é qualquer brasileiro, mas o neto de um ex-presidente do Brasil, João Figueiredo, último presidente do regime militar.

As conexões de Paulo Figueiredo Filho com o meio político não paravam em seu parentesco. Como aponta Darlington (2019), o magnata do setor imobiliário alegava ter fácil acesso a Donald Trump (por quem expressava grande admiração) e tinha boas relações com o Flávio Bolsonaro, filho do então presidente da República. Flávio – que o jornal lembra ser, ele próprio, alvo de acusações de corrupção – chegou a elogiar as qualidades de Figueiredo como empresário e analista político. Todos esses fatores indicam que o texto expressa os estereótipos que classificamos nesta pesquisa como "precariedade/fragilidade institucional" e de "prevalência de interesses privados sobre o público".

Esses estereótipos são reforçados pelo enquadramento noticioso escolhido pelo *The New York Times* que é, predominantemente temático, focado mais no contexto do que no factual: a acusação de corrupção. Nem mesmo o lead traz o fato expresso no título, com os primeiros

---

[57] LONDOÑO, Ernesto. Jair Bolsonaro Sworn In as Brazil's President, Cementing Rightward Shift. ***The New York Times***, 1 jan. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/01/01/world/americas/brazil-bolsonaro-inauguration.html?searchResultPosition=8. Acesso em: 2 jan. 2025.

[58] DARLINGTON, Shasta. 7 People Killed and 200 Missing in Brazil After Dam Collapses, Officials Say. ***The New York Times***, 25 jan. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/01/25/world/americas/brazil-dam-burst-brumadinho.html?searchResultPosition=3. Acesso em: 2 jan. 2025.

quatro parágrafos focados apenas em quem é Figueiredo e qual sua relação com a Trump Organization e com Donald Trump, então presidente dos Estados Unidos. No texto também se vê uma comparação entre o comportamento dos empresários brasileiros e dos estadunidenses já que, o grupo de Trump abandonou o projeto do hotel em 2016, semanas após ser instaurada uma investigação policial sobre o esquema de financiamento, ainda que a justificativa oficial tenha sido os atrasos nas obras do hotel. Já os elogios de Flávio Bolsonaro a Figueiredo haviam sido feitos "recentemente", conforme o texto. Além disso, enquanto os empresários brasileiros eram acusados de corrupção, lavagem de dinheiro e crimes contra o sistema financeiro, a Trump Organization não estava envolvida no esquema, conforme a investigação.

O *The New York Times* não especifica as fontes usadas na maior parte da matéria, mas é possível inferir que se tratem de fontes oficiais, tais como materiais divulgados pela própria Polícia Federal. É esse material que serve como fonte primária do texto, endossando fatos como a presença ou não de acusações contra as pessoas e organizações citadas na matéria. Outra fonte primária oficial é o procurador federal Frederico Siqueira, que é citado textualmente no texto. Mas o jornal usa também de fontes secundárias, para apresentar contextos. Essas fontes também não são explicitadas, mas é possível observar que, em alguns casos, elas se tratam da própria imprensa, seja o próprio arquivo do *The New York Times*, como no caso da entrevista que Figueiredo deu ao jornal em 2015, quanto outras mídias, como no caso da citação de Flávio Bolsonaro elogiando Figueiredo.

Da mesma forma como usa diversas fontes, os enquadramentos noticiosos também são diversos. Além do enquadramento principal, o temático, também podemos observar o uso dos enquadramentos "valor noticioso" e "centrado na personalidade". Isso porque o texto trata de um escândalo envolvendo um homem que mora nos Estados Unidos e, indiretamente, o presidente americano. Por isso, ainda que diversos empresários tenham sido acusados e presos, o *The New York Times* se concentrou na figura de Paulo Figueiredo Filho, por sua relação com figuras centrais da política do Brasil e dos Estados Unidos.

Essa abordagem resultou numa valência negativa para o Brasil, que foi associado à corrupção e a líderes autoritários, uma vez que a ligação do empresário com o ditador João Figueiredo foi um dos pontos destacados pelo jornal. Ainda que tenha sido mencionado apenas uma vez no texto, a valência com relação a Jair Bolsonaro também é negativa, uma vez que é apresentado como um homem cujo filho, além de acusado de corrupção, elogia corruptos.

5.2.2 Fevereiro de 2019: Bolsonaro hospitalizado

Fevereiro de 2019 foi um mês com poucas, mas relevantes notícias sobre o Brasil. Foi nesse mês que um incêndio matou 10 jogadores da base do Flamengo[59], a Justiça decidiu que a investigação sobre o envolvimento de Flávio Bolsonaro[60] com um esquema de corrupção poderia continuar e que o então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi condenado pela segunda vez por corrupção[61] – sentença essa anulada posteriormente[62]. Ainda assim, o tema que o buscador do *The New York Times* considerou o mais relevante foi "Jair Bolsonaro, Brazil's President, Remains in Hospital With Signs of Pneumonia", publicada em 7 de fevereiro na versão online e no dia 8 de fevereiro na impressa.

O texto, que tem autoria da agência de notícias *The Associated Press*, apresenta um enquadramento noticioso do tipo episódico, focando nas atualizações do estado de saúde do então presidente da República, que se encontrava internado desde o final de janeiro no Hospital Albert Einstein, em São Paulo. O jornal explica, já no lead, que a internação inicial se deu devido a um procedimento decorrente da facada da qual Bolsonaro foi vítima em setembro de 2018, durante a campanha eleitoral, mas que, naquele momento, ele apresentava sinais de pneumonia.

Neste texto, é usada apenas uma fonte primária e oficial: o pronunciamento do hospital sobre a saúde do presidente. A declaração chega a ser citada textualmente. Além desta, também há uma fonte secundária, não especificada, utilizada para dar maior contexto à matéria, como a posição política de Bolsonaro (classificado como um político de "extrema direita"), as expectativas iniciais de sua estadia no hospital, além do contexto da eleição de Bolsonaro e do ataque que ele sofreu.

---

[59] ANDREONI, Manuela; DARLINGTON, Shasta; PANJA, Tariq. Dorm Fire Kills 10 Young Players in Brazil, Sending Shudder Through Soccer World. ***The New York Times***, 8 fev. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/02/08/world/americas/fire-brazil-flamengo-soccer.html?searchResultPosition=5. Acesso em: 3 jan. 2025.

[60] DARLINGTON, Shasta. Corruption Inquiry Involving Brazilian President's Son Can Proceed, Court Says. ***The New York Times***, 1 fev. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/02/01/world/americas/brazil-flavio-bolsonaro.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 3 jan. 2025.

[61] DARLINGTON, Shasta. Brazil's 'Lula' Convicted Again of Corruption, Clouding His Political Future. ***The New York Times***, 6 fev. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/02/06/world/americas/brazil-lula-convict-corruption.html?searchResultPosition=3. Acesso em: 3 jan. 2025.

[62] STF. STF confirma anulação de condenações do ex-presidente Lula na Lava Jato. **Portal STF**, 15 ABR. 2021. Disponível em: https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=464261&ori=1 Acesso em 1º abr. 2025.

Esses pontos apresentam enquadramento contextual, mas não são suficientes para alterar o enquadramento episódico predominante do texto. Ainda assim, são esses detalhes contextuais que nos permitem verificar a valência do texto tanto com relação ao Brasil quanto à figura de Bolsonaro. Em ambos os casos, a valência é negativa, já que o Brasil é apresentado como um lugar em que políticos podem ter a vida ameaçada em campanhas eleitorais e Bolsonaro aparece como um extremista.

Com isso, reforça-se o estereótipo de "fragilidade institucional" do Brasil. Porém, no texto não é possível observar pontos de comparação com os Estados Unidos e nem com Donald Trump, uma vez que nem o país, nem seu então presidente foram mencionados na reportagem.

5.2.3 Março de 2019: celebração do golpe

Do total de 17 artigos não opinativos publicados em março de 2019 pelo *The New York Times* que usassem os termos Brazil/Brazilian e Bolsonaro, o mais relevante, conforme o buscador do periódico, foi "Brazil's President Tells Armed Forces to Commemorate Military Coup", publicado no dia 29 de março no site e no dia 30 na versão impressa do jornal.

Escrito por Ernesto Londoño, Shasta Darlington e Letícia Casado, o texto adota um enquadramento episódico e temático, tratando tanto do fato em si – Bolsonaro disse às Forças Armadas que comemorassem o golpe militar de 1964 – quanto do contexto tanto da História brasileira quanto da repercussão que a fala do então presidente causou. Contudo, percebe-se que o enquadramento temático tem mais força ao longo do texto.

É essa escolha de enquadramento que permite que, ao longo do texto, se construa uma imagem negativa tanto do Brasil quanto de Jair Bolsonaro, resultando em um texto com valência negativa para ambos. Bolsonaro é apresentado como um capitão do Exército eleito com uma plataforma de "extrema direita" com uma visão positiva sobre a Ditadura Militar brasileira e que, enquanto parlamentar, era conhecido por seu "discurso ofensivo". Já o país, aparece como um lugar em que a visão "revisionista" de Bolsonaro sobre o regime estava ganhando espaço.

Utilizando de fontes secundárias que não são especificadas, o *The New York Times* traz para seus leitores uma descrição do regime militar, classificada como uma "ditadura brutal", que fazia uso de "censura e repressão" para se manter no poder e que "torturou e matou centenas de suspeitos de serem dissidentes". O jornal também aponta que, o Brasil fez menos do que Argentina e Chile (dois países que também passaram por ditaduras militares no século XX) para investigar os "abusos" cometidos durante o regime.

Por vezes, é possível supor que essas fontes secundárias também são fontes oficiais, como os números apresentados pela Comissão da Verdade. Além disso, fontes oficiais também aparecem como fontes primárias. É isso que acontece quando são citados o então procurador-geral da República André Mendonça (que é citado apenas pelo cargo e não pelo nome), a juíza federal Ivani Silva da Luz, declarações de Jair Bolsonaro, de seu filho Eduardo e de membros do governo, como Ernesto Araújo (então Ministro das Relações Exteriores), Augusto Heleno (então chefe do Gabinete de Segurança Institucional) e Sérgio Moro (então Ministro da Justiça).

Dentre as fontes oficiais citadas textualmente, André Mendonça e Ivani Silva da Luz apresentam posicionamento contrário à declaração de Bolsonaro, enquanto os demais endossam ou não discordam do presidente. Também entre as fontes secundárias estão parlamentares, políticos, ativistas de direitos humanos e historiadores, que o jornal menciona serem contra a declaração de Bolsonaro, ainda que não as identifique, além de citar que líderes militares seniores (também não especificados) minimizaram a controvérsia.

Ainda como fonte primária, o jornal recorre a uma fonte independente: a Corte Interamericana de Direitos Humanos que, em decisão de 2010, repreendeu o Brasil por não conseguir processar graves violações de direitos humanos no caso da morte de 70 pessoas ligadas à Guerrilha do Araguaia nos anos 1970 e, em decisão de 2018, condenou o país por não processar os agentes que torturaram e mataram o jornalista Vladimir Herzog, em 1975.

Além disso, o jornal utiliza uma fonte especialista, o jornalista Eduardo Reina, que investigou o sequestro de bebês de dissidentes políticos durante a ditadura militar. Fontes testemunhas também são utilizadas, endossando o tom contextual da reportagem ao apresentarem relatos de como foi o regime ditatorial. Foram ouvidos o ex-deputado Ivan Valente e Iracema de Carvalho Araújo, ambos presos e torturados pelos militares, sendo que ela, à época, tinha 11 anos.

Todos esses elementos ajudam a reforçar o estereótipo da "fragilidade/precariedade institucional" do Brasil. Isso se dá não apenas pela intenção de Bolsonaro de celebrar um golpe de estado e pelo apoio de parte da sociedade às declarações do então presidente, mas também pela diferença de tratamento que o Brasil deu à ditadura comparado a outros países que viveram situações similares. Sem punir os responsáveis pelo regime autoritário, o Brasil demonstra não ser um "país sério", para usar o termo de Buarque (2022). Sendo assim, ainda que, neste texto, não haja uma comparação direta nem com os Estados Unidos, nem com Donald Trump, ao julgar como negativa as atitudes brasileiras frente à ditadura, é possível imaginar que haja uma comparação indireta, uma vez que os Estados Unidos acreditam ser um exemplo de democracia, designando a si mesmos, em seu hino, como a "terra dos livres".

5.2.4 Abril de 2019: fragilidade do Judiciário?

Ainda restaria credibilidade ao Judiciário brasileiro? Essa é a pergunta que guia o texto "Brazil's Judiciary, Once Symbol of Anti-Corruption Drive, Now Faces Scrutiny", publicado em 27 de abril no site do *The New York Times* e no dia seguinte na versão impressa do periódico. Esse foi o texto filtrado pelo buscador do jornal como o mais relevante daquele mês, superando temas como a queda de popularidade de Bolsonaro em seus 100 primeiros dias de governo[63], a diminuição do ritmo de desflorestamento das florestas tropicais[64], a investigação de um suposto esquema de corrupção envolvendo o financiamento de campanhas de mulheres nas eleições do Brasil[65] e a escolha de Bolsonaro como homenageado em um evento no Museu Americano de História Natural[66].

O lead da matéria tem um enquadramento episódico: um juiz do Supremo Tribunal Federal (STF) voltou atrás em sua decisão de bloquear a publicação de um artigo sobre corrupção que mencionava o nome de um de seus colegas. A mudança se deu após a repercussão negativa frente à sociedade. Neste primeiro momento, os nomes dos juízes envolvidos não são mencionados nem qual era a notícia que havia sido bloqueada. Contudo, vale destacar aqui que o texto se refere a decisão do ministro Alexandre de Moraes, que em 15 de abril de 2019, determinou que o site "O Antagonista" e a revista "Cruzoé" tirassem do ar uma reportagem que alegava que o ministro Dias Toffoli teria feito um acordo com executivos da Odebrecht na época que era Advogado Geral da União. A informação foi classificada pelo ministro como *fake news*, por isso foi ordenada a sua retirada[67].

---

[63] LONDOÑO, Ernesto; CASADO, Letícia. Bolsonaro's Popularity Sinks After a Rocky 100 Days in Brazil. ***The New York Times***, 14 abr. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/04/14/world/americas/brazil-bolsonaro-100-days.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 4 jan. 2025.

[64] FOUNTAIN, Henry. A Respite From Record Losses, but Tropical Forests Are Still in Trouble. ***The New York Times***, 25 abr. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/04/25/climate/tropical-forest-deforestation.html?searchResultPosition=7. Acesso em: 4 jan. 2025.

[65] DARLINGTON, Shasta. Was Money to Help Women in Brazil's Politics Funneled to Men? ***The New York Times***, 12 abr. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/04/12/world/americas/brazil-women-candidates-money.html?searchResultPosition=5. Acesso em: 4 jan. 2025.

[66] BOWLEY, Graham. Gala Honoree Causes Concern at American Museum of Natural History. ***The New York Times***, 12 abr. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/04/12/arts/american-museum-natural-history-bolsonaro.html?searchResultPosition=6. Acesso em: 4 jan. 2025.

[67] G1. STF censura sites e manda retirar matéria que liga Toffoli à Odebrecht. **G1**, 15 de abril de 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/15/stf-censura-sites-e-e-manda-retirar-materia-que-liga-toffoli-a-odebrecht.ghtml Acesso em 02 de janeiro de 2025.

Pela falta de detalhes do lead do artigo publicado pelo *The New York Times* já é possível perceber que o enquadramento predominante não é o episódico. Aqui, o jornal prefere focar no contexto, adotando um enquadramento temático. Logo no parágrafo seguinte, a publicação afirma que aquela era apenas uma das decisões do STF que estavam contribuindo para a perda de credibilidade do órgão em um momento em que o país era assumido por um "presidente de extrema direita" que demonstrou "não se importar com as liberdades civis" e admirar regimes autoritários (Casado e Andreoni, 2019).

É apenas depois de fazer todas essas afirmações que o *The New York Times* apresenta uma fonte que as corrobora: o professor de Direito Constitucional da Universidade de São Paulo (USP), Conrado Hübner. A apresentação dessa fonte primária especialista pode ser interpretada como um ritual estratégico, como descrito por Tuchman (1996), para utilizar a fala de outra pessoa para fazer uma afirmação, mantendo a aparência de imparcialidade. Já a "possibilidade de conflito", outro ritual descrito pela autora, aparece na declaração de Dias Toffoli, que afirma que as instituições estão funcionando corretamente, e na negativa do setor de imprensa do STF de comentar a situação.

A partir daí, o jornal faz uma recapitulação do papel da Justiça nos anos anteriores, tendo prendido Luiz Inácio Lula da Silva, descrito como "a former presidente" (um antigo presidente), e Eduardo Cunha, mencionado como "a former speaker of the House" (um antigo Presidente da Câmara). O *The New York Times* destaca o papel de Sérgio Moro, denominando-o como "The judge who led the anti-corruption crusade [...] a symbol of a drive to hold the powerful accountable" (Casado e Andreoni, 2019, s/n). A essas e às informações que se seguem não é atribuída nenhuma fonte, mas podemos supor que o jornal se baseou em materiais jornalísticos do período. Entre os dados contextuais apresentados, além da liderança de Moro na "cruzada anticorrupção", estão as promessas de combate à corrupção feitas por Bolsonaro durante sua campanha em 2018 e a escolha de Sérgio Moro para o cargo de ministro da Justiça.

Também é mencionada outra decisão do STF que gerou protestos com um discurso antissistema, o mesmo usado por Bolsonaro nas eleições do ano anterior. É nesse contexto que, conforme explicam Casado e Andreoni (2019), Dias Toffoli propõe o inquérito para investigar notícias falsas e difamações contra o Supremo e seus ministros. Nesse ponto, o artigo do *The New York Times* retoma o tema do lead e explica que foi devido a esse inquérito que Alexandre de Moraes "blocked the publication of the article linking Chief Justice Toffoli to players in the wide-ranging corruptions scandal" (Casado e Andreoni, 2019, s/n).

Reforçando uma valência negativa no texto, o NYT apresenta uma fonte oficiosa, o ministro Marco Aurélio Melo que afirma nunca ter visto algo parecido em seus 28 anos no

Supremo Tribunal Federal e classifica a medida como um “passo atrás”. Em seguida, é apresentada outra fonte oficiosa – Eliana Calmon, ex-integrante do Conselho Nacional de Justiça – CNJ –, que afirma que medidas como a de Alexandre de Moraes passam a percepção de que os principais juízes do país se veem como “intocáveis”.

A fala é reforçada por uma nova declaração do professor Conrado Hübner, que questiona a credibilidade do Judiciário, uma vez que, na visão dele, a corte estaria menos preocupada com a lei a mais preocupada em proteger a seus ministros e aliados. Como exemplo do que o professor trata, o *The New York Times* relembra o caso de Aécio Neves. Em 2017, foi revelado que o então senador manteve conversas com o ministro do STF Gilmar Mendes (que supervisionava investigações sobre o senador). Mais tarde, as investigações foram arquivadas, mas o jornal destaca que nenhum membro do STF foi acusado formalmente de receber propina ou manipular decisões em favor de aliados.

Ainda assim, o jornal segue reforçando a falta de credibilidade do Supremo, utilizando, mais uma vez, falas de Conrado Hübner, único especialista ouvido na matéria. O jornal também alega que “críticos”, sem especificar quais, discordam que ministros do STF possam tomar decisões monocráticas, mesmo que essas decisões estejam previstas na lei brasileira, como destaca o próprio NYT. O periódico destaca ainda que apenas senadores podem propor impeachment contra ministros do Supremo, mas finaliza o texto com uma citação de Eliana Calmon dizendo que os senadores estão nas mãos dos ministros do STF e que, por isso, “there are no brakes to stop the Supreme Court”.

Percebe-se que, em nenhum momento, foram ouvidos especialistas ou fontes oficiosas que defendessem outro ponto de vista, dando ao texto uma valência inteiramente negativa sobre o Brasil, retratado como uma terra em que uma instituição tem mais poder do que todas as demais e cujos juízes se baseiam em motivações pessoais, defendendo aliados. Mesmo as leis do país são questionadas e, mesmo que não haja comparação direta com os Estados Unidos ou Donald Trump, podemos imaginar que, ao criticar e estranhar as leis do Brasil, o jornal deixa implícito que em seu país de origem as leis e ações esperadas da Suprema Corte são diferentes.

Jair Bolsonaro é pouco mencionado, mas, quando aparece, é relatado de forma negativa, como alguém que poderia colocar a democracia do Brasil em risco, uma vez que é admirador de sistemas autoritários e defende o “antissistema”. Isso apenas reforça os estereótipos presentes ao longo de todo o texto, de que o Brasil é um local de “precariedade/fragilidade institucional” onde há “prevalência de interesses privados sobre o público” e onde reina a “criminalidade”.

5.2.5 Maio de 2019: confusão no presídio

Em maio de 2019, o *The New York Times* publicou apenas três notícias com centralidade do Brasil que utilizaram as palavras-chave Brazil/Brazilian e Bolsonaro. Foram elas: a possibilidade do rompimento de mais uma barragem[68], os números da violência policial no Rio de Janeiro[69] e uma briga na prisão na região Norte que resultou na morte de dezenas de pessoas. Esta última foi a destacada pelo buscador do jornal como a mais relevante do mês.

Intitulada "Prison Fighting Leaves at Least 55 Dead in Northern Brazil" e publicada em 27 de maio na versão online e no dia 28 de maio na versão impressa, a notícia tem um enquadramento predominantemente episódico, ainda que, em alguns momentos, recorra ao enquadramento temático para fazer contextualizações. A notícia é apresentada no lead: ao menos 55 pessoas haviam morrido em uma briga entre facções em prisões no Amazonas. A primeira briga ocorreu na Penitenciária Anísio Jobim, mas houve casos de violência entre presos de outras duas penitenciárias.

As informações centrais do texto são passadas predominantemente por representantes das penitenciárias e do estado do Amazonas, portanto fontes oficiais. Elas embasam dados como o número de mortos, os envolvidos na briga, as motivações e as armas utilizadas. Apenas duas pessoas são citadas textualmente, o chefe do sistema penitenciário do Amazonas, Marcos Vinícius, e o governador do estado Wilson Lima. O Ministro da Justiça, Sérgio Moro, também tem uma declaração citada indiretamente, mas seu nome não é mencionado, apenas seu cargo.

Além das fontes primárias, podemos supor que as fontes secundárias também são fontes oficiais. No caso dessas fontes utilizadas apenas para apresentar contexto, o *The New York Times* nem sempre menciona com exatidão de onde vem a informação. É o caso do número de mortes na Penitenciária Anísio Jobim em 2017, mas pode-se supor que os dados foram fornecidos pela própria instituição. Já em outras situações, como o número de prisioneiros que o Brasil tinha na época, a fonte é mencionada: dados colhidos pelo Senado Federal. Ainda que não seja especificado, é provável que a capacidade das prisões brasileiras foi obtida no mesmo

---

[68] LONDOÑO, Ernesto; DARLINGTON, Shasta. Dam at Brazil Mine Could Burst Soon, Officials Warn. ***The New York Times***, 17 maio 2019. Disponível em: https://nytimes.com/2019/05/17/world/americas/brazil-mine-dam-collapse.html?searchResultPosition=4. Acesso em: 5 jan. 2025.

[69] LONDOÑO, Ernesto; ANDREONI, Manuela. 'They Came to Kill.' Almost 5 Die Daily at Hands of Rio Police. ***The New York Times***, 26 maio 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/05/26/world/americas/brazil-rio-police-kill.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 5 jan. 2025.

documento. Segundo a matéria assinada por Ernesto Londoño, à época, o Brasil tinha 841 mil prisioneiros, mas as prisões só tinham capacidade de abrigar 400 mil.

Os dados reforçam o estereótipo do Brasil como um país de "precariedade institucional", uma vez que o país não só não tem espaço para abrigar seus prisioneiros como não consegue garantir sua segurança. Além disso, o estereótipo do Brasil como um local de violência e criminalidade também está presente. Tudo isso contribui para que o texto seja classificado com uma valência negativa para o Brasil. Essa é a mesma valência adotada para Bolsonaro que, apesar de aparecer apenas uma vez, é relatado como alguém que, apesar dos números que mostram prisões superlotadas, quer aumentar a pena para alguns crimes. Por outro lado, não há nenhuma comparação entre o Brasil e Jair Bolsonaro aos Estados Unidos ou Donald Trump.

5.2.6 Junho de 2019: drogas a bordo

Em um mês com acordos comerciais entre a União Europeia e o Mercosul[70], armas de uma organização criminosa brasileira apreendidas na Argentina[71] e descobertas sobre ações possivelmente ilegais durante a Operação Lava Jato[72], o tema que mais se destacou no buscador do *The New York Times* foi o transporte internacional de drogas em um avião da Força Aérea Brasileira (FAB). O texto que trata desse assunto, denominado "White Powder, Red Faces: Cocaine Cargo Aboard Brazil Presidential Plane", foi publicado no dia 26 de junho na versão online. O artigo também apareceu na versão impressa do periódico, mas a data não foi informada.

A notícia usa um enquadramento episódico, mas também apresenta elementos contextuais, típicos do enquadramento temático. O principal foco da matéria é a apreensão de 39 quilos de cocaína em um avião da FAB que acompanhava o então presidente Jair Bolsonaro em uma viagem para um encontro do G-20 no Japão. Em parada na Espanha, foram encontrados 37 pacotes da droga em uma mala do Sargento Manoel Silva Rodrigues. As informações,

---

[70] DARLINGTON, Shasta. E.U. and Four Latin American Nations Reach a Trade Deal. ***The New York Times***, 28 jun. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/06/28/world/americas/eu-four-latin-american-nations-trade-deal.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 5 jan. 2024.

[71] POLITI, Daniel; LONDOÑO, Ernesto; MAZZEI, Patricia. Grenades, Land Mines and U.S. Weapons Parts: Argentina Foils Huge Smuggling Operation. ***The New York Times***, 28 jun. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/06/28/world/americas/argentina-arms-smuggling-brazil.html?searchResultPosition=3. Acesso em: 5 jan. 2024.

[72] LONDOÑO, Ernesto; CASADO, Letícia. Leaked Messages Raise Fairness Questions in Brazil Corruption Inquiry. ***The New York Times***, 10 jun. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/06/10/world/americas/brazil-car-wash-lava-jato.html?searchResultPosition=7. Acesso em: 5 jan. 2024.

segundo o jornal, são de fontes oficiais, citadas como “Brazilian and Spanish officials” (oficiais brasileiros e espanhóis).

Todo o texto privilegia fontes oficiais. Bolsonaro, que não tem seu viés político descrito, tem suas falas citadas duas vezes. Uma delas foi retirada de uma postagem no Twitter (atual X), enquanto outra foi dada em uma declaração oficial do Presidente da República. Em ambas as ocasiões as falas refletem o desejo de que o oficial da FAB fosse punido pelo crime. Além disso, o *The New Times* destaca o trecho da declaração oficial em que Bolsonaro afirma ter pedido colaboração imediata do Ministério da Defesa com as autoridades espanholas.

A declaração do ministério também é citada no texto, reforçando a preferência do jornal por fontes oficiais neste artigo. Porém, elas não são as únicas abordadas. Um texto do jornal espanhol *El País* também é mencionado na matéria, podendo ser considerado uma fonte secundária independente. Já o “deputado de oposição” Marcelo Freixo, que também é citado na matéria, pode ser considerado uma fonte oficiosa. Ele é utilizado como parte do ritual estratégico de citações judiciosas (Tuchman, 1996), no qual o jornal usa falas de terceiros para fazer afirmações.

É possível dizer isso porque, no início do artigo, o jornal apresenta uma contradição do governo de Jair Bolsonaro. Ao mesmo tempo que o presidente prometia enrijecer as punições contra traficantes e exaltava as forças armadas, um membro das forças armadas que acompanhava uma viagem de Bolsonaro, foi pego traficando drogas. Isso é expresso claramente no lead da matéria, que diz: “President Jair Bolsonaro of Brazil has vowed to pursue drug traffickers relentlessly. So he was hard-pressed to explain how a presidential plane ended up carrying 86 pounds of cocaine across the Atlantic during an official trip” (Londoño, 2019b).

Ao longo do texto, são usados termos como “hard-pressed” (pressionado) e “extraordinary embarrassment” (constrangimento extraordinário) para descrever como a situação era tensa para Bolsonaro. Ambos os termos, foram associados às contradições do presidente. Essas ideias são retomadas pela fala de Freixo no último parágrafo.

> “The cocaine case in the presidential plane shows the error of pursuing a war on drugs in Brazilian favelas, which victimizes the poor,” he said in a statement, referring to low-income communities that have become violent battlegrounds in the trade. “Trafficking of arms and drugs generates fortunes the world over and involves powerful people. It’s necessary to follow the money and pursue those at the top”[73] (Londoño, 2019b, s/n).

[73] "O caso da cocaína no avião presidencial mostra o erro de se fazer uma guerra às drogas nas favelas brasileiras, que vitima os pobres", disse ele em um comunicado, referindo-se às comunidades de baixa renda que se tornaram campos de batalha violentos no comércio. "O tráfico de armas e drogas gera

Com isso, podemos perceber que a valência com relação ao presidente foi negativa, enfatizando suas contradições e a vergonha que o fato traz tanto para o presidente quanto para o país. Esse elemento pode ser percebido já no título "White Powder, Red Faces", que pode ser traduzido como "Pó branco, rostos ruborizados". Essa vergonha relatada no texto também impacta a visão sobre o Brasil, que, neste artigo, é negativa e reforça estereótipos do país como um local de criminalidade e no qual as instituições não podem ser levadas a sério.

Apesar de não apresentar comparações diretas nem com os Estados Unidos, nem com Donald Trump (que não são mencionados no artigo) é possível dizer que há uma comparação indireta com o país de origem do *The New York Times*. Isso se dá porque o que causa ou não vergonha é um fator cultural e depende de nossa socialização (Berger e Luckmann, 1998). Ao dizer que a descoberta de drogas deveria causar constrangimento em Bolsonaro, o *The New York Times* está julgando pelo olhar dos Estados Unidos o que não necessariamente sempre corresponde ao do Brasil. Sendo assim, há uma comparação velada que demonstra, mais uma vez, um olhar negativo sobre o Brasil.

5.2.7 Julho de 2019: presidente hackeado

Julho foi um mês com muitas notícias importantes que mencionaram o Brasil e Bolsonaro. Nesse período, aconteceram revoltas em prisões da região Norte que terminaram em mortes[74], o líder indígena Emyra Wajapi foi assassinado[75], foi cogitada a ideia de que Eduardo Bolsonaro se tornasse embaixador do Brasil nos Estados Unidos[76], entre outros acontecimentos relevantes. Já o fato que mais se destacou foi a alegação do então presidente de que seus telefones haviam sido hackeados. Essa notícia foi publicada no dia 25 de julho na versão online e no dia 26 na versão impressa do *The New York Times*.

---

fortunas no mundo todo e envolve pessoas poderosas. É preciso seguir o dinheiro e perseguir os que estão no topo" (Londoño, 2019, s/n, tradução nossa).

[74] LONDOÑO, Ernesto. Prison Riot Leaves 57 Dead in Northern Brazil. ***The New York Times***, 29 jul. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/07/29/world/americas/brazil-prison-dead.html?searchResultPosition=5. Acesso em: 6 jan. 2024.

[75] LONDOÑO, Ernesto. Miners Kill Indigenous Leader in Brazil During Invasion of Protected Land. ***The New York Times***, 27 jul. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/07/27/world/americas/brazil-miners-amapa.html?searchResultPosition=4. Acesso em: 6 jan. 2024.

[76] LONDOÑO, Ernesto. Brazil's President May Appoint Son, Friend to the Trumps, as Ambassador to U.S. ***The New York Times***, 12 jul. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/07/12/world/americas/jair-bolsonaro-son-ambassador.html?searchResultPosition=10. Acesso em: 6 jan. 2024.

Vale dizer que os temas ligados ao meio ambiente tiveram muito mais destaque ao longo do mês. O artigo "Under Brazil's Far-Right Leader, Amazon Protections Slashed and Forests Fall", publicada no dia 28 de julho tanto na versão online quanto na versão impressa do periódico, também foi assunto de três *briefings* naquele mês, o que demonstra a relevância do tema para o *The New York Times*. Por outro lado, o hackeamento dos telefones do presidente apareceu apenas na matéria original. Esse fato também é um indício de que as matérias "mais relevantes" conforme o buscador da publicação podem ser influenciadas pela audiência, sendo um possível critério o número de visualizações.

É preciso notar também que, apesar de a revelação de que o celular do presidente havia sido comprometido ser nova no momento em que o texto foi escrito, esse texto faz parte do desenrolar de uma notícia publicada pelo site *The Intercept* em 9 de junho de 2019 e repercutida pelo *The New York Times* em 10 de junho. Na ocasião, foi revelado que nomes ligados à Operação Lava Jato tinham condutas controversas que colocaram em xeque as decisões tomadas pelo então juiz Sérgio Moro. O vazamento ficou conhecido como "Vaza Jato" Esse contexto não apenas aparece como é aprofundado no artigo publicado em 25 de julho, o que faz com que o texto use, em grande medida, o enquadramento temático.

Quando faz uso desse enquadramento neste artigo, o *The New York Times* usa outros jornais como suas fontes de informação, ou seja, fontes independentes. O texto menciona que o *The Intercept* publicou diversos artigos sobre as conversas entre membros da Lava Jato e indica que "jornais brasileiros" noticiaram que um dos suspeitos, o hacker Walter Delgatti Neto, "was said to have told investigators" (Londoño, 2019c) – em português: "disseram que ele disse aos investigadores" – que passou as conversas ao *The Intercept* de forma voluntária por não concordar com a conduta adotada no processo. Expressões como "disseram que ele disse" indicam que o *The New York Times* acredita que essa fonte (os jornais brasileiros), que pode ser classificada como primária e independente, não é tão confiável.

O mesmo acontece no final do texto, ao mencionar uma apuração do jornal Estadão. Nesse caso, o *The New York Times* enfatiza, a cada frase, que a apuração não foi feita pelo periódico americano, usando expressões como "O jornal Estadão, citando agentes da lei, disse", "segundo a reportagem" e "Disseram que o Sr. Delgatti obteve" (Londoño, 2019c).

Já quando trata das conversas, que foram publicadas pelo *The Intercept*, um jornal fundado por um estadunidense, o *The New York Times* não toma a mesma precaução. O que indica uma comparação indireta com os Estados Unidos, uma vez que uma informação obtida por um estadunidense poderia ser vista como mais confiável do que aquelas apuradas por brasileiros. Ao contrário, o artigo de Ernesto Londoño faz afirmações baseadas em seu

conteúdo. É dito que o vazamento "tarnished" (manchou) a reputação de Sérgio Moro e de procuradores da Lava Jato. O jornal afirma ainda que

> The most damaging involved chats showing that Mr. Moro, then the judge presiding over Car Wash, had provided strategic advice to prosecutors as they tried former President Luiz Inácio Lula da Silva on corruption and money laundering charges. Judges must be impartial arbiters under Brazilian law[77] (Londoño, 2019c, s/n).

Ou seja, ao contrário do que acontece com a apuração dos jornais brasileiros, o *The New York Times* faz afirmações baseadas na apuração do *The Intercept* – como na afirmação de que Moro "deu" conselhos estratégicos para os procuradores e não "teria dado" – e até traz interpretações da notícia, dizendo como a legitimidade da condenação do então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva poderia ser questionada devido às condutas de Moro. Condenação esta que, como lembra o jornal, impediu que Lula fosse candidato à presidência em 2018 e fez com que o Bolsonaro – caracterizado pelo NYT como um "populista de extrema direita" – liderasse a disputa eleitoral. Nesse trecho vemos, portanto, um traço do enquadramento corrida de cavalos, que não aparece no restante do artigo e, nessa circunstância, pode ser entendido como parte do enquadramento temático, já que é utilizado para contextualizar o fato.

Contudo, o enquadramento episódico também é acionado, principalmente no que se relaciona ao fato novo mencionado (o hackeamento do telefone do presidente). Para tratar desse acontecimento, a fonte é o próprio Jair Bolsonaro, que classifica o fato como "um sério ataque às instituições brasileiras" e diz ter pouco a temer, já que não tratava de assuntos sensíveis pelo celular. Por ser o alvo do hacker, podemos dizer que Bolsonaro, neste caso, não é uma fonte oficial, mas uma fonte testemunha. Outra fonte testemunha é o advogado do suspeito Gustavo Santos, que também é mencionado no artigo, dando informações que seu cliente havia passado para as autoridades.

Também é possível classificar Sérgio Moro e Deltan Dallagnol como fontes testemunhas. Eles são mencionados na segunda metade do texto – que adota enquadramento episódico ao tratar do fato geral, o vazamento das conversas, e suas consequências – e negam ter feito algo incorreto. O advogado de Dallagnol, citado no final do texto, também se enquadra nessa categoria. Porém, quando Moro é citado como o "ministro da Justiça supervisionando a investigação do hackeamento", ele passa a ser uma fonte oficial. É nessa qualidade que ele

[77] Os mais prejudiciais envolveram conversas mostrando que o Sr. Moro, então juiz que presidia a Lava Jato, havia fornecido conselhos estratégicos aos promotores enquanto eles julgavam o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva por acusações de corrupção e lavagem de dinheiro. Os juízes devem ser árbitros imparciais sob a lei brasileira (Londoño, 2019, s/n, tradução nossa).

afirma que “hackers criminosos e pessoas inescrupulosas” haviam explorado vulnerabilidades que seriam corrigidas. Outras fontes oficiais também são acionadas, como a decisão de um juiz federal que mandou prender Delgatti.

Apesar do uso de fontes oficiais e testemunhas no texto, podemos dizer que, no artigo analisado, prevalecem as fontes independentes. Além do *The Intercept* e dos “jornais brasileiros” (que não são especificados, com exceção do Estadão), Londoño (2019c) cita “políticos de esquerda” (também não identificados) e jornalistas do *The Intercept*. Esses dois últimos grupos são mencionados porque seriam contra a supervisão de Moro sobre a investigação do hackeamento. Esse também é o posicionamento do jornalista estadunidense Glenn Greenwald, citado textualmente. Também é citada textualmente uma declaração do Partido dos Trabalhadores (PT), afirmando que a prisão dos suspeitos de hackeamento era uma “farsa judiciosa”. Nesse caso, o partido pode ser entendido como uma fonte independente, visto que, na definição de Lage (2009), esse tipo de fonte é apenas aquela que não tem vínculo de pertencimento com o órgão ou personalidade de interesse da matéria, o que não significa que essas fontes não tenham interesses próprios.

A preferência por esse tipo de fonte é inusitada, uma vez que o texto trata de uma investigação criminal. Ao mesmo tempo, tendo em vista que o responsável por investigar a situação é alguém envolvido nela, é possível que o jornal tenha percebido as fontes oficiais como menos confiáveis. Isso reforça a imagem presente no texto: as instituições brasileiras não podem ser levadas a sério. Essa é a possível interpretação de um leitor do texto ao ver que o presidente da República e outras autoridades tiveram seus celulares hackeados e que a validade de decisões judiciais pode ser questionada pela falta de profissionalismo dos envolvidos, que não teriam seguido as regras da legislação brasileira. Além disso, a mesma pessoa que está tendo suas decisões colocadas em xeque é a mesma que supervisiona a investigação contra o hacker que revelou seu comportamento suspeito. Temos, então, um reforço do estereótipo do Brasil como um lugar da precariedade/fragilidade institucional e da criminalidade.

Tendo isso em vista, a valência sobre o Brasil é negativa. E o mesmo pode ser dito quanto a Jair Bolsonaro. Além de ser caracterizado como “populista de extrema direita”, o então presidente aparece como beneficiado de uma decisão de um juiz que viria a ser seu ministro da justiça e que, enquanto tal, continuava tendo atitudes vistas como inadequadas por grupos da sociedade.

5.2.8 Agosto de 2019: Bolsonaro e o meio ambiente

Em agosto de 2019, a Floresta Amazônica sofreu com incêndios em níveis que não se viam há cerca de uma década. Como classificaram Londoño *et al.* (2019), foi um desastre climático que escalonou para uma crise global. Isso porque, conforme explicam os autores, o então presidente da República, Jair Bolsonaro, demorou a tomar medidas para conter o incêndio. Houve ameaça de sanções econômicas e possibilidade de rompimento de acordos comerciais. Além disso, Emmanuel Macron, presidente da França, e Bolsonaro trocaram farpas publicamente, com o presidente brasileiro chamando o francês de mentiroso (Londoño *et al.*, 2019).

Esse tema e seu desenrolar desencadeou a produção de mais de 30 matérias que mencionassem o Brasil e Jair Bolsonaro no *The New York Times*. Esse é um número expressivo, levando em conta que, em todo aquele mês, foram filtrados 42 artigos que seguiam os critérios desta pesquisa. De todos esses textos, o que o buscador do *The New York Times* elencou como o mais relevante foi o artigo "Brazil's Bolsonaro on the Environment, in His Own Words" (que se traduz como Bolsonaro do Brasil sobre o meio ambiente, em suas próprias palavras), escrito por Mariana Simões e publicado no dia 27 de agosto na versão online e no dia 28 de agosto na versão impressa do periódico.

Como já é possível perceber pelo título, o foco do texto não é um acontecimento específico, mas explorar os posicionamentos do então presidente sobre o meio ambiente. Por isso, a escolha da autora foi por um enquadramento temático. Ainda assim, um fato motivou a escrita do texto: Bolsonaro havia anunciado quatro dias antes que seu governo teria "tolerância zero" para crimes ambientais.

O que chama a atenção do jornal, como descrito nos segundo e terceiro parágrafos do texto, é que a fala destoa dos posicionamentos e atitudes anteriores do presidente. Entre os fatos destacados pelo *The New York Times* estão seu trabalho "incansável e sem remorso" (relentlessly and unapologetically) de "reverter" (roll back) as proteções brasileiras que, "outrora eram rígidas" (once-strict) (Simões, 2019). O jornal afirma que o presidente "defendeu" (championed) indústrias que queriam ter mais acesso a regiões protegidas da Amazônia e diminuiu os esforços para o combate de práticas como o desflorestamento ilegal e a mineração.

Para fazer essas afirmações, o jornal utiliza fontes secundárias que não são mencionadas, mas podem vir de notícias anteriores, tanto publicadas pelo próprio *The New York Times* quanto outros periódicos. O mesmo pode ser dito para o contexto dado para a publicação

da notícia, que é desenvolvido nos dois parágrafos seguintes: na semana anterior à publicação, os incêndios haviam se propagado pela Amazônia, e "set off a wave of international outrage" (Simões, 2019, s/n) – desencadearam uma onda de indignação internacional – exemplificada pelas ameaças de líderes internacionais de cancelamentos de acordos com o Brasil e boicote a produtos brasileiros. Interpretando esses fatos, o jornal afirma: "It soon became clear that Brazil stood to lose mightily if Mr. Bolsonaro did not take action to protect the forest" (Simões, 2019, s/n) – em português, logo ficou claro que o Brasil tinha muito a perder caso o Sr. Bolsonaro não agisse para proteger a floresta.

Bolsonaro agiu, mas sua ação também é colocada em contraponto pelo artigo. O jornal descreve que o presidente "felt compelled to dispatch the military to put out blazes — but also rejected millions in aid pledged by the Group of 7 nations to help" (Simões, 2019, s/n) – em português, sentiu-se obrigado a enviar os militares para apagar o incêndio, mas também rejeitou os milhões oferecidos em ajuda pelo G7. Ao usar o tempo "felt compelled", o artigo afirma que Bolsonaro agiu contra a sua vontade, mas por não ter escolha. Em seguida, o jornal introduz o verdadeiro objetivo do artigo, apresentar os posicionamentos de Jair Bolsonaro sobre proteção do meio ambiente e dos povos indígenas que, segundo o jornal, variam entre "dismissive to caustic and crude", ou seja, desdenhosos, sarcásticos e grosseiros.

A partir desse ponto, o artigo apresenta três tópicos, representando os posicionamentos de Bolsonaro sobre crimes ambientais, conservação e territórios indígenas. Se, até esse momento, foram utilizadas fontes secundárias que não foram explicitadas, nesta segunda parte do texto são utilizadas fontes oficiais que podem ser tanto as falas de Jair Bolsonaro quanto informações vindas de órgãos oficiais (nem sempre citados diretamente) que são usadas para contrapor as afirmações de Bolsonaro.

No tópico "crimes ambientais", o jornal cita uma declaração de Bolsonaro em uma *live* no Facebook na semana anterior. Nela, o presidente afirma que o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) aplicava muitas multas e que ele colocaria um fim nessa prática. Ao que o jornal contrapõe com a informação de que as ações do IBAMA tiveram uma queda de 20% nos seis primeiros meses de 2019, comparando com o primeiro semestre de 2018. Encerrando o tópico, o jornal cita mais uma fala de Bolsonaro, dessa vez sobre os incêndios, que ele disse acreditar terem sido provocados por organizações não governamentais.

No segundo tópico, "conservação", o artigo menciona que Bolsonaro reagiu à notícia de que a Alemanha suspenderia a verba para conservação ambiental no Brasil dizendo que a chanceler alemã, Angela Merkel, "Pegue essa grana e refloreste a Alemanha, ok? Lá está

precisando muito mais do que aqui". Já em uma resposta sarcástica a um repórter no mesmo mês que o artigo analisado foi publicado, Bolsonaro havia dito que, para que o desenvolvimento sustentável e o crescimento econômico coexistissem, bastava comer menos e defecar "dia sim, dia não". Enquanto isso, como lembra Simões (2019), o presidente propôs o fim de uma reserva ecológica na costa do Rio de Janeiro para que o lugar se transformasse na Cancun brasileira. Quando questionado dos riscos, o presidente disse que só veganos se importavam com questões ambientais e que reservas ecológicas impediam o desenvolvimento.

Nesse tópico não há a apresentação de contraposição das falas do presidente, mas elas são comentadas pela autora, que usa expressões como "crude remark" (comentário sarcástico) – no caso da solução para o desenvolvimento sustentável – e "the consequences of such a venture" (as consequências de um empreendimento desses) – no caso da Cancun Brasileira – para demonstrar desaprovação com relação às falas de Bolsonaro. Tanto nesse caso quanto no tópico seguinte, as fontes secundárias (ainda que não mencionadas explicitamente) seguem sendo usadas para dar os contextos dos posicionamentos de Bolsonaro.

Porém, no terceiro tópico, "territórios indígenas", também são usadas fontes secundárias para contrapor as afirmações do presidente. Se Bolsonaro disse que os povos indígenas querem fazer dinheiro com suas terras, afirma que eles querem ser integrados à sociedade e questiona por que eles têm que viver em reservas, o *The New York Times* explica que "Indigenous people in Brazil are not required to live in reservations, but many feel strongly that doing so is the only way to preserve their culture and heritage" (Simões, 2019, s/n), em português, no Brasil, não há obrigação de que os povos indígenas vivam em reservas, mas muitos desejam fazer isso por sentirem que essa é a única maneira de preservar sua cultura e tradição.

Esses apontamentos e comentários sobre as falas de Bolsonaro não deixam dúvida de que a valência do texto sobre o presidente é negativa. Como a única fonte citada explicitamente é Jair Bolsonaro e os demais dados sobre o Brasil são negativos, a valência da imagem do país também é ruim, especialmente se consideramos que o que está em questão é o meio ambiente, ou seja, o estereótipo de que somos o país da natureza. Se nos primórdios da construção de nossa identidade, como indicam Barbato (2014) e Lisboa (1997), a associação entre Brasil e natureza era positiva, como apontado por Paganotti (2007), a cobertura jornalística sobre o tema costuma dar ênfase à depredação ambiental.

No artigo analisado, além do estereótipo de país da natureza representado pela destruição dela, também temos os estereótipos da fragilidade/precariedade institucional, já que o presidente da República foi apresentado como alguém que não se importa com a natureza e só age quando é "compelled to" (obrigado). As falas de Bolsonaro sobre as terras indígenas e

sobre a retirada de recursos da Alemanha também possibilitam a interpretação de que no Brasil existe prevalência de interesses privados sobre o público, outro estereótipo associado ao país.

Vale notar ainda que o jornal escolhe trazer uma fala de Bolsonaro que menciona os Estados Unidos. Ainda em seu tempo como deputado federal, nos anos 1990, Bolsonaro afirmou que a cavalaria do Brasil era muito incompetente, diferente da dos Estados Unidos, que dizimou a população indígena, fazendo com que os norte-americanos, hoje, não tenham "esse problema". Ainda que não façam uma contraposição à fala de Bolsonaro, o jornal enfatiza que o presidente brasileiro "admired the ruthlessness with which the American cavalry fought Native Americans during the expansion of the United States" (Simões, 2019, s/n), em português, admirava a brutalidade com que a cavalaria estadunidense lutou contra os nativo-americanos durante a expansão dos Estados Unidos.

Ao usar o termo "ruthless", o jornal atribui uma característica negativa ao modelo de expansão de seu próprio país. Ainda que o Brasil não tenha adotado o mesmo método, quando Bolsonaro expressa seu desejo de que aqui tivesse sido como foi lá, cria-se uma associação do Brasil de hoje com algo negativo dos Estados Unidos do passado, aprofundando a imagem negativa que se apresenta do Brasil e o estereótipo de que aqui é um lugar de atraso.

5.2.9 Setembro de 2019: um presidente "bombástico" na ONU

Em setembro de 2019, a Assembleia Geral das Nações Unidas foi o principal tema da cobertura do *The New York Times* envolvendo o Brasil e seu então presidente. Aquela foi a primeira vez que Bolsonaro participou do evento e, à época, ainda havia uma discussão intensa sobre os incêndios na Floresta Amazônica que começaram em agosto daquele ano. Naquele mês, 11 artigos foram filtrados por esta pesquisa, desses, quatro tinham centralidade brasileira: em um deles, a chefe dos direitos humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) diz sentir pena do Brasil por ser gerido por Bolsonaro[78], dois deles tratam dos incêndios[79] e dos

[78] REUTERS. Michelle Bachelet, U.N. Rights Chief, Feels 'Sorry for Brazil' Under Jair Bolsonaro. ***The New York Times***, 22 set. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/09/22/world/americas/bachelet-bolsonaro.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 7 jan. 2024.

[79] ANDREONI, Manuela; MAHESHWARI, Sapna. Is Brazilian Leather Out of Fashion? H&M Stops Buying Over Amazon Fires. ***The New York Times***, 5 set. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/09/05/world/americas/h-m-leather-brazil-amazon-fires.html?searchResultPosition=4. Acesso em: 7 jan. 2024.

posicionamentos do presidente sobre o meio ambiente[80], enquanto o último trata de um show de Daniela Mercury em Nova Iorque[81].

Nenhum desses, porém, foi o texto mais relevante envolvendo o Brasil e Bolsonaro, segundo o buscador do *The New York Times*. O artigo escolhido pelo algoritmo foi "What Happened at the U.N. General Assembly", publicado no dia 24 de setembro apenas na versão online. Ainda que não tenha centralidade do Brasil, Bolsonaro aparece como figura relevante do artigo, que apresenta um resumo do que aconteceu na Assembleia Geral da ONU.

O presidente brasileiro é mencionado diretamente nove vezes ao longo do texto e ganha até um subtópico dedicado. A primeira menção acontece logo no primeiro parágrafo da matéria. Em um tópico intitulado "Leading off the day: four bombastic presidents, ending with Brexit's chief advocate" (Começando o dia: quatro presidentes bombásticos, terminando com o principal defensor do Brexit), Bolsonaro é descrito como "mini-Trump" e "polarizing figure" (figura polarizadora). Como Trump, destacam Gladstone e Yuhas (2019, s/n), Bolsonaro, "like Mr. Trump, dismisses fears about climate change and disparages critics on Twitter" (Gladstone e Yuhas, 2019, s/n) – em português, como o Sr. Trump, descarta temores sobre as mudanças climáticas e menospreza os críticos no Twitter.

A lista dos presidentes "bombásticos" se completa com Donald Trump, dos Estados Unidos, Abdel Fattah el-Sisi, do Egito, e Recep Tayyip Erdogan, da Turquia. Além desses, o jornal também menciona, no primeiro tópico, o então primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, que também comparecia ao evento pela primeira vez como chefe de governo. Nos tópicos que se seguem não há menção direta ou indireta a Bolsonaro ou ao Brasil

O país e seu presidente só voltam a ser mencionados no sétimo tópico do artigo, denominado "Bolsonaro takes aim at Amazon critics and 'ideology'". Assim como o restante do texto, o enquadramento adotado é o de valor noticioso, já que se foca no local e momento dos acontecimentos, ou seja, os discursos e principais pontos abordados na Assembleia Geral da ONU. No entanto, existem algumas contextualizações da fala de Bolsonaro, o que faz com que o texto adote, em alguns momentos, o enquadramento temático.

É para dar esses contextos que o jornal traz, neste tópico, outras fontes que não sejam o discurso de Bolsonaro. Uma delas é o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), usado

---

[80] LONDOÑO, Ernesto. Imagine Jair Bolsonaro Standing Trial for Ecocide at The Hague. ***The New York Times***, 21 set. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/09/21/sunday-review/bolsonaro-amazon-fire.html?searchResultPosition=3. Acesso em: 7 jan. 2024.

[81] GAVIN, James. Brazil's Outspoken Daniela Mercury Is a Swirl of Ideas and Songs. ***The New York Times***, 16 set. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/09/16/arts/music/daniela-mercury-sony-hall.html?searchResultPosition=5. Acesso em: 7 jan. 2024.

para endossar dados sobre os incêndios na região amazônica, que eram 35% maiores nos oito primeiros meses de 2019 do que nos oito primeiros meses de cada ano desde 2010. Esses dados são uma maneira de contrapor a fala de Bolsonaro que os ataques que sofreu pelos incêndios na Amazônia eram "sensacionalistas" e que todo país tinha problemas. Ao fazer isso, o jornal usa o ritual estratégico das provas auxiliares, descrito por Tuchman (1996) de maneira inversa à previsão original, expondo a fonte como alguém que distorce a verdade, afinal, se os incêndios haviam aumentado em um nível tão significativo, eles não eram apenas um problema comum no Brasil e as críticas não eram "sensacionalistas".

A interpretação de que Bolsonaro não é confiável é reforçada quando, após a apresentação dos dados oficiais, são introduzidas falas do presidente afirmando que a Amazônia "não está sendo devastada nem consumida pelo fogo, como diz mentirosamente a mídia". Gladstone e Yuhas (2019) também chamam atenção para as falas de Bolsonaro questionando o "politicamente correto" e afirmando que o ataque sofrido por ele durante a campanha presidencial de 2018 havia sido causado por um "ativista de esquerda".

Essas restrições ideológicas do então presidente do Brasil voltam a aparecer no final do texto, quando o *The New York Times* aborda os encontros que poderiam gerar desconforto nos corredores. O primeiro a ser mencionado é Trump, que poderia ter um encontro indesejado com o presidente do Irã. Em seguida, o jornal lembra que um encontro entre Bolsonaro e Emmanuel Macron, presidente da França, também seria desagradável, já que ambos haviam trocado ofensas nas redes sociais devido à maneira como Bolsonaro estava lidando com os incêndios na Amazônia. Trump e Bolsonaro são os únicos a ganharem um parágrafo dedicado nesse tópico, que menciona também a relação ruim entre o primeiro-ministro do Japão e o presidente da Coreia do Sul e os desentendimentos entre os primeiros-ministros do Paquistão e da Índia.

Percebemos, então, que, mesmo não havendo comparação entre o Brasil e os Estados Unidos, existem comparações tanto diretas quanto indiretas entre os presidentes dos dois países. Bolsonaro, o "mini-Trump", como o original, exalta o nacionalismo em seu discurso e tem desavenças com outros líderes internacionais. Também são descritas atitudes de ambos os líderes que revelam ações que visam mais os próprios interesses do que os do país. No caso de Trump, o artigo menciona que o presidente estava envolvido em um escândalo e com risco de sofrer impeachment após revelações de que ele havia pressionado a Ucrânia para investigar seu rival, Joe Biden. Já no caso de Bolsonaro, o então mandatário brasileiro nega fatos apurados por agência ligada ao governo para focar em questões como o ataque sofrido por ele nas eleições de 2018 e a ligação que, segundo ele, haveria com um ativista de esquerda.

O retrato feito de Bolsonaro e suas falas reforçam estereótipos sobre o Brasil como um lugar onde há a prevalência de interesses privados sobre o público, especialmente porque as falas do presidente brasileiro são, muitas vezes, contrapostas com outras fontes oficiais, diferente do que ocorre com Trump. Outro estereótipo presente do Brasil é o do "país da natureza", porém, diferente do que ocorria quando o país primeiro foi associado a essa imagem, quando ela era positiva (Lisboa, 1997), Bolsonaro ajuda a difundir a ideia já presente em outras coberturas jornalísticas (Paganotti, 2007) de que no Brasil se destrói a natureza. Assim, a valência da imagem tanto do presidente quanto do país são negativas neste artigo.

5.2.10 Outubro de 2019: gestos abstratos

Em outubro de 2019, o *The New York Times* publicou apenas seis artigos que utilizavam as palavras-chave desta pesquisa. Desse montante, apenas a metade apresentava centralidade brasileira: um fala sobre os incêndios que assolavam a Amazônia de forma exacerbada desde agosto daquele ano[82], outro trata de um derramamento de óleo que se tornou uma nova "crise ambiental" para o Brasil[83], já o terceiro, publicado no dia 29 de outubro na versão online e no dia 30 na versão impressa do jornal, é o texto "'Brazil Is Burning, and We're Just Performing a Lot of Abstract Gestures'", em português, "'O Brasil está em chamas e estamos apenas fazendo muitos gestos abstratos'".

O título é uma citação do coreógrafo Bruno Beltrão, cuja apresentação de dança abstrata, "Inoah", entraria em cartaz naquela semana na Brooklyn Academy of Music, em Nova Iorque. O critério de noticiabilidade adotado no texto foi a "novidade", afinal, um novo espetáculo chegava à cidade sede do *The New York Times*. Apesar disso, o enquadramento adotado não foi episódico e, sim, temático. O artigo se divide entre um perfil do coreógrafo e uma entrevista com ele no formato ping-pong. Sendo assim, o artigo utiliza, principalmente, uma fonte testemunha como fonte primária: Bruno Beltrão.

Contudo, o brasileiro não é a única fonte do texto. Confirmando as falas de Beltrão sobre o que é seu grupo de hip-hop, o Grupo de Rua, e seu espetáculo, "Inoah", Schaefer (2019)

---

[82] KRAUSS, Clifford; YAFFE-BELLANY, David; SIMÕES, Mariana. Why Amazon Fires Keep Raging 10 Years After a Deal to End Them. ***The New York Times***, 10 out. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/10/10/world/americas/amazon-fires-brazil-cattle.html?searchResultPosition=4. Acesso em: 8 jan. 2024.

[83] LONDOÑO, Ernesto. Mysterious Oil Spill Becomes New Environmental Crisis for Brazil. ***The New York Times***, 8 out. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/10/08/world/americas/brazil-oil-spill-beaches.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 8 jan. 2024.

apresenta em seu artigo uma fonte primária especialista: David Binder, o diretor artístico da Brooklyn Academy. Binder serve como uma citação judiciosa (Tuchman, 1996), usada para endossar algo que já havia sido afirmado anteriormente no artigo, de que o trabalho desenvolvido pelo grupo era "singular" (único).

Nesse ponto é possível dizer que, ainda que não haja uma comparação direta com os Estados Unidos, tendo o hip-hop nascido nos EUA e tendo o espetáculo sido baseado na obra do estadunidense William Forsythe, ao falar que a dança do Grupo de Rua é diferente das demais e que seu estilo "has become a thoughtful challenger of hip-hop and street-dance conventions, as well as the gender expectations that accompany those forms" (Schaefer, 2019, s/n) – em português, tornou-se um sério desafiante das convenções de hip-hop e dança de rua, bem como das expectativas de gênero que acompanham essas modalidades – existe uma comparação indireta com os Estados Unidos.

Essa comparação contribui para a construção, nesse aspecto, positiva do Brasil, reforçando um estereótipo no qual o país aparece como um lugar ligado à cultura. Porém, essa associação também traz consigo outro aspecto destacado já no título do artigo, a possível falta de preocupação com temas relevantes ligados ao mundo da política. Nesse caso, o coreógrafo Bruno Beltrão questiona se poderia incluir a política na medida certa no espetáculo, sem ser tão abstrato. Afinal, como o artigo lembra na primeira frase do primeiro parágrafo, "fires scorched portions of the Amazon rainforest in Brazil, and the country's president, Jair Bolsonaro, dismissed international outrage about it" – em português, incêndios queimaram partes da Floresta Amazônica no Brasil, e o presidente do país, Jair Bolsonaro, repudiou a indignação internacional sobre o assunto.

Dado esse contexto, uma possível interpretação é que o povo brasileiro não se importa com temas relevantes, reforçando o estereótipo do país como um lugar onde há uma prevalência dos interesses privados sobre os públicos. Além disso, há uma associação do Brasil com o estereótipo de país da natureza, mas com uma valência negativa, já que a Floresta Amazônica está em chamas.

A valência negativa do texto sobre o Brasil e sobre Bolsonaro só se reforça na última fala de Beltrão, que afirma que, no governo Bolsonaro, apoio financeiro para o grupo era "impensável". O coreógrafo afirma ainda que, sem o apoio internacional, a sobrevivência do Grupo de Rua estaria em risco, comparando, ainda que indiretamente, o Brasil com os Estados Unidos. Já que a apresentação do grupo é em terras estadunidenses, uma interpretação possível é que, lá, sim, valoriza-se a arte, diferente do Brasil.

5.2.11 Novembro de 2019: a culpa é do Leonardo DiCaprio

Em novembro de 2019, a Amazônia foi o principal foco da cobertura do *The New York Times* sobre o Brasil. Dos 11 textos filtrados naquele mês por esta pesquisa, nove tinham centralidade brasileira e cinco tinham relação com a Floresta Amazônica. Naquele mês, foram publicados artigos sobre: o aumento do desflorestamento na Amazônia durante a gestão de Jair Bolsonaro[84], a liberação de Luiz Inácio Lula da Silva da cadeia[85], a quebra de expectativa em um leilão de petróleo em território brasileiro[86], a tentativa de invasão de uma embaixada venezuelana no Brasil[87], o assassinato de um líder indígena[88], a morte de crianças por balas perdidas no Rio de Janeiro[89], os contextos dos incêndios na Amazônia[90], a acusação do presidente da República de que o ator estadunidense Leonardo DiCaprio havia patrocinado os incêndios e a resposta do artista ao mandatário brasileiro.

De todos esses temas que tinham o Brasil como figura central e de todos os filtrados por esta pesquisa naquele mês, o artigo considerado mais relevante pelo buscador do *The New York Times* foi "Brazil's Leader Falsely Blames Leonardo DiCaprio for Amazon Fires", ou, em português, líder brasileiro culpa falsamente Leonardo DiCaprio pelos incêndios na Amazônia.

---

[84] LONDOÑO, Ernesto; CASADO, Letícia. Amazon Deforestation in Brazil Rose Sharply on Bolsonaro's Watch. ***The New York Times***, 181 nov. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/11/18/world/americas/brazil-amazon-deforestation.html?searchResultPosition=3. Acesso em: 9 jan. 2024

[85] LONDOÑO, Ernesto; CASADO, Letícia. Ex-President 'Lula' Is Freed From Prison in Brazil After Supreme Court Ruling. ***The New York Times***, 8 nov. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/11/08/world/americas/lula-brazil-supreme-court.html?searchResultPosition=4. Acesso em: 9 jan. 2024.

[86] ANDREONI, Manuela; LONDOÑO, Ernesto. Brazil Had High Hopes for Its Big Oil Auction. They Went Bust. ***The New York Times,*** 6 nov. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/11/06/world/americas/brazil-oil-auction.html?searchResultPosition=5. Acesso em: 9 jan. 2024.

[87] CASADO, Letícia; LONDOÑO, Ernesto. Dueling Camps Vie for Control of Venezuela's Embassy in Brazil. ***The New York Times***, 13 nov. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/11/13/world/americas/venezuela-embassy-brazil.html?searchResultPosition=6. Acesso em: 9 jan. 2024.

[88] ANDREONI, Manuela; CASADO, Letícia. 'Guardian' of the Amazon Killed in Brazil by Illegal Loggers. ***The New York Times***, 4 nov. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/11/04/world/americas/brazil-indigenous-amazon.html?searchResultPosition=7. Acesso em: 9 jan. 2024.

[89] LONDOÑO, Ernesto; MORICONI, Lis. Girl, 5, Is 6th Child Killed by Stray Bullet in Rio de Janeiro This Year. ***The New York Times***, 13 nov. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/11/13/world/americas/rio-de-janeiro-brazil-child-shot.html?searchResultPosition=9. Acesso em: 9 jan. 2024.

[90] KRAUSS, Clifford. In the Amazon, Fires Steal Breath, but Smoke Smells of Money. ***The New York Times***, 2 nov. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/11/02/world/americas/brazil-amazon-fires-cowboys.html?searchResultPosition=8. Acesso em: 9 jan. 2024.

Já no título, fica claro que o presidente brasileiro fala mentiras e a razão para isso, conforme o subtítulo, é uma tentativa de "shift blame", transferir a responsabilidade, que, podemos inferir, seria do próprio Bolsonaro.

O texto sobre a acusação de Bolsonaro a Leonardo DiCaprio foi escrito pela agência de notícias Reuters e publicado no site do *The New York Times* no dia 30 de novembro, sendo veiculado também na versão impressa do jornal no dia seguinte. O enquadramento adotado é, primordialmente, o episódico, porém, também é utilizado o enquadramento temático para dar contexto em alguns pontos do artigo, como, por exemplo, no segundo parágrafo, no qual é explicado que o governo de Bolsonaro diminuiu o combate ao desmatamento ilegal, pecuária e mineração na Amazônia.

No sétimo parágrafo, a Reuters explica que Leonardo DiCaprio é um defensor do combate às mudanças climáticas e que fez posts no Twitter (hoje, X) sobre questões ambientais, incluindo os incêndios na Amazônia. A essas informações contextuais, geralmente, não é atribuída uma fonte exata e nem sempre é possível estabelecer se essas fontes secundárias são oficiais ou independentes.

Por outro lado, quando o texto aborda o enquadramento episódico, privilegiam-se as fontes oficiais. A principal delas é o próprio Jair Bolsonaro, que tem suas falas citadas textualmente quatro vezes ao longo do artigo, tanto em momentos de enquadramento episódico quanto de enquadramento temático. Essas declarações foram retiradas de momentos diferentes. Em 21 de agosto de 2019, mês que começaram os incêndios, Bolsonaro afirmou em uma live no Facebook que Organizações Não-Governamentais (ONGs) estavam incendiando a floresta, mesmo sem ter provas que sustentassem tal afirmação (Reuters, 2019).

Já em novembro, nos dias 28 e 29, o então presidente associou o ator Leonardo DiCaprio aos incêndios, dizendo que o artista havia dado US$ 500 mil a uma ONG chamada World Wildlife Fund e que esse dinheiro havia sido usado para que a organização começasse fogos e os fotografasse para arrecadar mais doações. Essas afirmações, como afirma a Reuters (2019), foram dadas sem provas e a ONG em questão negou ter recebido doações de Leonardo DiCaprio. O ator, por sua vez, segundo o texto, não comentou o caso naquele momento.

Por ter feito declarações sem embasamento em ocasiões diferentes, é possível inferir que os leitores tenham compreendido Bolsonaro como um mentiroso, o que faz com que a valência do artigo com relação a ele seja negativa. Da mesma forma, por ser presidente do Brasil naquele momento, as atitudes de Bolsonaro também refletem na valência sobre o país, que é negativa, uma vez que o texto possibilita a interpretação de que, tendo um presidente mentiroso e que tenta culpar terceiros por situações nas quais ele deveria se responsabilizar, o Brasil é um

local em que as instituições funcionam de maneira precária. Outro estereótipo presente no texto é o do Brasil como o país da natureza. Contudo, uma vez que a Floresta Amazônica está em chamas, essa representação também tem uma valência negativa.

Também contribuem para a imagem negativa em relação ao Brasil e para a associação do país a uma ideia de criminalidade a prisão de quatro membros da ONG Alter do Chão Fire Brigade sob a acusação de que teriam iniciado incêndios para registrá-los e assim conseguir mais doações. Os suspeitos foram liberados por uma decisão judicial na mesma semana, mas políticos e membros de ONGs (que, em ambos os casos podem ser entendidos como fontes independentes, ainda que somente mencionados de forma vaga) criticaram a ação como uma forma do governo Bolsonaro de "harass environmental groups" (Reuters, 2019), em português, perseguir grupos pró-meio ambiente.

Vale destacar que, apesar de um ator estadunidense ser mencionado e ocupar um papel de destaque na construção do artigo jornalístico, a Reuters não faz nenhuma comparação entre o Brasil com os Estados Unidos ou de Bolsonaro com Donald Trump. Nenhum deles é sequer mencionado no texto.

5.2.12 Dezembro de 2019: religião e cultura em choque

Dezembro de 2019 foi um dos meses do ano com maior número de matérias filtradas por esta pesquisa. Ao todo, dezenove utilizaram as palavras-chave e, dessas, nove apresentavam centralidade brasileira. Os temas desses artigos são os mais diversos, indo desde dicas de viagem em Recife[91] até a relação de Donald Trump com os líderes mundiais[92], passando por uma análise do que o jornal entende ser uma queda no combate à corrupção[93] e notícias sobre

[91] SIMS, Shannon. 36 Hours in Recife (and Environs). ***The New York Times***, 26 dez. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/12/26/travel/what-to-do-36-hours-in-recife.html?searchResultPosition=3. Acesso em: 10 jan. 2024.

[92] SPECIA, Megan. From Friends to Frenemies? Trump's Relationships With World Leaders. ***The New York Times***, 3 dez. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/12/03/world/europe/world-leaders-trump-frenemies.html?searchResultPosition=7. Acesso em: 10 jan. 2024.

[93] LONDOÑO, Ernesto; CASADO, Letícia. 'The Pendulum Has Swung Back': Latin America's Corruption Fight Stalls. ***The New York Times***, 28 dez. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/12/28/world/americas/latin-america-corruption.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 10 jan. 2024.

violência policial[94]. O meio ambiente também foi destaque, aparecendo como tema de oito textos, sendo que cinco tratam do aumento do desflorestamento na Amazônia[95].

Em meio a tantas temáticas relevantes, o que mais chamou atenção do buscador do *The New York Times* foi a notícia "In Brazil, Firebombs Seek to Terrorize Makers of Film Portraying Jesus as Gay", ou, em português, No Brasil, bombas visam aterrorizar produtores de filme que retrata Jesus como gay. O texto, escrito por Ernesto Londoño e Letícia Casado, foi publicado no dia 26 de dezembro na versão online e replicado na versão impressa no dia seguinte. O enquadramento adotado é episódico, focado no fato de que homens mascarados invadiram o prédio da produtora brasileira de filmes Porta dos Fundos e arremessaram bombas do tipo coquetel Molotov. Os explosivos causaram poucos danos ao prédio e não machucaram pessoas (Londoño e Casado, 2019).

Conforme o texto, horas após o ataque, foi publicado um vídeo no qual um homem mascarado e com a voz distorcida explicando que a ação criminosa foi uma forma de buscar "justiça" contra a "blasfêmia" no filme "A Primeira Tentação de Cristo", o especial de Natal do Porta dos Fundos na Netflix. Na produção, Jesus é retratado como um homem gay, o que foi considerado pelos autores do crime como uma atitude "anti-patriótica" de "militantes marxistas".

O autor do vídeo de onde o *The New York Times* destaca citações pode ser considerado uma fonte primária do tipo testemunha. A mesma classificação pode ser dada para Gregório Duvivier, intérprete de Jesus no longa. Na fala citada pelo jornal, o artista destaca que aquela era a primeira vez que ocorria uma violência daquele tipo, ainda que já acontecessem agressões verbais, inclusive vindas de membros do Congresso Nacional.

É nesse momento que o artigo faz um desvio e adota o enquadramento temático, explicando o contexto da fala de Duvivier. Em 2018, quando ainda deputado federal, Bolsonaro afirmou que o Brasil precisava extirpar o "marxismo cultural" (termo similar ao utilizado pelos autores do ataque). O jornal explica ainda que, desde que chegou ao poder, Bolsonaro criticou e diminuiu os financiamentos do governo a artistas, o que "has led Brazilian artists and filmmakers to complain about an environment of hostility and censorship." (Londoño e Casado,

---

[94] AHMED, Azam. Where the Police Wear Masks, and the Bodies Pile Up Fast. ***The New York Times***, 20 dez. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/12/20/world/americas/brazil-police-shootings-murder.html?searchResultPosition=8. Acesso em: 10 jan. 2024.

[95] SANDY, Matt. 'The Amazon Is Completely Lawless': The Rainforest After Bolsonaro's First Year. ***The New York Times***, 5 dez. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/12/05/world/americas/amazon-fires-bolsonaro-photos.html?searchResultPosition=5. Acesso em: 10 jan. 2024.

2019), em português, fez com que artistas e cineastas brasileiros reclamassem do ambiente hostil e de censura.

A essas informações, bem como às relativas ao ataque, não é atribuída uma fonte exata. No caso dos dados que embasam o fato principal da matéria e seus complementos, podemos supor que vieram de fontes oficiais, especialmente a polícia do Rio de Janeiro, que é quem confirma a autenticidade do vídeo (Londoño e Casado, 2019). O jornal também utiliza falas do secretário de Polícia Civil do Rio de Janeiro, Marcus Vinícius Braga, para citar detalhes da investigação.

Como fonte independente, é citado Eduardo Bolsonaro, parlamentar filho do então presidente da República. Aqui, ele serve como parte do ritual estratégico descrito por Tuchman (1996) como possibilidade de conflito. Na citação destacada no artigo, o deputado questiona se é liberdade de expressão "atacar a fé de 86% da população". A declaração é usada para encerrar o texto que, anteriormente, havia trazido informações como a que: 'Since "The First Temptation of Christ" was released in early December, many conservatives in Brazil, which is home to more Catholics than any other country in the world and to a fast-growing conservative evangelical population, have responded with outrage" (Londoño e Casado, 2019, s/n), em português, desde o lançamento de "A primeira tentação de Cristo", no início de dezembro, muitos conservadores no Brasil, lugar com mais católicos do que qualquer outro país do mundo e com uma população crescente de evangélicos conservadores, têm reagido com indignação. Os jornalistas explicam que a indignação é tanta que foi feita uma petição com dois milhões de assinaturas pedindo que a Netflix removesse o filme do catálogo.

A reação ao filme retratada pelo jornal torna possível a interpretação de que, no Brasil, existe uma fragilidade institucional, que permite que seja cogitada censura a produções artísticas. Além desse estereótipo negativo, há ainda outro: a associação com a criminalidade, já que o principal fato retratado é um crime que, como é destacado na fala de Duvivier no artigo, poderia ter resultado na morte de pessoas.

Aqui, não é apresentada nenhuma comparação com Donald Trump ou com os Estados Unidos. Há apenas uma representação com valência negativa tanto do Brasil quanto de seu presidente, Jair Bolsonaro, que aparece usando termos similares aos criminosos para se referir àqueles que pensam diferente dele, acusando-os de "marxistas", ao mesmo tempo que é acusado, nas palavras de Duvivier, de ter um discurso político que é também de violência.

5.2.13 Janeiro de 2020: fúria primordial

Quando 2020 começou, o assunto "coronavírus", que dominou toda a cobertura sobre o país naquele ano, ainda estava distante da realidade brasileira. À época, entre outros temas, ainda repercutiam assuntos do ano anterior. O Supremo Tribunal Federal teve que reverter a decisão de uma corte menor que proibia a exibição do filme brasileiro "A primeira tentação de Cristo", lançado em dezembro de 2019[96]. Além disso, o vazamento de conversas entre membros da Operação Lava Jato, gerava consequências: o jornalista estadunidense Glenn Greenwald foi acusado de crimes cibernéticos.

O *The New York Times* faz uma entrevista com o jornalista e é esse texto, intitulado "Glenn Greenwald in Bolsonaro's Brazil: 'I Trigger a Lot of Their Primal Rage'" (ou Glenn Greenwald no Brasil de Bolsonaro: "Eu desperto muito da fúria primordial deles") que é escolhido pelo buscador do periódico como o mais relevante daquele mês utilizando as palavras-chave desta pesquisa. O texto de Ernesto Londoño e Letícia Casado, publicado no dia 25 de janeiro tanto na versão impressa quanto na versão online, traz um enquadramento centrado na personalidade, neste caso na figura de Glenn Greenwald,

O artigo foi baseado em uma entrevista com Glenn, por isso, sua principal fonte primária é uma fonte testemunha. Ele relata ao *The New York Times* sua experiência expondo as mensagens hackeadas de juízes e procuradores brasileiros envolvidos no caso Lava Jato, levantando dúvidas sobre a justiça das decisões tomadas naquela investigação criminal. Segundo Greenwald, ele se achava preparado para a cobertura, uma vez que já havia trabalhado nas revelações que Edward Snowden havia feito sobre o sistema global de espionagem dos Estados Unidos. Mas, escreve o *The New York Times*, ele "greatly underestimated" (subestimou enormemente) a situação, uma vez que ele foi acusado "not just of publicizing the information, but of taking part in a "criminal organization" that hacked into the cellphones of several prosecutors and other public officials" (Londoño e Casado, 2020, s/n), ou, em português, não apenas de dar publicidade às informações, mas de participar de uma "organização criminosa" que hackeou celulares de vários procuradores e outros funcionários públicos.

Nesse ponto, há uma comparação entre ações tomadas pelo governo brasileiro e estadunidense frente situações parecidas. Aqui, na descrição do jornal, a reação a revelações

---

[96] LONDOÑO, Ernesto. Brazil's Top Court Strikes Down Ban on Netflix Film Portraying Jesus as Gay. **The New York Times**, 9 jan. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/01/09/world/americas/Brazil-netflix-Jesus-gay.html?searchResultPosition=5](https://www.nytimes.com/2020/01/09/world/americas/Brazil-netflix-Jesus-gay.html?searchResultPosition=5. Acesso em: 11 jan. 2024.

envolvendo órgãos públicos podem render uma acusação criminal mais severa do que nos Estados Unidos, ainda que o texto não deixe claro quais foram as consequências do caso Snowden para Glenn Greenwald. Além disso, Londoño e Casado (2020, s/n) afirmam "The criminal case against Mr. Greenwald, 52, quickly set off alarms over press freedoms in Latin America's largest nation during the Bolsonaro era", ou seja, o processo criminal contra o Sr. Greenwald, 52, rapidamente acionou alarmes sobre a liberdade de imprensa na maior nação da América Latina durante a era Bolsonaro.

A afirmação é, em seguida, complementada por uma descrição de Bolsonaro como um "líder combativo" com histórico de chamar coberturas negativas de "fake news" e de ter problemas com a imprensa. Os autores citam a ocasião em que Bolsonaro disse que um jornalista tinha "uma cara de homossexual terrível" e explicam que políticos, advogados e grupos de direitos humanos (fontes independentes que não são citadas de forma específica) acreditam que a acusação contra Glenn é suspeita, em especial considerando os ataques à Constituição feitos por Bolsonaro. A suspeita do envolvimento do presidente na medida é reforçada a partir do ponto que o jornal informa que "Mr. Bolsonaro's office declined to say whether the president or his aides were consulted about the decision to charge Mr. Greenwald" (Londoño e Casado, 2020, s/n), ou seja, O gabinete de Bolsonaro se recusou a dizer se o presidente ou seus assessores foram consultados sobre a decisão de acusar Greenwald.

Ao procurar o posicionamento de Bolsonaro ao mesmo tempo que utiliza fontes independentes para complementar o que é dito por Greenwald, o jornal utiliza o ritual estratégico da possibilidade de conflito, descrito por Tuchman (1996). Entre as fontes independentes mencionadas está o ministro do STF Marco Aurélio Mello, que diz não concordar com o processo. Já as fontes oficiais geralmente são usadas para tratar de dados como as informações do processo contra Glenn Greenwald.

Ademais, um misto de fontes oficiais e independentes são usadas para embasar trechos do artigo que apresentam contextualização, como o histórico conflituoso da relação entre Greenwald e Bolsonaro, das constantes críticas feitas pelo *The Intercept* Brasil ao governo do então presidente e dos significados das revelações feitas pelo veículo sobre o caso Lava Jato, uma vez que a condenação de Luiz Inácio Lula da Silva deixou o líder das pesquisas eleitorais fora da disputa que viria a ser vencida por Jair Bolsonaro. Também são usadas fontes

independentes para afirmar que o caso contra Greenwald é infrutífero e nem seria aceito por um juiz, como, de fato, aconteceu no mês seguinte[97].

Contudo, mesmo vindos de fontes oficiais ou independentes, os dados presentes no artigo, passam também pela visão do jornalista entrevistado. É possível inferir que é desse ponto de vista que o jornal afirma que "Mr. Greenwald and his husband, David Miranda, a Socialist congressman, have become among the loudest opposition voices in the Bolsonaro era" (Londoño e Casado, 2020, s/n), em português, o Sr. Greenwald e seu marido, David Miranda, um deputado socialista, se tornaram duas das principais vozes de oposição na era Bolsonaro. Essa interpretação é reforçada pela fala de Greenwald que afirma, como destacado no título, despertar a "fúria primordial" dos apoiadores de Bolsonaro, que veriam a ele como alguém a ser punido e o ameaçavam de morte, assim como a sua família.

No texto, Bolsonaro é apresentado como alguém beligerante que desrespeita a Constituição do país que governa e poderia intervir em ações institucionais contra seus adversários, portanto, podemos dizer que o texto tem uma valência negativa sobre ele. A mesma valência pode ser atribuída ao Brasil, uma vez que o país aparece como um local no qual as instituições podem não respeitar as leis nacionais, representando o estereótipo da fragilidade institucional, bastante presente no artigo.

Ao mesmo tempo, o jornalista estadunidense segue amando o Brasil e diz gostar de fazer algo importante pelo país. Com isso, é possível interpretar que a moralidade dos Estados Unidos é mais alta do que a brasileira, uma vez que, apesar de estar sendo "perseguido" pelo presidente e pelas instituições quando, na verdade, está exercendo o direito à liberdade de imprensa, expressão e informação, Gleen Greenwald ainda ama o Brasil.

5.2.14 Fevereiro de 2020: um grito de resistência

Fevereiro foi o primeiro mês que o tema coronavírus foi associado ao Brasil. Foi no dia 26 de fevereiro de 2020 que ocorreu a primeira confirmação de um caso da doença no país. O tema foi noticiado pelo *The New York Times* em uma linha do tempo da pandemia[98]. Mas esse

---

[97] LONDOÑO, Ernesto. Brazil Judge Dismisses Charges Against the Journalist Glenn Greenwald. ***The New York Times***, Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/02/06/world/americas/greenwald-charges-dropped-brazil.html?searchResultPosition=3 Acesso em 26 de janeiro de 2025.

[98] TAYLOR, Derrick Bryson. A Timeline of the Coronavirus Pandemic. **The New York Times**, 13 fev. 2020.. Disponível em: https://www.nytimes.com/article/coronavirus-timeline.html?searchResultPosition=8. Acesso em: 12 jan. 2024.

não foi o assunto mais importante daquele mês. Afinal, no período também houve a rejeição de denúncia contra Gleen Greenwald no caso da "Vaza Jato"[99], um terrorista espanhol foi extraditado no Brasil após passar décadas fugindo[100] e o ex-missionário evangélico Ricardo Lopes Dias foi indicado como chefe de um órgão ligado à Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) que cuidava de indígenas isolados[101].

Mas fevereiro também é o mês do carnaval no Brasil e é um texto sobre esse tema que se destaca como o mais relevante segundo o buscador do *The New York Times*, utilizando os termos-chave desta pesquisa. O artigo em questão é o "'Like a Scream of Resistance': Rio's Carnival in Bolsonaro's Brazil", ou seja, "Como um grito de resistência": o Carnaval do Rio no Brasil de Bolsonaro. O texto foi escrito por Ernesto Londoño e publicado na editoria de artes do *The New York Times*, apenas na versão online, em 26 de fevereiro.

O artigo de 21 parágrafos é ilustrado com 18 fotografias feitas por Maria Magdalena Arrellaga do Carnaval do Rio de Janeiro, todas retratando blocos com pessoas se divertindo. A presença massiva de imagens se justifica pelo fato de o texto ter sido publicado na coluna "Surfacinng", que tem como foco o uso de ferramentas visuais. O que se mostra, nesse caso, é o Brasil que reflete o estereótipo do país da festa e da cultura.

Essa perspectiva também aparece no texto que, assim como as fotografias, se concentra nas pessoas. Aqui temos um enquadramento de valor noticioso, com alguma presença do enquadramento temático, explicando, principalmente, o contexto das falas das fontes que são, em sua totalidade, testemunhais. O *The New York Times* ouviu pessoas que acompanham ou fazem parte da organização de blocos de Carnaval no Rio de Janeiro e são elas que dão ao texto o seu tom. Mesmo o título foi tirado da fala de uma entrevistada que afirmou que apresentar na rua "feels like a scream of resistance. The street is ours, so why not use it to do what we do best?" (Londoño, 2020a, s/n), ou seja, parece um grito de resistência. A rua é nossa, então por que não a usar para fazer o que fazemos de melhor?

---

[99] LONDOÑO, Ernesto. Brazil Judge Dismisses Charges Against the Journalist Glenn Greenwald. **The New York Times**, 6 fev. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/02/06/world/americas/greenwald-charges-dropped-brazil.html?searchResultPosition=3. Acesso em: 12 jan. 2024.

[100] MINDER, Raphael. Spanish Terrorist Is Extradited From Brazil After Decades on the Run. **The New York Times**, 7 fev. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/02/07/world/europe/spain-extradition-brazil.html?searchResultPosition=4. Acesso em: 12 jan. 2024.

[101] LONDOÑO, Ernesto; CASADO, Letícia. Will an Ex-Missionary Shield Brazil's Tribes From Outsiders? **The New York Times**, 5 fev. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/02/05/world/americas/Brazil-indigenous-missionary.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 12 jan. 2024.

E o que os brasileiros fazem de melhor? Pelo que se pode inferir pelo texto do *The New York Times*, é resistir por meio da cultura. Essa é a síntese dos relatos trazidos pelos brasileiros ouvidos por Ernesto Londoño no artigo. A primeira entrevistada, Amanda Salles, lembra que em épocas "difíceis", como na época da ditadura e naquele momento (quando, para ela, muitos sentiam raiva), os brasileiros se uniam e se empoderavam por meio da cultura. Já a segunda pessoa ouvida, Polliana Souza, lembra que parte da cultura brasileira, como o funk, é tratada como se fosse ligada à criminalidade e que, no Carnaval, é possível resistir à repressão e ao racismo. Da mesma forma, a terceira entrevistada, Michele Krimer, vê nos blocos a possibilidade de dar voz a grupos excluídos, como a comunidade LGBTQIA+, especialmente em um momento que, segundo ela, o presidente não quer que essas pessoas existam. Já a última fonte ouvida, Nyandra Fernandes, conta como a tradição dos tambores é uma maneira de se conectar com seus ancestrais escravizados e com sua luta.

É interessante notar que as únicas fontes primárias são fontes testemunhas. Isso nos leva a deduzir que diversas informações passadas, como a dificuldade de conseguir aprovação dos órgãos oficiais para os blocos e a repressão dos bailes funk são passadas por essas pessoas. Sendo assim, podemos dizer que foi utilizada o ritual estratégico da possibilidade de conflito (Tuchman, 1996) para construir a ideia de um consenso em torno do que é o Carnaval e de quem é a figura de Jair Bolsonaro.

Enquanto a imagem do Brasil tem uma valência positiva, – refletindo muito do pensamento de Schwarcz e Starling (2018) de que aqui violência e a resistência por meio da cultura andam lado a lado – Bolsonaro é retratado com uma valência negativa. Sem fazer qualquer comparação com outros países ou governantes, Londoño (2020a) descreve o presidente brasileiro como um representante da extrema direita cuja ascensão ao poder despertou em alguns o sentimento de que era necessário resistir.

5.2.15 Março de 2020: era das armas

Em março, o Brasil começou a ser muito associado ao coronavírus na cobertura do *The New York Times*. As principais razões para isso foram a resistência do governo de Jair Bolsonaro em tomar medidas contra o avanço do vírus[102] e o encontro entre os presidentes do

[102] LONDOÑO, Ernesto; ANDREONI, Manuela; CASADO, Letícia; AHMED, Azam. As Latin America Shuts Down to Fight Virus, Brazil and Mexico Are Holdouts. **The New York Times**, 25 mar. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/03/25/world/americas/coronavirus-brasil-mexico.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 5 abr. 2025.

Brasil e dos Estados Unidos no qual um membro da comitiva brasileira estava infectado. Esse segundo fato gerou uma série de artigos e *briefings*, mas não foi o mais importante daquele mês[103]. De acordo com o buscador do periódico, o texto mais relevante de março de 2020 foi "Gun Ownership Soars in Brazil Under Bolsonaro" (Posse de arma aumenta no Brasil sob Bolsonaro), publicado em 31 de março na versão online e no dia seguinte na impressa.

Escrito por Letícia Casado e Ernesto Londoño, o artigo tem um enquadramento temático, com foco em explicar a única frase do lead: "President Jair Bolsonaro has galvanized gun culture in Brazil" (Casado e Londoño, 2020, s/n), ou seja, o presidente Jair Bolsonaro estimulou a cultura da arma do Brasil. Nos dois parágrafos seguintes, o jornal justifica essa afirmação trazendo informações como o fato de o gesto de arma com as mãos ter se tornado símbolo da campanha presidencial de Bolsonaro, como suas primeiras medidas no poder foram para facilitar o acesso a armas e como seus filhos também são apoiadores das armas.

> With their actions, Mr. Bolsonaro and his sons have done more than make it easier for Brazilians to legally get a gun. They have fueled a political and cultural debate over guns that was new to Brazil, but that in many ways mirrors the discussion in the United States, where critics say more guns means more deaths and supporters say guns are necessary for self-defense (Casado e Londoño, 2020, s/n)[104].

Após fazer uso de uma citação do então presidente brasileiro para reforçar a posição de Bolsonaro como apoiador das armas, fazendo dele uma fonte primária oficial, o jornal passa a usar outras fontes oficiais e independentes, desta vez secundárias, para comparar a realidade do Brasil e dos Estados Unidos. Aqui, diferente de lá, ter uma arma não é uma garantia constitucional e a maioria das pessoas, segundo a pesquisa Datafolha (fonte independente, por não ter vínculo de pertencimento ao objeto da notícia) citada no artigo, é contra a posse de arma.

As fontes independentes são as principais fontes primárias do artigo analisado. Além da pesquisa Datafolha, o texto usa informações obtidas pelo Instituto Sou da Paz sobre o aumento de licenças para a posse de arma e Natália Pollachi, coordenadora do instituto, trata das consequências dessa elevação. Fontes independentes, como no caso de matérias publicadas em

---

[103] KARNI, Annie. Trump and Pence Won't Be Tested After Meeting With Infected Brazilian Official. **The New York Times,** 12 mar. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/03/12/us/politics/trump-brazil-coronavirus.html?searchResultPosition=5. Acesso em: 5 abr. 2025.

[104] Com suas ações, Bolsonaro e seus filhos fizeram mais do que facilitar aos brasileiros a obtenção legal de armas. Eles alimentaram um debate político e cultural sobre armas que era novo no Brasil, mas que em muitos aspectos reflete a discussão nos Estados Unidos, onde os críticos dizem que mais armas significam mais mortes e os apoiadores dizem que as armas são necessárias para a autodefesa (Casado e Londoño, 2020, s/n, tradução nossa).

jornais, por vezes lincados no artigo, também são usadas como fontes secundárias, trazendo contexto, por exemplo, de falas dos filhos de Bolsonaro em favor das armas.

Fontes oficiais também são bastante utilizadas na matéria, como a lei sobre posse de armas de 2003 e dados da Polícia Federal sobre o tema. A forma como esses dados são apresentados também influencia na compreensão do leitor (Tuchman, 1996). Exemplo disso é quando o jornal apresenta os dados das apreensões de armas no Rio de Janeiro, de 2019, que havia sido recorde, além dos números de homicídios causados por armas de fogo, que haviam sido os maiores do mundo quando Bolsonaro começou sua campanha presidencial.

Após a apresentação dessas informações, o *The New York Times* informa que Bolsonaro, descrito como um capitão do Exército de extrema direita, prometeu tornar o acesso a armas mais fácil para os civis. Em seguida, o presidente é citado diretamente – em uma entrevista dada em 2018, afirmando que só os cidadãos de bem não têm armas – e são apresentadas todas as alterações feitas por Bolsonaro à legislação para ampliar o acesso a armas e munições.

Por fim, o jornal ouve uma fonte testemunha, a professora de Ensino Médio Lilia Melo, que declara que as armas não trazem segurança, mas, sim, impedem que as pessoas exerçam seu direito de estar nas ruas. Com isso, é reforçada a ideia de que mais armas significam mais criminalidade, algo que, como apontou o jornal ao longo do artigo, já está em alta no Brasil.

Assim, o país é representado com uma valência negativa, associada ao estereótipo de ser um lugar onde reina a violência. Observa-se que, apesar de a matéria apresentar uma comparação direta com os Estados Unidos, essa comparação se restringe às leis, não envolvendo dados como o número de assassinatos ligados à arma de fogo, por exemplo. Além disso, não há comparação entre Donald Trump e Bolsonaro, ainda que os filhos do presidente brasileiro digam se inspirar nos Estados Unidos.

Independente disso, a valência com relação a Jair Bolsonaro também é negativa. Descrito como extremista, o artigo assinado por Londoño apresenta o brasileiro como alguém que toma decisões inconsequentes e que não se importa com a opinião dos brasileiros sobre os temas. Afinal, ele toma medidas para aumentar a circulação de armas em um local com números recordes de assassinatos por armas de fogo e cuja população, em sua maioria, é contrária à liberação desses itens. Sendo assim, Bolsonaro também reforça o estereótipo do Brasil como um lugar de fragilidade institucional.

5.2.16 Abril de 2020: Moro sai de cena

Abril foi um mês turbulento para o então presidente do Brasil Jair Bolsonaro. Com os casos e mortes por covid-19 aumentando no país, ele reagiu dizendo "E daí?"[105]. Essa e outras notícias sobre o coronavírus foram destaque no *The New York Times*, assim como o momento de incertezas políticas vivido por Bolsonaro, sendo seu ápice a saída do ex-juiz Sérgio Moro do cargo de ministro da Justiça.

Esse é o assunto do artigo "Turmoil in Brazil: Bolsonaro Fires Police Chief and Justice Minister Quits" – em português, Tumulto no Brasil: Bolsonaro demite chefe de polícia e Ministro da Justiça pede demissão. Publicado em 24 de abril na versão online e no dia seguinte na versão impressa do *The New York Times*, o artigo foi considerado o mais relevante do mês pelo buscador do periódico, utilizando os critérios de filtragem dessa pesquisa.

O artigo adota um misto entre os enquadramentos episódico e o temático, mas com uma maior prevalência do enquadramento episódico. O foco é contar não apenas sobre o pedido de demissão de Sérgio Moro, descrito pelo jornal como alguém que "became the face of a powerful anti-corruption crackdown" (Londoño *et al.*, 2020, s/n) – tornou-se o rosto de um poderoso combate contra a corrupção – mas, também, relatar as acusações contra Jair Bolsonaro feitas pelo ex-ministro ao entregar o cargo.

Sendo assim, é natural que a principal fonte primária utilizada seja Sérgio Moro que, neste contexto, atua como fonte testemunha, uma vez que relata o que presenciou. Mas o *The New York Times* também ouve fontes independentes, como a diretora-executiva do Instituto Igarapé, Ilona Szabó, que avalia o que a saída de Sérgio Moro significa – em sua opinião, uma perigosa nova fase para o país – além do que implica sua acusação – que poderia demonstrar que o presidente teria dado um golpe contra a democracia ferindo a autonomia da Polícia Federal. É possível inferir ainda que outras fontes independentes, como outros veículos jornalísticos ou outros artigos produzidos pelo próprio NYT, tenham sido consultados como fonte secundária, para apresentar contextos tais como o fato de os filhos de Jair Bolsonaro serem alvo de uma investigação da Polícia Federal o que, de acordo com o jornal, teria sido o motivo insinuado por Moro para que o chefe do órgão fosse substituído.

---

[105] THE NEW YORK TIMES. As Coronavirus Deaths Spike, Brazil's Leader Says, 'So What?': Live Updates. **The New York Times**, 29 abr. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/04/29/world/coronavirus-news.html?searchResultPosition=5. Acesso em: 5 abr. 2025.

Entre as acusações feitas por Moro, está a de que Bolsonaro queria alguém na Polícia Federal com quem tivesse contato pessoal e que lhe passasse informações de inteligência. Como não teria como manter a Polícia Federal independente, Moro afirmou que preferia sair do governo. Já Bolsonaro tem trechos de seu pronunciamento citado em rede nacional pelo *The New York Times*. Nele, o presidente se defende dizendo que nunca pediu que membros de sua família fossem protegidos e que não precisava da autorização de ninguém para trocar pessoas em cargos como o do chefe da Polícia Federal. Ele também caracterizou Moro como sendo vaidoso, egoísta e desonesto.

Além de Bolsonaro, que foi ouvido na condição de presidente e, portanto, é uma fonte oficial, o Procurador Geral da República, Augusto Aras, – outra fonte oficial – também teve seu posicionamento citado, dizendo que se as afirmações de Moro fossem verdadeiras, Bolsonaro teria cometido um crime, enquanto, se fossem falsas, o criminoso seria Sérgio Moro. A fala de Aras, portanto, torna possível a interpretação de que nenhum dos dois políticos, ambos nomes importantes no Brasil, sejam confiáveis.

Esse posicionamento é reforçado à medida que Londoño *et al.* (2020) apresentam novas contextualizações, apontando que conversas de membros da Operação Lava Jato, incluindo Sérgio Moro, publicadas pelo jornal *The Intercept* Brasil e que as mensagens "made clear Mr. Moro broke ethical and legal rules by providing strategic guidance to prosecutors" (*ibid*, s/n), ou seja, deixaram claro que o Sr. Moro quebrou regras éticas e legais ao dar orientações estratégicas aos procuradores.

Neste ponto, o jornal não especifica que as revelações foram feitas por um jornalista estadunidense. Ao longo do texto não é possível observar nenhuma comparação com os Estados Unidos ou com Donald Trump. Isso não é feito nem mesmo quando o artigo apresenta os posicionamentos controversos de Bolsonaro quanto ao coronavírus, chamando a covid-19 de "gripezinha"

Pessoas de partidos de oposição a Bolsonaro não são ouvidos, porém, ex-aliados têm citações no artigo. É o caso da então deputada Joice Hasselmann e do Partido Social Liberal (PSL), que teve nota oficial citada. Ambos parecem ter acreditado nas declarações de Sérgio Moro contra Bolsonaro.

Para encerrar o texto, o NYT opta pelo ritual estratégico da citação judiciosa, descrita por Tuchman (1996). Neste caso, uma fonte especialista, a professora da University College London Malu Gatto, conclui o que Sérgio Moro quis ao sair do governo: maintain some of the political capital he has gained [...] And distance himself from a president that seems to be

increasingly toxic" (Londoño *et al.*, 2020, s/n) – manter algum do capital político que ele conseguiu e se distanciar de um presidente que parece ser cada vez mais tóxico.

Todas essas afirmações feitas pelas fontes e filtradas no artigo reforçam o estereótipo de um Brasil em que as instituições são precárias e frágeis, podendo um presidente intervir em uma investigação na qual seus filhos são alvos e um juiz no trabalho de procuradores. Esses aspectos fazem com que a valência do texto tanto com relação a Jair Bolsonaro quanto com relação ao país seja negativa.

5.2.17 Maio de 2020: presidente sob ataque

Em maio de 2020 o *The New York Times* publicou 25 artigos que foram filtrados por esta pesquisa, destes, 14 tinham centralidade brasileira. Dentre os principais assuntos tratados estavam a interrupção de voos entre o Brasil e os Estados Unidos devido aos casos de coronavírus[106], a saída de mais um ministro da Saúde do governo Bolsonaro[107], o número de mortes causadas pela polícia no Rio de Janeiro[108] e a situação política delicada do presidente da República. Este tema é o assunto do artigo mais relevante daquele mês, conforme o buscador do periódico.

O texto, intitulado "In Brazil, a President Under Fire Lashes Out at Investigators" (No Brasil, presidente sob ataque investe contra investigadores, em tradução livre), foi publicado no dia 29 de maio na versão digital e no dia 30 do mesmo mês na edição impressa. No artigo, Andreoni *et al.* (2020) usam como gancho uma declaração do então presidente, descrito como "embattled" (em apuros), para apresentar o contexto da situação política do Bolsonaro, usando, um enquadramento centrado na personalidade, ainda que o texto também adote os enquadramentos episódico e temático em alguns momentos.

---

[106] CASADO, Letícia; KURMANAEV, Anatoly. U.S. Bans Flights From Brazil, Where Pandemic Is Raging. **The New York Times**, 24 maio 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/05/24/world/americas/brazil-us-coronavirus-travel-ban.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 5 abr. 2025.

[107] LONDOÑO, Ernesto. Another Health Minister in Brazil Exits Amid Chaotic Coronavirus Response. **The New York Times**, 15 maio 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/05/15/world/americas/brazil-health-minister-bolsonaro.html?searchResultPosition=4. Acesso em: 5 abr. 2025.

[108] ANDREONI, Manuela; LONDOÑO, Ernesto. 'License to Kill': Inside Rio's Record Year of Police Killings. **The New York Times**, 18 maio 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/05/18/world/americas/brazil-rio-police-violence.html?searchResultPosition=8. Acesso em: 5 abr. 2025.

A declaração, dada em frente ao Palácio da Alvorada (descrito apenas como a residência oficial do presidente), foi dada um dia após a Polícia Federal fazer incursões em propriedades ligadas a "die-hard supporters" (aliados ferrenhos) do presidente. De acordo com o texto do *The New York Times*, a batida estava relacionada a uma investigação sobre uma rede de distribuição de desinformação, que seria "one of an array of criminal and legislative inquests focused on him, family members and close allies" (Andreoni *et al.,* 2020, s/n) – em português: um de uma série de inquéritos criminais e legislativos focados nele [Jair Bolsonaro], em familiares e aliados próximos.

Ao afirmar que outro dia como aquele em que houve as incursões não ocorreria e que haviam atingido o limite, Bolsonaro atua como uma fonte primária oficial, uma vez que fala enquanto presidente da República. E é nessa posição que ele, como destaca o jornal, sugere que a Polícia Federal não deveria cumprir "ordens absurdas" do Supremo Tribunal Federal. Utilizando o enquadramento temático, o *The New York Times* explica que o Brasil vive uma crise política em meio a uma crise econômica e sanitária, causada pelo coronavírus. O jornal cita que, até aquele momento, havia 27 mil mortos pela covid-19 e que o país era o segundo em número de casos confirmados, sendo superado apenas pelos Estados Unidos – em uma comparação que, apesar de direta, é estritamente objetiva e sem aprofundamento, portanto, sem significados relevantes para esta pesquisa. Esses dados, assim como a informação de que o desemprego no Brasil estava aumentando, possivelmente são embasados por fontes oficiais, porém, elas não são mencionadas textualmente.

Da mesma forma, o periódico usa recursos textuais para generalizar afirmações que possivelmente vêm de fontes independentes, atribuídas somente a "analistas" ou "críticos", por exemplo. Um exemplo desse recurso aparece no seguinte trecho: "Mr. Bolsonaro's handling of the pandemic has come under intensifying criticism, amplifying the sense that he is a leader under siege, who is finding it increasingly difficult to govern" (Andreoni *et al.,* 2020, s/n) – em português: a maneira como o Sr. Bolsonaro lida com a pandemia tem gerado críticas cada vez mais intensas, aumentando a percepção de que ele é um líder encurralado, para quem tem sido cada vez mais difícil governar. Percebe-se que não é apontado de onde vem a crítica ao presidente, apenas que ela existe.

Contudo, em alguns momentos, esses críticos são citados, como o caso do ex-ministro da Justiça de Fernando Henrique Cardoso, José Carlos Dias. Ele pode ser classificado como uma fonte independente, que afirma que a ação da Polícia Federal criticada por Bolsonaro é, na verdade, uma forma de o Supremo Tribunal Federal preservar a democracia brasileira. Essa é a mesma abordagem trazida pela fonte especialista, Eloísa Machado, que é professora de Direito

da Fundação Getúlio Vargas. Ela afirma que a investigação revelou um sistema organizado de disseminação de desinformação que ameaça a democracia. Já a segunda fonte especialista ouvida pelo jornal, a cientista política da Universidade de São Paulo Maria Hermínia Tavares de Almeida, afirma que há, no Brasil, um grupo de extremistas de direita com expressão nacional.

Já apoiando Bolsonaro aparecem apenas fontes oficiosas: seu filho Eduardo Bolsonaro e seu então ministro da Educação, Abraham Weintraub. Ambos podem parecer ao leitor fontes menos confiáveis, do que as que opinam contra Bolsonaro. Isso se dá não só por sua proximidade com o presidente, mas pela forma como são apresentados. Entende-se que um ex-ministro da Justiça entenda mais de leis do que um ministro da educação e é esperado que professoras de universidades conceituadas tenham mais conhecimento sobre o tema do que um parlamentar. Além disso, nas falas dos aliados de Bolsonaro, há mais ambiguidade. Eduardo Bolsonaro afirma que o país de aproximava de um "momento de ruptura", o que, conforme destaca o *The New York Times*, foi dito "without being more specific about what sort of rupture he envisioned" (Andreoni *et al.,* 2020, s/n) – em português: sem ser mais específico sobre que tipo de ruptura ele tem em mente. Vale notar que, na foto do parlamentar presente no artigo, ele aparece com uma gravata com estampa de rifles, similar à que o jornal descreve que Jair Bolsonaro usava ao dar a declaração que serviu de gancho para a matéria.

As falas dos aliados do presidente são ainda mais descredibilizadas à medida que, apoiado por fontes oficiais, o jornal explica que investigações indicam que uma pessoa que trabalhava no gabinete de Eduardo Bolsonaro estava ligada ao esquema de disseminação de notícias falsas e que, em um vídeo divulgado pelo ministro Celso de Mello, do Supremo Tribunal Federal, Jair Bolsonaro aparece dizendo que preferia trocar pessoas ligadas à segurança do que ver seus familiares e amigos "face problems" (enfrentarem problemas). Observa-se que o *The New York Times* preferiu não citar textualmente o presidente que, conforme noticiário brasileiro, usou termos de baixo calão[109].

É importante dizer também que o jornal utiliza o ritual estratégico da possibilidade de conflito (Tuchman, 1996), mas os que estão ao lado do presidente são sempre seus aliados ou não especificados com clareza, como "alguns opositores e críticos" que questionaram a legalidade das ações do STF. Ao escolherem fontes que aparentam ter mais credibilidade para

[109] G1. Em reunião ministerial, Bolsonaro diz: 'Eu não vou esperar foder a minha família toda'; assista. **G1**, 22 de maio de 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/em-reuniao-ministerial-bolsonaro-diz-eu-nao-vou-esperar-foder-a-minha-familia-toda-assista.ghtml Acesso em 03 de fevereiro de 2025.

se opor a Bolsonaro, podemos inferir que o *The New York Times* as utiliza para expressar seus próprios posicionamentos, usando o ritual da citação judiciosa.

É o que ocorre, quando o jornal retoma o assunto da pandemia, citando o ativista Vitor Lourenço, que afirma que o "political tumult around Mr. Bolsonaro" (tumulto político em torno de Bolsonaro) estava atrapalhando o combate ao vírus (Andreoni *et al.,* 2020). O artigo ainda cita uma outra fonte independente, a pesquisa Datafolha (classificada desta maneira por não ter vínculo de pertencimento com o objeto da notícia), que revela que Bolsonaro tem uma reprovação recorde, mas que cerca de um terço da população continua apoiando sua gestão.

Com isso, é possível afirmar que a valência da imagem de Jair Bolsonaro apresentada ao longo do texto é negativa, reforçando estereótipos do Brasil como um local de fragilidade institucional. Apesar disso, a valência com relação à imagem do país pode ser considerada neutra, uma vez que, ao longo do artigo, são mostradas ações que buscam, justamente, combater essa fragilidade e fortalecer as instituições, representando um contraponto ao estereótipo apresentado.

5.2.18 Junho de 2020: jogando com a pandemia

Junho de 2020 foi um período com muitos acontecimentos importantes para o Brasil. Ao todo, o mês teve 34 matérias filtradas por esta pesquisa, sendo que 19 delas tinham centralidade brasileira. Dentre os temas abordados na cobertura do *The New York Times* sobre o Brasil naquele mês estavam a advertência de um juiz a Jair Bolsonaro pela falta do uso de máscaras[110], o pedido de demissão do ministro da Educação Abraham Weintraub, que foi às pressas para os Estados Unidos[111], a ameaça de uma intervenção militar no Brasil[112], a decisão do Ministério da Saúde de não divulgar dados sobre o coronavírus de forma clara[113], a defesa

[110] ANDREONI, Manuela. Judge Scolds Brazil's President for Violating Mask Law. **The New York Times**, 23 jun. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/06/23/world/americas/bolsonaro-brazil-mask.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 5 abr. 2025.
[111] CASADO, Letícia; ANDREONI, Manuela; LONDOÑO, Ernesto. Brazilian Ex-Minister Makes Quick Exit to U.S. as Inquiries Rattle Government. **The New York Times**, 21 jun. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/06/21/world/americas/bolsonaro-minister-scandals.html?searchResultPosition=3. Acesso em: 5 abr. 2025.
[112] ROMERO, Simon; CASADO, Letícia; ANDREONI, Manuela. Threat of Military Action Rattles Brazil as Virus Deaths Surge. **The New York Times**, 10 jun. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/06/10/world/americas/bolsonaro-coup-coronavirus-brazil.html?searchResultPosition=4. Acesso em: 5 abr. 2025.
[113] LONDOÑO, Ernesto. Furious Backlash in Brazil After Ministry Withholds Coronavirus Data. **The New York Times**, 8 jun. 2020. Disponível em:

de Bolsonaro ao uso de um medicamento que não tinha comprovação científica contra o coronavírus[114], o aumento do desmatamento[115] entre outros.

Ainda assim, a notícia mais relevante de junho de 2020 para o buscador do *The New York Times* envolvendo os termos Brasil e Bolsonaro estava ligada ao futebol. O texto "Athletes Speak Out Against Returning: 'People Are Still Dying'" (Atletas se manifestam contra o retorno: 'Pessoas ainda estão morrendo'), publicado em 29 de junho na versão online e no dia seguinte na edição impressa do jornal, utiliza o enquadramento episódico para tratar de três notícias: o retorno de jogos de futebol no Brasil, a vitória do Liverpool na Premier League com o pedido do treinador Jürgen Klopp para que os torcedores evitassem aglomerações durante a celebração e o retorno chamado de "cuidadoso" dos fãs aos jogos de basebol na Coreia do Sul.

O trecho dedicado ao futebol brasileiro equivale a cerca de um terço do artigo, porém, por ser o primeiro a ser apresentado, também pode ser considerado, dentro da lógica jornalística da pirâmide invertida (Tuchman, 1996 e Traquina, 1993) como o mais importante. A citação presente no título do texto é do brasileiro Mario Bittencourt, presidente do time de futebol Fluminense. Já a única foto presente no texto mostra jogadores do time Botafogo carregando uma faixa com os dizeres: "Protocolo bom é o que respeita vidas".

Segundo descreve o artigo, o retorno dos jogos foi precedido por manifestações contrárias de jogadores do Botafogo, que postaram um comunicado nas redes sociais (reproduzido pelo *The New York Times*), e do presidente do Fluminense, citado de forma mais completa no corpo do texto. Apesar de cogitarem boicotar o retorno dos jogos, ambos os times disputaram partidas no final de semana, sendo que o Botafogo saiu vitorioso e o Fluminense foi derrotado (Mather, 2020).

Contudo, o foco do texto não é apresentar os resultados da partida. Isso se demonstra, entre outros fatores, pelo posicionamento da informação, colocada no último parágrafo do tópico dedicado ao Brasil, como também pela seleção das declarações dos jogadores e de Mario Bittencourt, sendo que esta última aparece no título, na linha fina e no quinto parágrafo do texto.

---

https://www.nytimes.com/2020/06/08/world/americas/brazil-coronavirus-statistics.html?searchResultPosition=5. Acesso em: 5 abr. 2025.

[114] LONDOÑO, Ernesto; SIMÕES, Mariana. Brazil President Embraces Unproven 'Cure' as Pandemic Surges. **The New York Times**, 13 jun. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/06/13/world/americas/virus-brazil-bolsonaro-chloroquine.html?searchResultPosition=6. Acesso em: 5 abr. 2025.

[115] LONDOÑO, Ernesto; ANDREONI, Manuela; CASADO, Letícia. Amazon Deforestation Soars as Pandemic Hobbles Enforcement. **The New York Times**, 6 jun. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/06/06/world/americas/amazon-deforestation-brazil.html?searchResultPosition=7. Acesso em: 5 abr. 2025.

Nesse caso, o presidente do Fluminense e os jogadores do Botafogo são usados como fontes testemunhas, que relatam aspectos da situação do coronavírus no Brasil.

Esta, sim, recebe mais destaque do que a cobertura esportiva. Mather (2020) lembra (se baseando, provavelmente, em fontes oficiais que não são citadas diretamente) que o Brasil já havia confirmado mais de um milhão de casos, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. Contudo, ao falar do Liverpool, o texto não traz o número de contágios na Inglaterra e esses dados também não são apresentados ao falar da Coreia do Sul. Nesse caso, uma interpretação possível é que a situação da pandemia no Brasil é pior, portanto, mais digna de nota, do que nesses outros dois países, com exceção dos Estados Unidos, que aparece em pior situação que o Brasil, ainda que essa comparação não seja explorada.

Dentre os países citados, o Brasil é o único cujo governante é mencionado. Em sua única aparição no texto, Bolsonaro é descrito como alguém que não usa máscaras e que "repeatedly played down any danger" (Mather, 2020, s/n), ou seja, repetidamente minimizou qualquer perigo. Essas afirmações sobre Bolsonaro se baseiam, presumivelmente, em fontes independentes e ajudam a construir uma valência negativa sobre o presidente.

A valência sobre o Brasil como um todo também é negativa. Apesar de o estereótipo acionado ser o do Brasil como o país do futebol, o tema aparece de maneira negativa, associado à contravenção do que é indicado para o período pandêmico. É verdade que a oposição das pessoas ligadas ao meio é destacada, porém, no fim, ambos os times que criticaram o retorno entram em campo. Enquanto isso, o treinador do Liverpool orienta seus torcedores a não se aglomerarem (ainda que o pedido tenha vindo depois de relatos de aglomeração) e a Coreia do Sul até estava retomando partidas com torcida de forma "cautelosa", termo que não se associa em nada com o que foi relatado do Brasil.

Assim, o que costuma ser um destaque positivo para o Brasil, acabou sendo, neste artigo, apresentado como algo negativo, que pode ser interpretado como falta de seriedade, usando o termo de Buarque (2022). Uma possível interpretação dos leitores é que não conseguimos nos opor às festas e aos prazeres, mesmo em momentos em que vidas estão em risco.

5.2.19 Julho de 2020: líder entre os céticos

Em julho de 2020, Jair Bolsonaro testou positivo para covid-19[116]. Esse fato e seus desdobramentos foram tratados por diversos artigos publicados pelo *The New York Times*. Outros assuntos também foram abordados naquele mês, como a notícia de que um embaixador dos Estados Unidos teria dito a Jair Bolsonaro que os brasileiros poderiam contribuir para a reeleição de Donald Trump naquele ano[117], a possível chegada do coronavírus a comunidades indígenas por meio de profissionais de saúde[118] e a possível ameaça à democracia em países latino-americanos, entre eles, o Brasil[119].

Ao todo, foram filtrados 37 textos deste mês, 19 com centralidade brasileira, e o mais importante deles, conforme o buscador do *The New York Times*, foi o artigo "Brazil's Bolsonaro, Leading Virus Skeptic, Says He's No Longer Infected" (Bolsonaro, principal cético em relação ao vírus, diz que não está mais infectado), publicado em 25 de julho no site e no dia seguinte na versão impressa. Escrito por Ernesto Londoño, o artigo adota um enquadramento centrado na personalidade, cujo foco é o presidente da República.

O texto é motivado pela divulgação, por parte de Jair Bolsonaro, de que ele estava curado da covid-19. Para isso, a principal fonte é uma publicação no Twitter (hoje X) do então presidente da República. A postagem é incorporada no texto, assim como a foto, anexa a ela, em que Bolsonaro aparece segurando uma caixa de hidroxicloroquina. A presença do medicamento na imagem não é ignorada pelo *The New York Times* que descreve a fotografia e complementa a informação afirmando: "Mr. Bolsonaro has hailed the drug as a miracle cure, despite a growing scientific consensus that it is not effective to treat Covid-19, the disease caused by the coronavírus" (Londoño, 2020b, s/n) – em português, o Sr. Bolsonaro exaltou o

---

[116] LONDOÑO, Ernesto; ANDREONI, Manuela; CASADO, Letícia. President Bolsonaro of Brazil Tests Positive for Coronavirus. **The New York Times**, 7 jul. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/07/07/world/americas/brazil-bolsonaro-coronavirus.html?searchResultPosition=4. Acesso em: 5 abr. 2025.

[117] LONDOÑO, Ernesto; ANDREONI, Manuela; CASADO, Letícia. Lawmakers 'Alarmed' by Reports U.S. Envoy Told Brazil It Could Help Re-elect Trump. **The New York Times**, 31 jul. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/07/31/world/americas/brazil-trump-ethanol-chapman.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 5 abr. 2025.

[118] ANDREONI, Manuela; LONDOÑO, Ernesto; CASADO, Letícia. Brazil Health Workers May Have Spread Coronavirus to Indigenous People. **The New York Times**, 19 jul. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/07/19/world/americas/coronavirus-brazil-indigenous.html?searchResultPosition=8. Acesso em: 5 abr. 2025.

[119] KURMANAEV, Anatoly. Latin America Is Facing a 'Decline of Democracy' Under the Pandemic. **The New York Times**, 29 jul. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/07/29/world/americas/latin-america-democracy-pandemic.html?searchResultPosition=6. Acesso em: 5 abr. 2025.

medicamento como uma cura milagrosa, apesar do crescente consenso científico de que ele não é eficaz no tratamento da covid-19, a doença causada pelo coronavírus.

Relatos de Bolsonaro, seja sobre o resultado do seu teste ou sobre os sintomas que sentiu, são as principais fontes citadas diretamente no texto que, portanto, usa, predominantemente, uma fonte testemunha. Já em outras situações, Bolsonaro é fonte oficial, como quando é citado que o presidente chamou a pandemia de uma "gripezinha" ou quando, em suas redes sociais, defendeu o uso da hidroxicloroquina para tratar a doença. Fontes oficiais também são utilizadas para tratar dos dados da pandemia no Brasil. Os números de mortes e contágios são fornecidos com base em informações do "governo brasileiro".

Nesse mesmo trecho, é feita uma comparação direta com os Estados Unidos, que são, segundo Londoño (2020b), o único país com números superiores aos do Brasil em mortes e contágios. Apesar de a fonte desses dados não ter sido explicitada no artigo, é possível inferir que se trata de uma fonte oficial. Ao mesmo tempo, a comparação com os Estados Unidos não é aprofundada. Enquanto o jornal diz que o Brasil teve uma "chaotic response to the pandemic" (Londoño, 2020b, s/n) – uma resposta caótica à pandemia – a resposta dos Estados Unidos à doença não é esclarecida. Além disso, enquanto Bolsonaro (cuja valência é negativa) é descrito como um dos principais céticos com relação ao vírus e apoiador de medicamento sem comprovação científica, Donald Trump não é mencionado no artigo.

Vale destacar ainda que, ao longo desse texto, é frequente que fontes não sejam citadas e afirmações sejam atribuídas de forma vaga. Em alguns casos, como quando o jornal relata que o presidente brincou com "grandes pássaros" que vivem no palácio presidencial e ofereceu hidroxicloroquina para emas nos jardins, ou que saiu de motocicleta após anunciar que testou negativo para o coronavírus, não há fonte especificada, mas possivelmente são baseadas em fontes testemunhais. Em outros, é possível supor, que as afirmações sejam atribuídas a fontes independentes ou especialistas. É o que acontece no seguinte trecho:

> Mr. Bolsonaro's cavalier handling of the pandemic has contributed to a national response that public health experts regard as one of the worst in the world. He sabotaged quarantine measures imposed by governors by attending rallies, shaking hands in public and urging Brazilians to continue working[120] (Londoño, 2020b, s/n).

[120] O tratamento displicente do Sr. Bolsonaro em relação à pandemia contribuiu para uma resposta nacional que os especialistas em saúde pública consideram uma das piores do mundo. Ele sabotou as medidas de quarentena impostas pelos governadores ao comparecer a comícios, apertar as mãos em público e pedir aos brasileiros que continuassem trabalhando (Londoño, 2020b, s/n, tradução nossa)

A única pessoa citada diretamente além de Bolsonaro é um apoiador do então presidente, Carlos Jordy. Também uma fonte testemunha, o político brinca que o exame de Bolsonaro teria dado positivo para sua reeleição em 2022. Mas ele não é o único que faz brincadeira sobre o contexto pandêmico. Conforme relata o jornal, a foto de Bolsonaro correndo atrás de uma ema com uma caixa de hidroxicloroquina nas mãos virou "meme" nas redes sociais.

Ainda que o jornal indique que muitos brasileiros "find little humor in the president's social media antics" (Londoño, 2020, s/n) – em português, não achem graça do comportamento do presidente nas redes sociais – o que se reforça é o estereótipo do Brasil como um local onde tudo vira festa, pouco sério (Buarque, 2022) e onde o presidente coloca seus interesses privados acima do interesse público.

5.2.20 Agosto de 2020: negócio de família

Em um mês com apenas oito notícias que envolvessem o Brasil e Jair Bolsonaro, apenas três temáticas se destacaram: a pandemia de coronavírus[121], o desflorestamento[122] e mais um escândalo envolvendo a família do presidente. Esse último foi o assunto do texto elencado pelo algoritmo do *The New York Times* como o mais relevante de agosto de 2020, o artigo "'A Family Business:' Graft Investigation Threatens Brazil's Bolsonaro" ('Um negócio de família:' investigação de corrupção ameaça Bolsonaro do Brasil). Escrito por Ernesto Londoño, Manuela Andreoni e Letícia Casado, o texto foi publicado em 28 de agosto no site do jornal e no dia 29 na versão impressa.

Apesar de partir de um fato episódico (uma investigação de corrupção envolvendo a esposa e o filho mais velho de Bolsonaro), o texto adota um enquadramento temático, focado em contextualizar a situação política de Jair Bolsonaro para o leitor. Essa transição do fato para o contexto já pode ser percebido pela escolha da linha fina: "Brazilians are asking a question that could threaten President Jair Bolsonaro's political future: Why did his wife and son receive payments from a man under investigation for corruption?" (Londoño *et al.*, 2020a, s/n) – em português, brasileiros estão fazendo uma pergunta que pode ameaçar o futuro político do

---

[121] ANDREONI, Manuela; LONDOÑO, Ernesto. Coronavirus Crisis Has Made Brazil an Ideal Vaccine Laboratory. **The New York Times**, 15 ago. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/08/15/world/americas/brazil-coronavirus-vaccine.html?searchResultPosition=3. Acesso em: 5 abr. 2025.

[122] LONDOÑO, Ernesto; CASADO, Letícia. Under Pressure, Brazil's Bolsonaro Forced to Fight Deforestation. **The New York Times**, 1 ago. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/08/01/world/americas/Brazil-amazon-deforestation-bolsonaro.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 5 abr. 2025.

presidente Jair Bolsonaro: por que sua esposa e seu filho recebem pagamentos de um homem investigado por corrupção? Percebe-se que mais do que tratar do escândalo envolvendo a família do presidente, o texto tratará do que isso significa para ele.

Parte do tom de contextualização é dado pela descrição de quem é Jair Bolsonaro. Ele é descrito como "a president known for venting his anger at journalists and critics" (*Ibid.*) – em português, um presidente conhecido por desabafar sua raiva contra jornalistas e críticos – e que veio das "fringes of far-right politics to the presidency" (*Ibid.*) – em português, das periferias da extrema direita para a presidência. Ainda descrevendo a personalidade do mandatário brasileiro, o jornal escreve:

> In his two years in office, as Mr. Bolsonaro and his inner circle, including his sons, have become engulfed in a growing number of criminal and legislative investigations, he has lashed out at reporters, investigators and even members of his own cabinet who have dared go against him (Londoño *et al.*, 2020a, s/n)[123].

No texto, também são feitas interpretações do que acontece no Brasil. Os autores descrevem que o acúmulo de investigações contra Bolsonaro e pessoas próximas a ele está testando o Judiciário do país, que é, "one of the world's largest democracies, with the largest economy in the southern hemisphere" (Londoño et al., 2020a, s/n) – em português, uma das maiores democracias do mundo, com a maior economia do hemisfério sul. Para sustentar essas interpretações, o jornal se baseia em dados oficiais das investigações e também em falas de especialistas e fontes independentes. Essas fontes independentes podem ser representantes de organizações, como Bruno Brandão, da Transparency International, ou reportagens publicadas por outros veículos sobre informações vazadas das investigações.

O principal caso abordado no artigo é o da investigação sobre um suposto esquema de "rachadinhas" (no qual funcionários fantasmas entregam parte de seu salário para seu chefe). O crime teria acontecido no gabinete de Flávio Bolsonaro, filho do presidente, e Michele Bolsonaro, esposa de Jair, teria recebido dinheiro do suposto operador do esquema, Fabrício Queiroz. Empregando o ritual estratégico do uso judicioso das aspas (Tuchman, 1996), Londoño *et al.* (2020a) inserem a fala de Bruno Brandão que também é aplicada no título do artigo: "The suspicion is that this was a family business that lasted many years and moved a lot

[123] Em seus dois anos no cargo, enquanto Bolsonaro e seu círculo íntimo, incluindo seus filhos, foram envolvidos em um número crescente de investigações criminais e legislativas, ele atacou repórteres, investigadores e até mesmo membros de seu próprio gabinete que ousaram ir contra ele (Londoño *et al.*, 2020a, s/n, tradução nossa).

of money," (*Ibid.*) – em português, a suspeita é de que se tratava de um negócio de família que durou por muitos anos e movimentou muito dinheiro.

Esse e outros esquemas em que havia suspeita de que pessoas ligadas a Jair Bolsonaro estavam envolvidas são expostos no artigo do *The New York Times*, tendo como base, na maioria das vezes, fontes oficiais. Também são ouvidas fontes testemunhas, como os advogados das pessoas citadas na matéria, mesmo que eles nem sempre tenham aceitado dar declarações. Fontes especialistas também são ouvidas, como a procuradora federal Melina Flores e o ex-procurador Carlos Fernando dos Santos Lima. Ambos concordaram que a impressão que se tinha à época era de que a impunidade para os crimes de "colarinho branco" havia retornado no Brasil. Retornado porque, como lembra o *The New York Times*, anos antes, havia acontecido uma "cruzada anticorrupção" no país e, em 2020, um dos maiores representantes desse movimento, Sérgio Moro, havia acusado Bolsonaro de interferir em investigações.

Percebe-se, então, que as principais fontes ouvidas pelo jornal retratam o Brasil como um local onde a criminalidade e a ineficiência das instituições prevalecem. Mesmo que, como também relatado pelo *The New York Times*¸ os brasileiros se preocupem com o problema da corrupção no país, a sobrevivência, naquele momento, era o mais importante, como afirma outra fonte especialista ouvida pelo jornal, Mauro Paulino, diretor do Datafolha – em mais um emprego do ritual estratégico das aspas judiciosas (Tuchman, 1996).

E a sobrevivência era prioridade naquele momento porque o país estava em segundo lugar na lista das nações com mais casos de covid-19, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. Essa informação é passada no artigo, mas a comparação com o país de origem do *The New York Times* se restringe a esse dado e não é aprofundada. No texto, o foco é o Brasil e seu presidente, que aparecem com valências negativas que contribuem para reforçar estereótipos de que este é um lugar de criminalidade e de fragilidade institucional.

5.2.21 Setembro de 2020: um Brasil sem Carnaval

Em setembro de 2020, ficou claro que o "país do Carnaval" não poderia celebrar a festa no ano seguinte. Para o buscador do *The New York Times*, essa notícia foi a considerada mais relevante daquele mês usando os termos "Brazil" e Bolsonaro. O texto que tratou do tema foi o artigo "The Carnival Parade Is Canceled, and Rio Is Reeling" (O desfile de Carnaval foi cancelado e o Rio está cambaleando), publicado em 30 de setembro na versão online e no dia seguinte na edição impressa do periódico.

A notícia principal se ancora em um episódio: o cancelamento do carnaval oficial no Rio de Janeiro. Apesar disso, o enquadramento escolhido na escrita do artigo é o temático, que contextualiza não só os motivos de a festa não acontecer, mas também o significado do Carnaval. Por isso, ainda que fontes oficiais sejam utilizadas, principalmente, mas não exclusivamente, como fontes secundárias, também são ouvidas fontes especialistas, desde pesquisadores até pessoas que trabalham no Carnaval. Contudo, estes últimos, também aparecem, em outros pontos do texto, como fontes testemunhas. São eles que apresentam o Carnaval como um local de resistência, reforçando o que defendem Schwarcz e Starling (2018), de que o Brasil é um país que resiste às violências que sofre.

Esse posicionamento se evidencia em falas como a da costureira Lauane Martorelli, que lembra que as performances das escolas de samba, nos anos anteriores "have called out corruption, police brutality, structural inequality and racism using allegory and satire" (Andreoni e Londoño, 2020, s/n) – em português, denunciaram a corrupção, a brutalidade policial, a desigualdade estrutural e o racismo usando alegorias e sátiras. A ideia do Carnaval como resistência também está presente quando o jornal descreve a festa como "irrepressible force" (força irreprimível), tendo acontecido de forma ininterrupta por mais de um século. Isso significa que o Carnaval havia acontecido mesmo durante as guerras mundiais e durante a ditadura, durante períodos de doença, como a gripe espanhola, e durante greves trabalhistas.

O que faz da notícia tão relevante, portanto, é seu critério de noticiabilidade: o inesperado. É ele que determina que não basta o enquadramento episódico neste artigo, é necessário o enquadramento temático para explicar não apenas o que é o Carnaval, mas também por que a festa está sendo cancelada. A explicação é a pandemia de covid-19 que, conforme o texto, matou mais pessoas no Brasil do que em qualquer outro lugar do planeta, com exceção dos Estados Unidos.

A comparação com os norte-americanos não é aprofundada, se restringindo aos números e não ao que levou a eles ou suas consequências. As causas dos altos números brasileiros também não são abordadas no artigo, mas suas consequências, sim. Nesse caso, a ênfase é na crise econômica gerada pela pandemia. Ela é demonstrada por relatos de fontes testemunhas, que são o principal tipo de fonte utilizada no texto. Essas pessoas contam ao *The New York Times* sobre a diminuição de suas rendas e algumas, são mostradas em uma situação de vulnerabilidade tão grande que precisam de ajuda para se alimentar.

Com isso, fica claro que o texto reforça dois dos principais estereótipos sobre o Brasil: o país da festa e o país da desigualdade social, ou seja, como descreveram Schwarcz e Starling (2018), um país de contrastes. Isso garante que a valência com relação à imagem do Brasil seja

neutra neste artigo. São, sim, apresentados aspectos negativos sobre o país, mas seu povo é descrito com características positivas.

O mesmo não pode ser dito sobre o presidente Jair Bolsonaro. Ainda que não seja o foco central do texto, o mandatário aparece apenas sob uma valência negativa nesta matéria do *The New York Times*. Enquanto o povo brasileiro resiste, Bolsonaro é um presidente cujo "inner circle is engulfed in a growing number of criminal and legislative investigations" – em português, o círculo íntimo está envolvido num número crescente de investigações criminais e legislativas –, que é alvo de ridicularização na festa de Carnaval e que criou tumulto no Carnaval do ano anterior ao postar um vídeo de um comportamento que considerava "depravado" de foliões. No final do texto, o *The New York Times* recorre ao que Tuchman (1996) chama de citação judiciosa, com o diretor artístico da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, Leandro Vieira, dizendo que os organizadores do Carnaval do Rio de Janeiro são mais responsáveis que Bolsonaro, "who has disdained the virus' threat" – em português, que desdenhou da ameaça do vírus.

5.2.22 Outubro de 2020: uma dupla destrutiva

O assunto coronavírus, certamente, foi o que mais ensejou a produção de textos no *The New York Times* envolvendo o Brasil em 2020. Em 27 de outubro daquele ano, o jornal publicou, tanto em sua edição impressa quanto na versão online, um texto intitulado "How Trump and Bolsonaro Broke Latin America's Covid-19 Defenses" (Como Trump e Bolsonaro quebraram as defesas da América Latina contra a Covid-19). O texto, que adota enquadramento temático, faz parte de uma série de reportagens do periódico que tinha como proposta compreender o que fez com que a covid-19 se espalhasse pelo mundo.

No caso da América Latina, a explicação dada pelo *The New York Times* já aparece na linha fina: "The two presidents drove out 10,000 Cuban doctors and nurses. They defunded the region's leading health agency. They wrongly pushed hydroxychloroquine as a cure" (Kirkpatrick e Cabrera, 2020, s/n) – em português: os dois presidentes expulsaram 10 mil médicos e enfermeiros cubanos. Eles retiraram fundos da principal agência de saúde da região. Eles promoveram erroneamente a hidroxicloroquina como cura.

O texto retoma o encontro entre Bolsonaro e Trump ainda no início de março de 2020. Segundo o artigo com a visita, o brasileiro desejava "burnish his image as the 'Trump of the Tropics'" (Kirkpatrick e Cabrera, 2020, s/n) – em português: reforçar sua imagem como o "Trump dos Trópicos". Ao voltar dos Estados Unidos, 22 membros da comitiva de Bolsonaro

testaram positivo para covid-19 e o presidente não se preocupou, relada o NYT, já que Trump havia compartilhado com ele a cura: o remédio hidroxicloroquina, cuja eficácia para tratar covid-19 não era comprovada cientificamente.

O relato foi feito com base em uma fonte independente: o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, que saiu do governo pouco após o episódio que conta ao *The New York Times*, podendo, portanto, ser classificado desta maneira por não ser, no momento de produção da matéria, ligado ao objeto da notícia. Contudo, com base em interpretação de fatos obtidos por fontes oficiais, o jornal informa que as ações de Trump e Bolsonaro que culminaram na crise da pandemia de covid-19 começou mesmo antes do vírus se espalhar pelo mundo, quando, devido à oposição ideológica de ambos os presidentes à esquerda, eles articularam para tirar cerca de 10 mil médicos cubanos que atuavam no Brasil, no Equador, na Bolívia e em El Salvador, sem deixar ninguém para substituí-los. Assim, quando a doença chegou, esses locais estavam vulneráveis.

Mandetta e outra fonte testemunha, o médico equatoriano Washington Alemán, também relatam as consequências da decisão de Donald Trump de interromper o financiamento da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), que, com sua experiência de 120 anos, poderia ter contribuído para frear a pandemia. A opinião de ambos é endossada, segundo o jornal, por "especialistas em saúde pública", que não são citados nominalmente. Além disso, fotos de Manaus, no Brasil, e de Guaiaquil, no Equador, ajudam a reforçar a ideia de precariedade desses locais após a saída dos médicos cubanos.

Nos artigos analisados, nem sempre as fotografias acrescentam algo ao texto, servindo, em muitos casos, como mera ilustração. É o caso da foto do encontro entre Jair Bolsonaro e Donald Trump, presente nesta matéria. Porém, neste artigo, algumas fotografias servem para aprofundar o que é dito no texto, como nas fotos de Guaiaquil e Manaus, que mostram locais com infraestruturas precárias e pessoas com expressão de sofrimento em seus rostos. Nesses casos, as imagens também podem ser descritas como fontes testemunhas do que está acontecendo.

Além de fontes testemunhas, o texto recorre a fontes secundárias, que são oficiais, especialistas ou independentes, para trazer o contexto da chegada dos médicos cubanos e dos motivos de eles terem sido mandados embora do Brasil e de outros países latino-americanos. Conforme relatado no artigo, os médicos cubanos chegaram ao Brasil por uma negociação feita por uma antecessora de Bolsonaro (Dilma Rousseff, que não tem o nome citado) para levar médicos a regiões remotas. O projeto, segundo fontes científicas citadas pelo jornal, havia sido um sucesso. Porém, durante a campanha presidencial de 2018, um jornal brasileiro expôs

telegramas diplomáticos revelando que o pagamento dos médicos havia sido feito via Organização Pan-Americana da Saúde para evitar debates no Congresso.

No artigo, Kirkpatrick e Cabrera (2020) informam que Cuba exportava médicos para outros países há décadas, mas apenas cerca de um quarto do que os países pagavam para o governo cubano era repassado aos profissionais. Porém, Bolsonaro usou essa discrepância nos repasses para acusar a Opas de escravidão e prometer mandar os médicos de volta para Cuba. As declarações de Bolsonaro, a quem o *The New York Times* descreve como "autodenominado populista trumpista", chegaram aos Estados Unidos e o jornal escuta o relato de Tony Costa, fundador da Foundation for Human Rights in Cuba, que atua como fonte testemunha do que acontecer à época, quando ele entrou com uma ação judicial acusando a Opas de tráfico de pessoas e trabalho escravo. O senador republicano Rick Scott também é ouvido na qualidade de fonte testemunha, falando da indignação do tratamento dos cubanos. Já os advogados da Opas (também fontes testemunhas) ouvidos pelo *The New York Times* afirmaram que as acusações são falsas e especialistas citados apenas de maneira vaga pelo jornal disseram que o processo é, na melhor das hipóteses, um tiro no escuro. Ainda assim, o jornal cita suas consequências (possivelmente baseado tanto em fontes oficiais quanto em independentes): o governo nos Estados Unidos fez pressão para que os médicos cubanos deixassem os países latinos e suspendeu o financiamento da Opas, minguando a organização e impedindo-a de atuar efetivamente no combate à pandemia devido à "severe funding crisis" (grave crise de financiamento).

Outras fontes testemunhais dão conta de como foi a chegada do coronavírus no Equador e o impacto que teve a ausência da Opas. As medidas do governo se provaram inadequadas e, segundo o ministro da saúde equatoriano, que assumiu a pasta depois do início da pandemia, foram resultado de "ignorância" e da falta de recursos. Não havia máscaras disponíveis e, conforme relata a reportagem, 130 médicos morreram, além de pessoas comuns, cujas histórias são relembradas no artigo por familiares (fontes testemunhas).

A própria Opas também é ouvida pelo *The New York Times*, representada por Jarbas Barbosa da Silva Jr., seu vice-diretor, que atua, neste caso, como fonte oficial. Ele afirma que as consequências do corte de verba por parte dos Estados Unidos são severas, mas difíceis de precisar. O NYT também ouviu fontes oficiosas da organização, sem revelar seus nomes para "avoid angering the Trump administration" (evitar irritar a administração Trump). Elas disseram que o dinheiro estadunidense teria permitido que a agência ajudasse mais e de forma mais rápida. A fala é endossada por uma outra fonte testemunha, a funcionária do Ministério da Saúde do Equador, Carmina Pinargote. Ela compara a atuação da Opas na pandemia e

durante um terremoto no país em 2016, quando a atuação da organização, para ela, fez toda a diferença.

A situação no Brasil também é reportada com a ajuda de fontes testemunhas, além de fontes oficiais (como fala de Jair Bolsonaro e dados de órgãos ligados ao governo) e oficiosas, como a médica Nise Yamaguchi, defensora do uso da hidroxicloroquina. Observa-se ainda que o tipo de fonte utilizada muda de acordo com o país retratado. Ao falar do Brasil, há uma variedade maior de fontes, enquanto ao falar do Equador as fontes são prioritariamente testemunhais. Já ao falar dos Estados Unidos, a maioria das informações são baseadas em fontes oficiais, com dados de órgãos estadunidenses e declarações de membros do governo.

É possível fazer uma associação entre o uso de fontes e o papel que cada um desses países desempenha no texto. O Equador é apenas um exemplo de como os países latinos sofreram com uma decisão dos Estados Unidos, verdadeiro protagonista da reportagem. Já o Brasil aparece como um país que tem um local de ação, mas que também sofre consequências do protagonismo estadunidense. Isso pode ser percebido quando, ao mesmo tempo que Trump e Bolsonaro são associados com frequência, Bolsonaro aparece como uma cópia de Trump que pode ser influenciado por ele e mesmo ludibriado pelo americano, como retratado no seguinte trecho:

> And with help from Mr. Trump, Mr. Bolsonaro has made hydroxychloroquine the centerpiece of Brazil's pandemic response, despite a medical consensus that the drug is ineffective and even dangerous. The Food and Drug Administration warned last April against most uses of the drug to treat Covid-19. A month later, Mr. Trump announced after a phone call with Mr. Bolsonaro that the United States would send Brazil two million doses[124] (Kirkpatrick e Cabrera, 2020, s/n).

Ainda que Trump e Bolsonaro apareçam com valências negativas, sendo, como já indica o título, responsáveis por destruir as defesas da América Latina contra a pandemia, Bolsonaro aparece também como subordinado a Trump, o que contribui para reforçar o estereótipo de um Brasil com instituições frágeis. Essa fragilidade impacta na imagem do país, que também é representado de maneira negativa na reportagem.

[124] Em tradução livre: e com a ajuda de Trump, Bolsonaro fez da hidroxicloroquina a peça central da resposta à pandemia no Brasil, apesar do consenso médico de que o medicamento é ineficaz e até perigoso. A Food and Drug Administration [órgão que se compara à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa)] alertou no último mês de abril contra a maioria dos usos do medicamento para tratar a covid-19. Um mês depois, Trump anunciou, após um telefonema a Bolsonaro, que os Estados Unidos enviariam ao Brasil dois milhões de doses (Kirkpatrick e Cabrera, 2020, s/n, sem número).

5.2.23 Novembro de 2020: derrubando a floresta

Em novembro de 2020, os números relacionados ao coronavírus no Brasil começaram a melhorar. Já se falava em testes de vacinas[125] e a popularidade de Jair Bolsonaro voltava a subir[126]. Todos esses foram assuntos abordados pelo *The New York Times*, que teve como tema mais importante do mês envolvendo o Brasil e Bolsonaro o desmatamento na Floresta Amazônica. O buscador do jornal selecionou como mais relevante o artigo "Brazil Amazon Deforestation Hits 12-Year High Under Bolsonaro" (Desmatamento na Amazônia brasileira atinge maior nível em 12 anos sob Bolsonaro), publicado apenas na versão online no dia 30 de novembro e escrito pela agência Reuters.

O enquadramento adotado pelo artigo é episódico, focado nos números trazidos por fontes oficiais sobre o desmatamento na floresta. Essa ênfase já pode ser percebida na linha fina, que enfatiza: "In 2020, destruction of the world's largest rainforest rose 9.5 percent from a year earlier to about 4,280 square miles. That's a little smaller than Connecticut" (Reuters, 2020, s/n) – em português: em 2020, a destruição da maior floresta tropical do mundo aumentou 9,5% em relação ao ano anterior, para cerca de 4.280 milhas quadradas. Isso é um pouco menor que Connecticut. Aqui, percebe-se uma comparação estritamente objetiva com os Estados Unidos, apenas para que os leitores tenham dimensão do espaço destruído.

Mas essa não é a única presença dos Estados Unidos no texto. O então presidente Donald Trump não é mencionado, mas Joe Biden, o presidente eleito, é citado no artigo. Ele atua como uma fonte oficiosa, neste caso, uma vez que ainda não pode falar pelo governo dos Estados Unidos, mas diz que o mundo deveria enviar recursos financeiros ao Brasil para ajudar a combater o desmatamento e que o país deveria sofrer sanções caso não conseguisse fazer isso. Como fontes oficiais, o jornal cita "líderes europeus" que teriam dito que o Brasil não está fazendo o suficiente para proteger a Amazônia, ainda que, dentre esses líderes, apenas o presidente da França, Emmanuel Macron, tenha sido citado nominalmente.

Dentre as fontes brasileiras, além das organizações ligadas ao governo que servem como fontes oficiais para os dados apresentados no artigo, o presidente Jair Bolsonaro e o vice-

---

[125] WEE, Sui-Lee; LONDOÑO, Ernesto. In Brazil's Halt of Chinese Vaccine Trial, Critics See Politics. **The New York Times**, 10 nov. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/11/10/world/asia/brazil-china-vaccine-covid19.html?searchResultPosition=5. Acesso em: 5 abr. 2025.

[126] LONDOÑO, Ernesto; ANDREONI, Manuela; CASADO, Letícia. As Brazil's Covid Crisis Eases, Bolsonaro Sees Rising Popularity. **The New York Times**, 16 nov. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/11/16/world/americas/brazil-bolsonaro-covid.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 5 abr. 2025.

presidente Hamilton Mourão também são citados. Mourão, cuja ligação com o Exército não é citada, enfatiza, em sua fala, que os números naquele ano eram um progresso, já que o ritmo de crescimento do desmatamento havia desacelerado com relação ao ano anterior. Já Bolsonaro é citado apenas indiretamente no final do texto, afirmando que Joe Biden estava ameaçando a soberania do Brasil.

Contudo, os rituais estratégicos utilizados ao longo do texto fazem com que a afirmação de Bolsonaro pareça menos relevante e até pouco confiável na interpretação do leitor. Isso porque ela está na última frase do artigo, algo que, na lógica jornalística da pirâmide invertida (Tuchman, 1996 e Traquina, 1993), indica que tem menos importância. Além disso, ao longo do restante do texto são utilizadas estratégias como a possibilidade de conflito e o uso de citações de forma judiciosa. Esse último ocorre, principalmente, no seguinte trecho:

> The figures "show that Bolsonaro's plan worked," the Brazilian nongovernmental organization Climate Observatory said in a statement. "They reflect the result of a successful initiative to annihilate the capacity of the Brazilian State and the inspection bodies to take care of our forests and fight crime in the Amazon." (Reuters, 20220, s/n)[127].

A organização não governamental Climate Observatory é a úncia fonte independente citada nominalmente. Porém, é possível inferir que outros dados, usados como fontes secundárias no texto, também são provenientes de fontes independentes, especialmente veículos noticiosos, incluindo o próprio *The New York Times*. É com base nessas fontes que o artigo faz afirmações como a que Bolsonaro "enfraqueceu a fiscalização ambiental".

A relevância dada à Amazônia reforça o estereótipo do Brasil como o país da natureza. Contudo, a fato de a natureza não estar sendo bem cuidada, especialmente em um lugar cuja "protection is crucial to stopping catastrophic climate change" (Reuters, 2020, s/n) – a proteção é crucial para impedir mudanças climáticas catastróficas – faz com que a valência da imagem do Brasil seja negativa. É possível afirmar ainda que o responsável por essa valência negativa com relação à imagem do Brasil é Jair Bolsonaro, também retratado negativamente, uma vez que, conforme o texto, são as medidas tomadas pelo presidente que fizeram o Brasil chegar a essa situação.

---

[127] Os números "mostraram que o plano de Bolsonaro funcionou", afirmou a organização não governamental brasileira Observatório do Clima em comunicado. "Eles refletem o resultado de uma iniciativa bem-sucedida de aniquilar a capacidade do Estado brasileiro e dos órgãos fiscalizadores de cuidar de nossas florestas e combater o crime na Amazônia" (Reuters, 20220, s/n, tradução nossa).

5.2.24 Dezembro de 2020: brincando com vidas

Em um mês em que o Brasil pouco teve destaque no noticiário do *The New York Times*, o principal tema envolvendo o país e seu presidente foi o plano brasileiro de vacinação contra a covid-19. Esse é o assunto do texto "'Playing With Lives': Brazil's Covid Vaccine Plan Is Mired in Chaos" ('Brincando com vidas': o plano brasileiro de vacinação contra a covid está atolado no caos), publicado em 14 de dezembro no site do jornal e no dia seguinte na edição impressa. Esse foi o artigo selecionado pelo buscador do *The New York Times* como o mais relevante daquele mês.

Há que se notar que o título opta por adjetivar o plano brasileiro para as vacinas de "caótico". O tom interpretativo, que se afasta da pretensa imparcialidade jornalística, continua na linha fina, na qual o jornal chama o planejamento de "haphazard" (aleatório) e diz que esse fator, somado às lutas políticas e ao movimento antivacinas fazem do Brasil, um "cautionary tale in the coronavirus era" (Londoño *et al.*, 2020b, s/n) – em português, conto de advertência na era do coronavírus.

O espaço para a interpretação só é possível porque o texto adota um enquadramento temático, focado nos contextos. Essa contextualização é embasada por fontes secundárias que são, muitas vezes, veículos noticiosos (portanto, fontes independentes), mas também por fontes oficiais, como o então governador de São Paulo, João Doria, descrito pelo jornal como um dos principais rivais políticos do presidente da República. Porém, Doria também atua como fonte testemunha ao relatar as trocas frequentes no comando do Ministério da Saúde e criticar o Governo Federal. Este, por sua vez, também atuando como fonte oficial, responde Doria com outra crítica, chamando a compra de vacinas da China de "populismo barato e irresponsável".

Como contraponto, o *The New York Times* apresenta a fala da epidemiologista Carla Domingues (fonte especialista), que afirma que a vacinação, no Brasil se tornou "a partisan issue" (uma questão partidária), algo que, como ela relata, nunca havia acontecido antes. Ao contrário, como o jornal enfatiza, provavelmente baseado em fontes oficiais e especialistas, o Brasil tinha um "world-renowned immunization program and a robust pharmaceutical manufacturing capacity" (Londoño *et al.*, 2020b, s/n) – em português, programa de imunização de renome mundial e uma robusta capacidade de produção farmacêutica.

Essas características faziam com que "especialistas", não mencionados nominalmente pelo jornal, acreditassem que o Brasil teria vantagem na vacinação. A quebra dessa expectativa – portanto, o inesperado – foi o que motivou a veiculação desta notícia e a escolha de seu enquadramento. O esperado, então, era que o Brasil fosse exemplo (uma imagem positiva), mas

o que ocorreu foi o "caos", resultando em uma valência negativa para a imagem do Brasil, a de um país que, como destaca outra fonte especialista a epidemiologista brasileira americana Denise Garrett, o governo está "brincando com vidas" em um nível que "beira o criminoso".

No Brasil, relata o jornal com base em fontes oficiais, o ministro da Saúde apresentou um plano de vacinação sem um cronograma claro e apenas após imposição da Suprema Corte. O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, afirmou, também como fonte oficial, que o Legislativo assumiria o controle da situação caso o Executivo continuasse a "fumble" (atrapalhar). Governadores e o presidente do Conselho Nacional de Secretários de Saúde também são ouvidos pelo jornal, como fontes oficiais, criticando e cobrando o Governo Federal.

Em comparação, destacam Londoño *et al.* (2020b, s/n), o Reino Unido e os Estados Unidos, estão "giving their populations a chance to begin to imagine a post-pandemic life" – em português, dando a chance que suas populações imaginem uma vida pós-pandemia. Mas o que faz o Brasil ir no caminho inverso dessas outras nações? A construção do texto do *The New York Times* torna possível a interpretação de que foi Jair Bolsonaro. Já no início do artigo o presidente brasileiro é descrito como alguém que: "dismissed scientific evidence, called the virus a "measly" cold that did not warrant shutting down the region's largest economy, and berated governors who imposed quarantine measures and business closures" (Londoño *et al.*, 2020b, s/n) – em português: rejeitou as evidências científicas, chamou o vírus de uma "gripezinha" que não justificava o fechamento da maior economia da região e repreendeu os governadores que impuseram medidas de quarentena e fechamento de empresas.

As falas de dois dos apoiadores de Bolsonaro (que podem ser entendidos como fontes oficiosas) trazem, como demonstra o jornal, informações falsas sobre as vacinas. Ainda que o *The New York Times* diga que "especialistas" afirmam que Bolsonaro também mente sobre os imunizantes, o periódico não traz exemplos práticos disso. Ainda assim, é possível inferir que o posicionamento do veículo quanto às ações de Bolsonaro foi expresso por meio de uma citação judiciosa (Tuchman, 1996) da pesquisadora Denise Garrett, que defende que o movimento antivacinas, que já existia nos Estados Unidos, se espalhou mais rápido na "era Bolsonaro". Nesse contexto, não há dúvidas de que a valência da imagem de Bolsonaro não apenas é negativa neste artigo como também contribuiu para que a imagem do país também fosse retratada da mesma maneira.

5.2.25 Janeiro de 2021: Biden e a Amazônia

Janeiro de 2021 marcou a ascensão de Joe Biden à presidência dos Estados Unidos. Durante sua campanha para a Casa Branca, o democrata prometera investir na preservação da Amazônia. Sendo assim, não é de se estranhar que, em seu primeiro mês como presidente, o tema mais relevante para o buscador do *The New York Times* envolvendo o Brasil e Bolsonaro tenha sido o desflorestamento na região amazônica.

O texto escolhido pelo buscador foi "Former U.S. Climate Leaders Press Biden on Amazon Deforestation" (Ex-líderes climáticos dos EUA pressionam Biden sobre o desmatamento da Amazônia), publicado em 29 de janeiro na versão online e no dia 30 na versão impressa do *The New York Times*. Nele, Friedman (2021) relembra a promessa de Biden de investir 20 bilhões de dólares no combate ao desmatamento na Amazônia e da ameaça de que haveria "consequências econômicas significativas" caso o desmatamento continuasse.

No segundo parágrafo, ou sub-lead, o jornal apresenta a reação de Jair Bolsonaro à fala de Biden. Diferente de outras ocasiões, em que era descrito como "mini Trump" e "far right leader" (líder de extrema direita), aqui, o mandatário brasileiro aparece descrito como "Brazil's conservative populist presidente" (Friedman, 2021, s/n) – em português, o presidente conservador e populista do Brasil. Em sua declaração, dada via Twitter (hoje X), Bolsonaro afirma que a soberania brasileira não era negociável e que não aceitaria ameaças.

Observa-se que o lead e o sub-lead se baseiam em declarações dos atuais presidentes de ambos os países. Portanto, mesmo no caso de Biden, cuja fala é de antes de se tornar presidente, no momento de publicação do texto, ambas podem ser compreendidas como vindas de fontes oficiais. Ainda assim, se levarmos em conta o título, ambos os parágrafos não se relacionam diretamente ao que a manchete indica que será noticiado: as cobranças de ex-líderes climáticos estadunidenses sobre as promessas de campanha de Biden. O que foi apresentado no início do texto é o contexto dessa promessa e a repercussão que ela teve. Esse é um dos fatores que indica que o enquadramento do texto é o temático.

É só depois dessa contextualização que o texto trata o episódio que motivou a notícia, uma coalisão bipartidária que cobrava que Biden cumprisse sua promessa. O grupo enviou uma carta para o presidente e para a vice-presidente, Kamala Harris. Trechos dessa carta são citados no texto e podem ser classificados como uma fonte oficial, uma vez que representam o grupo. Da mesma forma, quando Bruce Babbitt, um dos membros do grupo, é citado falando em nome dele, também ele pode ser considerado uma fonte oficial.

Tendo isso em vista, a maior parte do artigo se baseia em fontes oficiais. Elas são empregadas também para tratar do que era feito naquele momento nos Estados Unidos. É razoável supor que o jornal recorreu às leis locais (fontes oficiais) para averiguar que, àquela época, era proibido que companhias estadunidenses comprassem madeira vinda de áreas desmatadas. A mesma regra, reforça Friedman (2021), não valia para carne, soja e outras commodities agropecuárias. Mas a interpretação dessas leis é dada por uma fonte independente, o chefe da organização Climate Advisers, Nigel Purvis. Em sua fala, o executivo argumenta que as ausências na lei incentivam os incêndios ilegais na Amazônia.

Constata-se, portanto, que os Estados Unidos se colocam, ao longo de todo o texto, como protagonistas na situação do desflorestamento na Amazônia. O dinheiro dado pelos estadunidenses poderia deixar a floresta em pé, suas leis favorecem ou desincentivam o desmatamento etc. Já o Brasil, enquanto país, aparece de forma passiva, sujeito sempre às ações de outro. Aqui, reforça-se o estereótipo do Brasil como país da natureza, afinal, o jornal informa que "cientistas" (fontes especialistas trazidas apenas de maneira vaga) veem na Amazônia um papel central para prevenir o aumento das temperaturas globais e Bruce Babbitt descreve a floresta como "absolutely essential to the world" (absolutamente essencial para o mundo).

Descrições como essa do Brasil impedem que o país seja retratado de forma negativa. Contudo, não é dada voz aos brasileiros. De todas as fontes, apenas Bolsonaro e dados de agências governamentais do Brasil são citados. A longa história de apoio à preservação da Amazônia, como descreve a carta citada no artigo, é dos estadunidenses. Com isso, a valência da imagem do Brasil no texto é neutra.

O mesmo não pode ser dito da valência da imagem de Bolsonaro. Ele, sim, é responsabilizado pelo desmatamento na Amazônia, uma vez que o artigo informa que o desmatamento bateu recordes em seu governo. Descrito como aliado próximo de Trump que repete suas acusações sem fundamento de fraude nas eleições dos Estados Unidos, Bolsonaro é visto (com base nas declarações do ex-embaixador estadunidense no Brasil, Thomas Shannon, uma fonte especialista) como alguém que precisa ser convencido de preservar o que o texto indica ser um dos recursos mais valiosos do mundo.

5.2.26 Fevereiro de 2021: nada de máscaras

Fevereiro de 2021 foi um período com apenas uma notícia filtrada envolvendo o Brasil e Bolsonaro, que gerou um texto e um parágrafo em um *briefing* no *The New York Times*. O texto "As Brazil faces record Covid-19 deaths, a variant-fueled surge and lagging vaccinations,

Bolsonaro disparages masks" (Enquanto o Brasil enfrenta um recorde de mortes por Covid-19, um aumento alimentado por variantes e atraso na vacinação, Bolsonaro menospreza as máscaras) nem mesmo chegou à versão impressa do *The New York Times*, sendo apenas publicado na versão online no dia 26 de fevereiro.

O fato que motivou o artigo é apresentado na linha fina: "The president says that the pandemic precaution can lead to headaches, difficulty concentrating and a 'decreased perception of happiness'" (Londoño, 2021a, s/n) – em português: o presidente diz que o cuidado com a pandemia pode causar dores de cabeça, dificuldade de concentração e "diminuição da percepção de felicidade".

Mas esse não é o único fato novo a ser noticiado. No primeiro parágrafo do texto, Londoño (2021a) explica que a fala de Bolsonaro veio ao mesmo tempo que o Brasil batia um recorde do número de mortes diárias. Os dados são de um consócio de mídia, portanto, uma fonte independente, uma vez não estando vinculados ao governo. Já dados oficiais davam conta de que variantes mais contagiosas do coronavírus estavam aumentando o número de pessoas infectadas pela doença, o ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, chegou a dizer que o Brasil vivia um novo estágio da doença. Mas, em seu pronunciamento semanal via Facebook, o presidente da República (também uma fonte oficial), atacou o uso de máscaras citando um "estudo alemão" não especificado.

Como o foco do texto é trazer esses dados novos sobre a pandemia no Brasil, seu enquadramento é, principalmente, episódico, porém, também existem partes do texto dedicada aos contextos. Em parte, esses dados contextuais são trazidos por fontes secundárias oficiais, mesmo que elas não sejam explicitadas, como os dados de que os números de casos e mortes por covid estavam caindo em todo o mundo, incluindo nos Estados Unidos, mas que no Brasil estavam subindo. As informações sobre o comportamento de Bolsonaro podem ter sido retiradas de declarações anteriores do próprio presidente, portanto, fontes oficiais. Contudo, o jornal não deixa clara a fonte da seguinte informação: "Mr. Bolsonaro has been criticized at home and abroad for his cavalier response to the coronavirus pandemic" (Londoño, 2021a, s/n) – em português: Bolsonaro foi criticado no Brasil e no exterior por sua resposta arrogante à pandemia do coronavírus.

Mesmo que os críticos não sejam especificados, o uso de fontes oficiais para comprovar que os números do Brasil estão piores do que nos demais lugares do mundo é suficiente para criar uma imagem de valência negativa para o país. O texto aponta ainda que os Estados Unidos tinham um número total de mortes causadas pela doença maior do que o Brasil, mas que, no país de origem do *The New York Times*, os números estavam melhorando. Há, portanto, uma

comparação direta entre o Brasil e os Estados Unido, com os últimos sendo colocados em uma posição melhor do que o Brasil, ainda que o número total de mortes deles fosse o dobro do total brasileiro.

O que essa comparação deixa de fora é uma possível correlação entre as administrações dos países. Neste artigo, Bolsonaro não é apresentado como apoiador de Trump, como aconteceu nos textos anteriores publicados pelo jornal. Uma possível explicação para isso é a alteração no governo dos Estados Unidos que, no momento de publicação do texto, era administrado por Joe Biden.

O que há no artigo é um reforço do estereótipo do Brasil como o país do atraso. Afinal, o presidente, apresentado também sob um viés negativo, contradiz medidas de segurança e espalha dados com embasamento duvidoso, o que deixa implícita uma correlação entre esse comportamento e o aumento de casos no país. Além disso, a apresentação de dados da pandemia vindos de fontes independentes indica que as fontes oficiais brasileiras não são totalmente confiáveis, contribuindo para a ideia de precariedade institucional no país.

5.2.27 Março de 2021: improviso e confusão

Em março de 2021, o Brasil atingiu a marca de 300 mil mortes causadas pela covid-19[128]. Notícias relacionadas à pandemia foram as mais frequentes envolvendo o Brasil e Bolsonaro na cobertura do *The New York Times* naquele mês. O desmatamento na Amazônia[129] e uma crise no governo Bolsonaro[130] também foram pauta para o jornal em março. Já o texto mais relevante conforme o algoritmo do *The New York Times* foi "As Virus and Economic Woes Ravage Brazil, Bolsonaro Improvises and Confounds" (Enquanto vírus e problemas econômicos devastam o Brasil, Bolsonaro improvisa e confunde), publicado em 31 de março na versão online e no da seguinte na versão impressa do periódico.

---

[128] REUTERS. A day after passing 300,000 Covid deaths, Brazil logs a daily record of more than 100,000 new infections. **The New York Times**, 25 mar. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/live/2021/03/25/world/covid-vaccine-coronavirus-cases/a-day-after-passing-300000-covid-deaths-brazil-logs-a-daily-record-of-more-than-100000-new-infections?searchResultPosition=4. Acesso em: 5 abr. 2025.

[129] FOUNTAIN, Henry. Tropical Forest Destruction Accelerated in 2020. **The New York Times**, 31 mar. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/03/31/climate/deforestation-amazon-brazil.html?searchResultPosition=7. Acesso em: 5 abr. 2025.

[130] LONDOÑO, Ernesto; CASADO, Letícia. Brazil's Armed Forces Chiefs Resign Abruptly Amid Cabinet Shake-Up. **The New York Times**, 30 mar. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/03/30/world/americas/brazil-bolsonaro-military-resignations.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 5 abr. 2025.

Pelo título é possível perceber que o texto não trata de um acontecimento factual, mas, sim, da apresentação do contexto em que o governo de Jair Bolsonaro está inserido. O tom com relação ao presidente é crítico, o que pode ser notado pela atribuição de ações confusas e improvisadas ao presidente. Esse tom negativo é reforçado na linha fina, quando Londoño e Casado (2021, s/n) indicam que "Critics see the recent behavior of Brazil's president — polarizing in the best of times — as an unnerving sign of a flailing leader. His strategy, if there is one, is difficult to discern" – em português: os críticos veem o comportamento recente do presidente do Brasil – polarizando nos melhores casos – como um sinal angustiante de um líder instável. Sua estratégia, se houver, é difícil de discernir.

Nesse momento, os autores não identificam quem são os críticos, tratando-os apenas de maneira generalista. Da mesma forma, após citar as várias ações recentes de Bolsonaro – entre as quais estavam ter levado o sistema público de saúde ao colapso durante a pandemia, ter ridicularizado deputados de oposição e ter trocado os chefes das forças armadas sem explicação pública – o artigo afirma que "muitos" no Brasil estão confusos e nervosos com as atitudes do presidente, sem que esses "muitos" sejam personificados em uma fonte.

Ao menos parte desses "muitos" pode se referir a deputados que apresentaram um pedido de impeachment contra Bolsonaro e chamaram a dispensa dos comandantes de "dangerous and destabilizing action" (Londoño e Casado, 2021, s/n) – em português: uma ação perigosa e desestabilizadora. Nesse caso, ainda que nenhum deputado tenha sido mencionado nominalmente, pode-se inferir que a fonte utilizada pelo jornal é uma fonte oficial.

Também são presumivelmente oficiais ou independentes fontes que embasam informações como os números de mortes na pandemia, a taxa de ocupação em hospitais e o retorno do "main rival" (principal rival) de Bolsonaro, Luiz Inácio Lula da Silva, à arena política. Esses fatos são intercalados pelo jornal por interpretações, algumas vezes ancoradas em citações judiciosas (Tuchman, 1996). Uma das citações utilizadas para endossar interpretações do jornal é a da senadora Kátia Abreu. É ela quem diz que não há estratégia nas ações do presidente (algo que já havia sido questionado na linha fina do artigo) e fala do improviso que levam a crises (como o jornal já havia afirmado no título, que não usa uma citação da senadora).

É também em um tom de interpretação dos fatos que Londoño e Casado (2021, s/n) afirmam que "Mr. Bolsonaro is facing an array of overlapping challenges as he struggles to shore up his electoral base ahead of a campaign for re-election next year" – em português: Bolsonaro enfrenta uma série de desafios ao mesmo tempo enquanto luta para reforçar a sua base eleitoral antes da campanha para a reeleição no próximo ano. Já os desafios elencados são

sustentados por fontes oficiais: o aumento do desemprego, a anulação das acusações de corrupção contra Lula, desafios orçamentários e a crise da pandemia que, por sua vez, "has turned the country into an international pariah" (Londoño e Casado, 2021, s/n) – em português: transformou o país em um pária internacional. Aqui, pode-se perceber que, mesmo que não tenha sido feita comparação direta com nenhum outro país ou governo, o jornal indica que as direções tomadas no Brasil foram diversas das adotadas no mundo, percepção que envolve interpretação por parte dos autores do artigo.

Contudo, além de fontes oficiais, o jornal também recorre a especialistas para reforçar a interpretação de que, frente à crise, as ações de Bolsonaro não parecem fazer sentido. É o que diz o professor de ciência política da Universidade Estadual do Rio de Janeiro Maurício Santoro, que afirma que os movimentos recentes do presidente não tinham "political coherence" (coerência política). Para demonstrar com fatos o que é dito, o *The New York Times* opta por elencar ações que possivelmente serão interpretadas como sem sentido para os leitores: os novos ataques do presidente à quarentena mesmo com a recomendação de especialistas para que a medida seja adotada e com o número de mortes no país batendo recordes; e a falta de explicação sobre a troca de comando das forças armadas.

Se não havia explicação oficial sobre as mudanças, restavam as especulações de "deputados e analistas". Segundo essas fontes independentes que não são especificadas pelo jornal, havia um desentendimento sobre o papel que as forças armadas desempenhariam no governo. Para validar essa interpretação, o *The New York Times* traz falas de duas fontes. Uma delas é a do presidente da República (fonte oficial), que havia dito anteriormente que o exército "dele" não seria usado para garantir a quarentena. Já a segunda é uma fonte testemunha: uma carta de um dos generais demitidos afirmando que ele havia preservado as forças armadas como instituições do Estado, algo que, conforme informado pelo artigo, foi interpretado como uma resistência à politização dos militares.

Nesse contexto, o jornal utiliza novamente uma citação judiciosa ao citar uma declaração dada por seis possíveis candidatos às eleições de 2022. Nele, eles falam da ameaça à democracia do Brasil e da importância de defender valores democráticos. Em contraposição, o jornal também cita uma declaração do ministro da Defesa, o ex-general do Exército Walter Souza Braga Netto, dizendo que o golpe militar de 1964 deveria ser "comemorado".

O jornal também usa fontes oficiais e especialistas para descrever o que pode acontecer a Bolsonaro. Baseados nessas fontes, Londoño e Casado (2021) explicam que, apesar de haver uma dúzia de pedidos de impeachment contra Bolsonaro naquela época, de o então presidente da Câmara ter dado um aviso sobre os "remédios amargos" que o Congresso poderia aplicar e

de haver brechas para novos pedidos de impeachment devido à iminência do descumprimento de leis fiscais, a possibilidade de Bolsonaro ser tirado do cargo era pequena. Isso porque, conforme declarou a pesquisadora do Peterson Institute for International Economics Monica de Bolle (uma fonte especialista), "powerful blocks of lawmakers are likely to use Mr. Bolsonaro's isolation to extract concessions" – em português, blocos poderosos de legisladores provavelmente usarão o isolamento de Bolsonaro para extrair concessões.

Essa declaração consolida a valência negativa com relação à imagem do Brasil, com o reforço do estereótipo do país como um lugar não só onde as instituições são frágeis, portanto, facilmente ameaçadas, mas também onde os interesses individuais prevalecem sobre os públicos. Essas ideias foram associadas a Bolsonaro ao longo de todo o texto, mas, à medida que outros políticos, podendo tirá-lo do poder, decidem mantê-lo para conseguirem vantagens, esses valores são associados ao Brasil como um todo.

5.2.28 Abril de 2021: uma batalha pelo Brasil

O Brasil e seu presidente apareceram em 21 artigos não-opinativos do *The New York Times* em abril de 2021, porém, em apenas cinco deles o país desempenhou um papel central. Dentre os temas importantes tratados estiveram a promessa de Bolsonaro de diminuir o desflorestamento[131], a investigação do Congresso Nacional sobre a maneira como o governo agiu durante a pandemia[132] e a volta do problema da fome no país[133]. Porém, o texto classificado como o mais relevante dentre os filtrados pelo algoritmo do buscador do *The New York Times* foi "'Marighella' Review: Battle for Brazil" (Resenha de 'Marighella': Batalha pelo Brasil), pulicado em 29 de abril no site do jornal e no dia seguinte na versão impressa.

---

[131] FRIEDMAN, Lisa. Brazil's Bolsonaro promises to end deforestation despite overseeing a sharp increase. **The New York Times**, 22 abr. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/live/2021/04/22/us/biden-earth-day-climate-summit/brazils-bolsonaro-promises-to-end-deforestation-despite-overseeing-a-sharp-increase?searchResultPosition=2. Acesso em: 5 abr. 2025.

[132] LONDOÑO, Ernesto. Brazil's Congress investigates the Bolsonaro administration's handling of the pandemic. **The New York Times**, 14 abr. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/live/2021/04/14/world/covid-vaccine-coronavirus-cases/brazils-congress-investigates-the-bolsonaro-administrations-handling-of-the-pandemic?searchResultPosition=4. Acesso em: 5 abr. 2025.

[133] LONDOÑO, Ernesto; MILHORANCE, Flávia. Ravaged by Covid, Brazil Faces a Hunger Epidemic. **The New York Times**, 23 abr. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/04/23/world/americas/covid-brazil-hunger.html?searchResultPosition=5. Acesso em: 5 abr. 2025.

O enquadramento utilizado é o episódico, com foco apenas em apresentar o filme Marighella, dirigido pela "estrela da Netflix", Wagner Moura, que estreou nos cinemas dos Estados Unidos em 30 de abril de 2021. Apesar do nome "resenha", o artigo tem um tom bastante objetivo, sem trazer opiniões explícitas da autora Devika Girish sobre o Brasil ou sobre os brasileiros, por isso, foi mantido nesta pesquisa.

O fato de não apresentar opiniões não significa, porém, que imagens sobre o Brasil, seu povo e seu presidente não estejam presentes. A única menção a Bolsonaro é a citação de uma fala de 2018 na qual o então deputado disse que queria um Brasil como similar àquele de 40 ou 50 anos antes. Nesse caso, Bolsonaro atua como uma fonte oficial, representando o pensamento do homem que, no momento de publicação do texto, era o presidente do Brasil. Também de forma objetiva e provavelmente baseada em fontes ou oficiais ou especialistas, a autora informa ao leitor que no período referido por Bolsonaro, o Brasil vivia em uma ditadura militar.

Todas essas informações estão no primeiro parágrafo do texto e servem, como indicado pela autora no segundo parágrafo, para contextualizar o momento em que o filme Marighella estava sendo lançado. A informação é relevante ao conteúdo do texto, uma vez que, como informa o artigo, o filme trata dos "final years of Carlos Marighella, a Marxist revolutionary who led an armed struggle against the dictatorship in the 1960s" (Girish, 2021, s/n) – em português: anos finais de Carlos Marighella, um revolucionário marxista que liderou uma luta armada contra a ditadura na década de 1960.

Com exceção dessa contextualização, o texto traz somente detalhes do filme, seus atores principais e as histórias apresentadas, sem recorrer a nenhum outro tipo de fonte nem fazer comparações com os Estados Unidos. De teor subjetivo temos apenas a opinião da autora de que o filme não é "merely a historical biopic — it's a provocation" (*Ibid.*) – em português: não é apenas uma cinebiografia histórica, é uma provocação – e que ela acredita que o roteiro "makes room for wit as well as meaty ideological debate, delivered in crisp bullets of dialogue by a uniformly solid cast" (*Ibid*) – em português: abre espaço para o humor e também para o debate ideológico substancial, apresentado em diálogos nítidos por um elenco uniformemente sólido.

Ainda que a autora não dê opiniões sobre o Brasil, o texto ajuda a consolidar a imagem do país como um local cujas instituições são frágeis, afinal, não apenas já viveu uma ditadura nos anos 1960 como essa ditadura é enaltecida pelo atual mandatário. Com isso, a valência que se tem da imagem de Bolsonaro é negativa, mas uma vez que o filme é apresentado como crítico ao período ditatorial, é possível que uma interpretação, por parte dos leitores do artigo, que, no Brasil, a visão de Bolsonaro não é predominante. Além disso, por ter um filme brasileiro que

estreia em Nova Iorque e cuja estreia é repercutida no *The New York Times*, o país também se consolida no estereótipo de ser um local ligado à cultura. Sendo assim, a valência com relação à imagem do Brasil pode ser considerada neutra.

5.2.29 Maio de 2021: protestos se espalham

Em maio de 2021, o *The New York Times* publicou oito artigos não opinativos usando os termos "Brazil" e Bolsonaro, seis deles traziam o Brasil ou brasileiros como protagonistas. Entre os temas abordados estão a morte do humorista Paulo Gustavo[134], a alta taxa de mortalidade do vírus entre crianças no país[135], a realização da Copa América em solo brasileiro[136] e a preservação da Amazônia[137]. Já o assunto considerado mais relevante pelo buscador do periódico foi o tratado no texto "As Virus Toll Grows, Brazil's Political Divisions Spill Onto the Streets" (À medida que os casos do vírus aumentam, as divisões políticas do Brasil se espalham pelas ruas), publicado em 31 de maio no site e no dia seguinte na edição impressa do NYT.

O artigo aborda, por meio de um enquadramento episódico, os protestos contra a conduta de Jair Bolsonaro frente à pandemia de covid-19. Apesar disso, também existem momentos em que o texto é voltado à contextualização. É o que ocorre nos primeiros parágrafos, em que Londoño e Milhorance (2021a) explicam que, nas semanas que antecederam os protestos, apenas os apoiadores de Jair Bolsonaro ocupavam as ruas, enquanto a oposição mostrava seu descontentamento batendo panelas nas janelas e compartilhando memes online. Esses fatos, possivelmente, se baseiam em fontes independentes, como jornais locais ou na vivência dos próprios jornalistas que, nesse caso, seriam fontes testemunhas.

---

[134] LONDOÑO, Ernesto. Paulo Gustavo, Comedian Who Lampooned Brazilian Mothers, Dies at 42. **The New York Times**, 7 maio 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/05/07/obituaries/paulo-gustavo-dead-covid.html?searchResultPosition=4. Acesso em: 5 abr. 2025.

[135] IONOVA, Ana. Why Is Covid Killing So Many Young Children in Brazil? Doctors Are Baffled. **The New York Times**, 16 maio 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/05/16/world/americas/brazil-covid-child-deaths.html?searchResultPosition=5. Acesso em: 5 abr. 2025.

[136] MARTÍNEZ, Andrés R.; JETT, Jennifer. The Copa América soccer tournament will be played in Brazil instead of Argentina. **The New York Times**, 30 maio 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/05/30/sports/copa-america-argentina-covid-brazil.html?searchResultPosition=3. Acesso em: 5 abr. 2025.

[137] ANDREONI, Manuela. Brazil's Bid to Outsource Amazon Conservation Finds Few Takers. **The New York Times**, 26 maio 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/05/26/world/americas/brazil-amazon.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 5 abr. 2025.

Já para dados mais objetivos, como a afirmação de que a manifestação contra Bolsonaro fora a maior desde o início da pandemia e para tratar do número de mortos pelo vírus, é possível presumir que o jornal consultou fontes oficiais. Além dessas, o artigo também recorre a fontes especialistas, porém, o tipo mais frequente de fonte acionada é a fonte testemunha. O jornal dá espaço para declarações de pessoas que estiveram presentes em manifestações pró e contra Bolsonaro, assim como traz relatos de testemunhas em investigações contra o governo e até do então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Lula, descreve o jornal, era o principal rival de Bolsonaro, que "saiu de vitorioso" em uma batalha judicial que o acusava de corrupção e aparecia à frente do opositor em pesquisas de opinião (fontes independentes não citadas nominalmente) sobre as próximas eleições. A declaração de Lula foi retirada do Twitter (hoje X) e é uma provocação a Bolsonaro. Nela, o político afirma não ter medo de Bolsonaro e que, enquanto o rival precisa de proteção de milhares de policiais para sair nas ruas, Lula nasceu nas ruas e passou toda a sua vida política nelas. Ainda que, como destaca o *The New York Times*, o então ex-presidente não tenha endossado diretamente os protestos nas ruas contra Bolsonaro.

A ocupação dos espaços públicos com protestos contra o então presidente é abordada por duas fontes. Uma é a fonte testemunha Mariana Filgueiras, que participou dos protestos. Para ela, eles eram necessários para demonstrar que a cada mil pessoas a favor do governo, havia milhares contra ele. Já a outra fonte é o especialista Pablo Ortellado, professor de políticas públicas na Universidade de São Paulo. Ele explica que os apoiadores de Bolsonaro saíram mais às ruas porque "like Mr. Bolsonaro, many have dismissed the threat of the virus" (Londoño e Milhorance, 2021a, s/n) – em português: como Bolsonaro, muitos rejeitavam a ameaça do vírus. Enquanto as pessoas de esquerda defendiam o distanciamento social e o uso de máscaras.

Um ritual estratégico (Tuchman, 1996) utilizado é a possibilidade de conflito. O volume de fontes citadas é grande, mas a maioria apresenta um posicionamento contrário ou uma imagem negativa com relação a Jair Bolsonaro. É o caso de ex-ministros da saúde que, como noticia o *The New York Times*, testemunharam sobre a "befuddling belief" (crença inexplicável) de Bolsonaro de que um remédio sem comprovação científica seria a cura para a covid-19. E também é o caso do executivo da Pfizer, que alegou não ter recebido resposta do governo sobre a oferta de vacinas da farmacêutica.

Em favor de Bolsonaro, por outro lado, o jornal relata apenas que seus apoiadores o chamam de "mito" e dizem que estão ao seu lado. Também é citada uma fonte testemunha, Paulo Cid, um apoiador do presidente que diz que o mandatário era "a fundamentally honest leader who has been unfairly attacked by scientific institutions and by the news media"

(Londoño e Milhorance, 2021a, s/n) – em português: um líder essencialmente honesto que foi injustamente atacado por instituições científicas e pelos veículos noticiosos.

Contudo, a honestidade de Bolsonaro é colocada em xeque quando o jornal relata que o governo está envolvido com outros escândalos além da pandemia, como um esquema de venda de madeira cortada ilegalmente e a compra de equipamentos superfaturados. Tudo isso contribui para que a valência com relação à imagem de Bolsonaro seja negativa, além de contribuir para reforçar o estereótipo do Brasil como um local de criminalidade. Porém, no texto também é apresentada a ideia do Brasil como um país de resistência, uma vez que a população questiona as ações de Bolsonaro e ele e seu governo estão sendo investigados pelo que fizeram. Sendo assim, a valência com relação à imagem do Brasil é neutra.

5.2.30 Junho de 2021: as 500 mil mortes

Em 19 de junho de 2021, o Brasil atingiu a marca de 500 mil mortes pela covid-19. O tema, considerado o mais importante do mês pelo buscador do *The New York Times*, foi retratado pelo jornal em uma reportagem publicada no dia 24 de junho de 2021. A demora entre o acontecimento factual e sua publicação já é um indício de que o NYT não adotou um enquadramento episódico e sim, temático. O título aparece sobre uma imagem de um cemitério com covas abertas em Vila Formosa (SP) e diz "Brazil Passes 500,000 Covid Deaths, a Tragedy With No Sign of Letup" (Brasil ultrapassa 500 mil mortes, uma tragédia sem sinal de melhora).

Na linha fina, logo abaixo da manchete, o jornal lembra que, mesmo tendo apenas 2,7% da população mundial, 13% das mortes por Covid-19 ocorridas no planeta aconteceram no Brasil. Essa informação se repete no terceiro parágrafo, após uma contextualização de quando o vírus chegou no país e como, no Brasil, "the virus found remarkably fertile" (Londoño e Milhorance, 2021b, s/n) – em português: o vírus encontrou um solo notavelmente fértil.

O jornal atribui esse cenário à "strikingly lackadaisical, dismissive and chaotic response" (Londoño e Milhorance, 2021b, s/n) – em português: resposta surpreendentemente indiferente, desdenhosa e caótica – de Jair Bolsonaro ao vírus. A publicação cita que o presidente divulgou remédios ineficazes e não comprou vacinas suficientes. Essa situação, segundo o jornal, deixou o Brasil "poorer, more unequal and increasingly polarized" (*Ibid.*) – em português: mais pobre, mais desigual e crescentemente polarizado. Isso remete ao esvaziamento de um espaço público em que há uma igualdade de condições, conforme preconiza Arendt (2007).

A primeira fonte ouvida pelo jornal é a professora de Harvard, Marcia Castro (fonte especialista), que opina que o Brasil está regredindo após três décadas de avanços. Em seguida, o jornal informa, embasado, possivelmente, por fontes oficiais, que a doença se espalhou das cidades maiores para as menores, em especial na região da Floresta Amazônica onde "patients in the state of Amazonas were suffocating to death after the government was late to heed warnings about oxygen shortages" (Londoño e Milhorance, 2021b, s/n) – em português; pacientes no estado do Amazonas morreram sufocados depois que o governo demorou a acatar as advertências sobre a falta de oxigênio.

Mais uma vez com base no que se pode assumir serem fontes oficiais, o jornal ressalta que o Brasil enfrenta dificuldades para vacinar pessoas e fala das vilas remotas na Amazônia que são acessíveis apenas por barcos. Em seguida, o *New York* Times apresenta três fotos de profissionais de saúde viajando em um barco precário e vacinando pessoas aparentemente pobres em suas casas no meio da floresta.

Pode-se perceber, então, as características apontadas por Pollak (1989) de ênfase e exclusão de memória, uma vez que se enfatiza a imagem do Brasil como um lugar sem recursos, pouco urbano, exatamente como descrito por Holanda (1987), reforçando o estereótipo da desigualdade social. Também é repetida a ideia do pesquisador de que aqui não agimos pela razão. Essa ideia se demonstra nas inserções das falas de Jair Bolsonaro, como a que ele diz que a doença agiria nele como uma gripezinha, e também na descrição de suas atitudes, como a troca de ministros e tendo sido dado o comando a alguém sem experiência no ramo de saúde.

O jornal aponta as consequências da atitude de Bolsonaro classificada como "arrogante". Ele ressalta que o Legislativo acusa Pazzuelo de ter deixado o sistema de saúde entrar em colapso e cita Campo Grande como um exemplo do caos. Esses apontamentos são ilustrados com mais três imagens de hospitais superlotados na cidade e de um paciente sendo levado de avião para São Paulo. Esse julgamento reflete as ideias de Taylor (1997) e Souza (2012) de que a identidade é construída a partir das ideias do que é bom ou ruim e dos julgamentos que temos de nós e dos outros.

Reforçando a escolha por um enquadramento temático, o jornal contextualiza a crise no Brasil com base em fontes oficiais ao apontar que o país enfrentava cerca de 2 mil mortes diárias à época e que houve momentos em que a média era de 3 mil mortes ao dia. O *New York Times* apresenta, então, uma fonte testemunha, Maurício Antônio de Oliveira, que trabalha em uma funerária. Ele relata como é triste que as pessoas não possam ver seus parentes com o caixão aberto, como é típico nos velórios do Brasil. A declaração de Maurício de Oliveira vem seguida de três fotos. Desta vez elas retratam o trabalho dos coveiros separando os caixões, enterrando

os corpos e descansando sob uma árvore. O cemitério é em Vila Formosa, o mesmo que apareceu na foto de capa da reportagem.

Na segunda foto do conjunto, uma mulher, provavelmente próxima da pessoa morta, joga uma flor sobre o caixão que é enterrado em uma cova rasa. As dezenas de covas que apareciam abertas na foto de capa aparentam estar todas fechadas na última foto deste conjunto, quando os coveiros descansam à luz do entardecer. As fotos também funcionam como fontes testemunhas do que está acontecendo no Brasil.

Fontes testemunhas são o principal tipo de fonte utilizado no texto. Um dos principais exemplos disso é a participação do médico Francis Albert Fujii, cujas falas aparecem duas vezes e a situação relatada por ele ocupa 5 dos 35 parágrafos do texto. Seu relato é, em grande medida, pessoal, dizendo que não pode ver a família, que tem medo de contaminar alguém e que perdeu dois companheiros de trabalho.

Porém, ao fim de sua participação, o médico diz: “We need leadership that believes in the disease and takes the situation seriously” (Londoño e Milhorance, 2021b, s/n) – em português: precisamos de uma liderança que acredite na doença e leve a situação a sério. A fala vem após o *New York Times* ter informado, no texto, que a segunda onda da pandemia se apresenta pior que a primeira e que faltam leitos nos hospitais. Desta vez, retoma-se a ideia de Freyre, de que nossas instituições e valores não estão no mesmo nível dos de outros lugares, reforçando-se o pensamento constituidor de nossa identidade, segundo Souza (2009), de que somos piores e endossando o estereótipo da precariedade institucional brasileira.

Esse bloco com a participação de Francis Fujii é encerrado com mais um conjunto de três fotos que atuam como fontes testemunhas. Desta vez, duas delas (a primeira e a terceira) mostram um hospital de campanha improvisado em um ginásio esportivo. A segunda mostra alguns profissionais da saúde embalando uma pessoa que morreu devido à covid-19.

O próximo bloco de textos fala sobre as vacinas. O *New York Times* relata que um executivo da Pfizer (também uma fonte testemunha) revelou à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que o governo federal ignorou ofertas de vacinas. O jornal relata que Bolsonaro demonstrava ceticismo com relação aos imunizantes e que até mesmo fez uma piada de que as produtoras das vacinas não se responsabilizariam se os imunizados se tornassem jacarés. A fala exata de Bolsonaro não é mencionada. Porém, o jornal reproduz a fala da epidemiologista e ex-gestora do programa de imunização nacional (outra fonte testemunha) dizendo que o Brasil não acreditou na eficácia da vacina e nem na possibilidade de uma segunda onda de contágio da doença, mais uma vez demonstrando a ação sem o embasamento da razão.

Contudo, no final de março, com apenas 7% da população imunizada com a primeira dose, as mortes voltaram a crescer. O *New York Times* relata que até o momento da publicação do texto (em junho de 2021), a porcentagem de pessoas parcialmente vacinadas já havia subido para 30%. Em seguida, a reportagem apresenta mais uma série de três imagens. Na primeira, vemos três mulheres verificando vacinas em um laboratório em São Paulo. Na segunda, profissionais de saúde atendem um homem sem teto e, na terceira, várias pessoas esperam na fila para pegar mantimentos e materiais de higiene em Paraisópolis.

As imagens reforçam a ideia de precariedade no Brasil. Os atendimentos médicos aparecem sendo feitos na rua e as pessoas esperam na fila não para tomar as vacinas da primeira foto, mas para buscar suprimentos. Mesmo o laboratório é escuro e aparenta ter pouco espaço, já que as mulheres que verificam as vacinas estão bastante próximas umas das outras.

O próximo conjunto de três fotos também tem uma iluminação precária e mostra os procedimentos após a morte de um paciente por covid-19 em um hospital público de São Paulo. Este é o único momento que as imagens não se relacionam diretamente com o que é dito nos trechos do texto que a antecedem ou sucedem. Nesta parte, o *New York Times* fala sobre a CPI que investiga as ações do governo no combate à pandemia e como, na tentativa de atingir uma imunidade de rebanho e proteger a economia, Bolsonaro não fez nenhum dos dois, afirma o jornal. Nenhum membro do governo ou parlamentar é ouvido pelo *New York Times* nem aparecem nas imagens que ilustram a reportagem. As fontes oficiais se restringem às fontes secundárias, enquanto as fontes primárias são, majoritariamente, fontes testemunhas, o que pode indicar que o *The New York Times* não acredita que um posicionamento direto do governo seria relevante para a reportagem.

Contudo, nem sempre o jornal deixa claro quais fontes está acionando para embasar suas informações. É o que acontece, por exemplo, no fim do artigo, quando é dito que o presidente estava enfrentando pressão política e a população estava protestando, acusando-o de genocida. Nenhuma imagem de manifestações aparece no jornal e nenhum membro da oposição política é ouvido. Além disso, nesse caso, nenhuma fonte testemunha é acionada.

Ainda assim, fica claro que a valência com relação à imagem de Bolsonaro é negativa. Para além dos relatos das fontes, quando levamos em conta os recursos imagéticos, percebemos que as 20 fotos servem para ilustrar as mortes como consequência das ações do governo brasileiro que, segundo o jornal, age contra as indicações da ciência e, portanto, afastado da razão.

Ainda que o estereótipo do Brasil como um povo que resiste e luta por melhores condições, como aquele da visão de Schwarcz e Starling (2018), esteja presente tanto nos

discursos das fontes testemunhas – que estão trabalhando para vencer a pandemia, apesar do governo – quanto na menção da CPI e dos protestos contra Bolsonaro, a irracionalidade das ações do presidente somada aos outros estereótipos apresentados, faz com que a valência com relação ao Brasil também seja negativa. Afinal, a reportagem não só apresenta dados que demonstram que o país não lidou bem com a pandemia, mas traz testemunhos (por meio de falas e fotografias) de como isso impactou a vida das pessoas. Vale notar, porém, que a pandemia no Brasil e o comportamento de Bolsonaro não são inseridos em um contexto global. A única comparação que o texto faz é com relação aos números de morte, que estão atrás apenas dos Estados Unidos, mas essa comparação não é aprofundada.

5.2.31 Julho de 2021: de volta ao hospital

Em julho, um escândalo envolvendo a compra de vacinas contra a covid-19 gerou protestos por todo o país[138]. Além de ser noticiado pelo *The New York Times* em um artigo dedicado, o tema também apareceu em dois briefings do jornal. Além disso, assuntos como a disseminação de desinformação feita por Bolsonaro no YouTube[139] e a notícia de que partes da Amazônia estavam mais emitindo carbono do que absorvendo o gás[140] fizeram parte da cobertura do periódico. Contudo, esses temas ficaram em segundo plano para o buscador do *The New York Times*, que destacou como a notícia mais relevante do mês o retorno do presidente ao hospital.

No texto "Brazil President Bolsonaro Is Hospitalized and Faces Possible Surgery" (O presidente do Brasil, Bolsonaro, está hospitalizado e enfrenta uma possível cirurgia), publicado em 14 de julho no site do *The New York Times* e no dia 15 na versão impressa adota um enquadramento episódico. O foco é apenas relatar o quadro de saúde do presidente brasileiro.

As informações se baseiam, principalmente, em fontes oficiais, especificamente, uma declaração enviada pelo gabinete do presidente à imprensa. Porém, algumas informações, como

---

[138] LONDOÑO, Ernesto; MILHORANCE, Flávia. Brazil Vaccine Scandal Imperils Bolsonaro as Protests Spread. **The New York Times**, 3 jul. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/07/03/world/americas/brazil-bolsonaro-vaccine-scandal.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 5 abr. 2025.

[139] SATARIANO, Adam. YouTube pulls videos by Bolsonaro for spreading misinformation on the virus. **The New York Times**, 22 jul. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/07/22/world/youtube-bolsonaro-covid.html?searchResultPosition=3. Acesso em: 5 abr. 2025.

[140] SCHWARTZ, John. Parts of the Amazon Go From Absorbing Carbon Dioxide to Emitting It. **The New York Times**, 14 jul. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/07/14/climate/amazon-rainforest-carbon.html?searchResultPosition=5. Acesso em: 5 abr. 2025.

a que o presidente reclamava de dores no estômago naquele dia, vieram de fontes oficiosas, descritas somente como “aides” (assessores) do presidente.

Uma fala do próprio Jair Bolsonaro (neste caso, fonte testemunha) também é citada. Nela, Bolsonaro associa sua internação ao atentado que sofreu durante a campanha presidencial de 2022. O *The New York Times* menciona que, junto com o pronunciamento via redes sociais, o presidente divulgou uma foto sua, sem camisa, com equipamentos hospitalares no corpo. Apesar de fazer referência à imagem, ela não é incorporada à notícia. O periódico prefere ilustrar o texto com outras duas imagens: uma tirada mais cedo naquela mesma semana que mostra o presidente sério de perfil e outra que mostra a ambulância que levava Bolsonaro ao hospital.

O que o jornal não deixa de mostrar, porém, é o contexto em que acontece a internação de Bolsonaro.

> Mr. Bolsonaro’s latest health troubles come as his popularity has declined amid overlapping scandals and crises stemming from the government’s response to the coronavirus pandemic. Lawmakers and prosecutors are investigating allegations that senior officials at the health ministry sought kickbacks earlier this year as they negotiated the purchase of Covid-19 vaccines[141] (Londoño, 2021b, s/n).

Essa contextualização, provavelmente baseada em fontes oficiais (ainda que essas não sejam explicitadas), contribui para que a imagem de Bolsonaro ganhe aspectos negativos. Outro ponto que contribui para isso é a explicação sobre o atentado ao qual Bolsonaro faz referência em sua declaração. Segundo o jornal, o presidente alega que ele seria um “ataque contra a democracia” e afirma, mesmo sem provas, que o atentado teria sido orquestrado por seus rivais políticos. O *The New York Times* contrapõe essa informação dizendo que a Justiça decidiu que o responsável pelo ataque, Adélio Bispo de Oliveira, tinha uma doença mental e não podia ser condenado pelo crime.

O comportamento do presidente, que faz alegações sem poder prová-las e cujo governo está associado com um possível caso de corrupção, compromete não apenas a própria imagem, mas também a do país. Devido a isso, o estereótipo do Brasil como um local ligado à criminalidade e à prevalência dos interesses privados sobre os públicos é reforçada, contribuindo para uma imagem também negativa do Brasil.

---

[141] Os mais recentes problemas de saúde de Bolsonaro ocorrem em um momento em que a sua popularidade diminui, em meio a escândalos e crises decorrentes da resposta do governo à pandemia do coronavírus. Legisladores e promotores estão investigando alegações de que funcionários de alto escalão do Ministério da Saúde pediram propinas no início deste ano [2021] enquanto negociavam a compra de vacinas contra a covid-19 (Londoño, 2021, s/n, tradução nossa).

5.2.32 Agosto de 2021: voto sob ataque

Em agosto de 2021, apenas um assunto envolvendo o Brasil e Bolsonaro foi publicado como artigo não opinativo pelo *The New York Times*: Jair Bolsonaro atacou o sistema eleitoral brasileiro. A notícia, que também apareceu em três *briefings*, foi tratada no texto "Bolsonaro Prompts Fears of a Power Grab With Attacks on Brazil's Voting System" (Bolsonaro provoca temores de tomada de poder com ataques ao sistema de votação do Brasil), publicada em 10 de agosto online e no dia seguinte na edição impressa do jornal.

A notícia é motivada por um fato específico: às vésperas da decisão do Congresso Nacional sobre a adoção ou não do voto impresso, Bolsonaro ameaçou a realização das eleições. Isso foi feito, conforme o jornal, em duas ocasiões. A primeira ocorreu dias antes da votação, quando, em uma manifestação em Florianópolis, Bolsonaro ameaçou suspender as eleições de 2022 caso o voto não fosse impresso. Além disso, horas antes da votação, o presidente organizou uma parada militar "in which armored tanks rumbled past Congress" (Milhorance e Londoño, 2021, s/n) – em português: na qual tanques blindados passaram próximo ao Congresso. Ainda assim, relata o *The New York Times*, os deputados rejeitaram o voto impresso.

Apesar de haver um acontecimento factual que motivou a publicação da matéria, o enquadramento adotado é o temático, priorizando os contextos da situação política do Brasil naquele momento. Isso porque, como descrevem Milhorance e Londoño (2021), integrantes do Judiciário, deputados de oposição e cientistas políticos acreditavam que a ação do presidente representava um risco de tentativa de golpe de estado.

Uma das fontes oficiais citadas pelo jornal é o ministro do Supremo Tribunal Federal e então presidente do Tribunal Superior Eleitoral Luís Roberto Barroso. No trecho citado, o ministro chama de antidemocráticas atitudes como espalhar mentiras, ódio e teorias da conspiração. Ele também faz uma comparação com outros países em que líderes eleitos tentaram destruir a democracia.

Em seguida, o *The New York Times* retoma uma comparação feita anteriormente na linha fina: as eleições de 2020 nos Estados Unidos. O jornal afirma que críticos temem que Bolsonaro, como Donald Trump, questione o resultado das eleições. Aqui, diferente do que acontecia em textos da época em que Trump era presidente dos Estados Unidos, Bolsonaro não é referido como "mini Trump" ou "Trump dos trópicos" e nem é associado à extrema direita, ainda que ele seja descrito como "ultraconservador".

A comparação com os Estados Unidos continua com a citação da fonte especialista, o professor de ciência política da Fundação Getúlio Vargas Fernando Luiz Abrucio. Ele alega que, no Brasil, as consequências seriam mais graves que nos Estados Unidos, já que a democracia brasileira só foi reestabelecida no final da década de 1980. O professor acreditava que, no Brasil, uma tentativa de golpe seria mais violenta que a invasão do Capitólio nos Estados Unidos, reforçando o estereótipo do Brasil como um local de violência.

Outro estereótipo reforçado no texto é o do Brasil como um local de resistência. Isso é atestado pelas reações contrárias de vários segmentos da sociedade às ações de Jair Bolsonaro. O jornal traz citações tiradas de pronunciamentos de Luiz Inácio Lula da Silva (descrito como o principal opositor do presidente), de um conjunto de nove partidos de oposição e outro de oito ex-procuradores gerais da República. Todos esses três pronunciamentos (que podem ser compreendidos como vindos de fontes independentes) repudiam as ações de Bolsonaro. Já a demonstração de que a população era contra as medidas do presidente é dada pela apresentação de dados de uma pesquisa de opinião (fonte independente) que mostrava que um a cada cinco eleitores de Bolsonaro, àquela época, pretendiam mudar seu voto para Lula. Os memes, citados pelo jornal, também servem como demonstração de resistência dos brasileiros.

Por outro lado, Bolsonaro e seus apoiadores reforçam o estereótipo do Brasil como um lugar onde as instituições são frágeis e podem ser ameaçadas. O jornal dedica parte do texto a recapitular o histórico de Bolsonaro criticando o sistema eleitoral brasileiro e tentando mudá-lo. O *The New York Times* também lembra que o presidente já chegou a declarar que havia ocorrido fraude nas eleições anteriores, mesmo que não tivesse provas para fazer tal afirmação. Usando o ritual estratégico da possibilidade de conflito (Tuchman, 1996) o jornal também abre espaço para a citação de um apoiador de Bolsonaro, o deputado Filipe Barros, que defende que as urnas eletrônicas são uma ameaça à democracia. Porém, a fala do parlamentar é seguida por informações, fornecidas por fontes especialistas, que atestam a segurança das urnas eletrônicas.

Outro apoio ao sistema eleitoral brasileiro vem do então presidente dos Estados Unidos, Joe Biden. Membros do governo do democrata (fontes oficiais) afirmaram que confiavam que as instituições brasileiras fariam eleições seguras e se opuseram a falas que diminuíam a confiança no sistema. Com isso, podemos concluir que, neste artigo, a imagem de Bolsonaro tem uma valência inteiramente negativa, enquanto a do Brasil se demonstra neutra, marcada pelos contrastes observados por Schwarcz e Starling (2018).

5.2.33 Setembro de 2021: vacinada em Nova Iorque

Em setembro de 2021 aconteceu a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas[142]. O evento, que contou com a presença de Jair Bolsonaro, foi um dos temas mais frequentes entre as matérias filtradas daquele mês nesta pesquisa, assim como a decisão de Bolsonaro (posteriormente revogada pelo Supremo Tribunal Federal) de proibir que as redes sociais removessem alguns tipos de postagem, incluindo aquelas com desinformação[143]. Temas como a situação da pandemia no Brasil e a vacinação contra a doença[144] também foram alvo de cobertura do *The New York Times*.

De todo o conteúdo filtrado, o que o buscador do jornal considerou mais relevante foi o texto "Bolsonaro's wife was vaccinated during their visit to New York for the U.N.G.A" (A esposa de Bolsonaro foi vacinada durante sua visita a Nova York para a Assembleia Geral da ONU). O artigo foi postado exclusivamente no site no dia 27 de setembro. A ausência na versão impressa é um indício de que os editores do *The New York Times* não consideraram o assunto tão relevante, porém, a escolha deste texto pelo algoritmo do buscador nos indica que um possível critério da ordem de relevância seja o número de acessos ao texto.

O artigo adota um enquadramento episódico, centrado na decisão da então primeira-dama do Brasil de tomar a vacina, mas também traz dados contextuais da viagem de Bolsonaro para Nova Iorque e da situação da pandemia e da vacinação no Brasil. Para esses dados contextuais é possível inferir que são utilizadas fontes secundárias dos tipos oficiais e independentes, já para as informações centrais da notícia são usadas, principalmente, fontes testemunhas, em especial as falas de Jair Bolsonaro retiradas de uma live que ele fez no Facebook. Vale notar que o jornal não utiliza nenhuma fala de Michele Bolsonaro no artigo.

A forma como o artigo é construído evidencia uma valência negativa com relação à imagem do presidente brasileiro. Isso fica claro desde a linha fina, que informa: "The president

---

[142] LONDOÑO, Ernesto. Unvaccinated and defiant, Bolsonaro pushes back against criticism in his U.N. speech. **The New York Times**, 21 set. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/09/21/world/americas/bolsonaro-covid-vaccine-un.html?searchResultPosition=5. Acesso em: 5 abr. 2025.

[143] NICAS, Jack. Bolsonaro's Ban on Removing Social Media Posts Is Overturned in Brazil. **The New York Times**, 15 set. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/09/15/world/americas/brazil-bolsonaro-social-media-ban.html?searchResultPosition=4. Acesso em: 5 abr. 2025.

[144] LONDOÑO, Ernesto; POLITI, Daniel; MILHORANCE, Flávia. Covid Ravaged South America. Then Came a Sharp Drop in Infections. **The New York Times**, 5 set. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/09/05/world/americas/covid-south-america-reprieve-vaccines.html?searchResultPosition=11. Acesso em: 5 abr. 2025.

of Brazil began his visit by defying a U.N. honor system requiring proof of vaccination, and four members of his entourage have tested positive" (Gladstone, 2021, s/n) – em português: o presidente do Brasil começou sua visita desafiando um sistema de honra da ONU que exige prova de vacinação, e quatro membros de sua comitiva testaram positivo.

Além de "desafiar" a ONU, o texto descreve que Bolsonaro tem orgulho de não ter sido vacinado e que insiste em minimizar a pandemia. Entre as atitudes do presidente que demonstram isso está a postagem de uma foto da delegação brasileira comendo do lado de fora de um restaurante em Nova Iorque porque o local só permitia que pessoas vacinadas fizessem a consumação no espaço interno.

As ações do presidente reforçam o estereótipo de que o Brasil é um lugar onde os interesses privados se sobrepõem aos públicos. Afinal, mesmo com o país tendo a segunda maior taxa de motes pela doença no mundo, atrás apenas dos Estados Unidos, o presidente se recusava a se vacinar. Além disso, a fala de Bolsonaro destacada pelo *The New York Times* deixa implícito que ele foi contra a imunização de sua esposa, uma vez que ele diz que não iria revelar o conselho que deu a ela, mas que Michele era adulta e decidiu se vacinar.

A decisão de Michele de se vacinar nos Estados Unidos também desperta uma comparação entre os dois países. Segundo o jornal, "alguns brasileiros" questionaram por que a primeira dama se vacinou fora do país. O senador Omar Aziz, que presidia a comissão que investigava as ações do Bolsonaro durante a pandemia, comentou que a primeira-dama poderia ter tido uma atitude mais patriótica e se vacinado no Brasil, já que o país usava as mesmas vacinas que os Estados Unidos. Essa informação é complementada pelo *The New York Times*, que informa que duas das vacinas utilizadas no Brasil não são utilizadas nos Estados Unidos.

Mesmo com uma fala que pode ser entendia como mal informada, Aziz, que atuou como fonte independente (tendo em vista que, na definição adotada nesta pesquisa, é preciso apenas não ter vínculo de pertencimento com o objeto da notícia), cumpre o papel de deixar a imagem do Brasil com valência neutra. Isso porque a sua fala, como relato da repercussão nacional da imunização de Michele, deixa transparecer que os brasileiros confiam no próprio sistema de saúde, independentemente da posição do presidente e da primeira dama.

5.2.34 Outubro de 2021: presidente indiciado?

Em outubro de 2021, chegou ao fim a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investigou as ações do governo Bolsonaro durante a pandemia de covid-19. Textos sobre os

passos finais da CPI[145] fizeram parte da cobertura do *The New York Times*, bem como atualizações sobre a situação da pandemia no país[146]. Esses assuntos renderam tanto artigos que se dedicavam exclusivamente a eles quanto *briefings*.

É um *briefing* que o buscador do *The New York Times* selecionou como o artigo mais relevante do mês tratando do Brasil e de Jair Bolsonaro. Contudo, em vez de direcionar ao link geral do *briefing,* o buscador direciona o leitor diretamente para o tópico que fala do Brasil, intitulado: "Brazilian lawmakers are seeking Bolsonaro's indictment over the Covid pandemic response" (Legisladores brasileiros querem que Bolsonaro seja indiciado pela resposta à pandemia de covid). O texto foi publicado em 26 de outubro no site e dois dias depois, em 28 de outubro, na versão impressa.

No artigo que integra o *briefing*, Nicas (2021) adota um enquadramento estritamente episódico, focando nas conclusões do relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito e suas possíveis consequências. Este, por sua vez, serve como principal fonte para o texto, podendo ser classificado como uma fonte oficial. É com base no relatório que o jornal descreve as ações de Jair Bolsonaro durante a pandemia.

> In a six-month investigation, the panel found that Mr. Bolsonaro and members of his administration, determined to reach herd immunity, discouraged people from wearing masks, ignored offers of vaccines from Pfizer and promoted unproven drugs long after they were found to be ineffective[147] (Nicas, 2021, s/n).

O jornal explica ainda que Bolsonaro foi acusado de nove crimes, incluindo crimes contra a humanidade por ter, "intencionalmente", deixado que o vírus se espalhasse, "causing hundreds of thousands of deaths" (*Ibid.*) – em português: causando centenas de milhares de mortes. O presidente também é descrito pelo jornal como um "strident, right-wing populist" (*Ibid.*) – ou seja, populista de direita e estridente.

---

[145] NICAS, Jack. Brazilian Leader Accused of Crimes Against Humanity in Pandemic Response. **The New York Times**, 19 out. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/10/19/world/americas/bolsonaro-covid-19-brazil.html?searchResultPosition=4. Acesso em: 5 abr. 2025.

[146] MILHORANCE, Flávia. Brazil's Covid-19 death toll passes 600,000. **The New York Times**, 9 out. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/10/09/world/americas/covid-brazil-600000-dead.html?searchResultPosition=7. Acesso em: 5 abr. 2025.

[147] Em uma investigação que durou seis meses, a comissão descobriu que Bolsonaro e membros de seu governo, com o intuito de gerar imunidade coletiva, desencorajaram as pessoas a usar máscaras, ignoraram ofertas de vacinas da Pfizer e promoveram medicamentos sem comprovação científica muito depois de terem sido considerados ineficazes (Nicas, 2021, s/n, tradução nossa).

Todas essas características fazem com que não restem dúvidas de que a valência com relação à imagem de Jair Bolsonaro é negativa. Essa percepção se agrava à medida que Bolsonaro nem mesmo quis comentar sobre o assunto com o *The New York Times*. Contudo, apoiadores do presidente têm espaço no artigo como fontes independentes. Um exemplo é o senador e membro da CPI Eduardo Girão, que admite que Bolsonaro errou, mas atribui o resultado da CPI à perseguição política, por isso votou contra o relatório parlamentar. Outro apoiador ouvido é Donald Trump. Segundo o jornal, o ex-presidente dos Estados Unidos tem uma "warm relationship" (relação próxima) com o brasileiro e afirmou, em uma declaração divulgada imediatamente após a votação do relatório, que o Brasil tem sorte de ter um homem como Bolsonaro trabalhando pelo país. Contudo, o jornal não faz uma comparação direta entre Bolsonaro e Trump, como já ocorreu em outras ocasiões, mesmo dizendo (em comparação direta) que o número de mortes pela pandemia nos Estados Unidos, é maior do que o do Brasil.

O jornal também adota uma fonte oficiosa, o senador e vice-presidente da CPI Randolfe Rodrigues, que defende o trabalho da comissão que resultou no pedido de indiciamento não só de Bolsonaro, mas de outras 77 pessoas. Segundo o senador, os relatos ouvidos na comissão deixaram todos os brasileiros em choque. Esse é um dos motivos pelos quais a valência com relação à imagem do Brasil é neutra e não negativa.

Apesar de ter um presidente que, em conjunto com outras 77 pessoas, conforme a investigação, atuou para que os números relacionados à pandemia fossem piores do que poderiam ser, o Brasil é um lugar de resistência. Esse e o estereótipo presente no artigo, o de um país que luta para combater aspectos negativos associados a ele, ainda que, em uma demonstração de que as instituições aqui ainda não são tão consolidadas, fontes independentes (como analistas e políticos) acreditem que as chances de Bolsonaro ser acusado criminalmente eram baixas.

5.2.35 Novembro de 2021: o retorno de Lula

O *The New York Times* cobriu uma grande quantidade de assuntos envolvendo o Brasil em novembro de 2021. Dentre os textos filtrados por esta pesquisa, estavam tanto notícias de cunho bastante factual, como a morte da cantora Marília Mendonça[148], a filiação de Jair

[148] PATEL, Vimal; MILHORANCE, Flávia. Marília Mendonça, Brazilian Pop Singer, Dies in Plane Crash at 26. **The New York Times**, 5 nov. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/11/05/arts/music/marilia-mendonca-dead.html?searchResultPosition=11. Acesso em: 5 abr. 2025.

Bolsonaro a um novo partido político[149], um novo recorde de desmatamento na Amazônia[150], a baixa participação brasileira na conferência de Glasgow[151] e o número de imunizados no Brasil, que havia superado o dos Estados Unidos[152].

Contudo, notícias de cunho interpretativo também fizeram parte da cobertura e foram classificadas como mais relevantes do que as factuais. Para o buscador do *The New York Times*, a segunda notícia mais importante envolvendo o Brasil e Jair Bolsonaro foi a reportagem intitulada "The Bolsonaro-Trump Connection Threatening Brazil's Elections" (A conexão Bolsonaro-Trump que ameaça as eleições no Brasil)[153]. Já a reportagem escolhida pelo algoritmo como a mais importante do mês foi "Brazil's President Lula Is Staging a Comeback. Can He Bring the Country Along?" (O presidente do Brasil, Lula, está encenando um retorno. Ele pode trazer o país junto?), publicada em 27 de novembro online e no dia seguinte na edição impressa do jornal.

O fato de esses dois textos terem sido escolhidos como os mais relevantes do mês indicam que as eleições brasileiras, que ocorreriam dali a quase um ano, já despertava o interesse dos estadunidenses. No texto mais importante do mês, o *The New York Times* adota um enquadramento centrado na personalidade, nesse caso, focado em Luiz Inácio Lula da Silva. Em um longo artigo de 68 parágrafos escrito por Ernesto Londoño, o *The New York Times* apresenta a carreira política de Lula, classificada como "epic" (épica) pelo jornal.

Usando fontes secundárias que são, provavelmente, um misto de fontes oficiais, independentes e especialistas, o jornal relembra o passado de Lula, destacando sua infância como engraxate, sua luta contra a ditadura, suas três tentativas frustradas de se eleger presidente e sua chegada ao poder, "steering the nation through a period of economic plenty and international prestige, when Brazil was tapped to give a party for the world as host of the World

---

[149] THE ASSOCIATED PRESS. Bolsonaro Joins a Centrist Party in Brazil Ahead of 2022 Re-election Bid. **The New York Times**, 10 nov. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/11/10/world/americas/brazil-bolsonaro-liberal-party.html?searchResultPosition=3. Acesso em: 5 abr. 2025.

[150] ANDREONI, Manuela. Amazon Deforestation Soars to 15-Year High. **The New York Times**, 19 nov. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/11/19/world/americas/brazil-amazon-deforestation.html?searchResultPosition=8. Acesso em: 5 abr. 2025.

[151] ANDREONI, Manuela. Once a Climate Leader, Brazil Falls Short in Glasgow. **The New York Times**, 2 nov. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/11/02/world/americas/brazil-climate.html?searchResultPosition=7. Acesso em: 5 abr. 2025.

[152] ANDREONI, Manuela. Brazil surpasses the U.S. in getting people fully vaccinated. **The New York Times**, 14 nov. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/live/2021/11/14/world/covid-vaccine-boosters-mandate/covid-brazil-vaccine?searchResultPosition=4. Acesso em: 5 abr. 2025.

[153] NICAS, Jack. The Bolsonaro-Trump Connection Threatening Brazil's Elections. **The New York Times**, 11 nov. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/11/11/world/americas/bolsonaro-trump-brazil-election.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 5 abr. 2025.

Cup and the Olympics" (Londoño, 2021c, s/n) – em português: conduzindo a nação durante um período de abundância econômica e prestígio internacional, quando o Brasil foi escolhido para dar uma festa para o planeta como sede da Copa do Mundo e das Olimpíadas.

A retirada de milhões de brasileiros de condições de pobreza e desigualdade também é mencionada pelo periódico. Exemplificando essa realidade, o jornal conversa com uma fonte testemunha que viu a vida ser transformada durante o governo Lula. O pescador Rodrigo da Silva fala que Lula priorizava pessoas como ele e que, durante seu governo, ele teve acesso a recursos que não tinha antes, como televisão e bons móveis. Outra fonte testemunha, a presidente de um estaleiro em Recife Nicole Terpins, explicou como Lula, quando era presidente, incentivou o setor e, com isso, criou empregos no Nordeste.

Segundo o jornal, Lula deixou a presidência com a popularidade de um "rock star", mas a corrupção chamada no texto de "endêmica", para o *The New York Times*, "marred Mr. da Silva's legacy" – ou seja, prejudicou o legado de Lula. Para endossar pontos polêmicos da trajetória de Lula, o jornal aciona fontes independentes. Uma delas é Marina da Silva, que tendo sido ministra do Meio Ambiente no governo Lula, afirma que o governo não fez o que era o necessário para o país, mas o necessário para se manter no poder.

Outra fonte acionada é Deltan Dallgnol, um dos procuradores que atuou na investigação contra Lula. O texto apresenta a Operação Lava Jato (ainda que esse nome são seja utilizado) como a investigação dos "biggest corruption scandal in the nation's history" (Londoño, 2021c, s/n) – em português: maior escândalo de corrupção da história do país. O escândalo, informa o jornal, envolveu assessores próximos a Lula e sua investigação envolveu o Departamento de Justiça dos Estados Unidos. O país de origem do jornal é mencionado neste único momento, mas os resultados da atuação do órgão estadunidense parecem ser alvo de orgulho, uma vez que o *The New York Times* destaca os valores que as empresas brasileiras teriam que pagar devido ao acordo firmado.

O artigo torna possível a interpretação de que esses escândalos também afetaram realizações antes vistas como positivas do governo Lula. Uma fonte especialista, o economista Samuel Pessôa, explica que pedidos de construções de navios foram suspensos e as vagas de emprego criadas na área foram fechadas. A razão, para o especialista, não foi apenas a corrupção, mas a falta de planejamento do governo, reforçando a ideia de um Brasil onde as instituições são precárias, não funcionam adequadamente.

Mesmo a fonte testemunha, Rodrigo da Silva, fala de aspectos negativos do governo Lula. Ele relata que a expansão de estaleiros na ilha de Tatuoca prejudicou a vida marinha no local e que famílias foram retiradas de suas casas para a ampliação das operações de construção

de navios. Já uma fonte especialista, o economista Ecio Costa, relatou que a expansão dos estaleiros na região não foi bem planejada, uma vez que o local não tinha a infraestrutura adequada.

Por outro lado, o jornal relata as medidas de Lula para corrigir esses problemas, como os investimentos em educação e em políticas afirmativas que facilitavam o acesso de pessoas não-brancas à universidade. Também são relatados o descobrimento do pré-sal, a construção de relações diplomáticas com outros países e a felicidade dos brasileiros em receber a Copa do Mundo em solo nacional.

O texto enfatiza também que "Mr. da Silva took no responsibility for the recession or for the huge bribery scandal that battered Brazil for years after he left office" (Londoño, 2021c, s/n) – em português: Lula não assumiu nenhuma responsabilidade pela recessão ou pelo enorme escândalo de corrupção que assolaram o Brasil nos anos após ele deixar o cargo. Segundo a publicação, a responsabilidade ficou com Dilma Rousseff, sucessora de Lula, que saiu do cargo por um impeachment.

Nada se fala sobre o sucessor de Dilma, Michel Temer. O jornal faz um avanço temporal de dois anos e passa a tratar de Jair Bolsonaro, descrito como "a far-right former army captain who presented himself as Mr. da Silva's polar opposite, praising the dictatorship and promising an iron fist against corruption and crime" (Londoño, 2021c, s/n) – em português: um ex-capitão do exército de extrema direita que se apresentou como o oposto de Lula, elogiando a ditadura e prometendo ser rigoroso contra a corrupção e o crime. Apesar da promessa, o artigo descreve que Bolsonaro enfrentava, à época, uma grande quantidade de escândalos.

As ações de Bolsonaro – segundo mais uma fonte independente (sem relação de pertencimento ao objeto da notícia) ouvida pelo *The New York Times*, o prefeito de Recife, João Campos – faziam com que muitos brasileiros se arrependessem de terem votado nele. A citação exata da fala de Campos pode ser entendida como uma citação judiciosa (Tuchman, 1996), uma vez que expressa a ideia geral do texto de que o Brasil estava em uma situação ruim com Lula e com Bolsonaro ela piorou. Isso pode ser compreendido pela seguinte frase citada por (Londoño, 2021c, s/n): "It's like you have a house with rats and cockroaches, and the solution you find is to set it on fire. That's what Brazil did" – em português: é como se você tivesse uma casa com ratos e baratas, e a solução que você encontra é colocar fogo nela. Foi isso que o Brasil fez.

Enquanto, quando trata de Lula, o *The New York Times* apresenta dados tanto positivos quanto negativos sobre seu governo, quando trata de Bolsonaro, apenas fatos negativos são apresentados (provavelmente se baseando em fontes oficiais). Entre esses dados estão: a

elevação do desemprego e do número de pessoas pobres, o alto número de mortos durante a pandemia, os escândalos envolvendo pessoas próximas ao presidente e as tentativas do mandatário de impedir investigações.

Em paralelo, processos contra Lula foram anulados, uma vez que pessoas envolvidas neles, como Sérgio Moro, "fell into disrepute" (foram descredibilizadas). Além disso, pesquisas de opinião (fonte independente) o indicavam como o favorito entre os eleitores. A explicação para isso, segundo um professor da Universidade de Duke e biógrafo de Lula, John French (fonte especialista), é que povo acredita que todos os políticos são corruptos e busca alguém que se importe com eles. A síntese do que é dito pelo especialista é repetida na fala do pescador Rodrigo Silva, apoiador de Lula, que afirma, segundo Londoño (2021c, s/n): "Everybody steals. But he gave us priority" – em português: todos roubam, mas ele deu prioridade para a gente.

Fica claro, portanto, que a imagem do Brasil é negativa, sendo reforçados estereótipos do país como um local de criminalidade, de precariedade institucional, de desigualdade social e também de prevalência dos interesses privados sobre os públicos. Isso é visto até mesmo nas ações listadas como positivas de Lula, uma vez que o jornal reforça que o político havia tentado levar emprego para sua região natal e base eleitoral, o Nordeste, região descrita como tendo "a little more than a quarter of the country's population but nearly half its poor" (Londoño, 2021c, s/n) – em português: pouco mais de um quarto da população do país, mas quase metade dos seus pobres.

A imagem do país piora à medida que o jornal apresenta as eleições como um beco sem saída. Bolsonaro tem sua imagem associada apenas a aspectos negativos e Lula seria uma figura contraditória. Ainda que seja querido pela população, o jornal torna possível a interpretação de que ele é apenas alguém interessado em "permanecer no poder", como foi alegado por Marina Silva.

5.2.36 Dezembro de 2021: debaixo d'água

O último mês de 2021 foi marcado por uma tragédia no Brasil. Dezenas de milhares de pessoas saíram de suas casas devido às enchentes que atingiram diversas cidades do nordeste brasileiro. Essa é a informação trazida no texto "Record Floods Stun Brazil's Northeast, Killing at Least 20" (Enchentes recordes atordoam o Nordeste do Brasil, matando pelo menos 20), publicado em 28 de dezembro no site do *The New York Times* e no dia seguinte na edição impressa. Esse artigo, que adota um enquadramento episódico sobre os fatos, foi considerado o mais relevante publicado naquele mês pelo buscador do periódico.

No texto, Milhorance (2021) utiliza um misto de fontes oficiais, testemunhas e independentes para construir a notícia. Dados como o número de pessoas que tiveram que deixar suas casas, as mortes causadas pelas enchentes e a comparação entre os níveis de chuva nos últimos anos vêm de fontes oficiais. Também pode ser classificado como fonte oficial o então governador da Bahia, Rui Costa, que explica que nenhuma outra enchente se compara com aquela ocorrida em dezembro de 2021.

O relato do brasileiro Gerisnon Vieira Lima (fonte testemunha) é utilizado para aprofundar a realidade vivida pelas vítimas. Gerisnon é frentista e perdeu a maior parte de seus pertences nas inundações. Ele também endossa o posicionamento do governador de que nunca havia visto nada como aquelas enchentes. Já a explicação para esse acontecimento vem de uma fonte independente: Natalie Unterstell, presidente do Instituto Talanoa, que atribui a tragédia às mudanças climáticas.

As fontes independentes são as mais acionadas pelo *The New York Times* neste artigo. Dois políticos também atuam como fontes independentes. Valmir Assunção, deputado federal pela Bahia, traz informações sobre a quantidade de municípios afetados e sobre o que foi destruído, já o senador Randolfe Rodrigues comenta as férias de Jair Bolsonaro durante as enchentes. Para Rodrigues, é uma "piada com os brasileiros" Bolsonaro estar de folga enquanto as pessoas sofrem com a fome, o desemprego, a inflação, a pandemia e com desastres naturais.

Toda a circunstância também contribui para uma imagem negativa do Brasil e para o reforço do estereótipo do país como um local de desigualdade social. A ideia de país da natureza também está presente, uma vez que o país aparece associado ao tema das mudanças climáticas. Já o terceiro estereótipo reforçado é o do Brasil como um lugar onde os interesses privados se sobrepõem aos públicos. Essa ideia é reforçada pelo comportamento de Jair Bolsonaro que, como reportado pela imprensa local (fonte independente, uma vez que não tem relação de pertencimento com o objeto da notícia) saiu de férias e esperava "não ter que voltar mais cedo" devido à situação das enchentes. Com isso, mesmo que o texto não apresente nenhuma comparação do Brasil com outros países ou de Bolsonaro com outros líderes, Bolsonaro consolida uma valência negativa com relação à sua imagem.

5.2.37 Janeiro de 2022: a morte do guru

O ano de 2022 foi marcado pela cobertura das eleições no Brasil. Em janeiro, porém, o tema ainda não era tão abordado. O assunto mais comentado pelo *The New York Times* envolvendo os termos Brasil e Bolsonaro naquele mês foi a nova hospitalização do presidente

da República[154], que foi tema de um artigo completo e de três *briefings*. As eleições apareceram em apenas uma ocasião: um texto sobre o fortalecimento de políticos de esquerda na América Latina[155]. Outros temas tratados no mês foram as medidas da empresária brasileira Luísa Trajano para combater o racismo[156] e a morte de Olavo de Carvalho. Esta última notícia foi a escolhida pelo buscador do periódico como a mais relevante do mês.

O assunto é abordado no texto "Olavo de Carvalho, Bolsonaro's Far-Right Guru, Dies at 74" (Morre, aos 74 anos, Olavo de Carvalho, guru da extrema direita de Bolsonaro). O artigo foi publicado no dia 26 de janeiro no site do *The New York Times* e no dia seguinte na edição impressa do jornal. No texto, Nicas (2022a) adota um enquadramento centrado na personalidade, destacando as características do homem que descreveu como: a far-right Brazilian pundit and self-proclaimed philosopher who became the political guru of President Jair Bolsonaro by warning of a globalist plot to spread communism across the world (Nicas, 2022a, s/n) – em português: um analista brasileiro de extrema direita e autoproclamado filósofo que se tornou o guru político do presidente Jair Bolsonaro ao alertar sobre uma conspiração globalista para espalhar o comunismo pelo mundo.

O falecimento de Olavo de Carvalho, aos 74 anos, em um hospital nos Estados Unidos foi informado por seus familiares (fonte oficial). Porém, a causa de sua morte, explica Nicas (2022a), não foi confirmada pela família, mas uma conta nas redes sociais ligada ao "guru" (fonte oficiosa) havia dito que Olavo havia contraído covid-19. Além disso, segundo o *The New York Times*, havia informação (cuja origem não é especificada) que o analista enfrentava diversas doenças.

Outra fonte oficial abordada no texto é uma declaração de Jair Bolsonaro elogiando o aliado e chamando-o de "farol" para milhões de brasileiros. Para explicar quem foi Olavo de Carvalho, o *The New York Times* recorre a uma fonte especialista: Camila Rocha, professora de ciências políticas na Universidade de São Paulo. A citação da professora acontece depois de

---

[154] LONDOÑO, Ernesto; MILHORANCE, Flávia. President Jair Bolsonaro of Brazil Is Hospitalized. **The New York Times**, 3 jan. 2022. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/01/03/world/americas/brazil-bolsonaro-hospitalized.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 5 abr. 2025.

[155] LONDOÑO, Ernesto; TURKEWITZ, Julie; MILHORANCE, Flávia. Leftists Are Ascendant in Latin America as Key Elections Loom. **The New York Times**, 4 jan. 2022. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/01/04/world/americas/leftists-elections-latin-america.html?searchResultPosition=4. Acesso em: 5 abr. 2025.

[156] LONDOÑO, Ernesto. Billionaire's Star Rises as She Takes Bold Stance on Racism in Brazil. **The New York Times**, 7 jan. 2022. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/01/07/world/americas/luiza-trajano-brazil-magalu-racism.html?searchResultPosition=3. Acesso em: 5 abr. 2025.

três parágrafos em que o jornal explica que o analista, conhecido apenas como "Olavo", acumulou centenas de milhares de seguidores nas redes sociais propagando teorias da conspiração "bizarras" e xingando grupos dos quais discordava, ganhando fama de mentor político em 2018, quando Bolsonaro elogiou seus ensinamentos e colocou seu livro ao lado da Constituição brasileira e da Bíblia. Todas essas explicações não têm fonte referenciada diretamente, mas é possível inferir que tenham vindo da especialista ouvida pelo periódico, uma vez que ela complementa comparando Olavo de Carvalho a Rasputin.

Outra comparação presente no texto é entre Carvalho e Steve Bannon, "the right-wing ideologue who helped lead Donald J. Trump's 2016 presidential campaign and once called Mr. de Carvalho 'one of the greatest conservative intellectuals in the world'" (Nicas, 2022a, s/n) – em português: o ideólogo de direita que ajudou a liderar a campanha presidencial de Donald J. Trump em 2016 e que certa vez chamou o Sr. de Carvalho de "um dos maiores intelectuais conservadores do mundo".

Informações como essa parecem vir de fontes independentes, como materiais jornalísticos antigos, assim como o relato do encontro entre Bannon, Carvalho e Bolsonaro nos Estados Unidos em 2019. Já dados como o que Olavo de Carvalho ensinava em seu curso não têm fonte especificada. Essa imissão é frequente em momentos em que o jornal utiliza fontes secundárias, mas nem sempre é aplicada. Nesse mesmo artigo, o jornal especifica que a trajetória de vida do ideólogo brasileiro foi narrada pela filha dele.

Por outro lado, neste artigo, fontes primárias são sempre identificadas. Além de declarações de Bolsonaro, Bannon e da professora Camila Rocha, o texto também traz citações do então ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo (fonte independente, por não falar em nome do objeto da notícia, e descrita como ministro de Bolsonaro e discípulo de Olavo de Carvalho) e do próprio ideólogo. Em sua fala, Araújo atribui a vitória de Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018 ao pensamento criado por Olavo de Carvalho, enquanto a citação do guru do presidente serve para reforçar o apoio do ideólogo a afirmações falsas, uma vez que, no texto retirado do Twitter de Carvalho, ele dá a entender que o coronavírus não é letal e não passa de uma mentira.

Já a citação de uma fala da filha de Olavo de Carvalho, Heloísa (fonte testemunha), pode ser entendida como uma citação judiciosa (Tuchman, 1996). Em entrevista ao *The New York Times* (Nicas, 2022a, s/n) ela afirma: "He committed a lot of evil, and what he caused in this pandemic, especially here in Brazil, was very serious" – em português: ele fez muito mal, e o que ele causou nesta pandemia, principalmente aqui no Brasil, foi gravíssimo.

Com isso, não há dúvidas de que a imagem retratada de Olavo de Carvalho neste artigo é negativa. Por defender o ideólogo e ter nele um guru, a imagem de Bolsonaro também tem valência negativa no texto. Além disso, é apresentado um paralelo entre o mandatário brasileiro e Donald Trump, cujas campanhas foram endossadas e até beneficiadas por pensamentos de ideólogos de extrema direita. Esse cenário, somado à realidade de que milhões de brasileiros concordavam com Olavo de Carvalho, reforçam o estereótipo do Brasil como um lugar de atraso, garantindo uma valência negativa ao país.

5.2.38 Fevereiro de 2022: uma linha tênue

Em 24 de fevereiro de 2022, a Rússia atacou a capital da Ucrânia, Kiev, com um bombardeio. A notícia foi dada pelo *The New York Times* pouco antes das duas horas da madrugada daquele dia, no horário de Nova Iorque, ou seja, por volta das quatro da manhã no horário de Brasília. A tensão entre Rússia e Ucrânia já ocupava o noticiário há dias, inclusive envolvendo o Brasil e seu então presidente, Jair Bolsonaro.

Quando a guerra começou, o jornal deu início a uma cobertura ao vivo, em que vários artigos eram incluídos dentro de um mesmo link, ainda que cada um deles pudesse ser acessado por links próprios. Esse tipo de conteúdo é chamado de *live coverage* pelo *The New York Times*. Um dos artigos incluídos nessa cobertura foi o intitulado "Brazil walks a fine line in its response to Russia's attacks" (O Brasil anda numa linha tênue na sua resposta aos ataques da Rússia), publicado na versão online por volta das 14h (horário de Nova Iorque). O texto foi deixado de fora da edição impressa do jornal.

O artigo, escolhido pelo buscador do *The New York Times* como o mais relevante daquele mês dentre os que utilizavam os termos "Brazil" e Bolsonaro, adota em enquadramento episódico. A notícia relatada é sobre a resposta brasileira a invasão russa, classificada por Nicas (2022b) como "tepid" (morna). De acordo com o jornal, "diplomatas do Ocidente" (que não são especificados e, por esse motivo, podem ser entendidos como fontes oficiosas) criticaram o comunicado brasileiro que pedia uma solução pacífica que levasse em conta os interesses de segurança legítimos de todos os envolvidos. A resposta brasileira, interpreta o NYT com base em suas fontes oficiosas, "suggested President Vladimir V. Putin's efforts to plant seeds of support in Latin America were bearing fruit" (Nicas, 2022b, s/n) – em português: sugeriu que os esforços do presidente Vladimir V. Putin para plantar sementes de apoio na América Latina estavam dando frutos.

Para trazer o contexto da situação, o jornal recorre a fontes secundárias que são, possivelmente independentes, como material jornalístico. Com base nelas, o leitor é informado de que Jair Bolsonaro, descrito como líder de comportamento "mercurial" (temperamental) que foi aliado de Donald Trump (ainda que não haja comparação entre os dois políticos ou seus países), visitou Putin. A visita, conforme o jornal, foi condenada por funcionários do governo americano (fontes oficiosas) e criticada no Brasil. Já "diplomatas estrangeiros" (também fontes oficiosas) disseram que a atitude de Bolsonaro parecia minar a posição de neutralidade do Brasil.

Além disso, ao enfatizar (usando possivelmente fontes independentes) que Bolsonaro questionou a eleição de Joe Biden nos Estados Unidos e que também questionava as eleições no Brasil, o texto ajuda a enfatizar o estereótipo do país como um lugar onde as instituições são frágeis. Essa percepção se aprofunda à medida que o jornal informa (usando fontes oficiais) quais são os países latinos que estão apoiando o presidente russo: Venezuela, Cuba e Nicarágua, todas nações que vivem em regimes não democráticos. Já nações como a Argentina, o Chile e o México condenaram o ataque.

O Brasil, por outro lado, não endossou nem condenou fortemente o ataque da Rússia à Ucrania. A explicação para o tom do pronunciamento foi dado por um conselheiro de Bolsonaro no Twitter (fonte oficiosa), Filipe Martins. Segundo o jornal, a justificativa seria que "the situation was complicated and the country needed time to parse through disinformation" (Nicas, 2022b, s/n) – em português: a situação era complicada e o país precisava de tempo para analisar a desinformação. Outra fonte oficiosa é o vice-presidente Hamilton Mourão. Segundo o jornal, o vice-presidente e ex-general, "is known for speaking independently of Mr. Bolsonaro" (Nicas, 2022b, s/n) – em português: é conhecido por falar de forma independente de Bolsonaro – e condenou o ataque russo, comparando-o aos da Alemanha nazista na década de 1930.

Uma fonte oficial, o embaixador da União Europeia no Brasil, Ignacio Ybañez, tem sua citação utilizada de forma judiciosa (Tuchman, 1996) ao afirmar que o Brasil, como a maioria da comunidade internacional, condene a invasão russa na Ucrânia. De forma complementar, o jornal informa que a Embaixada Brasileira na Ucrânia trabalha para trazer brasileiros para casa e apresenta um relato de um desses brasileiros, explicando como a situação no país europeu estava difícil. Assim, ao não condenar a guerra, é possível que o leitor interprete que o governo de Bolsonaro coloca interesses privados acima dos interesses públicos, o que é mais um estereótipo do Brasil reforçado no texto.

Apesar de ter estereótipos negativos explicitados ao longo do artigo, é possível dizer que, em ambos os casos, eles estão mais ligados à figura do presidente da República, uma vez

que o próprio vice-presidente parece discordar do posicionamento de Jair Bolsonaro. Com isso, a imagem do país fica com valência neutra neste artigo, enquanto a imagem de Bolsonaro fica com valência negativa.

5.2.39 Março de 2022: dançando a noite inteira

Março de 2022 não foi um mês com muitas notícias mencionando o Brasil e Jair Bolsonaro no *The New York Times*. Entre os assuntos abordados estiveram o bloqueio e posterior desbloqueio do Telegram no Brasil devido à disseminação de desinformação[157], o desmatamento na Amazônia[158], um casal de espiões que tentou vender segredos ao Brasil[159] e a estreia do espetáculo de dança de um grupo brasileiro em Nova Iorque. Foi esta última notícia qu mais chamou a atenção do algoritmo do jornal, que classificou o texto "Review: Dancing the Night Away With Brazil's Cia Suave" (Resenha: Dançando a noite toda com a Cia Suave do Brasil) como o mais relevante daquele mês.

Publicado em 31 de março na versão online e no dia seguinte na edição impressa, o artigo foi mantido nesta pesquisa porque o texto é objetivo quando trata do Brasil, restringindo suas opiniões ao espetáculo de dança. Mesmo no caso do espetáculo o texto, escrito por Gia Kourlas, costuma se ater à descrição, o que comprava o enquadramento episódico: o que importa é que, após ser adiado, o espetáculo "Cria" chega aos Estados Unidos e estreia no BAM Fisher (um teatro localizado em Nova Iorque). Contudo, não é feita nenhuma comparação entre o Brasil e os Estados Unidos.

No artigo, foram localizados poucos trechos que determinam a opinião da autora sobre o espetáculo da Cia Suave. A autora chega a chamá-lo de "uneven" (desigual), mas conclui que "is worth seeing" (vale a pena ver). Essa ideia é reforçada pelo simples fato de a crítica ser incluída na coluna "Critic's Pick" (escolha do crítico). Além disso, pela temática de dança, o texto também ajuda a consolidar o estereótipo do Brasil como um país de arte.

---

[157] NICAS, Jack; SPIGARIOL, André. Brazil Lifts Its Ban on Telegram After Two Days. **The New York Times**, 20 mar. 2022. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/03/20/world/americas/brazil-telegram-bolsonaro.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 5 abr. 2025.

[158] LANGEWIESCHE, William. The War for the Rainforest. **The New York Times**, 16 mar. 2022. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/03/16/magazine/amazon-rainforest-ituna-itata.html?searchResultPosition=6. Acesso em: 5 abr. 2025.

[159] BARNES, Julian E.; SPIGARIOL, André; NICAS, Jack; GOLDMAN, Adam. Submarine Spy Couple Tried to Sell Nuclear Secrets to Brazil. **The New York Times**, 15 mar. 2022. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/03/15/us/politics/submarine-spy-brazil.html?searchResultPosition=5. Acesso em: 5 abr. 2025.

Mas esse não é o único estereótipo acionado. No artigo, a autora funciona como uma fonte testemunha (ainda que por vezes se baseie no programa no espetáculo, uma fonte oficial), contando ao leitor o que o espetáculo retrata e a que se propõe. Assim, são revelados outros estereótipos sobre o Brasil. Um deles é o da desigualdade social, que é mencionada na explicação do nome do espetáculo. Segundo a autora, a palavra tem dois significados: "a young being (human or animal) and the neighborhood, or favela, from which a person hails" (Kourlas, 2022, s/n) – em português: um ser jovem (humano ou animal) e o bairro, ou favela, de origem. A autora também destaca que muitas pessoas negras e dançarinos moram na favela.

Vale notar que, em geral, é o próprio espetáculo que faz estereótipos serem reforçados, como no caso da desigualdade social. Além disso, é ele que aborda o tema violência, com uma cena de tiroteio. Porém, a figura de Jair Bolsonaro também contribui para o reforço do estereótipo do Brasil como um país de violência. Mesmo aparecendo uma única vez no texto, Kourlas (2022, s/n) enfatiza que o presidente de "direita" "has encouraged police raids in favelas" – em português: incentivou batidas policiais em favelas. A atitude garante uma valência negativa com relação a Bolsonaro, associando-o a mortes nas favelas. Já o Brasil garante uma imagem neutra, uma vez que é retratado de forma mista, com estereótipos tanto positivos quanto negativos.

5.2.40 Abril de 2022: somos porque plantamos

Ainda na tendência observada nos primeiros meses de 2022, abril não teve uma extensa cobertura sobre o Brasil e Bolsonaro no *The New York Times*. Ao todo, foram filtrados seis artigos que utilizassem esses termos e em apenas dois deles o Brasil desempenhava um papel central, enquanto Bolsonaro não foi protagonista de nenhum dos textos filtrados.

Os dois textos que trouxeram o Brasil para o centro foram: Brazil's climate politics are shifting. That matters for the whole planet (A política climática do Brasil está mudando. Isso é importante para todo o planeta)[160] e "Can a Brazilian Pop Star Crack the U.S. Market? Anitta Says Yes" (Uma estrela pop brasileira pode conquistar o mercado dos EUA? Anitta diz que sim)[161]. Esses artigos, ficaram em segundo e terceiro lugar, respectivamente, entre os mais

[160] ANDREONI, Manuela. Brazil's climate politics are shifting. That matters for the whole planet. **The New York Times**, 15 abr. 2022. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/04/15/climate/brazil-elections-lula-climate.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 5 abr. 2025.
[161] GALVÃO, Carolina Abbott. Can a Brazilian Pop Star Crack the U.S. Market? Anitta Says Yes. **The New York Times**, 7 abr. 2022. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/04/07/arts/music/anitta-versions-of-me.html?searchResultPosition=3. Acesso em: 5 abr. 2025.

relevantes do mês para o buscador do *The New York Times*. Já o mais importante, conforme o algoritmo, foi o texto "Governments Tighten Grip on Global Food Stocks, Sending Prices Higher" (Os governos aumentam o controle sobre os estoques globais de alimentos, elevando os preços), publicado em 30 de abril no site e no dia seguinte na edição impressa do NYT.

O texto como um todo adota o enquadramento temático para falar das consequências da guerra entre Rússia e Ucrânia. Uma das consequências do conflito, relata o *The New York Times*, é a adoção de medidas protecionistas por parte de alguns países com relação aos alimentos. A partir desse propósito, o texto passa a trabalhar as consequências dessas medidas e também os motivos para os países as terem tomado. Por isso, é natural que o jornal recorra a fontes oficiais e especialistas para tratar desse assunto.

A participação do Brasil se dá apenas no final do texto, o que, conforme a lógica da pirâmide invertida (Traquina, 1993) indica que é um tópico visto como menos relevante dentro do artigo. Além disso, o Brasil é mencionado quatro vezes e Bolsonaro apenas três. Em todas essas aparições, o país está ligado ao relato de Ngozi Okonjo-Iweala, a diretora-geral da Organização Mundial do Comércio, que atua como fonte testemunha para um fato narrado sob o enquadramento episódico. Ela conta que havia estado no Brasil e conversado com o presidente Jair Bolsonaro sobre a possibilidade de o país exportar mais vegetais e grãos para o mundo.

Conforme informa o NYT, durante a conversa, o presidente brasileiro teria dito que estava preocupado com a obtenção de fertilizantes, que vinha da região do Mar Negro e teria explicado que as plantações brasileiras já estavam negociadas, mas que o país tentaria produzir mais na próxima safra. Com isso, é possível compreender que não há qualquer tipo de julgamento com relação ao Brasil e seu presidente, tornando neutra a valência da imagem de ambos. Além disso, não há comparação destes com outros países ou líderes. O que se tem somente é a consolidação de um estereótipo de Brasil ligado à natureza, dessa vez, associado à produção agropecuária, uma vez que é descrito como "a major agricultural exporter" (Swanson, 2022, s/n) – em português: um grande exportador agrícola.

5.2.41 Maio de 2022: uma boa notícia?

Em maio de 2022, o *The New York Times* publicou somente dois artigos não-opinativos utilizando os termos "Brazil" e Bolsonaro. O primeiro e mais relevante deles, de acordo com o buscador do jornal, foi o texto "Good News for Food, Bad News for War: Brazil Buys Russian Fertilizer" (Boas notícias para a alimentação, más notícias para a guerra: Brasil compra fertilizante russo), publicado em 8 de maio na versão digital e no dia 9 de maio na edição

impressa. Já o segundo texto do mês foi “Biden’s Summit of the Americas Is Threatened by Boycotts, Confusion” (A Cúpula das Américas de Biden está ameaçada por boicotes e confusão)[162], publicado no dia 12 de maio no site no NYT e no dia seguinte no jornal impresso.

Em ambos os textos, o Brasil desempenha um papel central, porém, no texto mais importante de maio, Bolsonaro está presente apenas como coadjuvante. Um indício disso já pode ser percebido pela quantidade de vezes que o termo Bolsonaro é empregado no texto: são cinco ocasiões no corpo do texto e uma presença na tag leia mais sobre. Já o termo “Brazil” aparece 36 vezes ao longo do artigo.

Nicas e Spigariol (2022a) adotam um enquadramento temático no artigo. Isso se dá porque a compra de fertilizantes russos pelos brasileiros não foi algo ocasional. Na verdade, como descrito no texto, “hundreds of thousands of tons of Russian fertilizer have arrived in Brazil since the invasion” (Nicas e Spigariol, 2022a, s/n) – em português: centenas de milhares de toneladas de fertilizantes russos chegaram ao Brasil desde a invasão.

O texto foca, principalmente, em explicar como a guerra entre Rússia e Ucrânia ameaçava o comércio de fertilizantes e como Brasil conseguiu driblar as sanções contra os russos para continuar a comprar esse insumo. Para tanto, são usadas fontes secundárias que não são mencionadas, mas podemos supor ser um misto de fontes oficiosas e independentes. Contudo, uma vez que essa explicação é feita, o artigo para de ajudar o leitor a interpretar o que isso significa.

Como dito no título, o fato de o Brasil ter conseguido acesso aos fertilizantes russos é tanto uma notícia boa quanto algo ruim. Boa porque os preços dos alimentos não subiriam e ruim porque a estratégia ocidental para barrar as ações da Rússia não estavam funcionando. Para endossar esse posicionamento, o jornal apresenta uma fonte especialista: Edward Fishman, um ex-agente público que ajudou o governo de Barack Obama a traçar medidas contra o Irã.

Vale notar que, ainda que não haja uma comparação entre o Brasil e os Estados Unidos, o país de origem do jornal é retratado como hierarquicamente superior ao Brasil, que seria subordinado aos EUA. Além disso, os estadunidenses são retratados como um povo que pensa nos demais, uma vez que previu maneiras de não encarecer os alimentos. Isso pode ser percebido no seguinte trecho:

---

[162] KURMANAEV, Anatoly; NICAS, Jack. Biden’s Summit of the Americas Is Threatened by Boycotts, Confusion. **The New York Times**, 12 maio 2022. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/05/12/world/americas/summit-americas-boycotts.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 5 abr. 2025.

> Facing the prospect of such a crisis, the United States created a carve-out in its sanctions in late March to explicitly allow purchases of Russian food and fertilizer. While financial sanctions are still complicating transactions, American officials have been working to reassure other governments and business leaders — including meeting with government and industry officials in Brazil — that buying Russian fertilizer is not prohibited (Nicas e Spigariol, 2022a, s/n)[163].

Para endossar seu argumento, o *The New York Times* usa mais um especialista para trazer uma citação judiciosa. Desta vez, ele recorre ao economista Josef Schmidhuber, que explica que, se o Brasil não comprasse fertilizantes da Rússia, essa seria uma notícia ruim para a crise global de alimentos. Em seguida, o jornal apresenta o dado (provavelmente vindo de fonte oficial ou independente) de que o Brasil é o maior comprador dos fertilizantes russos.

O presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, também é citado, servindo de fonte oficial. O *The New York Times* enfatizou que o mandatário brasileiro esteve com Putin pouco antes da invasão à Ucrânia e se disse solidário aos russos, além de dizer que dobraria a importação de fertilizantes do país. Depois da invasão, Bolsonaro (descrito somente como presidente do Brasil) disse que a questão dos fertilizantes era sagrada.

Contudo, "Whether that fertilizer supply could get to Brazil, however, seemed questionable" (Nicas e Spigariol, 2022a, s/n) – em português: se esse fornecimento de fertilizantes poderia chegar ao Brasil, no entanto, parecia questionável. Isso porque, segundo o jornal, além das sanções às transações financeiras, "The West" (o ocidente) impôs sanções aos dois dos maiores produtores russos de fertilizantes. Esses são só alguns dos impedimentos que o Brasil teria para cumprir o que disse Bolsonaro, o que reforça a ideia de fragilidade do governante brasileiro que já estava presente quando o jornal colocou o Brasil como subordinado às decisões dos Estados Unidos.

O jornal descreve que, mesmo com as restrições, o Brasil havia encontrado maneiras de comprar fertilizante (o que reforça um estereótipo de resistência do brasileiro), mas volta a dar protagonismo aos Estados Unidos ao reforçar que o fato de os EUA terem tornado claro que a compra de fertilizantes não geraria sanções facilitou as negociações brasileiras. Essa demonstração de apoio ao seu país de origem também acontece quando o jornal menciona uma possível autossuficiência brasileira de potássio.

Como foi possível perceber nesta pesquisa, ao longo dos anos, o *The New York Times* se dedicou a denunciar o desflorestamento na Amazônia. Contudo, neste artigo, o jornal parece usar a fala de uma parlamentar brasileira como uma forma de citação judiciosa para defender o contrário. Isso porque uma

---

[163] Perante a perspectiva de tal crise, os Estados Unidos criaram uma exclusão nas suas sanções no final de março para permitir explicitamente a compra de alimentos e fertilizantes russos. Embora as sanções financeiras ainda compliquem as transações, as autoridades americanas têm trabalhado para tranquilizar outros governos e líderes empresariais – incluindo reuniões com representantes do governo e da indústria no Brasil – de que a compra de fertilizantes russos não é proibida (Nicas e Spigariol, 2022a, s/n, tradução nossa).

das propostas para a autossuficiência brasileira em potássio era fazer a extração do mineral na Amazônia. A proposta, como noticia o NYT, gerou protestos no Brasil, mas na visão da parlamentar brasileira Neri Geller, não havia alternativa.

Essa é a ideia que encerra o texto e, de certa medida, aciona o estereótipo do Brasil como país da natureza para transformá-lo. Esse misto de presença de estereótipos negativos e positivos contribuem para a construção de uma valência neutra com relação à imagem do Brasil. Ao mesmo tempo que o país é o país da natureza (já que tem na agricultura sua força), ele pode extrair potássio da Amazônia mesmo que isso implique em devastar a floresta, afinal, será para o bem de um interesse dos Estados Unidos e do Ocidente, a quem o Brasil está submetido. Já Bolsonaro, ao mesmo tempo que ameaça negociar com os russos, só atinge seus objetivos por intervenção dos Estados Unidos, o que ajuda a reforçar a ideia de país do atraso. Contudo, ainda que essa ideia possa parecer negativa para os brasileiros, parece ser vista com bons olhos pelo jornal, o que também garante uma valência neutra a Bolsonaro.

5.2.42 Junho de 2022: falando do Brasil?

Em 24 de junho de 2022, a Suprema Corte dos Estados Unidos decidiu que o aborto não era um direito constitucional no país. Com isso, os estados poderiam escolher manter o procedimento legal ou não, o que, na prática, resultou na proibição do aborto em cerca de metade dos estados americanos. Apenas quatro dias após essa decisão, em 28 de junho, o *The New York Times* publicou em seu site a reportagem "When Brazil Banned Abortion Pills, Women Turned to Drug Traffickers" (Quando o Brasil proibiu as pílulas abortivas, as mulheres recorreram aos traficantes de drogas), o texto, publicado em 30 de junho na versão impressa, foi o escolhido pelo buscador do jornal como o mais relevante do mês conforme os filtros desta pesquisa.

Já no subtítulo do texto, percebe-se que a pauta se refere aos eventos dos Estados Unidos, uma vez que se lê "With Roe v. Wade overturned, states banning abortion are looking to prevent the distribution of abortion medication. Brazil shows the possible consequences" (Nolen, 2022, s/n) – em português: com a anulação de Roe vs. Wade, os estados que proíbem o aborto procuram impedir a distribuição de medicamentos abortivos. O Brasil mostra as possíveis consequências. Já daí podemos inferir que foram dois os valores-notícia acionados. O primeiro e principal deles foi o tempo, uma vez que há uma conexão com o momento vivido nos Estados Unidos, o segundo é a capacidade de o acontecimento impactar a vida das pessoas. Isso porque, apesar de o Brasil ser central na matéria, essas consequências mencionadas no subtítulo se referenciam ao que pode acontecer nos Estados Unidos após a mudança de legislação sobre o aborto.

Essas consequências começam a ser apresentadas já no lead da matéria e nos parágrafos que se seguem, que trazem o relato de uma brasileira que tomou pílulas abortivas compradas ilegalmente de um traficante de drogas, teve fortes sangramentos e passou semanas com receio de procurar atendimento médico. Nesse momento, a matéria recorre a uma fonte testemunha: a experiência de aborto de Xaiana. Também já é possível ver a presença da pobreza (reforçando o estereótipo do Brasil como país da desigualdade), já que a matéria relata que a brasileira sobreviveria por semanas com o dinheiro da pílula: R$1.500, o que equivalia a US$ 285.

Ao fim do relato, o texto se volta novamente à realidade estadunidense, explicando que, nos Estados Unidos, a venda da pílula do aborto é legal, mas, com a mudança da legislação, alguns estados começaram a proibi-la. Daí se dá mais uma comparação com o Brasil. O texto relata que uma garrafa com 60 pílulas de misoprostol nos Estados Unidos custa US$ 15, enquanto no Brasil, oito pílulas dessa droga custam entre US$ 200 e US$ 400.

Apesar de o acesso à droga ser simples no mercado paralelo, ele é fruto de contrabando, o que, de acordo com a segunda fonte citada diretamente pelo *The New York Times*, Maira Marques, aumenta o medo das brasileiras. Aqui, o jornal recorreu a uma fonte independente, já que Marques trabalha para a organização não governamental Milhas pelas Vidas das Mulheres. Em seguida, o jornal adota fontes secundárias, a quem não faz referência diretamente, para trazer informações históricas e contextuais do aborto no Brasil, reforçando um enquadramento temático, que é o que predomina ao longo do texto.

Ainda que o *The New York Times* indique que foi a experiência das mulheres brasileiras com o medicamento Cytotec que motivou estudos sobre abortos provocados por remédios, ao trazer dados científicos sobre o tema, o veículo prefere trazer dados da revista britânica The Lancet, que serve como fonte expert para o texto.

Vemos que as fontes brasileiras costumam ser mais acionadas quando se trata de testemunhos, como é o caso da médica Ana Teresa Derraik, que conta sobre como as pílulas, quando não eram proibidas, haviam diminuído atendimentos em hospitais decorrentes de tentativas de aborto com métodos improvisados e arriscados e como hoje o acesso a essas pílulas está cada vez mais restrito. O texto conta ainda como outros dois testemunhos de abortos com pílulas que precisaram ser compradas de um traficante e tiveram consequências negativas, sendo que uma das mulheres respondeu judicialmente por tentar comprar a pílula pela internet. Também são frequentes no texto as fontes oficiosas, como é o caso de Juliana Reis, também da Milhas pelas Vidas das Mulheres, que reporta como a situação se agravou após a eleição de Jairo Bolsonaro, descrito pelo jornal apenas como o presidente do Brasil que foi eleito com o apoio da comunidade evangélica, que crescia rapidamente.

Contudo, também são ouvidas experts brasileiras. A pesquisadora Sonia Corrêa fala como a mudança da realidade política prejudicou o aborto seguro e a médica Helena Paro aponta que medidas tomadas pelo Ministério da Saúde brasileiro contradizem a ciência. Só então uma fonte oficial é ouvida diretamente. O Ministério da Saúde responde por nota que o uso do medicamento fora do ambiente hospitalar é proibido devido a possíveis complicações. Apesar de essa ser a única menção explícita a uma fonte oficial, ao longo do texto são trazidos vários dados que parecem ter como fonte órgãos oficiais, como, por exemplo, quando a legislação brasileira e suas atualizações são citadas.

Na escolha das fontes e nos relatos trazidos por ela podemos perceber alguns estereótipos de Brasil presentes do texto. As três fontes testemunhas que falam sobre suas experiências com o aborto partem de classes sociais diferentes. A primeira, Xaiana, pertence à classe baixa, uma vez que, como explicita o texto, a quantia investida por ela na pílula do aborto seria usada para seu sustento por meses. A segunda mulher, identificada como "A" é uma socióloga, que não menciona problemas financeiros para comprar a droga, mas teve problemas com a justiça. Já a terceira, chamada de "C", é professora, filha de uma médica e conseguiu fazer o procedimento sem que ninguém descobrisse que era um aborto causado por pílula e pôde procurar ajuda médica, mas sem dizer o que de fato aconteceu. Apesar da presença de diversas classes sociais, as histórias das três passam pela compra ilegal da pílula e apresentam outras similaridades, mostrando que a ilegalidade desse medicamento traz consequências negativas para todas as classes, ainda que tenham maiores riscos a classe baixa, que tem menos acesso à informação e a recursos materiais.

Se a desigualdade social é apresentada de forma opaca, a violência, em seu sentido tradicional (outro estereótipo do Brasil), está pouco presente. Sim, as pílulas são vendidas por traficantes de drogas, mas eles aparecem como a solução para essas mulheres que não conseguiram o que precisavam por meios legais. O Estado, por outro lado, aparece de forma negativa, como aquele que nega a ciência, nega as consequências positivas, apresentadas pela médica, da liberação da pílula, pune as mulheres que a usam e as deixa com medo de procurarem atendimento médico nessas circunstâncias. Além disso, ao dizer que Bolsonaro, associado a um movimento religioso, agravou a situação, fica nítida a fragilidade/precariedade de nossas instituições, que se demonstra pouco laica. Demonstra-se também a prevalência de interesses privados sobre os públicos, uma vez que a melhora da saúde pública é deixada de lado para dar lugar a uma decisão caracterizada por uma das fontes como "ideológica".

Vale destacar ainda que a escolha deste texto como o mais relevante do mês pelo buscador do *The New York Times* indica que a seleção da ferramenta de busca do jornal se dá,

muito provavelmente, devido à grande relevância do tema para a realidade estadunidense. Isso pode ser demonstrado pelos critérios de noticiabilidade do texto, que não se relacionam com acontecimentos do Brasil daquele momento e, sim, dos Estados Unidos. Além disso, a comparação entre os dois países ao longo do texto se dá de forma explícita, sendo que a realidade brasileira é apresentada como o possível futuro para os americanos após a mudança na legislação sobre o aborto.

Essa perspectiva é reforçada na escolha do enquadramento desse texto jornalístico, que é prioritariamente temático, focando no contexto, nas consequências que a proibição do aborto pode trazer para a sociedade. A escolha se dá, possivelmente, porque o fato que motivou a notícia (o "gancho") não ocorreu no Brasil e, sim, nos Estados Unidos. Ademais, a escolha do enquadramento também privilegia o tipo de fonte mais adotado na matéria: as testemunhas. Afinal, o contexto fica melhor demonstrado com os relatos de quem o vive. Observou-se também um favorecimento de fontes independentes em vez de oficiais e presença moderada de fontes experts, sendo que dos três tipos de fontes utilizadas, as duas mais presentes são brasileiras.

Ao mesmo tempo, podemos observar uma valência negativa da representação do Brasil e até de seu então governante, Jair Bolsonaro. Isso se dá pelo uso de estereótipos negativos de nosso país, especialmente aqueles que foram reforçados por pensadores como Holanda (1987) e Freyre (2004), de que as instituições brasileiras não são tão sólidas e que as políticas adotadas aqui colocam os interesses públicos em segundo plano.

5.2.43 Julho de 2022: o caso dos diplomatas

O texto "Bolsonaro Gathers Foreign Diplomats to Cast Doubt on Brazil's Elections" (Bolsonaro reúne diplomatas estrangeiros para pôr em xeque as eleições no Brasil) foi classificado, pelo buscador do site do *The New York Times*, como a matéria mais relevante publicada em julho de 2022 que utilizasse os termos "Brazil" e "Bolsonaro". Além de ser destaque na versão virtual, o texto também apareceu na versão impressa do jornal no dia 20 de julho, dia seguinte à publicação online.

É possível que o motivo desse destaque tenha sido o valor-notícia que levou o texto a ser noticiado que, conforme a classificação de Traquina (2005), se enquadra do critério "inesperado", uma vez que aborda um comportamento não convencional para um líder eleito democraticamente. Além disso, essa matéria que trata, como descreve o NYT, da reunião que Jair Bolsonaro fez com "dúzias de diplomatas estrangeiros" no palácio presidencial, tem um

enquadramento primordialmente episódico, ainda que também conte com a presença do enquadramento temático, mais focado nos contextos. Isso porque o texto enfatiza a fala do então presidente que, na ocasião, afirmou acreditar que o sistema eleitoral brasileiro poderia ser manipulado.

A declaração polêmica foi identificada pelo *The New York Times*, como "a potential preview of his strategy for an election that is 75 days away and that polls forecast he will lose in a landslide" (Spigariol e Nicas, 2022a, s/n) – em português: uma possível prévia de sua estratégia para uma eleição que está a 75 dias de distância e que as pesquisas preveem que ele perderá de forma esmagadora. Esse é o primeiro indício de que a valência desse texto em relação à imagem de Jair Bolsonaro é negativa, uma vez que o jornal aponta que o presidente, repetidas vezes, atacou o sistema eleitoral brasileiro sem provas, além de pregar que juízes da Suprema Corte estariam tentando sabotá-lo e que o envolvimento das forças armadas seria a maneira de assegurar eleições seguras.

Ao mesmo tempo, a temática de eleições inseguras e de uma possível ameaça à democracia, que estão presentes no texto, também contribuem para uma valência negativa sobre a imagem do Brasil. Elas remetem às ideias de Holanda (1987) e Freyre (2004) quanto à fragilidade de nossas instituições, que não estariam ancoradas nos valores do povo brasileiro. Essas preocupações com a democracia brasileira são associadas pelo jornal ao pensamento dos diplomatas presentes que, por não serem citados nominalmente, podem ser entendidos, na classificação de Lage (2009), como fontes oficiosas ouvidas pelo jornal. É importante destacar, porém, que, segundo o *The New York Times*, os representantes estrangeiros estavam "shaken by" (chocados) pela apresentação que viram em Brasília. Com isso, podemos perceber que, diferente do que acontecia nos tempos de Freyre e Holanda, as instituições brasileiras hoje são percebidas como mais sólidas e ameaçá-las é surpreendente.

Outro ponto relevante é a clara associação entre Jair Bolsonaro e Donald Trump. No texto, Spigariol e Nicas (2022a) traçam paralelos entre o presidente do Brasil e o ex-mandatário dos Estados Unidos. O primeiro deles é a conexão entre as falas de Bolsonaro na reunião com os diplomatas e os discursos de Trump durante as eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2020. Ambos os políticos estavam atrás nas pesquisas eleitorais e, mesmo antes da realização das votações, aparentaram descreditar o sistema de votação "in a supposed effort to increase reliability and transparency" (Spigariol e Nicas, 2022a, s/n) – em português: em um suposto esforço para aumentar a confiabilidade e a transparência. Além disso, a reportagem aponta que Bolsonaro e Trump compartilham aliados, que estariam endossando o brasileiro nas redes sociais, em conferências políticas e em programas de televisão. Contudo, Bolsonaro

também é associado, de maneira negativa, a outros líderes políticos populistas, tanto de direita como de esquerda, que também descreditaram seus respectivos sistemas eleitorais.

Para trazer esses e outros dados contextuais, podemos supor que o *The New York Times* recorra a fontes secundárias como jornais e agências de checagem de fatos, mas também são citadas fontes oficiais, tais como autoridades eleitorais. Podemos estabelecer ainda que a principal fonte primária da matéria é o próprio Jair Bolsonaro, com falas tiradas tanto do evento retratado, que foi transmitido ao vivo para o público, quanto em outros momentos. Outra fonte primária é o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), descrito no texto como "Brazil's election agency". Essa fonte, que também pode ser descrita como uma fonte oficial (assim como Bolsonaro, uma vez que ele fala como presidente da República), é utilizada como um contraponto para as falas de Bolsonaro, classificando-as como falsas em suas acusações de fraudes nas eleições de 2018 e de possibilidade de invasão de hackers às urnas eletrônicas.

Além das fontes oficiais, que apresentam versões diversas, o *The New York Times* também ouviu um especialista brasileiro em ciência da computação, Diego Aranha. Essa fonte, que se enquadra na categoria "expert" descrita por Lage (2009), endossa o posicionamento do TSE de que as urnas são seguras (ainda que possam ser aprimoradas), reforçando, por consequência, a valência negativa com relação a Bolsonaro.

Já quanto ao Brasil, podemos determinar que a valência é neutra. Se, por um lado, as atitudes de Bolsonaro relatadas no texto fazem reforçar estereótipos negativos do Brasil como um local de fragilidade política e líderes patriarcais – para os quais as próprias determinações e vontades valeriam mais do que a lei, aos moldes dos senhores feudais, como descreve Freyre (1995) – por outro, a fala do especialista e também de representantes dos Estados Unidos e da Europa deixaram claro que há confiança na democracia e no sistema eleitoral brasileiros.

Sendo assim, é possível compreender que a imagem do Brasil pode ter sofrido um impacto negativo devido à ação de Bolsonaro noticiada. Se, pelo que é dito por fontes oficiosas como os representantes não identificados de outros países, o Brasil havia consolidado suas instituições a ponto que as ameaçar é um fato chocante, ao colocar em xeque a solidez da democracia brasileira, Bolsonaro prejudicou a imagem do Brasil. Como já dito por Buarque (2022) e Lisboa (2000), a imagem dos líderes de uma nação podem, em certa medida, impactar a imagem do país que representam. Assim, Bolsonaro, que é apresentado com valência negativa no texto do *The New York Times*, compromete a imagem nacional, reforçando estereótipos negativos acerca do Brasil.

Também pudemos perceber a relevância dada ao Brasil pelo jornal *The New York Times*, o que pôde ser percebido pela ampla gama de fontes utilizadas (oficiais, oficiosas e

especialistas/experts) e pela publicação do texto tanto na versão impressa quanto na versão digital. Isso significa que a ameaça à preservação da democracia no Brasil (noticiada por ser inesperada) é vista como algo que merece destaque para o público. Prova disso é que, além do enquadramento episódico, também foi utilizado o enquadramento temático, permitindo maior aprofundamento do público sobre o tema.

5.2.44 Agosto de 2022: trégua das urnas

Enquanto na primeira metade do ano as eleições ficaram longe de ser o foco da cobertura do *The New York Times* sobre o Brasil, de julho em diante, esse foi o assunto mais frequente. Em agosto, o texto mais relevante do mês foi "Brazilian Officials Reach Truce on Voting Machines Targeted by Bolsonaro" (Autoridades brasileiras chegam a uma trégua sobre as urnas eletrônicas, que estão na mira de Bolsonaro), publicado em 31 de agosto no site do NYT e no dia seguinte na edição impressa.

Pelo título, já é possível perceber que o texto reforça o estereótipo do Brasil como um lugar de fragilidade institucional, uma vez que as urnas estão "na mira" do presidente da República. Essa percepção se reforça na linha fina, quando o jornal afirma: "President Jair Bolsonaro has claimed that Brazil's voting machines are vulnerable to fraud, with little evidence. Election officials agreed to explore changes to security tests before the October election" (Spigariol e Nicas, 2022b, s/n) – em português: o presidente Jair Bolsonaro afirmou que as urnas eletrônicas do Brasil são vulneráveis a fraudes, com poucas evidências. As autoridades eleitorais concordaram em explorar mudanças nos testes de segurança antes das eleições de outubro.

Complementarmente, o jornal afirma no lead que o ataque de Bolsonaro às urnas com "poucas evidências" leva a suspeitas de que ele possa não aceitar o resultado das eleições caso fosse derrotado. Mas, conforme descrito no sub-lead o motivo de essa notícia ter sido escrita é que os responsáveis pela realização da eleição e os aliados de Bolsonaro pareciam ter feito um acordo. A informação é dada por uma pessoa que esteve no encontro entre as partes, mas não pode revelar sua identidade. Como a fonte fala sobre as decisões de Alexandre de Moraes, então presidente do Tribunal Superior Eleitoral, podemos classificá-la como uma fonte oficiosa, sendo o principal tipo de fonte utilizado no texto. Outra fonte oficiosa acionada é o ministro das Comunicações, Fábio Faria, que disse que o problema parecia ter sido resolvido após o encontro.

É possível notar que o principal tipo de enquadramento adotado pelo jornal é o episódico: focado no acordo entre autoridades ligadas às eleições e os militares. Ainda assim, existem pontos de contextualização do tema. O jornal recorre a uma fonte independente (entrevistas concedidas a outros jornais) para informar que os militares estavam preocupados com os testes de segurança das eleições.

Textos noticiosos (seja do próprio NYT ou de outros veículos) também parecem ser a fonte de algumas informações contextuais trazidas no artigo. Exemplo disso é a afirmação de que os militares eram "key ally" (aliados chave) de Bolsonaro em suas críticas ao sistema eleitoral e que, em contrapartida, Bolsonaro havia dito que os militares poderiam tornar as eleições seguras. Com base nesse e em outros contextos apresentados no artigo, os autores também fazem interpretações dos fatos, como se vê no seguinte trecho: "The easing of tensions is positive for the outlook of Brazil's elections, but Mr. Bolsonaro has agreed to similar truces in the past and then later continued his criticism of the electoral system" (Spigariol e Nicas, 2022b, s/n) – em português: o alívio das tensões é positivo para as perspectivas das eleições no Brasil, mas Bolsonaro concordou com tréguas semelhantes no passado e mais tarde continuou as suas críticas ao sistema eleitoral.

Mesmo que não haja comparação ou paralelo com outros países ou líderes, imagens como a apresentada no trecho anterior fazem com que a valência com relação a Bolsonaro seja negativa, uma vez que ele é apresentado como alguém que questiona o sistema eleitoral sem provas consistentes e que volta atrás em decisões de trégua. Já com relação à imagem do Brasil, podemos observar uma valência neutra. Isso porque, ainda que as ações do presidente reforcem a ideia de fragilidade institucional, o relato de como funcionam as urnas eletrônicas, que, como explicam fontes especialistas ouvidas pelo NYT (mas não especificadas nominalmente) são "highly unlikely" (altamente improváveis) de serem fraudadas, refutam o estereótipo do país como um lugar de atraso.

5.2.45 Setembro de 2022: o ataque do partido

As eleições presidenciais foram o principal assunto da cobertura do *The New York Times* sobre o Brasil em setembro. De todos os 23 textos filtrados, 12 tratavam desse assunto. Também foi um artigo com esse tema que foi classificado como o mais relevante pelo buscador do periódico. Trata-se do texto "On Eve of Election, Bolsonaro's Party Attacks Brazil's Voting Systems" (Na véspera das eleições, o partido de Bolsonaro ataca o sistema de votação do Brasil), publicado em 29 de setembro online e em 30 de setembro na versão impressa do NYT.

O artigo privilegia um enquadramento episódico, focado no fato e nas consequências imediatas dele. Na ocasião, relatam Nicas e Spigariol (2022b, s/n), o partido de Jair Bolsonaro, que disputava uma possível reeleição, "released a document that claimed, without evidence, that a group of government employees and contractors had the 'absolute power to manipulate election results without leaving a trace'" – em português: divulgou um documento que afirmava, sem provas, que um grupo de funcionários e prestadores de serviços do governo tinha o "poder absoluto de manipular os resultados eleitorais sem deixar rastros".

Além de noticiar, o jornal interpreta o fato levando em conta o contexto de que o próprio presidente da República havia, por meses, levantado dúvidas sobre o sistema eleitoral brasileiro. Para o NYT, autoridades brasileiras e internacionais estavam "growing increasingly worried that the far-right leader was setting the stage to dispute an election loss" (Nicas e Spigariol, 2022b, s/n) – ou seja, ficando cada vez mais preocupadas que o líder de extrema direita estivesse se preparando para questionar uma derrota eleitoral – e esse sentimento tinha motivo para aumentar após a declaração do partido de Bolsonaro. O jornal classifica ainda que "It was among the most significant attacks yet against Brazil's election system" (*Ibid.*) – em português: o documento foi um dos ataques mais significativos contra o sistema eleitoral do Brasil.

Dadas essas posições, não há como negar que o artigo reforça o estereótipo do país como um lugar onde as instituições são precárias, podendo, portanto, serem ameaçadas. Essa interpretação se baseia em informações obtidas por uma fonte oficial – o documento lançado pelo partido de Bolsonaro (cujo nome não é mencionado) – mas também em fontes independentes, uma vez que afirma que os ataques aconteciam há meses. Alguns desses ataques são descritos ao longo do artigo, sempre baseados em fontes independentes, geralmente em matérias jornalísticas. Há referências com links diretos para matérias do próprio NYT à ocasião em que Bolsonaro reuniu diplomatas estrangeiros para atacar o sistema eleitoral e também para o texto sobre o apoio dos militares aos questionamentos do presidente. Isso, conforme interpretação do jornal, estaria "raising fears that the armed forces could support any effort to hold onto power" (Nicas e Spigariol, 2022b, s/n) – em português: aumentando temores de que as forças armadas possam apoiar qualquer esforço para manter o poder.

Outras fontes independentes citadas são pesquisas eleitorais, ainda que elas não sejam especificadas, o jornal informa que "pesquisas" indicavam Lula a frente de Bolsonaro desde 2021, com chances de que o então ex-presidente vencesse ainda no primeiro turno. As pesquisas são usadas também para apresentar o número de votantes de Bolsonaro que desconfiam do sistema eleitoral, que representaria 75% do total, conforme o dado apresentado pelo jornal.

“Observadores internacionais” citados no texto também podem ser compreendidos como fontes independentes. São eles os responsáveis por trazer uma comparação entre Bolsonaro e Donald Trump e entre o Brasil e os Estados Unidos. Conforme descrito no artigo, eles teriam medo de que Bolsonaro agisse como Trump nas eleições de 2021 nos EUA. Esse ponto também é abordado por uma fonte oficial: o Senado estadunidense, que emitiu uma resolução pedindo que a Casa Branca condenasse os questionamentos de Bolsonaro às eleições e que não apoiasse um governo brasileiro que não fosse eleito democraticamente.

Também contam como fontes oficiais os posicionamentos do Tribunal Superior Eleitoral (descrito apenas como a autoridade eleitoral do Brasil) e do Supremo Tribunal Federal com relação ao documento publicado pelo partido de Bolsonaro. Enquanto o TSE chama o documento de desonesto, o STF afirma que abriu investigação contra o partido. Além disso, explica o NYT, o TSE relembrou em sua declaração que candidatos e políticos eleitos que compartilhassem notícias falsas sobre o sistema eleitoral poderiam ter suas candidaturas ou mandatos caçados o que, para o jornal, impediu que muitos políticos compartilhassem o documento do partido online.

Ainda assim, atuando como fontes testemunhas, Nicas e Spigariol (2022b) relatam que o documento foi amplamente compartilhado por apoiadores de Jair Bolsonaro, incluindo a deputada Carla Zambelli. Porém, utilizando os rituais estratégicos da possibilidade de conflito e da citação judiciosa (Tuchman, 1996), o artigo traz a fala de três fontes especialistas, sendo que dois deles (os pesquisadores Diego Aranha e Marcos Simplicio) explicam que as alegações do documento são infundadas e um (o cientista político Mauricio Santoro) explica o motivo de o documento ter sido divulgado há quatro dias das eleições: tentar explicar uma possível derrota.

O somatório das falas das fontes revela que o Brasil, apesar de ter sua democracia ameaçada pelo presidente e seu partido, também tem movimentos que resistem a esse ataque, o que também faz parte do estereótipo do país. Com isso, enquanto a valência com relação à imagem de Bolsonaro é negativa, por ser ligado a um ataque à democracia, a valência com relação à imagem do Brasil é neutra.

5.2.46 Outubro de 2022: confiança destruída

Em outubro aconteceram o primeiro e o segundo turno das eleições presidenciais no Brasil. Dos 79 textos do *The New York Times* filtrados por esta pesquisa naquele mês, 67 abordavam essa temática, contudo, não foi o resultado das eleições que figurou como o texto

mais relevante daquele mês para o buscador do jornal, mas um texto que tratava das consequências das ações de Jair Bolsonaro descredibilizando o sistema eleitoral brasileiro. O texto é representativo do que havia sido destacado nos três meses anteriores, apresentando o contexto da eleição brasileira.

O texto em questão é "Win or Lose, Bolsonaro Has Destroyed Trust in Brazil's Elections" (Ganhando ou perdendo, Bolsonaro destruiu a confiança nas eleições no Brasil), publicado em 28 de outubro no site do NYT e no dia seguinte da edição impressa do periódico. O enquadramento escolhido por Nicas (2022c) foi o temático, com foco em explicar o clima político e o contexto das eleições presidenciais às vésperas do segundo turno.

Já na linha fina, Nicas (2022c) afirma que os ataques de Bolsonaro às urnas eletrônicas fizeram com que seus eleitores acreditassem que pudesse haver fraude nas eleições. Já no lead o autor explica que os apoiadores do então presidente só viam dois resultados possíveis após o pleito: ou comemoravam ou protestavam, já que a derrota de Bolsonaro significaria que houve fraude. Para provar seu ponto, o autor apresenta relatos de diversas fontes testemunhas que revelam ter certeza de que haveria fraude devido às falas de Bolsonaro, que eles consideravam "alertas". Tais falas também são citadas pelo jornal, tendo, neste caso, o presidente como fonte independente, já que não falava enquanto tal.

Os relatos dessas fontes são complementados com o uso de uma fonte independente: pesquisas de opinião indicando que 75% dos apoiadores de Bolsonaro não confiam no sistema eleitoral. Fontes independentes, em especial matérias jornalísticas, são usadas para relembrar que Bolsonaro "has methodically questioned and criticized the security of Brazil's electronic voting system, despite the lack of credible evidence of a problem" (Nicas, 2022c, s/n) – em português: questionou e criticou metodicamente a segurança do sistema de votação eletrônica do Brasil, apesar da falta de evidências confiáveis da existência de um problema.

Com isso, torna-se evidente que a valência da imagem de Jair Bolsonaro é negativa. É ele quem faz com que o país seja associado ao estereótipo de um lugar cujas instituições podem ser ameaçadas, sendo, portanto, precárias. É também seu comportamento que enseja uma comparação com os Estados Unidos, como se apresenta no trecho a seguir:

> Those doubts have undermined one of the world's largest democracies and are likely to end up as one of Mr. Bolsonaro's most pernicious legacies — part of a global trend of lies and conspiracy theories, often stoked by populist leaders

> and amplified by the internet, that are threatening democratic norms in the United States and across the world[164] (Nicas, 2022c, s/n).

A comparação com os Estados Unidos continua quando o jornal alega que agentes do governo, juízes, jornalistas e o grande parte da população do Brasil se preocupavam que acontecesse no país o mesmo que nos Estados Unidos durante o 6 de janeiro, quando apoiadores de Donald Trump invadiram o Capitólio questionando os resultados das eleições. A partir de então, o jornal passa a comparar os dois governantes, como é possível perceber no seguinte trecho:

> Both Mr. Trump and Mr. Bolsonaro spent much of their administrations warning that the establishment was plotting against them. Mr. Trump railed against the "deep state," while Mr. Bolsonaro has accused some of the judges who oversee Brazil's Supreme Court and the country's electoral court of trying to rig the election[165] (Nicas, 2022c, s/n).

Outro ponto em comum entre o Brasil e os Estados Unidos, segundo o *The New York Times* é a influência das redes sociais na politização da população. Outras fontes testemunhas (todas apoiadoras de Bolsonaro) ouvidas pelo jornal apresentavam posts e mensagens compartilhados online como prova de que haveria fraude. Como contraponto, o periódico também apresenta relatos de especialistas (ainda que eles não sejam mencionados nominalmente) que indicam que as urnas eletrônicas não só são seguras, mas serviram para combater as fraudes que ocorriam anteriormente no país, quando os votos eram em papel.

O formato de relatos de apoiadores de Bolsonaro (fontes testemunhas) em contraposição com fatos trazidos por fontes especialistas ou independentes é o predominante no texto, sendo que as fontes testemunhas são mais abundantes. O que o jornal consegue com esse formato de texto é criar uma imagem diferente para o Brasil com relação a Bolsonaro. Sem dúvida o país aprece, em algum grau, como um local onde as instituições podem ser frágeis, já que Bolsonaro as ataca. Contudo, o próprio *The New York Times* afirma que há resistência no Brasil (reforçando esse estereótipo do país). Essa dualidade é expressa claramente no seguinte trecho: "If Mr. Bolsonaro is defeated and seeks to hold on to power, it appears that Brazil's democratic institutions are prepared to resist. But it also appears that some of his supporters are prepared

---

[164] Essas dúvidas minaram uma das maiores democracias do mundo e provavelmente acabarão sendo um dos legados mais perniciosos de Bolsonaro – parte de uma tendência global de mentiras e teorias da conspiração, muitas vezes alimentadas por líderes populistas e amplificadas pela Internet, que ameaçam as normas democráticas nos Estados Unidos e em todo o mundo (Nicas, 2022c, s/n, tradução nossa).

[165] Tanto Trump quanto Bolsonaro passaram grande parte dos seus governos alertando que o *establishment* estava conspirando contra eles. Trump criticou o "estado profundo", enquanto Bolsonaro acusou alguns dos juízes que supervisionam a Suprema Corte do Brasil e o tribunal eleitoral do país de tentar fraudar as eleições (Nicas, 2022c, s/n, tradução nossa).

to fight" (Nicas, 2022c, s/n) – em português: se Bolsonaro for derrotado e tentar manter o poder, parece que as instituições democráticas do Brasil estão preparadas para resistir. Mas também parece que alguns dos seus apoiadores estão preparados para lutar.

Neste artigo, a perspectiva adotada pelo *The New York Times* é a mesma defendida por Schwarcz e Starling (2018), a do Brasil como um país de contrastes, onde ações opostas, nesse caso, a agressão à democracia e a luta por sua preservação coexistem. Tendo isso em vista, a valência com relação a imagem brasileira se torna neutra.

5.2.47 Segundo texto de outubro de 2022: um presidente ejetado

O resultado das eleições presidenciais no Brasil foi elencado pelo buscador do *The New York Times* como sendo o quarto mais importante do mês de outubro. Apesar disso, dada à extensa cobertura do jornal dedicada ao tema, compreendemos ser necessário analisar o artigo "Brazil Ejects Bolsonaro and Brings Back Leftist Former Leader Lula" (Brasil expulsa Bolsonaro e traz de volta o antigo líder de esquerda Lula). Publicado em 30 de outubro de 2022, dia em que ocorreu o segundo turno das eleições presidenciais brasileiras, o primeiro ponto a ser observado no texto é o seu título. Percebe-se, por ele, que Bolsonaro e Lula serão os dois principais personagens abordados e é possível observar também um tom desfavorável à Bolsonaro, devido à expressão "eject", que pode ser traduzida como ejetar ou expulsar.

Na linha fina do texto, Nicas (2022d) reforça que Bolsonaro foi rejeitado pelos votos após "apenas" um mandato e informa que o então presidente é um líder de extrema direita. Já Lula é retratado apenas como "de esquerda" o que indica que enquanto Bolsonaro é retratado como um extremista, Lula é visto como alguém que está em um dos polos convencionais da política.

A contraposição entre os dois personagens centrais se mantém ao longo do texto. No *lead*, o NYT indica que "autoridades eleitorais" (fontes primárias oficiosas) disseram que a eleição de Lula seria um castigo para o movimento de extrema direita de Bolsonaro. Em seguida, o texto relata a trajetória de superação de Lula, que foi da presidência para a prisão e retornou ao cargo. Já sobre Bolsonaro, o jornal relembra as polêmicas: suas políticas que "aceleraram a destruição da Amazônia e potencializaram a pandemia", seus status como uma das maiores figuras da extrema direita e seus ataques à esquerda, à mídia e à democracia.

Esse último tópico, segundo o NYT, causou preocupações no Brasil e internacionalmente. Portando, a votação de 30 de outubro testou o que o jornal chama de "uma das maiores democracias do mundo". No texto, há ainda uma comparação entre Bolsonaro e

Donald Trump, que também questionou a legitimidade das eleições em seu país. Baseando-se em fontes primárias independentes, como veículos locais de comunicação, o texto relata que apoiadores de Bolsonaro bloquearam estradas em protesto. Outra comparação com os Estados Unidos é com relação à Covid-19. O jornal destaca que, sob a gestão Bolsonaro, a pandemia matou mais no Brasil que em qualquer lugar nos EUA.

Além disso, o jornal não deixa de enfatizar que o resultado das eleições foi apertado, na verdade, conforme dados de fontes primárias oficiais, a margem de vitória de Lula foi a menor da história. Em seguida, o jornal destaca a fala de Lula (nesse caso uma fonte primária oficial) e sua promessa de governar para todos os brasileiros e não somente para os que votaram nele.

Ao relatar esses fatos, o texto demonstra que tem um enquadramento episódico, tratando do resultado das eleições do Brasil, dos fatos ocorridos durante o dia da votação (como ação da Polícia Rodoviária Federal que atrasou os ônibus em regiões onde Lula era mais popular) e dos fatos que se seguiram (como o discurso de Lula, a falta de pronunciamento de Bolsonaro e as ações de bloqueio de estradas por parte de seus apoiadores). Porém, demonstrando que também tem um forte enquadramento temático, o texto tenta explicar o contexto que levou a um pleito apertado.

Para isso, relembra que Lula teve governos amplamente aprovados, que foi acusado e condenado de corrupção, mas que seu caso foi anulado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) devido à suspeição do juiz. O jornal atribui a vitória de Lula à "the strong opposition to Mr. Bolsonaro and his far-right movement" (Nicas, 2022d, s/n) – em português: forte oposição ao movimento de extrema direita do Sr. Bolsonaro. Para ratificar essa explicação, o NYT apresenta a fala de uma fonte primária testemunhal, a bibliotecária Stefane Silva de Jesus, que diz que Lula não é a solução de todos os problemas, mas é a única esperança.

Outro ponto do texto que confirma sua maior tendência ao tipo de enquadramento temático, é sua contextualização de outros países que não o Brasil. Na matéria, Jack Nicas lembra que seis dos sete maiores países da América Latina elegeram líderes de esquerda desde 2018 e Lula é um deles.

Também faz parte do enquadramento temático a abordagem que o jornal faz dos desafios que Lula terá em seu novo governo. Entre os temas elencados estão "environmental threats, rising hunger, a sputtering economy and a deeply divided population" (Nicas, 2022d, s/n) – em português: ameaças ambientais, aumento da fome, uma economia crepitante e uma população profundamente dividida. Percebe-se, portanto, que a inclusão da temática ambiental se soma às temáticas centrais do texto: democracia e eleições. Também há menções sobre a economia do país e sobre as políticas adotadas durante a pandemia de Covid-19, mas a

preocupação com o meio ambiente, especialmente com a Amazônia, é mais presente, reforçando o estereótipo do Brasil como país da natureza. Em um trecho, Nicas (2022d, s/n) destaca que a eleição de Lula "will most likely be good news for the health of the Amazon rainforest" – em português: provavelmente será uma boa notícia para a saúde da Floresta Amazônica –, dado o histórico de Lula e Bolsonaro no cargo em relação às suas políticas sobre a região.

Um ponto a ser observado é que fontes oficiais estão mais presentes em pontos da reportagem que usam o enquadramento episódico. Ainda que não seja citado diretamente, sabemos que os números da apuração foram fornecidos pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE); quando o texto se refere à operação da Polícia Rodoviária Federal, a fonte é Alexandre de Moraes, citado apenas como "elections chief"; e as falas de Lula vieram de seus discursos após a vitória eleitoral.

Já quando se trata do enquadramento temático, as fontes primárias adotadas nem sempre são mencionadas com clareza. Há informações que presumimos terem vindo de veículos locais de comunicação ou de apurações prévias do *The New York Times*, há declarações de Lula e Bolsonaro dadas em momentos anteriores, como em debates ou discursos, e há informações que acreditamos que tenham vindo de órgãos oficiais que não foram mencionados explicitamente, como dados econômicos e dados sobre eleições anteriores.

Se as fontes são múltiplas, os personagens se resumem a duas pessoas: Lula, que ganhou as eleições presidenciais, e Bolsonaro, o candidato derrotado. Ao longo do texto de 41 parágrafos, Lula é mencionado 18 vezes, enquanto o nome de Bolsonaro aparece em 12 ocasiões. O então presidente do Brasil tem suas falas citadas textualmente duas vezes. A primeira declaração foi tirada de um discurso de Jair Bolsonaro em 2021 quando disse que só tinha três opções: ser reeleito, preso ou morto e disse "Quero dizer aos canalhas que eu nunca serei preso". A segunda fala foi tirada de uma entrevista feita por outro veículo de comunicação após o último debate presidencial. Na ocasião, ao ser perguntado se aceitaria o resultado das eleições, Bolsonaro disse "Não há a menor dúvida. Quem tiver mais voto leva. É isso que é democracia".

Já Lula foi citado textualmente em três parágrafos, com trechos maiores do que os das falas de Bolsonaro. Duas das declarações de Lula, ambas feitas em seus discursos após a vitória nas urnas, foram promessas do presidente eleito para seu futuro governo. A última declaração usada no texto, feita no último debate presidencial, também foi uma promessa, mas sobre Bolsonaro: "A hora que levantar o tapete, vocês vão ver a podridão".

É possível dizer ainda que o tratamento dado a Lula foi mais positivo do que aquele dado a Bolsonaro. O movimento de extrema direita no Brasil é referido, em duas ocasiões, como sendo um movimento de Bolsonaro. Seu tempo no governo foi descrito como "turbulento" e "volátil", que atacou "impetuosamente" a democracia, aumentou as consequências da pandemia e o desmatamento. O jornal ainda lembra que ele responde a processos judiciais.

Quanto à Lula, a visão é mais positiva que negativa. Apesar de ser mencionado o esquema de corrupção durante seu governo, o jornal esclarece que seus processos foram anulados, mesmo não tendo sido inocentado. O texto também lembra que a crise econômica começou com a sucessora escolhida por Lula e que seus planos para o país são "vagos", apesar de suas promessas de diminuir a desigualdade e combater a fome. Porém, o NYT também cita uma fala que associa Lula a "esperança" e apresenta sua eleição como uma possível "boa notícia".

Enquanto os dois presidentes estão no centro das atenções do texto, não há muito espaço para se falar diretamente do Brasil ou do povo brasileiro. Ou seja, podemos fazer inferências sobre eles a partir das temáticas abordadas pelo jornal. Pelas menções diretas aos brasileiros, sabemos que a reportagem do *New York Times* informa que estão "divididos", fato atribuído pelo NYT ao governo de Bolsonaro. Já pelas falas diretas sobre o Brasil, o NYT destaca seus maiores problemas: as ameaças ao meio ambiente, o aumento da fome, a crise econômica e as ameaças à sua democracia, reforçando estereótipos como o do país da natureza, da desigualdade social e da fragilidade institucional.

Com esta pesquisa pudemos perceber que a abordagem feita neste artigo sobre o segundo turno das eleições brasileiras teve um enquadramento predominantemente temático, uma vez que se preocupou em descrever os contextos das situações abordadas. Ainda assim, o enquadramento episódico (relatando momentos específicos da eleição, com o seu resultado e fatos que ocorreram ao longo do dia) também esteve presente, assim como o enquadramento de valor noticioso, uma vez que as eleições se destacam pelo momento e pelo local que acontecem.

A partir desta análise também conseguimos averiguar que o *The New York Times* priorizou fontes oficiais e oficiosas, especialmente quando o enquadramento episódico era acionado, com uma ocorrência de uma fonte independente e uma testemunhal e sem nenhuma fonte que possa ser considerada uma expert.

Já Bolsonaro e Lula serviram como um paralelo para a representação do Brasil, um país que, como já apontavam Schwarcz e Starling (2018), é um país de contrastes. Essa dualidade é percebida dela divisão retratada no povo brasileiro, que decidiu, mesmo que por uma pequena margem, que prefere a esperança (associada às promessas de Lula sobre a diminuição da fome

e da desigualdade, que também fazem reforçar o estereótipo do Brasil como local de resistência), do que continuar apoiando Bolsonaro e um governo que ameaça o sistema democrático. Além disso, visões que estiveram presentes desde o início da construção da imagem nacional, como a centralidade da natureza (Barbato, 2014), são retomadas, à medida que a Amazônia e o meio ambiente estão entre os principais tópicos discutidos na reportagem.

É razoável dizer também que houve uma tentativa de aproximar a realidade brasileira à dos Estados Unidos, comparando as figuras de Trump e de Bolsonaro. Ainda que não fosse o tópico principal do texto, a temática do meio ambiente foi uma das mais abordadas, seja para criticar as medidas tomadas por Bolsonaro ou colocar Lula como uma possibilidade para que a área se desenvolva melhor. Comprovou-se também que o tratamento dado a Lula foi mais favorável do que o dado a Bolsonaro, que foi retratado como alguém que ameaça as instituições. Sendo assim, o leitor do jornal pode compreender que as instituições brasileiras não são mais facilmente ameaçadas, contribuindo para uma valência positiva com relação à imagem do país.

5.2.48 Novembro de 2022: os brasileiros agradecem

Mesmo com os resultados das eleições brasileiras definidos, o *The New York Times* dedicou grande parte de sua cobertura sobre o Brasil em novembro às repercussões da vitória de Luiz Inácio Lula da Silva e da derrota de Jair Bolsonaro. Foram produzidas matérias sobre as acusações de fraude[166], a negativa de Bolsonaro em aceitar o resultado das eleições[167], a aceitação pela transição de governo[168] e até um texto sobre o que os Estados Unidos poderiam aprender com o Brasil[169]. Outros temas também foram abordados ao longo do mês, como a fala e Lula na Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas.

---

[166] NICAS, Jack. Brazil Counted All Its Votes in Hours. It Still Faces Fraud Claims. **The New York Times**, 10 nov. 2022. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/11/10/world/americas/brazil-election-fraud.html?searchResultPosition=6. Acesso em: 5 abr. 2025.

[167] NICAS, Jack; SPIGARIOL, André. Judge Slaps Down Bolsonaro's Late Bid to Overturn Brazil's Election. **The New York Times**, 23 nov. 2022. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/11/23/world/americas/bolsonaro-brazil-election.html?searchResultPosition=2. Acesso em: 5 abr. 2025.

[168] NICAS, Jack; SPIGARIOL, André. Bolsonaro Agrees to Transition, Two Days After Losing Brazil Election. **The New York Times**, 1 nov. 2022. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/11/01/world/americas/bolsonaro-protest-brazil-election.html?searchResultPosition=3. Acesso em: 5 abr. 2025.

[169] NICAS, Jack. What Can U.S. Democracy Learn From Brazil? **The New York Times**, 5 nov. 2022. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/11/05/world/americas/brazil-election-us-democracy.html?searchResultPosition=7. Acesso em: 5 abr. 2025.

Porém, todos esses temas ficaram em segundo plano para o buscador do *The New York Times* que escolheu o texto "Brazilians give thanks today — for their team's World Cup opener" (Os brasileiros agradecem hoje – pela estreia de seu time na Copa do Mundo) como o mais relevante do mês. O artigo foi publicado somente na versão online no dia 24 de novembro e recorre ao enquadramento de temático para explicar qual foi a reação dos brasileiros à estreia da seleção masculina de futebol na Copa do Mundo de 2022.

O texto é curto, com apenas quatro parágrafos. Apesar de informar que a partida de estreia do Brasil na competição aconteceria naquele dia, nem mesmo o adversário é informado. Nicas (2022e) cita apenas como é a recepção nas ruas, atuando, ele próprio, como uma fonte testemunha. Ele relata que, apesar de no Brasil não haver comemoração ao Dia de Ação de Graças, os brasileiros estavam celebrando a estreia da seleção saindo às ruas e enchendo os bares, mas havia algo de diferente: ainda que a maioria vestisse a camisa amarela tradicional, alguns usavam o uniforme azul. A explicação para isso, segundo Nicas (2022e, s/n) é que "the yellow jerseys have become a sort of uniform for supporters of Brazil's far-right president, Jair Bolsonaro, and many on the left have begun wearing the team's alternative blue jersey in response" – em português: as camisas amarelas tornaram-se uma espécie de uniforme para os apoiadores do presidente de extrema direita do Brasil, Jair Bolsonaro, e muitos da esquerda começaram a usar a camisa azul da equipe em resposta.

Com essa descrição, os brasileiros são retratados como um povo que resiste aos extremismos. Mesmo que, como relata Nicas (2022e), o futebol tenha sido politizado, assim como a "estrela" do futebol nacional, Neymar, que havia prometido homenagear com um gol Jair Bolsonaro, que havia perdido as últimas eleições. A ação do jogador seria contra as regras (possivelmente obtidas via fonte oficial). Porém, o texto apresenta a atitude como sendo algo repudiado pelos brasileiros, usando para isso, o ritual estratégico da citação judiciosa (Tuchman, 1996).

> "It's wrong. The team doesn't belong to any political party," said Fabrício Neves, 42, an offshore oil technician standing outside a bar wearing a blue Romarío jersey from Brazil's championship 1994 team. "We go through a lot of hardship here, and the national team brings us some joy for a little while"[170] (Nicas, 2022e, s/n).

[170] "Está errado. A equipe não pertence a nenhum partido político", disse Fabrício Neves, 42 anos, técnico de petróleo offshore, do lado de fora de um bar, vestindo a camisa azul do Romário, da seleção brasileira de 1994. "Passamos por muitas dificuldades aqui e a seleção nacional nos traz alegria por um tempo" (Nicas, 2022e, s/n, tradução nossa).

Assim, o Brasil, que não é comparado a nenhum outro país, é apresentado sob um aspecto positivo. No artigo, a nação é retratada como um local que não só resiste às adversidades, mas também se mantém alegre e valoriza a própria cultura. Enquanto isso, a valência com relação imagem de Bolsonaro é negativa, sendo apresentado como um extremista responsável por politizar o futebol.

5.2.49 Dezembro de 2022: uma nação fraturada

Com a Copa do Mundo acontecendo, esse se tornou o principal tema envolvendo o Brasil entre os textos filtrados em dezembro de 2022. O texto mais relevante do mês foi o artigo "Can Brazil's Divisive Team Unite a Fractured Nation?" (A equipe divisiva do Brasil pode unir uma nação fraturada?), publicado em 1º de dezembro no site do *The New York Times* e no dia seguinte na edição impressa.

Como já é possível perceber pelo título, o objetivo do artigo não é comentar a Copa do Mundo ou os resultados da seleção masculina de futebol, mas compreender o contexto político brasileiro. O título também deixa claro o estereótipo do Brasil como o país do futebol, algo que se confirma ao longo do texto. O NYT chega a afirmar que a seleção faz parte da identidade nacional brasileira, como é possível observar no seguinte trecho:

> Few countries have tied their national identity so closely with their national soccer team as Brazil, the most successful nation in World Cup history, seeking its sixth title this month in Qatar. And now there are few countries grappling with such a complicated relationship with their national team (Nicas, 2022f, s/n)[171].

Apesar de haver uma comparação abrangente entre o Brasil e os demais países, não há no texto uma comparação direta com outras nações ou líderes. O que há é uma comparação com o Brasil de antes e depois de Bolsonaro. Antes, afirma o jornal por meio de uma fonte testemunha (Jorge El Assad, que vende uniformes da seleção), as pessoas não deixavam de comprar a camisa verde e amarela da seleção por questões políticas. Já com Bolsonaro, o uniforme do time "has become a political statement" (Nicas, 2022f, s/n) – ou seja, tornou-se uma declaração política.

[171] Poucos países vincularam sua identidade nacional tão intimamente à sua seleção nacional de futebol quanto o Brasil, a nação mais bem-sucedida na história da Copa do Mundo, buscando seu sexto título neste mês no Catar. E agora há poucos países lutando com um relacionamento tão complicado com sua seleção nacional (Nicas, 2022f, s/n, tradução nossa).

Os fatos que levaram a essa associação são descritos por Nicasf (2022) em parte utilizando fontes independentes (tais como, provavelmente, materiais jornalísticos) e em parte atuando, ele mesmo, como fonte testemunha, que relata ao leitor o que está acontecendo. Nessa descrição é destacado o papel de Neymar, descrito como a estrela do time, e seu apoio a Bolsonaro como parte da razão pela qual uma parcela da população se voltou contra o time nacional. Entre as atitudes destacadas do jogador estiveram uma entrevista dada por ele ao presidente durante uma live e a promessa de que dedicaria seu primeiro gol no campeonato a Bolsonaro.

Por outro lado, Richarlison, responsável por um gol descrito pelo jornal como um dos mais belos do torneio, se pronunciou apoiando pautas de esquerda e a vacinação contra covid-19, algo que, como lembra o *The New York Times*, era rechaçado por Bolsonaro. Mas foi o técnico da seleção, Tite, que foi quem recebeu a desaprovação dos apoiadores do então presidente, por se recusar a associar-se a um dos lados da disputa política.

Essas e outras informações passadas pelo jornal ao longo do artigo aparecem como um misto entre fontes independentes e fontes testemunhas. Estas últimas são as mais utilizadas ao longo do texto, sendo constituídas, em sua maioria, por brasileiros que apoiam Bolsonaro ou Lula. O próprio presidente eleito tem suas falas citadas enquanto fonte independente (aquelas que não têm veículos de pertencimento com o objeto da notícia), em uma entrevista na qual ele deu uma possível razão para Neymar preferir Bolsonaro a ele.

Relatos em redes sociais também servem com frequência como fontes independentes. É por meio deles que o jornal reporta que um apoiador de Bolsonaro usando a camisa verde e amarela da seleção se agarrou a um caminhão durante um protesto para tentar impedir o veículo de passar. Também é usando fontes provenientes de redes sociais que o jornal informa que um dos filhos de Jair Bolsonaro, Eduardo, havia ido ao Qatar, sede da Copa do Mundo, distribuir pendrives com um vídeo em inglês chamando a eleição de injusta.

Contudo, uma fonte especialista também é ouvida pelo jornal. Um exemplo é o historiador Celso Unzelte, que explica que o futebol e a política tiveram outros momentos de conexão no Brasil, em especial durante a ditadura, porém, nunca antes houve uma apropriação política da camisa da seleção. Apesar disso, afirma o jornal, há um movimento para tentar desassociar o uniforme da imagem de Bolsonaro que, no texto, é apresentada sob valência negativa. Segundo Nicas (2022f) Lula havia incentivado o uso das camisas amarelas e fontes testemunhas ouvidas pelo jornal relatavam o desejo de que a camisa verde e amarela pudesse voltar a representar a todos.

Essas descrições fazem com que o leitor possa interpretar que há esperança para o fim das divisões no país. Reforçando esse ponto de vista, o NYT faz uma citação judiciosa (Tuchman, 1996) para encerrar o texto. Nela, Mar Olimpio, apoiadora de Lula que diz não gostar de Neymar, conclui que futebol não deveria ter qualquer relação com política. Ao reforçar posicionamentos assim, o *The New York Times* ajuda a fortalecer o estereótipo do Brasil como um lugar de resistência. Essa ideia, somada à do país do futebol, garantem que a valência com relação à imagem brasileira seja positiva.

5.2.50 A era Bolsonaro no *The New York Times*

Após a análise individual dos textos mais relevantes de cada um dos meses do governo Bolsonaro, bem como do texto sobre o resultado do pleito presidencial de 2022, é possível fazer algumas interpretações dos dados analisados. Um ponto notável é que a cobertura do jornal com relação a Jair Bolsonaro foi, em quase sua totalidade, negativa. Dos 49 textos analisados, apenas em dois o então presidente da República é apresentado sob valência neutra e em nenhum ele aparece sendo retratado de maneira positiva pelo *The New York Times*.

Há ainda uma forte associação entre a imagem de Bolsonaro e a do Brasil. Termos como "o Brasil de Bolsonaro" são usados de forma recorrente, em especial em títulos, assim como "Bolsonaro do Brasil". Além disso, observou-se que essa associação entre o país e seu presidente teve um impacto negativo para o Brasil. Muitas vezes, as atitudes de Bolsonaro fizeram com que estereótipos ruins fossem reforçados, como é o caso da fragilidade/precariedade institucional.

Esse foi o estereótipo mais acionado pelo *The New York Times* dentre os textos filtrados. Ao todo, foram 29 artigos que abordaram esse estereótipo, seja para endossá-lo ou, em raras ocasiões, questioná-lo. Com isso, a ideia do Brasil como um lugar de instituições frágeis ou precárias foi a que prevaleceu na cobertura do NYT. Outros estereótipos muito acionados no período foram o da violência/criminalidade, retratado em 14 artigos, e a prevalência dos interesses privados sobre o público, acionado em 13 ocasiões.

Quadro 15 – Estereótipos mais abordados entre 2019 e 2022

Estereótipos sobre o Brasil	Frequência
Violência/criminalidade	14
Desigualdade social	7
Fragilidade/precariedade institucional	29

Prevalência de interesses privados sobre o público	13
País do atraso	5
País da natureza	10
País da festa, do futebol e da cultura	8
País da resistência	9

Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

Também é importante destacar os estereótipos que não tiveram destaque nos textos mais relevantes filtrados pelo buscador do *The New York Times*. A ideia do Brasil como um lugar de atraso apareceu em apenas cinco textos dentre os 49 analisados. A ideia do país como um local de desigualdade social também não foi muito frequente, sendo acionada em apenas sete de todos os artigos analisados. Já a conexão do Brasil com a natureza esteve presente em uma parcela significativa dos textos, ainda que geralmente essa característica tenha sido ligada à degradação ambiental e não à sua preservação.

Ao mesmo tempo, estereótipos que ligam o Brasil a características positivas, foram acionados em menos de 20% do total de textos analisados nesta etapa da pesquisa. Foram entendidos como positivos os estereótipos do Brasil como lugar da festa, do futebol e da cultura e também o que estabelece o país como um local de resistência. Contudo, vale notar que nem sendo sempre que esses estereótipos aparecem, eles são suficientes para tornar a valência do texto positiva com relação ao Brasil, mas atuam muitas vezes para reforçar a ideia do Brasil como um país de contrastes, como descrito por Schwarcz e Starling (2018), o que gera uma valência geral neutra com relação ao país.

Ao longo do governo Bolsonaro, os textos usando os termos-chave elencados como os mais relevantes de cada mês tiveram valência predominantemente negativa com relação ao Brasil (59,18%), enquanto os textos neutros representam 32,65% dos artigos filtrados e os com valência positiva somam apenas 8,16%. Vale notar, porém, que, apesar de as matérias “mais relevantes” não serem, em sua maioria, favoráveis ao Brasil, isso não significa que a cobertura seja exclusivamente negativa. É possível que o algoritmo do buscador do jornal leve em conta critérios jornalísticos de seleção que fazem com que textos positivos possam parecer menos importantes.

Outro ponto que merece atenção é que, apesar de não serem opinativos, os textos escritos pelos jornalistas do *The New York Times* costumam ser mais interpretativos do que aqueles produzidos por agências de notícias, não sendo tão conectados à imparcialidade jornalística. É plausível supor que essa característica tenha influência nos enquadramentos adotados pelo jornal em suas coberturas. Observou-se que 22 dos 49 textos analisados privilegiaram o

enquadramento temático, focado nos contextos do tema abordado pela notícia. O mesmo número de textos focou no enquadramento episódico, contudo, vale destacar que, mesmo em textos cujo enquadramento predominante é o episódico, há uma preocupação do jornal de contextualizar os fatos para seus leitores.

Isso se evidencia, em especial, nos textos "Brazil's President Tells Armed Forces to Commemorate Military Coup", publicado em 29 de março de 2019, e "Brazil's President Lula Is Staging a Comeback. Can He Bring the Country Along?", publicado em 27 de novembro de 2021. Esses são os únicos da pesquisa em que foram identificados dois enquadramentos com igual importância, sendo, respectivamente, os enquadramentos temático e episódico e centrado na personalidade e temático.

O enquadramento centrado na personalidade foi o terceiro tipo mais frequente dentre os artigos analisados, sendo acionado em cinco textos como um dos enquadramentos centrais. Já o enquadramento "de valor noticioso" aparece apenas duas vezes dentre os textos analisados. Enquanto isso, os enquadramentos "corrida de cavalos" e estratégico não foram percebidos como destacados dentre os textos filtrados por esta pesquisa. Vale notar, porém, que, mesmo que não sejam os mais acionados do texto, mais de um enquadramento pode aparecer em um mesmo artigo e o enquadramento "corrida de cavalos" apareceu em algumas ocasiões quando o jornal citou pesquisas de intenção de voto.

É importante destacar também que os enquadramentos adotados influenciam na escolha das fontes acionadas. Ao longo dos artigos analisados foi possível perceber que o *The New York Times* privilegiou tanto fontes oficiais quanto fontes testemunhas. Ainda que fontes oficiosas, independentes e especialistas/experts sejam acionados com frequência nas matérias, é raro que esses sejam os principais tipos de fontes utilizados em um texto. A distribuição das fontes nos artigos analisados se deu da seguinte maneira:

Quadro 16 – Fontes prioritariamente acionadas entre 2019 e 2022

Tipo de fonte	Frequência
Oficiais	21
Oficiosas	4
Independentes	6
Testemunhas	17
Especialistas	2

Fonte: elaborado pela autora com dados do *The New York Times* (2025).

É comum que um mesmo texto do *The New York Times* utilize a maioria dos tipos de fontes citados como fontes primárias, mesmo que não de forma predominante. Além disso, também é frequente que fontes secundárias não sejam mencionadas de forma explícita, cabendo ao leitor interpretar que, possivelmente, se tratam de fontes independentes ou oficiais. Outra característica dos textos do jornal é que seus autores, com frequência, atuam eles mesmos como fontes testemunhas, relatando o que está acontecendo para os leitores.

Por outro lado, algumas das fontes não são ouvidas diretamente pelo *The New York Times*. É o que acontece com Jair Bolsonaro. O então presidente da República tem muitas de suas declarações reproduzidas nos artigos do NYT, contudo, ele não é ouvido diretamente pelo jornal em nenhum dos artigos analisados nesta etapa da pesquisa. Suas falas são tiradas, no geral, de pronunciamentos via redes sociais ou entrevistas dadas a outros jornais.

Bolsonaro também é, predominantemente, o motivo de haver comparação entre o Brasil e os Estados Unidos. Durante o governo de Donald Trump, era frequente que o mandatário brasileiro fosse apresentado como "mini Trump" ou "Trump dos trópicos". Após a mudança de governo nos EUA, porém, o NYT diminui a associação entre Trump e Bolsonaro. Outro ponto evitado pelo jornal são comparações diretas entre as formas como os Estados Unidos e o Brasil lidaram com a pandemia, bem como o papel de Donald Trump nos números relativos à covid-19 em território estadunidense. Por outro lado, a pandemia é um dos maiores pontos de comparação entre o Brasil e os Estados Unidos, uma vez que o país de origem do jornal era o único que superava o número de casos e mortes do Brasil.

Outro ponto de comparação entre os dois países foi a possibilidade de ameaça à democracia, representada pela possibilidade de Bolsonaro não aceitar o resultado das eleições, como ocorreu com Donald Trump. O jornal chegou a informar que as instituições brasileiras pareciam estar preparadas para resistir, mas havia uma expectativa de que, no Brasil, as consequências pudessem ser piores que nos Estados Unidos. O que se observa é que o Brasil é sempre colocado em um local de inferioridade frente aos estadunidenses, mesmo em situações parecidas. Também é comum que o país seja apresentado como subalterno aos Estados Unidos, sendo sujeito às suas decisões, como ocorreu no caso da guerra da Ucrânia.

6. O QUADRO PINTADO DO BRASIL

Não é preciso abandonar a imparcialidade para afirmar que Jair Bolsonaro é uma figura polêmica, especialmente se compreendermos o significado da palavra como algo que causa divergências, como define o Dicionário Michaelis[172]. A divergência com relação ao presidente se faz clara ao analisarmos a última pesquisa Datafolha sobre seu governo. Em um resultado que, conforme o G1, foi o pior dentre todos os demais presidentes eleitos em seus primeiros mandatos, Jair Bolsonaro tinha 39% de aprovação e 37% de rejeição, enquanto 24% viam seu governo como regular[173]. O que era necessário investigar é o quanto suas atitudes podiam impactar o Brasil.

Segundo Buarque (2022), ainda que situações de curto prazo sejam geralmente desconsideradas na construção da imagem de um país, líderes podem atuar como "garotos propagandas" de suas nações. Conforme o autor, Lula fez propaganda de um Brasil conciliador, defensor do meio ambiente e da democracia, o que resultou, como atestam Sales (2016) e Dias (2015), em uma cobertura positiva sobre o país ao longo de seus mandatos. Enquanto Bolsonaro, afirma Buarque (2022), estava colocando em risco essa visão positiva do país. Essa perspectiva foi comprovada pela observação da cobertura do *The New York Times* entre 2019 e 2022.

Os temas política e meio ambiente foram bastante abordados nesse período, mas, se antes observava-se uma perspectiva positiva, não foi isso que se fez presente ao longo do governo de Jair Bolsonaro. As notícias que tratavam do meio ambiente no período analisado foram majoritariamente negativas, refletindo a destruição da natureza no País. Com isso, o estereótipo do Brasil como país da natureza que, na construção da identidade nacional foi visto como positivo, como apontam Barbato (2014) e Lisboa (1997), ganhou um aspecto negativo. Vale notar, contudo, que a associação entre o Brasil e a depredação ambiental já era frequente antes de Bolsonaro, como apontado por Paganotti (2007).

Já a ideia do Brasil como um local que defendia a democracia foi seriamente abalada. Como vimos no decorrer da análise, a temática "ameaça à democracia" foi um dos principais assuntos do ano de 2022, principalmente ligada a Jair Bolsonaro. O próprio presidente foi,

---

[172] DICIONÁRIO MICHAELIS. **Polêmica**. Dicionário Michaelis, s.d.. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pol%C3%AAmica/ Acesso em 26 de fevereiro de 2025.

[173] G1. Bolsonaro termina governo aprovado por 39% e reprovado por 37%, diz Datafolha. **G1**, 30 de dezembro de 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/12/30/aprovacao-reprovacao-bolsonaro-datafolha.ghtml Acesso em 26 de fevereiro de 2025.

muitas vezes, tema de notícias, estando entre os assuntos mais tratados pelo *The New York Times*, dentre os textos filtrados, entre 2020 e 2022.

Além disso, mesmo quando não era tema central das matérias, ele apareceu como sendo a razão pela qual um fato ligado ao Brasil era noticiado. Entre 2019 e 2022 foram 150 matérias (das 808 analisadas) nas quais o Brasil foi mencionado devido ao critério de "notoriedade", sendo que Bolsonaro era, na maior parte dos casos, a personalidade destacada por esse critério. O então presidente também foi, com frequência, a razão de existir de fatos noticiados por serem "conflitos ou controvérsias" e "escândalos". Isso reforça a ideia de Buarque (2022) de que o presidente pode atuar como "garoto propaganda" de seu país. Contudo, nesse caso, a propaganda gerada foi negativa.

Tal afirmação é endossada pela observação da valência com relação às imagens do Brasil e de Jair Bolsonaro. O então presidente não teve nenhuma cobertura positiva dentre os 49 textos que passaram pela análise desse critério. Já a cobertura positiva do Brasil também foi escassa, somando apenas quatro textos positivos. Vale notar ainda que, das 16 ocasiões em que a valência foi neutra, foi Bolsonaro que, na maioria das vezes, associou ao país aspectos negativos que impediram uma valência positiva.

Essa associação a uma valência negativa também pode ser percebida pelos tipos de estereótipos acionados ao falar sobre o Brasil. Enquanto Paganotti (2007) observou que estereótipos de violência e corrupção foram os predominantes na cobertura sobre o Brasil, nesta pesquisa, o principal estereótipo acionado foi a fragilidade ou precariedade institucional, presente em 59,18% dos textos em que esse critério foi avaliado. Esse estereótipo está muito ligado ao que diziam Holanda (1987) e Freyre (1995 e 2004) de que, no Brasil, as instituições não apoiadas por valores sólidos das sociedades burguesas, sendo o país ainda muito conectado aos valores do período colonial. Estão ligados a esse estereótipo textos que contém exaltação a regimes autoritários, que relatam ameaças à democracia ou que indicam que aqui órgãos do governo não funcionam como o esperado, resultando, por exemplo, em mortes em prisões, em militares encontrados em drogas etc.

Outro estereótipo ligado às ideias desses pensadores clássicos do Brasil é o de um país onde os interesses privados se sobrepõem aos públicos. Isso se viu, principalmente, nas ações de Bolsonaro frente à pandemia de covid-19. Ele, como relatou o *The New York Times*, era um "cético" com relação ao vírus e tomou medidas que, de acordo com o jornal, prejudicaram o combate à doença. Com isso, o estereótipo do Brasil ligado à percepção de um lugar onde os interesses públicos são colocados em segundo plano esteve presente em 26,53% dos textos que passaram pela análise desse critério, sendo o terceiro mais frequente.

Já o segundo estereótipo mais acionado pelo *The New York Times* foi o do Brasil ligado ao crime e à violência. Aqui, foram incluídos tanto textos que Paganotti (2007) associaria ao Brasil "de sangue" quanto ao Brasil "de lama", abordando a violência e o crime na sociedade (como o tráfico) e também os ligados a pessoas que ocupam lugares de destaque na sociedade, como os políticos. Bolsonaro também teve influência na presença desse estereótipo, uma vez que pessoas ligadas a ele e seu governo foram associadas, ao longo de seu mandato, a casos de corrupção. Um exemplo é seu filho Flávio, cujo gabinete foi alvo de investigação de peculato, as chamadas "rachadinhas".

Também frequente, como já destacamos, foi o estereótipo do Brasil como país da natureza, presente em 20,4% dos textos que passaram pela análise desse critério. Muitas vezes esse estereótipo apareceu em conjunto com o da precariedade institucional, retratando uma ineficiência do governo em preservar a natureza, em especial, a Floresta Amazônica. Com isso, esse estereótipo que tinha o potencial de reforçar aspectos positivos do País, foi acionado para criar uma imagem negativa do Brasil.

Por outro lado, alguns estereótipos negativos apareceram pouco nos artigos publicados no jornal, como a ideia do Brasil como um país do atraso (10,2%) e da desigualdade social (14,28%). Ambos esses aspectos tiveram menos relevância do que outros dois, ligados a ideias positivas do Brasil, como a do país da festa, da cultura e do futebol (16,33%) e do Brasil como local de resistência (18,37%). Desses dois últimos, o primeiro é mais presente no senso comum do brasileiro, enquanto o segundo é lembrado por Schwarcz e Starling (2018). As autoras falam como o país é ambivalente, onde violência e cultura convivem lado a lado. Pelas reportagens feitas pelo *The New York Times* pudemos observar que, muitas vezes, a cultura é o nosso único espaço de resistência, seja no Carnaval ou em espetáculos que chegam ao exterior. Vale notar, porém, que, no Brasil temos exemplos do desmerecimento da nossa cultura, como foi observado nas críticas de Bolsonaro ao Carnaval em março de 2019, quando o presidente compartilhou um vídeo associando a festa à promiscuidade, ou no repúdio enfrentado ao especial de Natal do Porta dos Fundos em dezembro daquele mesmo ano. Talvez, a razão desse desmerecimento seja justamente o papel da cultura como local de resistência, algo que faz parte da identidade nacional do Brasil.

Além da pouca presença de estereótipos positivos sobre o Brasil, não há como negar a existência de uma forte correlação entre coberturas negativas sobre o País e atitudes negativas de Bolsonaro. Contudo, esse fato não significa que a imagem negativa do Brasil esteja associada somente ao então presidente. Afinal, quando trata de Luiz Inácio Lula da Silva, como no texto "Brazil's President Lula Is Staging a Comeback. Can He Bring the Country Along?", de

novembro de 2021, também são reforçados estereótipos negativos sobre o Brasil. A ideia da política brasileira associada a crimes e a prevalência de interesses privados sobre os públicos são essenciais para essa percepção. Por isso, acreditamos que, para avaliar se um presidente poderia ensejar cobertura positiva, seria necessário avaliar um governante cujos valores se combinem aos dos *The New York Times*.

Essa afirmação se dá devido à observação da presença de associações e paralelos com os Estados Unidos e Donald Trump. Ao longo dos anos, a presença dos Estados Unidos foi constante. Dos 49 textos que passaram por esta análise, apenas em 16 não foi observada comparação ou paralelo entre os países e/ou entre seus presidentes. Além disso, ocorreram 27 comparações diretas e seis indiretas. Contudo, como observou Dias (2015), quando o Brasil se alia a interesses dos Estados Unidos, a cobertura tende a ser positiva. Já quando se dá o contrário, a cobertura é negativa.

É o que ocorre, por exemplo, do caso da guerra entre Rússia e Ucrânia. Quando Bolsonaro age contra os interesses dos Estados Unidos e visita a Rússia, ele é criticado pelo jornal. Já quando essa interação parece ser positiva para os Estados Unidos, uma vez que garante os fertilizantes necessários para que a crise na produção de alimentos não seja tão grande, o jornal encontra maneiras de dar protagonismo ao seu país de origem, como se observou no texto "Good News for Food, Bad News for War: Brazil Buys Russian Fertilizer", publicado em maio de 2022. Observa-se também que, quando Trump deixa o governo dos EUA, em janeiro de 2021, as associações com Jair Bolsonaro diminuem e o brasileiro não aparece mais em textos ordinários com a descrição de "mini Trump" ou "Trump dos trópicos".

Isso demonstra que, ao contrário do que dizia Skidmore (1994), não é apenas o Brasil que se compara aos Estados Unidos, o inverso também ocorre. Contudo, o nosso país é sempre visto como um exemplo negativo, como no texto "When Brazil Banned Abortion Pills, Women Turned to Drug Traffickers", de junho de 2022, ou como subordinado aos estadunidenses, como relatado em textos como "How Trump and Bolsonaro Broke Latin America's Covid-19 Defenses", de outubro de 2020. Outro fato que merece destaque é que, apesar de o NYT dizer com frequência que os números da covid-19 eram piores nos Estados Unidos do que no Brasil, essa conexão nunca era aprofundada, enquanto a resposta dada pelo Brasil à pandemia apareceu, ao longo dos anos, sob um viés crítico.

A cobertura sobre a covid-19, aliás, foi um ponto que garantiu a inserção do Brasil em muitos textos, ainda que não ocupasse sempre um papel de destaque. O que se viu, ao longo dos anos da pandemia, foi uma diminuição do protagonismo do Brasil e de Jair Bolsonaro nos textos filtrados. Somado a isso, observa-se a diminuição da publicação de textos com

centralidade brasileira na versão impressa do jornal no período analisado, o que demonstra que houve, de fato uma diminuição da relevância do Brasil durante o governo de Jair Bolsonaro, uma vez que, como escreve Usher (2017) o *The New York Times* é uma publicação que ainda dá grande valor ao conteúdo impresso.

Contudo, isso não significa uma irrelevância nem do país, nem do seu então presidente. Podemos entender que a presença em textos que não falam especificamente sobre nós também é uma demonstração de importância. Isso se demonstra também pela escolha dos autores para os textos. São raros os artigos escritos por agências de notícias e, como pudemos observar ao longo da análise qualitativa, grande parte dos textos mais relevantes de cada mês foram escritos pelos chefes do escritório brasileiro do *The New York Times*, Ernesto Londoño (até 2021) e Jack Nicas (desde o final de 2021).

A relevância do país também pode ser observada pelos enquadramentos utilizados pelo *The New York Times* nos textos mais importantes de cada um dos meses analisados. Ao longo dos quatro anos, privilegiaram-se os enquadramentos episódico e temático, tendo, cada um, aparecido em 22 dos 49 textos analisados nesse critério. Destaca-se ainda que, muitas vezes, o enquadramento temático também estava presente em textos cujo enquadramento principal era o episódico. Desse fato, podemos interpretar que o jornal se importa em apresentar os contextos da realidade brasileira para seu público, mas que esse público, por sua vez, não tem grandes conhecimentos sobre o Brasil, necessitando de maior contextualização.

Além disso, os enquadramentos adotados ajudam a explicar os principais tipos de fontes utilizados. Nesta pesquisa adotou-se a definição de fonte de Lage (2009) e identificou-se que, apesar de uma ampla gama de fontes utilizadas em cada um dos textos analisados, os tipos mais predominantes foram as fontes oficiais e testemunhas, o que condiz com a predominância de textos ligados aos enquadramentos temáticos e episódicos. Contudo, dada a forte presença do enquadramento temático, nota-se que as fontes especialistas (ou experts) não tiveram grande destaque ao longo da cobertura, sendo as principais fontes acionadas em apenas dois artigos. Além disso, muitas vezes o jornalista responsável pela escrita do texto serve como fonte testemunha e notícias são usadas como fontes independentes, ainda que, como demonstrado por Traquina (1993), seja impossível que um jornal retrate a realidade sem distorções. Vale notar também que, apesar de que, como observado ao longo da análise, o *The New York Times* recorra diversas vezes aos rituais estratégicos descritos por Tuchman (1996) para dar um tom de objetividade ao texto jornalístico, também faz parte da característica da cobertura do jornal sobre o Brasil ter um tom interpretativo dos fatos, o que contribui para que o leitor seja levado

a concordar com o que é dito pelo jornal, especialmente se ele não tiver grandes conhecimentos sobre o Brasil.

Dado o que foi apresentado até o momento, é possível voltar à pergunta que motivou esta pesquisa. Após a análise aqui apresentada, podemos concluir que um presidente pode influenciar, sim, a imagem do país que governa e isso se dá pela cobertura de suas ações e posicionamentos. No caso de Jair Bolsonaro, percebeu-se, ao longo deste trabalho, que as ações do presidente resultaram, na maioria dos casos, em valências negativas não apenas para sua imagem como também para o Brasil. Tendo em vista que o público que se baseia no contexto dado pela publicação é suscetível a ser direcionado pela interpretação fornecida nos artigos, percebemos que, como previsto por Buarque (2022) e temido por especialistas ouvidos pela imprensa durante seu governo, Jair Bolsonaro, de fato, foi prejudicial para a imagem internacional do Brasil, reforçando seus estereótipos negativos e contribuindo para que estereótipos positivos não fossem predominantes.

REFERÊNCIAS

ALDÉ, Alessandra; ESCOBAR, Juliana; CHAGAS, Viktor. A febre dos blogs de política. **Revista FAMECOS**, nº 33, agosto de 2007, p. 29-40.

ALMEIDA, Francisco Antonio Oliveira de. **Jornalismo internacional e as notícias do Brasil:** práticas de produção de conteúdo, enquadramentos e valores-notícia. 2018. Tese (Doutorado Comunicação, Social). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), 2018.

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.

ANDREONI, Manuela; CASADO, Letícia; SEMPLE, Kirk. In Brazil, a President Under Fire Lashes Out at Investigators. ***The New York Times***, Rio de Janeiro, 29 de maio de 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/05/29/world/americas/brazil-bolsonaro-supreme-court.html?searchResultPosition=1 Acesso em 03 de fevereiro de 2025.

ANDREONI, Manuela; LONDOÑO, Ernesto. The Carnival Parade Is Canceled, and Rio Is Reeling. ***The New York Times***, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/09/30/world/americas/rio-carnival-postponed.html?searchResultPosition=1 Acesso em 08 de fevereiro de 2025.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARIAS, Juan. Por que a guerra de Bolsonaro contra a mídia prejudica a imagem do Brasil no mundo. **El País,** 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/04/opinion/1546636281_491737.html Acesso em 24 de agosto de 2020.

BARBATO, Luis Fernando Tosta. *A construção da identidade nacional brasileira*: necessidade e contexto. **Revista Eletrônica História em Reflexão**: Vol. 8 n. 15 – UFGD – Dourados, jan/jun – 2014, p.1-15.

BARBOSA, Marialva Carlos. **Percursos do olhar**: comunicação, narrativa e memória. Niterói: EdUFF, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editora 70, 2011.

BARMAN, Roderick J. **Brazil: the forging of a nation, 1798-1852**. 11ed. Stanford, Stanford University Press, 2003.

BARROS FILHO, Clóvis; PRAÇA, Sérgio. Agenda Setting, Newsmaking e a Espiral do Silêncio. In: CITELLI, Adilson et al. **Dicionário de comunicação**: escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014.

BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. *In:* RIBEIRO, T. B.; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional.** São Paulo: Edições Loyola, 2.ed., 2002, p. 85-105.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1986.

BRADSHAW, Paul. *Instantaneidade*: Efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. In CANAVILHAS, João (org.). **WebJornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Labcom Books, 2014. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2016.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. In: **Verso e Reverso**, vol. XXV, n.58, jan/abr, 2011.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J., e JACKS, N., orgs. **Mediação & midiatização** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 29-52. Disponível em: http://books.scielo.org. Acesso em: 10 de dezembro de 2017.

BRAGA, José Luiz. O que a comunicação transforma. In **10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. Org. BRAGA, José Luiz... [et al.]. São Leopoldo – RS: Ed. UNISINOS, 2013. p.156-172.

BRASIL, A. A construção da imagem do Brasil no exterior: um estudo sobre as rotinas profissionais dos correspondentes internacionais. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 775–794, 2013. DOI: 10.15448/1980-3729.2012.3.12901. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12901. Acesso em: 21 maio. 2024.

BRIOLI, Flávia. O jornalismo como gestor de consensos. In: BRIOLI, Flávia; MIGUEL, Luís Felipe. **Notícias em disputa**: mídia, democracia e formação de preferências no Brasil. São Paulo: Contexto, 2017, p.91-116.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BUARQUE, Daniel **O Brazil é um país sério?** 1. Ed Santana de Parnaíba, SP: Pioneira Editorial, 2022. Edição do Kindle.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo, Editora Àtica, 2007. 216p.

CAÑIZAL, E. P. O texto fílmico entre a moldura e o enquadramento. **Significação**: Revista De Cultura Audiovisual, 39 (38), 2012. 13-26. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/70978. Acesso em 25 de maio de 2022.

CASADO, Letícia; ANDREONI, Manuela. Brazil's Judiciary, Once Symbol of Anti-Corruption Drive, Now Faces Scrutiny. ***The New York Times*.** Brasília, 27 de abril de 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/04/27/world/americas/brazils-judiciary.html?searchResultPosition=1 Acesso em 12 de janeiro de 2025.

CASADO, Letícia; LONDOÑO, Ernesto. Gun Ownership Soars in Brazil Under Bolsonaro. ***The New York Times***, Brasília, 31 de março de 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/03/31/world/americas/guns-brazil-bolsonaro.html?searchResultPosition=1 Acesso em 28 de janeiro de 2025

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. 2ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra, 2017.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**: a era da informação, volume 2. 9ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

CHADE, Jamil. Como diplomatas tentaram, de dentro do Itamaraty, conter atos de Bolsonaro. **UOL**, 7 de dezembro de 2022. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/12/07/como-diplomatas-sabotaram-bolsonaro-de-dentro-do-itamaraty.htm. Acesso em: 11 de junho de 2024.

CIRINO, Thais Emmanuelle da Silva; LEITE, Alexandre César Cunha; NOGUEIRA, Silvia Garcia. **Mídia e política externa brasileira: a diplomacia midiática na crise do impeachment de Dilma (2016)**. Intercom – RBCC. São Paulo, v.42, n.1, p.57-71, jan./abr. 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1809-5844201913. Acesso em 31 de julho de 2024.

COLOMBO, M. E.; VARELA, U. do N.; SABINO BIAZOTTI, V. J. Jornalismo e internet: evolução e perspectivas dos processos de circulação de notícias. **Lumina**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 108–124, 2023. DOI: 10.34019/1981-4070.2023.v17.39413. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/39413. Acesso em: 2 dez. 2024.

COUTO, Cláudio Gonçalves. Do governo-movimento ao pacto militar-fisiológico. In: AVRITZER, L.; KERSCHE, F.; MARONA, M. (Org.). **Governo Bolsonaro**: retrocesso democrático e degradação política. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

D'ANGELO, Paul; SHAW, Donna. Journalism as Framing. In: VOS, Tim P. **Journalism**. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2018, p. 205-234. Disponível em <https://doi.org/10.1515/9781501500084-011> Acesso em 25 de agosto de 2021.

DARLINGTON, Shasta. A K.K.K. Endorsement? No Thanks, Says Brazil's Top Presidential Candidate. São Paulo, ***The New York Times***, 16 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/10/16/world/americas/brazil-jair-bolsonaro-david-duke.html?searchResultPosition=3 > Acesso em 08 de maio de 2023.

DARLINGTON, Shasta. Investors in Former Trump-Branded Hotel in Brazil Charged With

Corruption. São Paulo, ***The New York Times***, 31 de janeiro de 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/01/31/world/americas/trump-hotel-brazil-corruption.html?searchResultPosition=1 Acesso em 15 de dezembro de 2024.

DIAKOPOULOS, Nicholas. Algorithmic Accountability: Journalistic investigation of computational power structures. **Digital Journalism**, 2014, v. 3, n. 3, p. 398–415. DOI: 10.1080/21670811.2014.976411 Disponível em: https://doi.org/10.1080/21670811.2014.976411. Acesso em: 2 dez. 2024.

DIAS Daiana. **Política Externa de Lula da Silva e Dilma Rousseff: Uma Análise da Imagem Brasileira no Jornal *The New York Times***. 2015. 108 f. TCC (Graduação) – Curso de Relações Internacionais, Departamento de Economia e Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

DIEHL, Astor Antônio. **A cultura historiográfica brasileira: do IHGB aos anos 1930.** Passo Fundo, Ediupf, 1998.

DOTA, Maria Inez Mateus. O confronto de Lula e Alckmin nas eleições presidenciais do Brasil em 2006: a visão do New York Times. **Razón y Palabra**, n. 69, 2009.

DOTA, Maria Inez Mateus. A imagem do Brasil no discurso do New York Times: Aspectos Sociais. **Signo y Pensamiento**. Bogotá, v. 29, n. 56, p. 388-404, 2010. Disponível em http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-48232010000100022&lng=en&nrm=iso. Acesso 05 de julho de 2024.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Estudos Culturais Ingleses*. In: CITELI, Adilson et al. **Dicionário de Comunicação**: escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014, p.248-256.

ESPERIDIÃO, M. C. Gigantes invisíveis no telejornalismo mundial: agências internacionais de notícias e o ecossistema noticioso global. **Brazilian journalism research**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 106–129, 2011. DOI: 10.25200/BJR.v7n1.2011.288. Disponível em: https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/288. Acesso em: 13 jul. 2024.

FAUSTO NETO, Antônio. Contendas de sentidos: estratégias de midiatização da doença do ex-presidente Lula. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**. Vol. 11, N. 22. 2012, pp. 246 a 271.

FAUSTO NETO, Antônio. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In **10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. Org. BRAGA, José Luiz... [et al.]. São Leopoldo – RS: Ed. UNISINOS, 2013. p. 43-64.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Entre meios: o lugar da midiatização. In: FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Pedro Gilberto; BRAGA, José Luiz; ROSA, Ana Paula da. (Orgs.). **Midiatização, polarização e intolerância (entre ambientes, meios e circulações)**. Santa Maria: FACOS - UFSM, 2020. p. 275-295. Disponível em: <https://www.midiaticom.org/files/midiatizacao-polorizacao-intolerancia.pdf>. Acesso em: 18 de julho de 2021.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA JÚNIOR, José; RIBEIRO DE ABREU, Poliana Marta. A newsletter como ferramenta de curadoria jornalística: um estudo de caso do boletim eletrônico do Nexo Jornal. **Revista ALCEU**, [S. l.], v. 18, n. 37, p. 125–136, 2018. DOI: 10.46391/ALCEU.v19.ed37.2018.97. Disponível em: https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/97. Acesso em: 2 dez. 2024.

FRANÇA, Vera. O objeto da comunicação/A comunicação como objeto. In: HOHLFELT, Antônio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera. **Teorias da Comunicação**: escolas conceitos e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.39-60.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 30 ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mocambos:** decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. 49 ed. São Paulo: Global, 2004.

FRIEDMAN, Lisa. Former U.S. Climate Leaders Press Biden on Amazon Deforestation. **The New York Times,** 29 jan. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/01/29/climate/biden-amazon-deforestation.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 26 jan. 2025.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GIRISH, Devika. 'Marighella' Review: Battle for Brazil. ***The New York Times***, 29 abr. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/04/29/movies/marighella-review.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 29 jan. 2025.

GLADSTONE, Rick. Bolsonaro's wife was vaccinated during their visit to New York for the U.N.G.A.. ***The New York Times***, 27 set. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/09/27/world/americas/bolsonaro-wife-vaccinated.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 2 fev. 2025.

GLADSTONE, Rick; YUHAS, Alan. What Happened at the U.N. General Assembly. ***The New York Times***, 24 de setembro de 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/09/24/world/united-nations-general-assembly-recap.html?searchResultPosition=1 Acesso em 17 de janeiro de 2025.

GOFFMAN, Erving. **Quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis, RJ: Vozes; 2012.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

GOMES, Pedro Gilberto. Midiatização: um conceito, múltiplas vozes. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2016.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir.

Contraponto, 2010.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-modernidade**. 11.ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectives do digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HASENBALG, Carlos Alfredo. Raça, Classe e mobilidade. In: GONZALES, Lélia; HASENBALG, Carlos Alfredo. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982, p.67-102.

HJARVARD, S. **Midiatização**: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. Matrizes, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 53-91, jan./jun. 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 19 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. p. 169-214. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JENKINS, Henry. **Cultura de convergência**. São Paulo – SP, Editora Aleph, 2015.

JENKINS, Henry. **The Revenge of the Origami Unicorn**: Seven Principles of Transmedia Storytelling (Well, Two Actually. Five More on Friday). 12 de dezembro de 2009. Disponível em: <http://henryjenkins.org/blog/2009/12/the_revenge_of_the_origami_uni.html> Acesso em 3 de agosto de 2019.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KIRKPATRICK, David D.; CABRERA, José María León. How Trump and Bolsonaro Broke Latin America's Covid-19 Defenses. ***The New York Times***, 27 out. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/10/27/world/trump-bolsonaro-coronavirus-latin-america.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 23 jan. 2025.

KOURLAS, Gia. Review: Dancing the Night Away With Brazil's Cia Suave. ***The New York Times***, 31 mar. 2022. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/03/31/arts/dance/review-dancing-the-night-away-with-brazils-cia-suave.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 8 fev. 2025.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LEGROS, Patrick et al. **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Venício A. de. Sete teses sobre mídia e política no Brasil. **REVISTA USP**, São Paulo, n.61, p. 48-57, março/maio 2004.

LISBOA, Karen Macknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo brasil (1817-1820)**. São Paulo, Hucitec/Fapesp, 1997.

LISBOA, Karen Macknow. Olhares estrangeiros sobre o Brasil do século XIX. In MOTA, Carlos Guilherme (org). **Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000). Formação: histórias.** São Paulo, Senac, 2000, p. 265-299.

LONDOÑO, Ernesto. Prison Fighting Leaves at Least 55 Dead in Northern Brazil. ***The New York Times***. Rio de Janeiro, 27 de maio de 2019a. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/05/27/world/americas/brazil-prison-riots-amazonas.html?searchResultPosition=1 Acesso em 12 de janeiro de 2025.

LONDOÑO, Ernesto. White Powder, Red Faces: Cocaine Cargo Aboard Brazil Presidential Plane. ***The New York Times***. Rio de Janeiro, 26 de junho de 2019b. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/06/26/world/americas/bolsonaro-staff-cocaine-bust.html?searchResultPosition=1 Acesso em 12 de janeiro de 2025.

LONDOÑO, Ernesto. Jair Bolsonaro, Brazil President, Says His Phones Were Hacked. ***The New York Times***. Rio de Janeiro, 25 de julho de 2019c. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/07/25/world/americas/bolsonaro-brazil-phone-hack-corruption.html?searchResultPosition=1 Acesso em 12 de janeiro de 2025.

LONDOÑO, Ernesto. 'Like a Scream of Resistance': Rio's Carnival in Bolsonaro's Brazil. ***The New York Times***, 26 de fevereiro de 2020a. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/02/26/arts/rio-brazil-carnival-blocos.html?searchResultPosition=1 Acesso em 28 de janeiro de 2025.

LONDOÑO, Ernesto. Brazil's Bolsonaro, Leading Virus Skeptic, Says He's No Longer Infected. ***The New York Times***, Rio de Janeiro, 25 de julho de 2020b. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/07/25/world/americas/bolsonaro-coronavirus.html?searchResultPosition=1 Acesso em 05 de fevereiro de 2025.

LONDOÑO, Ernesto. As Brazil faces record Covid-19 deaths, a variant-fueled surge and lagging vaccinations, Bolsonaro disparages masks. ***The New York Times***, 26 fev. 2021a. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/02/26/world/Bolsonaro-face-masks.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 27 jan. 2025.

LONDOÑO, Ernesto. Brazil President Bolsonaro Is Hospitalized and Faces Possible Surgery. ***The New York Times***, 14 jul. 2021b. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/07/14/world/americas/brazil-bolsonaro-surgery-hospital.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 31 jan. 2025.

LONDOÑO, Ernesto. Brazil's President Lula Is Staging a Comeback. Can He Bring the Country Along?. ***The New York Times***, 27 nov. 2021c. Disponível em:

https://www.nytimes.com/2021/11/27/world/americas/brazil-president-lula.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 4 fev. 2025.

LONDOÑO, Ernesto; ANDREONI, Manuela; CASADO, Letícia. As Amazon Fires Become Global Crisis, Brazil's President Reverses Course. ***The New York Times***, Rio de Janeiro, 23 de agosto de 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/08/23/world/americas/brazil-military-amazon-fire.html Acesso em 13 de janeiro de 2025.

LONDOÑO, Ernesto; ANDREONI, Manuela; CASADO, Letícia. 'A Family Business:' Graft Investigation Threatens Brazil's Bolsonaro. ***The New York Times***, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 2020a. Disponível em https://www.nytimes.com/2020/08/28/world/americas/brazil-bosonaro-corruption.html?searchResultPosition=1 Acesso em 07 de fevereiro de 2025.

LONDOÑO, Ernesto; ANDREONI, Manuela; CASADO, Letícia. 'Playing With Lives': Brazil's Covid Vaccine Plan Is Mired in Chaos. ***The New York Times***, 14 dez. 2020b. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/12/14/world/americas/brazil-coronavirus-vaccine.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 25 jan. 2025.

LONDOÑO, Ernesto; CASADO, Letícia. In Brazil, Firebombs Seek to Terrorize Makers of Film Portraying Jesus as Gay. ***The New York Times***, 26 dez. 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/12/26/world/americas/brazil-gay-jesus-netflix-movie.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 13 jan. 2025.

LONDOÑO, Ernesto; CASADO, Letícia. Glenn Greenwald in Bolsonaro's Brazil: 'I Trigger a Lot of Their Primal Rage'. ***The New York Times***, Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/01/25/world/americas/glenn-greenwald-brazil-bolsonaro-cybercrimes.html?searchResultPosition=1 Acesso em 25 de janeiro de 2025.

LONDOÑO, Ernesto; CASADO, Letícia. As Virus and Economic Woes Ravage Brazil, Bolsonaro Improvises and Confounds. ***The New York Times***, 31 mar. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/03/31/world/americas/brazil-coronavirus-bolsonaro.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 28 jan. 2025.

LONDOÑO, Ernesto; CASADO, Letícia; ANDREONI, Manuela. Turmoil in Brazil: Bolsonaro Fires Police Chief and Justice Minister Quits. ***The New York Times***, Rio de Janeiro, 24 de abril de 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/04/24/world/americas/brazil-bolsonaro-moro.html?searchResultPosition=1 Acesso em 30 de janeiro de 2025.

LONDOÑO, Ernesto; DARLINGTON, Shasta, CASADO, Letícia. Brazil's President Tells Armed Forces to Commemorate Military Coup. ***The New York Times***. Brasília, 29 de março de 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/03/29/world/americas/brazil-bolsonaro-coup.html?searchResultPosition=1 cesso em 12 de janeiro de 2025.

LONDOÑO, Ernesto; MILHORANCE, Flávia. As Virus Toll Grows, Brazil's Political Divisions Spill Onto the Streets. ***The New York Times***, 31 maio 2021a. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/05/31/world/americas/brazil-protests-covid-19.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 30 jan. 2025.

LONDOÑO, Ernesto; MILHORANCE, Flávia. Brazil Passes 500,000 Covid Deaths, a Tragedy With No Sign of Letup. ***The New York Times***, 24 jun. 2021b. Disponível em:

https://www.nytimes.com/2021/06/24/world/americas/brazil-500000-covid-deaths.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 30 jan. 2025.

MAAR, Wolfgang Leo. *Ação Comunicativa.* In: CITELI, Adilson et al. **Dicionário de Comunicação**: escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014, p.13-25.

MAIA, Rousiley; GARCÊZ, Regiane Lucas; VEIGA, Vanessa; MIOLA, Edna; NEVES, Bráulio; GONÇALVES, Alicianne; ROSSINI, Patrícia, LYCARIÃO, Diógenes; CAL, Danila. A teoria crítica nos estudos da Comunicação: uma agenda empírica para o programa de Jürgen Habermas e de Axel Honneth. In: FRANÇA, Vera Veiga; ALDÉ, Alessandra; RAMOS, Murilo César. **Teorias da Comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas.** Salvador: Edufba, 2014.

MALDONADO, Alberto Efendy ; FOLETTO, Rafael ; STRASSBURGER, Tabita. *Mass Communication Reaserch*. In: CITELI, Adilson et al. **Dicionário de Comunicação**: escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014, p.338-348.

MANIN, Bernard. **Metamorfoses do governo representativo**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo. n. 29, p. 5-34, 1995.

MARÃO, José Carlos. Por que falar de Realidade? In MARÃO, José Carlos e RIBEIRO, José Hamilton. **Realidade re-vista**. Santos, SP: Realejo Edições, 2010, p.17-20.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Capital da Notícia** São Paulo: Editora Ática, 1989.

MARTINO, Luiz C. "De qual comunicação estamos falando?". In: FRANÇA, Vera Regina Veiga & MARTINO, Luiz C. (Orgs). **Teorias da Comunicação**: escolas conceitos e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.11-26.

MATHER, Victor. Athletes Speak Out Against Returning: 'People Are Still Dying'. ***The New York Times***, 29 de junho de 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/06/29/sports/brazil-soccer-against-return-liverpool.html?searchResultPosition=1 Acesso em 04 e fevereiro de 2025.

MAXWELL, Kenneth. Por que o Brasil foi diferente? O contexto da Independência. In MOTA, Carlos Guilherme (org). **Viagem incompleta**. A experiência brasileira (1500-2000). Formação: histórias. São Paulo, Senac, 2000, p. 177-196.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985. 166p.

MEYROWITZ, Joshua. **No sense of place** – the impact of electronic media on social behavior. New York: Oxford University Press, 1985.

MIGUEL, Luís Felipe. Capital Político e Carreira Eleitoral: Algumas variáveis na eleição para o Congresso Nacional. **Revista de Sociologia e Política**, 2003. Disponível em https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/3636/2893 Acesso em 23 de setembro de 2021.

MIGUEL, Luís Felipe, MARQUES, Danusa e MACHADO, Carlos. Capital Familiar e Carreira Política no Brasil: Gênero, Partido e Região nas Trajetórias para a Câmara dos Deputados. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 58, no 3, 2015, pp. 721 a 747.

MILHORANCE, Flávia. Record Floods Stun Brazil's Northeast, Killing at Least 20. ***The New York Times***, 28 dez. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/12/28/world/americas/brazil-floods-climate-change.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 5 fev. 2025.

MILHORANCE, Flávia; LONDOÑO, Ernesto. Bolsonaro Prompts Fears of a Power Grab With Attacks on Brazil's Voting System. ***The New York Times***, 10 ago. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/08/10/world/americas/brazil-vote-bolsonaro.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 1º fev. 2025.

MORAES, Dênis de. Sistema midiático, mercantilização cultural e poder mundial. In: MORAES, Dênis de. **Mídia, poder e contrapod**er [recurso eletrônico]: da concentração monopólica à democratização da informação / Dênis de Moraes, Ignacio Ramonet, Pascual Serrano; [tradução Karina Patrício]. - São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Enquadramentos lúdico-dramáticos no jornalismo: mapas culturais para organizar conflitos políticos. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 17, p. 1-25, julho/dezembro 2007.

NICAS, Jack. Brazilian lawmakers are seeking Bolsonaro's indictment over the Covid pandemic response. ***The New York Times***, 26 out. 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/live/2021/10/26/world/covid-vaccine-boosters/brazil-bolsonaro-criminal-charges?searchResultPosition=1. Acesso em: 3 fev. 2025.

NICAS, Jack. Olavo de Carvalho, Bolsonaro's Far-Right Guru, Dies at 74. ***The New York Times***, 26 jan. 2022a. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/01/26/world/americas/olavo-de-carvalho-dead.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 6 fev. 2025.

NICAS, Jack. Brazil walks a fine line in its response to Russia's attacks. ***The New York Times***, 24 fev. 2022b. Disponível em: https://www.nytimes.com/live/2022/02/24/world/russia-attacks-ukraine/brazil-walks-a-fine-line-in-its-response-to-russias-attacks?searchResultPosition=1. Acesso em: 7 fev. 2025.

NICAS, Jack. Win or Lose, Bolsonaro Has Destroyed Trust in Brazil's Elections. ***The New York Times***, 28 out. 2022c. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/10/28/world/americas/bolsonaro-supporters-election.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 15 fev. 2025.

NICAS, Jack. Brazil Ejects Bolsonaro and Brings Back Leftist Former Leader Lula. ***The New York Times***, 30 out. 2022d. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/10/30/world/americas/lula-election-results-brazil-bolsonaro.html?searchResultPosition=4. Acesso em: 16 fev. 2025.

NICAS, Jack. Brazilians give thanks today — for their team's World Cup opener. ***The New York Times***, 24 nov. 2022e. Disponível em:

https://www.nytimes.com/2022/11/24/sports/soccer/brazilians-world-cup.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 17 fev. 2025.

NICAS, Jack. Can Brazil's Divisive Team Unite a Fractured Nation?. ***The New York Times***, 1º dez. 2022f. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/12/01/world/americas/brazil-yellow-jersey-world-cup-neymar.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 18 fev. 2025.

NICAS, Jack; SPIGARIOL, André. Good News for Food, Bad News for War: Brazil Buys Russian Fertilizer. ***The New York Times***, 8 maio 2022a. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/05/08/world/americas/brazil-russian-fertilizer-sanctions.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 10 fev. 2025.

NICAS, Jack; SPIGARIOL, André. On Eve of Election, Bolsonaro's Party Attacks Brazil's Voting Systems. ***The New York Times***, 29 set. 2022b. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/09/29/world/americas/election-bolsonaro-brazil-fraud.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 14 fev. 2025.

NOLEN, Stephanie. When Brazil Banned Abortion Pills, Women Turned to Drug Traffickers. ***The New York Times***, 28 jun. 2022. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/06/28/health/brazil-abortion-pills.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 11 fev. 2025.

OLIVEIRA, L. A. de; FERNANDES, C. M.; CHAGAS, G. C. Novos passos do golpe: o enquadramento da Reforma da Previdência no Jornal Nacional. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 02, pp. XX-XX, ago. 2018/nov. 2018.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PAGANOTTI, Ivan. Imagens e estereótipos do Brasil em reportagens de correspondentes internacionais. **RuMoRes**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2007. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2007.51102. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51102. Acesso em: 30 jul. 2024.

PASSARINHO, Nathalia. Como política ambiental de Bolsonaro afetou imagem do Brasil em 2019 e quais as consequências disso. **BBC News Brasil**, Londres, 31 de dezembro de 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50851921. Acesso em 11 de junho de 2024.

PERNISA JÚNIOR, Carlos. Como estabelecer interfaces entre a comunicação e outras áreas de conhecimento ou prática? In: BRAGA, José Luiz [et al.] (org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação.** São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2013. p. 81-96.

PERNISA JÚNIOR, Carlos. A circulação no jornalismo e na comunicação. In: PERNISA JÚNIOR, Carlos. **A circulação no jornalismo:** o terceiro polo em busca de seu espaço. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2016. p. 19-45.

PLATÃO. **Os Sofistas**. Livro Digital. 2012.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos históricos, Rio de Janeiro,

vol.2, n.3, 1989.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992.

PORTO, Mauro P. **Enquadramentos da Mídia e Política**. XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS (Sessão "Estratégias de Comunicação e Política: Teoria e Pesquisa" do GT Mídia e Política: Opinião Pública e Eleições), Caxambu/MG, Brasil, 22 a 26 de outubro de 2002, 25p.

RAMONET, Ignácio. A explosão do jornalismo na era digital. In: MORAES, Dênis de. **Mídia, poder e contrapoder** [recurso eletrônico]: da concentração monopólica à democratização da informação / Dênis de Moraes, Ignacio Ramonet, Pascual Serrano; [tradução Karina Patrício]. - São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2014.

REUTERS. Brazil's Leader Falsely Blames Leonardo DiCaprio for Amazon Fires. ***The New York Times***, São Paulo, 30 de novembro de 2019. Disponível em https://www.nytimes.com/2019/11/30/world/americas/amazon-fires-dicaprio-bolsonaro.html?searchResultPosition=1 Acesso em 22 de janeiro de 2025.

REUTERS. Brazil Amazon Deforestation Hits 12-Year High Under Bolsonaro. ***The New York Times***, 30 nov. 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/11/30/world/americas/brazil-amazon-rainforest-deforestation.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 24 jan. 2025.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação**: questão comunicacional e formas de sociabilidade. Editorial Presença; Lisboa, 1990.

ROOSE, Kevin; ROSENBERG, Matthew. Touting Virus Cure, 'Simple Country Doctor' Becomes a Right-Wing Star. ***The New York Times***, 2 de abril de 2020. Disponível em https://www.nytimes.com/2020/04/02/technology/doctor-zelenko-coronavirus-drugs.html?searchResultPosition=16 Acesso em 18 de setembro de 2024.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a Origem das Línguas**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Espetáculo, Política e Mídia**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rubim-antonio-espetaculo-politica.pdf> Acesso em 20 de outubro de 2017.

SALAVERRIA, Ramón. *Multimedialidade*: Informar para cinco sentidos. In CANAVILHAS, João (org.). **WebJornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Labcom Books, 2014. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2016.

SALES, Camila Maria Risso. **O Brasil na Economist**: pensando a influência do perfil político-ideológico da revista na formação da imagem internacional do país. Tese (Doutorado) São Carlos: UFSCar, 2016.

SAMPAIO, Rafael Cardoso & LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano.** São Paulo: Paulus, 2003.

SCHAEFER, Brian. 'Brazil Is Burning, and We're Just Performing a Lot of Abstract Gestures'. ***The New York Times***, 29 de outubro de 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/10/29/arts/dance/bruno-beltrao-grupo-de-rua.html?searchResultPosition=1 Acesso em 21 de janeiro de 2025.

SCHWARCZ, Lilia M. e STARLING, Heloisa M. **Brasil:** uma biografia. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARTZ, Stuart B. "Gente da terra braziliense da nasção". Pensando o Brasil: a construção de um povo. In MOTA, Carlos Guilherme (org). **Viagem incompleta**. A experiência brasileira (1500-2000). Formação: histórias. São Paulo, Senac, 2000, p. 103-126.

SERRANO, Pascual. Outro jornalismo possível na internet. In: MORAES, Dênis de. **Mídia, poder e contrapoder** [recurso eletrônico]: da concentração monopólica à democratização da informação / Dênis de Moraes, Ignacio Ramonet, Pascual Serrano; [tradução Karina Patrício]. - São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

SILVEIRA, Fabrício. *Teoria dos usos de gratificações.* In: CITELI, Adilson et al. **Dicionário de Comunicação**: escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014, p.459-466.

SIMÕES, Mariana. Brazil's Bolsonaro on the Environment, in His Own Words. ***The New York Times*****,** 27 de agosto de 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/08/27/world/americas/bolsonaro-brazil-environment.html?searchResultPosition=1 Acesso em 12 de janeiro de 2025.

SPIGARIOL, André; NICAS, Jack. Bolsonaro Gathers Foreign Diplomats to Cast Doubt on Brazil's Elections. ***The New York Times***, 19 jul. 2022a. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/07/19/world/americas/brazil-bolsonaro-election-fraud-claim.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 12 fev. 2025.

SPIGARIOL, André; NICAS, Jack. Brazilian Officials Reach Truce on Voting Machines Targeted by Bolsonaro. ***The New York Times***, 31 ago. 2022b. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/08/31/world/americas/brazil-bolsonaro-election-security-agreement.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 13 fev. 2025.

SKIDMORE, Thomas. **O Brasil visto de fora**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

SOLOSKI, John. "O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico", in TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e "estórias". Lisboa, Vega, 1993, P. 91100.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008.

SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**. Para uma sociologia política da modernidade periférica. 2ªed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2010, p.51-61.

SWANSON, Ana. Governments Tighten Grip on Global Food Stocks, Sending Prices Higher. ***The New York Times***, 30 abr. 2022. Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/04/30/business/economy/global-food-prices-ukraine.html?searchResultPosition=1. Acesso em: 9 fev. 2025.

TALESE, Gay. **O reino e o poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

TELLES, Vera da S. Espaço público e espaço privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt. **Tempo Social**; Rev. Social. USP, S. Paulo, VOLUME 1(1), 1990.

THE ASSOCIATED PRESS. Jair Bolsonaro, Brazil's President, Remains in Hospital With Signs of Pneumonia. ***The New York Times***, Rio de Janeiro, 07 de fevereiro de 2019. Disponível em: https://www.nytimes.com/2019/02/07/us/politics/bolsonaro-brazil-president-pneumonia.html?searchResultPosition=1 Acesso em 12 de janeiro de 2025.

THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo**. Questões, teorias e 'estórias". Lisboa: Editora Vega, 1993, p. 167-176.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. Unisinos: São Leopoldo, RS, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Volume I: por que as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005a.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Volume II: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.** Florianópolis: Insular, 2005b.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. 1972. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: Questões, Teorias e "Estórias". Lisboa: Vega Editora, 1996.

USHER, Nikki. **Making News at *The New York Times***. 4ª ed, University of Michigan Press, 2017. Edição do Kindle.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa**. Tradução Karina Jannini – 3. ed. – São Paulo: Martins Fontes: 2008.

APÊNDICE

Quadro de artigos não-opinativos do *The New York Times* usando os termos "Brazil/Brazilian" e Bolsonaro entre 2019 e 2022 por ordem de relevância mensal

Janeiro de 2019								
Título	Data	Editoria	Tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	Edição impressa
Investors in Former Trump-Branded Hotel in Brazil Charged With Corruption	31/01/2019	Americas	Corrupção / Trump	Escândalo	Sim	Não	Shasta Darlington	Sim
With Hundreds Missing Following Burst Brazil Dam, a Frantic Search for	26/01/2019	Americas	Acidente / Meio Ambiente	Notabilidade	Sim	Não	Manuela Andreoni e Shasta Darlington	Sim

Survivors								
7 People Killed and 200 Missing in Brazil After Dam Collapses, Officials Say	25/01/2019	Americas	Acidente / Meio Ambiente	Inesperado	Sim	Não	Shasta Darlington	Sim
As 2nd Brazil Dam Threatens to Collapse, Death Toll Rises to 58	27/01/2019	Americas	Acidente / Meio Ambiente	Morte	Sim	Não	Manuela Andreoni e Shasta Darlington	Sim

Brazil Wanted Change. Even Before Taking Office, Jair Bolsonaro Delivered.	01/01/2019	Americas	Política / Bolsonaro	Relevância	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Manuela Andreoni	Sim
Bolsonaro Pulls Brazil From U.N. Migration Accord	09/01/2019	Americas	Política	Relevância	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim
Jair Bolsonaro, on Day 1, Undermines Indigenous Brazilians' Rights	02/01/2019	Americas	Bolsonaro / Direitos Humanos / Povos Indígenas / Meio Ambiente	Notoriedade	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim

Jair Bolsonaro Sworn In as Brazil's President, Cementing Rightward Shift	01/01/2019	Americas	Política / Bolsonaro	Tempo	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim
Bolsonaro Signs Decree Making It Easier for Brazilians to Buy Guns	15/01/2019	Americas	Política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Shasta Darlington	Sim
Bolsonaro Finds Anticorruption Vow Threatened by	24/01/2019	Americas	Corrupção / Bolsonaro / Família do presidente	Escândalo	Sim	Sim	Shasta Darlington e Manuela Andreoni	Sim

Cases Close to Home								
Brazil's Bolsonaro Is the Face of Populism at the Davos Forum	22/01/2019	Americas	Política / Bolsonaro	Notoriedade	Sim	Sim	Mark Landler	Sim
'I Have to Stay Alive': Gay Brazilian Lawmaker Gives Up Seat Amid Threats	24/01/2019	Americas	Política / Personalidade	Conflito ou controvérsia	Sim	Não	Shasta Darlington	Sim

Petrobras, Brazil Government Expect to Resolve Dispute Within 100 Days: Minister	03/01/2019	Business	Economia	Conflito ou controvérsia	Sim	Não	Reuters	Sim
A Defiant Interview in a Jail Cell, Soon to Turn Into a Murder Scene	03/01/2019	Americas	Violência	Inesperado	Sim	Não	Ernesto Londoño	Sim
U.S. Ambassador Visits American Arrested in	02/01/2019	Europe	Estados Unidos	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Alan Yuhas	Sim

Russia on Spying Charge								
DealBook Briefing: Your Davos Cheat Sheet	27/01/2019	Dealbook / Briefing	Tecnologia / Política	Notoriedade	Não	Não	Não especificado	Sim
When More Democracy Isn't More Democratic	21/01/2019	Europe	Política	Tempo	Não	Não	Max Fisher e Amanda Taub	Sim
DealBook Briefing: Trade Concerns Rise on Report of Canceled	23/01/2019	Dealbook / Briefing	Política	Tempo	Não	Não	Não especificado	Sim

Meeting								
American Jews and Israeli Jews Are Headed for a Messy Breakup	04/01/2009	Sunday Review	Política	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Jonathan Weisman	Sim
Venezuela, U.S. Shutdown, Alex Salmond: Your Friday Briefing	24/01/2019	Briefing	Política / Bolsonaro	Notoriedade	Não	Não	Penn Bullock	Não

Mitt Romney, China, Ultima Thule: Your Wednesday Briefing	02/01/2019	Briefing	Política / Bolsonaro	Tempo	Não	Não	Chris Stanford	Não
U.S. Shutdown, Brexit, Huawei: Your Wednesday Briefing	23/01/2019	Briefing	Economia / Política	Tempo	Não	Não	Penn Bullock	Não
U.S. Shutdown, Brexit, Congo: Your Thursday Briefing	09/01/2019	Briefing	Política	Relevância	Não	Não	Penn Bullock	Não
Fevereiro de 2019								

Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Jair Bolsonaro, Brazil's President, Remains in Hospital With Signs of Pneumonia	07/02/2019	Politics	Bolsonaro	Notoriedade	Sim	Sim	The Associated Press	Sim
Corruption Inquiry Involving Brazilian President's Son Can Proceed, Court Says	01/02/2019	Americas	Corrupção / Família do presidente	Escândalo	Sim	Sim	Shasta Darlington	Sim

Brazil's 'Lula' Convicted Again of Corruption, Clouding His Political Future	06/02/2019	Americas	Corrupção / Lula	Notoriedade	Sim	Não	Shasta Darlington	Sim
Russia Blocks Venezuela Measure at U.N., Calling It a U.S. Ploy for Regime Change	28/02/2019	Americas	Internacional / Política	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Michael Schwirtz	Sim
Dorm Fire Kills 10 Young Players in Brazil, Sending	08/02/2019	Americas	Acidente / Esporte	Inesperado	Sim	Sim	Manuela Andreoni, Shasta Darlington e Ta	Sim

Shudder Through Soccer World							riq Panja	
Defender of World Order or Trump Mouthpiece? Pompeo Is Tested by North Korea, Iran and U.S. Allies	24/02/2019	Politics	Estados Unidos	Notoriedade	Não	Não	David E. Sanger e Edward Wong	Sim
Spain's Far-Right Vox Party Sees Breakout	16/02/2019	Europe	Internacional	Tempo	Não	Não	Raphael Minder	Sim

Moment in New Election								
Marco de 2019								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Brazil's President Tells Armed Forces to Commemorate Military Coup	29/03/2019	Americas	Política / Bolsonaro	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Ernesto Londoño, Shasta Darlington e Letícia Casado	Sim
Brazil's Culture Wars Make a Graphic Appearance in Bolsonaro's Twitter Feed	06/03/2019	Americas	Cultura / Polítca	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim

For Trump, Brazil's President Is Like Looking in the Mirror	19/03/2019	Politics	Polítca / Estados Unidos	Notoriedade	Não	Sim	Michael D. Shear e Maggie Haberman	Sim
36 Hours in Rio de Janeiro	28/03/2019	Travel	Turismo	Notoriedade	Sim	Não	Nell McShane Wulfhart	Sim
With a Second President in Jail, Brazil's Carwash Probe Lives on	22/03/2019	Americas	Corrupção / Personaldade	Escândalo	Sim	Não	Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim
A Year After Her Killing, Marielle Franco Has Become	14/03/2019	Americas	Violência / Política	Tempo	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim

a Rallying Cry in a Polarized Brazil								
5 Students Among 8 Killed in Brazil School Shooting	13/03/2019	Americas	Violência	Inesperado	Sim	Não	Shasta Darlington	Sim
‘Lula,’ Ex-President of Brazil, Temporarily Leaves Prison for Grandson’s Funeral	03/03/2019	Americas	Política / Lula	Notoriedade	Sim	Não	The Associated Press	Sim

Ex-Officers Arrested in Killing of Marielle Franco, Brazilian Politician and Activist	12/03/2019	Americas	Violência / Política	Novidade	Sim	Não	Ernesto Londoño e Lis Moriconi	Sim
Former President Michel Temer of Brazil Is Arrested in Bribery Probe	21/03/2019	Americas	Corrupção / Personalidde	Escândalo	Sim	Não	Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim
On Politics: Pompeo's Iran Plan Deepens	20/03/2019	Politics / Briefing	Estados Unidos	Proximidade geográfica	Não	Não	Não especificado	Sim

Tensions								
Seth Meyers Says Trump Should Pay His Taxes, Not Donate His Salary	20/03/2019	Television / Briefing	Estados Unidos	Tempo	Não	Não	Giovanni Russonello	Sim
Wi-Fi on Planes? A ‘Disaster,’ Says Bernard-Henri Lévy.	23/03/2019	Travel	Internacional	Notoriedade	Não	Não	Tariro Mzezewa	Sim
Guaidó Vows a Prompt Return to Venezuela, as Unity	03/03/2019	Americas	Internacional	Relevância	Não	Não	Nicholas Casey	Sim

Starts to Fray								
Months After John McCain's Death, Trump Keeps Feud With Him Alive	20/03/2019	Politics	Estados Unidos	Tempo	Não	Não	Maggie Haberman, Annie Karni e Michael Tackett	Sim
North Korea, Jair Bolsonaro, Martha McSally: Your Thursday Briefing	06/03/2019	Briefing	Carnaval / Costumes / Bolsonaro	Conflito ou controvérsia	Não	Sim	Penn Bullock	Sim

Federal Reserve, Disney, Kazakhstan: Your Wednesday Briefing	20/03/2019	Briefing	Política / Bolsonaro	Proximidade geográfica	Não	Não	Chris Stanford	Não
Abril de 2019								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Brazil's Judiciary, Once Symbol of Anti-Corruption Drive, Now Faces Scrutiny	27/04/2019	Americas	Política / Corrupção	Relevância	Sim	Sim	Letícia Casado e Manuela Andreoni	Sim
Bolsanaro's Popularity Sinks	14/04/2019	Americas	Política / Meio Ambiente	Tempo	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim

After a Rocky 100 Days in Brazil								
Can the Holocaust Be Forgiven? Bolsonaro Says Yes, Drawing Israelis' Ire	13/04/2019	Middle East	Política	Conflito ou controvérsia	Não	Sim	Megan Specia	Sim
Natural History Museum Will Not Host Gala for Brazil's President	15/04/2019	Art & Design	Política	Conflito ou controvérsia	Não	Sim	Graham Bowley	Sim

Was Money to Help Women in Brazil's Politics Funneled to Men?	12/04/2019	Americas	Política / Corrupção	Escândalo	Sim	Sim	Shasta Darlington	Sim
Gala Honoree Causes Concern at American Museum of Natural History	12/04/2019	Arts	Política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Graham Bowley	Sim
A Respite From Record Losses, but Tropical Forests Are	25/04/2019	Climate	Meio Ambiente	Relevância	Sim	Não	Henry Fountain	Sim

Still in Trouble								
Venezuela Crisis: Guaidó Calls for Uprising as Clashes Erupt	30/04/2019	Americas	Internacional / Política	Conflito ou controvérsia	Não	Não	The New York Times	Sim
Commuting While Pregnant: A Long Ride Could Be a Risky One	19/04/2019	Health / Briefing	Política / Saúde	Escândalo	Não	Não	Maya Salam	Não

Declassified U.S. Documents Reveal Details About Argentina's Dictatorship	12/04/2019	Americas	Internacional	Tempo	Não	Não	Ernesto Londoño	Sim
Google, Trump, Tiger Woods: Your Monday Briefing	14/04/2019	Briefing	Política	Tempo	Não	Não	Melina Delkic e Alisha Haridasani Gupta	Sim
Notre-Dame, Trump, Volkswagen: Your Tuesday Briefing	15/04/2019	Briefing	Política / Bolsonaro / Meio Ambiente	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Melina Delkic	Sim
Maio de 2019								

Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Prison Fighting Leaves at Least 55 Dead in Northern Brazil	27/05/2019	Americas	Violência	Morte	Sim	Não	Ernesto Londoño	Sim
‘They Came to Kill.’ Almost 5 Die Daily at Hands of Rio Police.	26/05/2019	Americas	Violência	Relevância	Sim	Não	Ernesto Londoño e Manuela Andreoni	Sim
Bolsonaro to Skip New York Gala Amid Swelling Controversy	03/05/2019	Americas	Política	Conflito ou controvérsia	Não	Sim	Ernesto Londoño	Sim

Dam at Brazil Mine Could Burst Soon, Officials Warn	17/05/2019	Americas	Meio Ambiente	Relevância	Sim	Não	Ernesto Londoño e Shasta Darlington	Não
The Best Movies and TV Shows New on Netflix Canada in June	30/05/2019	Televisison	Entretenimento	Novidade	Não	Não	Scott Tobias	Sim
Why Trump Can't Get Enough of the Rose Garden	19/05/2019	Politics	Estados Unidos	Tempo	Não	Não	Annie Karni	Sim
What, Exactly, Do We Mean by 'Democracy'	07/05/2019	Book Review	Cultura / Política	Novidade	Não	Não	Randall Kennedy	Sim

Anyway?								
High Season at Mar-a-Lago Is Over, but Concern Over Security Lingers	15/05/2019	Politics	Estados Unidos	Proximidade geográfica	Não	Não	Katie Rogers e Frances Robles	Sim
Money, Ethics, Art: Can Museums Police Themselves?	09/05/2019	Art & Design	Política	Tempo	Não	Não	Holland Cotter	Sim
When, if Ever, Is It Unethical to Visit a Country?	16/05/2019	T. Magazine	Turismo / Política	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Não especificado	Sim

Junho de 2019								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
White Powder, Red Faces: Cocaine Cargo Aboard Brazil Presidential Plane	26/06/2019	Americas	Violência / Política	Escândalo	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim
E.U. and Four Latin American Nations Reach a Trade Deal	28/06/2019	Americas	Política / Internacional	Novidade	Sim	Sim	Shasta Darlington	Sim

Grenades, Land Mines and U.S. Weapons Parts: Argentina Foils Huge Smuggling Operation	28/06/2019	Americas	Violência	Notabilidade	Sim	Não	Daniel Politi, Ernesto Londoño e Patricia Mazzei	Sim
Brazil Fails to Replace Cuban Doctors, Hurting Health Care of 28 Million	11/06/2019	Americas	Saúde / Política	Relevância	Sim	Sim	Shasta Darlington e Letícia Casado	Sim
Twitter to Label Abusive Tweets	27/06/2019	Technology	Política	Novidade	Não	Não	Kate Conger	Sim

From Political Leaders								
Review: ‘Edge of Democracy’ Looks at Brazil With Outrage and Heartbreak	18/06/2019	Movies	Entretenimento / Política	Novidade	Sim	Não	A.O. Scott	Sim
Leaked Messages Raise Fairness Questions in Brazil Corruption Inquiry	10/06/2019	Americas	Corrupção	Escândalo	Sim	Não	Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim

Pride Flags and Foreign Policy: U.S. Diplomats See Shift on Gay Rights	09/06/2019	Americas	Direitos Humanos	Relevância	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim
Roberto Burle Marx and His Leafy Vision of the Tropics	20/06/2019	Art & Design	Arte	Novidade	Sim	Não	Jason Farago	Sim
Rape Accusation Against Neymar Captivates News Media and Spooks His Sponsors	08/06/2019	Sports	Violência / Personalidade	Escândalo	Sim	Não	Tariq Panja	Sim

Trump’s Offer to Say ‘Hello’ to Kim at DMZ Carries Risks and Rewards for Both	29/06/2019	Asia Pacific	Internacional	Tempo	Não	Não	Michael Crowley	Sim
What’s on TV Thursday: ‘Edge of Democracy’ and ‘Riviera’	20/06/2019	Televisi on	Entretenimento / Política	Novidade	Sim	Não	Gabe Cohn	Sim
Day 1 of the G20 Summit in Osaka, Japan	27/06/2019	Asia Pacific / Briefing	Política / Internacional / Economia	Tempo	Não	Não	Não especificado	Não

DealBook Briefing: Why Wall Street Likes Mayor Pete (and Harris and Biden)	17/06/2019	Dealbook / Briefing	Economia / Política	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Não especificado	Sim
Julho de 2019								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Jair Bolsonaro, Brazil President, Says His Phones Were Hacked	25/07/2019	Americas	Política / Crime - Violência	Inesperado	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim
4 More Inmates Die in Brazil After	31/07/2019	Americas	Violência	Morte	Sim	Não	The Associated Press	Sim

Deadly Prison Clash								
Under Brazil's Far-Right Leader, Amazon Protections Slashed and Forests Fall	28/07/2019	Americas	Meio Ambiente / Política	Infração de regras	Sim	Sim	Letícia Casado e Ernesto Londoño	Sim
Miners Kill Indigenous Leader in Brazil During Invasion of Protected Land	27/07/2019	Americas	Povos Indígenas / Violência / Meio Ambiente	Morte	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim

Prison Riot Leaves 57 Dead in Northern Brazil	29/07/2019	Americas	Violência	Morte	Sim	Não	Ernesto Londoño	Sim
Why the Brazil Prison Massacre Was a 'Tragedy Foretold'	30/07/2019	Americas	Violência	Tempo	Sim	Não	Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim
Meet the 'Orchestra of the Street' Bringing Classical Music to Rio's Favelas	26/07/2019	Arts	Música	Inesperado	Sim	Não	Walter Thompson-Hernández	Não

From Environmental Leader to ‘Worst Company in the World’	29/07/2019	Business	Meio Ambiente	Infração de regras	Sim	Não	David Yaffe-Bellany	Sim
‘The Antithesis of Bolsonaro’: A Gay Couple Roils Brazil’s Far Right	20/07/2019	Americas	Política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim
Brazil’s President May Appoint Son, Friend to the Trumps, as Ambassador to U.S.	12/072019	Americas	Política / Estados Unidos	Infração de regras	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim

Brazil Eases Visa Requirements for U.S. Travelers	04/07/2019	Travel	Turismo	Novidade	Sim	Não	Nora Walsh	Sim
How Not to Smuggle Cocaine: Atop Your Head, Under a Hairpiece	16/07/2019	Europe	Crime - Violência	Tempo	Não	Não	Raphael Minder	Sim
Hong Kong, Boeing, Fortnite: Your Monday Briefing	28/07/2019	Briefing	Meio Ambiente / Política	Infração de regras	Não	Não	Alisha Haridasani Gupta	Não

Gilroy Garlic Festival, John Ratcliffe, Hong Kong: Your Monday Briefing	29/07/2019	Briefing	Meio Ambiente / Política	Infração de regras	Não	Não	Chris Stanford	Não
Iran, Boeing, Navalny: Your Monday Briefing	28/07/2019	Briefing	Meio Ambiente / Política	Infração de regras	Não	Não	Melina Delkic	Sim
Agosto de 2019								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Brazil's Bolsonaro on the Environment, in His	27/08/2019	Americas	Meio Ambiente / Política	Novidade	Sim	Sim	Mariana Simões	Sim

Own Words								
Dispute Over Amazon Gets Personal for Bolsonaro and Macron	26/08/2019	Europe	Meio Ambiente / Política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Aurelien Breeden e Megan Specia	Sim
With Amazon on Fire, Environmental Officials in Open Revolt Against Bolsonaro	28/08/2019	Americas	Meio Ambiente / Política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim

Brazil Angrily Rejects Millions in Amazon Aid Pledged at G7, Then Accepts British Aid	27/08/2019	Americas	Meio Ambiente / Política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Manuela Andreoni	Sim
Amid Outrage Over Rainforest Fires, Many in the Amazon Remain Defiant	26/08/2019	Americas	Meio Ambiente	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Manuela Andreoni e Ernesto Londoño	Sim
A New Brazilian Magazine Is a Fantasy for	28/08/2019	Style	Arte	Novidade	Sim	Não	Nick Remsen	Sim

Dark Days								
Where Is the Amazon Rainforest Vanishing? Not Just in Brazil	30/08/2019	Americas	Meio Ambiente	Relevância	Sim	Não	Simon Romero	Sim
The Amazon Is on Fire. So Is Central Africa.	27/08/2019	Africa	Meio Ambiente	Tempo	Não	Não	Julie Turkewitz	Sim
Bolsonaro Fires Head of Agency Tracking Amazon Deforestation	02/08/2019	Americas	Meio Ambiente / Política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim

in Brazil								
G7 Highlights on Final Day of Meetings: Iran, Climate Change and China Trade	26/08/2019	Europe	Economia / Meio Ambiente	Novidade	Sim	Sim	Não especificado	Sim
Brazil Marshals Forces to Fight Amazon Fires (and Restore 'Positive Perception')	24/08/2019	Americas	Meio Ambiente	Novidade	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim

As Amazon Fires Become Global Crisis, Brazil's President Reverses Course	23/08/2019	Americas	Meio Ambiente / Política / Bolsonaro	Novidade	Sim	Sim	Ernesto Londoño, Manuela Andreoni e Letícia Casado	Sim
With Amazon Rain Forest Ablaze, Brazil Faces Global Backlash	22/08/2019	Americas	Meio Ambiente / Política / Internacional	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Manuela Andreoni, Letícia Casado e Ernesto Londoño	Sim
Brazil's Rainforest Fires Prompt Alarm and Anger in Europe	23/08/2019	Americas	Meio Ambiente / Política / Internacional	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Richard Pérez-Peña e Matina Stevis-Gridneff	Sim

Amazon Rainforest Fires: Here's What's Really Happening	23/08/2019	Americas	Meio Ambiente	Tempo	Sim	Sim	Alexandria Symonds	Sim
How YouTube Radicalized Brazil	11/08/2019	Americas	Política / Redes Sociais	Notabilidade	Sim	Sim	Max Fisher e Amanda Taub	Sim
The Amazon, Siberia, Indonesia: A World of Fire	28/08/2019	Climate	Meio Ambiente	Relevância	Sim	Sim	Kendra Pierre-Louis	Sim
How Emmanuel Macron Positioned Himself as Star of the	27/08/2019	Europe	Política / Internacional	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Adam Nossiter	Sim

G7 Show								
What Is YouTube Pushing You to Watch Next?	09/08/2019	THE WEEKLY	Desinformação / Política	Relevância	Sim	Sim	Não especificado	Não
Fires in Amazon Rain Forest Have Surged This Year	21/08/2019	Americas	Meio Ambiente	Relevância	Sim	Não	Manuela Andreoni e Christine Hauser	Sim
As the Amazon Burns, Europe Seizes Title of Climate Champion	24/08/2019	Europe	Meio Ambiente / Política / Internacional	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Norimitsu Onishi	Sim

‘It’s Really Close’: How the Amazon Rainforest Could Self-Destruct	30/08/2019	Americas	Meio Ambiente	Relevância	Sim	Não	Max Fisher	Sim
We Wanted to Know How Online Radicalization Was Changing the World. We Started With Brazil.	11/08/2019	Reader Center	Extremismo / Redes Sociais / Desinformação / Política	Relevância	Sim	Não	Max Fisher e Amanda Taub	Sim

As Amazon Burns, Fires in Next-Door Bolivia Also Wreak Havoc	25/08/2019	Americas	Meio Ambiente	Tempo	Não	Não	Anatoly Kurmanaev e Monica Machicao	Sim
How YouTube Misinformation Resolved a WhatsApp Mystery in Brazil	15/08/2019	Americas	Redes Sociais / Desinformação	Relevância	Sim	Não	Amanda Taub e Max Fisher	Sim
Argentine Peso Collapses as Macri's Re-election Chances Drop	12/08/2019	Business	Política / Internacional	Proximidade geográfica	Não	Não	Reuters	Sim

DealBook Briefing: Can Two Tobacco Giants Save Themselves by Merging?	28/08/2019	Dealbook / Briefing	Meio Ambiente	Relevância	Não	Não	Não especificado	Sim
Argentina's Macri Trounced in Primary by Voters Angry Over Economy	12/08/2019	Americas	Política / Internacional	Proximidade geográfica	Não	Não	Daniel Politi	Sim
Earth's Food Supply Is Under Threat. These Fixes	09/08/2019	Climate	Meio Ambiente / Economia	Notabilidade	Não	Não	Somini Sengupta	Sim

Would Go a Long Way.								
Opioids, Amazon, Democrats: Your Tuesday Briefing	27/08/2019	Briefing	Meio Ambiente / Política / Economia	Inesperado	Sim	Sim	Chris Stanford	Não
Brazil, Jeffrey Epstein, U.S. Open: Your Tuesday Evening Briefing	27/08/2019	Briefing	Meio Ambiente / Política / Economia	Novidade	Sim	Não	Remy Tumin e Hiroko Masuike	Sim

Brexit, Amazon Aid, Deutsche Bank: Your Wednesday Briefing	28/08/2019	Briefing	Meio Ambiente / Política / Economia	Novidade	Sim	Não	Melina Delkic	Sim
Hong Kong, G7, Kashmir: Your Monday Briefing	25/08/2019	Briefing	Meio Ambiente / Política / Economia	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Alisha Haridasani Gupta	Não
G7, Amazon Fires, Million-Dollar Drugs: Your Monday Briefing	26/08/2019	Briefing	Meio Ambiente / Política / Economia	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Melina Delkic	Não

G7, Amazon, Russian Explosion: Your Tuesday Briefing	27/08/2019	Briefing	Meio Ambiente / Política / Economia	Novidade	Sim	Não	Melina Delkic e Alisha Haridasani Gupta	Sim
Trade War, Brazil, Taylor Swift: Your Friday Evening Briefing	23/08/2019	Briefing	Meio Ambiente	Novidade	Sim	Não	Remy Tumin e Marcus Payadue	Sim
Hong Kong, Amazon Fires, India: Your Wednesday Briefing	27/08/2019	Briefing	Meio Ambiente / Política / Economia	Novidade	Sim	Não	Alisha Haridasani Gupta	Não

Rohingya, Italy, Brazil Fires: Your Friday Briefing	22/08/2019	Briefing	Meio Ambiente / Política / Economia	Relevância	Sim	Não	Melina Delkic	Não
David Koch, Overstock, Taylor Swift: Your Friday Briefing	23/08/2019	Briefing	Meio Ambiente / Política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Chris Stanford	Não
G7, U.S. Open, Amazon: Your Tuesday Briefing	26/08/2019	Briefing	Meio Ambiente / Política	Novidade	Sim	Não	Alisha Haridasani Gupta	Não

Gun Control, China, Toni Morrison: Your Tuesday Evening Briefing	06/08/2019	Briefing	Meio Ambiente / Política / Violência	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Remy Tumin e Hiroko Masuike	Sim
Jeffrey Epstein, Gun Control, Simone Biles: Your Weekend Briefing	11/08/2019	Briefing	Redes Sociais / Desinformação / Política / Entretenimento	Novidade	Não	Não	Remy Tumin e Lance Booth	Sim
Setembro de 2019								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
What Happened at the	24/09/2019	World	Internacional / Meio Ambien	Conflito ou controvérsia	Não	Sim	Rick Gladstone e Al	Não

U.N. General Assembly			te / Política				an Yuhas	
Michelle Bachelet, U.N. Rights Chief, Feels 'Sorry for Brazil' Under Jair Bolsonaro	22/09/2019	Americas	Internacional / Política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Reuters	Sim
Imagine Jair Bolsonaro Standing Trial for Ecocide at The Hague	21/09/2019	Sunday Review	Meio Ambiente / Política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim

Is Brazilian Leather Out of Fashion? H&M Stops Buying Over Amazon Fires	05/09/2019	Americas	Economia / Meio Ambiente	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Manuela Andreoni e Sapna Maheshwari	Sim
Brazil's Outspoken Daniela Mercury Is a Swirl of Ideas and Songs	16/09/2019	Music	Música / Personalidade	Novidade	Sim	Não	James Gavin	Sim
What to Expect at the U.N. General Assembly This Week	22/09/2019	Americas	Política / Internacional	Tempo	Não	Não	Edward Wong, Lara Jakes, Michael Schwirtz e Rick Gladstone	Sim

Cory Booker Says Every Policy Should Be Informed by Climate Change	05/09/2019	Politics	Meio Ambiente / Estados Unidos	Notoriedade	Não	Não	Maggie Astor	Não
Climate Protesters and World Leaders: Same Planet, Different Worlds	21/09/2019	Climate	Meio Ambiente / Política	Relevância	Não	Não	Somini Sengupta	Sim
Pope Francis Arrives in Mozambique, With Renewed Focus on Poverty	04/09/2019	Africa	Meio Ambiente / Política / Internacional / Religião	Notoriedade	Não	Não	Jason Horowitz	Sim

and Climate								
Why Do Hoax Videos Proliferate When Disaster Strikes?	19/09/2019	Magazine	Desinformação	Tempo	Não	Não	Brooke Jarvis	Sim
Climate Town Hall: Several Democratic Candidates Embrace a Carbon Tax	04/09/2019	Politics	Política / Estados Unidos / Meio Ambiente	Tempo	Não	Não	Coral Davenport e Trip Gabriel	Sim
Outubro de 2019								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa

‘Brazil Is Burning, and We’re Just Performing a Lot of Abstract Gestures’	29/10/2019	Dance	Cultura / Meio Ambiente / Política	Novidade	Sim	Não	Brian Schaefer	Sim
Mysterious Oil Spill Becomes New Environmental Crisis for Brazil	08/10/2019	Americas	Meio Ambiente	Infração de regras	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim
Spain Agrees to Host Key Climate Talks After Chile Pulls Out	31/10/2019	Climate	Meio Ambiente / Internacional	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Somini Sengupta	Sim

Why Amazon Fires Keep Raging 10 Years After a Deal to End Them	10/11/2019	Americas	Meio Ambiente	Tempo	Sim	Não	Clifford Krauss, David Yaffe-Bellany e Mariana Simões	Sim
Chile, Rocked by Unrest, Withdraws From Hosting Climate and Trade Summits	30/10/2019	Americas	Meio Ambiente / Internacional	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Ernesto Londoño e Somini Sengupta	Sim
France's Far Right Wants to Be an Environmental	17/10/2019	Europe	Meio Ambiente / Internacional	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Norimitsu Onishi	Sim

Party, Too								
Novembro de 2019								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Brazil's Leader Falsely Blames Leonardo DiCaprio for Amazon Fires	30/11/2019	Americas	Meio Ambiente / Desinformação	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Reuters	Sim
Leonardo DiCaprio Responds to Brazil's President About Amazon Fires	30/11/2019	Americas	Meio Ambiente / Política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Aimee Ortiz	Sim

Amazon Deforestation in Brazil Rose Sharply on Bolsonaro's Watch	18/11/2019	Americas	Meio Ambiente / Política	Novidade	Sim	Sim	Ernesto Londoño and Letícia Casado	Sim
Ex-President 'Lula' Is Freed From Prison in Brazil After Supreme Court Ruling	08/11/2019	Americas	Política / Lula	Notoriedade	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim
Brazil Had High Hopes for Its Big Oil Auction. They	06/11/2019	Americas	Economia	Novidade	Sim	Não	Manuela Andreoni e Ernesto Londoño	Sim

Went Bust.								
Dueling Camps Vie for Control of Venezuela's Embassy in Brazil	13/11/2019	Americas	Política / Internacional	Conflito ou controvérsia	Sim	Não	Letícia Casado e Ernesto Londoño	Sim
'Guardian' of the Amazon Killed in Brazil by Illegal Loggers	04/11/2019	Americas	Violência / Meio Ambiente	Morte	Sim	Sim	Manuela Andreoni e Letícia Casado	Sim
In the Amazon, Fires Steal Breath, but Smoke	02/11/2019	Americas	Meio Ambiente	Relevância	Sim	Não	Clifford Krauss	Sim

Smells of Money								
Girl, 5, Is 6th Child Killed by Stray Bullet in Rio de Janeiro This Year	13/11/2019	Americas	Violência	Morte	Sim	Não	Ernesto Londoño e Lis Moriconi	Sim
Bolivian Leader Evo Morales Steps Down	10/11/2019	Americas	Internacional	Proximidade geográfica	Não	Não	Ernesto Londoño	Sim
‘This Will Be Forever’: How the Ambitions of Evo	11/11/2019	Americas	Internacional	Proximidade geográfica	Não	Não	Ernesto Londoño	Sim

Morales Contributed to His Fall								
Dezembro de 2019								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
In Brazil, Firebombs Seek to Terrorize Makers of Film Portraying Jesus as Gay	26/12/2019	Americas	Cultura / Costumes	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim
'The Pendulum Has Swung Back': Latin America's	28/12/2019	Americas	Corrupção	Tempo	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim

Corruption Fight Stalls								
36 Hours in Recife (and Environs)	26/12/2019	Travel	Turismo	Notoriedade	Sim	Não	Shannon Sims	Sim
France to Partner with Brazil States on Amazon, Bypassing Bolsonaro	09/12/2019	Americas	Meio Ambiente / Política / Internacional	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Reuters	Sim

‘The Amazon Is Completely Lawless’: The Rainforest After Bolsonaro’s First Year	05/12/2019	Americas	Meio Ambiente / Política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Matt Sandy	Sim
Trump Backs Down From Threat to Place Tariffs on Brazilian Steel	21/12/2019	Business	Economia / Estados Unidos	Novidade	Sim	Sim	Ana Swanson e Letícia Casado	Sim
From Friends to Frenemies? Trump’s Relationships	03/12/2019	Europe	Estados Unidos / Política / Internacional	Notoriedade	Sim	Sim	Megan Specia	Sim

With World Leaders								
Where the Police Wear Masks, and the Bodies Pile Up Fast	20/12/2019	Americas	Violência	Morte	Sim	Não	Azam Ahmed	Sim
Trump Says U.S. Will Impose Metal Tariffs on Brazil and Argentina	02/12/2019	Economy	Economia / Estados Unidos	Conflito ou controvérsia	Sim	Não	Ana Swanson	Sim

Congress Wants to Force Trump's Hand on Human Rights in China and Beyond	27/12/2019	Politics	Estados Unidos	Notoriedade	Não	Não	Edward Wong e Catie Edmondson	Sim
Sting, Annie Lennox and Other MTV Stars Sing for the Rainforest	11/12/2019	Style	Meio Ambiente	Novidade	Não	Não	Ben Widdicombe	Sim
Chile Plane Bound for Antarctica Goes Missing	09/12/2019	Americas	Acidente	Proximidade geográfica	Não	Não	Pascale Bonnefoy e Austin Ramzy	Sim

With 38 Aboard								
Greta Thunberg Is Taking a Holiday Break. ‘You Need to Take Rest.’	15/12/2019	Europe	Personalidade / Meio Ambiente	Notoriedade	Não	Não	Iliana Magra	Sim
Speaking Out on Gay Rights and Corruption Costs Ambassador His Job	24/12/2019	Africa	Política / Internacional / Direitos Humanos / Estados Unidos	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Ruth Maclean	Sim
Best Movies of 2019	04/12/2019	Movies	Entretenimento	Notoriedade	Não	Não	A.O. Scott e Manohla Dargis	Sim

Impeachment, France, Best of 2019: Your Thursday Evening Briefing	05/12/2019	Briefing	Meio Ambiente	Relevância	Não	Não	Remy Tumine Marcus Payadue	Não
Donald Trump, Pearl Harbor, France: Your Thursday Briefing	05/12/2019	Briefing	Meio ambiente	Relevância	Não	Não	Chris Stanford	Não
Japan's Economy, Huawei, North Korea: Your Friday Briefing	05/12/2019	Briefing	Meio ambiente	Relevância	Não	Não	Melina Delkic	Não

France, FIFA, Christmas: Your Friday Briefing	06/12/2019	Briefing	Meio ambiente	Relevância	Não	Não	Mike Ives	Não
Janeiro de 2020								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Glenn Greenwald in Bolsonaro's Brazil: 'I Trigger a Lot of Their Primal Rage'	25/01/2020	Americas	Política / Liberdade de Imprensa	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim
Brazil Under Bolsonaro Has Message for Teenagers:	26/01/2020	Americas	Costumes / Política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim

Save Sex for Marriage								
Brazil's Top Culture Official Fired Over Speech Evoking Nazi Propaganda	17/01/2020	Americas	Política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim
Glenn Greenwald Charged With Cybercrimes in Brazil	21/01/2020	Americas	Polícia / Liberdade de Imprensa	Notoriedade	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim
Brazil's Top Court Strikes Down Ban on Netflix	09/01/2020	Americas	Cultura / Justiça / Política	Novidade	Sim	Não	Ernesto Londoño	Sim

Film Portraying Jesus as Gay								
Seu Jorge and Rogê's Bond Began in Brazil. It's Since Moved to L.A.	13/01/2020	Music	Cultura	Novidade	Sim	Não	James Gavin	Sim
Contemporary Brazil, Captured in Two Novels and a Journalist's Collection	24/01/2020	Book Review	Entretenimento	Novidade	Sim	Não	Sheila Glaser	Sim

China Uses Growing Clout to Stifle Critics Abroad, Rights Group Says	14/01/2020	Asia Pacific	Política / Internacional / Direitos Humanos	Notoriedade	Não	Não	Austin Ramzy	Sim
Why These Australia Fires Are Like Nothing We've Seen Before	21/01/2020	Australia	Meio Ambiente	Tempo	Não	Não	Jamie Tarabay	Sim
Buckle Up for Another Facebook Election	10/01/2020	Technology	Redes Sociais / Política / Estados Unidos	Notoriedade	Não	Não	Kevin Roose	Sim
Fevereiro de 2020								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa

‘Like a Scream of Resistance’: Rio’s Carnival in Bolsonaro’s Brazil	26/02/2020	Arts	Cultura / Carnaval / Política	Tempo	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Não
Will an Ex-Missionary Shield Brazil’s Tribes From Outsiders?	05/02/2020	Americas	Direitos Humanos / Política / Meio Ambiente	Notabilidade	Sim	Não	Ernesto Londoño e Letícia Casado	Não
Brazil Judge Dismisses Charges Against the Journalist Glenn Greenwald	06/02/2020	Americas	Liberdade de Imprensa / Justiça	Novidade	Sim	Não	Ernesto Londoño	Sim

Spanish Terrorist Is Extradited From Brazil After Decades on the Run	07/02/2020	Europe	Crime	Novidade	Sim	Não	Raphael Minder	Sim
4 Film Series to Catch in N.Y.C. This Weekend	06/02/2020	Movies	Cultura / Entretenimento	Novidade	Não	Não	Ben Kenigsberg	Sim
A Royal Instagram Mystery	27/02/2020	Style	Redes Sociais	Notoriedade	Não	Não	Caity Weaver	Não
Plant-Based Meat Has Roots in the 1970s	16/02/2020	U.S.	Meio Ambiente / Alimentação	Notoriedade	Não	Não	Clyde Haberman	Sim

A Timeline of the Coronavirus Pandemic	13/02/2020 atualizado em 17/03/2021	World	Coronavírus / Saúde	Notabilidade	Sim	Não	Derrick Bryson Taylor	Não
Coronavirus, Joe Biden, Carnival: Your Wednesday Evening Briefing	26/02/2020	Briefing	Carnaval / Política	Tempo	Não	Não	Remy Tumin e Marcus Payadue	Não
Março de 2020								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Gun Ownership Soars in Brazil Under Bolsonaro	31/03/2020	Americas	Armas / Crime / Política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Letícia Casado and Ernesto Londoño	Sim

As Latin America Shuts Down to Fight Virus, Brazil and Mexico Are Holdouts	25/03/2020	Americas	Coronavírus / Súde	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Ernesto Londoño, Manuela Andreoni, Letícia Casado e Azam Ahmed	Sim
Trump Welcomes Brazil's Bolsonaro but Leaves Tariffs on the Table	07/03/2020	Politics	Economia / Estados Unidos	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Peter Baker	Sim
Capturing a World of Emptiness	27/03/2020	READER CENTER	Coronavírus	Tempo	Não	Não	Emily Palmer	Sim

Trump and Pence Won't Be Tested After Meeting With Infected Brazilian Official	12/03/2020	Politics	Coronavírus / Política / Estados Unidos	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Annie Karni	Sim
On a Saturday Night in Florida, a Presidential Party Became a Coronavirus Hot Zone	14/03/2020	Politics	Coronavírus / Política / Estados Unidos	Inesperado	Sim	Sim	Peter Baker e Katie Rogers	Sim
Ford Joins Effort to Make	30/03/2020	Business / Briefing	Coronavírus / Desinformação	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Não especificado	Não

Ventilators			/ Política					
Miami Mayor Tests Positive for Coronavirus	13/03/2020	U.S.	Coronavírus / Estados Unidos / Política	Tempo	Sim	Sim	Patricia Mazzei	Não
Fears Rise for World Leaders as Officials Test Positive for Virus	13/03/2020	Canada	Coronavírus / Política / Internacional	Tempo	Sim	Sim	Megan Specia e Damien Cave	Sim
Trump Says a Quarantine 'Will Not Be Necessary'	28/03/2020	World / Briefing	Coronavírus / Política	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Não especificado	Sim

Trump Won't Be Getting a Corona virus Test, His Doctor Says	13/03/2020	Politics	Corona vírus / Estados Unidos / Política	Tempo	Sim	Sim	Annie Karni	Sim
Trump Is Tested for Corona virus, and Experts Ask: What Took So Long?	14/03/2020	Health	Corona vírus / Estados Unidos / Política	Tempo	Sim	Sim	Roni Caryn Rabin	Sim
Trump Now Claims He Always Knew the Corona virus	17/03/2020	Politics	Corona vírus / Estados Unidos / Política	Tempo	Não	Não	Katie Rogers	Sim

Would Be a Pandemic								
Conflicts Over Indigenous Land Grow More Violent in Central America	09/03/2020	Americas	Povos indígenas / Violência ou crime	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Alexander Villegas e Frances Robles	Sim
On Politics: ‘A Major War’	13/03/2020	Politics / Newsletter	Coronavírus	Tempo	Não	Não	Giovanni Russonello	Não
Trump Tests Negative for Coronavirus, His Doctor Says	14/03/2020	Politics	Coronavírus / Estados Unidos / Política	Tempo	Não	Não	Annie Karni e Maggie Haberman	Sim

As Governors Plead for Tests, Trump Promises Ventilators to Europe	30/03/2020	World / Briefing	Coronavírus / Política	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Não especificado	Não
For Trump, Coronavirus Proves to Be an Enemy He Can't Tweet Away	08/03/2020	Politics / News Analysis	Coronavírus / Estados Unidos / Política	Notoriedade	Não	Não	Peter Baker	Sim
The War on Coronavirus Comes to Trump Properties	20/03/2020	Business	Coronavírus / Estados Unidos / Política	Tempo	Não	Não	Ben Protess, Steve Eder e Eric Lipton	Sim

Crackdown on Southern Border Is Planned; U.S. Records 100th Death	17/03/2020	World / Briefing	Corona vírus	Novidade	Não	Não	Não especificado	Sim
At Party for Donald Trump Jr.'s Girlfriend, Donors Helped Pick Up the Tab	17/03/2020	Politics	Donald Trump	Tempo	Não	Não	Kenneth P. Vogel, Steve Eder e Nicholas Confessore	Sim
California Governor Orders All Residents to Stay Home	19/03/2020	World / Briefing	Corona vírus	Novidade	Não	Não	Não especificado	Sim

Pelosi and Trump Reach Deal on a Relief Package	13/03/2020	World / Briefing	Coronavírus / Política / Economia	Tempo	Não	Não	Não especificado	Sim
Gatherings Should Be Limited to 10 People, Trump Says	16/03/2020	World / Briefing	Coronavírus / Política	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Não especificado	Não
Coronavirus Briefing: What Happened Today	12/03/2020	U. S / Briefing	Coronavírus	Tempo	Não	Não	Patrick J. Lyons	Sim
Coronavirus, China's Economy, Indian Police: Your Friday	12/03/2020	Briefing	Coronavírus / Política	Proximidade geográfica	Não	Não	Melina Delkic e Lara Takenaga	Não

Briefing								
Abril de 2020								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Turmoil in Brazil: Bolsonaro Fires Police Chief and Justice Minister Quits	24/04/2020	Americas	Política	Escândalo	Sim	Sim	Ernesto Londoño, Letícia Casado and Manuela Andreoni	Sim
'A Perfect Storm' in Brazil as Troubles Multiply for	25/04/2020	Americas	Política	Escândalo	Sim	Sim	Ernesto Londoño, Letícia Casado e Manuela Andreoni	Sim

Bolsonaro								
Bolsonaro, Isolated and Defiant, Dismisses Coronavirus Threat to Brazil	01/04/2020	Americas	Coronavírus	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Ernesto Londoño, Manuela Andreoni e Letícia Casado	Sim
As Bolsonaro Keeps Amazon Vows, Brazil's Indigenous Fear 'Ethnocide'	19/04/2020	Americas	Povos indígenas / Meio Ambiente / Política	Infração de regras	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim

As Coronavirus Deaths Spike, Brazil's Leader Says, 'So What?': Live Updates	29/04/2020	World / Briefing	Coronavírus / Jair Bolsonaro	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Não especificado	Sim
11 of Our Best Weekend Reads	24/04/2020	Arts / Briefing	Recomendações	Infração de regras	Não	Não	Kaly Soto	Sim
Americans Stranded Abroad Weigh Options; Spain Announces Easing of Restrictions	25/04/2020	World / Brefing	Coronavírus / Jair Bolsonaro	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Não especificado	Sim

Coronavirus Death Toll Soars in Turkey; W.H.O. Warns of Vaccine Roadblock	20/04/2020	World / Brefing	Coronavírus	Não foi possível verificar	Não	Não	Não especificado	Não
W.H.O. Failed to Tell Syrian Kurds of Their First Coronavirus Death	17/04/2020	World / Briefing	Coronavírus	Não foi possível verificar	Não	Não	Não especificado	Sim
In Scramble for Coronavirus Supplies, Rich Countries Push Poor Aside	09/04/2020	World	Coronavírus / Desigualdade	Notabilidade	Sim	Não	Jane Bradley	Sim

Britain's Coronavirus Lockdown Is Extended, and Putin Postpones Military Parade	16/04/2020	World / Briefing	Política / Coronavírus	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Não especificado	Sim
Chile to Issue Coronavirus 'Immunity Cards' to Those Who Recover	19/04/2020	World / Briefing	Coronavírus / Jair Bolsonaro	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Não especificado	Não
Animal Viruses Are Jumping to Humans. Forest	09/04/2020	Climate	Meio Ambiente / Coronavírus	Relevância	Não	Não	Catrin Einhorn	Sim

Loss Makes It Easier.								
The Week in Business: Grim Numbers Get Even Worse	05/04/2020	Business / Briefing	Coronavírus / Desinformação	Notoriedade	Não	Não	Charlotte Cowles	Sim
‘The Fields Heal Everyone’: Post-Soviet Leaders, Coronavirus Denial	02/04/2020	Asia Pacific	Coronavírus / Negacionismo	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Andrew E. Kramer	Sim

Touting Virus Cure, ‘Simple Country Doctor’ Becomes a Right-Wing Star	02/04/2020	Technology	Coronavírus	Notoriedade	Não	Não	Kevin Roose e Matthew Rosenberg	Sim
Why Coronavirus Conspiracy Theories Flourish. And Why It Matters.	08/04/2020	Europe	Coronavírus / Desinformação	Notoriedade	Não	Não	Max Fisher	Sim
Worldwide Confirmed Coronavirus Cases Top 2 Million	15/04/2020	World / Briefing	Coronavírus	Inesperado	Não	Não	Não especificado	Sim

China’s Aggressive Diplomacy Weakens Xi Jinping’s Global Standing	17/04/2020	Asia Pacific / News Analysis	Corona vírus / China	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Steven Lee Myers	Sim
Economic Chaos Fuels Hunger and Strongmen	22/04/2020	World / Briefing	Corona vírus	Notabilidade	Não	Não	Não especificado	Não
Coronavirus Briefing: What Happened Today	30/04/2020	U.S / Briefing	Corona vírus	Notabilidade	Não	Não	Patrick J. Lyons	Não

Coronavirus, Recession, 'Tiger King': Your Wednesday Evening Briefing	01/04/2020	Briefing	Coronavírus	Notoriedade	Sim	Sim	Remy Tumin, Lara Takenaga e Marcus Payadue	Não
Coronavirus Briefing: What Happened Today	01/04/2020	U.S / Briefing	Coronavírus	Notoriedade	Não	Não	Patrick J. Lyons	Não
Coronavirus, Global Recession, Wimbledon: Your Thursday Briefing	02/04/2020	Briefing	Coronavírus / Negacionismo	Notoriedade	Não	Não	Isabella Kwai	Não

Global Recession, Coronavirus, Face Masks: Your Thursday Briefing	01/04/2020	Briefing	Coronavírus / Negacionismo	Notoriedade	Não	Não	Melina Delkic	Não
Coronavirus Briefing: What Happened Today	20/04/2020	U.S / Briefing	Coronavírus / Jair Bolsonaro	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Patrick J. Lyons	Não
Coronavirus, Antibody Tests, Nova Scotia: Your Monday Briefing	20/04/2020	Briefing	Povos indígenas / Meio Ambiente / Política	Relevância	Não	Não	Chris Stanford	Não

Coronavirus, Spain's Children, Antibodies: Your Monday Briefing	20/04/2020	Briefing	Povos indígenas / Meio Ambiente / Política	Relevância	Não	Não	Isabella Kwai	Não
Coronavirus, India's Lockdown, Afghanistan: Your Monday Briefing	19/04/2020	Briefing	Povos indígenas / Meio Ambiente / Política	Relevância	Não	Não	Carole Landry	Não
Maio de 2020								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa

In Brazil, a President Under Fire Lashes Out at Investigators	29/05/2020	Americas	Política	Escândalo	Sim	Sim	Manuela Andreoni, Letícia Casado and Kirk Semple	Sim
U.S. Bans Flights From Brazil, Where Pandemic Is Raging	24/05/2020	Americas	Coronavírus / Negacionismo / Política / Estados Unidos	Novidade	Sim	Sim	Letícia Casado e Anatoly Kurmanaev	Sim
Bolsonaro Fights for Survival, Turning to Empowered Military Elders	01/05/2020	Americas	Política	Escândalo	Sim	Sim	Ernesto Londoño, Letícia Casado e Manuela Andreoni	Sim

Another Health Minister in Brazil Exits Amid Chaotic Coronavirus Response	15/05/2020	Americas	Política / Coronavírus	Escândalo	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim
Brazil, Once a Leader, Struggles to Contain Virus Amid Political Turmoil	16/05/2020	Americas	Política / Coronavírus	Inesperado	Sim	Sim	Ernesto Londoño, Manuela Andreoni e Letícia Casado	Sim
Brazil's First Indigenous Curator: 'We're Not Afraid	22/05/2020	Art & Design	Arte / Povos Indígenas	Novidade	Sim	Não	Jill Langlois	Sim

Anymore’								
2 Weeks, 6.5 Million Coronavirus Tests as Wuhan Nears Goal	26/05/2020	World / Briefing	Coronavírus / Estados Unidos	Novidade	Sim	Não	Não especificado	Sim
‘License to Kill’: Inside Rio’s Record Year of Police Killings	18/05/2020	Americas	Violência ou crime	Infração de regras	Sim	Não	Manuela Andreoni e Ernesto Londoño	Sim
Latin America’s Outbreaks Now Rival Europe’s. But	12/05/2020	Americas	Coronavírus	Notabilidade	Sim	Não	Anatoly Kurmanaev, Manuela Andreoni, Letícia Casado	Sim

Its Options Are Worse.							e Mitra Taj	
Will Twitter Draw a Line for Trump?	26/05/2020	Politics	Redes Sociais / Política / Trump	Notoriedade	Não	Não	Nick Corasaniti	Não
Twitter Had Been Drawing a Line for Months When Trump Crossed It	30/05/2020	Technology	Redes Sociais / Política / Trump	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Kate Conger	Sim
Twitter Grapples Anew With Its Trump Conundrum	26/05/2020	Technology	Redes Sociais / Política / Trump	Notoriedade	Não	Não	Kate Conger e Davey Alba	Sim

Trump Bans Travel From Brazil, Citing Pandemic	24/05/2020	World / Briefing	Coronavírus	Novidade	Sim	Não	Não especificado	Não
Twitter Refutes Inaccuracies in Trump's Tweets About Mail-In Voting	26/05/2020	Technology	Redes Sociais / Política / Trump	Notoriedade	Não	Não	Kate Conger e Davey Alba	Sim
Brazil's Halting Coronavirus Response Has Made It a Hotspot	16/05/2020	World / Briefing	Coronavírus	Relevância	Sim	Sim	Não especificado	Sim

Trump Pushes a Conspiracy Theory That Falsely Accuses a TV Host of Murder	26/05/2020	Politics	Desinformação / Trump	Notoriedade	Não	Não	Peter Baker e Maggie Astor	Sim
U.S. and China Trade Coronavirus Accusations, Sparking Fears of a New Cold War	15/05/2020	World / Briefing	Política / Coronavírus	Escândalo	Sim	Sim	Não especificado	Sim
France Bans Malaria Drug for Coronavirus	27/05/2020	World / Briefing	Coronavírus / Desinformação	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Não especificado	Sim

Treatments								
Xi Jinping Uses Pandemic to Strengthen His Rule in China	20/05/2020	World / Briefing	Coronavírus / Desinformação	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Não especificado	Sim
Coronavirus Forces Gulf States to Reckon With Their Scores of Migrant Workers	09/05/2020	World / Briefing	Coronavírus / Desinformação / Bolsonaro	Notoriedade	Não	Não	Não especificado	Sim

Art Biennials Were Testing Grounds. Now They Are Being Tested.	01/05/2020	Art & Design	Arte / Coronavírus	Tempo	Não	Não	Siddhartha Mitter	Sim
Erdogan Faces His Biggest Test of the Pandemic: The Economy	06/05/2020	Europe	Economia / Coronavírus	Notoriedade	Não	Não	Carlotta Gall	Sim
Pandemic Swells in South America, as the U.S. Nears 100,000 Deaths	23/05/2020	World / Briefing	Coronavírus	Relevância	Sim	Não	Não especificado	Sim

House Passes $3 Trillion Relief Bill Seen as Democrats' Opening Bid	15/05/2020	U.S. / Briefing	Política / Coronavírus	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Não especificado	Não
How Virus Data Can Mislead	18/05/2020	Briefing	Violência ou crime	Infração de regras	Não	Não	David Leonhardt	Não
Junho de 2020								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Athletes Speak Out Against Returning: 'People Are Still Dying'	29/06/2020	Sports	Protesto / Futebol / Coronavírus	Inesperado	Sim	Não	Victor Mather	Sim

Judge Scolds Brazil's President for Violating Mask Law	23/06/2020	Americas	Coronavírus / Política	Notoriedade	Sim	Sim	Manuela Andreoni	Sim
Brazilian Ex-Minister Makes Quick Exit to U.S. as Inquiries Rattle Government	21/06/2020	Americas	Política / Crime ou violência / Desinformação	Escândalo	Sim	Sim	Letícia Casado, Manuela Andreoni e Ernesto Londoño	Sim
Threat of Military Action Rattles Brazil as Virus Deaths Surge	10/06/2020	Americas	Ameaça à democracia / Política / Coronavírus	Escândalo	Sim	Sim	Simon Romero, Letícia Casado e Manuela Andreoni	Sim

Furious Backlash in Brazil After Ministry Withholds Coronavirus Data	08/06/2020	Americas	Coronavírus / Política	Escândalo	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim
Brazil President Embraces Unproven ‘Cure’ as Pandemic Surges	13/06/2020	Americas	Desinformação / Coronavírus / Bolsonaro / Política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Mariana Simões	Sim
Amazon Deforestation Soars as Pandemic Hobble	06/06/2020	Americas	Meio Ambiente / Coronavírus	Relevância	Sim	Sim	Ernesto Londoño, Manuela Andreoni e Letícia Casado	Sim

s Enforcement								
‘Going in the Wrong Direction’: More Tropical Forest Loss in 2019	02/06/2020	Climate	Meio Ambiente	Relevância	Sim	Não	Henry Fountain	Sim
Coronavirus Rips Into Regions Previously Spared	04/06/2020	Middle East	Coronavírus	Notabilidade	Não	Não	Declan Walsh	Sim
Virus Gains Steam Across Latin America	23/06/2020	Americas	Coronavírus	Notabilidade	Sim	Não	Azam Ahmed, Anatoly Kurmanaev, Daniel Politi e Ernesto	Sim

							Londoño	
Brazil Passes 1 Million Coronavirus Cases, Adding 54,000 in a Day	19/06/2020	World / Briefing	Coronavírus / Corrupção / Política	Notabilidade	Sim	Não	Não especificado	Não
Trump Administration Escalates Global Fight Over Taxing Tech	02/06/2020	Economy	Economia	Relevância	Não	Não	Jim Tankersley e Ana Swanson	Sim
China Defends Its Coronavirus Response	06/06/2020	World / Briefing	Meio Ambiente / Coronavírus	Escândalo	Sim	Sim	Não especificado	Não

Texas Sets Another Record as Governor Urges Residents to Stay Home	23/06/2020	World / Briefing	Coronavírus / Política	Notoriedade	Não	Não	Não especificado	Não
The World Reopens, Despite Skyrocketing Coronavirus Cases	09/06/2020	World / Briefing	Coronavírus	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Não especificado	Sim
E.U. May Bar American Travelers as It Reopens Borders, Citing	23/06/2020	Europe	Coronavírus	Conflito ou controvérsia	Sim	Não	Matina Stevis-Gridneff	Sim

Failures on Virus								
Corona virus in Brazil: What You Need to Know	18/06/2020	Americas	Corona vírus	Relevância	Sim	Sim	Manuela Andreoni	Sim
Global Coronavirus Caseload Passes 7 Million	08/06/2020	World / Briefing	Corona vírus	Escândalo	Não	Não	Não especificado	Não
Virus Exposes Weak Links in Peru's Success Story	12/06/2020	Americas	Corona vírus / Internacional	Notoriedade	Não	Não	Mitra Taj e Anatoly Kurmanaev	Sim

China Reports 57 New Coronavirus Cases Amid Beijing Outbreak	18/06/2020	World / Briefing	Coronavírus / Negacionismo	Relevância	Sim	Não	Não especificado	Não
Where the Virus Is Growing Most: Countries With ‘Illiberal Populist’ Leaders	02/06/2020	Briefing	Coronavírus	Relevância	Sim	Sim	David Leonhardt e Lauren Leatherby	Sim
Embattled at Home, Trump Finds Himself Isolated Abroad, Too	02/06/2020	Europe	Estados Unidos / Trump	Notoriedade	Não	Não	Steven Erlanger	Sim

Florida and South Carolina Again Set Records as U.S. Coronavirus Cases Surge	20/06/2020	World / Briefing	Coronavírus / Negacionismo	Notabilidade	Não	Não	Não especificado	Não
Surging Coronavirus Cases Push Latin America ‘to the Limit’	09/06/2020	World / Briefing	Coronavírus / Ameaça à democracia	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Não especificado	Não
Surging Coronavirus Caseloads Put Strongmen on the Back Foot	04/06/2020	World / Briefing	Coronavírus	Relevância	Não	Não	Não especificado	Não

E.U. Slams China Over Disinformation Campaign	10/06/2020	World / Briefing	Coronavírus	Relevância	Não	Não	Não especificado	Não
Coronavirus Briefing: What Happened Today	11/06/2020	U.S. / Briefing	Coronavírus	Relevância	Sim	Não	Lara Takenaga e Jonathan Wolfe	Não
Georgia's Long Lines	10/06/2020	Briefing	Ameaça à democracia / Política / Coronavírus	Escândalo	Sim	Sim	David Leonhardt	Não
George Floyd, Defunding, Stock Rally: Your Monday Evenin	08/06/2020	Briefing	Coronavírus	Relevância	Sim	Sim	Victoria Shannon e Hiroko Masuike	Não

g Briefing								
Shaky Reopenings, Premier League, Sikh Traditions: Your Thursday Briefing	10/06/2020	Briefing	Ameaça à democracia / Coronavírus	Escândalo	Não	Não	Melina Delkic	Não
Coronavirus Briefing: What Happened Today	04/06/2020	U.S. / Briefing	Coronavírus	Notabilidade	Não	Não	Jonathan Wolfe	Não
Shaky Reopenings, Boris Johnson, Corona	11/06/2020	Briefing	Coronavírus / Ameaça à democracia	Escândalo	Não	Não	Isabella Kwai	Não

virus: Your Thursday Briefing								
Coronavirus Flare-Up, U.S. Police, Facebook: Your Monday Briefing	14/06/2020	Briefing	Coronavírus / Desinformação	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Carole Landry	Não
Reopenings in Europe, Far-Right Protests, Facebook: Your Monday Briefing	15/06/2020	Briefing	Desinformação / Coronavírus	Relevância	Não	Não	Isabella Kwai	Não

Julho de 2020								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Brazil's Bolsonaro, Leading Virus Skeptic, Says He's No Longer Infected	25/07/2020	Americas	Coronavírus / Bolsonaro	Notoriedade	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim
Lawmakers 'Alarmed' by Reports U.S. Envoy Told Brazil It Could Help Re-elect Trump	31/07/2020	Americas	Política / Economia / Estados Unidos	Escândalo	Sim	Não	Ernesto Londoño, Manuela Andreoni e Letícia Casado	Sim

Bolsonaro Hails Anti-Malaria Pill Even as He Fights Coronavirus	08/07/2020	Americas	Coronavírus	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim
President Bolsonaro of Brazil Tests Positive for Coronavirus	07/07/2020	Americas	Bolsonaro / Coronavírus	Notoriedade	Sim	Sim	Ernesto Londoño, Manuela Andreoni and Letícia Casado	Sim
Bolsonaro Takes New Coronavirus Test After Attending Lunch Without Mask	06/07/2020	Americas	Bolsonaro / Coronavírus	Notoriedade	Sim	Sim	Ernesto Londoño, Manuela Andreoni e Letícia Casado	Não

Latin America Is Facing a ‘Decline of Democracy’ Under the Pandemic	29/07/2020	Americas	Ameaça à Democracia / América Latina	Relevância	Não	Não	Anatoly Kurmanaev	Sim
A Lost Dog’s Brief Stint as Brazil’s Presidential Mascot	01/07/2020	Americas	Família do presidente	Inesperado	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim
Brazil Health Workers May Have Spread Coronavirus to Indigenous People	19/07/2020	Americas	Povos Indígenas / Coronavírus	Escândalo	Sim	Não	Manuela Andreoni, Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim

Bolivia President, Jeanine Añez, Tests Positive for Coronavirus	09/07/2020	Americas	Coronavírus / Política	Proximidade geográfica	Não	Não	María Silvia Trigo e Anatoly Kurmanaev	Sim
U.S. Coronavirus Cases Soar as 18 States Set Single-Day Records This Week	25/07/2020	World / Briefing	Coronavírus / Desinformação / Bolsonaro	Relevância / Notoriedade	Sim	Não	Não especificado	Não
Fauci to Testify Before Congress on Coronavirus Response	30/07/2020	World / Briefing	Coronavírus / Família do presidente	Relevância	Sim	Não	Não especificado	Não

Testing Results Take Too Long, U.S. Official Concedes	26/07/2020	World / Briefing	Coronavírus / Cultura	Notabilidade / Notoriedade	Sim	Não	Não especificado	Não
With Officials' Backing, Dubious Virus Remedies Surge in Latin America	23/07/2020	Americas	Coronavírus / Desinformação / América Latina	Conflito ou controvérsia	Não	Não	María Silvia Trigo, Anatoly Kurmanaev e José María León Cabrera	Sim
In Coronavirus Vaccine Race, China Strays From the Official Paths	16/07/2020	Business	Coronavírus	Proximidade geográfica	Não	Não	Sui-Lee Wee e Mariana Simões	Sim

Facebook Removes Roger Stone for Ties to Fake Accounts	08/07/2020	Technology	Redes Sociais / Desinformação / Família do presidente	Escândalo	Não	Não	Davey Alba	Sim
What's on TV Tuesday: 'Landless' and 'Frontline'	21/07/2020	Television	Entretenimento	Novidade	Não	Não	Lauren Messman	Sim
As Coronavirus Cases Top 3 Million, Fauci Warns Against Misreading a Falling Death Rate	07/07/2020	World / Briefing	Coronavírus / Bolsonaro	Notoriedade	Sim	Sim	Não especificado	Não

Trump's Health Officials Warn More Will Die as Covid Cases Rise	12/07/2020	Health	Coronavirus	Relevância	Sim	Sim	Pam Belluck	Sim
Fauci Says Virus Cases 'Never Got Down to Where We Wanted to Go' as Deaths Pass 130,000	06/07/2020	World / Briefing	Coronavírus / Bolsonaro	Notoriedade	Sim	Sim	Não especificado	Não
The Fight Over the Future of the	14/07/2020	Book Review	Política / Ameaça à Democracia	Notoriedade	Não	Não	James Traub	Sim

Democratic Party								
At Least 5 States Set Single-Day Coronavirus Case Records	08/07/2020	World / Briefing	Coronavírus / Desinformação	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Não especificado	Não
Bolsonaro, Students in the U.S., Arctic Fires:Your Wednesday Briefing	07/07/2020	Briefing	Coronavírus	Notoriedade	Sim	Sim	Melina Delkic	Não
Jair Bolsonaro, Global Warming, Sweden	08/07/2020	Briefing	Coronavírus / Bolsonaro	Notoriedade	Sim	Sim	Isabella Kwai	Não

’s Economy: Your Wednesday Briefing								
Coronavirus Briefing: What Happened Today	30/07/2020	US.S / Briefing	Família do presidente / Coronavírus	Notoriedade	Não	Não	Lara Takenaga	Não
Coronavirus Cases in U.S. Are Rising, Even as Death Rates Trend Down	03/07/2020	World / Briefing	Coronavírus	Notabilidade	Sim	Não	Não especificado	Não
U.K. Sanctions, Facebook, Jair Bolsonaro:	07/07/2020	Briefing	Bolsonaro / Coronavírus	Notoriedade	Não	Sim	Isabella Kwai	Não

Your Tuesday Briefing								
North Korea, U.S.-China, Olivia de Havilland: Your Monday Briefing	26/07/2020	Briefing	Bolsonaro / Coronavírus / Meio Ambiente	Notoriedade / Relevância	Não	Não	Carole Landry	Não
Coronavirus Briefing: What Happened Today	27/07/2020	US.S / Briefing	Coronavírus / Bolsonaro	Relevância / Notoriedade	Não	Não	Jonathan Wolfe e Lara Takenaga	Não
Spain Quarantine, Russia Protests, Olivia de	27/07/2020	Briefing	Coronavírus / Bolsonaro	Notoriedade	Não	Não	Isabella Kwai	Não

Havilland: Your Monday Briefing								
U.S. Hits Another Record for New Coronavirus Cases	09/07/2020	World / Briefing	Coronavírus / Bolsonaro	Relevância	Não	Não	Não especificado	Não
Testing, School Reopenings, Beach Days: Your Tuesday Evening Briefing	07/07/2020	Briefing	Bolsonaro / Coronavírus	Notoriedade	Sim	Sim	Remy Tumin e Hiroko Masuike	Não

Coronavirus, Hurricane Hanna, Regis Philbin: Your Weekend Briefing	26/07/2020	Briefing	Coronavírus	Relevância	Sim	Não	Remy Tumine Elijah Walker	Não
Coronavirus Briefing: The Dire State of Testing	07/07/2020	US.S / Briefing	Coronavírus / Bolsonaro	Notoriedade / Relevância	Não	Não	Lara Takenaga e Jonathan Wolfe	Não
Facebook's Big Meeting Didn't Go So Well	08/07/2020	Dealbook / Briefing	Bolsonaro / Coronavírus	Notoriedade	Não	Não	Não especificado	Sim
Coronavirus Briefing: What Happen	23/07/2020	U.S. / Briefing	Desinformação / Coronavírus	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Lara Takenaga e Jonathan Wolfe	Não

ed Today								
Arizona Is #1, Bahrain Is #4	08/07/2020	Briefing	Bolsonaro / Coronavírus	Notoriedade	Não	Não	David Leonhardt	Não
Why Isn't the 'Southern Strategy' Working?	07/07/2020	Briefing	Bolsonaro / Coronavírus	Notoriedade	Não	Não	David Leonhardt	Não
Agosto de 2020								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
'A Family Business:' Graft Investigation Threatens Brazil's	28/08/2020	Americas	Corrupção / Família do presidente / Política	Escândalo	Sim	Sim	Ernesto Londoño, Manuela Andreoni and Letícia Casado	Sim

Bolsonaro								
Under Pressure, Brazil's Bolsonaro Forced to Fight Deforestation	01/08/2020	Americas	Meio Ambiente	Inesperado	Sim	Sim	Ernesto Londoño and Letícia Casado	Sim
Coronavirus Crisis Has Made Brazilan Ideal Vaccine Laboratory	15/08/2020	Americas	Coronavírus	Inesperado	Sim	Não	Manuela Andreoni e Ernesto Londoño	Sim
U.S. Surpasses 5 Million Cases	08/08/2020	World / Briefing	Coronavírus	Notabilidade	Sim	Sim	Não especificado	Não

U.S. School District Cancels Classes After Teacher ‘Sick Out’ Over Virus Fears	15/08/2020	World / Briefing	Coronavírus	Inesperado	Não	Não	Não especificado	Não
Vaccine Race, Donald Trump, SpaceX: Your Monday Briefing	02/08/2020	Briefing	Meio Ambiente	Inesperado	Não	Não	Isabella Kwai	Não
Vaccine, TikTok, SpaceX: Your Monday Briefing	02/08/2020	Briefing	Meio Ambiente	Inesperado	Não	Não	Carole Landry	Não

Donald Trump Jr. Is Ready. But for What, Exactly?	24/08/2020	Magazine	Trump / Política / Estados Unidos	Proximidade geográfica	Não	Não	Jason Zengerle	Sim
Setembro de 2020								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
The Carnival Parade Is Canceled, and Rio Is Reeling	30/09/2020	Americas	Carnaval / Coronavírus	Inesperado	Sim	Não	Manuela Andreoni e Ernesto Londoño	Sim
Protecting Brazil's Uncontacted Tribes for 30 Years, Then Killed by an Arrow	11/09/2020	Americas	Povos Indígenas / Violência ou crime	Morte	Sim	Não	Lis Moriconi e Ernesto Londoño	Sim

Brazil Fires Burn World's Largest Tropical Wetlands at 'Unprecedented' Scale	04/09/2020	Americas	Meio Ambiente	Inesperado	Sim	Sim	Maria Magdalena Arrélla ga, Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim
Vivid Street Scenes From Salvador, Brazil	14/09/2020	Travel	Turismo	Notoriedade	Sim	Não	Stephanie Foden	Não
Vladimir Putin's virus-free bubble.	30/09/2020	World / live coverage	Corinavírus	Notabilidade	Não	Não	Anton Troianovski	Não
Russians Were Urged to Return to Normal Life. Except	30/09/2020	Europe	Corinavírus	Notoriedade	Não	Não	Anton Troianovski	Sim

for Putin.								
Election results will take longer, but not because of ‘unsolicited ballots,’ despite Trump’s claims.	17/09/2020	Elections	Eleições dos EUA / Redes Sociais	Notoriedade	Não	Não	Nick Corasaniti e Davey Alba	Não
Stalled Talks Over Covid-19 Stimulus in the U.S. Show Signs of Life	24/09/2020	World / Briefing	Carnaval / Coronavírus	Inesperado	Sim	Não	Não especificado	Não

As U.N. Turns 75, the Celebration Is Muted by Calamity and Conflict	15/09/2020	World	Internacional / Ideologia	Conflito ou controvérisa	Não	Não	Rick Gladstone	Sim
How Trump's Billion-Dollar Campaign Lost Its Cash Advantage	07/09/2020	Politics	Eleições dos EUA / Trump	Proximidade geográfica	Não	Não	Shane Goldmacher e Maggie Haberman	Sim
Coronavirus Briefing: What Happened Today	25/09/2020	U.S. / Briefing	Carnaval / Coronavírus	Inesperado	Sim	Não	Jonathan Wolfe	Não
Trump Again Scorns Science on	16/09/2020	World / Briefing	Coronavírus	Novidade	Não	Não	Não especificado	Não

Masks and Vaccines								
Labor Day, 2020 Election, Serena Williams: Your Weekend Briefing	06/09/2020	Briefing	Meio Ambiente	Relevância	Não	Não	Remy Tumin and Elijah Walker	Não
Outubro de 2020								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
HOW TRUMP AND BOLSONARO BROKE LATIN AMERICA'S COVID	27/10/2020	World	Coronvírus / Desinformação / Trump / Bolsonaro	Escândalo	Sim	Sim	David D. Kirkpatrick e José María León Cabrera	Sim

-19 DEFENSES								
Trump and Bolsonaro weakened Latin America's health defenses at critical moments.	27/10/2020	World	Coronvírus / Desinformação / Trump / Bolsonaro	Escândalo	Sim	Sim	David D. Kirkpatrick e José María León Cabrera	Não
U.S. to Sign Limited Trade Deal With Brazil	19/10/2020	Economy	Economia	Novidade	Sim	Não	Ana Swanson	Sim

Leaders Who Caught Virus: Boris Johnson, Jair Bolsonaro and Now Trump	02/10/2020	World	Coronvírus	Notoriedade	Sim	Sim	Kaly Soto e Elian Peltier	Sim
Biden's Plans for Latin America: End 'Bully Dictating Policy'	27/10/2020	Americas	Eleições nos EUA / Meio Ambiente	Proximidade geográfica	Sim	Não	Ernesto Londoño	Sim
Leaders who have caught the virus: Boris Johnson, Jair Bolsonaro and	02/10/2020	World / Biefing	Coronvírus	Notoriedade	Não	Não	Kaly Soto and Elian Peltier	Não

now Trump.								
Brazil surpasses 5 million virus cases, even as the pace of confirmed infections slows.	08/10/2020	World	Coronavírus	Notabilidade	Sim	Não	Manuela Andreoni	Não
China's leader sends Trump wishes for a speedy recovery.	03/10/2020	World / Biefing	Trump	Notoriedade	Não	Não	Megan Specia e Choe Sang-Hun	Não

Poland's president tests positive as the country reels from a cascading outbreak.	24/10/2020	World / Biefing	Corona vírus	Notoriedade	Não	Não	Monika Pronczuk e Tess Felder	Não
Trump Tests Positive for Corona virus, and the World Shudders	02/10/2020	World	Trump / Corona vírus	Notoriedade	Não	Não	Mark Landler	Sim
News that the president contracted the virus leaves the	02/10/2020	World / Biefing	Trump / Corona vírus	Notoriedade	Não	Não	Mark Landler, Mike Ives e Carlos Tejada	Não

world shaken.								
News that the president contracted the virus leaves the world shaken.	02/10/2020	World	Trump / Coronavírus	Notoriedade	Não	Não	Mark Landler e Mike Ives	Não
President Andrzej Duda of Poland Tests Positive for Coronavirus	24/10/2020	Europe	Coronavírus	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Monika Pronczuk e Tess Felder	Sim
Your Wednesday Briefing	27/10/2020	Briefing	Coronavírus	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Melina Delkic	Não

Coronavirus Briefing: What Happened Today	27/10/2020	U. S. / Briefing	Coronavírus / Desinformação / Trump / Bolsonaro	Escândalo	Sim	Sim	Jonathan Wolfe	Não
Election Day, NOAA, World Series: Your Tuesday Evening Briefing	27/10/2020	Briefing	Coronavírus / Desinformação / Trump / Bolsonaro	Escândalo	Sim	Sim	Remy Tumin e Jeremiah M. Bogert, Jr.	Não
Novembro de 2020								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Brazil Amazon Deforestation Hits 12-Year High	30/11/2020	Americas	Meio Ambiente	Escândalo	Sim	Sim	Reuters	Não

Under Bolsonaro								
As Brazil's Covid Crisis Eases, Bolsonaro Sees Rising Popularity	16/11/2020	Americas	Política / Coronavírus	Inesperado	Sim	Sim	Ernesto Londoño, Manuela Andreoni and Letícia Casado	Sim
Bolsonaro's Eldest Son, a Senator, Faces Graft Charges in Brazil	04/11/2020	Americas	Corrupção / Família do presidente	Escândalo	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim
As Brazil's virus crisis eases, Jair Bolsona	17/11/2020	World	Política / Coronavírus	Escândalo	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Não

ro's popularity rises.								
In Brazil's Halt of Chinese Vaccine Trial, Critics See Politics	10/11/2020	Asia Pacific	Coronavírus	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Sui-Lee Wee e Ernesto Londoño	Sim
A Brazilian Writer Saw a Tweet as Tame Satire. Then Came the Lawsuits.	22/11/2020	Americas	Liberdade de expressão / Política / Religião	Inesperado	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim

Arolde de Oliveira, Conservative Brazilian Senator, Dies at 83	05/11/2020	Obituaries	Coronavírus / Política	Morte	Sim	Não	Michael Astor	Sim
Brazil resumes Chinese vaccine trial after a brief suspension following the death of a volunteer.	11/11/2020	World	Coronavírus	Novidade	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Não
José Luiz da Silva, Brazilian Social Media Star,	19/11/2020	Obituaries	Coronavírus	Morte	Sim	Não	Michael Astor	Sim

Dies at 52								
Merkel embraces President-elect Biden. Putin and Bolsonaro, not so much.	09/11/2020	Politics / Briefing	Política / Estados Unidos	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Melissa Eddy, Anton Troianovski, Natalie Kitroeff e Ben Hubbard	Não
Does Trump's Defeat Signal the Start of Populism's Decline?	10/11/2020	Europe	Política / Eleições Estados Unidos	Notoriedade	Não	Não	Mark Landler e Melissa Eddy	Sim
Latin American leaders react to	07/11/2020	Politics / Live coverage	Eleições Estados Unidos	Proximidade geográfica	Não	Não	Natalie Kitroeff e Ernesto	Não

Biden's win.			/ Política				Londoño	
China is the latest foreign country to recognize Biden as president-elect.	13/11/2020	U.S.	Eleições Estados Unidos / Política	Notoriedade	Não	Não	Raymond Zhong	Não
Biden Speaks to European Allies as Strongmen Stay Silent on U.S. Vote	10/11/2020	Politics	Eleições Estados Unidos / Política	Notoriedade	Não	Não	Michael Crowley	Sim

Biden speaks with more world leaders and agrees to meet South Korea's president.	12/11/2020	U.S.	Eleições Estados Unidos / Política	Notoriedade	Não	Não	Michael Crowley e Choe Sang-Hun	Não
Biden speaks with more world leaders and agrees to meet South Korea's president.	11/11/2020	U.S.	Eleições Estados Unidos / Política	Notoriedade	Não	Não	Michael Crowley e Choe Sang-Hun	Não
Twitter Clamped Down on Trump, but Army	04/11/2020	Technology	Redes Sociais / Política	Notabilidade	Não	Não	Kellen Browning, Ben Decker e Jacob Silver	Não

of Accounts Spread His Message								
In a tweet, Netanyahu congratulates Biden, praising their ‘warm personal relationship.’	08/11/2020	Elections	Eleições Estados Unidos / Política	Notoriedade	Não	Não	Daniel Victor, Mark Landler, Vivian Wang, Austin Ramzy e Damien Cave	Não
The U.S. Left the Paris Climate Pact. Allies and Rivals Are Pressin	04/11/2020	Climate	Meio Ambiente / Negacionismo	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Lisa Friedman e Somini Sengupta	Sim

g Ahead.								
China Congratulates Biden on Presidential Victory	13/11/2020	Asia Pacific	Eleições Estados Unidos / Política	Notoriedade	Não	Não	Raymond Zhong	Sim
A Transfixed World Awaits What's Next in America	04/11/2020	Americas	Eleições Estados Unidos / Política	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Mark Landler e Damien Cave	Sim
U.S. Quits Paris Climate Agreement: Questions and Answers	04/11/2020	Climate	Meio Ambiente	Tempo	Não	Não	Lisa Friedman	Sim

With Progressive Politics on March in New Zealand, Maori Minister Blazes New Trails	15/11/2020	Asia Pacific	Política	Notoriedade	Não	Não	Damien Cave	Sim
What Will Trump's Most Profound Legacy Be? Possibly Climate Damage	09/11/2020	Climate	Política / Meio Ambiente	Notoriedade	Não	Não	Coral Davenport	Sim
Your Thursday Briefing	04/11/2020	Briefing	Corrupção / Família do presidente	Escândalo	Não	Não	Melina Delkic e Carole Landry	Não

Coronavirus Briefing: What Happened Today	17/11/2020	U.S. / Briefing	Coronavírus	Inesperado	Não	Não	Jonathan Wolfe	Não
Italy, Covid-19, Trump: Your Wednesday Briefing	10/11/2020	Briefing	Eleições Estados Unidos / Política	Notoriedade	Não	Não	Natasha Frost	Não
Dezembro de 2020								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
‘Playing With Lives’: Brazil’s Covid Vaccine Plan Is Mired in Chaos	14/12/2020	Americas	Coronavírus	Inesperado	Sim	Sim	Ernesto Londoño, Manuela Andreoni e Letícia Casado	Sim

Putin, Bolsonaro and other world leaders belatedly congratulate Biden.	15/12/2020	U.S. / Briefing	Eleições Estados Unidos	Notoriedade	Sim	Sim	Anton Troianovski e Eric Nagourney	Não
Brazil will prioritize Indigenous people and the elderly in its vaccine rollout.	02/12/2020	World / Briefing	Povos indígenas / Coronavírus	Novidade	Não	Não	Ernesto Londoño	Não
Here's why Brazil's Covid-19 vaccine plan is mired in chaos.	15/12/2020	World	Coronavírus / Política	Inesperado	Sim	Não	Ernesto Londoño, Manuela Andreoni e Letícia Casado	Não

Eswatini's prime minister dies from Covid-19.	13/12/2020	World / Briefing	Coronavírus	Notoriedade	Não	Não	Melina Delkic	Não
Putin Congratulates Biden After Electoral College Vote	15/12/2020	Europe	Eleições Estados Unidos	Notoriedade	Não	Não	Anton Troianovski	Não
Britain, Canada and the U.S. start their vaccination campaigns, and other news from around	12/12/2020	World / Briefing	Coronavírus	Relevância	Não	Não	Richard Pérez-Peña, Richard C. Paddock, Dera Menra Sijabate Christopher F. Schuetze	Não

the world.								
President Emmanuel Macron of France self-isolates after testing positive.	17/12/2020	World	Coronavírus	Não foi possível verificar	Não foi possível verificar	Não foi possível verificar	Aurelien Breeden e Marc Santora	Não
Brexit Is Finally Done, but It Already Seems Out of Date	24/12/2020	Europe	Internacional	Inesperado	Não	Não	Mark Landler	Sim

Emmanuel Macron, Free of Covid-19 Symptoms, Leaves Isolation	24/12/2020	Europe	Corona vírus	Notoriedade	Não	Não	Constant Méheut	Sim
Coronavirus Briefing: What Happened Today	17/12/2020	U.S. / Briefing	Corona vírus	Notoriedade	Não	Não	Jonathan Wolfe	Não
Emmanuel Macron Tests Positive for the Coronavirus	17/12/2020	Europe	Corona vírus	Notoriedade	Não	Não	Roger Cohen	Sim

An Oscar Winner Made a Khashoggi Documentary. Streaming Services Didn't Want It.	24/12/2020	Media	Indústria midiática	Notabilidade	Não	Não	Nicole Sperling	Sim
Your Friday Briefing	17/12/2020	Briefing	Coronavírus	Notoriedade	Não	Não	Natasha Frost	Não
Your Friday Briefing	17/12/2020	Briefing	Coronavírus	Notoriedade	Não	Não	Carole Landry	Não
Vaccines, Brexit, Obama: Your Wednesday Briefing	08/12/2020	Briefing	Coronavírus	Relevância	Não	Não	Natasha Frost	Não
Janeiro de 2021								

Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Former U.S. Climate Leaders Press Biden on Amazon Deforestation	29/01/2021	Climate	Meio Ambiente / Estados Unidos / Política	Relevância	Sim	Sim	Lisa Friedman	Sim
Bolsonaro Talked Vaccines Down. Now Brazil Has Too Few Doses.	18/01/2021	Americas	Coronavírus / Negacionaismo / Política / Vacinas	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Ernesto Londoño, Manuela Andreoni eLetícia Casado	Sim
China Wanted to Show Off Its Vaccine	25/01/2021	Business	Coronavírus / Internacional / China / Vacinas	Proximidade geográfica	Sim	Não	Sui-Lee Wee	Sim

s. It's Backfiring.								
Brazil's halting vaccination effort is underway, as virus variants have already taken root.	18/01/2021	World / Briefing	Coronavírus / Negacionaismo / Política / Vacinas	Novidade	Sim	Não	Ernesto Londoño, Manuela Andreoni e Letícia Casado	Não
A Second Chinese Coronavirus Vaccine Is Said to Be Effective	07/01/2021	Business	Coronavírus / Ciência / Vacinas	Novidade	Sim	Não	Sui-Lee Wee e Ernesto Londoño	Sim

Brazilian researchers find a Chinese vaccine once hailed as a triumph is far less effective than thought.	12/01/2021	World / Briefing	Coronavírus / Ciência / Vacinas	Inesperado	Não	Não	Ernesto Londoño, Manuela Andreoni e Letícia Casado	Não
Disappointing Chinese Vaccine Results Pose Setback for Developing World	13/01/2021	Business	Coronavírus / Ciência / Vacinas	Inesperado	Sim	Não	Sui-Lee Wee e Ernesto Londoño	Sim

Doctors in Peru stage a hunger strike over the government's pandemic response.	20/01/2021	World / Briefing	Coronavírus	Proximidade geográfica	Não	Não	Mitra Taj	Não
The Stock Market's Perplexing Rise Lifted Many Kinds of Funds	15/01/2021	Mutual Funds	Economia	Proximidade geográfica	Não	Não	Tim Gray	Sim
Trump Bequeaths Biden an Upended World	19/01/2021	World	Ameaça à democracia	Notoriedade	Não	Não	Roger Cohen	Sim
Fevereiro de 2021								

Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
As Brazil faces record Covid-19 deaths, a variant-fueled surge and lagging vaccinations, Bolsonaro disparages masks.	26/02/2021	World	Coronavírus / Negacionismo / Vacinas	Inesperado	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Não
Coronavirus Briefing: What Happened Today	26/02/2021	U.S. / Briefing	Coronavírus / Negacionismo / Vacinas	Relevância	Não	Não	Jonathan Wolfe	Não
Março de 2021								

Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
As Virus and Economic Woes Ravage Brazil, Bolsonaro Improvises and Confounds	31/03/2021	Americas	Política / Coronavírus	Inesperado	Sim	Sim	Ernesto Londoño and Letícia Casado	Sim
Brazil's Armed Forces Chiefs Resign Abruptly Amid Cabinet Shake-Up	30/03/2021	Americas	Política	Inesperado	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim

A Collapse Foretold: How Brazil's Covid-19 Outbreak Overwhelmed Hospitals	27/03/2021	Americas	Coronavírus / Saúde / Vacinas	Notabilidade	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim
A day after passing 300,000 Covid deaths, Brazil logs a daily record of more than 100,000 new infections.	25/03/2021	World / Briefing	Coronavírus	Notabilidade	Não	Não	Reuters	Não

‘The entire system is on the verge of collapse’: Covid-19 overwhelms Brazil.	27/03/2021	World / Briefing	Coronavírus	Notabilidade	Sim	Não	Ernesto Londoño e Letícia Casado	Não
As Covid Deaths Soar in Brazil, Bolsonaro Hails an Untested Nasal Spray	06/03/2021	Americas	Coronavírus / Desinformação / Vacinas	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Ernesto Londoño, Letícia Casado and Adam Rasgon	Sim
Tropical Forest Destruction Accelerated in 2020	31/03/2021	Climate	Meio Ambiente	Relevância	Sim	Não	Henry Fountain	Sim

Coronavirus Briefing: What Happened Today	29/03/2021	U.S. / Briefing	Coronavírus	Notabilidade	Sim	Sim	Jonathan Wolfe e Amelia Nierenberg	Não
Brazil's Ex-President 'Lula' May Run for Office Again as Court Cases Are Tossed	08/03/2021	Americas	Política / Lula	Notoriedade	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim
As virus deaths slam Brazil, President Bolsonaro hails an experimental	06/03/2021	World / Briefing	Coronavírus / Desinformação	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Ernesto Londoño, Letícia Casado e Adam Rasgon	Não

nasal spray from Israel as ‘miraculous.’								
Brazil Needs Vaccines. China Is Benefiting.	15/03/2021	Americas	Economia / Internacional / Vacinas	Inesperado	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim
Brazil’s Covid Crisis Is a Warning to the Whole World, Scientists Say	03/03/2021	Americas	Coronavírus / Vacinas	Relevância	Sim	Não	Manuela Andreoni, Ernesto Londoño e Letícia Casado	Sim
Facebook freezes Nicolás Maduro’s page	28/03/2021	Business / Brifeing	Redes Sociais / Desinformação	Notoriedade	Não	Não	Mike Isaac e Bryan Pietsch	Não

for spreading virus misinformation.								
Brazil's coronavirus crisis is a warning to the world, scientists say.	03/03/2021	World / Briefing	Coronavírus / Vacinas	Relevância	Não	Não	Manuela Andreoni, Ernesto Londoño e Letícia Casado	Não
What Israel's election means for the world.	23/03/2021	Middle East / Briefing	Política	Notoriedade	Não	Não	Patrick Kingsley	Não
Here's a short history of the coronavirus's spread.	11/03/2021	World / Briefing	Coronavírus	Relevância	Não	Não	Anna Joyce	Não

Vaccinations, Schools, Meghan Fallout: Your Monday Evening Briefing	08/03/2021	Briefing	Política / Lula	Notoriedade	Não	Não	Victoria Shannon e Judith Levitt	Não
Taking on Child Poverty	09/03/2021	Briefing	Política	Notoriedade	Não	Não	David Leonhardt	Não
Abril de 2021								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
'Marighella' Review: Battle for Brazil	29/04/2021	Movies	Entertenimento	Novidade	Sim	Sim	Devika Girish	Sim

Brazil's Bolsonaro promises to end deforestation despite overseeing a sharp increase.	22/04/2021	Politics / Briefing	Meio Ambiente	Novidade	Não	Não	Lisa Friedman	Não
Bolsonaro's Sudden Pledge to Protect the Amazon Is Met With Skepticism	22/04/2021	Americas	Política / Meio Ambiente	Novidade	Sim	Sim	Manuela Andreoni e Ernesto Londoño	Sim

Brazil's Congress investigates the Bolsonaro administration's handling of the pandemic.	14/04/2021	World / Briefing	Política / Coronavírus	Escândalo	Não	Não	Ernesto Londoño	Não
Ravaged by Covid, Brazil Faces a Hunger Epidemic	23/04/2021	Americas	Pobreza / Coronavírus	Notabilidade	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Flávia Milhorance	Sim
Millions go hungry as Covid continues to ravage Brazil.	23/04/2021	World / Briefing	Pobreza / Coronavírus	Notabilidade	Não	Não	Ernesto Londoño e Flávia Milhorance	Não

Coronavirus Briefing: What Happened Today	30/04/2021	U.S. / Brifing	Coronavírus	Relevância	Não	Não	Jonathan Wolfe	Não
‘They Call It Social Cleansing’: Court May Force Honduras to Better Protect Trans People	29/04/2021	Americas	Direitos Humanos / Violência	Proximidade geográfica	Não	Não	Frances Robles	Sim
Here’s what Canada, Russia and other countries have committed to so far today.	22/04/2021	Politics / Briefing	Meio Ambiente / Política	Novidade	Não	Não	Maggie Astor	Não

Argentina's President Tests Positive for Coronavirus Despite Vaccination	03/04/2021	Americas	Coronavírus	Proximidade geográfica	Não	Não	Daniel Politi	Sim
Argentina's president tests positive for virus, despite being fully vaccinated.	03/04/2021	World / Briefing	Coronavírus	Proximidade geográfica	Não	Não	Daniel Politi	Não
Biden Wants Leaders to Make Climate Commitments for	13/04/2021	Climate	Meio Ambiente / Política	Relevância	Sim	Não	Lisa Friedman	Sim

Earth Day								
Coronavirus Briefing: What Happened Today	20/04/2021	U.S. / Briefing	Política / Coronavírus / Vacinas	Relevância	Sim	Não	Jonathan Wolfe e Amelia Nierenberg	Não
The French Open is postponed, and other news from around the world.	08/04/2021	World / Briefing	Coronavírus	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Elian Peltier e Hisako Ueno	Não
Here's what's on the schedule for the last day of Biden's climate summit.	23/04/2021	Politics	Meio Ambiente / Política	Novidade	Não	Não	Madeleine Ngo	Não

What's on the agenda for Biden's climate summit, and who's attending?	22/04/2021	Politics	Meio Ambiente / Política	Notoriedade	Não	Não	Aishvarya Kavi e Glenn Thrush	Não
Coronavirus Briefing: What Happened Today	14/04/2021	U.S. / Briefing	Política / Coronavírus	Escândalo	Não	Não	Jonathan Wolfe e Amelia Nierenberg	Não
Coronavirus Briefing: What Happened Today	08/04/2021	U.S. / Briefing	Coronavírus	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Jonathan Wolfe e Amelia Nierenberg	Não
Biden, Calling for Action, Commits U.S. to Halving	22/04/2021	Climate	Meio Ambiente / Política / Negacionismo	Novidade	Não	Não	Lisa Friedman, Somini Sengupta e Coral	Sim

Its Climate Emissions							Davenport	
Your Thursday Briefing	21/04/2021	Briefing	Meio Ambiente	Novidade	Não	Não	Melina Delkic	Não
Johnson & Johnson, India, Oscars: Your Friday Evening Briefing	23/04/2021	Briefing	Coronavírus / Pobreza	Notabilidade	Não	Não	Remy Tumin e David Poller	Não
Maio de 2021								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa

As Virus Toll Grows, Brazil's Political Divisions Spill Onto the Streets	31/05/2021	Americas	Política	Relevância	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Flávia Milhorance	Sim
Brazil's Bid to Outsource Amazon Conservation Finds Few Takers	26/05/2021	Americas	Meio Ambiente	Inesperado	Sim	Sim	Manuela Andreoni	Sim
The Copa América soccer tournament will be played in Brazil	30/05/2021	Sports	Futebol / Esporte / Coronavírus	Novidade	Sim	Não	Andrés R. Martínez e Jennifer Jett	Não

instead of Argentina.								
Paulo Gustavo, Comedian Who Lampooned Brazilian Mothers, Dies at 42	07/05/2021	Obituaries	Coronavírus / Personalidade	Morte	Sim	Não	Ernesto Londoño	Sim
Why Is Covid Killing So Many Young Children in Brazil? Doctors Are Baffled	16/05/2021	Americas	Coronavírus	Relevância	Sim	Não	Ana Ionova	Sim

Biden marks the international day against L.G.B.T.Q. bigotry, urging states to fight discrimination.	17/05/2021	Politics	Estados Unidos / Política / Discriminação	Notoriedade	Não	Não	Glenn Thrush	Não
Global Vaccine Crisis Sends Ominous Signal for Fighting Climate Change	04/05/2021	Climate	Coronavírus / Mudança Climática / Vacinas	Relevância	Não	Não	Somini Sengupta	Sim
As Israel's Dependence on U.S. Shrinks, So	24/05/2021	Middle East	Política / Internacional	Notoriedade	Não	Não	Max Fisher	Sim

Does U.S. Leverage								
Junho de 2021								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Brazil Passes 500,000 Covid Deaths, a Tragedy With No Sign of Letup	24/06/2021	Americas	Coronavírus / Vacinas	Notabilidade	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Flávia Milhorance	Sim
This is what Covid's carnage in Brazil looks like.	24/06/2021	World / Briefing	Coronavírus	Tempo	Não	Não	Não especificado	Não

Millions in Brazil are missing their second vaccine dose, adding to the burden of a hard-hit nation.	27/06/2021	World	Corona vírus / Vacinas	Notabilidade	Sim	Não	Ana Ionova	Não
Coronavirus Briefing: What Happened Today	29/06/2021	U.S. / Briefing	Corona vírus / Política	Tempo	Sim	Não	Jonathan Wolfe e Amelia Nierenberg	Não
‘Complete Insanity’: Virus-Stricken Brazil Agrees to Host Soccer	02/06/2021	Americas	Corona vírus / Futebol / Esporte	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Flávia Milhorance e Ernesto Londoño	Sim

Tournament								
Brazil, Besieged by Covid, Now Faces a Severe Drought	19/06/2021	Americas	Meio Ambiente	Relevância	Sim	Sim	Manuela Andreoni e Ernesto Londoño	Sim
Brazil reported one of the highest Covid death tolls in the world.	20/06/2021	Health	Coronavírus	Notabilidade	Sim	Sim	Reed Abelson	Não

Argentine President Offends With Comment: ‘Brazilians Emerged from the Jungle’	10/06/2021	Americas	Políitca	Conflito ou controvérsia	Sim	Não	Daniel Politi e Ernesto Londoño	Sim
Copa América or Copa Chaos? It’s opening night in Brazil amid a coronavirus outbreak.	13/06/2021	Soccer / Briefing	Futebol / Esporte	Tempo	Sim	Sim	Tariq Panja	Não

Brazil's upcoming fire season and drought are likely to complicate Covid cases.	19/06/2021	World	Meio Ambiente / Coronavírus	Relevância	Sim	Não	Ana Ionova	Não
Venezuela faces a coronavirus outbreak a day before the start of the Copa América.	12/06/2021	Soccer	Coronavírus / Futebol / Esporte	Proximidade geográfica	Sim	Não	Tariq Panja e Andrew Das	Não
Facebook Plans to End Hands-Off Approa	03/06/2021	Technology	Redes Sociais / Política	Notoriedade	Não	Não	Mike Isaac	Sim

ch to Politicians' Posts								
Facebook Says Trump's Ban Will Last at Least 2 Years	04/06/2021	Technology	Redes Sociais / Política	Notoriedade	Não	Não	Mike Isaac e Sheera Frenkel	Sim
Your Friday Briefing	24/06/2021	Briefing	Coronavírus / Vacinas	Notabilidade	Sim	Sim	Natasha Frost	Não
Julho de 2021								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Brazil President Bolsonaro Is Hospitalized and Faces Possibl	14/07/2021	Americas	Bolsonaro	Notoriedade	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim

e Surgery								
Brazil Vaccine Scandal Imperils Bolsonaro as Protests Spread	03/07/2021	Americas	Política / Coronavírus / Corrupção / Vacinas	Escândalo	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Flávia Milhorance	Sim
YouTube pulls videos by Bolsonaro for spreading misinformation on the virus.	22/07/2021	World	Redes Sociais / Desinformação / Política / Bolsonaro	Escândalo	Sim	Sim	Adam Satariano	Não

‘Out with Bolsonaro!’ Rage over a vaccine kickback scandal in Brazil draws tens of thousands to the streets.	03/07/2021	World / Briefing	Política / Bolsonaro	Escândalo	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Flávia Milhorance	Não
Parts of the Amazon Go From Absorbing Carbon Dioxide to Emitting It	14/07/2021	Climate	Meio Ambiente / Ciência	Inesperado	Sim	Não	John Schwartz	Sim

India’s government says it has ‘no reason’ to hide Covid deaths, and other news from around the world.	21/07/2021	World / Briefing	Redes Sociais / Política / Bolsonaro / Desinformação	Escândalo	Não	Não	Karan Deep Singh	Não
Coronavirus Briefing: What Happened Today	22/07/2021	U.S. / Briefing	Redes Sociais / Política / Bolsonaro / Desinformação	Escândalo	Não	Não	Jonathan Wolfe	Não
Fourth of July, Florida Condo Collapse, Stanley Cup:	04/07/2021	Briefing	Política / Coronavírus / Corrupção / Vacinas	Escândalo	Sim	Sim	Whet Moser	Não

Your Weekend Briefing								
Agosto de 2021								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Bolsonaro Prompts Fears of a Power Grab With Attacks on Brazil's Voting System	10/08/2021	Americas	Ameaça à Democracia / Bolsonaro	Escândalo	Sim	Sim	Flávia Milhorance e Ernesto Londoño	Sim
Your Wednesday Briefing	11/08/2021	Briefing	Ameaça à Democracia / Bolsonaro	Escândalo	Não	Não	Natasha Frost	Não

Andrew Cuomo and #MeToo	11/08/2021	Briefing	Ameaça à Democracia / Bolsonaro	Escândalo	Não	Não	Jodi Kantor	Não
Your Wednesday Briefing	10/08/2021	Briefing	Ameaça à Democracia / Bolsonaro	Escândalo	Não	Não	Melina Delkic	Não
Setembro de 2021								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Bolsonaro's wife was vaccinated during their visit to New York for the U.N.G.A.	27/09/2021	Americas	Família do presidente / Coronavírus / Vacinas	Notoriedade	Sim	Sim	Rick Gladstone	Não

Pro-Bolsonaro Rallies May Be Prelude to Power Grab, Critics Say	07/09/2021	Americas	Política / Ameaça à Democracia	Relevância	Sim	Sim	Flávia Milhorance and Ernesto Londoño	Sim
Brazil's President Bans Social Networks From Removing Some Posts	09/09/2021	Americas	Redes Sociais / Desinformação / Bolsonaro / Política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim
Bolsonaro's Ban on Removing Social Media Posts Is Overturned in Brazil	15/09/2021	Americas	Redes Sociais / Desinformação / Bolsonaro / Política	Novidade	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim

Unvaccinated and defiant, Bolsonaro pushes back against criticism in his U.N. speech.	21/09/2021	Americas	Coronavírus / Desinformação / Bolsonaro / Vacinas	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Não
Brazil's health minister tests positive for the coronavirus at the U.N. General Assembly.	22/09/2021	Americas	Coronavírus / Vacinas	Notoriedade	Sim	Sim	Ernesto Londoño e Shashank Bengali	Não

Brazil's new social media policy protects false election claims, and probably Covid misinformation, too.	09/09/2021	World / Briefing	Coronavírus / Desinformação / Bolsonaro	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Jack Nicas	Não
Protesters denounce the leaders of Brazil and Iran.	21/09/2021	Americas / Briefing	Política / Internacional	Relevância	Sim	Sim	Precious Fondren e Ernesto Londoño	Não
That Comment Someone Left on Facebook? It Can	24/09/2021	Technology	Redes Sociais	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Oscar Schwartz	Sim

Get You Sued.								
Who is speaking at the U.N. General Assembly, who isn't — and why did Brazil go first?	21/09/2021	Americas / Briefing	Política	Tempo	Não	Não	Rick Gladstone	Não
Covid Ravaged South America. Then Came a Sharp Drop in Infections.	05/09/2021	Americas	Coronavírus / Vacinas	Proximidade geográfica	Sim	Não	Ernesto Londoño, Daniel Politi e Flávia Milhorance	Sim

Vaccination problems may vex the U.N. General Assembly gathering.	16/09/2021	Americas / Briefing	Coronavírus / Política / Vacinas	Notoriedade	Não	Não	Rick Gladstone	Não
Coronavirus Briefing: What Happened Today	28/09/2021	U.S. / Briefing	Família do presidente / Coronavírus / Vacinas	Notoriedade	Não	Não	Jonathan Wolfe	Não
Late Night (and BTS) Goes to the U.N. General Assembly	22/09/2021	Television	Entretenimento / Política	Tempo	Não	Não	Trish Bendix	Não
In Week of Words, It Often	29/09/2021	World	Política	Tempo	Não	Não	Rick Gladstone	Sim

Seemed Like the Divided Nations								
Climate, Covid and Biden's Challenged Credibility Underline U.N.'s Big Week	20/09/2021	World	Política	Tempo	Não	Não	Rick Gladstone	Sim
Coronavirus Briefing: What Happened Today	21/09/2021	U.S. / Briefing	Política	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Jonathan Wolfe	Não
As Populists Decline, the Center-Left Sees	17/09/2021	Americas	Política	Notoriedade	Não	Não	Max Fisher	Sim

Hints of a Comeback								
As India's Lethal Covid Wave Neared, Politics Overrode Science	14/09/2021	Asia Pacific	Coronavírus / Desinformação	Notabilidade	Não	Não	Karan Deep Singh	Sim
Vaccines, Texas, U.S. Open: Your Thursday Evening Briefing	09/09/2021	Briefing	Redes Sociais / Desinformação / Bolsonaro / Política	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Remy Tumin	Não
Your Friday Briefing	09/09/2021	Briefing	Redes Sociais / Desinformação	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Natasha Frost	Não

			/ Bolsonaro / Política					
Your Wednesday Briefing	07/09/2021	Briefing	Bolsonaro / Ameaça à Democracia / Política	Relevância	Não	Não	Matthew Cullen	Não
Your Friday Briefing	09/09/2021	Briefing	Redes Sociais / Desinformação / Bolsonaro / Política	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Melina Delkic	Não
A Week Into the School Year, the Mayor Makes Changes	21/09/2021	New York	Coronavírus / Bolsonaro / Vacinas	Tempo	Não	Não	James Barron	Não

Your Wednesday Briefing	21/09/2021	Briefing	Bolsonaro / Coronavírus / Desinformação	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Melina Delkic	Não
Your Wednesday Briefing	07/09/2021	Briefing	Bolsonaro / Ameaça à Democracia / Política	Relevância	Não	Não	Melina Delkic	Não
A Missing Legacy	10/09/2021	Briefing	Redes Sociais / Desinformação / Bolsonaro / Política	Conflito ou controvérsia	Não	Não	David Leonhardt	Não
Outubro de 2021								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa

Brazilian lawmakers are seeking Bolsonaro's indictment over the Covid pandemic response.	26/10/2021	Americas / Briefing	Política / Coronavírus / Crime ou violência	Escândalo	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim
Coronavirus Briefing: What Happened Today	28/10/2021	U.S. / Briefing	Política / Coronavírus / Crime ou violência	Escândalo	Sim	Sim	Jonathan Wolfe e Amelia Nierenberg	Não
Brazil Senate's Pandemic Panel, in Last-Minute Shift, Softene	20/10/2021	Americas	Política / Coronavírus / Crime ou violência	Inesperado	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim

d Criminal Recommendations on Bolsonaro								
Brazilian Leader Accused of Crimes Against Humanity in Pandemic Response	19/10/2021	Americas	Política / Coronavírus / Crime ou violência	Escândalo	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim
Brazilian senators back off genocide and homicide charges	20/10/2021	Americas / Briefing	Política / Coronavírus / Crime ou violência	Inesperado	Não	Não	Jack Nicas	Não

for Bolsonaro.								
Brazilian lawmakers accuse the president of crimes against humanity in pandemic response.	19/10/2021	World / Briefing	Política / Coronavírus / Crime ou violência	Escândalo	Não	Não	Jack Nicas	Não
Brazil's Covid-19 death toll passes 600,000.	09/10/2021	Americas	Coronavírus / Vacinas	Notabilidade	Sim	Não	Flávia Milhorance	Não

Pfizer will vaccinate entire city in Brazil as part of study.	10/10/2021	World	Coronavírus / Vacinas	Relevância	Sim	Não	Adeel Hassan	Não
Coronavirus Briefing: What Happened Today	27/10/2021	U.S. / Briefing	Política / Coronavírus / Crime ou violência	Escândalo	Não	Não	Jonathan Wolfe e Amelia Nierenberg	Não
At Climate Talks, Biden Will Try to Sell American Leadership to Skeptics	31/10/2021	Climate	Meio Ambiente / Política	Notoriedade	Não	Não	Lisa Friedman, Jim Tankersley e Coral Davenport	Sim

The COP26 Climate Talks Are Opening. Here's What to Expect.	30/10/2021	Climate	Meio Ambiente / Política	Notoriedade	Não	Não	Somini Sengupta	Sim
What Is COP26? And Other Questions About the Big U.N. Climate Summit	19/10/2021	Climate	Meio Ambiente / Política	Tempo	Não	Não	Lisa Friedman	Sim
Awarding the Nobel to journalists recognizes the growing repressi	08/11/2021	World	Indústria midiática / Liberdade de imprensa	Notoriedade	Não	Não	Roger Cohen	Não

on of media.								
Coronavirus Briefing: What Happened Today	19/10/2021	U.S. / Briefing	Política / Coronavírus / Crime ou violência	Escândalo	Não	Não	Jonathan Wolfe	Não
Your Wednesday Briefing	19/10/2021	Briefing	Política / Coronavírus / Crime ou violência	Escândalo	Sim	Sim	Natasha Frost	Não
Jobs, Brazil, N.B.A.: Your Tuesday Evening Briefing	19/10/2021	Briefing	Política / Coronavírus / Crime ou violência	Escândalo	Sim	Sim	Remy Tumin	Não

Your Thursday Briefing	27/10/2021	Briefing	Política / Coronavírus / Crime ou violência	Escândalo	Não	Não	Melina Delkic	Não
Your Thursday Briefing	27/10/2021	Briefing	Política / Coronavírus / Crime ou violência	Escândalo	Não	Não	Natasha Frost	Não
Budget Deal, Alec Baldwin, Sharks: Your Wednesday Evening Briefing	27/10/2021	Briefing	Política / Coronavírus / Crime ou violência	Escândalo	Não	Não	Remy Tumin	Não
Your Wednesday	19/10/2021	Briefing	Política / Coronavírus /	Escândalo	Não	Não	Melina Delkic	Não

Briefing			Crime ou violência					
Where Are the Workers?	20/10/2021	Briefing	Política / Coronavírus / Crime ou violência	Escândalo	Não	Não	David Leonhardt	Não
Novembro de 2021								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Brazil's President Lula Is Staging a Comeback. Can He Bring the Country Along?	27/11/2021	Americas	Eleições / Lula	Notoriedade	Sim	Sim	Ernesto Londoño	Sim

The Bolsonaro-Trump Connection Threatening Brazil's Elections	11/11/2021	Americas	Eleições / Bolsonaro / Trump	Relevância	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim
Bolsonaro Joins a Centrist Party in Brazil Ahead of 2022 Re-election Bid	10/11/2021	Americas	Eleições / Bolsonaro	Notoriedade	Sim	Sim	The Associated Press	Não
Brazil surpasses the U.S. in getting people fully vaccinated.	14/11/2021	Americas / Briefing	Coronavírus / Vacinas / Estados Unidos	Notabilidade	Sim	Sim	Manuela Andreoni	Não

Brazil's Far-Right Disinformation Pushers Find a Safe Space on Telegram	08/11/2021	Americas	Redes Sociais / Desinformação / Política	Relevância	Sim	Sim	Ernesto Londoño, Flávia Milhorance e Jack Nicas	Sim
Czech president appoints a new prime minister — from inside a transparent cube.	29/11/2021	Europe	Coronavírus	Notoriedade	Não	Não	Daniel Victor	Não
Once a Climate Leader, Brazil Falls Short in Glasgow	02/11/2021	Americas	Meio Ambiente / Política	Inesperado	Sim	Sim	Manuela Andreoni	Sim

Amazon Deforestation Soars to 15-Year High	19/11/2021	Americas	Meio Ambiente	Relevância	Sim	Sim	Manuela Andreoni	Sim
Brazil presents itself as part of the solution, but critics see a climate scofflaw.	03/11/2021	Americas / Briefing	Meio Ambiente / Política	Relevância	Não	Não	Manuela Andreoni	Não
More countries restrict travel from southern Africa.	27/11/2021	World	Coronavírus	Notoriedade	Não	Não	Mike Ives, John Yoon, Yan Zhuang e Aina J. Khan	Não

Marília Mendonça, Brazilian Pop Singer, Dies in Plane Crash at 26	05/11/2021	Music	Acidente / Personalidade	Notoriedade	Sim	Não	Vimal Patel e Flávia Milhorance	Não
Paying tribute to Marília Mendonça.	18/11/2021	Music / Live coverage	Personalidade	Tempo	Não	Não	Laura Zornosa	Não
Who's attending (Biden and Modi), and who isn't (Putin and Xi).	01/11/2021	Europe	Meio Ambiente / Política	Notoriedade	Não	Não	Marc Santora, Anton Troianovski, Carlotta Gall e Lisa Friedman	Não
Five takeaways from the first days of the	04/11/2021	Climate / Briefing	Meio Ambiente / Política	Notoriedade	Não	Não	Lisa Friedman	Não

climate summit.								
Greta Thunberg Says Climate Talks Are Becoming a ‘Greenwash Campaign’	04/11/2021	Climate	Meio Ambiente / Política	Notoriedade	Não	Não	Jenny Gross	Sim
With Methane and Forest Deals, Climate Summit Offers Hope After Gloomy Start	02/11/2021	Europe	Meio Ambiente / Política	Relevância	Não	Não	Jim Tankersley, Katie Rogers e Lisa Friedman	Sim

6 takeaways from the U.N. climate conference.	13/11/2021	Climate	Meio Ambiente / Política	Relevância	Não	Não	The New York Times	Não
Seeking Global Praise, Boris Johnson Instead Deals With Scandal at Home	10/11/2021	Europe	Meio Ambiente / Política	Notoriedade	Não	Não	Mark Landler	Sim
Your Tuesday Briefing	08/11/2021	Briefing	Bolsonaro / Desinformação / Redes Sociais / Coronavírus	Notoriedade	Não	Não	Melina Delkic	Não
Your Friday Briefing	11/11/2021	Briefing	Ameaça à Democracia / Bolsona	Conflito e controvérsia	Não	Não	Melina Delkic	Não

			ro / Trump					
Your Tuesday Briefing	09/11/2021	Briefing	Bolsonaro / Desinformação / Redes Sociais	Notoriedade	Não	Não	Natasha Frost	Não
Your Friday Briefing	11/11/2021	Briefing	Ameaça à Democracia / Bolsonaro / Trump	Conflito e controvérsia	Não	Não	Matthew Cullen	Não
Dezembro de 2021								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Record Floods Stun Brazil's Northeast, Killing at Least 20	28/12/2021	Americas	Meio Ambiente / Tragédia ou acidente	Morte	Sim	Não	Flávia Milhorance	Sim

Inflationary Wave Changes Political Terrain for Right-Wing Populists	13/12/2021	Business	Economia / Política	Relevância	Sim	Sim	Matt Phillips, Carlotta Gall, Flávia Milhorance e Benjamin Novak	Sim
Why I Keep Writing About Dive Bars	14/12/2021	Times Insider	Fazer notícia	Inesperado	Sim	Não	Jack Nicas	Sim
A Slow-Motion Climate Disaster: The Spread of Barren Land	03/12/2021	Americas	Meio Ambiente	Relevância	Sim	Não	Jack Nicas	Sim

Hundreds of Companies Promised to Help Save Forests. Did They?	02/12/2021	Climate	Meio Ambiente	Relevância	Sim	Não	Lucy Tompkins	Sim
Across the World, Covid Anxiety and Depression Take Hold	13/12/2021	Europe	Coronavírus	Tempo	Não	Não	Roger Cohen	Sim
Events to Shake, or Gently Rattle, the World in 2022	10/12/2021	Special Series	Política / Bolosonaro / Coronavírus / Crime ou violência	Relevância	Não	Não	Masha Goncharova	Não

Covid, Kentucky, Gymnasts: Your Monday Evening Briefing	13/12/2021	Briefing	Economia / Política	Relevância	Não	Não	Victoria Shannon	Não
Your Tuesday Briefing: Almost 800,000 U.S. Covid Deaths	13/12/2021	Briefing	Economia / Política	Relevância	Não	Não	Melina Delkic	Não
Janeiro de 2022								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Olavo de Carvalho, Bolsonaro's	26/01/2022	Americas	Personalidade / Bolsonaro / Política	Morte	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim

Far-Right Guru, Dies at 74								
President Jair Bolsonaro of Brazil Is Hospitalized	03/02/2022	Americas	Bolsonaro	Notoriedade	Sim	Sim	Ernesto Londoño and Flávia Milhorance	Sim
Billionaire's Star Rises as She Takes Bold Stance on Racism in Brazil	07/01/2022	Americas	Economia / Racismo	Notoriedade	Sim	Não	Ernesto Londoño	Sim
Leftists Are Ascendant in Latin America as Key	04/01/2022	Americas	Política / América Latina	Proximidade geográfica	Sim	Não	Ernesto Londoño, Julie Turkewitz e Flávia Milhorance	Sim

Elections Loom								
Trump Endorses Viktor Orban, Hungary's Far-Right Prime Minister	03/01/2022	Politics	Política / Trump / Ameaça à Democracia	Notoriedade	Não	Não	Shane Goldmacher	Sim
Your Monday Briefing: Global Covid cases reach record highs	03/01/2022	Briefing	Bolsonaro	Notoriedade	Não	Não	Matthew Cullen	Não
Your Tuesday Briefing	03/01/2022	Briefing	Bolsonaro	Notoriedade	Não	Não	Melina Delkic	Não

No Way to Grow Up	04/01/2022	Briefing	Bolsonaro	Notoriedade	Não	Não	David Leonhardt	Não
Fevereiro de 2022								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Brazil walks a fine line in its response to Russia's attacks.	24/02/2022	Europe / Live coverage	Guerra na Ucrânia / Política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Jack Nicas	Não
A World Away From Ukraine, Russia Is Courting Latin America	15/02/2022	Americas	Guerra na Ucrânia / Política	Proximidade geográfica	Sim	Sim	Jack Nicas e Anton Troianovski	Sim

Brazil's Joe Rogan Faces His Own Firestorm Over Free Speech	13/02/2022	Americas	Personalidade / Liberdade de expressão	Notoriedade	Sim	Não	Jack Nicas e Ana Ionova	Sim
Putin's Aggression Leaves His Right-Wing Fan Club Squirming	26/02/2022	Europe	Personalidade / Política	Notoriedade	Não	Não	Jason Horowitz	Sim
Black Authors Shake Up Brazil's Literary Scene	12/02/2022	Americas	Literatura / Racismo	Relevância	Sim	Não	Ernesto Londoño	Sim
Did Your Handbag Help Destroy	05/02/2022	Style	Meio Ambiente	Relevância	Sim	Não	Whitney Bauck	Sim

the Rainforest?								
Sundance Wrap-Up: 6 Movies We Like and One We Disagree on	01/02/2022	Movies	Entretenimento	Tempo	Não	Não	Manohla Dargis e A.O. Scott	Sim
Ukraine Tensions Spike as West Accuses Russia of Lying About Troop Withdrawal	16/02/2022	Europe	Guerra na Ucrânia / Política	Tempo	Não	Não	Andrew E. Kramer, Anton Troianovski e Michael D. Shear	Sim

Five Takeaways on Ukraine Crisis, After Putin Breaks Silence	02/02/2022		Guerra na Ucrânia / Política	Notoriedade	Não	Não	Marc Santora E Shashank Bengali	Sim
Putin Signals Openness to Diplomacy While Blaming U.S. for Crisis	01/02/2022	Europe	Guerra na Ucrânia / Política	Notoriedade	Não	Não	Anton Troianovski e Michael Schwirtz	Sim
U.S. Pulls Most Diplomats From Kyiv as Tensions Mount	12/02/2022	Europe	Guerra na Ucrânia / Política	Tempo	Não	Não	Andrew E. Kramer, Anton Troianovski, Katie Rogers e Lara Jakes	Sim
Março de 2022								

Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Review: Dancing the Night Away With Brazil's Cia Suave	31/03/2022	Dance	Arte / Violência / Racismo / Desigualdade Social	Novidade	Sim	Não	Gia Kourlas	Sim
Brazil Lifts Its Ban on Telegram After Two Days	20/03/2022	Americas	Redes Sociais / Desinformação	Novidade	Sim	Sim	Jack Nicas e André Spigariol	Sim
Brazil Blocks Telegram Over Disinformation Concerns	18/03/2022	Americas	Redes Sociais / Desinformação	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim
Why Putin name-checked	31/03/2022	Europe / Newsletter	Costumes / Discriminação	Notoriedade	Não	Não	Amanda Taub	Não

J.K. Rowling								
Submarine Spy Couple Tried to Sell Nuclear Secrets to Brazil	15/03/2022	Politics	Internacional / Estados Unidos	Inesperado	Sim	Não	Julian E. Barnes, André Spigariol, Jack Nicas e Adam Goldman	Sim
The War for the Rainforest	06/03/2022	Magazine	Meio ambiente	Relevância	Sim	Sim	William Langewiesche	Sim
Climate change is making armed conflict worse. Here's how.	18/03/2022	Climate / Newsletter	Meio ambiente	Relevância	Não	Não	Somini Sengupta	Não

Some of Putin's staunchest allies in Latin America are distancing themselves from Russia.	01/03/2022	Europe / Briefing	Guerra na Ucrânia / Política	Tempo	Não	Não	Anatoly Kurmanaev e Jack Nicas	Não
In Some Parts of the World, the War in Ukraine Seems Justified	17/03/2022	World	Guerra na Ucrânia	Tempo	Não	Não	John Eligon	Sim
Abril de 2022								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa

Governments Tighten Grip on Global Food Stocks, Sending Prices Higher	30/04/2022	Economy	Guerra na Ucrânia / Economia / Agro	Notabilidade	Não	Não	Ana Swanson	Sim
Brazil's climate politics are shifting. That matters for the whole planet.	15/04/2022	Climate / Newsletter	Meio ambiente / Política	Relevância	Sim	Não	Manuela Andreoni	Não
Can a Brazilian Pop Star Crack the U.S. Market? Anitta Says Yes.	07/04/2022	Music	Personalidade / Música	Notoriedade	Sim	Não	Carolina Abbott Galvão	Sim

The U.N. Security Council meets as Ukraine accuses Russia of atrocities.	05/04/2022	Europe	Guerra na Ucrânia / Política	Notoriedade	Não	Não	Aina J. Khan e Andrés R. Martínez	Não
Newly Published, from a Suburban Search to a Seoul Flower Shop	06/04/2022	Book Review	Literatura	Novidade	Não	Não	Não especificado	Sim
How war has upended life for climate activists in Russia	01/04/2022	Climate / Newsletter	Bolsonaro	Notoriedade	Não	Não	Manuela Andreoni	Não

Maio de 2022								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Good News for Food, Bad News for War: Brazil Buys Russian Fertilizer	08/05/2022	Americas	Economia / Política	Novidade	Sim	Não	Jack Nicas e André Spigariol	Sim
Biden's Summit of the Americas Is Threatened by Boycotts, Confusion	12/05/2022	Americas	Política	Notoriedade	Sim	Sim	Anatoly Kurmanaev e Jack Nicas	Sim
Junho de 2022								
Título	data	editoria	tema	Critério de	Centralidade do Brasil	Centralidade de	Autor	edição impressa

				noticiabilidade		Bolsonaro		
When Brazil Banned Abortion Pills, Women Turned to Drug Traffickers	28/06/2022	Health	Saúde / Crime ou violência / Aborto / Política	Tempo	Sim	Não	Stephanie Nolen	Sim
‘Endangered’ Review: When Journalism Becomes Imperiled	28/06/2022	Movies	Entretenimento / Liberdade de imprensa	Novidade	Não	Não	Ben Kenigsberg	Sim
Bolsonaro’s New Ally in Questioning Brazil’s Elections: The Military	12/06/2022	Americas	Ameaça à Democracia / Política / Bolsonaro	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim

Biden and Bolsonaro of Brazil meet for the first time.	09/06/2022	Americas	Política / Estados Unidos	Novidade	Sim	Sim	Jack Nicas and Michael D. Shear	Não
World leaders react to Roe ruling.	24/06/2022	U.S.	Aborto / Política / Estados Unidos	Tempo	Não	Não	Kaly Soto	Não
Biden Races to Expand Coalition Against Russia but Meets Resistance	11/06/2022	Politics	Guerra na Ucrânia / Política / Internacional	Notoriedade	Sim	Sim	Lara Jakes e Edward Wong	Sim
Threats, Then Guns: A Journalist and	08/06/2022	Americas	Crime ou violência / Povos Indígen	Inesperado	Sim	Não	Jack Nicas, Ana Ionova e André	Sim

an Expert Vanish in the Amazon			as / Meio Ambiente				Spigariol	
Man Confesses to Killing Journalist and Activist and Leads Police to Remains, Police Say	15/06/2022	Americas	Crime ou violência / Povos Indígenas / Meio Ambiente	Novidade	Sim	Não	Jack Nicas, André Spigariol e Ana Ionova	Sim
Authorities Find Belongings of Missing Journalist and Expert in Amazon	13/06/2022	Americas	Crime ou violência / Povos Indígenas / Meio Ambiente	Novidade	Sim	Não	Jack Nicas e André Spigariol	Sim

Search for Journalist and Expert in Amazon Becomes Homicide Investigation	14/06/2022	Americas	Crime ou violência / Povos Indígenas / Meio Ambiente	Novidade	Sim	Não	André Spigariol, Ana Ionova e Jack Nicas	Não
2 Forests, 2 Futures	21/06/2022	Climate / Newsletter	Meio ambiente	Relevância	Sim	Não	Manuela Andreoni	Não
Biden races to expand a coalition against Russia but meets resistance.	11/06/2022	Europe / Live Coverage	Guerra na Ucrânia / Política / Internacional	Notoriedade	Não	Não	Lara Jakes e Edward Wong	Não

Mexico President Will Not Attend Americas Summit in Blow to Biden	06/06/2022	Americas	Internacional / Política / Estados Unidos	Proximidade geográfica	Não	Não	Oscar Lopez	Sim
As Midterms Loom, Elections Are No Longer Top Priority for Meta C.E.O.	23/06/2022	Technology	Redes sociais / política	Tempo	Não	Não	Sheera Frenkel e Cecilia Kang	Sim
Your Wednesday Evening Briefing	08/06/2022	Briefing	Crime ou violência / Povos Indígenas / Meio	Inesperado	Não	Não	Nancy Wartik e Daniel E. Slotnik	Não

			Ambiente					
Your Thursday Evening Briefing	09/06/2022	Briefing	Internacional / Política / Estados Unidos	Tempo	Não	Não	Nancy Wartike Daniel E. Slotnik	Não
Your Friday Briefing: A Crucial Moment in the Ukraine War	09/06/2022	Briefing	Crime ou violência / Povos Indígenas / Meio Ambiente	Inesperado	Não	Não	Amelia Nierenberg	Não
Your Tuesday Briefing: Europe Recalculates on Ukraine	13/06/2022	Briefing	Ameaça à Democracia / Política / Crime ou violência	Novidade	Não	Não	Amelia Nierenberg	Não
Your Monday	13/06/2022	Briefing	Ameaça à Democr	Conflito ou	Não	Não	Natasha Frost	Não

Briefing			acia / Política	controvérsia				
Julho de 2022								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Bolsonaro Gathers Foreign Diplomats to Cast Doubt on Brazil's Elections	19/07/2022	Americas	Ameaça à democracia / eleições / política	Inesperado	Sim	Sim	André Spigariol and Jack Nicas	Sim
As Latin America Shifts Left, Leaders Face a Short Honeymoon	31/07/2022	Americas	Política / América Latina	Proximidade geográfica	Não	Não	Julie Turkewitz, Mitra Taj e John Bartlett	Sim

Sharp Drop in Childhood Vaccinations Threatens Millions of Lives	14/07/2022	Health	Saúde / Desinformação / Vacinas	Inesperado	Sim	Não	Stephanie Nolen	Sim
In Argentina, One of the World's First Bans on Gender-Neutral Language	20/07/2022	Americas	Inclusão	Proximidade geográfica	Não	Não	Ana Lankes	Sim
Your Monday Evening Briefing	11/07/2022	Briefing	Crime ou violência / Meio Ambiente / Política	Tempo	Não	Não	Daniel E. Slotnik e Remy Tumin	Não

Your Wednesday Briefing	19/07/2022	Briefing	Ameaça à democracia / eleições / política	Inesperado	Não	Não	Amelia Nierenberg	Não
Your Wednesday Briefing: Putin Visits Iran	19/07/2022	Briefing	Ameaça à democracia / eleições / política	Inesperado	Não	Não	Matthew Cullen	Não
Agosto de 2022								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Brazilian Officials Reach Truce on Voting Machines Targeted by Bolsonaro	31/08/2022	Americas	Eleições / política	Novidade	Sim	Sim	André Spigariol and Jack Nicas	Sim

One Man Dies, and an Entire Uncontacted Tribe Vanishes in Brazil	29/08/2022	Americas	Povos indígenas	Relevância	Sim	Não	Flávia Milhorance e André Spigariol	Sim
Bolsonaro Grabs for Man's Phone and Gets a New (Insulting) Nickname	20/08/2022	Americas	Bolsonaro	Inesperado	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim
The Question Menacing Brazil's Elections: Coup or	22/08/2022	Americas	Ameaça à Democracia / eleições / política	Tempo	Sim	Sim	Jack Nicas e André Spigariol	Sim

No Coup?								
What's on TV This Week: 'Race for the Championship' and 'Stargirl'	29/08/2022	Television	Entretenimento / Bolsonaro / Política	Novidade	Não	Não	Shivani Gonzalez	Sim
The Forgotten Virus: Zika Families and Researchers Struggle for Support	16/08/2022	Health	Saúde / Ciência	Tempo	Sim	Não	Stephanie Nolen	Sim
How Democracy Is Under Threat	19/08/2022	World	Ameaça à Democracia Política	Relevância	Sim	Sim	Max Fisher	Não

Across the Globe								
Community Filmmaking in the Amazon	19/08/2022	Movies	Entretenimento / Povos Indígenas / Meio Ambiente	Novidade	Sim	Não	Nicolas Rapold	Sim
Your Tuesday Evening Briefing	02/08/2022	Briefing	Meio Ambiente / Povos Indígenas	Relevância	Sim	Não	Lauren McCarthy	Não
Your Monday Briefing: Singapore to Decriminalize Gay Sex	21/08/2022	Briefing	Bolsonaro	Inesperado	Não	Não	Amelia Nierenberg	Não

Your Tuesday Briefing: Political Turmoil in Pakistan	22/08/2022	Briefing	Ameaça à democracia / política	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Amelia Nierenberg	Não
Your Tuesday Briefing	23/08/2022	Briefing	Ameaça à democracia / política	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Natasha Frost	Não
Setembro de 2022								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
On Eve of Election, Bolsonaro's Party Attacks Brazil's Voting Systems	29/09/2022	Americas	Eleições / Ameaça à democracia / política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Jack Nicas and André Spigariol	Sim

Brazil's Favorite Leftist Is Back From Prison and Trying to Defeat Bolsonaro	29/09/2022	Americas	Eleições / Lula / política	Notoriedade	Sim	Sim	Jack Nicas e Flávia Milhorance	Sim
What to Know About Brazil's Election	30/09/2022	Americas	Eleições / Política / Economia	Tempo	Sim	Sim	Ana Ionova	Sim
If Brazil's President Attempts a Coup, What Will the Police Do?	28/09/2022	Americas	Ameaça à democracia / política	Relevância	Sim	Sim	Amanda Taub	Sim

To Defend Democracy, Is Brazil's Top Court Going Too Far?	26/09/2022	Americas	Ameaça à democracia / política	Relevância	Sim	Sim	Jack Nicas e André Spigariol	Sim
On Brazil's Bicentennial, Softer Rhetoric From a President	07/09/2022	Americas	Política / Eleições / Ameaça à democracia	Inesperado	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim
On a world stage, Brazil's president campaigns for the job he might lose.	20/09/2022	World / Briefing	Política / Eleições / Ameaça à democracia	Tempo	Não	Não	Jack Nicas e André Spigariol	Não

The guest list for the queen's funeral will include presidents and an emperor.	19/09/2022	Europe	Internacional	Notoriedade	Não	Não	The New York Times	Não
From the Amazon to Patagonia: One Bureau Chief's Terrain	14/09/2022	The Insider	Fazer notícia	Proximidade geográfica	Sim	Não	Terence McGinley	Sim
Here's what to expect as world leaders address the United Nations.	20/09/2022	Middle East	Política	Notoriedade	Não	Não	Farnaz Fassihi	Sim

Biden will be there; Putin won't: The funeral guest list is coming together.	14/09/2022	Europe	Internacional	Notoriedade	Não	Não	Cora Engelbrecht	Não
Biden Will Be There. Putin Will Not. The Funeral Guest List is Coming Together.	12/09/2022	Europe	Internacional	Notoriedade	Não	Não	Cora Engelbrecht	Sim
Russia's Invasion Shadows U.N. Assembly	20/09/2022	Europe	Política / Internacional	Tempo	Não	Não	Farnaz Fassihie Alan Yuhas	Sim

Amid ‘Colossal Global Dysfunction’								
Your Friday Briefing	30/09/2022	Briefing	Eleições / Ameaça à democracia / política	Tempo	Sim	Sim	Amelia Nierenberg	Não
A Baltimore Hotel With Four-Poster Beds and Flamingos Aplenty / Richard Mosse’s View of the Amazon	22/09/2022	T Magazine / Newsletter	Arte	Novidade	Não	Não	Anna Furman	Não

Your Thursday Evening Briefing	29/09/2022	Briefing	Eleições / Ameaça à democracia / política	Notoriedade	Sim	Sim	Matthew Cullen	Não
The Story So Far: Where 6 Investigations Into Donald Trump Stand	19/09/2022	Politics	Trump / Política	Notoriedade	Não	Não	Peter Baker	Sim
Russia Plans to Annex Land in Ukraine	29/09/2022	Briefing	Eleições / Ameaça à democracia / política	Conflito ou controvérsia	Não	Não	Jonathan Wolfe	Não
Your Wednesday Briefing: Russia Suspected of	27/09/2022	Briefing	Ameaça à democracia / política	Relevância	Não	Não	Amelia Nierenberg e Lauren Hard	Não

Pipeline Sabotage								
Gerrymandering, the Full Story	30/09/2022	Briefing	Eleições / Ameaça à democracia / política	Conflito ou controvérsia	Não	Não	David Leonhardt	Não
Gerrymandering, the Full Story	30/09/2022	Briefing	Eleições / Ameaça à democracia / política	Conflito ou controvérsia	Não	Não	David Leonhardt	Não
Your Thursday Briefing: U.N. Accuses China of Possible ‘Crimes Against	01/09/2022	Briefing	Eleições / Ameaça à democracia / política	Inesperado	Não	Não	Jonathan Wolfe	Não

Humanity’								
A Summer of Climate Disasters	07/09/2022	Briefing	Eleições / Ameaça à democracia / polítca	Conflito ou controvérsia	Não	Não	German Lopez	Não
Outubro de 2022								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Win or Lose, Bolsonaro Has Destroyed Trust in Brazil’s Elections	28/10/2022	Americas	Eleições / Ameaça à democracia / política	Relevância	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim

Bolsonaro lost. Will he accept the results?	30/10/2022	Americas	Eleições / política	Relevância	Sim	Sim	Jack Nicas e Flávia Milhorance	Não
Along with millions of Brazilians, Bolsonaro and Lula also headed to the polls.	30/10/2022	Americas	Eleições / política	Tempo	Sim	Sim	Leonardo Coelho e Jack Nicas	Não
Brazil Ejects Bolsonaro and Brings Back Leftist Former Leader Lula	30/10/2022	Americas	Eleições / política	Relevância	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim

Here's What to Know About Brazil's Runoff Election	29/10/2022	Americas	Eleições / política	Tempo	Sim	Sim	Ana Ionova	Sim
After Defeat, Bolsonaro Is Silent, and Brazil Braces for Turmoil	31/10/2022	Americas	Eleições / Bolsonaro / Ameaça à democracia / política	Relevância	Sim	Sim	Jack Nicas, Flávia Milhorance e André Spigariol	Sim
Bolsonaro vs. Lula: Brazil Faces a Stark Choice With Huge Stakes	29/10/2022	Americas	Eleições / Brasil / política	Relevância	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim

Brazil ejects Bolsonaro and brings back the former leftist leader Lula.	30/10/2022	Americas / Briefing	Eleições / política	Relevância	Sim	Sim	Jack Nicas	Não
Bolsonaro, in defeat, may now face charges.	30/10/2022	Americas	Eleições / política	Notoriedade	Sim	Sim	Flávia Milhorance	Não
How cannibalism became a top issue in Brazil's election.	30/10/2022	Americas	Bolsonaro / Eleições / Discriminação / política	Inesperado	Sim	Sim	Simon Romero	Não

Brazil's disputed runoff faces 'spiritual warfare' for evangelical voters.	30/10/2022	Americas	Eleições / Política / Religião	Inesperado	Sim	Sim	Flávia Milhorance	Não
Brazil's election officials demand answers for police stops of buses carrying voters.	30/10/2022	Americas	Eleições / Ameaça à democracia / política	Tempo	Sim	Sim	Ana Ionova, André Spigariol, Laís Martins e Jack Nicas	Não
Pockets of protest erupt across Brazil over Bolsonaro's loss,	31/10/2022	Americas / Live coverage	Eleições / Ameaça à democracia / política	Inesperado	Sim	Sim	Ana Ionova	Não

including one blocking a key bridge in Rio.								
Bolsonaro's silence weighs on Brazilians as they brace themselves for whether he will concede.	31/10/2022	Americas / Live coverage	Ameaça à democracia / política	Relevância	Sim	Sim	Jack Nicas	Não
Bolsonaro vs. Lula: On Election Day, Brazil confron	30/10/2022	Americas	Eleições / política	Relevância	Sim	Sim	Jack Nicas	Não

ts a momentous decision.								
Bolsonaro attacks Brazil's voting system. How does it actually work?	30/10/2022	Americas / Live coverage	Eleições / Bolsonaro / Ameaça à democracia / política	Tempo	Sim	Sim	Jack Nicas	Não
What Lula's Victory in Brazil Means for Climate	31/10/2022	Climate	Meio Ambiente / Política	Relevância	Sim	Sim	Manuela Andreoni	Sim
In an evangelical church, attendees pray for a Bolsona	30/10/2022	Americas	Eleições / Bolsonaro / Religião / política	Inesperado	Sim	Sim	Flávia Milhorance	Não

ro victory.								
Bolsonaro's allies and supporters had warned of fraud. Then they begrudgingly accepted defeat.	30/10/2022	Americas / Briefing	Ameaça à democracia / política	Inesperado	Sim	Sim	Flávia Milhorance e Jack Nicas	Não
Here is the latest in Brazil's presidential election.	31/10/2022	Americas / Live coverage	Eleições / Ameaça à democracia / política	Tempo	Sim	Sim	Jack Nicas	Não

Key Bolsonaro allies have also accepted his defeat, but some of his supporters are less willing to concede.	31/10/2022	Americas / Live coverage	Eleições / Ameaça à democracia / política	Tempo	Sim	Sim	Flávia Milhorance e Jack Nicas	Não
How serious is the threat of a postelection coup in Brazil?	30/10/2022	Americas	Ameaça à democracia / política	Relevância	Sim	Sim	Jack Nicas e André Spigariol	Não
How Brazil's Leader Built the Myth of	25/10/2022	U.S. / Briefing	Ameaça à democracia / eleições	Relevância	Sim	Sim	Jack Nicas, Flávia Milhorance e A	Não

Rigged Elections			/ política				na Ionova	
Business owners are under investigation for pressuring employees to vote for Bolsonaro.	30/10/2022	Americas / Briefing	Eleições / Ameaça à democracia / política	Escândalo	Sim	Sim	André Spigariol	Não
For years, Bolsonaro has warned that if he lost an election, he may not accept	31/10/2022	Americas / Live coverage	Ameaça à democracia / Bolsonaro / política	Relevância	Sim	Sim	Jack Nicas e Flávia Milhorance	Não

the results.								
What to know about Brazil's pivotal election.	30/10/2022	Americas	Eleições / política	Tempo	Sim	Sim	Ana Ionova	Não
Polls have closed in Brazil. Here's what happens next.	30/10/2022	Americas	Eleições / política	Tempo	Sim	Sim	Jack Nicas and Lis Moriconi	Não
What does Brazil's election mean for the United States?	30/10/2022	Americas	Estados Unidos / Economia / Meio Ambiente / Ameaça	Relevância	Sim	Sim	Ana Ionova	Não

			à democracia / Eleições / Política					
Brazil's polls were off during the first round. Now the right wants to criminalize them.	30/10/2022	Americas	Eleições / política	Inesperado	Sim	Sim	André Spigariol and Jack Nicas	Não
What does the transition of power entail in Brazil?	31/10/2022	Americas / Live coverage	Eleições / Ameaça à democracia / política	Relevância	Sim	Sim	André Spigariol	Não

What does Brazil's election mean for Latin America?	30/10/2022	Americas / Briefing	Eleições / América Latina / política	Relevância	Sim	Sim	Ana Ionova e André Spigariol	Não
Voters cast ballots amid fears and hope for Brazil's future.	29/10/2022	Americas	Eleições / política	Tempo	Sim	Sim	Ana Ionova e Laís Martins	Não
Bolsonaro supporters block a major highway connecting Rio de Janeiro and São Paulo.	31/10/2022	Americas / Live coverage	Ameaça à democracia / política	Inesperado	Sim	Sim	Flávia Milhorance	Não

Right-wing voices in the United States claim Lula's victory in Brazil was fraudulent.	31/10/2022	Americas / Live coverage	Ameaça à Democracia / Eleições / Política / Estados Unidos	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Ken Bensinger	Não
Lula's victory likely means big changes for Brazil, though his specific plans are vague.	30/10/2022	Americas / Briefing	Lula / Política / eleições	Tempo	Sim	Sim	Jack Nicas	Não

The winner of the election will likely play a major role in deciding the fate of the Amazon rainforest.	30/10/2022	Americas	Meio Ambiente / Política / eleições	Relevância	Sim	Sim	Flávia Milhorance	Não
Once imprisoned, a former leftist president looks to make a comeback and lead Brazil again.	30/10/2022	Americas	Lula / Eleições / política	Notoriedade	Sim	Não	Jack Nicas e Flávia Milhorance	Não

Bolsonaro Outperforms Polls and Forces Runoff Against Lula in Brazil's Presidential Election	03/10/2022	Americas	Eleições / política	Inesperado	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim
The corruption scandal behind the convictions that landed Lula in prison.	31/10/2022	Americas / Live coverage	Corrupção / Lula / política	Tempo	Sim	Não	Ernesto Londoño, Jack Nicas e Flávia Milhorance	Não
Brazil Braces for 'White-Knuckle Race' Betwee	03/10/2022	Americas	Eleições / política	Tempo	Sim	Sim	Jack Nicas, Flávia Milhorance and André	Sim

n Bolsonaro and Lula							Spigariol	
Bolsonaro vs. Lula: Brazil Faces Radically Opposed Options in Divisive Election	01/10/2022	Americas	Eleições / Brasil / política	Relevância	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim
Bolsonaro and Lula will go to a runoff to decide the leader of Latin	02/10/2022	Americas / Briefing	Eleições / política	Relevância	Sim	Sim	Jack Nicas	Não

America's largest democracy.								
Brazil's Polls Were Wrong. Now the Right Wants to Criminalize Them.	24/10/2022	Americas	Eleições / Ameaça à democracia / política	Inesperado	Sim	Sim	André Spigariol e Jack Nicas	Sim
On the eve of the election, Bolsonaro's party attacked Brazil's voting	02/10/2022	Americas / Briefing	Eleições / Ameaça à democracia / política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Jack Nicas e André Spigariol	Não

systems .								
Bolsonaro outperforms the polls as Brazil's election appears headed to a runoff.	02/10/2022	Americas	Eleições / política	Inesperado	Sim	Sim	Jack Nicas	Não
To Fight Lies, Brazil Gives One Man Power Over Online Speech	21/10/2022	Americas	Eleições / Desinformação / política	Relevância	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim

Election Deniers in U.S. Push Idea That Brazil's Voting Was Tainted	03/10/2022	Politics	Estados Unidos / Eleições / Ameaça à democracia / política	Conflito ou controvérsia	Sim	Sim	Alexandra Berzon e Ken Bensinger	Sim
If Bolsonaro disputes a loss, some supporters are ready to take to the streets.	02/10/2022	Americas	Ameaça à democracia / política	Relevância	Sim	Sim	Ana Ionova, Flávia Milhorance, Laís Martins e Leonardo Coelho	Não
How serious is the threat of a postelection coup in Brazil?	02/10/2022	Americas / Briefing	Ameaça à democracia / política	Relevância	Sim	Sim	Jack Nicas e André Spigariol	Não

At the polls, Brazilians show their colors — and help test the voting machines.	02/10/2022	Americas / Briefing	Eleições / política	Tempo	Sim	Sim	Flávia Milhorance e André Spigariol	Não
Here's what to know about Brazil's presidential election.	02/10/2022	Americas / Briefing	Eleições / Brasil / política	Tempo	Sim	Sim	Ana Ionova	Sim
Misinformation played a huge role in Brazil's 2018 election. Will this time be	02/10/2022	Americas / Briefing	Desinformação / Eleições / política	Tempo	Sim	Sim	Ana Ionova e Jack Nicas	Não

the same?								
To defend democracy, Brazil's top court has drastically expanded its power. Has it gone too far?	02/10/2022	Americas / Briefing	Ameaça à democracia / política	Relevância	Sim	Não	Jack Nicas e André Spigariol	Não
The deforestation of the Amazon is in the electoral	02/10/2022	Americas / Briefing	Meio Ambiente / Eleições / política	Relevância	Sim	Sim	Flávia Milhorance	Não

spotlight.								
Electronic machines have made voting easier in Latin America's biggest country.	02/10/2022	Americas / Briefing	Eleições / política	Tempo	Sim	Sim	Manuela Andreoni	Não
Once imprisoned, a former leftist president looks to make a comeback and lead Brazil again.	02/10/2022	Americas / Briefing	Lula / Eleições / política	Notoriedade	Sim	Não	Jack Nicas e Flávia Milhorance	Não

Third-party candidates could have a big effect on Sunday's election outcome.	02/10/2022	Americas / Briefing	Eleições / política	Tempo	Sim	Não	Flávia Milhorance e Lis Moriconi	Não
Latin America is shifting left. Will Brazil do the same?	02/10/2022	Americas / Briefing	Política / América Latina	Proximidade geográfica	Sim	Não	Julie Turkewitz, Mitra Taj e John Bartlett	Não
Blinken Meets With Colombia's New Leftist Leader Amid	03/10/2022	Americas	Política / América Latina / Estados Unidos	Proximidade geográfica	Sim	Sim	Michael Crowley	Sim

Policy Splits								
Four high-stakes elections	11/10/2022	Climate	Eleições / Meio Ambiente / política	Relevância	Sim	Sim	Somini Sengupta	Não
Your Tuesday Briefing: Jair Bolsonaro Loses	31/10/2022	Briefing	Eleições / Meio Ambiente / Ameaça à democracia / política	Relevância	Sim	Sim	Amelia Nierenberg	Não
Your Monday Briefing: Seoul Mourns Halloween Crush Victims	30/10/2022	Briefing	Eleições / política	Relevância	Sim	Sim	Amelia Nierenberg	Não

A choice between two heavyweights	02/10/2022	Briefing	Eleições / política	Relevância	Sim	Sim	Claire Moses	Não
Your Monday Briefing	31/10/2022	Briefing	Eleições / Futebol / política	Novidade	Sim	Sim	Natasha Frost	Não
More Equitable Justice	31/10/2022	Briefing	Eleições / Ameaça à democracia / política	Novidade	Não	Não	German Lopez	Não
Sparks Fly as Musk Moves Fast to Remake Twitter	31/10/2022	Dealbook / Briefing	Eleições / Ameaça à democracia / política	Relevância	Não	Não	Andrew Ross Sorkin, Ravi Mattu, Bernhard Warner, Sarah Kessler, Stephen Gandel, Michael J. de	Não

							la Merced, Lauren Hirsch e Ephrat Livni	
Your Tuesday Briefing: Indonesia Investigates Its Soccer Tragedy	03/10/2022	Briefing	Eleições / Ameaça à democracia / política	Relevância	Sim	Sim	Jessica Cheung e Amelia Nierenberg	Não
Your Monday Briefing: Indonesia's Stadium	02/10/2022	Briefing	Eleições / Ameaça à democracia / política	Relevância	Sim	Sim	Amelia Nierenberg	Não

Tragedy								
Your Monday Evening Briefing	31/10/2022	Briefing	Eleições / Ameaça à democracia / Estados Unidos / política	Relevância	Sim	Sim	Matthew Cullen	Não
Credit Suisse Takes a Hit Over Investor Fears	03/10/2022	Dealbook / Briefing	Eleições / Ameaça à democracia / política	Relevância	Não	Não	Andrew Ross Sorkin, Bernhard Warner, Vivian Giang, Sarah Kessler, Stephen Gandel, Michael J. de la Merced, Laure	Não

							n Hirsch e Ephrat Livni	
Your Friday Briefing: The U.S. Economy Grew, Slowly	27/10/2022	Briefing	Eleições / Ameaça à democracia / Meio Ambiente / política	Relevância	Não	Não	Amelia Nierenberg	Não
Downtown Comebacks	30/10/2022	Briefing	Eleições / política	Tempo	Não	Não	German Lopez	Não
Your Friday Evening Briefing	28/10/2022	Briefing	Eleições / Bolsonaro / Ameaça à democr	Relevância	Não	Não	Matthew Cullen	Não

			acia / política					
Your Wednesday Briefing	26/10/2022	Briefing	Eleições / Bolsonaro / Ameaça à democracia / política	Relevância	Não	Não	Natasha Frost	Não
Your Wednesday Briefing: Ukraine gains ground in south	04/10/2022	Briefing	Eleições / política	Tempo	Não	Não	Jessica Cheung e Amelia Nierenberg	Não
Your Monday Evening Briefing	03/10/2022	Briefing	Eleições / política	Inesperado	Não	Não	Matthew Cullen	Não
Your Monday	03/10/2022	Briefing	Eleições / política	Inesperado	Não	Não	Natasha Frost	Não

Briefing								
Your Tuesday Briefing: Rishi Sunak to Lead Britain	24/10/2022	Briefing	Bolsonaro / Eleições / Ameaça à democracia / política	Inesperado	Não	Não	Amelia Nierenberg	Não
Donald Trump's Methods	03/10/2022	Briefing	Eleições / política	Inesperado	Não	Não	David Leonhardt	Sim
Novembro de 2022								
Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Brazilians give thanks today — for their team's World Cup opener.	24/11/2022	Soccer	Copa do Mundo / Futebol	Tempo	Sim	Sim	Jack Nicas	Não

Judge Slaps Down Bolsonaro's Late Bid to Overturn Brazil's Election	23/11/2022	Americas	Eleições / Ameaça à democracia / Desinformação / Bolsonaro / política	Novidade	Sim	Sim	Jack Nicas e André Spigariol	Sim
Bolsonaro Agrees to Transition, Two Days After Losing Brazil Election	01/11/2022	Americas	Eleições / Ameaça à democracia / Bolsonaro / política	Relevância	Sim	Sim	Jack Nicas e André Spigariol	Sim
In Brazil, Lula Beat Bolsonaro. Now Comes the	15/11/2022	Americas	Eleições / Lula / política	Tempo	Sim	Sim	Jack Nicas e André Spigariol	Sim

Hard Part.								
Refusing to Accept Defeat, Bolsonaro Backers Call on Military to Intervene	02/11/2022	Americas	Eleições / Ameaça à democracia / política	Inesperado	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim
Brazil Counted All Its Votes in Hours. It Still Faces Fraud Claims.	10/11/2022	Americas	Eleições / Ameaça à democracia / política	Tempo	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim
What Can U.S. Democracy Learn	05/11/2022	Americas / News Analyses	Política	Relevância	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim

From Brazil?								
What's next for the Amazon?	01/11/2022	Climate / Newsletter	Meio Ambiente	Relevância	Sim	Sim	Manuela Andreoni	Não
Expectations Run High as an Exuberant Lula Speaks at Climate Summit	16/11/2022	Climate	Política / Meio Ambiente / Lula	Tempo	Sim	Sim	Max Bearak	Sim
An international court filing on Brazil's Amazon is timed for COP27.	11/11/2022	Climate / Briefing	Política / Meio Ambiente	Tempo	Não	Não	Marlise Simons	Não

Brazil, Indonesia and Congo Sign Rainforest Protection Pact	14/11/2022	Climate	Meio Ambiente	Novidade	Sim	Não	Max Bearake Manuela Andreoni	Sim
Here's who's attending the climate talks in Egypt, and some notable absences.	08/11/2022	Climate / Briefing	Política / Meio Ambiente	Notoriedade	Não	Não	Lisa Friedman	Não
Countries Made Bold Climate Promises Last Year. How Are They Doing?	07/11/2022	Climate	Política / Meio Ambiente	Notoriedade	Não	Não	Brad Plumer	Sim

A Clash Over Degrees: How Hot Should Nations Allow the Earth to Get?	16/11/2022	Climate	Política / Meio Ambiente	Relevância	Não	Não	Brad Plumer, David Gelles e Lisa Friedman	Sim
Your Wednesday Briefing: Israel Votes, Again	01/11/2022	Briefing	Política / Eleições / Ameaça à democracia	Relevância	Sim	Sim	Amelia Nierenberg	Não
Your Wednesday Briefing	02/11/2022	Briefing	Política / Eleições / Ameaça à democracia	Relevância	Sim	Sim	Natasha Frost	Não
Your Tuesday Evening	01/11/2022	Briefing	Política / Eleições / Ameaça à	Relevância	Sim	Sim	Matthew Cullen	Não

Briefing			democracia					
Your Tuesday Briefing	01/11/2022	Briefing	Política / Eleições / Ameaça à democracia / Bolsonaro	Relevância	Sim	Sim	Jonathan Wolfe	Não
Affirmative Action's Future	01/11/2022	Briefing	Política / Eleições / Ameaça à democracia / Estados Unidos	Relevância	Não	Não	German Lopez	Não
Your Friday Briefing: A COP 27 Preview	03/11/2022	Briefing	Ameaça à democracia / política	Relevância	Não	Não	Amelia Nierenberg	Não

Your Thursday Briefing	24/11/2022	Briefing	Eleições / Ameaça à democracia / política	Novidade	Não	Não	Natasha Frost	Não
Investors Await the Fed's Next Move	02/11/2022	Dealbook /Briefing	Eleições / Ameaça à democracia / Bolsonaro / política	Relevância	Não	Não	Andrew Ross Sorkin, Ravi Mattu, Bernhard Warner, Sarah Kessler, Stephen Gandel, Michael J. de la Merced, Lauren Hirsch e Ephrat Livni	Não

Your Friday Briefing	04/11/2022	Briefing	Ameaça à democracia / Meio Ambiente / política	Relevância	Não	Não	Jonathan Wolfe e Amelia Nierenberg	Não
The Job Market's Cues	03/11/2022	Briefing	Ameaça à democracia / política	Relevância	Não	Não	Ben Casselman	Não
Your Friday Briefing: Xi and Biden to Meet	10/11/2022	Briefing	Ameaça à democracia / política	Relevância	Não	Não	Amelia Nierenberg	Não
Your Friday Briefing	11/11/2022	Briefing	Ameaça à democracia / política	Relevância	Não	Não	Natasha Frost	Não
The New Abortion Landscape	02/11/2022	Briefing	Eleições / Ameaça à democracia / política	Relevância	Não	Não	Emily Bazelon	Não
Dezembro de 2022								

Título	data	editoria	tema	Critério de noticiabilidade	Centralidade do Brasil	Centralidade de Bolsonaro	Autor	edição impressa
Can Brazil's Divisive Team Unite a Fractured Nation?	01/12/2022	Americas	Futebol	Tempo	Sim	Sim	Jack Nicas	Sim
Neymar feels good. Brazil can dance again.	05/12/2022	Soccer / Briefing	Futebol	Novidade	Sim	Não	Ben Shpigel	Não
Venice Biennale Names a Brazilian Trailblazer as Its New Curator	15/12/2022	Art & Design	Arte	Novidade	Sim	Não	Jason Farago	Sim
The Forces	30/12/2022	Climate	Meio Ambien	Tempo	Não	Não	Somini Sengupta	Não

Shaping 2023			te / Política					